



Buriti Mirim

Creche

VOLUME
ÚNICO

EDUCAÇÃO INFANTIL

Categoria: Creche II
Bebês e crianças bem pequenas
(0 a 3 anos e 11 meses)

Organizadora: Editora Moderna
Obra coletiva concebida, desenvolvida
e produzida pela Editora Moderna.

Editoras responsáveis:
Maria Carmen Silveira Barbosa
Daniele Marques Vieira
Larissa Kovalski Kautzmann

**MATERIAL DO
PROFESSOR DIGITAL**

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO.
VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.

Código da coleção:
0019P22001

Código da obra:
0019P22001201



Elaboração de originais – Material do professor digital

Maria Carmen Silveira Barbosa

Doutora em Educação (Universidade Estadual de Campinas-SP). Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora de revistas destinadas a profissionais e estudantes da área de Educação Infantil.

Daniele Marques Vieira

Licenciada em Pedagogia, mestre em História do Brasil e doutora em Educação (Universidade Federal do Paraná). Coordenadora pedagógica em Educação Infantil. Docente em cursos de formação de professores. Consultora e assessora pedagógica de Educação Infantil.

Larissa Kovalski Kautzmann

Licenciada em Pedagogia (Faculdade de Educação de Taquara-RS). Mestre em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Consultora e assessora pedagógica de Educação Infantil.

Ana Cláudia Arruda Leite

Licenciada em Pedagogia, com habilitação em Orientação Educacional e Supervisão Escolar (PUC-SP). Mestre em Educação e Ciências Sociais (PUC-SP). Consultora em Educação e Infância.

Ana Luisa Manfredini

Bacharel em Direito (Universidade Estadual de Londrina-PR). Professora de Educação Infantil (Creche). Pesquisadora nas áreas de História da Infância, Estudos da Infância e abordagens Pikler e Reggio Emilia.

Elaboração de originais – Manual do professor – Livro impresso

Maria Carmen Silveira Barbosa

Doutora em Educação (Universidade Estadual de Campinas-SP). Professora titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Editora de revistas destinadas a profissionais e estudantes da área de Educação Infantil.

Daniele Marques Vieira

Licenciada em Pedagogia, mestre em História do Brasil e doutora em Educação (Universidade Federal do Paraná). Coordenadora pedagógica em Educação Infantil. Docente em cursos de formação de professores. Consultora e assessora pedagógica de Educação Infantil.

Larissa Kovalski Kautzmann

Licenciada em Pedagogia (Faculdade de Educação de Taquara-RS). Mestre em Educação (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Consultora e assessora pedagógica de Educação Infantil.

Elaboração de originais – Material do gestor digital

Arleandra Talin

Doutora em Educação (Universidade Federal do Paraná). Docente na formação continuada de professores, pesquisadora e autora de livros e artigos na área da Educação Infantil, Infância e Relações Étnico-raciais.

Joélma de Souza Arbigha

Licenciada em Pedagogia (Universidade do Contestado-SC). Mestre em Educação (Universidade Federal do Paraná). Especialista em Docência na Educação Infantil (Universidade Federal do Paraná). Especialista em Gestão Escolar, Supervisão e Orientação Educacional (Faculdade Padre João Bagozzi-PR). Especialista em Administração Pública (ICEET – Instituto de Ciência, Educação e Tecnologia e FACEAR – Faculdade Educacional Araucária-PR). Docente na formação de professores, pesquisadora e autora de artigos nas áreas de Educação Infantil, Gestão e Políticas Públicas para a Educação Infantil.

Patrícia Sesiuk

Mestre em Educação (Universidade Federal do Paraná). Licenciada em Pedagogia (Universidade Tuiuti do Paraná). Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Instituto Brasileiro de Pós-graduação e Extensão-PR). Elaboradora de material didático-pedagógico, autora de artigos na área de Educação, docente de cursos de formação de professores, pedagoga e professora na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Coordenação de edição: Cíntia Kanashiro, Maria Cecília Almeida

Edição de texto: Solange Martins, Liliâne Pedroso, Tânia Yuka Ogasawara

Consultoria pedagógica: Carolina Gobbato

Gerência de design e produção gráfica: Everson de Paula

Coordenação de produção: Patrícia Costa

Suporte administrativo editorial: Maria de Lourdes Rodrigues

Coordenação de design e projetos visuais: Marta Cerqueira Leite

Projeto gráfico: Ana Carolina Orsolin

Capa: Otávio dos Santos

Ilustração: Bruna Assis Brasil

Coordenação de arte: Denis Torquato

Edição de arte: Glauber Benevenuto, Paula de Sá Belluomini

Editoração eletrônica: Select Editoração

Coordenação de revisão: Elaine C. del Nero

Revisão: Adriana C. Bairrada, Ana Paula Felipe, Leandra Trindade, Renato da Rocha

Coordenação de pesquisa iconográfica: Luciano Baneza Gabarron

Pesquisa iconográfica: Junior Rozzo, Mariana Alencar

Coordenação de bureau: Rubens M. Rodrigues

Tratamento de imagens: Ademir Francisco Baptista, Joel Aparecido, Luiz Carlos Costa, Marina M. Buzzinaro, Vania Aparecida Maia de Oliveira

Pré-impressão: Alexandre Petreca, Everton L. de Oliveira, Fábio Roldan, Marcio H. Kamoto, Vitória Sousa

Coordenação de produção industrial: Wendell Monteiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Buriti mirim creche [livro eletrônico] : material do professor digital / organizadora Editora Moderna ; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna ; editoras responsáveis Maria Carmen Silveira Barbosa, Daniele Marques Vieira, Larissa Kovalski Kautzmann. -- 1. ed. -- São Paulo : Moderna, 2020.

"Educação infantil : categoria : creche II : bebês e crianças bem pequenas : (0 a 3 anos e 11 meses)"

Bibliografia.

ISBN 978-65-5779-506-4 (material digital PDF)

1. Creches 2. Educação infantil 3. Maternal (Educação infantil) I. Barbosa, Maria Carmen Silveira. II. Vieira, Daniele Marques. III. Kautzmann, Larissa Kovalski.

20-45366

CDD-372.21

Índices para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

EDITORA MODERNA LTDA.

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho
São Paulo - SP - Brasil - CEP 03303-904

Vendas e Atendimento: Tel. (0_11) 2602-5510

Fax (0_11) 2790-1501

www.moderna.com.br

2020

Impresso no Brasil

1 3 5 7 9 10 8 6 4 2

Sumário

Apresentação	4
Plano de desenvolvimento anual.....	5
Materiais gráficos	20
Apresentação.....	20
Campos de experiências da BNCC.....	22
Móbile Mandala Estrela.....	37
Animais que podem ser encontrados no quintal	45
Plantas que podem ser encontradas no quintal	61
Objetos do cotidiano	75
Vitrais	96
Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes.....	107
Jogos motores	129
Jogos de manusear.....	150
Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas.....	192
Brincadeiras tradicionais.....	215
Materiais não estruturados	239
Obras de arte.....	267
Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números.....	298
Ler e contar histórias	319
Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias.....	337
Referências.....	349
Materiais lúdicos.....	351
Apresentação.....	351
Bloco Nacional.....	352
Região Norte	366
Região Nordeste	376
Região Centro-Oeste.....	388
Região Sudeste.....	398
Região Sul.....	413
Referências.....	424
Avaliação formativa na creche.....	433

Apresentação

A educação de bebês e crianças bem pequenas na creche requer compreender que nos primeiros anos de vida ocorre um processo de desenvolvimento intenso e permeado de mudanças significativas para eles, como a conquista da movimentação, da fala e a ampliação das interações sociais. Consideramos o ambiente da Creche um contexto privilegiado para promover aprendizagens ao contemplar os direitos de explorar, expressar, conhecer-se, brincar, conviver e participar. Para isso, é necessário que nas propostas cotidianas sejam oferecidas condições diversificadas e condizentes à faixa etária, a fim de favorecer experiências ricas em interações, ampliando seu repertório de relações com o mundo social e natural.

Este material digital foi elaborado com o objetivo de auxiliar o(a) professor(a) que desenvolve seu trabalho pedagógico com crianças desta faixa etária – de 0 a 3 anos e 11 meses. Trata-se de um complemento e apoio ao *Manual do Professor*, com recursos relacionados à proposta do livro impresso, em conformidade com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com a Política Nacional de Alfabetização (PNA). Como aliado do Manual do Professor, o objetivo deste material é contribuir para promover a aprendizagem e o desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas na Creche, pelas interações e pela brincadeira. O material digital é composto de:

- ✔ **Plano de desenvolvimento anual** – instrumento que dará condições para efetivar a intencionalidade educativa almejada e os parâmetros para o acompanhamento e a avaliação dos processos vividos. O plano anual está subdividido em trimestres e fornece uma clara organização dos itinerários pedagógicos propostos no Manual do Professor, em sequência estruturada de conteúdos, garantindo a progressão das aprendizagens, a fim de evidenciar possibilidades para o(a) professor(a) planejar, de acordo com seu grupo. Também apresenta uma possibilidade de planejamento quinzenal para subsidiar a organização cotidiana da prática.
- ✔ **Materiais gráficos** – recursos variados que promovem experiências e saberes para bebês e crianças bem pequenas por meio de jogos, desafios, explorações sensoriais, imagens de diferentes tamanhos e cores, propostas que contemplam Literacia e Numeracia, dentre outras sugestões que complementam e enriquecem o Manual do Professor.
- ✔ **Materiais lúdicos** – recursos com elementos das culturas das infâncias relacionados às diferentes regiões brasileiras e que sugerem ações educativas para bebês e crianças bem pequenas com brinquedos e brincadeiras tradicionais, histórias, músicas, receitas culinárias e outras possibilidades. É formado por seis blocos – um nacional e cinco regionais – que contemplam aspectos das culturas indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhas, do campo e urbanas, que, juntas, expressam um Brasil plural, diverso etnicamente e multicultural.
- ✔ **Materiais de avaliação formativa** – orientações e instrumentos para a organização do processo avaliativo, com a sugestão de fichas com planilhas e indicadores para o acompanhamento e a avaliação das aprendizagens de bebês e crianças bem pequenas – individual e em grupo –, o acompanhamento individual das práticas de Literacia e Numeracia e situações de aprofundamento vivenciadas nos trajetos. Apresenta propostas para a construção de relatórios individuais com indicadores do acompanhamento da aprendizagem e do desenvolvimento e de dossiê das aprendizagens vividas em projetos. Também sugere materiais e modalidades de devolutiva para comunicação e informação às famílias sobre o desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas.

É importante destacar que todo o trabalho realizado neste material digital compõe sugestões que o(a) professor(a) poderá utilizar ou adaptar de acordo com a sua realidade.

Desejamos que este material inspire reflexões e proposições ao seu trabalho docente. Educar crianças na Creche é uma aventura coletiva! Uma caminhada para compartilhar concepções, práticas, saberes e sonhos.

Plano de desenvolvimento anual

● Planejamento

Professor(a), como sabemos, a creche faz parte da primeira etapa da Educação Básica, o que exige uma organização do trabalho pedagógico condizente à premissa da qualidade da oferta da educação a todas as crianças.

Com base nas concepções postuladas nas DCNEI, da criança competente, da infância como tempo de viver o presente, e da Educação Infantil regida pela proposta pedagógica estruturada pelos eixos **interações** e **brincadeira**, consideramos que a prática do(a) professor(a) consiste em conduzir o processo educativo, mediante a sistematização daquilo que se apresenta no cotidiano como proposição ou a intencionalidade pedagógica. Por isso, consideramos relevante o planejamento da prática como um instrumento de produção de sentidos para garantir o máximo de situações significativas nos processos vividos pelas crianças.

O planejamento pode ser anual, semestral, trimestral, bimestral, quinzenal, semanal ou diário. A escolha do tipo de planejamento deve corresponder aos preceitos didático-metodológicos explicitados na proposta pedagógica da instituição. Na perspectiva assumida por esta obra, o planejamento está relacionado com a organização de estruturas de oportunidades compreendidas como itinerários pedagógicos propostos pelo(a) professor(a).

A seguir, apresentamos duas possibilidades de organização do trabalho como parâmetros para a instituição contemplar os elementos didáticos propostos no Manual do Professor:

- Planejamento anual
- Planejamento quinzenal

● Planejamento anual

Instrumento que contém o mapa dos meses, o delineamento de períodos (sugerem-se trimestres), o panorama de possibilidades de uso dos espaços e orientações ou sugestões pertinentes aos grupos. Há ainda uma previsão de ações da prática do(a) professor(a) para encaminhar os trajetos relativos aos grupos de idade.

Além desses aspectos, o planejamento anual pode conter a indicação:

Formação/Planejamento – previsão dos momentos formativos conforme o planejamento da gestão; encontro de professores(as) para o planejamento dos grupos de idade.

Início/Término – período de atividades letivas.

Inserção/Familiarização – período previsto para o processo de acolhimento e formação de vínculo das crianças na creche, tanto das crianças que iniciam a experiência educativa na instituição como daquelas que ingressam em uma nova turma.

Reuniões com as famílias – encontros com familiares da turma, para informar, apresentar, orientar e compartilhar premissas, intencionalidades do trabalho pedagógico, processos vividos e devolutiva do material de avaliação.

Interações creche/comunidade – propostas de convivência no cotidiano com pessoas que representam a comunidade (familiares, outros profissionais da creche, pessoas que vivem próximo ou trabalham no entorno da instituição, artistas convidados).

Eventos – momentos de confraternização da comunidade com temas culturais significativos vivenciados com as crianças em mostras, saraus, feiras e festas, de acordo com o projeto institucional.

Para organizar os tempos dos processos vividos pelos grupos de bebês e crianças bem pequenas, o(a) professor(a) precisa compreender suas necessidades, demandas e modos de interação. É preciso estar atento aos ritmos e às capacidades das crianças, que se diferenciam e exigem a organização de tempos condizentes aos processos educativos previsíveis; por isso, propomos que a periodicidade do planejamento seja trimestral.

Plano de desenvolvimento anual

GRUPO BEBÊS

Grupo: Bebês (de zero a 1 ano e 6 meses).

Em um grupo de bebês, na creche, há uma grande variedade de idades. Em uma mesma sala, há bebês de 4 meses, outros com cerca de 7 meses e alguns com quase 1 ano. Essa configuração etária atribui ao(a) professor(a) o desafio de estar permanentemente organizando e reorganizando seu planejamento com intencionalidade, para atender às especificidades e às demandas de seu grupo.

Neste plano anual, indicamos cenários e trajetos do Manual do Professor que são pertinentes a essa faixa etária. A ação pedagógica na creche requer o entendimento de que há práticas que serão ofertadas aos bebês ao longo de todo o ano, pois a progressão da aprendizagem está relacionada às inúmeras oportunidades de vivenciá-la. Nos trajetos **Comemorando os aniversários** e **Celebrando as festividades**, o objetivo é inserir os bebês em práticas culturais relacionadas à passagem do tempo e à valorização da sua vida e da história local. Como são trajetos relacionados às singularidades de cada grupo e localidade brasileira, não há como indicar ao(a) professor(a) que conduza cada trimestre de modo diferenciado, pois pode acontecer de haver aniversários e festividades somente no segundo e no terceiro trimestres, por exemplo.

Orientações para a composição de cenários

Os cenários espaciais, temporais e relacionais propostos no Manual do Professor subsidiam a organização do cotidiano. Considere as questões a seguir elencadas e consulte os capítulos correspondentes. Confira os capítulos de 2 a 7.

Cenário Espacial: Ambiência mediadora – Contexto do grupo de idade – Contexto de intimidade – Trajetos como rotas de movimentação – Sala curiosa – Quintal sensacional – Solário – Apreciação estética – Instalações

Com base na diversidade das características do seu grupo de bebês, quais elementos você elege para compor a sala de referência e promover interações significativas? (Móveis até o chão, espelho, módulos de madeira ou espumados, bonecos e bonecas de pano, miniaturas, bolas de diferentes tamanhos e texturas, livros, entre outros.)

Qual é o momento propício do cotidiano para levar os bebês em pequenos grupos ao solário? (Bem-estar dos bebês, água, horário do dia, elementos de interação.)

Quais condições você precisa proporcionar para promover a relação dos bebês com a natureza no quintal? (Deslocamento, segurança e proteção no local pela delimitação, tenda, elementos que garantam conforto, como tecido, entre outras.)

Cenário Temporal: Chegando à creche – Ritos cotidianos – Tempos cotidianos – Tempos dos trajetos

Como receber os bebês para que eles se sintam acolhidos no cotidiano da creche? (Disponibilidade, empatia, escuta.)

Que palavras, convites e ações demarcam os momentos do grupo dos bebês? (Enunciado, elementos de referência.)

Quanto tempo é necessário para os bebês vivenciarem significativamente os momentos previstos no planejamento cotidiano? (Alimentação, sono, brincadeira, troca de fraldas e higiene.)

Cenário Relacional: Sozinho na presença dos outros – Almoçando com os amigos – Brincar e comunicar – Brincar com o corpo – Brincar com o outro

Quais momentos são privilegiados para as interações verbais com cada bebê e com o grupo todo? (Conversa íntima, cantigas, parlendas etc.)

Como favorecer que os momentos de alimentação sejam marcados por trocas de práticas culturais e convívio social? (Sentar-se para comer, utilizar o talher, apreciar a comida, nomeá-la etc.)

Quais ações lúdicas os bebês apresentam no cotidiano? (Vocalizações, repetições, interações etc.)

Ações da prática para a construção de trajetos

Os trajetos relacionados têm periodicidade variada, podendo ser oferecidos semanal, quinzenal ou eventualmente, dependendo das características do grupo. Para tanto, escolha entre os trajetos apresentados aqueles que possuem maior relevância para o seu grupo de bebês. Consulte-os nos capítulos correspondentes no Manual do Professor para compreender as suas dinâmicas. Os objetivos da BNCC articulados à PNA – literacia, literacia familiar, numeracia – privilegiados neste plano constituem perspectivas para os processos de aprendizagem e desenvolvimento dos bebês.

As ações* situadas trimestralmente são indicações para o planejamento e devem ser acompanhadas e problematizadas para garantir a sua pertinência diante do grupo. Avalie constantemente as características de seu grupo e a realidade da creche onde atua. A progressão apresentada nos três trimestres visa aumentar a complexidade na oferta das oportunidades pela organização e pelo acréscimo de elementos.

* Sempre que a ação aparecer pela primeira vez terá seu texto composto por extenso; cada vez que essa ação se repetir no outro trimestre, aparecerá apenas o seu numeral.

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Cesto dos tesouros Capítulo 3	(EI01EO02) (EI01CG05) (EI01ET01)	Numeracia	1. Propor o cesto de tesouros aos bebês que já sentam.	1. 2. Variar os objetos do cesto.	1. 2.
Encontrando-se para brincar e escutar histórias Capítulo 3	(EI01EO03) (EI01CG03) (EI01EF02) (EI01EF06)	Literacia Numeracia	1. Criar situações de encontro entre os bebês caminchantes e as crianças maiores para brincar no mesmo espaço.	2. Criar situações de encontro entre os bebês caminchantes e as crianças maiores para realizar brincadeiras tradicionais (canções, cantigas de roda etc.). 3. Levar bebês que engatinham a compartilhar situações de encontro com bebês caminchantes e crianças maiores para brincar no mesmo espaço.	3. 4. Criar situações de encontro dos bebês caminchantes com crianças maiores para brincar e escutar histórias.
Mural das preciosidades Capítulo 4	(EI01EO01) (EI01EO02) (EI01EO04) (EI01EF01) (EI01ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Criar um mural com fotos dos bebês em altura condizente à observação deles.	2. Compôr no mural imagens e registro escrito do cotidiano que representem ações compartilhadas do grupo.	2. 3. Construir álbuns com os registros – imagens e escritos – do mural para os bebês manipularem.
Comemorando os aniversários Capítulo 4	(EI01EO06) (EI01EF01) (EI01ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Anunciar o(s) aniversariante(s) do dia e convidar para celebrar e cantar Parabéns.	1.	1.
Celebrando as festividades Capítulo 4	(EI01EO06) (EI01CG03) (EI01ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Propor vivências com práticas culturais – canções e brincadeiras – que representem as festividades locais.	1.	1.
Álbum dos começos Capítulo 4	(EI01EO01) (EI01EO02) (EI01EO04) (EI01ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Iniciar o Álbum dos começos para cada bebê imprimindo a página de abertura e colando uma fotografia. 2. Imprimir as páginas correspondentes do Álbum dos começos (Material Digital Gráfico) para outros registros: comer, bater palmas, brincar com areia etc.	2.	2. 3. Reproduzir imagens do Álbum dos começos, plastificá-las e fixá-las no chão, na parede, na altura do espelho ou em cestos disponíveis aos bebês.

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Cadê? Achou! – esconde- -esconde Capítulo 5	(EI01EO01) (EI01CG03) (EI01EF01)	Literacia	1. Brincar em momentos diversos – troca de fraldas, interações na sala de referência ou no solário. 2. Pendurar um tecido transparente no meio da sala.	1. 2. 3. Oferecer um cesto com tecidos de diferentes tamanhos e texturas.	1. 2. 3. 4. Montar tendas com tecidos ou cabanas de tecidos ou papelão.
Brincadeiras infantis tradicionais Capítulo 5	(EI01EF01) (EI01EF05)	Literacia Numeracia	1. Brincar com repertório de brincadeiras e acalantos.	1. 2. Ampliar as brincadeiras incluindo gestos e movimentos.	1. 2. 3. Propor roda de brincadeiras com o repertório conhecido, ao longo do ano, pelos bebês.
Faz de conta Capítulo 5	(EI01EO03) (EI01CG03)	Literacia Numeracia	1. Oferecer na sala bonecas e bonecos em um cesto.	1. 2. Oferecer tecidos de diferentes tamanhos em uma caixa ou em um cesto ao lado de bonecas e bonecos.	3. Propor o microcenário de faz de conta com bonecas e bonecos, tecidos e acessórios de cuidados.
Jogos com regras Capítulo 5	(EI01CG03) (EI01CG05) (EI01ET05)	Literacia Numeracia	1. Oferecer jogo de encaixe de formas tridimensionais – peças esféricas e cubos grandes e médios – e caixa grande com orifícios correspondentes.	2. Oferecer jogo de encaixe de formas tridimensionais – peças estelares e piramidais grandes e médias – e caixa grande com orifícios correspondentes.	3. Oferecer jogo de encaixe de formas tridimensionais – peças pequenas de formatos variados e latas ou caixas pequenas com orifícios correspondentes.
Observando luz e sombra Capítulo 6	(EI01EO03) (EI01ET02)	Numeracia	1. Criar uma ambiência que produza efeitos de luz e sombra, como móveis e tenda com tecidos transparentes na sala de referência.	1. 2. Produzir móveis para o solário e tendas para o quintal.	1. 3. Convidar bebês caminchantes para brincar com sombras no quintal.
Realizando jogo heurístico Capítulo 6	(EI01CG05) (EI01ET01) (EI01ET05)	Numeracia	1. Propor o jogo heurístico aos bebês caminchantes.	1. 2. Apresentar outras materialidades no tapete do jogo.	1. 2. 3. Dispor as materialidades de modo diferenciado.

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Passeando na natureza Capítulo 6	(EI01EO02) (EI01EO05) (EI01ET03) (EI01ET05)	Literacia Numeracia	1. Propor aos bebês caminhanes uma caminhada no quintal para apreciar a natureza.	1. 2. Convidar para apreciar elementos da natureza – pássaros, plantas, miudezas. 3. Propor coleta de elementos da natureza e compor uma coleção de achados.	1. 2. 3. 4. Criar um móbil com os elementos coletados.
Tocar e cantar Capítulo 7	(EI01EO01) (EI01EO06) (EI01TS03) (EI01CG01) (EI01CG03) (EI01EF01) (EI01EF02) (EI01EF05) (EI01ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Criar situações para cantar músicas com os bebês no cotidiano.	1. 2. Oferecer objetos e instrumentos musicais condizentes com a faixa etária para exploração e produção sonoras.	1. 2. 3. Propor rodas de músicas com os instrumentos e as canções conhecidas dos bebês.
Modelar argila e massinha Capítulo 7	(EI01CG03) (EI01CG05) (EI01ET02)	Literacia Numeracia	1. Propor , no solário, momento específico para os bebês caminhanes, com blocos grandes de argila sobre um plástico grosso fixo no chão. 2. Disponibilizar , eventualmente, massinha de modelar caseira para os bebês caminhanes na sala de referência.	2. 3. Propor , no solário, momento específico para os bebês caminhanes, com blocos pequenos de argila sobre um tablado ou mesa baixa forrada com plástico.	2. 4. Propor , no quintal, vivência exploratória com blocos inteiros de argila dispostos em cima de plástico grosso no gramado ou em área mais plana.
Pintar com tintas naturais Capítulo 7	(EI01CG05) (EI01TS02) (EI01ET02)	Literacia Numeracia	1. Propor , no solário, momento específico para os bebês caminhanes, com plástico bolha fixo no chão e potes com tintas naturais – beterraba, cenoura, espinafre, açafrão etc.	2. Propor , no solário, momento específico para os bebês caminhanes, com papel bobina fixo no chão e potes com tinta natural – beterraba, cenoura, espinafre, açafrão etc.	3. Propor , no solário, momento específico para os bebês caminhanes e oferecer potes com tintas naturais – beterraba, cenoura, espinafre, açafrão etc. – em cima de uma mesa forrada com papel branco.
Garatujar e desenhar Capítulo 7	(EI01CG05) (EI01TS02) (EI01EF06) (EI01EF09)	Literacia Numeracia	1. Propor , no solário, momento específico para os bebês caminhanes, com papel bobina fixo no chão e riscantes (giz de cera e giz de quadro).	2. Propor , no solário ou na sala de referência, momento específico para os bebês caminhanes, com papel bobina fixo na parede e riscantes (giz de cera e giz de quadro).	3. Propor , na sala de referência, momento específico para os bebês caminhanes, com papel bobina ou papel branco fixo em tablado e riscantes – canetão.

Plano de desenvolvimento anual

GRUPO CRIANÇAS BEM PEQUENAS

GRUPO: Crianças bem pequenas (de 1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses).

Neste plano anual, indicamos cenários e trajetos do Manual do Professor que são pertinentes a essa faixa etária. A ação pedagógica na creche requer o entendimento de que há práticas que serão ofertadas às crianças bem pequenas como continuidade de vivências culturais iniciadas com o grupo de bebês, agregando saberes que elas vão construindo em sua experiência educativa. A progressão da aprendizagem está relacionada às oportunidades vivenciadas pelas crianças em relação ao seu ritmo e ao do grupo.

Orientações para a composição de cenários

Os cenários espaciais, temporais e relacionais propostos no Manual do Professor subsidiam a organização do cotidiano. Em um grupo de crianças bem pequenas, na creche, além da variedade de idades, há demandas muito específicas relacionadas aos interesses dos grupos, principalmente decorrentes da conquista da marcha e da fala. Isso revela a necessidade de organizar subgrupos para atender aos processos desencadeados nas interações cotidianas. Essa configuração etária alargada exige do(a) professor(a) recriar microcenários na sala de referência, correspondendo às demandas e aos interesses do grupo. Considere as questões a seguir elencadas e consulte os capítulos correspondentes. Confira os capítulos de 2 a 7.

Cenário espacial: Contexto do grupo de idade – Contexto de intimidade – Trajetos como rotas de movimentação – Sala curiosa – Quintal sensacional – Apreciação estética – Instalações

Com base nos interesses e nas demandas demonstrados pelo grupo de crianças bem pequenas, quais temas você elege para compor microcenários na sala de referência? (Bonecos e bonecas de diversos tamanhos e características, acessórios, miniaturas, elementos não estruturados, livros, entre outros.)

Quais propostas e materiais podem ser oferecidos para vivências cotidianas no solário? (Elementos para o conforto das crianças, como sombreadores, água; elementos de interação, como bolas, objetos sonoros, instalações etc.)

Quais elementos podem promover a relação das crianças bem pequenas com a natureza no quintal? (Baldinhos, pазinhas, rastelinhos, potes para brincar com areia, terra e água etc.)

Cenário temporal: Chegando à creche – Ritos cotidianos – Tempos cotidianos – Tempos dos trajetos

Como receber as crianças bem pequenas para que elas se sintam acolhidas no cotidiano da creche? (Disponibilidade, empatia, escuta.)

Quais palavras, convites e ações demarcam os momentos do grupo das crianças bem pequenas? (Enunciado, elementos de referência.)

Quanto tempo é necessário para as crianças bem pequenas vivenciarem significativamente os momentos previstos no planejamento cotidiano? (Alimentação, sono, brincadeira, troca de fraldas ou uso do banheiro e higiene.)

Cenário relacional: Sozinho na presença dos outros – Almoçando com os amigos – Brincar e comunicar – Brincar com o corpo – Brincar com o outro

Quais momentos são privilegiados para as interações verbais com cada criança e com o grupo todo? (Conversa íntima, cantigas, parlendas etc.)

Como favorecer que os momentos de alimentação sejam marcados por trocas de práticas culturais, convívio social, construção e exercício da autonomia? (Sentar-se para comer, utilizar o talher, apreciar a comida, nomeá-la etc.)

Como as crianças bem pequenas se comunicam entre si, expressam suas emoções e sentimentos e manifestam interesses em suas interações? (Verbalização, gestos, movimentos corporais etc.)

Ações da prática para a construção de trajetos

Os trajetos relacionados têm periodicidade variada, podendo ser oferecidos semanal, quinzenal ou eventualmente, dependendo das características do grupo. Para tanto, escolha entre os trajetos apresentados aqueles que possuem maior relevância para o seu grupo de crianças. Consulte-os nos capítulos correspondentes do Manual do Professor para compreender as suas dinâmicas. Os objetivos da BNCC articulados à PNA – literacia, literacia familiar, numeracia – privilegiados neste plano constituem perspectivas para os processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças bem pequenas.

As ações* situadas trimestralmente são indicações para o planejamento e devem ser acompanhadas e problematizadas para garantir a sua pertinência diante do grupo. Avalie constantemente as características de seu grupo e a realidade da creche onde atua. A progressão apresentada nos três trimestres visa aumentar a complexidade na oferta das oportunidades pela organização e pelo acréscimo de elementos.

*Sempre que a ação aparecer pela primeira vez terá seu texto composto por extenso; cada vez que essa ação se repetir no outro trimestre, aparecerá apenas o seu numeral.

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Encontrando-se para brincar e escutar histórias Capítulo 3	(EI02EO06) (EI02CG01) (EI02EF06) (EI02EF07)	Literacia Numeracia	1. Criar situações de encontro entre crianças de diferentes turmas para brincar no mesmo espaço e escutar histórias. 2. Promover situações de encontro de crianças bem pequenas com bebês caminhanes para brincar no mesmo espaço.	1. 2. 3. Escolher com as crianças bem pequenas brincadeiras e canções tradicionais – canções, cantigas de roda etc. – para compartilhar com os bebês caminhanes.	4. Propor contação de histórias no quintal convidando todas as turmas.
Mural das preciosidades Capítulo 4	(EI02EO01) (EI02EO02) (EI02EO04) (EI02ET04) (EI02ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Criar um mural com fotos de vivências do grupo. 2. Propor às crianças trazer, de suas vivências em casa, algum elemento significativo para compartilhar no mural do grupo – fotografia, desenho, elementos da natureza, livro preferido, acessório etc.	3. Combinar com as crianças de 3 anos e eleger com elas um dia fixo da semana para renovar o mural de preciosidades com situações ou acontecimentos importantes para o grupo. 4. Propor a confecção de um livro com os registros do mural realizados no trimestre anterior, para a apreciação por parte das crianças e de suas famílias – sacola literária.	3. 4. 5. Propor a escrita de um texto coletivo – professor(a) escreva – com a listagem das preciosidades mais importantes para o grupo.
Comemorando os aniversários Capítulo 4	(EI02EO02) (EI02EO03) (EI02ET04) (EI02ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Marcar no calendário da sala o(s) aniversariante(s) do mês, contar e anunciar próximo às datas o número de dias faltantes para cada celebração. 2. Anunciar o(s) aniversariante(s) do dia. 3. Organizar a comemoração do(s) aniversariante(s) do dia e convidar a turma a celebrar cantando Parabéns. Se possível, oferecer um bolo simples e saudável com a velinha da idade. 4. Produzir com a turma um presente coletivo para o(s) aniversariante(s) do dia – cantar uma música, coletar elementos da natureza etc.	1. 2. 3. 4.	1. 2. 3. 4. 5. Propor para as crianças maiores de 3 anos produção de cartinhas – escritos e desenhos – para presentear o(s) aniversariante(s).

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Celebrando as festividades Capítulo 4	(EI02EO06) (EI02CG01) (EI02ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Propor vivências com práticas culturais – canções e brincadeiras – que representem as festividades locais. 2. Confeccionar objetos para as brincadeiras e danças relacionadas às festividades.	3. Propor momentos para as crianças vivenciarem as brincadeiras e danças relacionadas às festividades utilizando os objetos confeccionados. 4. Registrar com fotografia as vivências das festividades.	3. 4. 5. Organizar no mural de preciosidades o registro das vivências das festividades.
Indo para a pré-escola Capítulo 4	(EI02EO02) (EI02EO04) (EI02ET06)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Receber um grupo de crianças do pré – da própria instituição ou de uma escola vizinha – para compartilhar brincadeiras.	2. Convidar o grupo das crianças do pré para uma vivência na creche – brincadeiras, troca de saberes, lanche. 3. Criar junto às crianças de 3 anos uma lista de coisas que elas pensam que vão acontecer no pré.	4. Visitar uma sala do pré para conhecer o espaço e interagir com as crianças – brincar, ouvir história etc. 5. Escolher com as crianças um espaço no quintal para plantar uma muda de árvore ou flores. 6. Confeccionar um livro com memórias da turma ou cartões com memórias significativas para lembrar do grupo. 7. Convidar as famílias para um piquenique de despedida, no final do ano.
Cadê? Achou! – esconde-esconde Capítulo 5	(EI02EO04) (EI02CG02)	Literacia	1. Montar tendas com tecidos, cabanas de tecidos ou de papelão.	1. 2. Convidar as crianças para brincadeiras de esconde-esconde no quintal.	1. 2. 3. Propor às crianças maiores brincadeiras de esconder objetos como caça ao tesouro.
Brincadeiras infantis tradicionais Capítulo 5	(EI02CG01) (EI02EF02)	Literacia Numeracia	1. Propor roda de brincadeiras com o repertório conhecido pelo grupo no ano anterior. 2. Propor cantigas de roda no solário. 3. Brincar com as crianças maiores de trava-línguas e parlendas. 4. Propor microcenário de literatura – tapete, almofadas, caixas com livros – e fixar na parede parlendas preferidas das crianças com texto e imagens.	2. 3. 5. Convidar as crianças para realizar cantigas de roda no quintal. 6. Compor no microcenário de literatura o registro das cantigas conhecidas das crianças com texto e fotos delas durante a atividade. 7. Propor a brincadeira de passa anel no solário.	2. 3. 5. 8. Apresentar livros de poesia para enfatizar as rimas. 9. Compor no microcenário de literatura o registro dos livros de poesia conhecidos das crianças, com títulos e fotos das capas. 10. Propor às crianças maiores a brincadeira do lenço atrás.

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Jogos com regras Capítulo 5	(EI02EO06) (EI02ET05)	Literacia Numeracia	<p>1. Disponibilizar jogos de encaixe no microcenário de jogos.</p> <p>2. Disponibilizar jogos de quebra-cabeça no microcenário de jogos.</p> <p>3. Disponibilizar na sala das crianças maiores um microcenário de jogos – encaixe e quebra-cabeça.</p>	<p>1.</p> <p>2.</p> <p>3.</p> <p>4. Propor o jogo de memória.</p> <p>5. Propor alguns jogos motores no solário ou no quintal.</p> <p>6. Montar no mural da sala o registro das regras dos jogos conhecidos pelo grupo, confeccionado com a participação das crianças.</p>	<p>1.</p> <p>2.</p> <p>3.</p> <p>4.</p> <p>5.</p> <p>6.</p> <p>7. Apresentar novos jogos motores no solário ou no quintal.</p>
Faz de conta Capítulo 5	(EI02EO01) (EI02EO03) (EI02CG01)	Literacia Numeracia	<p>1. Propor microcenários de faz de conta – bonecos e bonecas diversos; miniaturas de animais; fantasia com espelho e acessórios – chapéus, colares de flores etc.</p>	<p>2. Propor microcenário de casinha demarcado com tapete e prateleira, caixas pequenas, bonecos e bonecas, acessórios – paninhos, mamadeira, fralda – e utensílios de cozinha.</p> <p>3. Propor microcenário de elementos da natureza – blocos pequenos de madeira, galhos, folhas – e miniaturas de animais em espaço demarcado, como um tablado.</p>	<p>2.</p> <p>3.</p> <p>4. Identificar os microcenários com registros do cotidiano – fotos das crianças brincando e nome escrito do tema do microcenário.</p>
Realizando jogo heurístico Capítulo 6	(EI02CG05) (EI02ET01) (EI02ET05)	Numeracia	<p>1. Propor às crianças menores (de 1 ano e 7 meses a 2 anos) o jogo heurístico no tapete.</p>	<p>1.</p> <p>2. Apresentar outras materialidades do jogo no tapete.</p> <p>3. Dispor as materialidades de modo diferenciado – tablado.</p>	<p>1.</p> <p>2.</p> <p>3.</p> <p>4. Propor instalação heurística no quintal.</p>
Explorando bandejas de experimentação Capítulo 6	(EI02CG05) (EI02ET01) (EI02ET05)	Literacia Numeracia	<p>1. Propor às crianças a partir de 2 anos as bandejas de experimentação.</p>	<p>1.</p> <p>2. Variar os elementos contínuos e contáveis.</p>	<p>1.</p> <p>2.</p> <p>3. Diversificar os utensílios.</p> <p>4. Propor às crianças maiores de 3 anos práticas de culinária com utilização de receitas.</p>

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Observando luz e sombra Capítulo 6	(EI02EO03) (EI02ET02)	Numeracia	1. Propor , em ambiente escurecido, instalação de tecido, retroprojetor e elementos para projetar formas diversas. 2. Observar as sombras produzidas no ambiente externo.	1. 2. 3. Propor fantoches de palito para projetar na instalação.	1. 2. 3. 4. Propor , no ambiente externo, o desenho de sombras, com giz de quadro no chão ou com giz de cera no papel <i>kraft</i> . 5. Dispor papel bobina no espaço externo e sobre ele colocar diferentes elementos que projetem sombras, oferecendo tintas às crianças maiores de 3 anos.
Fazendo construções Capítulo 6	(EI02EO02) (EI02EO03) (EI02ET01) (EI02ET04) (EI02ET05)	Literacia Numeracia	1. Propor construções com latas, caixas e placas de madeira de diferentes tamanhos.	1. 2. Diversificar as materialidades.	1. 2. 3. Propor construção de cabaninhas e tendas.
Passeando na natureza Capítulo 6	(EI02EO02) (EI02EO05) (EI02ET03) (EI02ET05) (EI02ET07) (EI02ET08)	Literacia Numeracia	1. Propor passeio no quintal para observação e coleta de elementos da natureza. 2. Organizar microcenário na sala para acondicionar os elementos coletados na natureza e possibilitar sua manipulação.	1. 3. Propor desenhos de figuras e mandalas com elementos coletados na natureza. 4. Propor , no microcenário da natureza, recipientes de diferentes tamanhos para as crianças organizarem os elementos coletados conforme suas características. 5. Propor às crianças maiores a contagem oral dos elementos nos recipientes.	1. 4. 5. 6. Propor às crianças maiores o registro das contagens dos elementos. 7. Propor experimentação com folhas e flores coletadas – em recipiente com água, colocar os elementos e levar ao congelador.
Tocar e cantar Capítulo 7	(EI02EO06) (EI02CG01) (EI02CG03) (EI02TS01) (EI02TS03) (EI02EF02) (EI02ET07)	Literacia Literacia familiar Numeracia	1. Criar situações para cantar músicas com as crianças bem pequenas no cotidiano. 2. Propor , no solário, instalação com elementos sonoros variados.	1. 3. Criar momentos específicos para pequenos grupos experimentarem as sonoridades de elementos diversos – madeira, metal, plástico rígido etc. 4. Propor roda de música, no quintal, para compartilhar canções com outros grupos.	1. 4. 5. Propor roda de música com instrumentos musicais. 6. Diversificar a roda de música disponibilizando tecidos para acompanhar as canções com gestualidade e movimentos.

Plano de desenvolvimento anual

Trajetos	OAD	PNA	1º Trimestre	2º Trimestre	3º Trimestre
Pintar com tintas naturais Capítulo 7	(EI02CG05) (EI02TS02)	Literacia Numeracia	<p>1. Propor momento específico, no solário, para pintura com tintas naturais em suporte (papel bobina, tecidos, plástico), fixado ao chão, e instrumentos variados (pedaços de esponja, rolinho, brocha).</p> <p>2. Propor espaço na sala para expor o registro das experimentações das crianças – fotos e produções.</p>	<p>1.</p> <p>2.</p> <p>3. Propor momento específico, no solário, para pintura com tintas naturais em suporte – diferentes papéis – fixado em mesa e instrumentos variados – pedaços de esponja, rolinho, brocha.</p> <p>4. Confeccionar tintas naturais com as crianças, registrando o passo a passo.</p> <p>5. Propor, no solário, pintura com tintas naturais em objetos tridimensionais, como caixas, sombrinhas, malas.</p>	<p>2.</p> <p>3.</p> <p>5. Investigar modos de uso das tintas naturais em outras culturas, como as indígenas.</p> <p>6. Propor, no solário, em mesas, a impressão de elementos coletados na natureza com tintas naturais em diferentes suportes – tecido e papel.</p>
Modelar argila e massinha Capítulo 7	(EI02CG01) (EI02CG05) (EI02TS02) (EI02ET05) (EI02ET07)	Literacia Numeracia	<p>1. Propor momento específico para modelagem com massinha caseira.</p> <p>2. Confeccionar a massinha caseira com as crianças em diferentes cores e registrar a receita para expor na sala.</p>	<p>1.</p> <p>3. Propor momento específico para modelagem com argila.</p> <p>4. Propor momento específico para modelagem com massinha caseira e elementos da natureza.</p>	<p>3.</p> <p>4.</p> <p>5. Propor a confecção de mosaico com massinha caseira e elementos diversos.</p>
Garatujar e desenhar Capítulo 7	(EI02CG05) (EI01TS02) (EI02EF01) (EI02EF09)	Literacia Numeracia	<p>1. Fixar na sala de referência papel bobina na altura das crianças e disponibilizar giz de cera ou giz de quadro.</p> <p>2. Propor no microcenário de expressão em tablado ou mesa quadrada, com suporte (papel branco ou bobina fixado e forrando toda a superfície), e riscantes (giz de cera ou giz de quadro).</p>	<p>2.</p> <p>3. Expor no microcenário de expressão fotos das crianças com esses materiais e suas produções gráficas.</p> <p>4. Propor no microcenário de expressão tablado ou mesa quadrada, com suporte (papel branco ou bobina fixado e forrando toda a superfície), e o riscante canetão.</p>	<p>3.</p> <p>4.</p> <p>5. Propor no microcenário de expressão tablado ou mesa quadrada, com suporte (papel branco ou bobina fixado e forrando toda a superfície), e o riscante carvão.</p>
Considerações para a constituição de projetos					
<p>Observe no cotidiano as crianças em suas interações nos cenários e trajetos propostos para identificar interesses comuns, ações, saberes e iniciativas. Considerando essas observações, você pode ampliar essas relações compartilhando-as com a comunidade e os familiares e propiciando a criação de um projeto. No capítulo 7 do Manual do Professor, apresentamos uma proposta de projeto “O que contam as histórias?”, cujo tema tem relevância para a cultura infantil na creche como oportunidade privilegiada de promover a literacia e a literacia familiar.</p>					
Projeto	Desenvolvimento das ações conforme as características do grupo.				

Plano de desenvolvimento anual

● Planejamento quinzenal

Composto de tabela ou quadro quinzenal, subdividido em dias, com a organização do cotidiano do grupo de idade, no qual se evidenciam os diferentes momentos do dia, contemplando a previsão dos itinerários pedagógicos – cenários, trajetos, projetos – selecionados pelo(a) professor(a).

Conforme destacamos no capítulo 2 do Manual do Professor, a composição dos cenários pode variar de acordo com as características do grupo. Considerando o grupo de idade, o(a) professor(a) poderá escolher os elementos para ambientar os espaços – sala de referência, solário, pátio, quintal – com base em suas premissas teóricas relacionadas ao projeto político-pedagógico da creche, aos saberes da prática e às observações realizadas nas vivências de aproximação com as crianças e em situações interativas ao longo do ano. Nesse mesmo capítulo, propomos o exercício da planta baixa como forma de sistematizar e projetar as possibilidades de composição dos cenários/microcenários significativos aos grupos. Com isso, o(a) professor(a) pode vislumbrar perspectivas para apresentar e efetivar trajetos pertinentes a cada grupo, evidenciando essa previsão no planejamento quinzenal.

Destacamos a relevância dos capítulos 3 e 4 do Manual do Professor para dimensionar as formas de organização dos agrupamentos e dos tempos para conduzir o cotidiano. Podemos prever em relação à dinâmica institucional cotidiana da creche:

✔ **momentos fixos** ou ditos de horário permanente – chegada, alimentação, saída;

✔ **momentos previstos** ou de horário programado, mas flexíveis – higiene, vivências, trajetos, projetos.

Tanto os momentos fixos como os momentos previstos das turmas se articulam na dinâmica institucional pela concomitância de grupos, demandas, disponibilidade de espaços, profissionais, materialidades e, sobretudo, necessidades das crianças. Disso depende o diálogo entre professores(as) e gestores(as) a fim de promover uma prática educativa que contemple os direitos das crianças, como oportunidades de vivenciar e constituir a experiência educativa, ao desenvolver capacidades, aprender habilidades e, com isso, exercer suas potencialidades.

A seguir, apresentamos um quadro de referência para o planejamento quinzenal.

Plano de desenvolvimento anual

PLANEJAMENTO QUINZENAL

Essa sugestão de planejamento pode ser proposta a partir da 4ª semana após o início das atividades da creche, quando já passou o período mais intenso de inserção das crianças na instituição.

Os elementos didáticos estão destacados por cores diferentes para facilitar a visualização no quadro e evidenciar a regularidade e a diversidade da oferta de oportunidades no cotidiano.

Grupo etário: Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)

Professor(a):

Agrupamentos

Considerando a faixa etária, podem-se prever demandas dos bebês em função de sua condição de movimentação – deitar/rolar/bruços, sentar/engatinhar, ficar de pé/andar – o que suscitaria a formação de três subgrupos – G1, G2, G3 – para projetar cenários e microcenários pertinentes às demandas diferenciadas, além de propiciar a organização de pequenos grupos para iniciar as propostas dos trajetos.

CENÁRIOS

Constituem-se pelas dimensões de espaço, tempo e relações, como regularidade da dinâmica cotidiana.

Cenários físicos: **Ambiência mediadora; Contexto de grupo de idade; Contexto de intimidade; Instalações**

Sala de referência – configuração projetada com base na elaboração da planta baixa.

Conforme se explicitam os interesses do grupo, propõem-se delimitações que evidenciam materialidades para promover as interações por:

Microcenários: Literatura; Miniaturas; Bonecas e bonecos

Solário – disponibilização de objetos ou montagem em momento específico.

Instalações: Elementos sonoros; Fios de malha com elementos; Bolas e caixas.

Cenários temporais

Chegando à creche – início do dia marcado pela interação famílias-creche e acolhimento do bebê; **Ritos cotidianos** e **Tempos cotidianos** – são vivenciados, principalmente, nos momentos de alimentação, sono ou descanso e de interações de movimento livre e de exploração dos objetos, demarcados pela regularidade de enunciados, ações e elementos de referência.

Cenários relacionais

Brincar com o corpo; e Brincar com o outro – constituem-se pelas interações com os elementos fixos na sala de referência e elementos flexíveis, como espelho, móvel, módulos de madeira.

→ Trilhando: observar as condições e os interesses dos bebês para propor continuidades.

Materiais e objetos sugeridos: livros de banho, miniaturas, bonecas e bonecos de pano, garrafas sensoriais, bolas de diferentes tamanhos, caixas de diferentes tamanhos, fio de malha, elementos diversos (para amarrar na ponta do fio de malha).

TRAJETOS

Propostos pelo(a) professor(a) em relação aos objetivos de aprendizagem privilegiados e previstos, de acordo com as necessidades, demandas e interesses do grupo.

Ocorrem em momentos e espaços específicos, com pequenos grupos. Enquanto um(a) professor(a) propõe o trajeto ao pequeno grupo de bebês, outro(a) permanece com os demais bebês em outra proposta.

Trajetos para esta quinzena

Cadê? Achou!; Brincadeiras infantis tradicionais; Tocar e cantar – momentos de interação do(a) professor(a) com os bebês.

→ Trilhando: observar as condições e os interesses dos bebês para propor continuidades e outros trajetos.

Materiais e objetos sugeridos: tecidos de diferentes tamanhos, chocalhos.

PROJETOS

Como decorrem da escuta e da observação das interações das crianças e de acordo com os interesses manifestos por elas, é necessário observar por mais tempo.

PLANEJAMENTO DIÁRIO/SEMANAL/QUINZENAL

Momentos fixos estabelecidos pela instituição: chegada, alimentação, sono/descanso, saída.

Momentos previstos estabelecidos pelos(as) professores(as) de acordo com as necessidades do grupo: higiene, interações nos cenários, propostas de trajetos.

Vivências nos ambientes externos de acordo com as necessidades, demandas e interesses do grupo: pátio, quintal, solário.

Observação: No primeiro mês, as crianças serão levadas ao quintal de forma eventual para apresentá-lo gradativamente aos subgrupos.

SEMANA 1

HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Início da manhã	CHEGADA/ACOLHIMENTO/ESCUA DA FAMÍLIA Chegando à creche				
	Sala de referência Literatura: tapete pequeno e livros de banho; miniaturas: prateleira e miniatura de animais.				
	LANCHE				
	Solário Elementos sonoros Brincadeiras infantis tradicionais G3	Solário Elementos sonoros Cadê? Achou! G1	Solário Fio de malha Tocar e cantar G2, G3	Solário Elementos sonoros Cadê? Achou! G1	Solário Elementos sonoros Brincadeiras infantis tradicionais G3
Em torno do meio-dia	ALMOÇO				
	SONO/DESCANSO/INTERVALO JORNADA				
	Sala de referência Literatura: tapete pequeno e livros de banho; miniaturas: prateleira e miniaturas de animais.				
	LANCHE				
	Solário Elementos sonoros Cadê? Achou! G1	Solário Bolas e caixas Brincadeiras infantis tradicionais G3	Solário Fio de malha Tocar e cantar G2, G3	Solário Elementos sonoros Cadê? Achou! G1	Solário Bolas e caixas Brincadeiras infantis tradicionais G3
Final da tarde	JANTAR				
	SAÍDA/DESPEDIDA/COMPARTILHAMENTO DO DIA				

SEMANA 2					
HORÁRIO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Início da manhã	CHEGADA/ACOLHIMENTO/ESCUITA DA FAMÍLIA Chegando à Creche				
	Sala de referência Literatura: tapete pequeno e livros de banho; miniaturas: prateleira e miniaturas de animais; bonecas/bonecos: cesto com bonecas e bonecos de pano.				
	LANCHE				
	Solário Bolas e caixas Brincadeiras infantis tradicionais G3	Solário Tecidos Cadê? Achou! G1	Solário Bolas e caixas Tocar e cantar G2, G3	Solário Tecidos Cadê? Achou! G1	Solário Bolas e caixas Brincadeiras infantis tradicionais G3
Em torno do meio-dia	ALMOÇO				
	SONO/DESCANSO/INTERVALO JORNADA				
	Sala de referência Literatura: tapete pequeno e livros de banho; miniaturas: prateleira e miniaturas de animais; bonecas/bonecos: cesto com bonecas e bonecos de pano				
	LANCHE				
	Solário Elementos sonoros Cadê? Achou! G1	Solário Bolas e caixas Brincadeiras infantis tradicionais G3	Solário Elementos sonoros Tocar e cantar G2, G3	Solário Bolas e caixas Cadê? Achou! G1	Solário Elementos sonoros Brincadeiras infantis tradicionais G3
Final da tarde	JANTAR				
	SAÍDA/DESPEDIDA/COMPARTILHAMENTO DO DIA				

Materiais gráficos

Apresentação

Professor/Professora,

Com o objetivo de oferecer uma variedade de recursos para ampliar e aprofundar as experiências vividas na creche, o material gráfico soma-se aos demais materiais digitais como apoio ao *Manual do Professor* desta obra. Está organizado em seções que apresentam elementos didáticos, todos relacionados a literacia e a numeracia, como exemplos e possibilidades para ampliar as propostas dos itinerários pedagógicos do livro impresso.



Literacia: desenvolver a literacia na primeira infância significa ampliar as experiências dos bebês e das crianças bem pequenas com conhecimentos, habilidades e atitudes relacionadas à produção da leitura e da escrita, conteúdos que serão sistematizados ao longo da escolarização. Na creche, a prática de literacia é vivenciada pela leitura cotidiana de histórias em voz alta (ou “contar” histórias), a escuta de histórias em dispositivos diversos, bem como a leitura dialogada, entremeada de expressões. Também pelo contato com materialidades que representam a cultura escrita produzidas pelo(a) professor(a): jogos, cartazes, murais, bilhetes, elementos estéticos, reprodução de obras etc.



Numeracia: aprender conhecimentos, habilidades e atitudes relacionados com a Matemática é o significado da Numeracia. Ao construírem suas primeiras referências sobre o mundo pela percepção, os bebês e as crianças bem pequenas reconhecem as características dos diferentes materiais, observando aspectos físicos como cor, peso, forma, tamanho e volume, identificando semelhanças e diferenças. Na creche, é pela brincadeira do dia a dia que as crianças constituem suas experiências de espacialidade, posicionamento, direcionalidade, localização. Também constroem suas primeiras noções relativas a quantidades e números em jogos, cantilenas e récitas, entre outras situações significativas organizadas pelo(a) professor(a).

Neste material, disponibilizamos recursos para impressão a fim de apoiar e auxiliar sua prática docente com bebês e crianças bem pequenas, promovendo a organização de um espaço ético e estético com imagens referenciadas, sugestão de jogos, brincadeiras tradicionais, brincadeiras musicadas, literatura da tradição oral brasileira, suportes textuais lúdicos, obras de arte.

Você encontrará:

1. Materiais visuais para a compreensão das intencionalidades dos itinerários pedagógicos e orientação da prática quanto aos conceitos dos campos de experiência trazidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por meio de frases que os relacionam com possibilidades práticas para contemplá-los.
2. Materiais, vitrais e móveis, para ambientação estética dos espaços de vida coletiva da creche.
3. Materiais visuais com temas de animais, plantas e objetos do cotidiano, para constituir referências estéticas, favorecer a comunicação, enfatizar propostas e mediar as relações das crianças com suas vivências.
4. Materiais para a organização de um acervo de objetos não estruturados a fim de favorecer a prática da construtividade e para referências imagéticas de construções que convidem a novos desafios.
5. Material para a elaboração processual de registros a fim de memoriar e celebrar as descobertas e as conquistas feitas pelos bebês e pelas crianças bem pequenas no cotidiano da creche.
6. Materiais para a construção de jogos de manusear, como memória, quebra-cabeças, dominós, jogo da velha, tangram, entre outros.
7. Materiais para a construção de jogos e brincadeiras motoras, como pé com pé, pé com forma, dado de movimentos corporais e brincadeiras com mímicas.
8. Materiais para a organização visual de painéis temáticos e livros coletivos com brincadeiras tradicionais vivenciadas pelas crianças e uma seleção de brincos, brinquedos cantados e cantigas de roda populares de diversas regiões do país.

Materiais gráficos

- 9.** Materiais de suporte textuais e gráficos para compor microcenários de brincadeiras de casinha, família, vendinha, escritório, cozinha, viagens, correios e festividades.
- 10.** Materiais gráficos com textos de adivinhas, parlendas, quadrinhas e trava-línguas da cultura popular brasileira para a confecção de cartazes que registrem imagneticamente as brincadeiras, com títulos e rimas – utilizando palavras-chave reconhecíveis pela turma –, para favorecer a ampliação do repertório cultural e linguístico.
- 11.** Material gráfico complementar para a produção de coleções de linhas, numerais e letras a serem organizadas no microcenário de desenho (de grafismo ou de representações).
- 12.** Materiais de suportes textuais e imagéticos para a leitura e contação de textos originários de povos europeus, indígenas e africanos e para a organização visual das histórias mais significativas para a turma, compondo acervo para o projeto de literatura.
- 13.** Materiais de suportes textuais e imagéticos, com referências de obras de arte, que representam artistas de diversos países do mundo, para compor os microcenários e oferecer aos bebês e às crianças bem pequenas oportunidades de ampliação de seu repertório cultural imagético e a comunicação de suas percepções.

Cada seção do material gráfico é composta de: (a) indicação da faixa etária e dos capítulos e itinerários pedagógicos do Manual do Professor relacionados ao tema; (b) um texto de contextualização a respeito do tema correlato; (c) as intencionalidades pedagógicas que podem ser contempladas pelas propostas do material; (d) sugestões de uso do material gráfico; (e) sugestões de ampliação; (f) quadro dos campos de experiência segundo a BNCC; e (g) material gráfico para impressão.

Desejamos contribuir para o acesso a um repertório cultural diversificado, sempre possível de expansão, para que bebês e crianças bem pequenas possam conhecer-se, conviver, expressar-se, explorar, brincar e participar de situações significativas de aprendizagens.

Bom trabalho!

Campos de experiências da BNCC

- Bebês e crianças bem pequenas
- Ver Capítulo 1 do Manual do Professor (A importância da creche)

● Contextualização

Como os campos de experiências estão presentes na creche? Professor(a), nesta obra, os itinerários pedagógicos constituem a organização didática de situações cotidianas (cenários) e de propostas específicas (trajetos) e estão articulados aos campos de experiências da Base Nacional Comum Curricular na Educação Infantil (BNCC). O material apresentado nas próximas páginas tem a finalidade de ampliar a compreensão sobre os campos de experiências e o modo como eles estão implicados na prática pedagógica, por meio de esquemas gráficos.

Para isso, primeiro, é preciso entender o que são os campos de experiências trazidos pela BNCC:

Considerando que, na Educação Infantil, as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças têm como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, assegurando-lhes os direitos de *conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se*, a organização curricular da Educação Infantil na BNCC está estruturada em cinco campos de experiências, no âmbito dos quais são definidos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.

Fonte: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Os campos de experiências articulam os conhecimentos construídos pela humanidade, as práticas culturais da comunidade, da região e do país e as múltiplas linguagens, promovendo os direitos de aprendizagem e de desenvolvimento das crianças. Esse arranjo curricular pode ser oportunizado na creche em uma pedagogia relacional, pois as aprendizagens acontecem nas experiências. Assim, os bebês e as crianças bem pequenas aprendem fazendo, interagindo, brincando, conhecendo-se, expressando-se, explorando, participando e convivendo. Isso se dá por meio das relações com seu próprio corpo, com seus familiares, pares e adultos – que formam sua rede de proteção e provimento –, com os espaços e objetos que integram os ambientes em que vivem e frequentam, com a qualidade das interações e brincadeiras e com uma organização temporal que priorize o tempo da infância e respeite os processos individuais dos bebês e das crianças bem pequenas.

Campos de experiências da BNCC



O começo da vida

Para auxiliar a compreensão do caráter global e integral das aprendizagens dos bebês e das crianças bem pequenas, recomendamos a série de vídeos do projeto “O começo da vida”. Os vídeos apresentam um compilado de reflexões e falas de especialistas sobre o desenvolvimento dos bebês, de pesquisadores, educadores e famílias que explicam a importância do afeto, do vínculo, das interações, dos espaços e das materialidades para o desenvolvimento na primeira infância.

Episódios da série:

Quando o aprendizado começa

<<https://ocomecodavida.com.br/quando-o-aprendizado-comeca/>>

Desenvolvimento do corpo

<<https://ocomecodavida.com.br/desenvolvimento-do-corpo/>>

Testando e aprendendo

<<https://ocomecodavida.com.br/testando-e-aprendendo/>>

O poder das palavras

<<https://ocomecodavida.com.br/o-poder-das-palavras/>>

A importância das interações

<<https://ocomecodavida.com.br/a-importancia-das-interacoes/>>

Bebês são cientistas

<<https://ocomecodavida.com.br/bebes-sao-cientistas/>>

Acessos em: 2 jul. 2020.

● Intencionalidade educativa

A intencionalidade educativa deste material digital, que contempla o Capítulo 1 do Manual do Professor, é voltada para a orientação e a formação de professores(as) quanto à compreensão de cada um dos campos de experiências e ao modo como são vivenciados na prática. A intenção é que os campos de experiências sejam orientadores da ação docente no planejamento, na observação, no registro, na documentação e na avaliação dos processos de aprendizagem e de desenvolvimento de bebês e crianças bem pequenas. São cinco os campos de experiências:

- O eu, o outro e o nós;
- Corpo, gestos e movimentos;
- Traços, sons, cores e formas;
- Escuta, fala, pensamento e imaginação;
- Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações.

O material é composto de:

- **Quadro** com a ementa de cada um dos campos de experiências, conforme a BNCC.
- **Infográfico** que sintetiza a ementa de cada um dos campos de experiências, para contribuir com a sua apropriação no cotidiano.
- **Nuvem de palavras** de referência sobre os campos de experiências: ações, conceitos, objetos e práticas.
- **Vivências na creche** que constituem parâmetros de cada campo de experiências, para observar as crianças e organizar proposições que garantam seus direitos de aprendizagem e de desenvolvimento: conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se.

Campos de experiências da BNCC

Lembre-se: A **Nuvem de palavras** e as **Vivências na creche** apresentam exemplos de situações que se inserem em cada campo de experiências. Mas cada um dos campos e suas intersecções são ainda mais potentes e amplas! No espaço dos *post-its* de **Ideias para o cotidiano** você poderá adicionar outras ações que se enquadrem em cada um dos campos de experiências. Sua prática pedagógica enriquecerá o material.

Sugestão de uso

Imprima os esquemas a seguir (**Quadro dos campos de experiências, Infográfico, Nuvem de Palavras e Vivências na creche**) e fixe-os em um local em que possam ser consultados facilmente. Os materiais também podem ser encadernados para uso diário.

Quadro dos campos de experiências

O eu, o outro e o nós – É na interação com os pares e com adultos que as crianças vão constituindo um modo próprio de agir, sentir e pensar e vão descobrindo que existem outros modos de vida, pessoas diferentes, com outros pontos de vista. Conforme vivem suas primeiras experiências sociais (na família, na instituição escolar, na coletividade), constroem percepções e questionamentos sobre si e sobre os outros, diferenciando-se e, simultaneamente, identificando-se como seres individuais e sociais. Ao mesmo tempo que participam de relações sociais e de cuidados pessoais, as crianças constroem sua autonomia e senso de autocuidado, de reciprocidade e de interdependência com o meio. Por sua vez, na Educação Infantil é preciso criar oportunidades para que as crianças entrem em contato com outros grupos sociais e culturais, outros modos de vida, diferentes atitudes, técnicas e rituais de cuidados pessoais e do grupo, costumes, celebrações e narrativas. Nessas experiências, elas podem ampliar o modo de perceber a si mesmas e valorizar sua identidade, respeitar os outros e reconhecer as diferenças que nos constituem como seres humanos.

Corpo, gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam-se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física. Na Educação Infantil, o corpo das crianças ganha centralidade, pois ele é o participante privilegiado das práticas pedagógicas de cuidado físico, orientadas para a emancipação e a liberdade, e não para a submissão. Assim, a instituição escolar precisa promover oportunidades ricas para que as crianças possam, sempre animadas pelo espírito lúdico e na interação com seus pares, explorar e vivenciar um amplo repertório de movimentos, gestos, olhares, sons e mímicas com o corpo, para descobrir variados modos de ocupação e uso do espaço com o corpo (tais como sentar com apoio, rastejar, engatinhar, escorregar, caminhar apoiando-se em berços, mesas e cordas, saltar, escalar, equilibrar-se, correr, dar cambalhotas, alongar-se etc.).

Traços, sons, cores e formas – Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas.

Campos de experiências da BNCC

Escuta, fala, pensamento e imaginação – Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social.

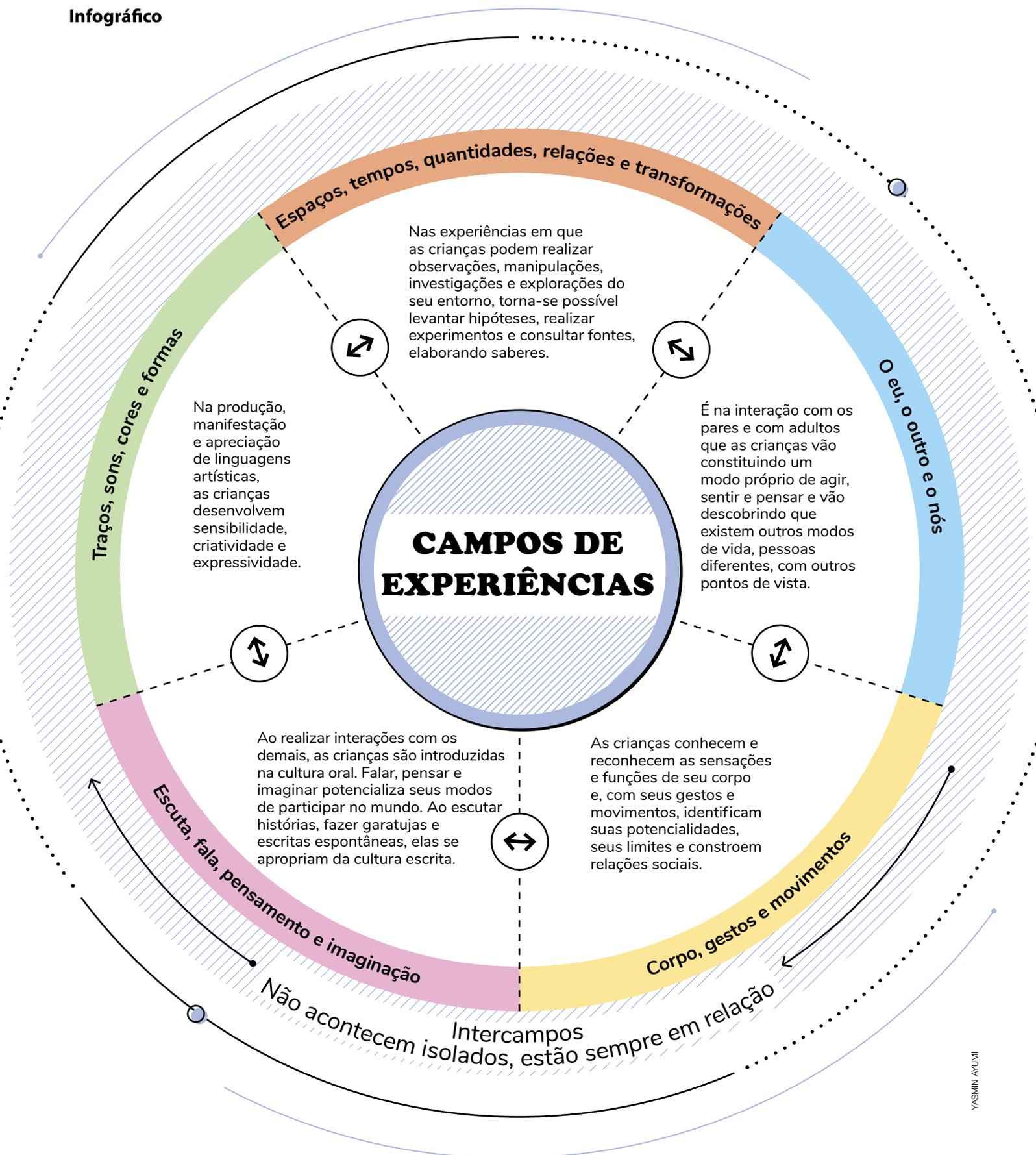
Desde cedo, a criança manifesta curiosidade com relação à cultura escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, dos gêneros, suportes e portadores. Na Educação Infantil, a imersão na cultura escrita deve partir do que as crianças conhecem e das curiosidades que deixam transparecer. As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Além disso, o contato com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis etc. propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita, que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como sistema de representação da língua.

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações – As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) e o mundo sociocultural (as relações de parentesco e sociais entre as pessoas que conhece; como vivem e em que trabalham essas pessoas; quais suas tradições e seus costumes; a diversidade entre elas etc.). Além disso, nessas experiências e em muitas outras, as crianças também se deparam, frequentemente, com conhecimentos matemáticos (contagem, ordenação, relações entre quantidades, dimensões, medidas, comparação de pesos e de comprimentos, avaliação de distâncias, reconhecimento de formas geométricas, conhecimento e reconhecimento de numerais cardinais e ordinais etc.) que igualmente aguçam a curiosidade. Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano.

(BRASIL, 2017, p. 40-43)

Campos de experiências da BNCC

Infográfico



YASMIN AYUMI

Infográfico adaptado pelos autores com base no documento “Campos de experiências: efetivando direitos e aprendizagens na Educação Infantil”. Fonte: <<http://movimentopelabase.org.br/wp-content/uploads/2019/04/Campos-de-Experi%C3%Aancias-PDF-interativo-2.pdf>>. Acesso em: 8 set. 2020.

Campos de experiências da BNCC

Nuvem de palavras:

O eu, o outro e o nós

Brincadeiras

Afetos

Pertencer

Diversidade

Interagir

Roda de conversa

Cadê? Achou!

Cuidar

Memória

Autonomia

Convivência

Individual

Pares

Escutar

Cuidado pessoal

Celebração



Cuidado

Acolher

O EU, O OUTRO E O NÓS

Jogos

Ajudar



Autoconhecimento

Cumprimentar e despedir-se

Fotografias

Amizade

Desejo

Vínculo

Abraçar

Sentimento

Reciprocidade



Coletivo

Álbum dos começos



Conversar

Grupo

Campos de experiências da BNCC

O eu, o outro e o nós

Vivências na creche

- Ser reconhecido
- Fazer escolhas
- Identificar-se em fotografias
- Participar de pequenos, médios e grandes grupos
- Ter valorizada suas características pessoais
- Experimentar novos alimentos
- Descobrir cheiros
- Sentir o vento na pele
- Ser encorajado a desafios possíveis
- Ouvir e ver livros com representações de pessoas diversas
- Construir laços de amizade
- Brincar de faz de conta
- Ser respeitado no seu tempo de desenvolvimento
- Receber e fazer carinho
- Expor suas hipóteses provisórias
- Fortalecer vínculos de afeto com os(as) professores(as) e seus pares
- Receber uma massagem
- Participar de brincadeiras de colo
- Abraçar e ser abraçado
- Tomar chá
- Brincar de suas brincadeiras favoritas
- Aprender jogos e brincadeiras da cultura local e de diferentes regiões do país
- Alegregar-se com suas conquistas
- Exercer seus saberes
- Concordar ou discordar
- Fazer as pazes em momentos de conflito
- Negociar com seus pares e professores(as) para juntos encontrarem soluções
- Ajudar a arrumar a mesa do lanche
- Demonstrar empatia quando alguém chora ou se machuca
- Perceber semelhanças e diferenças entre seu corpo e o dos seus pares
- Comunicar os sinais corporais – dor, fome, sono
- Falar eu quero e eu não quero
- Falar eu gosto e eu não gosto
- Se olhar no espelho
- Sentir a grama, a areia e as pedras
- Explorar os elementos da natureza
- Ninar bonecas, bonecos e bichos
- Preparar comidinha para bonecas e bonecos
- Participar de jogos cooperativos
- Expressar e ter acolhidos seus gestos, balbucios e palavras
- Investigar materialidades
- Participar de um piquenique com outra turma
- Conviver com crianças de outras idades
- Perceber seu reflexo
- Ser avisado do que vai acontecer
- Enviar cartas com o(a) professor(a) como escriba
- Ter um álbum dos começos
- Descobrir sua sombra
- Ouvir palavras carinhosas
- Ter seu choro escutado
- Vivenciar momentos coletivos
- Ser respeitado quando quer brincar sozinho
- Ouvir cantigas de sua cultura
- Dormir quando sente sono
- Nomear sensações
- Experimentar reiteradamente os cenários e trajetos pelos quais tem interesse
- Participar do cuidado de plantas
- Ter seu aniversário comemorado
- Receber palavras carinhosas nos momentos de troca de fralda
- Participar de celebrações de conquistas e de momentos especiais
- Ter o adulto abaixado à sua altura para lhe ouvir e conversar com ele
- Ter suas conquistas reconhecidas
- Ser acompanhado no seu desenvolvimento e processos de aprendizagem
- Ser auxiliado de acordo com suas necessidades
- Ser encorajado a construir sua autonomia
- Construir atitudes positivas em relação à diversidade étnico-racial, ambiental, de gênero, de língua, de religião
- Fazer por si na medida em que constrói sua autonomia
- Andar de mãos dadas com seus pares
- Ser tocado com cuidado e afeto

ESPAÇO PARA VOCÊ COMPLETAR

Campos de experiências da BNCC

Nuvem de palavras:
Corpo, gestos e
movimentos

Correr
Cantar
Arremessar Escalar • Autonomia
Consciência corporal Bamboles
Brincadeiras ~ Habilidades viso-motoras
Puxar Descer Manusear : Lateralidade
Cordas Imitar Rolar Lavar as mãos
Proprioceptividade • Caixas Rodar

CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS

Canções Sensações Vestir-se
Empurrar Movimentar-se Dançar
Cuidado pessoal Direção e sentido
Habilidades manuais Expressão corporal
Subir : Mímicas Saltar Caminhar Rastejar Circuitos
Partes do corpo • Autocuidado
Girar Jogos corporais ~
Sentir Engatinhar Segurar
Bolas

Campos de experiências da BNCC

Corpo, gestos e movimentos

Vivências na creche

- Conhecer e nomear as partes do seu corpo
- Unir as mãos
- Segurar um objeto e passar de uma mão para outra
- Segurar o pé
- Segurar dois objetos ao mesmo tempo, um em cada mão
- Perceber como o corpo ocupa os espaços
- Virar o dorso para o lado direito ou esquerdo, ficando com o corpo deitado de lado
- Girar o corpo e ficar com a barriga para baixo
- Sentar-se e levantar-se
- Levantar a colher até a boca
- Bater palmas
- Pinçar um objeto pequeno
- Ajoelhar-se
- Ficar de cócoras
- Ficar de pé com apoio
- Ficar de pé e andar com apoio
- Andar sem apoio
- Segurar forte em apoio para não cair
- Alongar-se
- Rodar, rolar e girar o corpo
- Rosquear e desrosquear uma tampa
- Saltar com dois pés
- Pular com um pé só
- Andar de costas
- Segurar as mãos e girar em brincadeiras de roda
- Escalar uma árvore ou brinquedo
- Subir na balança e no escorregador
- Abrir e fechar a torneira
- Escovar os dentes
- Ter acesso a uma alimentação saudável e equilibrada
- Manifestar afeto pelo outro
- Meditar
- Vestir e desvestir calçados e roupas
- Ajudar um amigo a calçar os sapatos
- Produzir traços com os movimentos do corpo
- Exercer o cuidado pessoal de si
- Brincar de pega-pega
- Dramatizar sentimentos com expressões faciais
- Movimentar o corpo seguindo o ritmo da música
- Imitar movimentos de animais
- Imitar movimentos orientados
- Fazer xixi no vaso sanitário
- Fazer cocô no vaso sanitário
- Celebrar o primeiro dia sem escapes
- Ser respeitado no período em que ocorrer o desfralde
- Arremessar, lançar, segurar e puxar objetos em jogos e brincadeiras
- Diferenciar gestos fortes e suaves
- Diferenciar movimentos rápidos e lentos
- Brincar de estátua
- Apostar corrida
- Carregar objetos pesados
- Brincar de faz de conta de aventura
- Sentir-se forte e potente
- Explorar diferentes formas de movimentar o corpo
- Sentar-se em roda
- Brincar com bambolês
- Projetar seu corpo em brincadeiras de luz e sombra
- Fazer desenhos e pinturas em paredes ou papéis grandes
- Ter as partes do seu corpo nomeadas no momento da troca de fraldas
- Pintar o corpo
- Brincar de mímica de expressões e movimentos corporais
- Compreender sua respiração – inspirar e expirar
- Envolver-se em brincadeiras tradicionais
- Sentir a grama, a areia, as pedras, o vento, a chuva em contato com sua pele
- Manipular argila e massa de modelar
- Brincar com peteca
- Ter contato com as artes circenses
- Utilizar criativamente o repertório da cultura corporal e do movimento
- Ter suas necessidades corporais atendidas e respeitadas
- Construir a percepção de seu corpo em relação ao espaço
- Dançar e cantar
- Escutar músicas de diferentes ritmos
- Sentir o pulsar e as batidas do coração, os sons e os ruídos do corpo
- Perceber as sensações de calor, frio, seco e molhado e as transformações e manifestações do seu corpo, como as dores e as excreções
- Comunicar os sinais corporais, como dor, fome, sono
- Pinçar miudezas no quintal, como folhas, pedrinhas e flores
- Ser avisado quando seu nariz estiver escorrendo para ser limpado com delicadeza e cuidado e ser também incentivado a limpar o próprio nariz

ESPAÇO PARA VOCÊ COMPLETAR

Campos de experiências da BNCC

Nuvem de palavras:

Traços, sons, cores e formas

Música Observar
Lápis de cor Emoções
Apreciar
Peso Instrumentos musicais Produzir
Percutir
Elementos naturais Pintar Tintas
Cantar
Multimídia Dançar Formas bidimensionais
Tecnologia Planos Desenhar Volume Sons
Criar Criatividade
Argila Cheiros Massa de modelar
Manifestações culturais Multissensorialidade Ritmos

**TRAÇOS, SONS,
CORES E FORMAS**

Manifestações Intensidades Garatujar
Modelar Cores Discriminação auditiva Sensibilidade
Papéis variados Areia Giz de cera
Audiovisual Melodia Timbres Marcar
Explorar Inventar Repertórios Linguagens artísticas
Sentimentos Carvão Texturas Canetões
Rasgar Formas tridimensionais Instalações
Amassar Obras artísticas Rabiscar
Garatujas Estética Superfícies Macerar
Artesanato

Campos de experiências da BNCC

Traços, sons, cores e formas

Vivências na creche

- Ter acesso a materiais de qualidade
- Vivenciar propostas em duplas, trios, pequenos e médios grupos
- Estar em espaços esteticamente organizados e projetados
- Explorar diferentes riscantes – giz de cera, giz de quadro, lápis de cor, canetão, carvão
- Participar da produção de tintas naturais
- Produzir traços com os movimentos de todo o corpo
- Produzir garatujas e desenhos
- Narrar histórias a partir de desenhos e pinturas
- Conviver com obras de artistas de sua comunidade e de outros lugares
- Desenhar na areia com gravetos
- Explorar papéis de diferentes tamanhos e gramaturas, papelão, parede, chão, madeira etc. com materiais adequados a cada um deles – água, argila, terra, areia, tintas naturais, aquarelas e os materiais riscantes
- Experimentar as sensações corporais causadas pelo contato com diferentes materialidades
- Utilizar elementos da natureza – sementes, folhas, gravetos, flores, pedras etc. – em suas experimentações e explorações
- Produzir esculturas com diferentes materialidades: gravetos, caixas de papelão, papel machê, cordas etc.
- Observar as variações da cor do céu ao longo do dia
- Deitar na grama para ver e imaginar formas em nuvens
- Continuar, se desejarem, as propostas que iniciaram nos outros dias
- Brincar de produzir sons com o próprio corpo – qual som o batoque com as mãos produz em cada parte do corpo?
- Brincar de telefone sem fio
- Brincar de apresentações teatrais e musicais
- Aprender ritmos musicais da cultura regional e popular
- Aprender sobre as práticas artísticas e artesanais presentes em sua comunidade
- Participar de festividades e folguedos tradicionais
- Vivenciar a continuidade de processos
- Ter acesso ao patrimônio artístico e cultural da humanidade em situações pertinentes às vivências do grupo
- Conhecer, se possível, artistas da comunidade local
- Dançar com tecidos e lenços
- Explorar sons produzidos por materiais, objetos e instrumentos musicais
- Escutar, perceber e imitar sons presentes em seu cotidiano (chuva, vento, passarinho, cachorro, caminhão, moto etc.)
- Acompanhar, com objetos sonoros e instrumentos musicais, músicas de ritmos diversos

ESPAÇO PARA VOCÊ COMPLETAR

Campos de experiências da BNCC

Nuvem de palavras: Escuta, fala, pensamento e imaginação



Campos de experiências da BNCC

Escuta, Fala, Pensamento e Imaginação

Vivências na creche

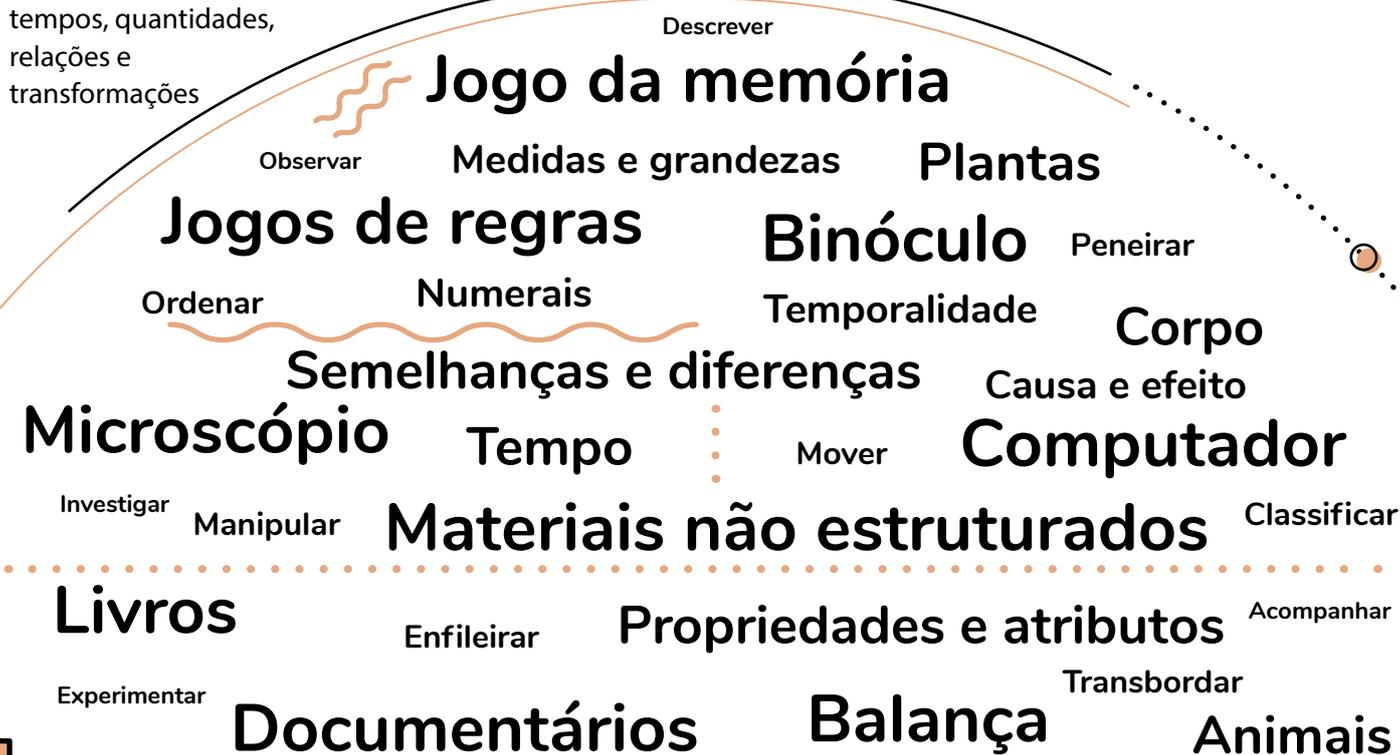
- Expressar-se com balbucios, choro e riso
- Utilizar palavras para nomear objetos, seres, fenômenos, características, sensações e emoções
- Expressar-se com pequenas frases
- Cantarolar
- Reconhecer o seu nome e o das pessoas de sua convivência
- Recitar do seu modo parlendas, adivinhas e versinhos
- Cantar uma música inteira
- Explorar sonoridades e vocalizações
- Escutar, perceber e imitar sons presentes em seu cotidiano (chuva, vento, passarinho, cachorro, caminhão, moto etc.)
- Brincar com objetos sonoros e instrumentos musicais
- Comunicar-se com os meios que dispõem de acordo com seu desenvolvimento
- Comunicar-se pelo olhar e por gestos com seus pares e adultos
- Dialogar com seus pares e adultos utilizando sua expressividade
- Cantar
- Ter liberdade para expressar pensamentos e sentimentos
- Ter suas conquistas no desenvolvimento oral reconhecidas
- Escutar e considerar o que é comunicado por seus pares e adultos
- Ser escutado e considerado ao expressar seus sentimentos, pensamentos e ideias
- Ter um(a) professor(a) escreva
- Apropriar-se dos modos de conversas em roda – levantar a mão, terminar de escutar o outro, comunicar “eu quero falar”, “é minha vez de falar”, “hoje eu não quero falar”, “eu acho que...” etc.
- Segurar e folhear os livros, passar os dedos sobre as imagens e palavras
- Perceber as diferenças entre imagem e escrita
- Ter acesso a livros adequados ao momento de seu desenvolvimento
- Escutar histórias que contem sobre ações cotidianas – acordar, tomar café da manhã, escovar os dentes, brincar, tomar banho, dormir
- Reconhecer-se nas imagens dos livros
- Escutar poesias, versinhos e histórias rimadas
- Ter acesso a livros e imagens que contemplem a diversidade étnica e cultural
- Participar de momentos de contação de história adequados ao seu desenvolvimento
- Aprender o nome das sensações corporais que experimenta
- Compreender em situações cotidianas a função da linguagem escrita
- Inventar histórias
- Propor continuidade para as histórias que conhece
- Imaginar e construir narrativas para livros sem texto
- Escutar contos rítmicos
- Experimentar momentos de contação de história com diversos suportes – livros, fantoches, gestos, bonecos, dedoches, teatro de sombras etc.
- Assistir a apresentações musicais e teatrais
- Ter os livros em local de fácil acesso
- Aprender como manusear e cuidar dos livros
- Ter a continuidade de suas falas incentivadas pelos adultos
- Participar da decisão dos combinados do grupo
- Ter seu nome escrito junto a seus pertences
- Expressar seus saberes sobre parlendas, adivinhas, quadrinhas ou versinhos no contato com imagens e palavras em livros e painéis na creche
- Brincar com brincos tradicionais – brincadeiras cantadas e com movimentos (serra serrador, a casinha da vovó, janelinha, gato comeu)
- Ter acolhida pelo(a) professor(a) sua criatividade e expressividade
- Brincar com tecidos e fantasias
- Brincar em ambientes e com materialidades que convidem ao faz de conta
- Brincar de telefone sem fio
- Narrar histórias a partir de desenhos, pinturas, sons
- Conviver com adultos que digam “Como você está se sentindo?”, “Conte mais sobre isso”, “Eu gosto muito de te escutar”
- Relacionar o que está sentindo com o nome do sentimento

ESPAÇO PARA VOCÊ COMPLETAR

Two large empty rectangular boxes for completion, with a hatched border on the right side of the right box.

Campos de experiências da BNCC

Nuvem de palavras: Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações



ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES



Campos de experiências da BNCC

Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações

Vivências na creche

- Explorar diferentes ritmos, velocidades, intensidades, sequências de melodia e timbres em brincadeiras cantadas
- Observar, reconhecer e conversar sobre as diferentes cores, formas e texturas presentes na natureza, bem como suas variações de tonalidades ao longo do ano
- Observar as variações da cor do céu ao longo do dia
- Perceber as mudanças climáticas ao longo das estações
- Acompanhar acontecimentos da natureza
- Participar de rodas de música com desafios de tocar um de cada vez, tocar só os que estão com determinado instrumento, tocar todos juntos
- Criar hipóteses provisórias que expliquem “como”, “quando” e “o porquê” das coisas
- Perceber como o corpo ocupa diferentes espaços – grandes, pequenos, largos, estreitos, compridos, curtos etc.
- Apropriar-se progressivamente dos dias da semana por meio de acontecimentos que diferenciem os dias – piquenique, integração com outro grupo, contação de história com teatro de sombras etc.
- Produzir ações e modificações em objetos ou no ambiente ao explorá-lo
- Observar, investigar e construir hipóteses provisórias sobre os fenômenos astronômicos – ação da luz, calor, som, força, movimento etc.
- Observar, indagar, investigar e construir hipóteses provisórias sobre os fenômenos atmosféricos – chuva, vento, redemoinho, arco-íris, nuvens etc.
- Observar, indagar, investigar e construir hipóteses provisórias sobre fenômenos físicos - refletir, ampliar, inverter imagens, transmitir e ampliar som, propriedades ferromagnéticas etc.
- Observar, indagar, investigar e construir hipóteses provisórias sobre fenômenos biológicos – crescimento de organismos vivos e suas características
- Participar da organização da mesa do lanche dispondo os objetos sobre a mesa – contar com o(a) professor(a) o número de pratos, copos e talheres
- Encaixar objetos dentro de outros
- Enfileirar objetos e elementos da natureza
- Criar ordens em circuitos com materialidades grandes
- Fazer construções com materiais não estruturados
- Contar objetos, pessoas, elementos da natureza etc.
- Comparar objetos e elementos da natureza com fotografias e pinturas
- Participar da construção de coleções coletivas com elementos de interesse dos grupos
- Participar de experiências que provoquem a curiosidade e oportunizem a investigação por meio de instrumentos como lanterna, lupa, máquina fotográfica, gravador, filmadora, projetor, microscópio e computador
- Apropriar-se de concepções espaciais, como o nome e a localização dos ambientes que compõem a creche – salas, quintal, corredor, banheiro, refeitório etc.
- Expressar suas observações, hipóteses e explicações sobre objetos, organismos vivos, fenômenos da natureza por meio dos gestos, da oralidade, de desenhos, da fotografia, da modelagem, da produção de textos com o(a) professor(a) como escriba etc.
- Comparar e classificar objetos de acordo com suas características – tamanho, forma, cor, peso, textura, cheiro
- Perceber que as pessoas têm características diferentes – cor da pele, gênero, tipos de cabelo, altura, uso de acessórios etc. –, valorizando-as
- Conhecer e nomear as partes do seu corpo
- Identificar relações espaciais – dentro, fora, em cima, embaixo, ao lado, em frente, atrás
- Construir noções temporais – noite, dia, ontem, hoje, amanhã, antes, depois

ESPAÇO PARA VOCÊ COMPLETAR

Two large empty rectangular boxes with a decorative border, intended for the student to complete their work. The boxes are positioned side-by-side and occupy most of the lower half of the page.

MóBILE Mandala Estrela

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2 – Ambiência mediadora
- Capítulo 4 – Ritos cotidianos
- Capítulo 6 – Observando luz e sombra

● Contextualização

“As mandalas são desenhos de formas geométricas concêntricas. Ou seja, que se desenvolvem a partir de um mesmo centro.

[...]

Os primeiros registros de criação de mandalas datam do século 8, na região em que fica localizado o Tibete. Desde o princípio os desenhos eram usados na religião budista como uma forma de concentração e auxílio na meditação.

No mesmo período também foram encontradas mandalas nas regiões da Índia, China e mais tarde no Japão. Fazendo parte, assim, não só do budismo, mas também do hinduísmo e até do taoísmo, no qual os símbolos *yin e yang* são considerados uma mandala.

[...]

No entanto, mesmo que os primeiros registros oficiais tenham vindo do Oriente, foi descoberto que os nativos do continente americano também faziam uso de formas geométricas concêntricas em rituais. Principalmente nos cultos relacionados à cura. Já entre os séculos 16 e 18 a igreja começou a usar os desenhos em artes sacras e em vitrais de prédios importantes. [...]

PAULINO, Tailane. O que é uma mandala? Estudo prático – *Terra Educação*. Disponível em: <<https://www.estudopratico.com.br/o-que-e-mandala>>. Acesso em: 18 jun. 2020. Texto adaptado.

As mandalas são, portanto, símbolos materiais de diversas culturas e podem ser encontradas em vários lugares do mundo. Sua forma geométrica e as repetições que estão no mesmo centro reproduzem efeitos visuais encantadores. Sua produção tridimensional em móbile de papel possibilita que se movimentem mesmo com poucas correntes de vento. Sua forma vazada possibilita que a luz passe através de sua forma e produza efeitos de luz e sombra.



Ser criança é natural

Canal Ser criança é natural. Episódio 1: Brincar Natural.

O vídeo faz parte do projeto “Ser criança é natural” e apresenta uma reflexão e um debate entre duas educadoras sobre a importância do brincar na natureza para os bebês e as crianças bem pequenas. A partir dos 19 minutos do vídeo, as professoras abordam os temas dos efeitos da luz do sol e do vento e as possibilidades de explorá-los em atividades com a faixa etária.

MóBILE Mandala Estrela

● Intencionalidade educativa

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2 – Ambiência mediadora
- Capítulo 4 – Ritos cotidianos
- Capítulo 6 – Observando luz e sombra

Os móveis de papel contribuem para ampliar o repertório de experiências estéticas e sensoriais ao compor a ambiência mediadora. Por ser feito de papel, um material leve, este móbil se movimenta (gira e balança) ao entrar em contato com correntes de ar. O móbil que será construído nesta atividade é vazado e, por isso, possibilita a passagem de luz, produzindo efeitos de luz e sombra.

O móbil Mandala Estrela tem a finalidade de compor a ambiência mediadora, conforme apresentado no capítulo 2 do Manual do Professor. Ou seja, ser parte do cenário pedagógico (ver capítulo “Compor tempos”, do Manual do Professor) organizado pelo(a) professor(a), compondo o cotidiano e permitindo que reiteradamente a criança estabeleça relação com seus efeitos.

O móbil Mandala Estrela tem a intencionalidade pedagógica de oferecer oportunidades para que os bebês e as crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade pedagógica	Nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo a materialidade e os efeitos do móbil como imagem propulsora da interação. <input checked="" type="checkbox"/> Ampliar seu repertório imagético, estético e artístico ao apreciar uma diversidade de formas e cores presentes no móbil e seus efeitos de movimento e de luz e sombra. <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo e movimentos ao deslocar-se (rolar, rastejar, engatinhar ou andar, sentar-se, levantar-se, apoiar-se e esticar braços e pés), por meio de sua movimentação livre, ao encontro dos efeitos de luz e sombra produzidos no chão ou na parede, para tocar. <input checked="" type="checkbox"/> Desafiar seu corpo, em trajetos investigativos, ao impulsioná-lo, saltar, abaixar-se tentando capturar os efeitos produzidos pelas lanternas e projeções. <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. <input checked="" type="checkbox"/> Observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias sobre os efeitos e os movimentos gerados pelo contato do móbil com a luz e o vento. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Compor a ambiência mediadora em diversos espaços: * Onde há produção de efeitos de luz solar e sombra no chão e na parede (Ver Capítulo 2 do Manual do Professor – elementos estruturantes: varanda, solário e pátio coberto). * Onde há corrente de ar. * No ambiente em que bebês e crianças bem pequenas dormem. <input checked="" type="checkbox"/> Em contextos de luz e sombra com lanterna ou retro-projetor. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Apreciar <input type="checkbox"/> Deslocar-se <input type="checkbox"/> Esticar-se <input type="checkbox"/> Tocar a sombra <input type="checkbox"/> Pinçar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Criar cenários, trajetos e projetos <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Estar em interação <input type="checkbox"/> Capturar situações <input type="checkbox"/> Projetar <input type="checkbox"/> Promover ações <input type="checkbox"/> Acompanhar <input type="checkbox"/> Interpretar

MóBILE Mandala Estrela

! **Lembre-se:** Por ser um material de papel e, por isso, mais frágil, o uso mais adequado da Mandala Estrela é na ambientação do espaço, tornando-o acolhedor, artístico e agradável. Por essa razão, recomendamos que ele seja pendurado mais alto.

Algumas sugestões de uso do móBILE Mandala Estrela na ambiência mediadora e nos trajetos investigativos:

1. Para gerar efeitos de luz e sombra, você pode posicionar o móBILE próximo à janela, à luminária ou usá-lo com outros recursos de iluminação, como lanternas e retroprojektor.

- ✓ Janelas: observe a maneira como a luz incide nos espaços do ambiente e teste o móBILE, gerando formatos por meio da sombra no chão, na parede ou no teto.
- ✓ Lanterna: ligue a lanterna para iluminar o móBILE; o efeito será a projeção da forma do móBILE na superfície projetada, que pode ser o chão, a parede, o teto ou o tecido.
- ✓ Retroprojektor: posicione o móBILE sobre a superfície luminosa do retroprojektor; o efeito será a projeção da forma do móBILE na superfície que recebeu a luz do retroprojektor, podendo ser o chão, a parede, o teto ou um tecido.

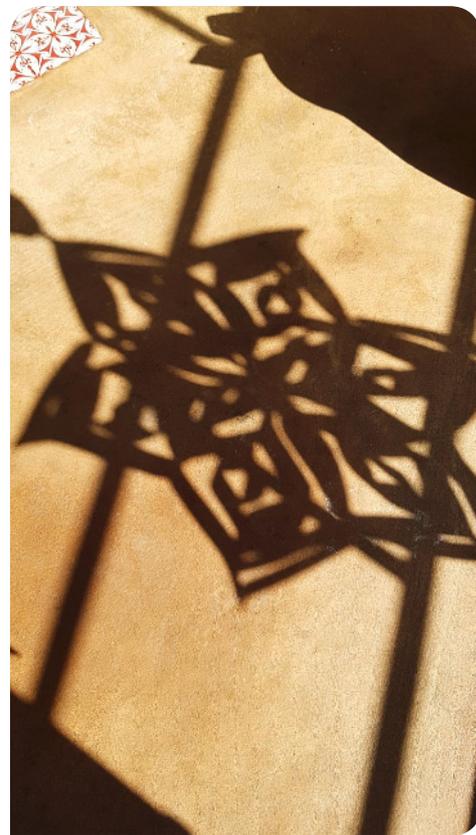
2. Cena de trajeto para crianças bem pequenas.

Prepare um trajeto de investigação de luz e sombra em um ambiente com poucos móveis. Feche as cortinas, encontre um bom lugar para pendurar o móBILE, onde seja possível, com o uso da lanterna, gerar projeções do objeto em uma parede e de modo que a projeção fique na altura das crianças. Organize as lanternas enfileiradas sobre o chão, tablado ou mesa, na altura das crianças. Convide um pequeno grupo a vivenciar o trajeto investigativo de luz e sombra. Antes de iniciar o trajeto, explique para as crianças que elas vão participar de um trajeto de luz e sombra, que poderão usar as lanternas e pergunte: O que será que vocês vão fazer? Com tranquilidade, deixe as crianças explorarem o espaço e os elementos. As crianças se aproximarão da lanterna, testarão formas de acender e apagar, passar a luz pelo espaço, por seu corpo, até perceberem os efeitos que produzem na parede, com o móBILE e com seu corpo. O adulto pode balançar, subir e descer o móBILE, enquanto o ilumina com a lanterna, e perguntar: “Quem consegue pegar a sombra da estrela?”. Inicia-se uma brincadeira coletiva de saltar, abaixar-se, impulsionar e esticar o corpo em resposta ao desafio lançado pelo(a) professor(a). Cinco minutos antes de finalizar, avise que, em breve, será o momento de organizar. Convide as crianças para devolver a lanterna no lugar indicado e, juntos, arrumem o espaço. Enquanto isso, você pode cantar uma música, inventando uma melodia. Observem juntos se tudo ficou organizado da maneira como estava antes:

“A sala está ficando bem arrumadinha,
Porque o(a) (citar o nome da criança) está ajudando.
A sala está ficando bem arrumadinha,
Porque (citar o nome do(a) professor(a)) está ajudando (Bis)”.

3. A mandala pode ser impressa em papéis de diferentes cores para ampliar o repertório de percepções visuais (Ver imagem na página 43 deste material).

4. Com as crianças bem pequenas, pode-se trabalhar em conjunto o conto indígena “Como nasceram as estrelas”. No rito cotidiano (ver capítulo 4 – Compor tempos – do Manual do Professor) dos momentos do descanso e sono, após organizar o espaço acolhedor e intimista e com as crianças deitadas, em um tom de voz baixo e tranquilo, vire o móBILE na horizontal, acenda a lanterna, projetando, no teto, a sombra do móBILE e conte a história. Repita esse ritual todos os dias ao longo de um mês. A reiteração é muito importante para as crianças bem pequenas.



ARQUIVO DA AUTORA

Sombra da Mandala Estrela no chão.

MóBILE Mandala Estrela

- ✓ “Como nasceram as estrelas”: recontado por Clarice Lispector no livro *Doze lendas brasileiras* e transformado em versão em áudio no CD com mesmo nome.

● Para ampliar

Para serem dispostos na altura dos bebês e das crianças bem pequenas, os móveis e as cortinas sensoriais (ver imagens a seguir) podem ser feitos com:

- ✓ elementos da natureza presentes no Centro de Educação Infantil (CEI) ou na Creche e em suas proximidades, como folhas, conchas grandes, penas, flores, entre outros.
- ✓ materiais reutilizáveis e arrecadados pela comunidade, como tampinhas de garrafa, garrafas PET, CDs inutilizados, redinha de embalar frutas, rolos de papel higiênico e papel toalha, latas de leite, caixa de ovos, entre outros.

Professor(a), você mesmo pode confeccionar as cortinas sensoriais, utilizando retalhos de tecidos de diferentes texturas, fios de malha, rolhas de cortiça, tampinhas de plástico de diferentes cores e tamanhos, pompons, guizos e outros materiais que transmitam à criança a sensação de liso e áspero, grosso e fino, grande e pequeno, silencioso e sonoro, sem, contudo, machucar suas mãos.

Móviles que produzem sons pelo vento ou pelo manuseio desenvolvem a consciência sonora por meio das variedades rítmicas e, por consequência, a consciência fonológica quando os bebês e as crianças bem pequenas buscam imitar os sons com a voz.

O meio ambiente:
O cuidado com os materiais é revelador da preocupação com o meio ambiente.
Ao reutilizar os materiais, evitamos a produção de mais resíduos, contribuindo para um planeta mais sustentável.

- ! **Lembre-se:** É importante que as crianças e/ou suas famílias participem da busca e da escolha dos elementos da natureza ou de materiais reutilizáveis. Assim, as crianças exercem o direito de participar.



Cortina sensorial de tampas de garrafa plástica.

Móbile Mandala Estrela

CLAUDIA MARIANO



Móbile sensorial com ervas e partes de plantas – ver, cheirar, tocar.

Dica:

Promova possíveis desafios. Posicione os móveis em alturas que incentivem as crianças a construir estratégias corporais para tocar nos materiais. Como esticar pernas e braços, saltar, escalar e equilibrar-se.

Essas propostas se articulam com os seguintes objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI01EO06	EI02EO03 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG01 EI01CG02 EI01CG05	EI02CG01 EI02CG02 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS01	EI02TS01 EI02TS03
ESCUTA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF06 EI01EF08	EI02EF02 EI02EF03 EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET01 EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05 EI01ET06	EI02ET01 EI02ET02 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06

MóBILE Mandala Estrela

Com estas atividades, você também desenvolverá, de acordo com a DCNEI (2009, p. 16)¹:

TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS

O princípio estético: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

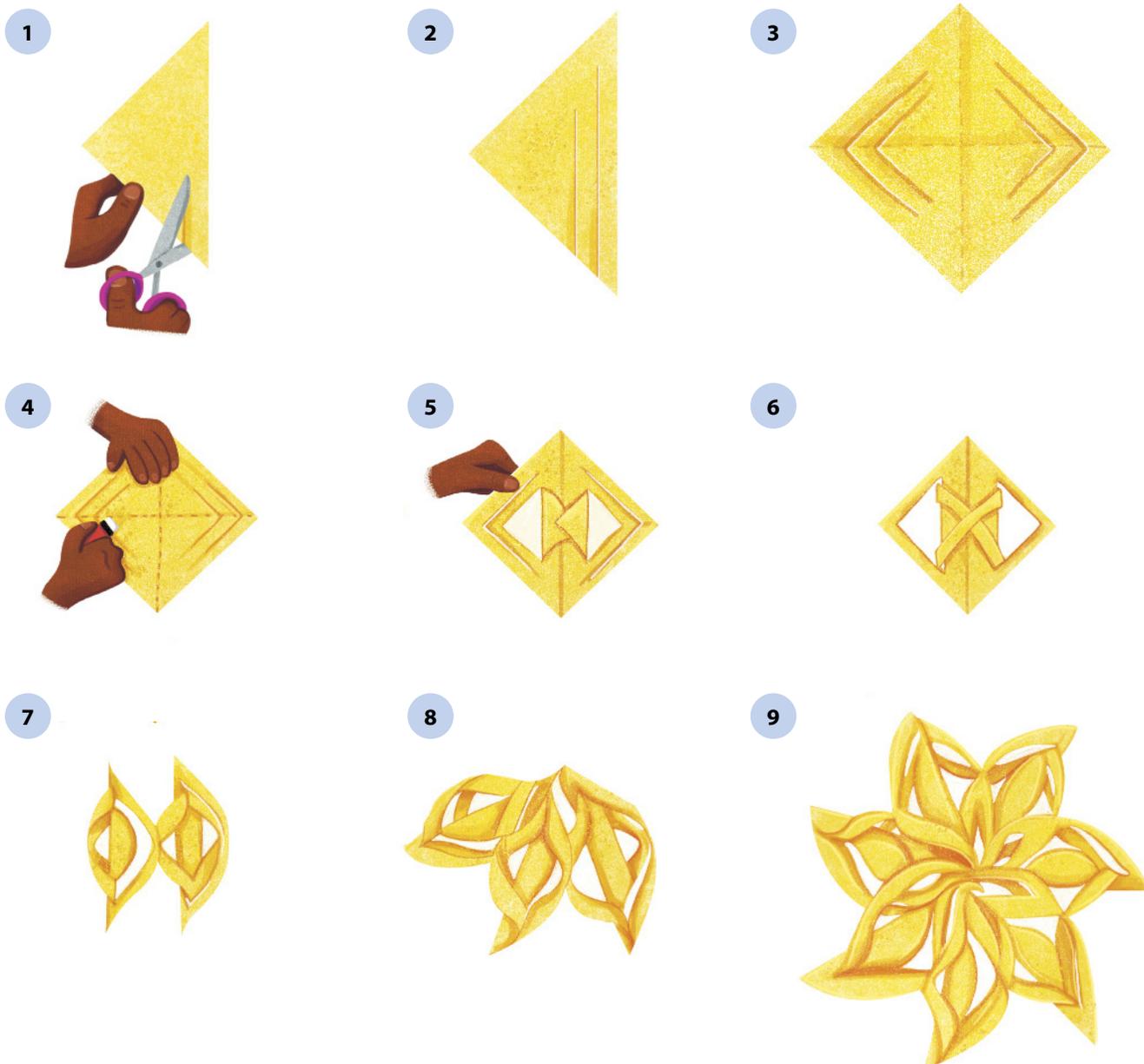
● 0 móBILE Mandala Estrela

Materiais

Molde gráfico da página 44; seis folhas de papel sulfite ou em cores, quadrados, do mesmo tamanho; cola branca; tesoura; durex ou furador de papel; fio de náilon ou outro de sua preferência; aro, bastidor, folhas, gravetos ou outro elemento da natureza de sua preferência.

Passo a passo

Para fazer o móBILE Mandala Estrela, siga as ilustrações e as etapas descritas a seguir.



CLAUDIA MARIANO

¹ DCNEI: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil.

MóBILE Mandala Estrela

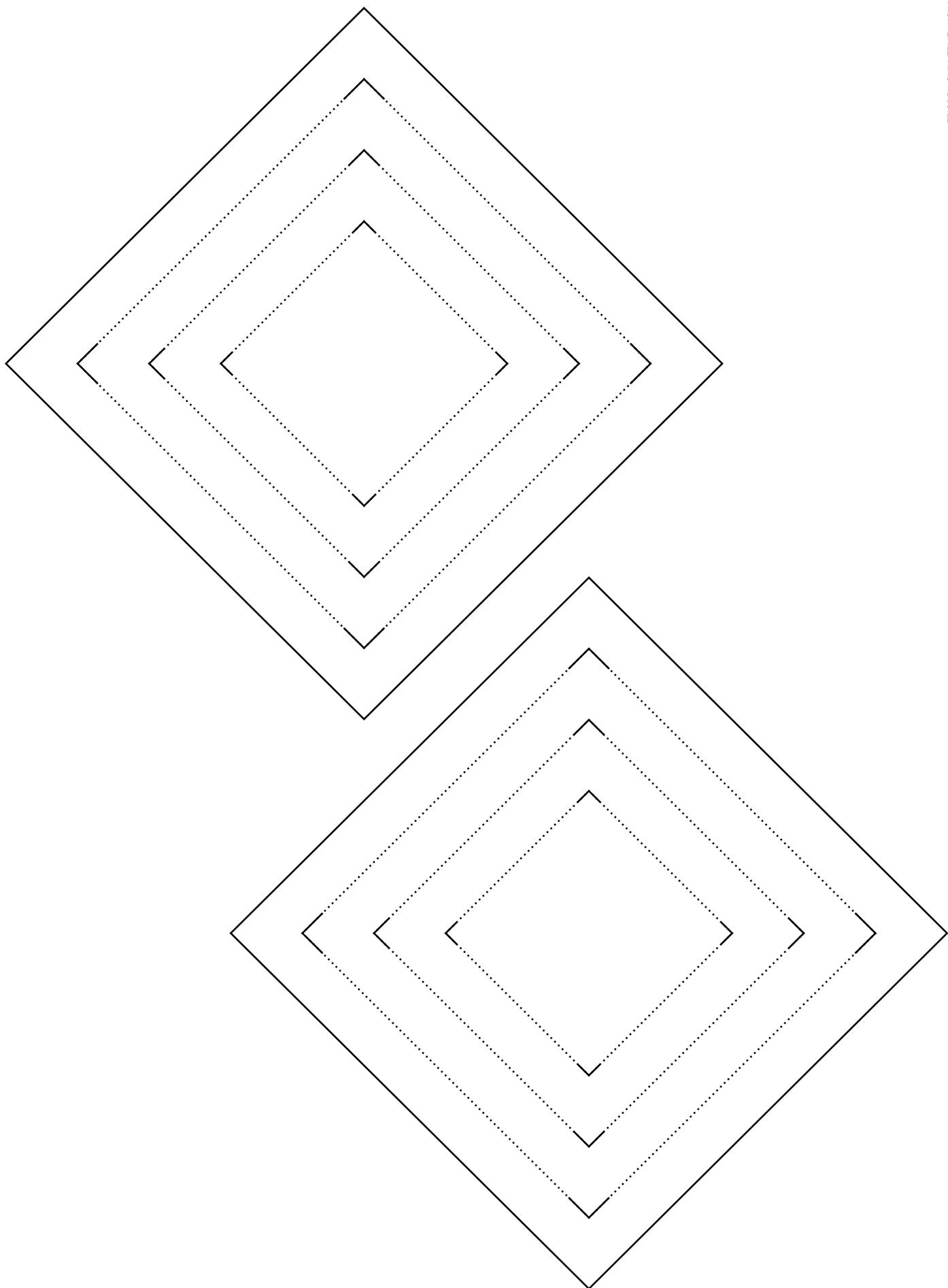
1. Imprima a imagem da página seguinte. Dobre o quadrado formando um triângulo.
2. Dobre o triângulo ao meio formando um triângulo menor.
3. Com a tesoura, corte na linha, partindo do lado do triângulo em que as partes do papel estão soltas.
4. Abra o triângulo voltando para o formato inicial de quadrado.
5. Cole as duas pontas internas.
6. Vire o papel e, do outro lado, cole as duas pontas da sequência.
7. Vire novamente o papel e, do outro lado, cole as duas pontas da sequência.
 - Agora você tem uma das pontas dessa mandala pronta.
8. Repita o processo seis vezes.
 - Você pode escolher usá-las separadas, como na imagem do móbile ao lado, ou juntá-las formando uma mandala maior (ver imagem 9 anterior).
9. Pegue duas pontas e cole suas extremidades; siga esse processo até colar todas as pontas.
10. Cole o meio das pontas, nas partes onde se ligam entre si, para que todas as partes fiquem coladas e juntas.
 - Você terminou a mandala! Vamos fazer o móbile?
11. Com o furador de papel fure a extremidade da mandala.
12. Passe o fio de náilon pelo furo e amarre.
13. Escolha a estrutura do móbile usando gravetos, aros, bastidores ou outro material (você pode usar sua criatividade!).
14. Amarre o fio de náilon com a mandala na estrutura.
 - Repita os procedimentos de acordo com o número de mandalas que deseja pôr no móbile.

Dica:

Para fazer uma estrela com seis pontas, é preciso seis quadrados.



Móbile Mandala Estrela



Animais que podem ser encontrados no quintal

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2: Contexto do grupo de idade – microcenários
- Capítulo 5: Jogos com regras
- Capítulo 6: Quintal sensacional e Passeando na natureza
- Capítulo 7: Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

Contextualização

“O Brasil é um país de proporções continentais: seus 8,5 milhões km² ocupam quase a metade da América do Sul e abarcam várias zonas climáticas – como o trópico úmido no Norte, o semiárido no Nordeste e áreas temperadas no Sul. Evidentemente, estas diferenças climáticas levam a grandes variações ecológicas, formando zonas biogeográficas distintas ou biomas: a Floresta Amazônica, maior floresta tropical úmida do mundo; o Pantanal, maior planície inundável; o Cerrado de savanas e bosques; a Caatinga de florestas semiáridas; os campos dos Pampas; e a floresta tropical pluvial da Mata Atlântica. Além disso, o Brasil possui uma costa marinha de 3,5 milhões km², que inclui ecossistemas como recifes de corais, dunas, manguezais, lagoas, estuários e pântanos.

A variedade de biomas reflete a enorme riqueza da flora e da fauna brasileiras: o Brasil abriga a maior biodiversidade do planeta. Esta abundante variedade de vida – que se traduz em mais de 20% do número total de espécies da Terra – eleva o Brasil ao posto de principal nação entre os 17 países megadiversos (ou de maior biodiversidade).”

Fonte: Ministério do Meio Ambiente. Biodiversidade brasileira. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Parte dessa importante e diversa fauna brasileira, além de ser encontrada em seu *habitat* natural, pode ser vista em quintais de casas e Creches, de norte a sul do país. Quais são os animais mais comumente encontrados no quintal da Creche onde você trabalha? Quais bichos interessam às crianças do seu grupo? Formiga, joaninha, minhoca, lagartixa, maria-fedida, borboleta, sabiá, João-de-Barro, tucano, aranha, grilo, sapo... É tão diversa a fauna do Brasil! Essa lista pode ficar ainda maior e mais rica!



Verdejando o aprender: Projeto Criança e Natureza

<<https://www.youtube.com/watch?v=DoUMNtO4HsM>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

Vídeo sobre o projeto Criança e Natureza, do Instituto Alana. Destaca a importância do contato da criança com a natureza, com a terra, com os bichos, com espaços verdes e quintais, para seu equilíbrio, organicidade e desenvolvimento integral.

Para onde as formigas carregam tantas folhas?

Deep Look

<<https://www.youtube.com/watch?v=-6oKJ5FGk24>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

Série de vídeos com imagens de insetos em alta resolução. Há vídeos sobre o que as formigas fazem com as folhas dentro do formigueiro; como as abelhas transportam o pólen; todo o ciclo de transformação da lagarta em borboleta e muito mais! Em “Configurações”, você pode escolher a legenda em português. Para as crianças, o vídeo pode ser projetado com o áudio desligado. Todos vão se encantar com o microscópico mundo dos insetos!

Animais que podem ser encontrados no quintal

● Intencionalidade educativa

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2: Contexto do grupo de idade – microcenários
- Capítulo 5: Jogos com regras
- Capítulo 6: Quintal sensacional e Passeando na natureza
- Capítulo 7: Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

As imagens presentes neste Material Digital são referências para serem impressas com a finalidade de compor os espaços da Creche e ampliar o repertório imagético, estético e linguístico dos bebês e das crianças bem pequenas. Muitas são as imagens e repertórios que podem ser usados no espaço; no caso das imagens deste bloco – “Animais que podem ser encontrados no quintal” –, sugerimos usá-las nos microcenários da sala relacionados à natureza.

Lembre-se: As imagens devem estar contextualizadas no projeto pedagógico e nas atividades desenvolvidas e relacionadas aos espaços em que forem disponibilizadas.

Com a disponibilização das imagens junto aos ambientes relacionados, propõe-se a intencionalidade pedagógica de oferecer oportunidades para que os bebês e as crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	As imagens nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Interagir com seus pares e adultos tendo as imagens, os livros e os objetos como elementos de mediação. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Nos diferentes microcenários da sala é possível utilizar as imagens dos animais para ambientar, evidenciando essa temática. (Para mais informações consulte o Manual do Professor, Capítulo 5 (Jogos com regras) e Capítulo 7 (Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?). ✓ Contribuir para a composição de um microcenário da natureza com imagens dos animais encontrados no quintal da Creche. ⚠ Muitas são as maneiras pelas quais as imagens podem ser usadas. O importante é que estejam relacionadas ao espaço em que foram disponibilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> ■ Interagir ■ Apreciar ■ Deslocar-se ■ Tocar ■ Segurar ■ Folhear ■ Transportar ■ Gesticular ■ Imitar ■ Comunicar ■ Nomear ■ Descrever ■ Interagir ■ Produzir sons ■ Observar ■ Perceber ■ Comparar ■ Elaborar hipóteses 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Documentar <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <p>(Para mais explicações, ver o Manual do Professor, Capítulo 1).</p>
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ampliar seu repertório imagético e estético ao interagir com uma diversidade de fotografias que apresentam uma variedade de cores e formas. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer seu corpo e movimentos ao deslocar-se (rolar, rastejar, engatinhar ou andar, sentar-se, levantar-se, apoiar-se e esticar braços e pés), por meio de sua movimentação livre, ao encontro dessas imagens para tocar, segurar, folhear e transportar a foto pelo espaço. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Imitar o movimento dos animais. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Imitar o som produzido pelos animais. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Relacionar imagens, livros e objetos ao observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias. 			

Animais que podem ser encontrados no quintal

Algumas sugestões de uso das imagens nos ambientes de Literacia e de Numeracia com materialidades relacionadas à natureza:

1. Imprima, recorte e plastifique as imagens das páginas 50 a 58 e fixe-as na parede, na altura dos bebês, ou distribua-as pelo espaço.
2. Imprima, recorte e plastifique as imagens das páginas 50 a 58. Faça pequenos furos para prendê-las com uma argola ou um fio de sua preferência. Assim, monte um livro com as imagens e disponha nos microcenários da sala para que os bebês e as crianças possam manuseá-lo.
3. Use as imagens das páginas 59 e 60 para promover o jogo da memória (veja passo a passo na página seguinte). Atividade indicada para crianças bem pequenas.
4. Escolha, imprima, recorte e plastifique de duas a quatro imagens das páginas 50 a 58 e as disponha no microcenário de expressão (ver Capítulo 7 – Garatujar e desenhar), para que as crianças possam observá-las, relacioná-las e produzir representações. Atividade indicada para crianças bem pequenas.

Caso não seja possível plastificar, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso para que fiquem mais resistentes.

● Para ampliar

- ✓ As imagens disponíveis neste material são uma possibilidade de referência imagética. Mas, para além delas, você pode fotografar os animais do quintal da Creche e as situações de interação entre as crianças e eles. Pode também buscar imagens de animais comuns em sua região para trabalhar aspectos da realidade local.

Fotografe e imprima:

1. Animais que encontra com os bebês e as crianças bem pequenas no quintal ou nas áreas verdes da Creche.
 2. Crianças observando e interagindo com os animais no quintal ou em espaços verdes.
- ✓ As imagens impressas podem também ser levadas para o quintal e os espaços verdes, e as crianças podem ser convidadas a procurar os animais tendo a imagem como referência.
 - ✓ Para ampliar o repertório de conhecimentos a respeito dos animais, você pode perguntar e pesquisar (em livros, computadores, *tablets*, entre outros dispositivos), junto às crianças, o nome de outros animais, de que se alimentam, quais são suas principais características e hábitos, que sons produzem, onde habitam etc.

Dica:

Pequeno Manual para atrair borboletas para o seu jardim

Fundação Butantan

Disponível em: <<http://publicacoeseducativas.butantan.gov.br/web/jardim-borboletas/pages/pdf/a5-jardim-borboletas.pdf>>

Acesso em: 20 jun. 2020.

As plantas são abrigo e alimento dos animais. Os animais são potentes polinizadores e auxiliam as plantas a se reproduzirem pelo processo de polinização. Um jardim florido contribui para a manutenção da biodiversidade ao atrair animais; estes, por sua vez, auxiliam as plantas ao transportar o pólen de uma flor para outra. Os seres humanos podem contribuir para esse ciclo plantando flores que atraem as borboletas. Este e-book apresenta algumas flores que podem ser cultivadas no quintal da Creche.

Animais que podem ser encontrados no quintal

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI02EO04 EI01EO06	EI02EO03 EI02EO04
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG02 EI01CG03	EI02CG02 EI02CG03 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS01 EI01TS02	EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF04 EI01EF06 EI01EF07	EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05	EI02ET01 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

● JOGO DA MEMÓRIA

Materiais

Cartões do jogo; tesoura com pontas arredondadas; cola bastão; papel mais grosso ou papelão ou uma plastificadora.

Passo a passo

- Imprima, em apenas um lado do papel, as cartas ilustradas desse jogo, das páginas 59 e 60.
- Para que as cartas fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las. Ou, se preferir e for possível, recorte as cartas das folhas e depois plastifique-as.

O jogo da memória está pronto! Vamos jogar com as crianças?

Como jogar

- Embaralhar e distribuir as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
- Decidir o critério do participante que começará o jogo.
- Cada participante deve virar duas cartas, buscando um par de cartas iguais, que contém a mesma imagem.
- Se o jogador encontrar a outra carta igual à primeira, formando um par, tem direito a jogar mais uma vez.
- Se, ao virar as cartas elas não coincidirem, a jogada passa para o participante seguinte.
- As cartas que formarem par devem ser retiradas do jogo e contam como ponto para o participante que acertou a dupla de imagens.
- Ganha o jogo o participante que reunir mais pares de cartas.

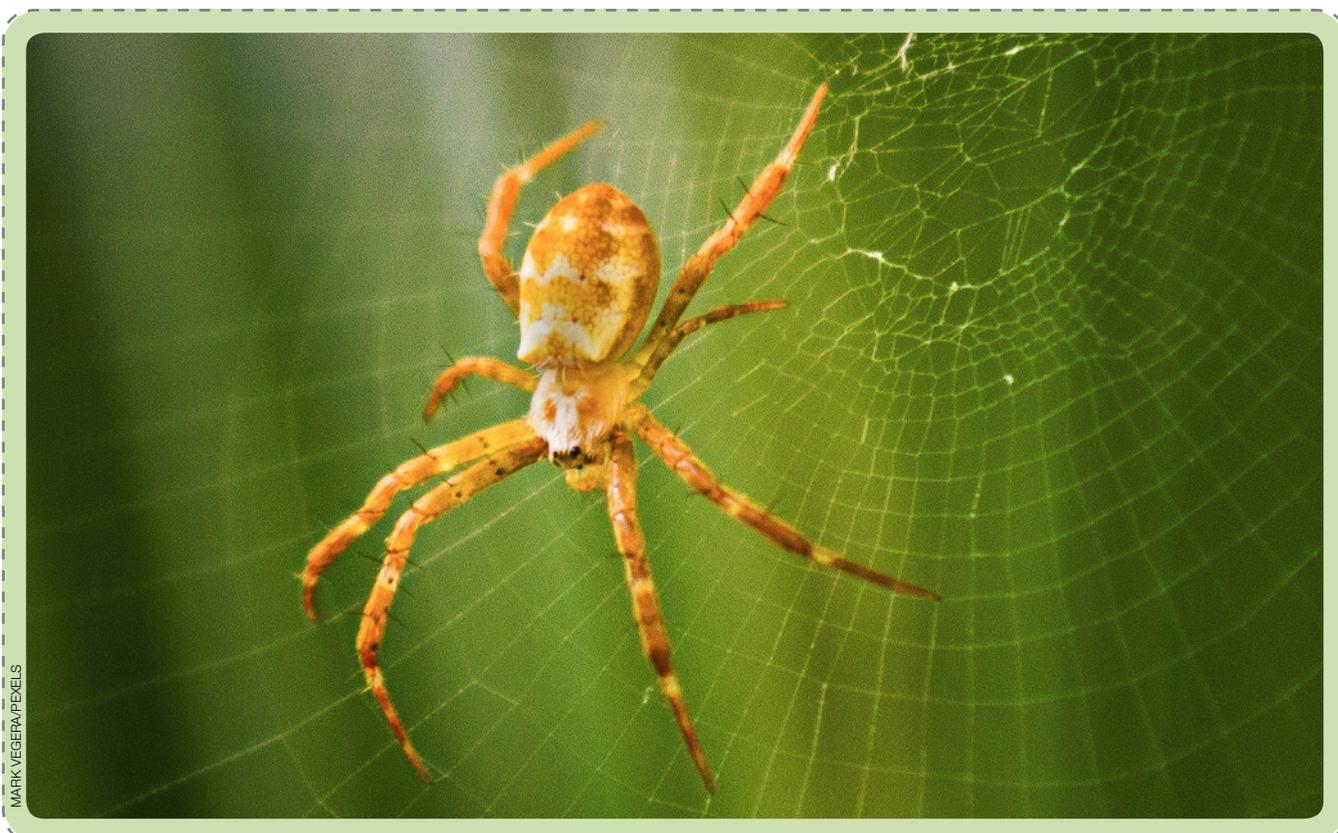
Animais que podem ser encontrados no quintal

 **Lembre-se:** Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras do jogo. O que importa nesse momento é que elas manuseiem as cartas (virar, desvirar, segurar), estabeleçam relações entre as imagens, percebam diferenças e semelhanças entre os animais mostrados e interajam comunicando-se, com seus pares e com os adultos, sobre as percepções a respeito das imagens e das regras do jogo.

Animais que podem ser encontrados no quintal



ABELHA



ARANHA

Animais que podem ser encontrados no quintal



BEIJA-FLOR



BEM-TE-VI

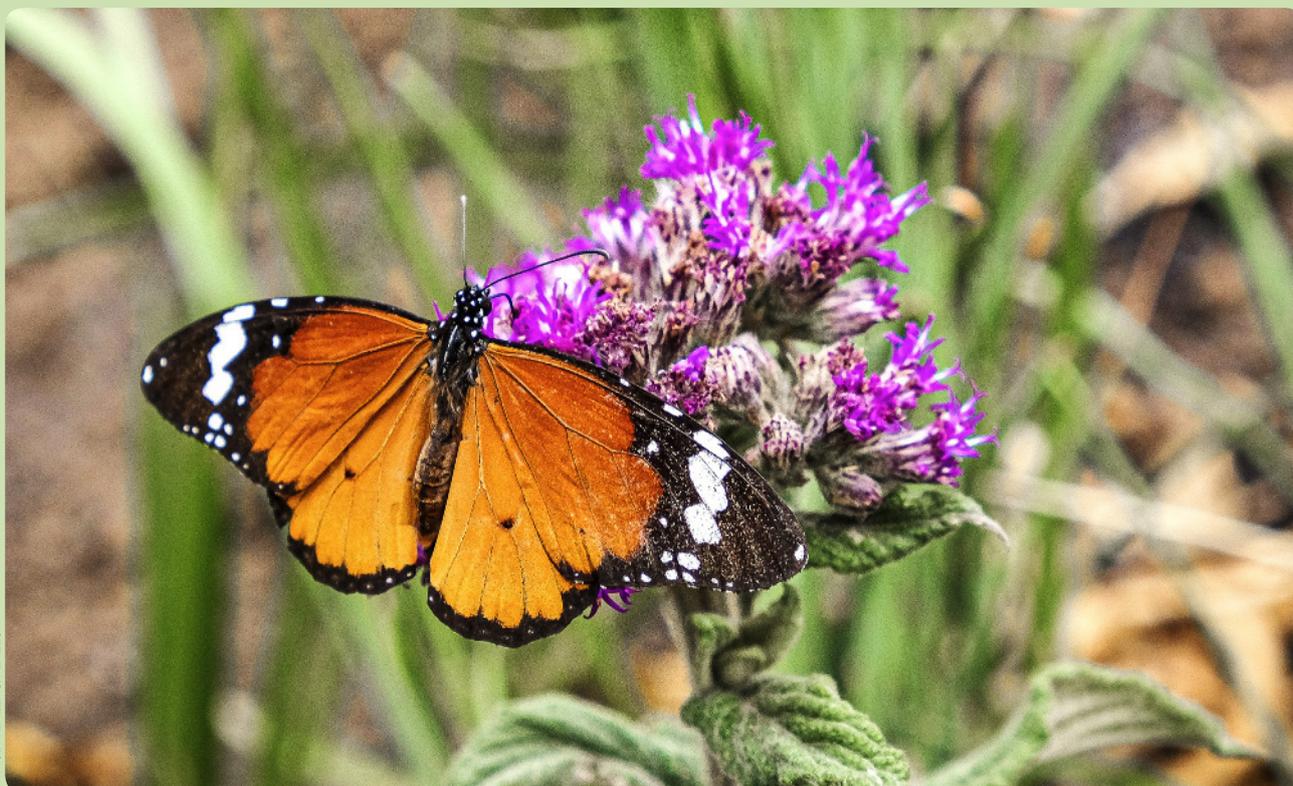
Animais que podem ser encontrados no quintal



EGOR KAMELEV/PEXELS



BESOIRO



MAGDA EHLEERS/PEXELS



BORBOLETA

Animais que podem ser encontrados no quintal

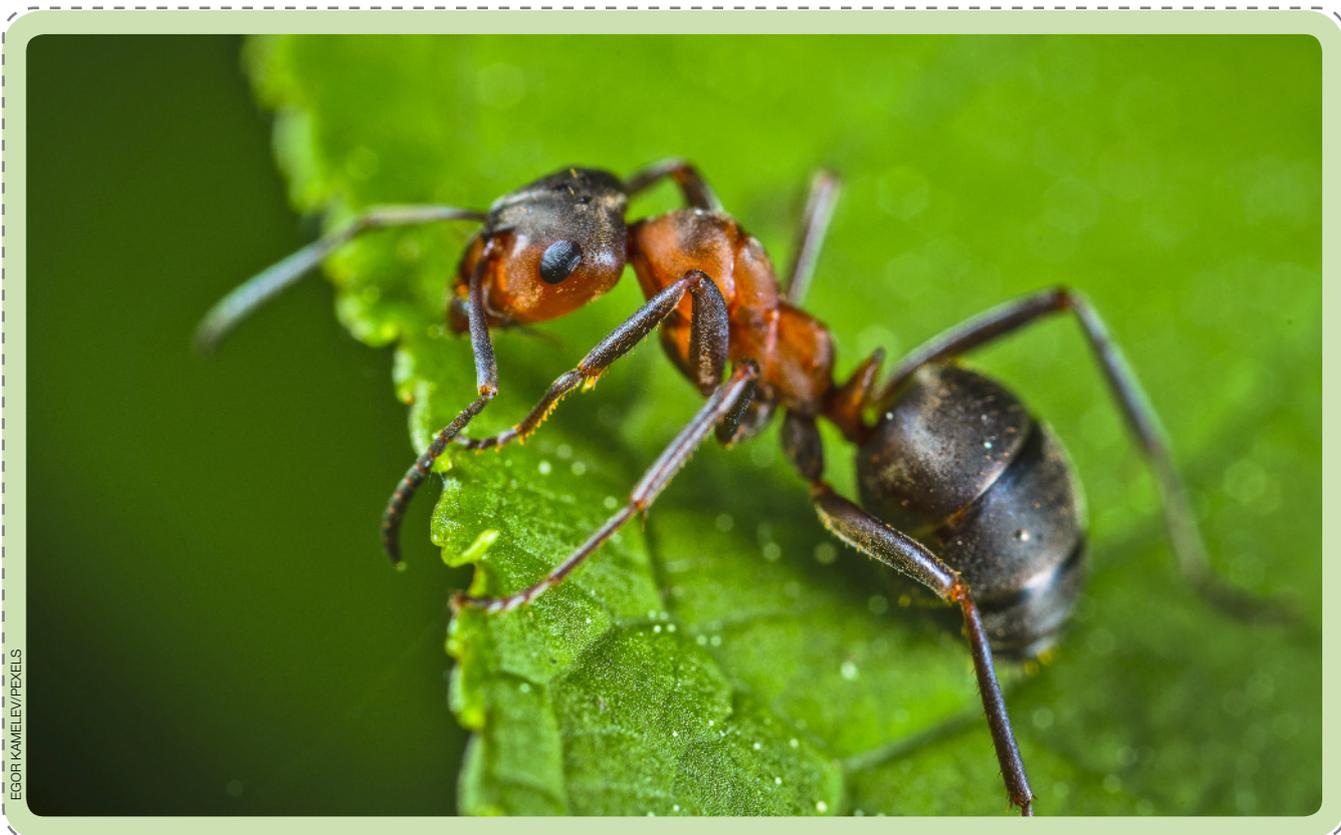


CARAMUJO



CIGARRA

Animais que podem ser encontrados no quintal



EGOR KAMELEVA/PEXELS

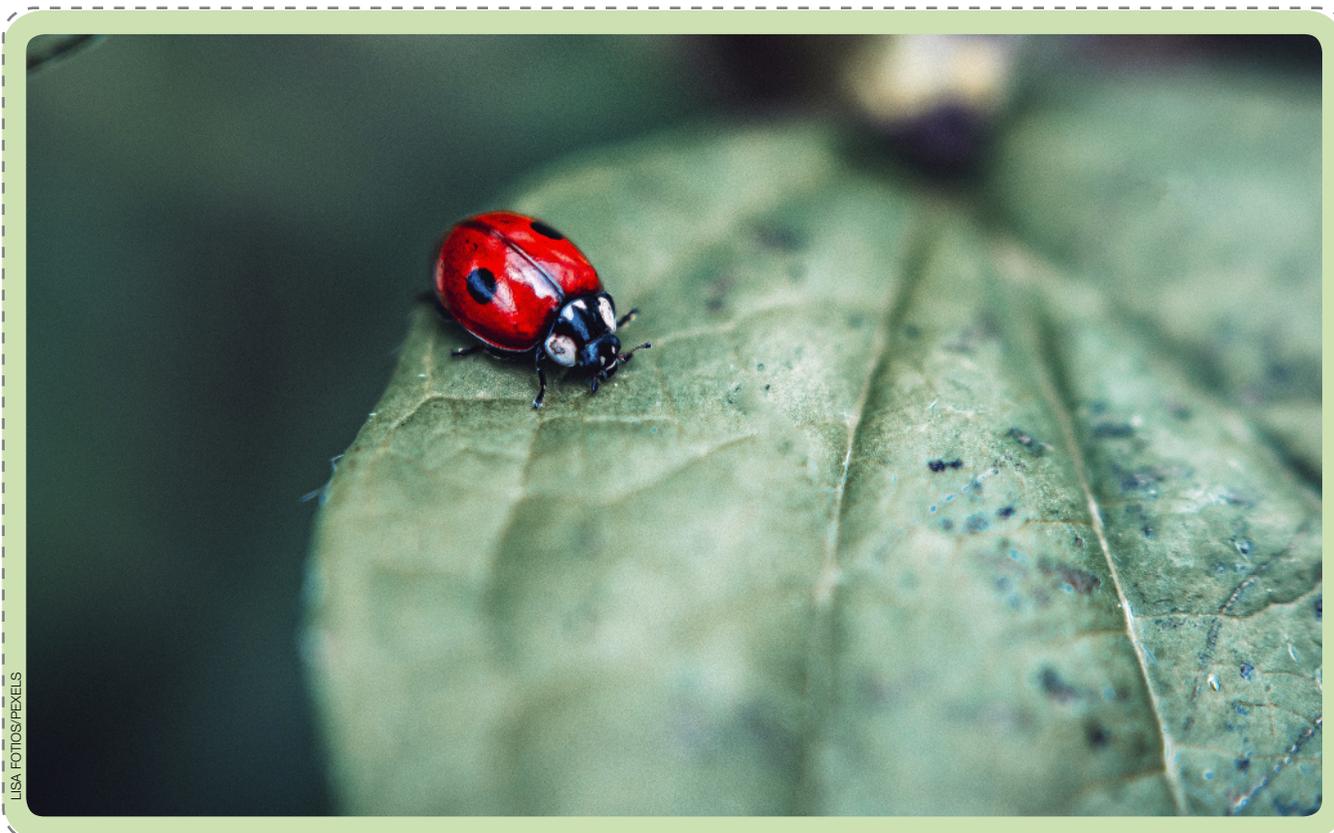
FORMIGA



FELIPE LÓPEZ RUIZ/PEXELS

GRILO

Animais que podem ser encontrados no quintal



LISA FOTIOS/PEXELS

JOANINHA



PIVABAY/CCO 1.0/PEXELS

LAGARTA

Animais que podem ser encontrados no quintal



LAGARTIXA



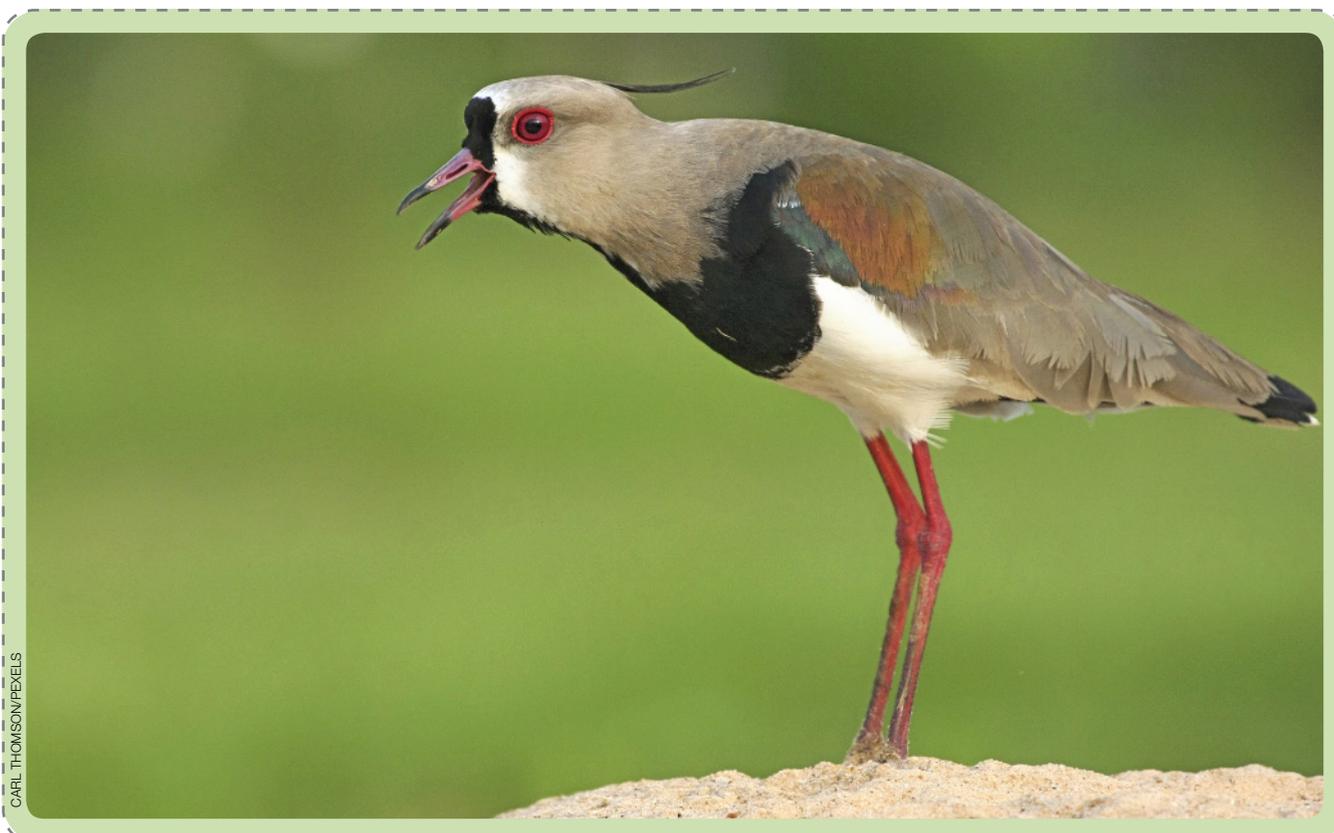
MINHOCA

Animais que podem ser encontrados no quintal



FILIPPO/CCO 1.0/PEXELS

PARDAL



CARL THOMSON/PEXELS

QUERO-QUERO

Animais que podem ser encontrados no quintal



COULLEUR/PEXELS

SAPO



CESAR AGUILAR/PEXELS

TUCANO

Animais que podem ser encontrados no quintal



Animais que podem ser encontrados no quintal



Plantas que podem ser encontradas no quintal

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2: Contexto do grupo de idade – microcenários
- Capítulo 5: Jogos com regras
- Capítulo 6: Quintal sensacional e Passeando na natureza
- Capítulo 7: Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

● Contextualização

O Brasil tem a maior biodiversidade de plantas do mundo! Pesquisadores brasileiros identificaram em seus estudos cerca de 46 mil espécies. A flora brasileira é considerada uma das mais ricas e relevantes e está distribuída por seis biomas principais: Floresta Amazônica, Cerrado, Caatinga, Pantanal, Mata Atlântica e Pampa. É muita diversidade por todo o país!

As plantas, além de essenciais para o equilíbrio ecológico, são símbolos de nossa cultura, como os pinheiros-do-paraná, as espécies de cactáceas do Sertão nordestino, o pequi do Cerrado, a mandioca na Amazônia, entre outras que conferem identidade ao Brasil e às suas regiões.

Qual é o bioma de sua região? Quais plantas são mais comuns no seu estado? Quais árvores, flores, frutos e plantas, com uso medicinal, podem ser encontrados próximo à Creche, nos arredores e em seu quintal? Como podemos favorecer que as crianças construam uma relação respeitosa com a natureza?

Léa Tiriba nos ajuda nessas reflexões ao afirmar:

“[...] não basta que as crianças aprendam os princípios da democracia, da cidadania, do respeito aos direitos e às diferenças entre nós, seres humanos. Também é nosso papel ensiná-las a cuidar da Terra. [...] Creches e pré-escolas são espaços privilegiados para aprender-ensinar porque lá as crianças colhem suas primeiras sensações, impressões, sentimentos do viver”.

(TIRIBA, 2010, p. 2.)



Verdejando o aprender: Diálogos do brincar – cidades, crianças e natureza

Vídeo da série “Diálogos do Brincar”, promovido pelo Território do Brincar em parceria com o Instituto Alana. Tem como intenção demonstrar que a natureza está, em diversas situações, muito mais próxima do que imaginamos e a importância de promover o contato das crianças com ela.

Pião de biorra – Abadia, MG

Vídeo da série de minidocumentários do Território do Brincar. O pião de biorra é um brinquedo feito com o fruto maduro, que só macaco e passarinho comem, pelas crianças de Abadia, em Minas Gerais. Revela a importância do brincar na natureza e o fato de as plantas serem elementos com múltiplas possibilidades de investigação e de jogos pelas crianças. Nesse exemplo, o fruto, nas mãos das crianças, é transformado em pião.

Plantas que podem ser encontradas no quintal

● Intencionalidade educativa

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2: Contexto do grupo de idade – microcenários
- Capítulo 5: Jogos com regras
- Capítulo 6: Quintal sensacional e Passeando na natureza
- Capítulo 7: Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

A disponibilização das imagens junto aos ambientes com elas relacionados tem intencionalidade pedagógica de oferecer oportunidades para que os bebês e as crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	As imagens nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Interagir com seus pares e adultos tendo as imagens, os livros e os objetos como mediadores. ✓ Ampliar seu repertório imagético e estético ao interagir com uma diversidade de fotografias que apresentam uma variedade de cores e formas. ✓ Conhecer seu corpo e movimentos ao deslocar-se (rolar, rastejar, engatinhar ou andar, sentar-se, levantar-se, apoiar-se e esticar braços e pés), por meio de sua movimentação livre, ao encontro dessas imagens para tocar, segurar, folhear e transportar a imagem pelo espaço. ✓ Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. ✓ Relacionar imagens, livros e objetos ao observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Microcenários: de literatura, de jogos e de expressão. Para mais informações sobre como organizá-los, ver no Capítulo 2 (Contexto do grupo de idade), no Capítulo 5 (Jogos com regras) e no Capítulo 7 (Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?). ✓ Contribuir para a ambiência de diversos cenários e a construção de trajetos relacionados à natureza. ⚠ Muitas são as maneiras como as imagens podem ser usadas. O importante é que estejam relacionadas ao espaço em que foram disponibilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Apreciar <input type="checkbox"/> Deslocar-se <input type="checkbox"/> Tocar <input type="checkbox"/> Segurar <input type="checkbox"/> Folhear <input type="checkbox"/> Transportar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Documentar <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <p>(Para mais explicações, ver o Manual do Professor, Capítulo 1.)</p>



Lembre-se: As imagens devem estar contextualizadas e relacionadas aos espaços em que forem disponibilizadas.

Algumas sugestões de uso das imagens nos ambientes de literacia e de numeracia com materialidades relacionadas à natureza:

1. Imprima, recorte e plastifique as imagens das páginas 65 a 72 e fixe-as na parede, na altura dos bebês, ou distribua-as pelo ambiente relacionado à natureza.
2. Imprima, recorte e plastifique as imagens das páginas 65 a 72. Use um furador para furá-las e prendê-las com uma argola ou um fio de sua preferência. Assim, monte um livro com as imagens e disponha-o no espaço de literacia para que os bebês e as crianças bem pequenas possam manuseá-lo.

Caso não seja possível plastificar, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso para que fiquem mais resistentes.

Plantas que podem ser encontradas no quintal

3. Imprima as imagens das páginas 73 e 74 para promover o jogo da memória (ver passo a passo na página seguinte). Atividade indicada para crianças bem pequenas.
4. Escolha, imprima, recorte, plastifique de duas a quatro imagens das páginas 65 a 72 e disponha no microcenário de expressão (ver Capítulo 7 – Garatujar e desenhar), para que as crianças possam observá-las, relacioná-las e produzir representações. Atividade indicada para crianças bem pequenas.

● Para ampliar

- ✓ As imagens aqui disponíveis são uma possibilidade de referência imagética. Mas, para além delas, você pode fotografar plantas do quintal da Creche e as crianças em interação com a natureza, promovendo momentos de investigações e descobertas. Pode também buscar plantas comuns na sua região para aproximar as imagens da realidade e identidade locais.

Fotografe e imprima:

1. Fotos de plantas que você, os bebês e as crianças bem pequenas encontram no quintal.
2. Fotos das crianças observando e interagindo com as plantas no quintal.

- ✓ As imagens podem também ser levadas para o quintal e as crianças convidadas a procurar as plantas tendo a imagem impressa como referência.

- ✓ Para ampliar o repertório de conhecimentos a respeito das plantas que são encontradas no quintal da Creche, você pode perguntar e pesquisar (em livros, revistas, computador, *tablets*), junto às crianças, o nome dos frutos das plantas, quais são as características de suas folhas, raízes ou troncos, onde são encontradas, entre outros.

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI02EO04 EI01EO06	EI02EO03 EI02EO04
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG02 EI01CG03	EI02CG02 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS02	EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF04 EI01EF06 EI01EF07	EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05	EI02ET01 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

Plantas que podem ser encontradas no quintal

● Jogo da memória

Materiais

Cartões do jogo; tesoura; cola bastão; papel mais grosso ou papelão ou uma plastificadora.

Passo a passo

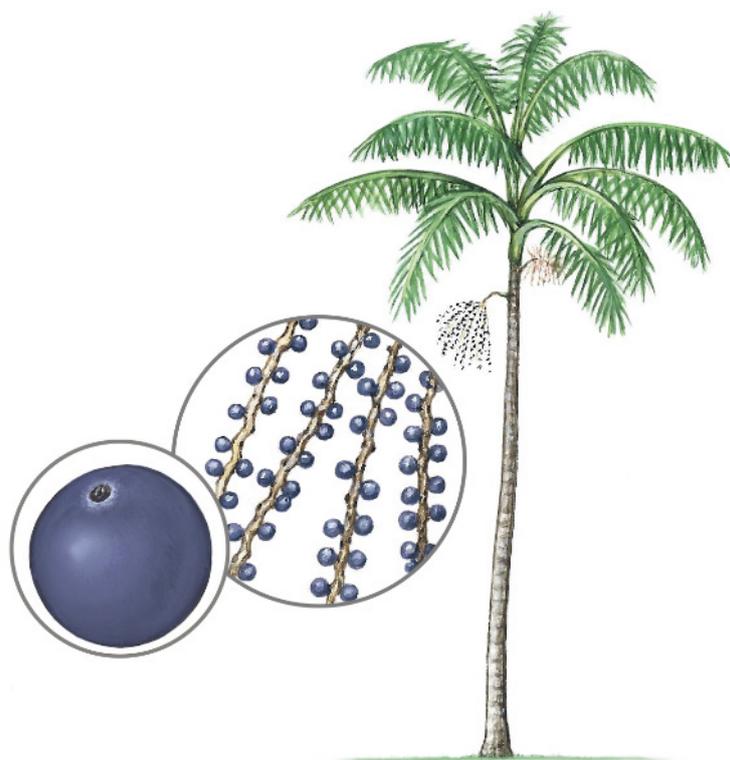
- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as cartas ilustradas desse jogo, das páginas 73 e 74.
 - ✓ Para que as cartas fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las. Ou, se preferir e for possível, recorte as cartas das folhas e depois plastifique-as.
- O jogo da memória está pronto! Vamos jogar com as crianças?

Como jogar

1. Embaralhar e distribuir as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
2. Decidir o critério do participante que começará o jogo.
3. Cada participante deve virar duas cartas, buscando um par de cartas iguais, que contêm a mesma imagem.
4. Se o jogador encontrar a outra carta igual à primeira, formando um par, tem direito a jogar mais uma vez.
5. Se ao virar as cartas elas não coincidirem, a jogada passa para o participante seguinte.
6. As cartas que formarem par devem ser retiradas do jogo e contam como ponto para o participante que acertou a dupla de imagens.
7. Ganha o jogo o participante que reunir mais pares de cartas.

 **Lembre-se:** Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras do jogo. O que importa nesse momento é que elas manuseiem as cartas (virar, desvirar, segurar), estabeleçam relações entre as imagens, percebam diferenças e semelhanças entre os animais mostrados e interajam comunicando-se, com seus pares e com os adultos, sobre as percepções a respeito das imagens e das regras do jogo.

Plantas que podem ser encontradas no quintal



CECILIA IWASHITA



AÇAIZEIRO-DA-AMAZÔNIA



CECILIA IWASHITA

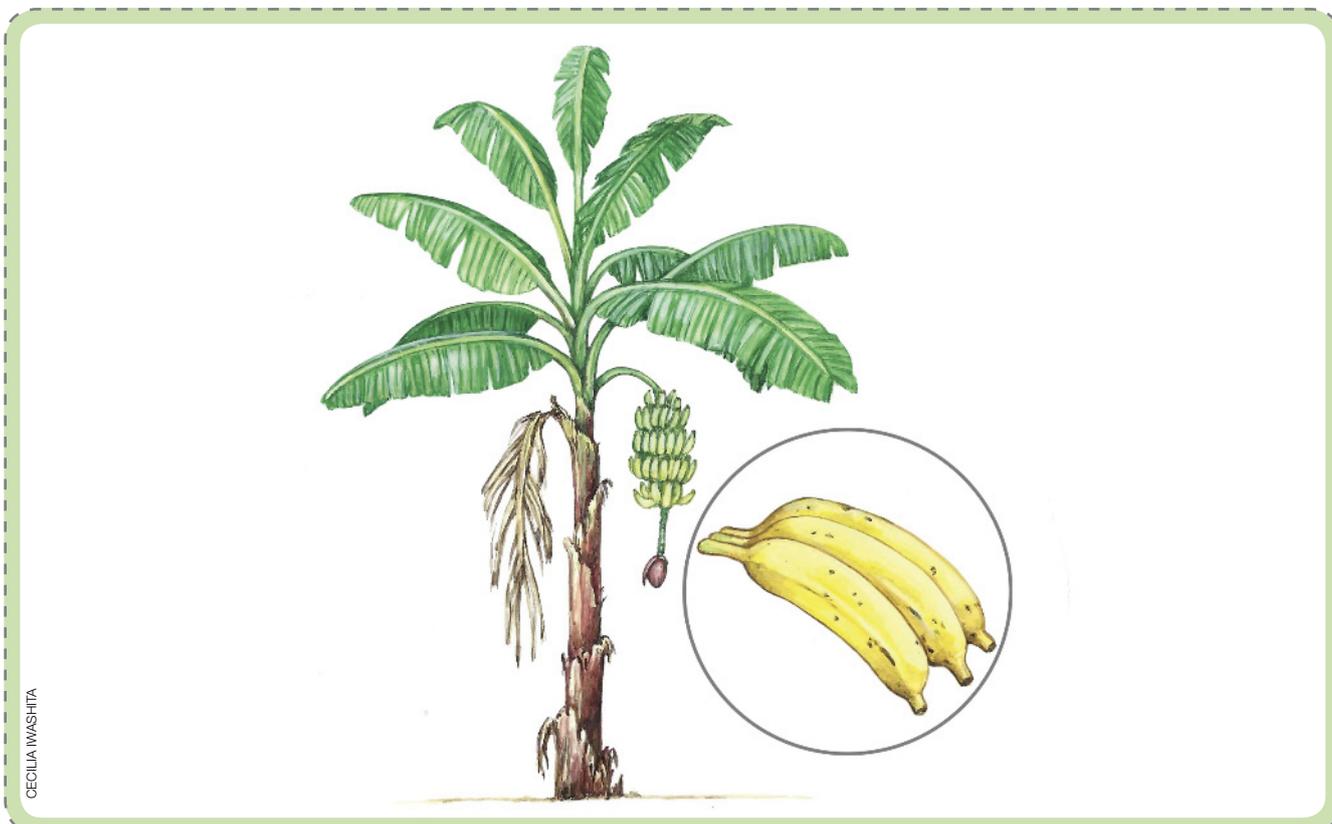


ALECRIM

Plantas que podem ser encontradas no quintal



ARAUCÁRIA DA MATA ATLÂNTICA



BANANEIRA

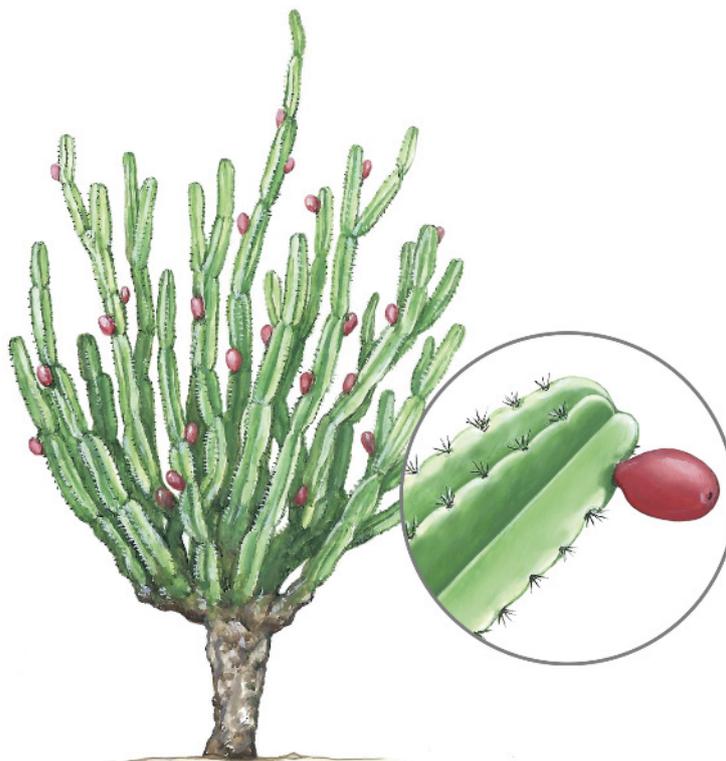
Plantas que podem ser encontradas no quintal



CECILIA IWASHITA



BOLDO

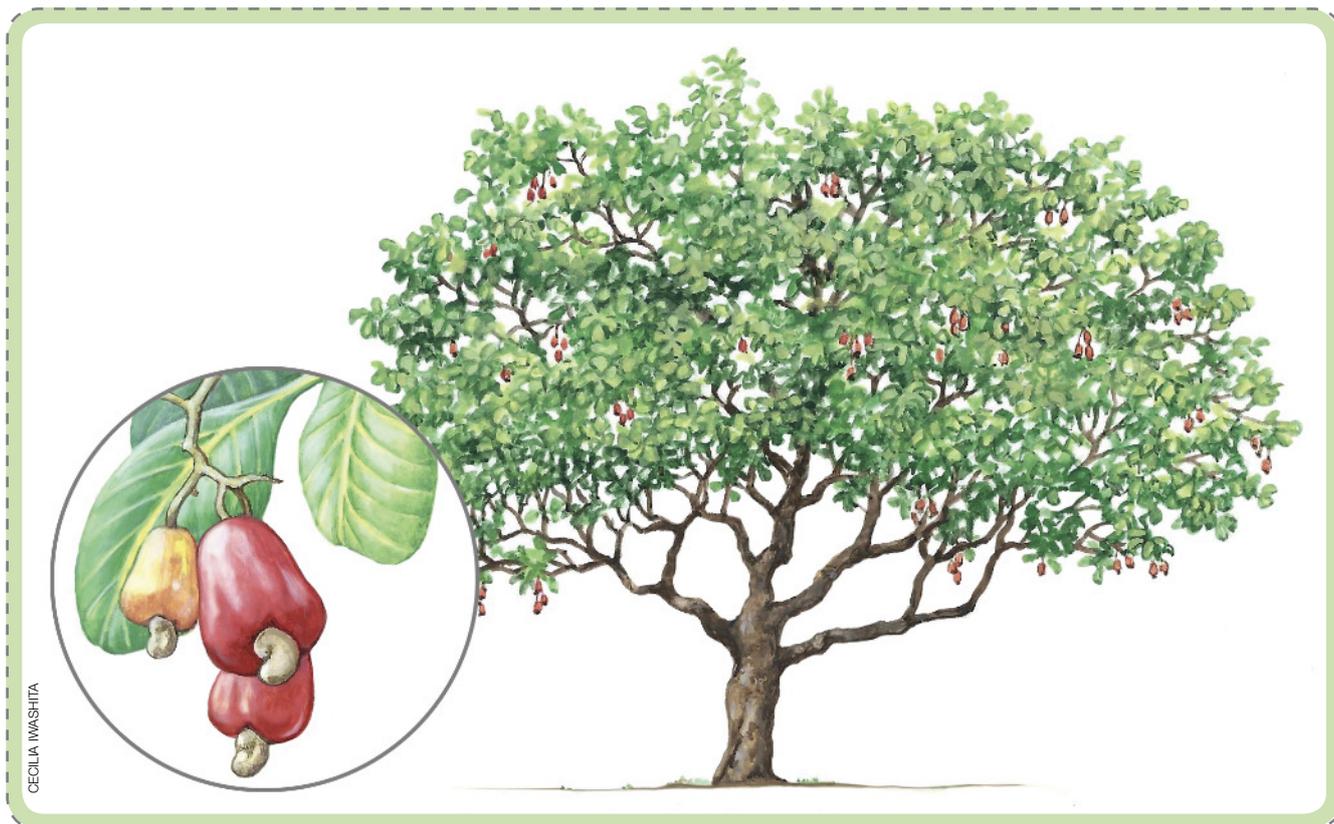


CECILIA IWASHITA



CACTO DA CAATINGA

Plantas que podem ser encontradas no quintal



CECILIA IWASHITA

CAJUEIRO DO NORDESTE



CECILIA IWASHITA

CAMOMILA

Plantas que podem ser encontradas no quintal



COQUEIRO



DENTE-DE-LEÃO

Plantas que podem ser encontradas no quintal



CECILIA IWASHITA



FLOR-DE-ABÓBORA

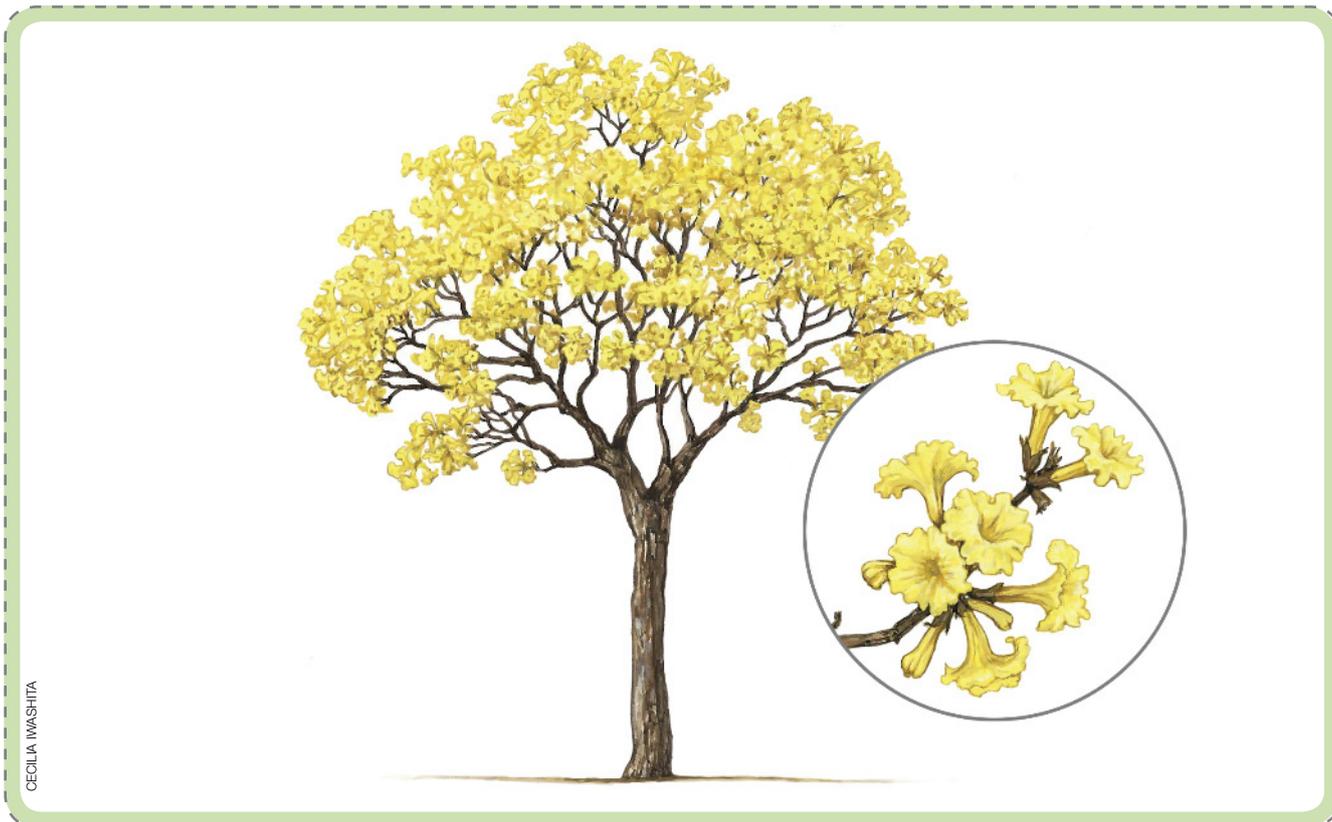


CECILIA IWASHITA

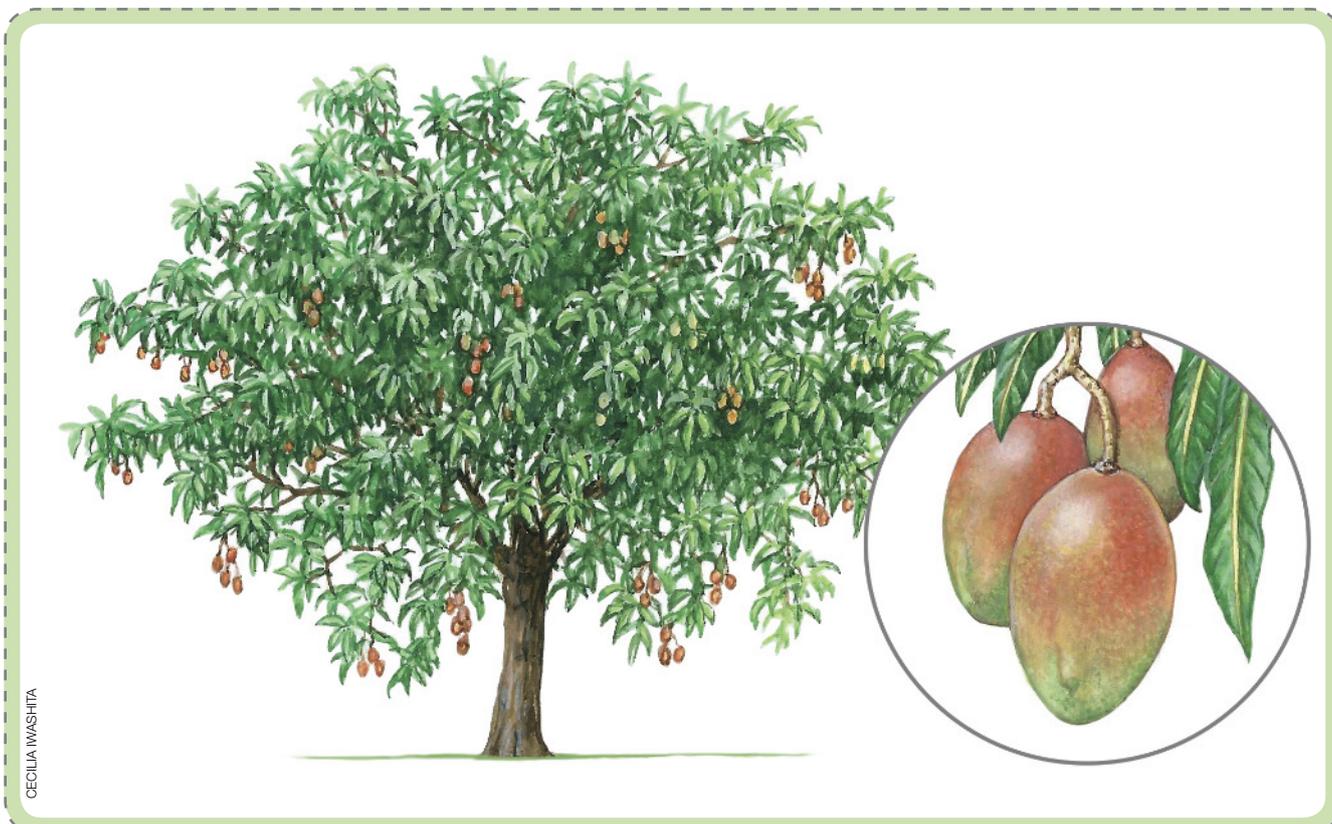


HORTÊNSIA

Plantas que podem ser encontradas no quintal



IPÊ-AMARELO

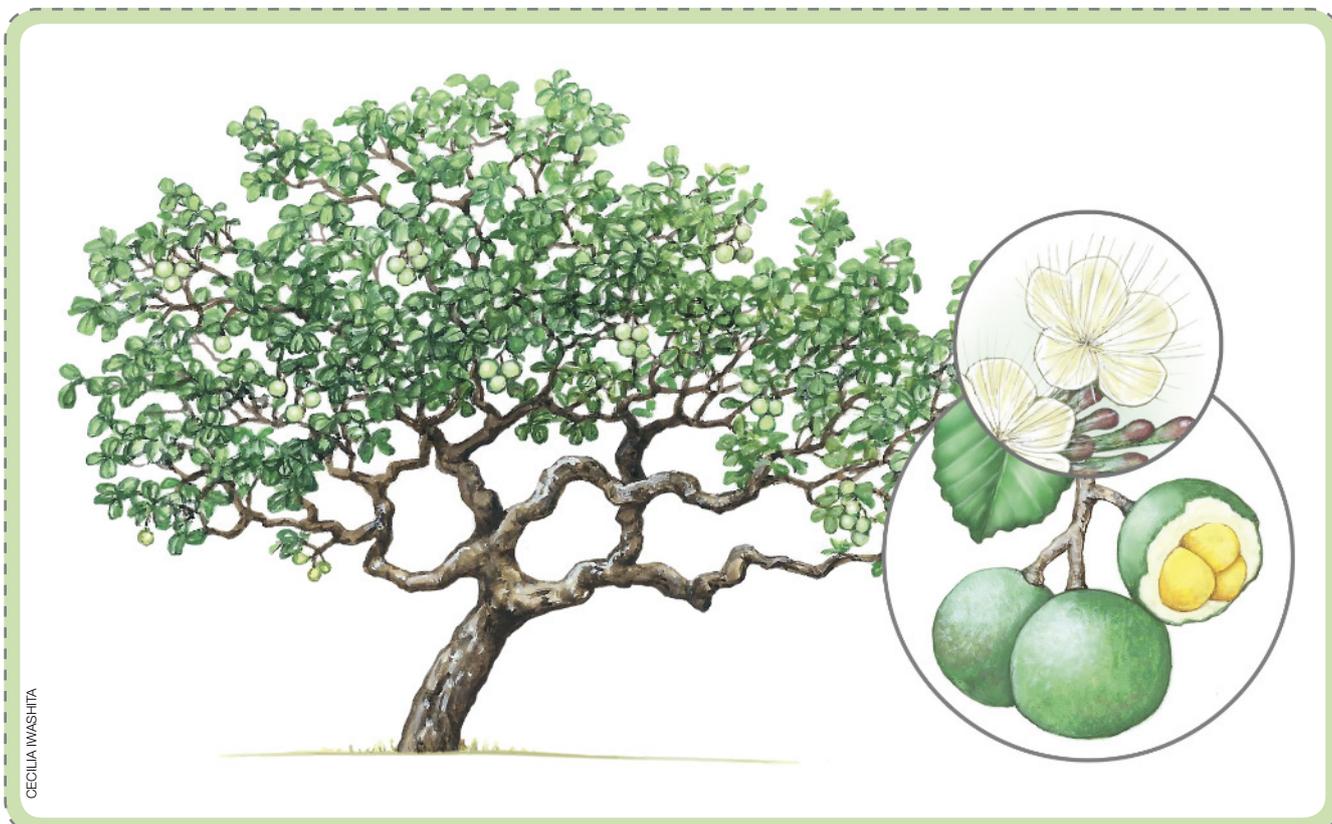


MANGUEIRA

Plantas que podem ser encontradas no quintal



MANJERICÃO



PEQUIZEIRO DO CERRADO

Plantas que podem ser encontradas no quintal



Plantas que podem ser encontradas no quintal



Objetos do cotidiano

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2 – Composição de cenários
- Capítulo 5 – Jogos com regras
- Capítulo 6 – Sala curiosa
- Capítulo 7 – Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

Contextualização

Bebês e crianças bem pequenas costumam brincar com o quê? Você, professor(a), disponibiliza quais materiais para eles? Como escolher os materiais que vão compor os cenários na Creche? Quais objetos estão presentes em seu cotidiano familiar e educativo?

Objetos do cotidiano são transformados, por meio da interação da criança com eles, em brinquedos. Por exemplo, os objetos de cozinha: potes, colheres, canecas, formas de bolo. O mesmo acontece com objetos que envolvem o cuidado: uma bacia com água, o frasco de xampu vazio, a bucha vegetal, a escova de cabelo, uma toalhinha de pano. Imagino que muitos outros exemplos possam ter passado em sua mente; afinal, muitos dos brinquedos feitos para crianças são espécies de miniatura dos artefatos que compõem as diversas culturas.

O pintor medieval Pieter Bruegel retratou, no século XVI, o quadro *Jogos infantis*, em que apresentou mais de 84 representações de brincadeiras. Muitos dos brinquedos e brincadeiras pintados nesse quadro são parte das culturas infantis brasileiras nos dias atuais, como: boneca, pião, pular corda, cavalo de pau, brincar com bolha de sabão, rodar argolas e aros, entre outros.

Mas há também objetos, brinquedos e modos de brincar que são típicos de cada região brasileira, revelando a diversidade cultural do país. Assim, alguns objetos do cotidiano podem ser iguais de norte a sul do Brasil; já outros revelam as identidades e especificidades locais. É o caso das vaquejadas de pneus no Cariri; os chocalhos feitos com cabaças pelo povo indígena Kaingang; os fantoches de mamulengo no Nordeste... Ou seja, os objetos que compõem nosso cotidiano podem revelar e valorizar a nossa identidade e pluralidade culturais.

Para ver o quadro de Pieter Bruegel, acesse: <<https://santhatela.com.br/pieter-bruegel/bruegel-jogos-infantis-1560/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.



Valorização da diversidade cultural por meio das materialidades

Educação Infantil: Organização dos espaços físicos e dos materiais

Vídeo sobre o projeto Educação Infantil e Igualdade Racial. Tem a finalidade de mostrar a importância da organização do espaço para promover a identidade étnica e o brincar como componentes que estruturam o ambiente.

Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do Sertão

Este material audiovisual é complementar ao livro *Terra de Cabinha: pequeno inventário da vida de meninos e meninas do Sertão*, da jornalista Gabriela Romeu. O vídeo é revelador da intrínseca relação entre materialidades e cultura e busca documentar as maneiras como as crianças do Sertão do Cariri cearense se apropriam da cultura local e a reinventam por meio do brincar.

Objetos do cotidiano

● Intencionalidade educativa

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2 – Composição de cenários
- Capítulo 5 – Jogos com regras
- Capítulo 6 – Sala curiosa
- Capítulo 7 – Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

A disponibilização das imagens junto aos ambientes relacionados tem a intencionalidade pedagógica de oferecer oportunidades para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade pedagógica	As imagens nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Interagir com seus pares e adultos tendo as imagens, os livros e os objetos como mediadores. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Microcenários que promovem a literacia e a numeracia: literatura; e jogos (ver o Manual do Professor, capítulos 2, 5 e 7) ✓ Contribuindo para a ambiência de diversos cenários e materialidades relacionados aos objetos do cotidiano. (exemplo: concha, panela, colher de pau no ambiente do jogo simbólico de cozinha). ⚠ Muitas são as maneiras pelas quais as imagens podem ser usadas. O importante é que estejam relacionadas ao espaço em que foram disponibilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Apreciar <input type="checkbox"/> Deslocar-se <input type="checkbox"/> Tocar <input type="checkbox"/> Segurar <input type="checkbox"/> Folhear <input type="checkbox"/> Transportar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Documentar <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Ampliar seu repertório imagético e estético ao interagirem com uma diversidade de fotografias que apresentam uma variedade de cores e formas. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer seu corpo e movimentos ao deslocar-se (rolar, rastejar, engatinhar ou andar, sentar-se, levantar-se, apoiar-se e esticar braços e pés), por meio de sua movimentação livre, ao encontro dessas imagens para tocar, segurar, folhear e transportar a imagem pelo espaço. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. 			
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Relacionar imagens, livros e objetos ao observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias sobre as características dos objetos do cotidiano. 			

⚠ Lembre-se: As imagens devem estar contextualizadas e relacionadas aos espaços em que forem disponibilizadas.

Algumas sugestões de uso das imagens nos ambientes de literacia e numeracia com materialidades relacionadas aos objetos do cotidiano:

1. Imprima, recorte, plastifique as imagens das páginas 80 a 92 e fixe-as na parede, na altura dos bebês, ou distribua-as pelo ambiente relacionado aos objetos do cotidiano.
2. Imprima, recorte e plastifique as imagens das páginas 80 a 92. Use um furador para furá-las e prenda-as com uma argola ou um fio de sua preferência. Assim, monte um livro com as imagens e disponha no espaço de literacia para que os bebês e as crianças bem pequenas possam manuseá-lo.

Caso não seja possível plastificar, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso para que fiquem mais resistentes.

Objetos do cotidiano

3. Imprima as imagens das páginas 93 a 95 para promover o jogo da memória (veja o passo a passo na página seguinte). Atividade indicada para crianças bem pequenas.
4. Escolha, imprima, recorte e plastifique de duas a quatro imagens das páginas 80 a 92 e disponha no microcenário de expressão (ver o Manual do professor, capítulo 7, trajeto expressivo “Garatujar e desenhar”, projeto “O que contam histórias?”), para que as crianças possam observar, relacionar e produzir traços gráficos. Atividade indicada para crianças bem pequenas.
5. Escolha imagens compatíveis com os objetos que são parte do cotidiano das crianças, imprima, recorte e plastifique para promover a brincadeira “Caça aos objetos” (veja o passo a passo na página seguinte). Atividade indicada para crianças bem pequenas.

● Para ampliar

- ☑ As imagens aqui disponíveis são uma possibilidade de referência imagética. Mas, para além delas, você pode fotografar os objetos do cotidiano da Creche e as crianças em interação com eles. Pode também buscar objetos comuns em sua região para trabalhar com imagens da realidade e identidade locais. E disponibilizá-los nos ambientes de literacia e numeracia, como o microcenário de jogos e outros relacionados aos das imagens. Com as crianças bem pequenas, promova o jogo da memória e crie jogos e brincadeiras como a “caça aos objetos”.

Fotografe e imprima:

1. fotos dos objetos do cotidiano que compõem as materialidades da ambiência do espaço;
2. fotos das crianças observando e interagindo com os objetos do cotidiano.

Estas propostas se articulam com os seguintes objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI02EO04 EI01EO06	EI02EO03 EI02EO04 EI02EO06
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG02 EI01CG03 EI01CG05	EI02CG02 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS02	EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF04 EI01EF06 EI01EF07	EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET01 EI01ET02 EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05	EI02ET01 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

Objetos do cotidiano

● Caça aos objetos

O objetivo da brincadeira é encontrar no espaço os objetos correspondentes às imagens.

Materiais

Objetos que são parte do cotidiano das crianças e que estão disponíveis na Creche; imagens desses objetos; uma cesta ou caixa. Se preferir e os objetos estiverem disponíveis na Creche, use as cartas das páginas 80 a 92.

Passo a passo

1. Imprima, no máximo, cinco imagens compatíveis com cinco objetos que são parte do cotidiano das crianças, recorte e plastifique-as.
2. Disponha esses objetos pelo espaço da sala ou da Creche.

Dicas:

- Com as crianças de até 2 anos e 11 meses, é indicado que a brincadeira aconteça em espaços circunscritos (sala, solário etc.).
- Com as crianças de 3 anos a 3 anos e 11 meses, a brincadeira pode contemplar diferentes espaços da Creche (exemplos: a panela pode estar na cozinha, a escova de cabelo no banheiro, a bola no solário e a boneca no berço).

Como jogar

1. Em um pequeno grupo de, no máximo, quatro crianças, mostre as imagens e pergunte: “Qual objeto é esse que aparece na imagem?”, “Em qual lugar da Creche/sala/solário/quintal podemos encontrar um objeto igual a esse da imagem?”.
2. Convide as crianças a explorar os espaços na busca pelo objeto correspondente: “Vamos procurar onde está o objeto ‘(nome do objeto)’ e colocá-lo nesta cesta?”.
3. Deixe que as crianças explorem o espaço e busquem pelos objetos. Interfira apenas caso seja necessário para a continuidade do jogo. Demonstre estar atento(a) às buscas e diga frases como: “Estou vendo você procurar a panela próxima ao ambiente de cozinha”, ou: “Será que a boneca está dormindo?”. Ou ainda: “Quem sabe se você se **abaixar** mais?”/ “Não deve estar muito **longe**... Onde será que está?”.
4. Quando o objeto for encontrado, indique: “Você achou a concha de sopa! É uma concha bem **pequena**. Estava **em cima** do fogão! Vamos guardar **dentro** da cesta?”.
5. Quando todos os objetos forem encontrados, o objetivo do jogo foi alcançado.
 - Ao término, convide as crianças a observá-los, conversar sobre eles.

 **Atenção:** Ao brincar de caça aos objetos, os bebês e as crianças bem pequenas constroem percepções de tempo, localização, espacialidade, direcionalidade, posicionamento, tamanho, peso, volume e textura de forma contextualizada.

● Jogo da Memória

Materiais

Cartões do jogo; tesoura; cola bastão; papel mais grosso ou papelão ou uma plastificadora.

Passo a passo

- Imprima, em apenas um lado do papel, as cartas ilustradas desse jogo, das páginas 93 a 95.

Objetos do cotidiano

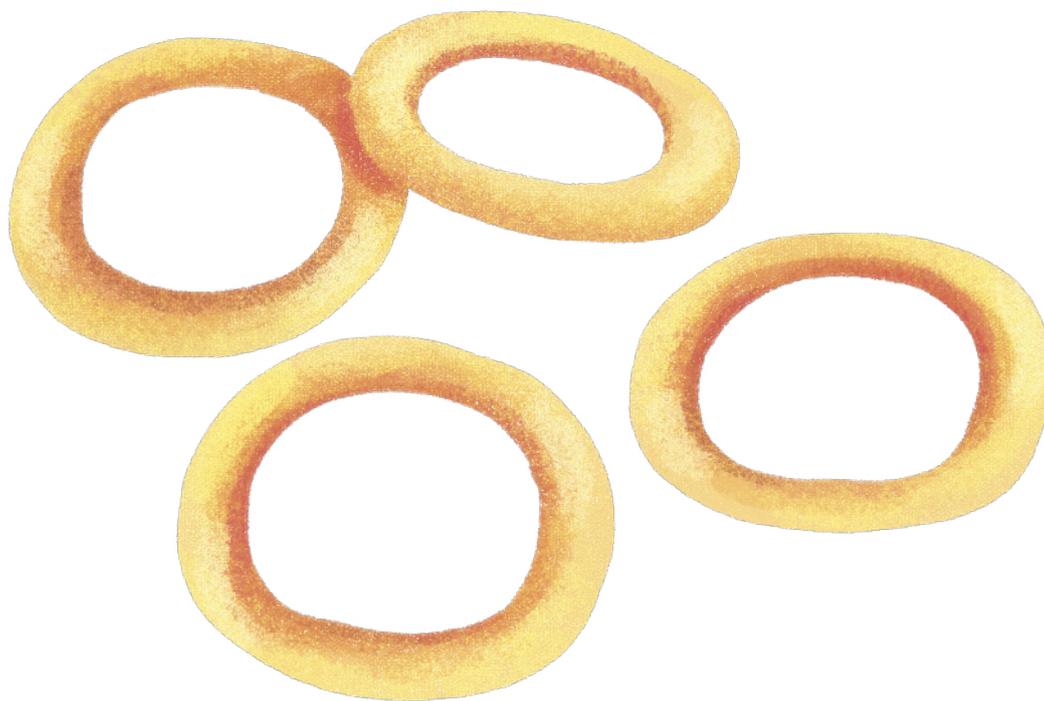
- ✔ Para que as cartas fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las. Ou, se preferir e for possível, recorte as cartas das folhas e depois plastifique-as. O jogo da memória está pronto! Vamos jogar com as crianças?

Como jogar

1. Embaralhar e distribuir as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
2. Decidir o critério do participante que começará o jogo.
3. Cada participante deve virar duas cartas, buscando um par de cartas iguais, que contêm a mesma imagem.
4. Se o jogador encontrar a outra carta igual à primeira, formando um par, tem direito a jogar mais uma vez.
5. Se ao virar as cartas elas não coincidirem, a jogada passa para o participante seguinte.
6. As cartas que formarem par devem ser retiradas do jogo e contam como ponto para o participante que acertou a dupla de imagens.
7. Ganha o jogo o participante que reunir mais pares de cartas.

⚠ **Lembre-se:** Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras do jogo. O que importa neste momento é que elas manuseiem as cartas (virar, desvirar, segurar), estabeleçam relações entre as imagens, percebam diferenças e semelhanças entre os animais mostrados e interajam comunicando-se, com seus pares e com os adultos, sobre as percepções a respeito das imagens e das regras do jogo.

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANO

ARGOLAS



CLAUDIA MARIANO

BACIA

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



BOLAS



CLAUDIA MARIANNO



BOLSA

Objetos do cotidiano



BONECA



BONECO

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



BUCHA VEGETAL



CLAUDIA MARIANNO



BULE

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANO



CABAÇA OU PORONGO



CLAUDIA MARIANO



CAIXOTE

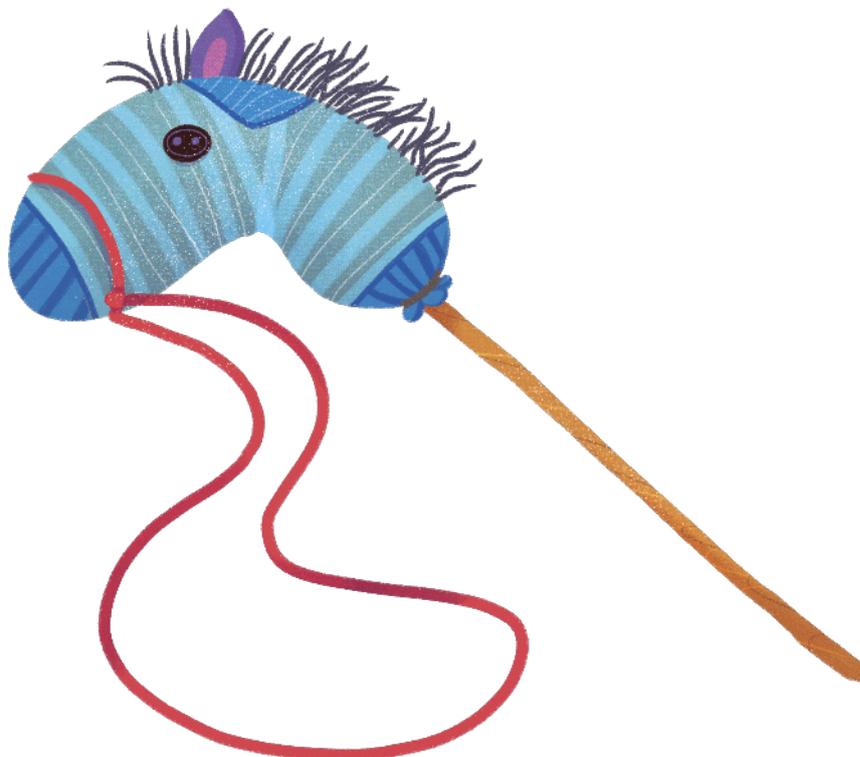
Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANO



CARRINHO



CLAUDIA MARIANO



CAVALO DE PAU

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



CAXIXI



CLAUDIA MARIANNO



CESTOS

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



CHOCALHO

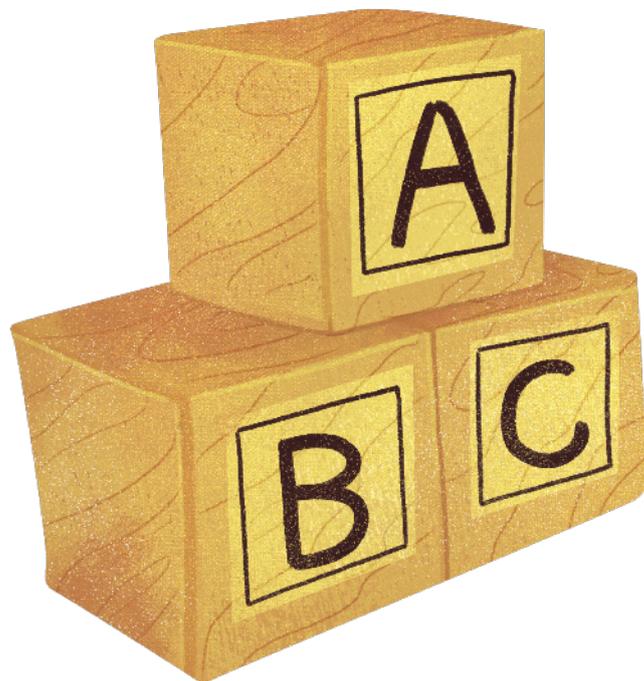


CLAUDIA MARIANNO



COLHER DE PAU

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



CUBOS



CLAUDIA MARIANNO



ESCOVA DE CABELO

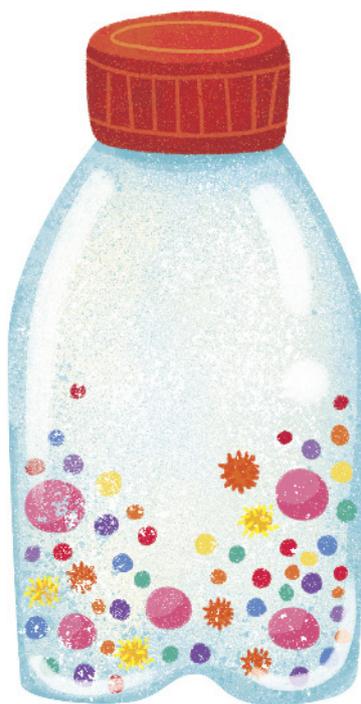
Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



FORMA DE BOLO



CLAUDIA MARIANNO



GARRAFA SENSORIAL

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



GIZ DE CERA



CLAUDIA MARIANNO



MASSAGEADOR

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANO



MOCHILA

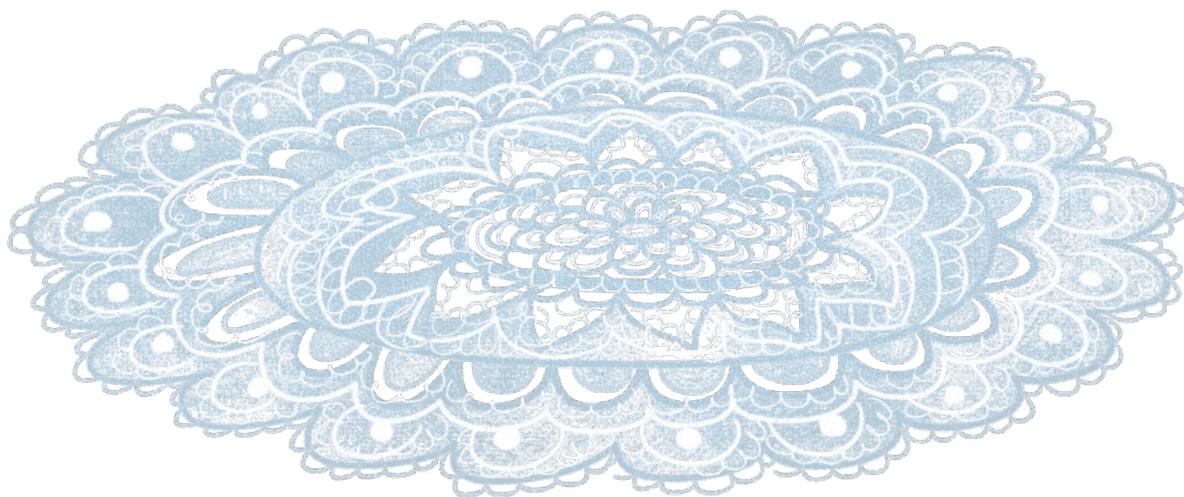


CLAUDIA MARIANO



PANELA

Objetos do cotidiano



CLAUDIA MARIANNO



TAPETE

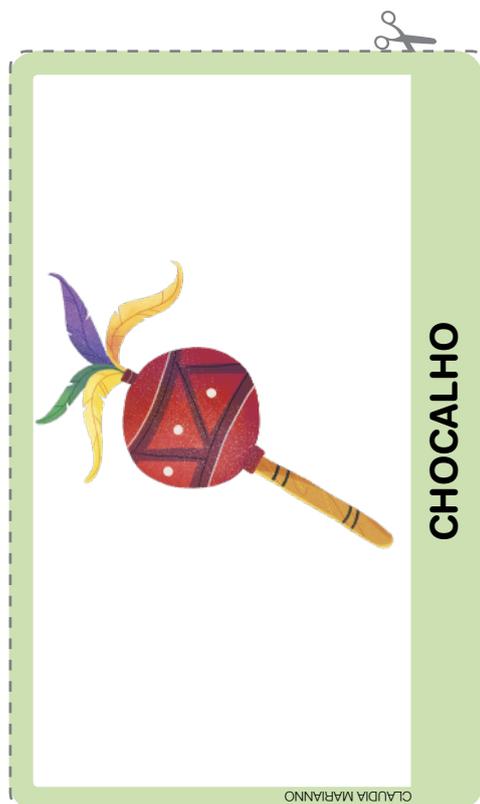
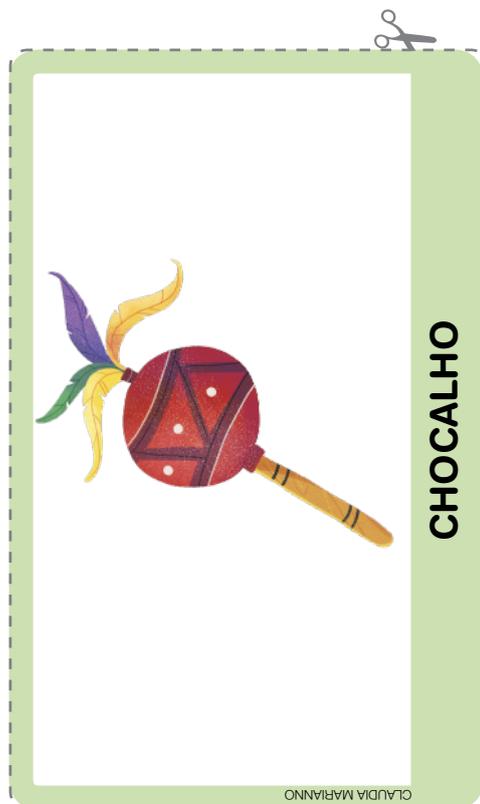


CLAUDIA MARIANNO



VIOLÃO

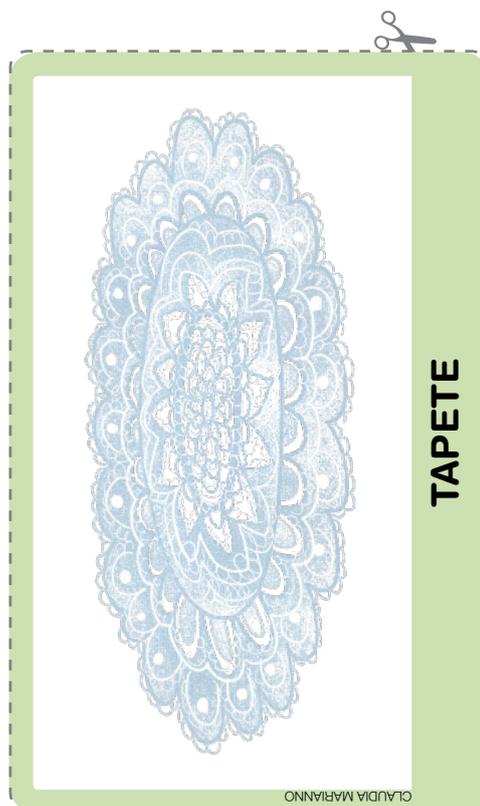
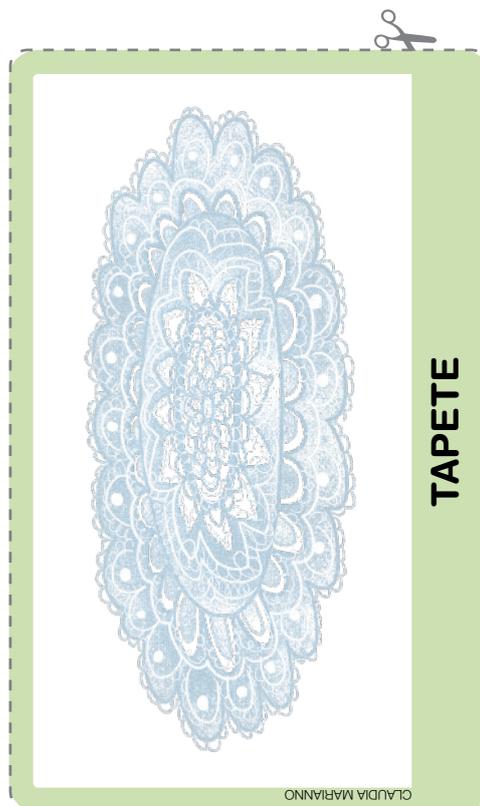
Objetos do cotidiano



Objetos do cotidiano



Objetos do cotidiano



Vitrais

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver no Manual do Professor:

- Capítulo 2: Ambiência mediadora
- Capítulo 6: Sala curiosa e Observando luz e sombra

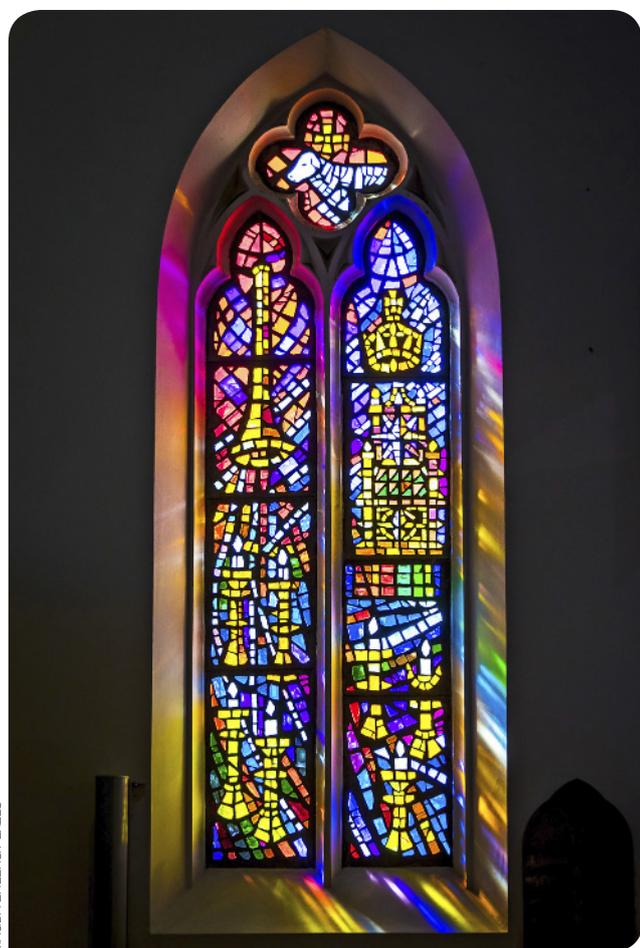
● Contextualização

Os vitrais remetem ao período da Idade Média, surgindo na Europa, mais precisamente no século X. As igrejas alemãs e francesas foram as primeiras a demonstrar essa arte, ao incorporá-los à sua arquitetura gótica. Os vitrais podem ser considerados um dos primeiros componentes da arte gótica, e as cores são um dos seus elementos essenciais; ao serem atravessados pela luz que vem de fora do recinto, despertam a curiosidade e a imaginação em relação às histórias e narrativas que contam por meio de desenhos. Na época em que surgiram, os vitrais ilustravam cenas e histórias da Bíblia em um momento histórico em que poucas pessoas sabiam ler. Portanto, eles tinham a função de orientar e guiar as pessoas com base nos ensinamentos e diretrizes religiosos por meio das figuras e ilustrações.

Na Sagrada Família, catedral projetada pelo arquiteto Antoni Gaudí, na cidade de Barcelona, na Espanha, os vitrais nas cores azul e verde estão do lado nascente, o que deixa, pela manhã, o interior da catedral reluzir tonalidades azuis e esverdeadas. Já do lado poente, Gaudí escolheu vitrais com as cores vermelha e laranja, o que deixa a catedral com tons avermelhados e alaranjados quando o sol está se pondo.

No Brasil, o arquiteto Oscar Niemeyer teve uma grande parceira em vários projetos arquitetônicos – com a artista plástica Marianne Peretti. Ela projetou os famosos 2 mil metros de extensão de vitrais da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Aparecida, em Brasília, um cartão-postal do Brasil. O projeto recebeu, em 1988, o maior prêmio da arquitetura no mundo, o Prêmio Pritzker.

Confira a imagem de um vitral em uma igreja na África do Sul:



Efeitos produzidos pelos vitrais.

Vitral em igreja na cidade de Stellenbosch, África do Sul, 2019.

Vitrais

● Intencionalidade educativa

Os vitrais ampliam o repertório de experiências estéticas e sensoriais ao compor os espaços, tornando-os mais acolhedores e agradáveis. Por seu efeito de transparência, o vitral possibilita a passagem de luz, produzindo efeitos de reflexo que criam uma atmosfera colorida e aconchegante. Vitrais em janelas baixas oportunizarão às crianças:

- as comparações entre olhar através do vitral e na janela sem o efeito;
- a elaboração de hipóteses sobre as diferentes observações;
- a nomeação e o reconhecimento de diferentes cores e tonalidades (a depender da quantidade de luz do Sol, os vitrais apresentarão variações de tonalidades mais escuras e mais claras);
- a interação entre as crianças por meio de suas múltiplas linguagens, ao partilhar suas percepções;
- o desenvolvimento motor ao desafiar as crianças a ir ao encontro dos efeitos de reflexos gerados pela luz e pela sombra no chão e/ou na parede, para tentar capturá-los, esticando pés e alongando o corpo para alcançar os vitrais colados nas janelas.

O uso do vitral para compor os espaços tem a intencionalidade pedagógica de oferecer oportunidades para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade pedagógica	O vitral nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo a materialidade e os efeitos do vitral como imagem propulsora da interação.	<input checked="" type="checkbox"/> Compor a ambiência mediadora em diversos espaços: * em janelas, na altura das crianças; * onde há produção de efeitos de luz solar e de sombra no chão e na parede (Ver o Manual do Professor, Capítulo 2, Planta baixa – elementos estruturantes: varanda, solário e pátio coberto). <input checked="" type="checkbox"/> Em contextos de luz e sombra com lanterna ou retro-projetor.	<input type="checkbox"/> Interagir	<input type="checkbox"/> Compor cenários e construir trajetos <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Estar em interação <input type="checkbox"/> Capturar situações <input type="checkbox"/> Projetar <input type="checkbox"/> Promover ações <input type="checkbox"/> Acompanhar <input type="checkbox"/> Interpretar <input type="checkbox"/> Replanejar (Ver o Manual do Professor, Capítulo 1.)
<input checked="" type="checkbox"/> Ampliar seu repertório imagético, estético e artístico ao apreciar uma diversidade de formas e cores presentes no vitral.		<input type="checkbox"/> Apreciar	
<input checked="" type="checkbox"/> Ver através dele oportunizando o contato com efeitos de cores e formas.		<input type="checkbox"/> Experimentar	
<input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo e movimentos ao deslocar-se (rolar, rastejar, engatinhar ou andar, sentar-se, levantar-se, apoiar-se e esticar braços e pés), por meio de sua movimentação livre, para ir ao encontro dos efeitos de luz e sombra produzidos no chão ou na parede, e para ver através da janela com o vitral colado.		<input type="checkbox"/> Deslocar-se	
<input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas.		<input type="checkbox"/> Tocar	
<input checked="" type="checkbox"/> Observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias sobre os efeitos e movimentos gerados pelo contato da luz com o vitral.		<input type="checkbox"/> Esticar-se	
	<input type="checkbox"/> Comunicar		
	<input type="checkbox"/> Nomear		
	<input type="checkbox"/> Descrever		
	<input type="checkbox"/> Interagir		
	<input type="checkbox"/> Observar		
	<input type="checkbox"/> Testar		
	<input type="checkbox"/> Perceber		
	<input type="checkbox"/> Comparar		
	<input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses		

Vitrais

Algumas sugestões de uso do vitral na composição dos ambientes mediadores, cenários e trajetos:

Neste material, você encontra modelos diferentes de vitral. Você pode imprimir repetidas vezes, criando um efeito de mosaico na janela. Recomendamos também que, a partir desses modelos e de acordo com os interesses do grupo de crianças que acompanha, você crie outras formas e temas, como um vitral de animais.

- ✔ Para gerar efeitos de luz e sombra, você pode posicionar os vitrais colados à janela ou usá-los com outros recursos de iluminação, como lanternas e retroprojektor.

Janelas: Observe como a luz incide nos espaços do ambiente e teste o vitral para se certificar de que gerará formatos por meio da sombra no chão, na parede ou no teto. Se possível, coloque os vitrais na altura dos bebês e das crianças bem pequenas para que olhem através deles. Para desafiar seus corpos a testar novos movimentos, posicione alguns vitrais em alturas possíveis, mas desafiantes.

Lanterna: Segure o vitral ou posicione-o de modo que a luz da lanterna seja lançada em sua direção, gerando efeitos na parede, no chão, no teto ou em um tecido branco. Com os bebês, o adulto pode manipular a lanterna, movimentando-a pelo espaço e convidando-os a observar seus efeitos. Com as crianças bem pequenas, indicamos uma proposta em pequenos grupos (no máximo cinco crianças) em que elas possam segurar e testar os efeitos das lanternas nos vitrais.

Retroprojektor: Posicione o vitral sobre a superfície luminosa do retroprojektor; o efeito será a projeção da forma do vitral na superfície que recebeu a luz do retroprojektor, podendo ser o chão, a parede, o teto ou o tecido. No retroprojektor, os vitrais podem ser sobrepostos gerando efeitos de transformação das cores. Com os bebês, o adulto pode manipular a lâmpada do retroprojektor e os vitrais sobre a superfície luminosa, produzindo efeitos e convidando-os a observar os movimentos criados. Com as crianças bem pequenas, em pequenos grupos, disponibilize os vitrais em uma cesta ao lado do retroprojektor, para que manipulem livremente, observe e registre as hipóteses construídas pelas crianças sobre as formas e sobre a junção de duas cores e sua transformação em outra. Use vitrais nas cores primárias (vermelho magenta, azul ciano e amarelo) e nas cores secundárias (verde, laranja e roxo).

● Para ampliar

Com essas ideias de vitral, você pode criar outros com figuras e temas relacionados aos interesses e à identidade do grupo de crianças com quem trabalha. Animais que podem ser encontrados nas matas e florestas do Brasil, insetos que encontram no quintal da Creche, personagens folclóricos, instrumentos musicais, diferentes formatos de casas, frutas e plantas, entre outros.

Com crianças que já estão conferindo intencionalidade de formas aos desenhos a partir da fase das “garatuja ordenadas”, pode-se produzir os vitrais utilizando seus desenhos. Use o desenho da criança como molde e corte com estilete os espaços que podem ficar vazados. Registre o nome da criança em um pequeno papel e cole-o ao lado do vitral. Converse com a criança sobre a produção e cole o vitral na janela com o auxílio e a participação dela. Caso a criança esteja na fase da “garatuja nomeada”, observe o que ela narra enquanto desenha e pergunte se gostaria de nomear sua produção gráfica; caso ela queira nomear, insira o título da produção junto ao seu nome ao lado do vitral.

Garatuja ordenada: nessa fase, a criança percebe a ligação entre o movimento que executa e a marca gráfica que é produzida. Formas circulares se tornam presentes e ela começa a escolher com mais intencionalidade as cores, as formas e os tamanhos.

Garatuja nomeada: a criança aumenta seu tempo de concentração no desenho. Passa a narrar verbalmente o que produz e imagina. Adquire maior controle dos movimentos, aprimorando sua motricidade fina. Nomeia seus desenhos.

Vitrais

! Lembre-se:

“Toda criança desenha. Tendo um instrumento que deixa uma marca: a varinha na areia, a pedra na terra, o caco de tijolo no cimento, o carvão nos muros e calçadas, o lápis, o pincel com tinta no papel, a criança brincando vai deixando sua marca, criando jogos, contando histórias. Desenhando cria em torno de si um espaço de jogo, silencioso e concentrado ou ruidoso seguido de comentários e canções, mas sempre um espaço de criação. A criança desenha para brincar.” (Moreira, 2008, p. 15¹).

Indicação de livro: **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil, de Edith Derdyk. Editora Zouk.

¹ MOREIRA, Ana Angélica. A. *O espaço do desenho: a educação do educador*. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI01EO06	EI02EO03
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG02	EI02CG02
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS02	EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF06	EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05 EI01ET06	EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06

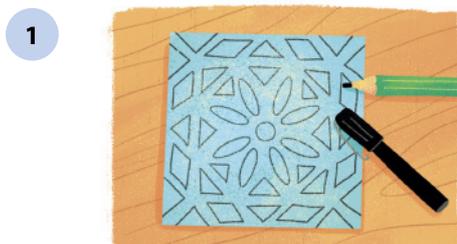
● 0 vitral

Materiais

Molde para o vitral; duas folhas *anson*; papel-cartão; folhas de celofane das cores de sua preferência; cola bastão; estilete; tesoura.

Vitrais

Passo a passo



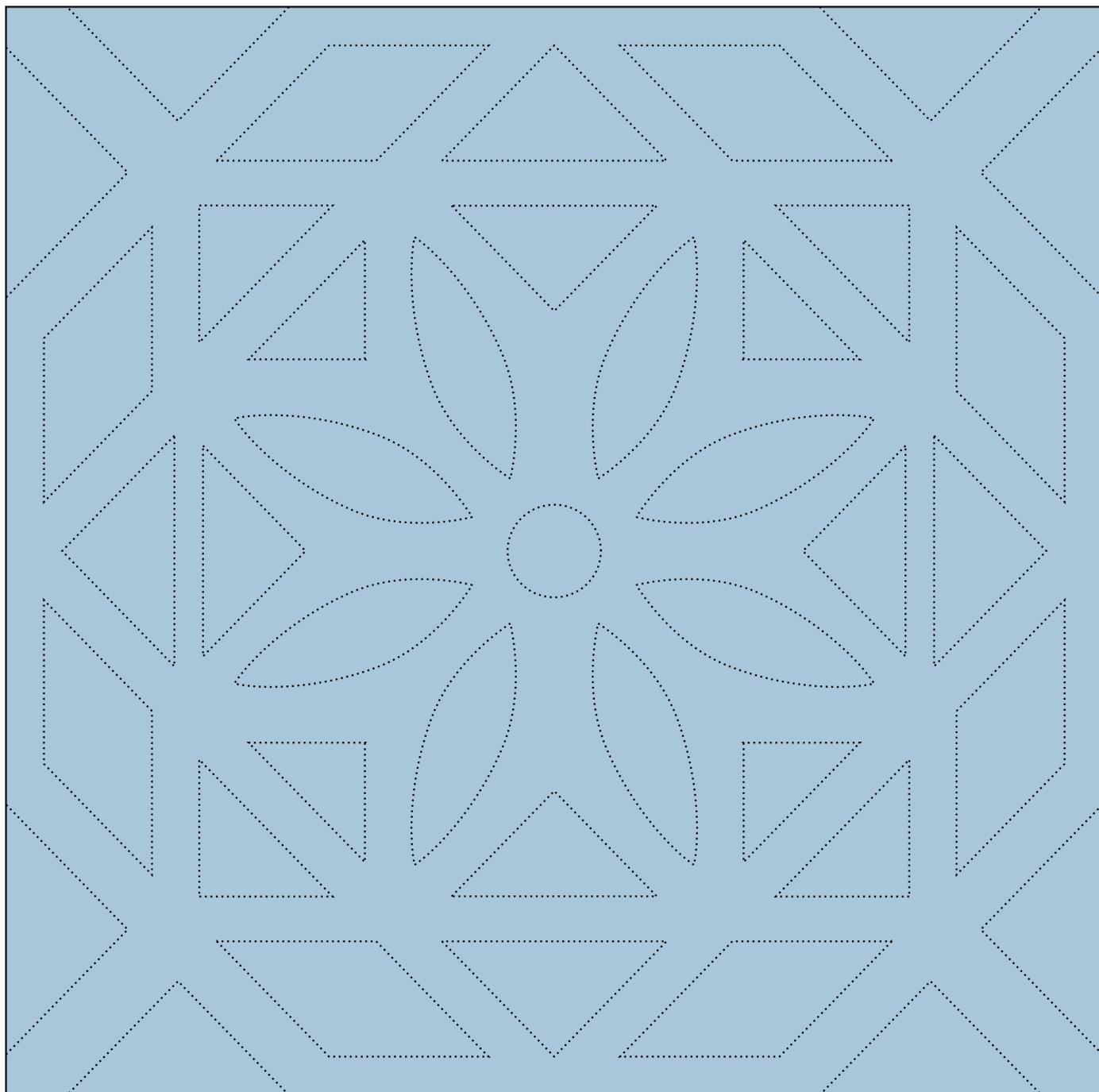
CLAUDIA MARIANO

1. Imprima os moldes do vitral, como os das páginas 101 e 102. Com o estilete, corte o molde certinho, das duas folhas, e também nos locais pontilhados.
 2. Com a tesoura, corte os papéis celofane como indicado na imagem 4 do passo a passo.
 3. Com a cola branca, cole os papéis celofane, que foram cortados, em todos os espaços vazados de uma das folhas de papel que você cortou com o estilete.
 4. Agora, cole a outra folha de papel impresso com a imagem do vitral por cima; assim, você garante um ótimo acabamento dos dois lados (ver imagens 6 e 7).
- Pronto! Escolha uma janela luminosa para colocar o vitral.
 - Repita o procedimento de acordo com o número de vitrais que deseja colar nas janelas do espaço. Além dos moldes de vitral deste material digital, você pode criar outros também.

Dicas:

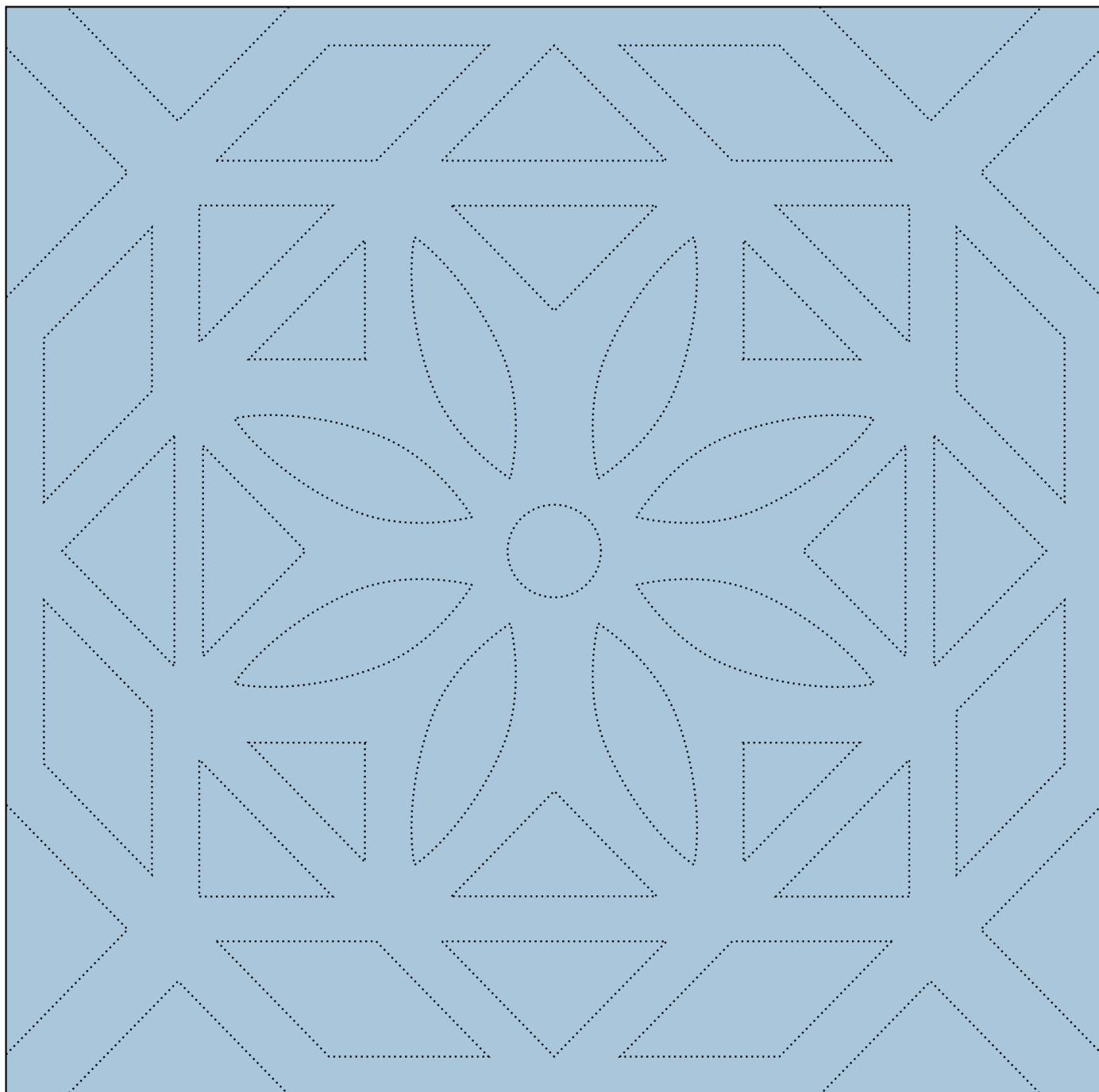
Para melhorar o acabamento e fazer um vitral mais resistente, use as imagens das páginas a seguir como molde para desenhar o vitral em papel-cartão.

Vitrais



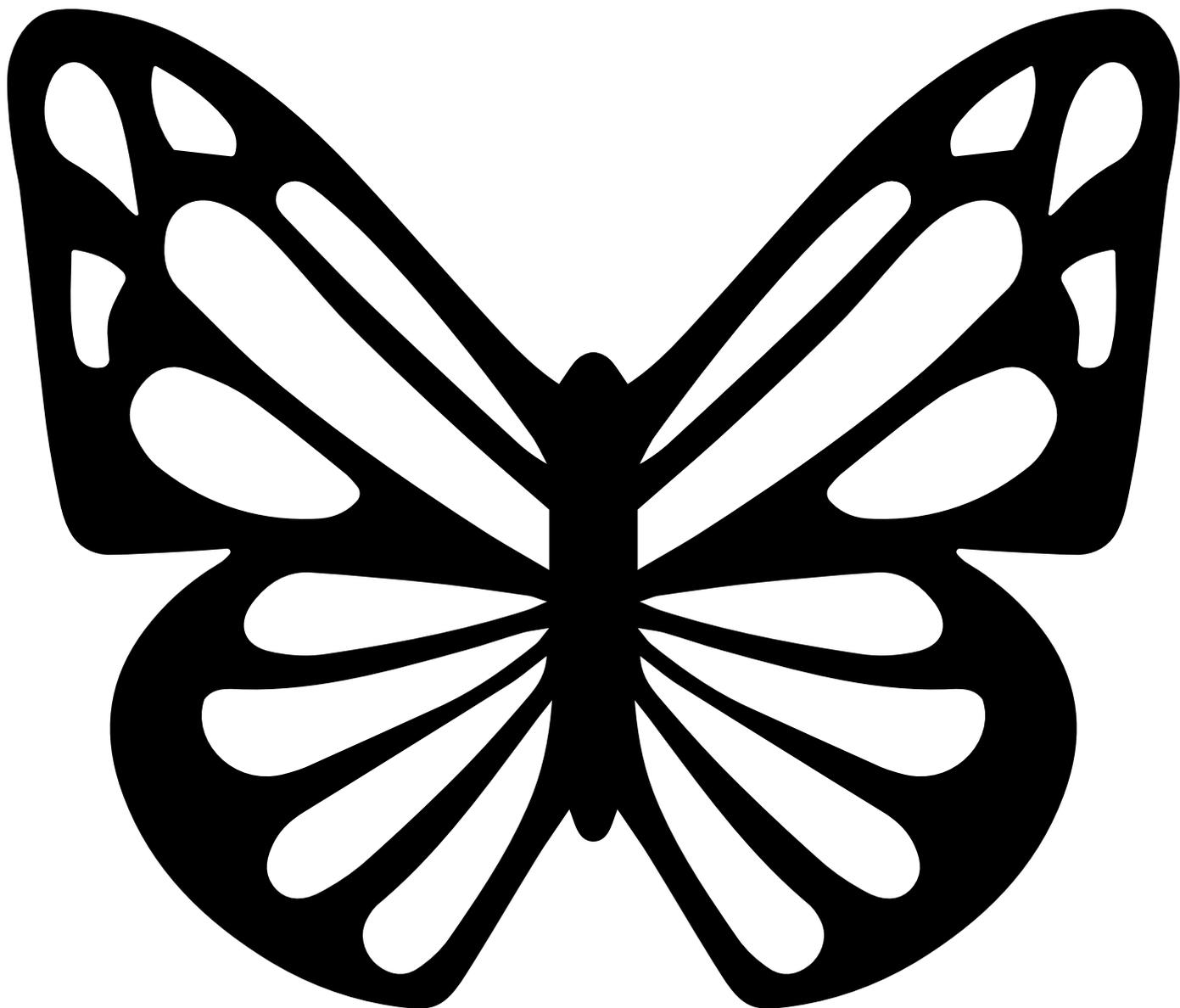
GUILHERME LUCIANO

Vitrais



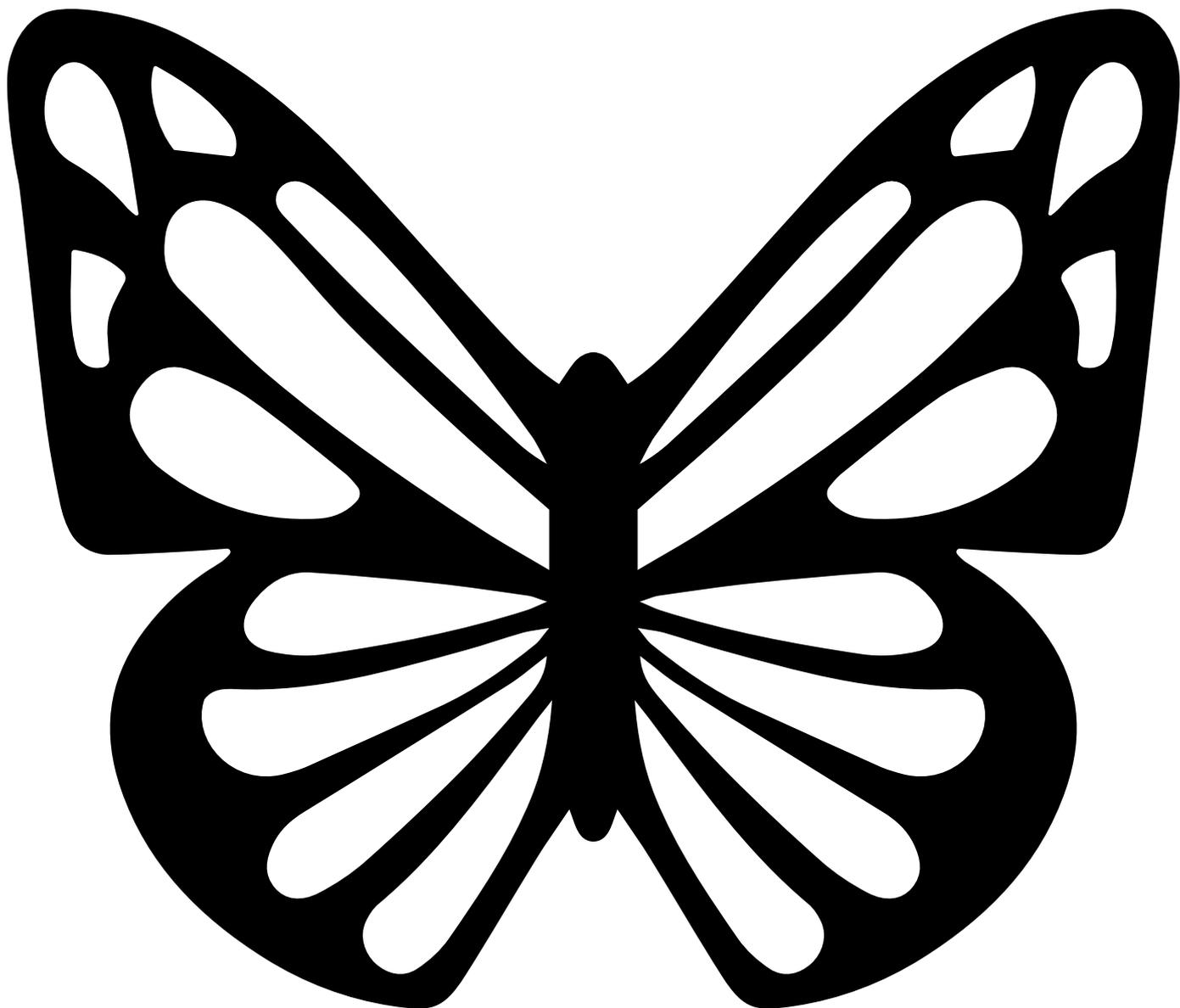
GUILHERME LUCIANO

Vitrais



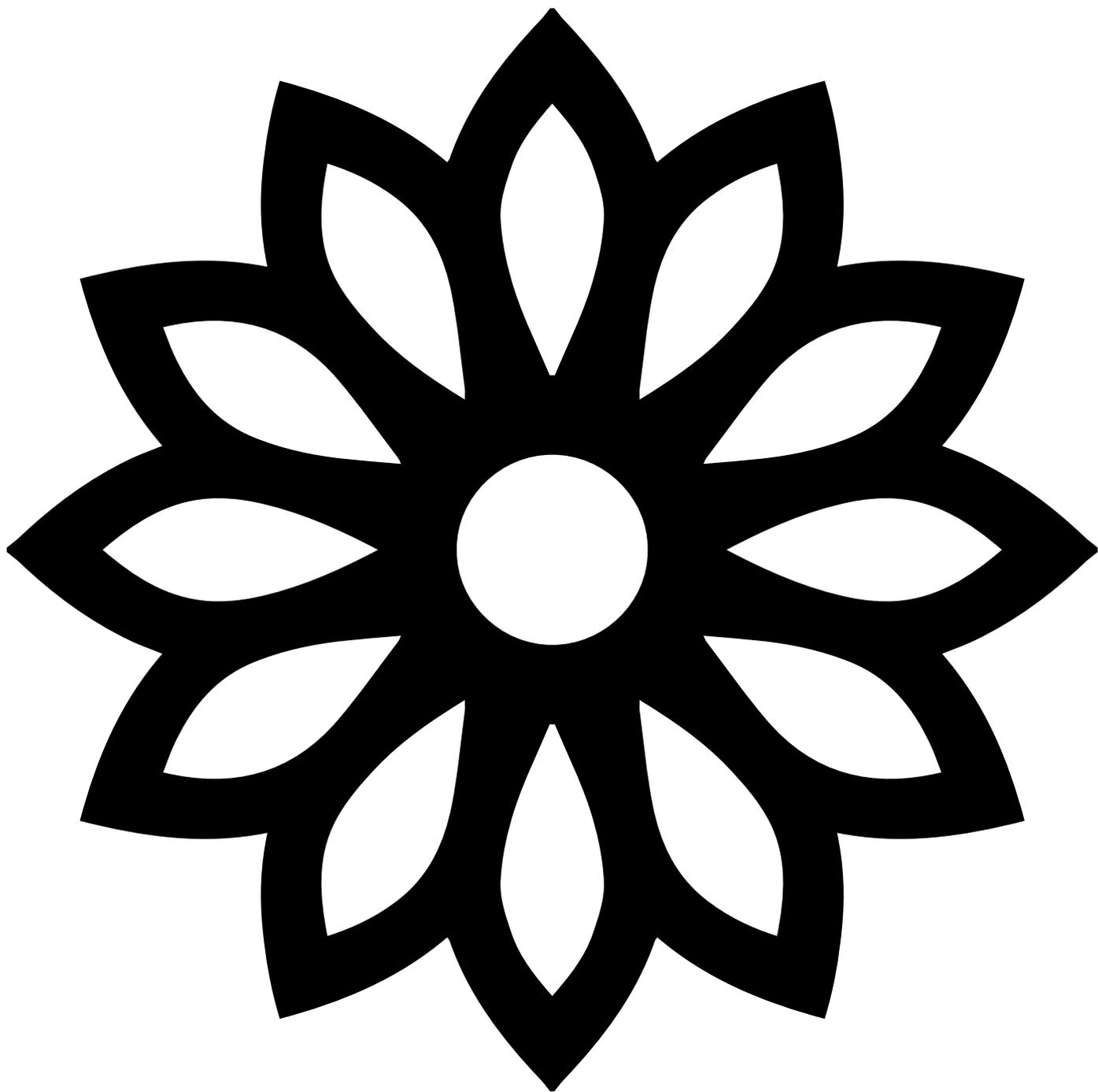
GUILHERME LUCIANO

Vitrais



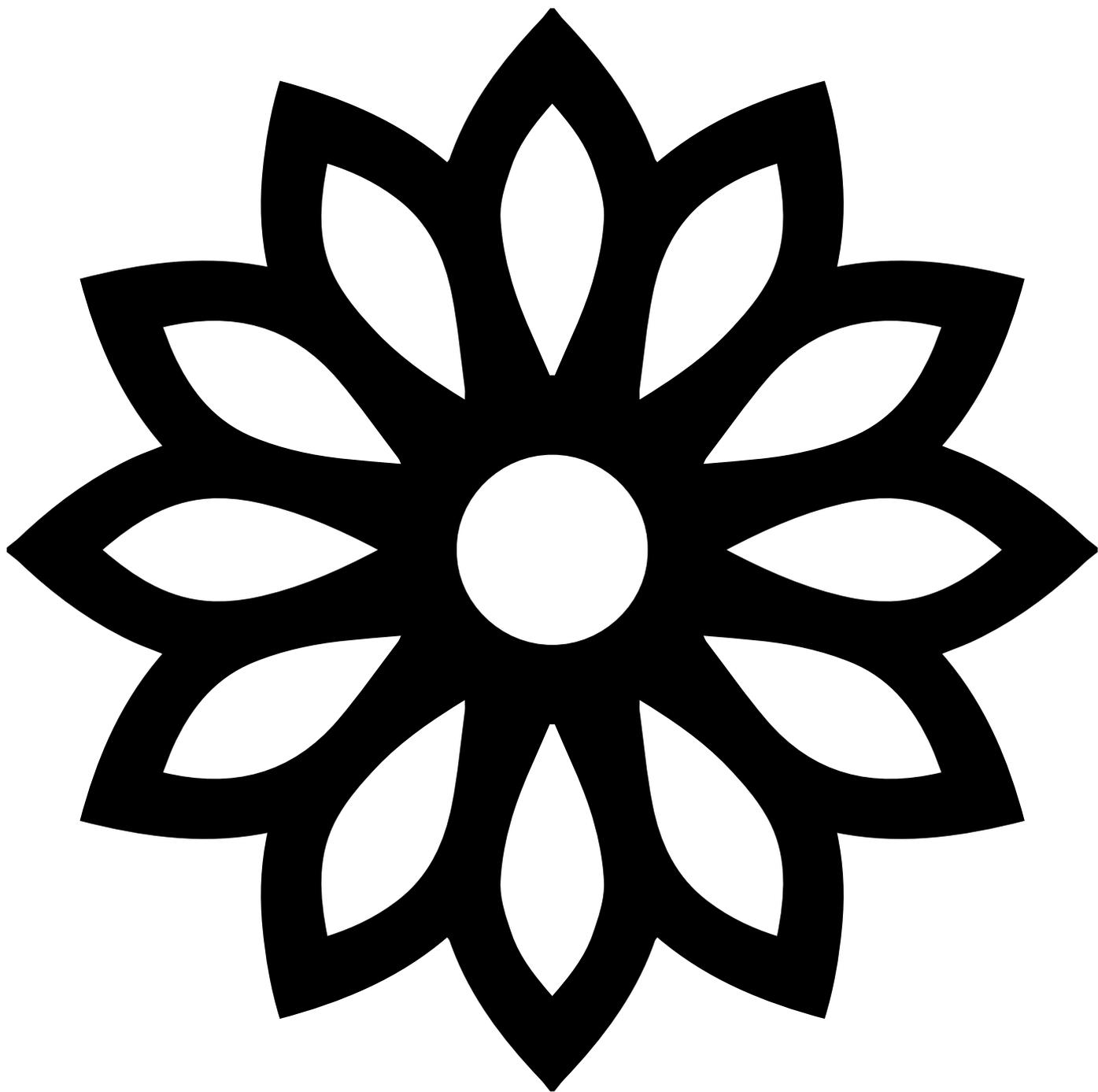
GUILHERME LUCIANO

Vitrais



GUILHERME LUCIANO

Vitrais



GUILHERME LUCIANO

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

- Bebês e crianças bem pequenas
- Ver no Manual do Professor:
- Capítulo 4: Álbum dos começos

● Contextualização

Bebês e crianças bem pequenas chegam a permanecer na Creche por períodos de até 11 horas. Por isso, muitos dos seus primeiros começos acontecem por lá. A Creche é o lugar privilegiado de acompanhamento, junto à família, das incontáveis primeiras vezes desses pequenos recém-chegados ao mundo.

Seja no processo do desfralde, seja em trajetos investigativos, em um ambiente calmo e acolhedor nos momentos de sono, em brincadeiras que ampliam o repertório cultural e de pertencimento, nas descobertas das múltiplas funções da linguagem oral e escrita, em uma roda de história, no momento de acolhida e despedida, em uma exploração heurística ou em uma construção com materiais não estruturados. Todos os momentos são experiências de aprendizagem para os bebês e as crianças bem pequenas e, a cada reiteração, eles constroem sua autonomia e protagonismo.

O material digital “Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes” é uma das formas possíveis para dar visibilidade aos processos de desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas, com destaque às especificidades e às potencialidades de cada um deles.

O álbum demarca o compromisso da Educação Infantil com a infância, com a visão de que crianças são sujeitos de direitos e precisam ter seus direitos de participar, conviver, conhecer-se, explorar, expressar e brincar respeitados, oportunizados, ampliados e vivenciados no cotidiano da Creche.

Este material é um instrumento com a finalidade de auxiliar os(as) professores(as) na organização dos registros e da documentação das conquistas e descobertas cotidianas feitas pelas crianças com base no planejamento, na organização dos espaços, tempos e materialidades e nas relações pautadas no cuidado ético ofertadas pelos profissionais da Creche.



Giroscópio Filmes

<<https://vimeo.com/101810403>>

Acesso em: 27 jun. 2020.

Clipe de vídeo animado, com 10 minutos de duração, realizado para acompanhar em DVD o livro: *Virando gente – a história do nascimento psíquico*, de Ivanise Fontes, Maísa Roxo, Maria Cândida S. Soares e Sara Kislánov. A história narra o nascimento psíquico do menino Bruno e nos brinda com muitos começos e primeiras vezes.

● Intencionalidade educativa

O “Álbum dos começos” tem como finalidade organizar as memórias das primeiras vezes dos bebês e das crianças bem pequenas em seus primeiros 1000 dias de vida. O álbum poderá acompanhar a criança ao longo dos anos na Creche.

Indicamos que o material do “Álbum dos começos” seja construído ao longo do ano de forma processual. Na prática docente cotidiana, o adulto registra, por meio de fotografias e pequenos textos, momentos significativos experienciados pelos bebês e pelas crianças bem pequenas. Sugerimos que, mensalmente, o(a) professor(a) escolha um momento marcante de acordo com a observação de cada criança para compor seu “Álbum de começos”. Cada criança é única; logo, o álbum de cada uma trará fragmentos de sua história, que é singular. Mesmo no ambiente coletivo da Creche, em que vivenciam interações entre pares, em pequenos, médios ou grandes grupos e com os adultos, cada criança se relacionará com essas experiências de forma singular, de acordo com seus interesses e momentos de desenvolvimento.

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

A primeira parte do álbum visa recolher e organizar informações importantes sobre o bebê ou a criança bem pequena com base no relato das famílias. Dessa forma, contribui para o fortalecimento do vínculo pela oportunidade de conversar e conhecer as especificidades das famílias, suas necessidades, culturas e modos de vida. Assim, a família se sentirá acolhida pela Creche e essa relação começará a dar seus primeiros prósperos passos. Lembre-se de que a relação de confiança construída entre família e professores(as) refletirá no processo de acolhimento e adaptação dessa criança que inicia sua jornada no ambiente da Creche (ver o Manual do Professor – Capítulo 4 – Chegando à creche).

A segunda parte do álbum tem o objetivo de tornar visíveis as experiências de aprendizagem e as conquistas dos bebês e das crianças bem pequenas no cotidiano da Creche. Nós, professores(as), sabemos que, a cada dia, os pequenos descobrem e aprendem. O álbum auxiliará no registro desses momentos especiais, construindo memórias afetivas dessa fase fundamental do desenvolvimento humano.

Para começar, elencamos alguns momentos que podem ser registrados. São exemplos de como e quando a criança participou de um piquenique pela primeira vez, ou observou os bichinhos no quintal, ou brincou de cirandas, ou experimentou um alimento novo, ou participou da organização da rotina ao auxiliar o(a) professor(a) na organização da mesa do lanche, entre tantos outros começos e possibilidades!

Em seguida, há um modelo de quadro para ser preenchido por você, pois o(a) professor(a) é quem sabe quais são as especificidades de seu grupo e de cada criança que o compõe. O importante é celebrarmos as conquistas cotidianas experienciadas por elas e fazermos brilhar as potencialidades de cada uma.

Para orientar esse processo, lembre-se sempre de que os dois eixos orientadores da Educação Infantil, conforme as DCNEI, são as interações e a brincadeira. Lembre-se também dos direitos de aprendizagem das crianças: conviver, participar, explorar, expressar-se, conhecer-se e brincar (ver o Manual do Professor, capítulo 1).

No material digital dos campos de experiências da BNCC (ver p. 22 deste material), estão organizadas as “nuvens de experiências” de cada um desses campos. As nuvens tornam visíveis os modos como oportunizamos e promovemos as aprendizagens dos bebês e das crianças bem pequenas no ambiente da Creche. No material dos campos de experiência, você encontrará uma diversidade de exemplos de **primeiras vezes** e **começos** que se relacionam com a prática docente na Creche, por exemplo, **começar a brincar de chuva de folhas**, como indicado na nuvem de experiências do campo “Corpo, gestos e movimentos”.

Veja o exemplo a seguir:

Brincar de chuva de folhas

MEUS COMEÇOS NA CRECHE

Quando brinquei de jogar folhas pela primeira vez.

Estamos no início do outono. Hoje fomos passear pelo quintal, e Pedro, com Júlia e Henrique, avistou um chão coberto de folhas que caíram do abacateiro. Os três começaram uma brincadeira de jogar as folhas para cima, pisavam nas folhas com força, motivados pelo som que produziam, deitavam o corpo e rolavam nas folhas. Comecei a juntar as folhas e os convidei para, juntos, jogarmos as folhas para o alto contando 1, 2, 3 e já! Foi a maior diversão!

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

Lembre-se: O “Álbum dos começos” é um material individualizado que narra os tantos começos pelos quais as crianças passam nos primeiros anos de vida. O álbum de cada criança trará as vivências mais importantes para ela, seus começos e primeiras vezes, de acordo com o seu desenvolvimento individual.

Sugestões de uso

1. Imprimir o material das páginas 111 a 113 para dar início ao álbum.
 - Na capa, colar uma foto da criança em uma situação significativa nas primeiras semanas na Creche.
 - Na página 114, registrar a conversa com a família seguindo os indicadores ao fim desta página.
 - Pedir para a família uma foto para ser colada na página 115. Caso a família não tenha, fazer a fotografia na Creche e imprimir para colar no álbum.
2. Imprimir o material das páginas 116 a 122 de acordo com as situações vividas pela criança.
 - Ler todos os modelos das páginas 116 a 122.
 - Ao longo do ano, observar quais se adequam às conquistas das crianças, imprimir as páginas correspondentes.
 - Registrar, por meio escrito e fotográfico, esses começos significativos no momento em que acontecem ou quando são reiterados na rotina da criança na Creche.
 - Descrever como foi esse momento e colar uma foto correspondente ao narrado.
3. Imprimir o material da página 123.
 - Esse modelo está em branco com o objetivo de que seja preenchido pelo(a) professor(a).
 - Processualmente, ao longo do ano, o(a) professor(a) poderá escolher qual experiência significativa vivida pelo bebê ou pela criança bem pequena vai ser registrada no “Álbum dos começos”.
 - Com base na nuvem de palavras do material digital do Capítulo 1, avaliar quais são os começos de cada um dos bebês ou das crianças bem pequenas do grupo, quais experiências são as mais significativas para se tornarem memória da trajetória desse sujeito no “Álbum dos começos”.
 - Descrever esse momento e colar uma foto correspondente no álbum.
4. Fure na margem esquerda de cada página e, com uma argola de metal ou um fio de sua preferência, junte as páginas, seguindo a ordem neste material digital.
5. Se possível, use papel com gramatura de 300 g para um álbum mais resistente.

Dicas:

Para auxiliar os(as) professores(as) na identificação desses primeiros começos, indicamos o uso da nuvem de experiências de cada um dos campos de experiência. (Ver a partir da página 27 deste material).

Escolha fotos das crianças que indiquem ações. Ou seja, em interação com seu corpo, com a natureza, com materialidades, com seus pares ou com adultos. Este não é um álbum de retratos de criança, mas sim um registro de memórias do que fazem, como brincam e interagem com o mundo. A foto deve revelar suas potencialidades.

● INDICADORES DE ORIENTAÇÃO DA CONVERSA COM AS FAMÍLIAS

Com base nesses indicadores, escreva o texto com o relato da família para colar na página 114 do “Álbum dos começos”.

Dia de nascimento ou da adoção:

Qual era seu peso?

Qual era seu comprimento?

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

Como eram seus cabelos?

O que a família lembra sobre esse dia?

Sono

Onde dorme?

Quantas horas dorme por dia, em média?

Quantas sonecas faz ao longo do dia e como elas são?

Quais são os rituais que preparam para dormir (diminuir a intensidade das luzes, contar histórias, cantigas de ninar...)?

Gosta de dormir com um objeto de apego (chupeta, cheirinho, urso...)?

Quantas vezes mama à noite?

Quais sinais usa para comunicar quando está cansado?

Adultos-referência e relações

Quem cuida da criança durante o dia? E durante à noite?

Quem são as pessoas da família com quem a criança costuma conviver?

Ela convive com outros bebês e crianças? Quem são?

Convive com algum animal de estimação? Qual?

Brincadeiras e brinquedos favoritos

Quais são os objetos e os brinquedos favoritos da criança?

Quais são as brincadeiras favoritas dela? (Brincadeiras de colo, "Cadê? Achou!", encaixar e desencaixar, massinha, pintar, brincadeiras corporais...)

Ela costuma brincar em contato com a natureza?

Qual é a música favorita da criança?

Principais características

Em quais situações ela demonstra alegria?

Quais situações a fazem chorar?

O que a tranquiliza?

Alimentação

Quais são os horários de alimentação da criança?

Onde ela faz as refeições?

De quais alimentos ela mais gosta?

De quais alimentos ela não gosta?

A família ainda não quer que a criança experimente algum alimento?

Movimentos

Quais são os movimentos corporais mais praticados pela criança (vira o dorso de lado, vira de barriga para baixo, rola, rasteja, engatinha...)?

O que mais você gostaria de contar sobre a criança?

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

ÁLBUM DOS COMEÇOS

COLE AQUI UMA FOTO
DA CRIANÇA

NOME:



Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

PARA COMEÇO DE CONVERSA

Quando comecei a frequentar a Creche? Quando dei minhas primeiras risadas? Quando comecei a desenhar com giz de cera? Quando comecei a passear de mãos dadas com meu amiguinho pelo quintal? Quando experimentei um alimento novo? Quando vi uma apresentação de teatro de sombras pela primeira vez? Quando coloquei meus pés na grama pela primeira vez? Quando comecei a convidar meus pares para brincar de roda?

Quantos começos marcam a vida dos bebês e das crianças bem pequenas! Nos primeiros 1000 dias de vida, tudo é novidade, tudo muda o tempo todo. O corpo cresce, novos movimentos são conquistados, as formas de comunicação se ampliam, as relações e vínculos ganham novas dimensões no espaço da Creche, novos gostos, cheiros, sons e texturas são descobertos e experienciados.

Este material é um convite, e um compromisso, para um olhar atento às conquistas cotidianas e descobertas feitas pelas crianças. Elas são tão potentes! Memórias muito bonitas que começamos a construir por aqui...

INDICAÇÃO LITERÁRIA:

Obra: *Como começa?*

Autora: Silvana Tavano

Editora Callis

“Será que o mundo começou em janeiro?
Será que o amor começou com um beijo?
Será que a noite começa no dia?
Será que a tristeza é o fim da alegria?
Será que o mar termina na areia,
Ou ali é o começo de uma vida inteira?
Taí o mistério que chegou até mim
Será que o mundo tem começo, meio e fim?
Quero começar, mas não sei por onde
Onde será que o começo se esconde?”

Trecho da música “Quero começar” do grupo Tiquequê. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dbasJPEInmk>>. Acesso em: 29 jun. 2020.

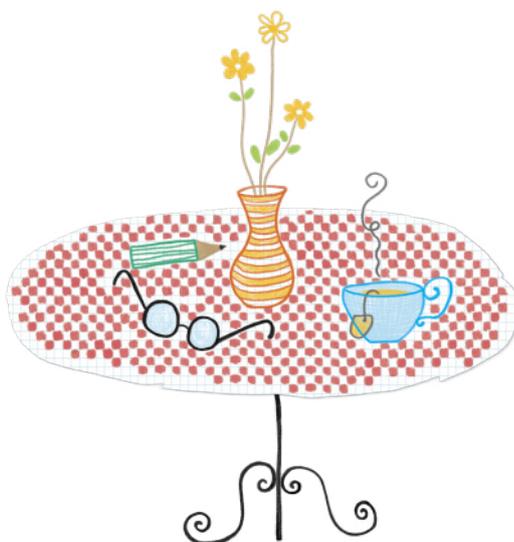
Nome do(a) professor(a):

Nome da Creche:



Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

PRIMEIRA CONVERSA COM O(A) PROFESSOR(A)



Quem da minha família conversou com o(a) professor(a)?

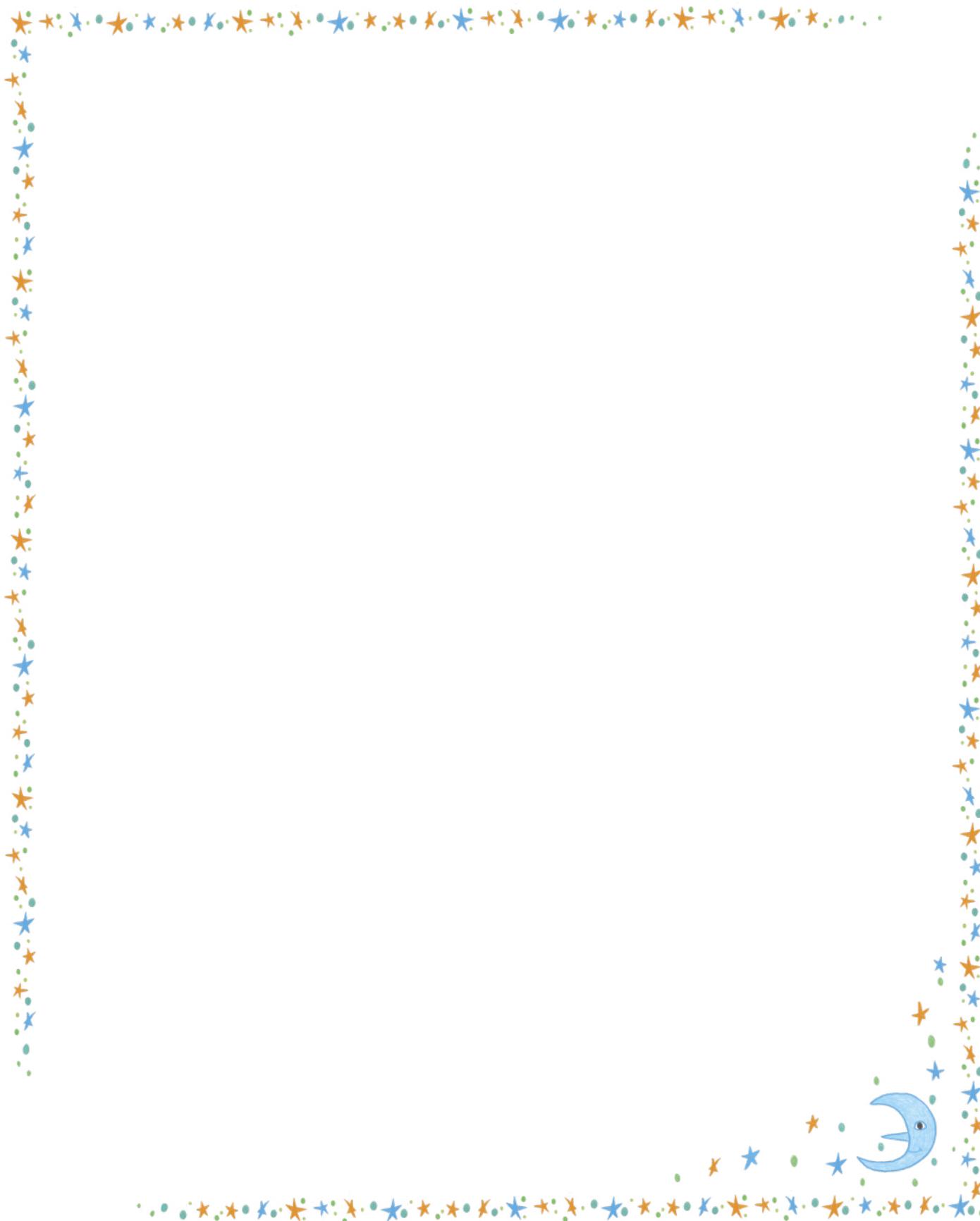
Qual foi a data da conversa?

Qual foi a data do meu primeiro dia na Creche?



Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MINHA FAMÍLIA CONTOU PARA O(A) PROFESSOR(A)...



Professor(a), cole aqui uma narrativa baseada no relato da família. Veja os indicadores de **orientação da conversa com as famílias** na página 109 deste Material Digital.

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MINHA FAMÍLIA CONTOU PARA O(A) PROFESSOR(A)...

QUE SOU ESPECIAL E QUE ME AMA MUITO!

COLE AQUI UMA FOTO DA FAMÍLIA.

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA EM UMA SITUAÇÃO COTIDIANA DE QUE DEMONSTRA GOSTAR MUITO.



Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...

MEUS PRIMEIROS DIAS NA CRECHE FORAM ASSIM...



Qual foi meu primeiro dia na Creche?

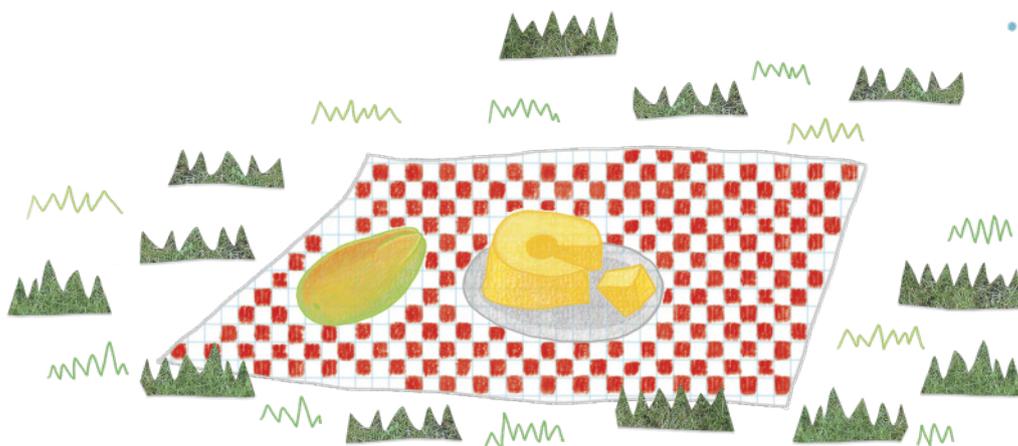
Como foram meus primeiros dias na Creche?

Quais foram os(as) professores(as) e as crianças com quem estabeleci meus primeiros vínculos?

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA NO PRIMEIRO MÊS NA CRECHE QUE SE RELACIONE COM O SEU PERÍODO DE ADAPTAÇÃO.

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



A PRIMEIRA VEZ QUE PARTICIPEI DE UM PIQUENIQUE... QUE DELÍCIA!

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA
NO PIQUENIQUE.

Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



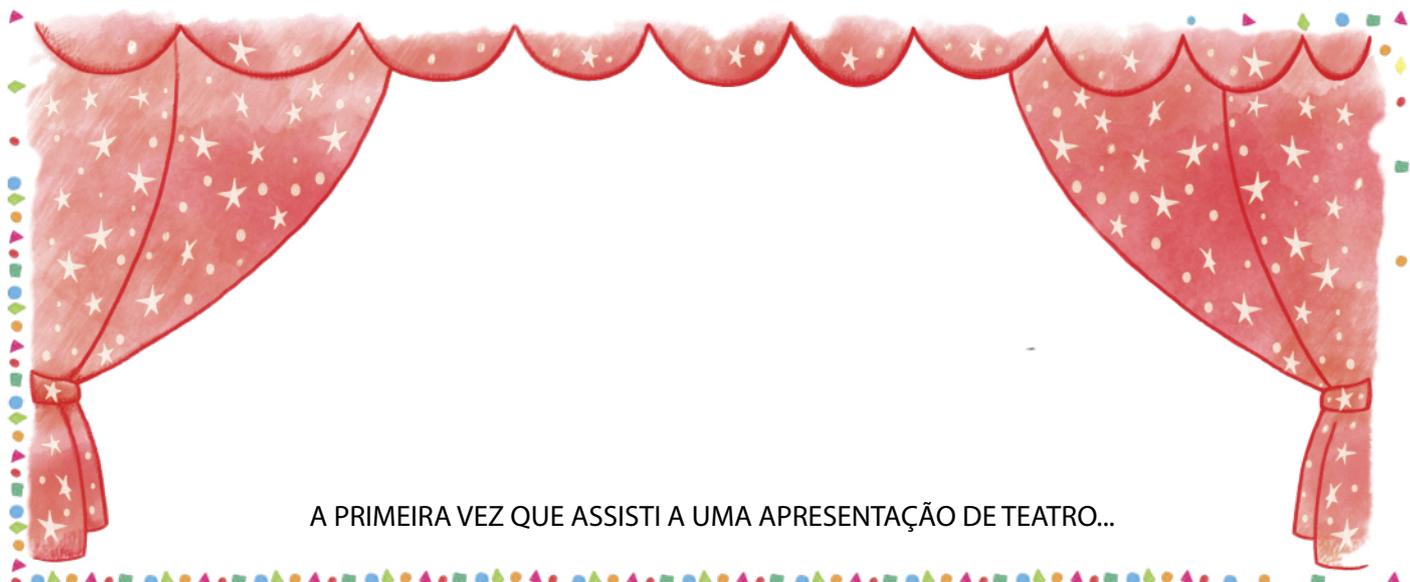
A PRIMEIRA VEZ QUE DESCI UM MORRINHO CORRENDO... QUE VENTO BOM!

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA
BEM PEQUENA CORRENDO.

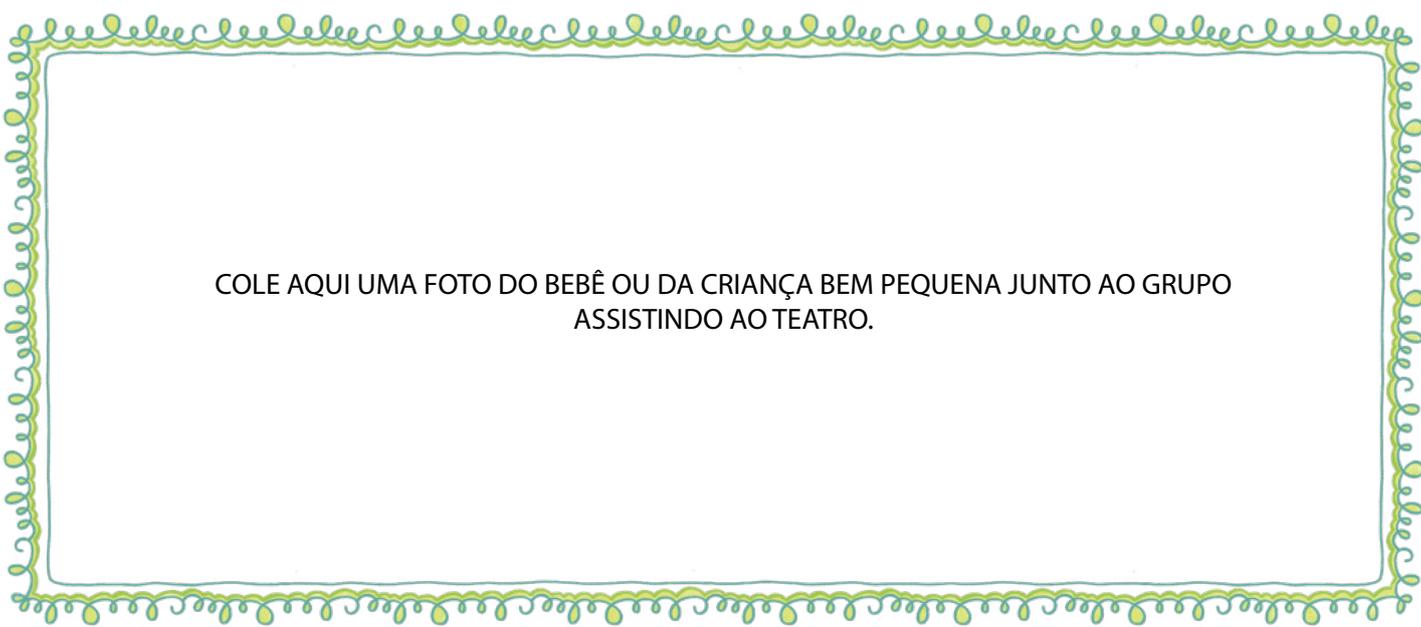
Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



A PRIMEIRA VEZ QUE ASSISTI A UMA APRESENTAÇÃO DE TEATRO...



COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA JUNTO AO GRUPO ASSISTINDO AO TEATRO.



Descreva esse momento:



Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



A PRIMEIRA VEZ QUE ME ENCANTEI POR UM LIVRO...

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA
NO MICROCENÁRIO DE LITERATURA.

Estes são os meus livros preferidos:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...

QUANDO COMECEI A BRINCAR DE FAZ DE CONTA E DE CASINHA...



COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA EM BRINCADEIRA DE FAZ DE CONTA.

Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...

QUANDO COMECEI A ME COMUNICAR COM PALAVRAS OU FRASES... ESTOU FALANTE!

Quais são meus balbucios ou palavras mais recorrentes?

Qual foi a primeira palavra/frase que falei?

Descreva esse momento.

Quais são as palavras/frases que mais uso para me comunicar oralmente?

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA CONVERSANDO COM SEUS PARES OU ADULTOS.
NO BALÃO, ESCREVA A PALAVRA OU FRASE RECORRENTE.

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



A PRIMEIRA VEZ QUE DANCEI...

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA DANÇANDO
OU PARTICIPANDO DE UMA CIRANDA.

Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



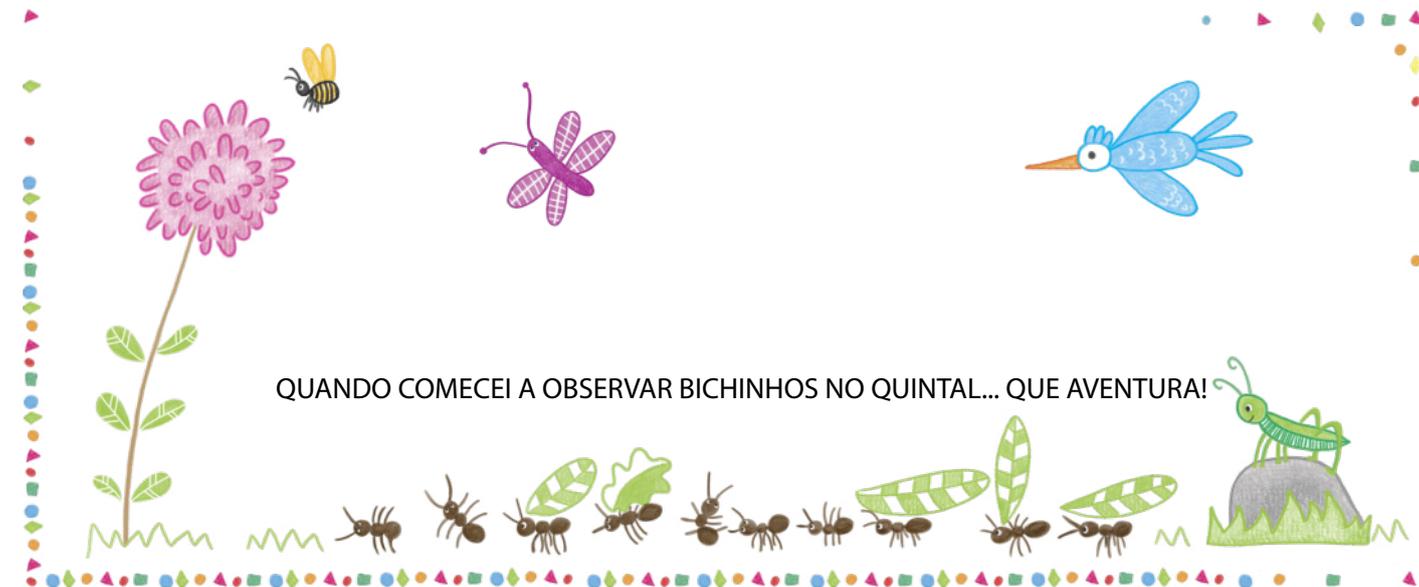
A PRIMEIRA VEZ QUE BRINQUEI COM ÁGUA...

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA
EM BRINCADEIRA COM ÁGUA.

Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



QUANDO COMECEI A OBSERVAR BICHINHOS NO QUINTAL... QUE AVENTURA!

COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA
OBSERVANDO BICHOS NO QUINTAL.



Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...



QUANDO AJUDEI A ARRUMAR A MESA DO LANCHE... FICOU TÃO LINDA!

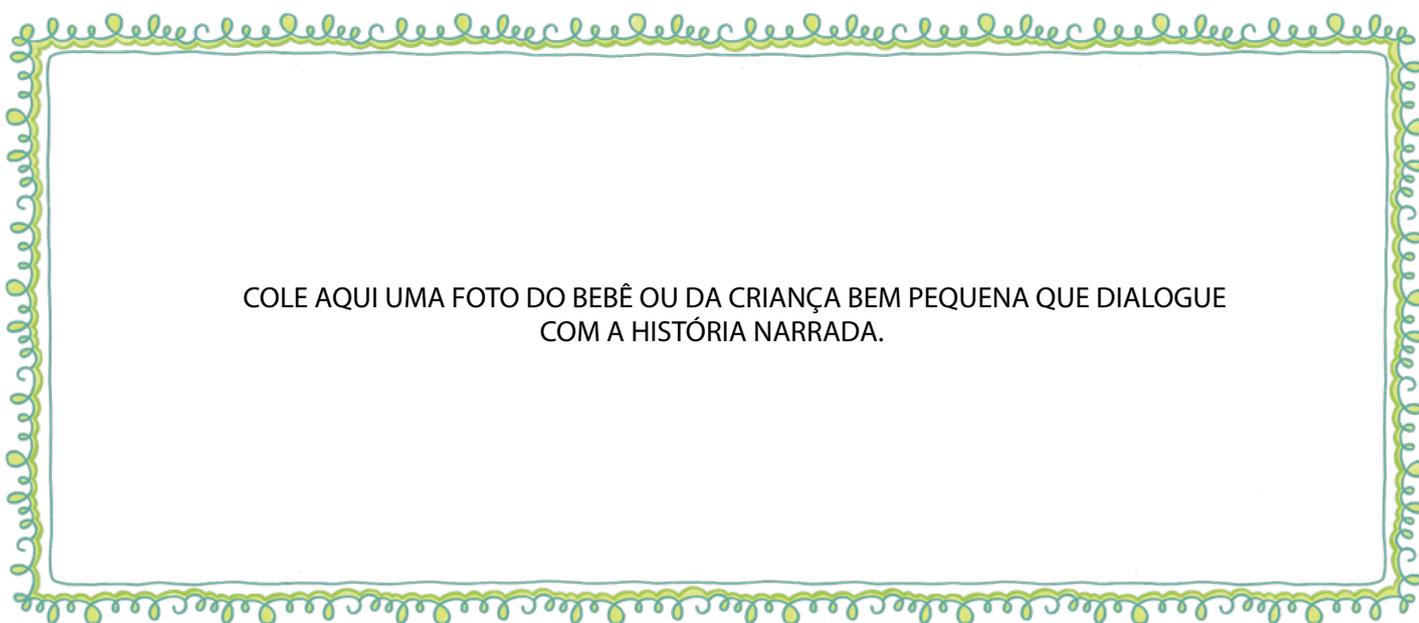
COLE AQUI UMA FOTO DO BEBÊ OU DA CRIANÇA BEM PEQUENA ARRUMANDO A MESA DO LANCHE OU LANCHANDO.

Descreva esse momento:

Álbum dos começos – Minhas primeiras vezes

MEUS COMEÇOS NA CRECHE...

TÍTULO:



Descreva esse momento:

Jogos motores

- Crianças bem pequenas

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Encontrando-se para brincar e escutar histórias
- Capítulo 5: Jogos com regras

● Contextualização

Crianças bem pequenas estão constantemente desafiando seu corpo, descobrindo novas possibilidades de movimento, experimentando novas sensações táteis, apropriando-se, por meio da reiteração, de gestos e movimentos, ampliando suas capacidades motoras, seu equilíbrio, sua força, sua elasticidade e a consciência de seu corpo no espaço.

Desde muito pequenas, as brincadeiras motoras estão presentes nas interações entre os adultos e as crianças; as brincadeiras “Cadê? Achou!” – esconde-esconde (ver Manual do Professor – Capítulo 5); dançar; derrubar e pegar objetos; tentar pegar objetos que estão a uma distância possível, mas desafiadora; imitar gestos são algumas das possibilidades de interação que convidam ao desenvolvimento motor. Os jogos motores convidam a criança a desafiar seu corpo de diferentes maneiras e a se expressar por meio dele. Para jogar com o corpo, é preciso fazer várias tentativas para encontrar soluções, reiterar as ações inúmeras vezes, apropriar-se de modos de fazer, construir sequências de ações e criar estratégias.

Nesse complexo movimento de perceber e testar, as crianças vão construindo a consciência de seu corpo. Um recém-nascido, por exemplo, ao movimentar os olhos, encontra objetos ou pessoas, e, ao desviar o olhar, esse elemento visual desaparece de seu campo de visão. Descobre, por meio desse jogo, que os objetos podem aparecer e desaparecer a depender de como movimenta seus olhos. O jogo “Cadê? Achou!” é uma possibilidade de brincadeira reiterada organizada pelo adulto para ser vivenciada com a criança em que objetos e pessoas aparecem e desaparecem de seu campo de visão, ampliando sua percepção sobre si mesmo, em relação ao outro e em relação ao espaço.

Com o desenvolvimento das funções simbólicas, a imaginação se expressa por meio de brincadeiras corporais. Uma criança, ao segurar um(a) boneco(a), um paninho ou outro objeto em seus braços e começar a balançar levemente seu tronco, está reproduzindo o gesto de ninar interpretativamente (ver o Manual do Professor – Capítulo 5). A criança é ninada e recria, a seu modo, os gestos de ninar por meio do jogo simbólico.

Quando uma criança brinca de reproduzir interpretativamente os movimentos de um leão na selva, ela posiciona seu corpo “em quatro patas”, tensiona o corpo, imprime em seu caminhar a voracidade de um leão, solta um rugido abrindo a boca e vocalizando um “grrhhhh”, levanta uma das patas para mostrar suas garras. Ela busca traduzir, por meio de sua postura corporal e de seus gestos, sua compreensão e imaginação do que seja um leão. Portanto, brincar com o corpo é pôr a imaginação em movimento, e vice-versa. Corpo e imaginação caminham juntos.

Dica:

Alguns dos jogos deste material foram inspirados no livro **150 propostas de atividades motoras para a educação infantil (3 a 6 anos)**, de Teresa Godall e Anna Hospital. Porto Alegre: Artmed, 2004. Confira outras possibilidades para pensar novas propostas.

Jogos motores

● Intencionalidade educativa

- Para saber mais sobre a intencionalidade pedagógica dos jogos motores, ver o Manual do Professor, Capítulo 5.

A intencionalidade pedagógica dos jogos motores selecionados neste material é a de oferecer oportunidades para que as crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	As imagens nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo o jogo como mediador. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber as possibilidades de seu corpo no espaço por meio de brincadeiras. <input checked="" type="checkbox"/> Compartilhar os modos próprios de fazer jogos com regras. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber diferentes modos de fazer. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber semelhanças e diferenças entre si e os outros. <input checked="" type="checkbox"/> Reconhecer seu corpo e expressar sensações por meio das brincadeiras. <input checked="" type="checkbox"/> Participar de momentos coletivos. <input checked="" type="checkbox"/> Reconhecer seu corpo e se expressar. <input checked="" type="checkbox"/> Imitar gestos, movimentos, sons, palavras de outras crianças e adultos. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Cenários cotidianos de movimento. <input checked="" type="checkbox"/> Cenários cotidianos de jogos. <input checked="" type="checkbox"/> Trajetos com grupos. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Perceber-se <input type="checkbox"/> Reconhecer <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Expressar-se <input type="checkbox"/> Produzir sons <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Desafiar-se <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Explorar <input type="checkbox"/> Equilibrar-se <input type="checkbox"/> Alongar-se <input type="checkbox"/> Saltar <input type="checkbox"/> Atravessar <input type="checkbox"/> Abaixar-se <input type="checkbox"/> Espichar-se <input type="checkbox"/> Arrastar-se 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <p>(Ver Manual do Professor, Capítulo 1.)</p>

Intencionalidade Pedagógica	As imagens nos ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar-se, fazendo uso da linguagem verbal para negociar, definir papéis, entrar em acordos, estipular modos e regras de fazer que respeitem o corpo do outro e que estejam de acordo com as possibilidades do espaço em que a brincadeira acontece. <input checked="" type="checkbox"/> Participar da construção de painéis com as regras do jogo, demarcando a função da linguagem escrita. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Classificar <input type="checkbox"/> Criar padrões <input type="checkbox"/> Sequenciar 	
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer e nomear formas. <input checked="" type="checkbox"/> Construir conhecimentos lógico-matemáticos ao comparar semelhanças e diferenças, classificar, contar, criar sequências e padrões de como jogar. 			

● Sugestões de uso

1. **Pé com pé** – Crianças bem pequenas (página 133)

Esse jogo pode compor diferentes espaços da creche: corredor, sala, solário, quintal, entre outros. Pode fazer parte dos elementos cotidianos disponíveis às crianças bem pequenas. Pode também ser proposto para pequenos grupos.

2. **Pé com forma** – Crianças bem pequenas (página 135)

Esse jogo pode compor diferentes espaços da creche: corredor, sala, solário, quintal, entre outros. Pode fazer parte dos elementos cotidianos disponíveis às crianças bem pequenas. E também, ao adicionar o dado de formas, ser proposto para pequenos grupos.

3. **Come-come de mímica** – Crianças bem pequenas (página 143 a 145)

Esse jogo de imitação é proposto com tema de personagens folclóricos e animais. Conduzido inicialmente por adultos em propostas com pequenos grupos, conforme as crianças se apropriam poderão manusear o come-come em situações cotidianas no microcenário de jogos.

4. **Dado de movimentos e posições corporais** – Crianças bem pequenas (página 146)

Esse jogo de imitação apresenta desafios com imagens de referência de outras crianças em diferentes posições e de um gato posicionado de diferentes modos – em cima, embaixo, dentro, ao lado, atrás – em relação a uma caixa. Conduzido inicialmente pelos adultos em propostas com pequenos grupos, conforme as crianças se apropriam poderão manusear os dados em situações cotidianas no microcenário de jogos.

! Lembre-se: Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras do jogo. O que importa neste momento é que desafiem seu corpo; testem formas de equilíbrio e de elasticidade; descubram novas formas de se movimentar; percebam diferenças e semelhanças entre seus movimentos e os de seus pares, partilhando diferentes modos de fazer; construam sua autoestima; dialoguem sobre suas impressões, sensações e estratégias e se aproximem de conceitos lógico-matemáticos.

Jogos motores

● Para ampliar

Os jogos motores presentes neste material são algumas das possibilidades de jogos que incentivam e desafiam as crianças a perceber seu corpo e ampliar formas de movimentação, desenvolvendo a motricidade fina e a grossa, a força, o equilíbrio, a elasticidade e a consciência espacial.

Muitos outros jogos podem ser disponibilizados em cenários da creche, como os jogos de amarelinha e circuitos motores com elementos como madeiras, pneus, cordas e bambolês, ou serem propostos em trajetos com pequenos grupos, como estátua, mímicas em geral, morto-vivo, entre tantos outros.

- ✓ Após experienciar reiteradamente um dos jogos e ter observado como as crianças bem pequenas se apropriaram das formas de jogar, pergunte a elas como se faz o jogo. Escreva, em uma roda com pequenos grupos, as regras do jogo em um papel A3 com base nos relatos orais das crianças. Na altura das crianças, em um ambiente de jogos, cole a regra do jogo construída coletivamente e, se possível, insira, ao redor, fotos das crianças jogando.

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS
	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI02CG01 EI02CG02 EI02CG03 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI02EF01
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07

Jogos motores

● Pé com pé



Material

Imagens dos pés (página 134 deste material digital); tesoura; cola bastão; papel mais grosso, plástico adesivo e, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens dos pés da página 134.
- ✓ Corte as imagens dos pés seguindo as linhas pontilhadas.
- ✓ Para que as imagens fiquem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso (Exemplo: papel Canson 120 g).
- ✓ Se possível, plastifique as imagens dos pés para que fiquem ainda mais resistentes.
- ✓ Crie uma sequência de movimentos com as imagens (exemplos: pés para frente, pés para o lado direito, pés para trás, pés para frente, pés para o lado esquerdo, pés para trás).
- ✓ Com plástico adesivo, cole as imagens no chão formando uma linha.

Como jogar

1. O objetivo é atravessar todo o caminho pulando sobre as imagens dos pés de acordo com orientações de posição das imagens (de frente, de costas, do lado direito, do lado esquerdo), até chegar ao final do trajeto.
2. Em pequenos grupos, lance desafios motores para as crianças: chegar ao final o mais rápido que conseguir; entre uma imagem e outra, pular o mais alto que conseguir; ao se posicionar sobre cada uma das imagens dos pés, bater palmas; a cada pulo, falar o número correspondente (1, 2, 3, 4...); seguir o caminho de pés pulando em um pé só etc.

Vamos contar quantos pulos a criança dá até chegar ao final do caminho de pés?

Jogos motores



Jogos motores

● Pé com forma



Material

Imagens das formas (páginas 137 a 142 deste material digital); tesoura; caixa de papelão cúbica; cola bastão; papel mais grosso, plástico adesivo e, se possível, plastificadora.

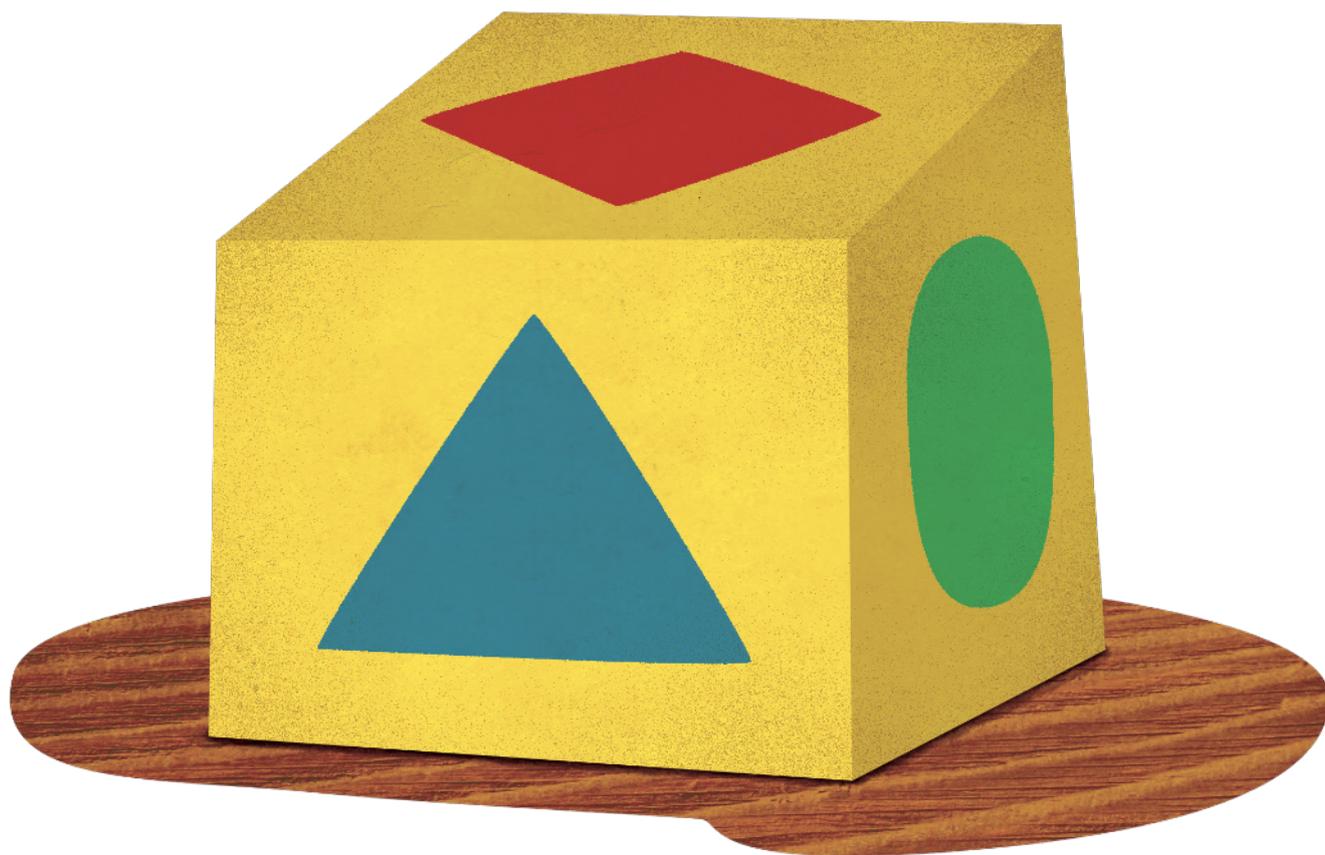
Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, duas cópias, no mínimo, de cada uma das formas das páginas 137 a 142.
- ✓ Corte as imagens das formas seguindo as linhas pontilhadas.
- ✓ Para que as imagens fiquem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso (exemplo: papel Canson 120 g).
- ✓ Se possível, plastifique as imagens das formas para que fiquem ainda mais resistentes.
- ✓ Crie no mínimo três sequências com as imagens (exemplo de sequência: quadrado, círculo, retângulo, triângulo, trapézio, losango)
- ✓ Com plástico adesivo, cole as imagens no chão formando, no mínimo, três linhas paralelas.

Dado de formas

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, cada uma das formas das páginas 137 a 142.
- ✓ Corte as imagens das formas seguindo as linhas pontilhadas.
- ✓ Para que as imagens fiquem mais resistentes, cole as imagens cortadas em um papel mais grosso (Exemplo: papel Canson 120 g).
- ✓ Cole cada uma das imagens em uma das faces da caixa de papelão. Se quiser, encape a caixa de papelão, para ficar visualmente mais atraente.
- ✓ Passe plástico adesivo sobre toda a caixa de papelão com as imagens das formas coladas.

Jogos motores



BRUNA ASSIS BRASIL

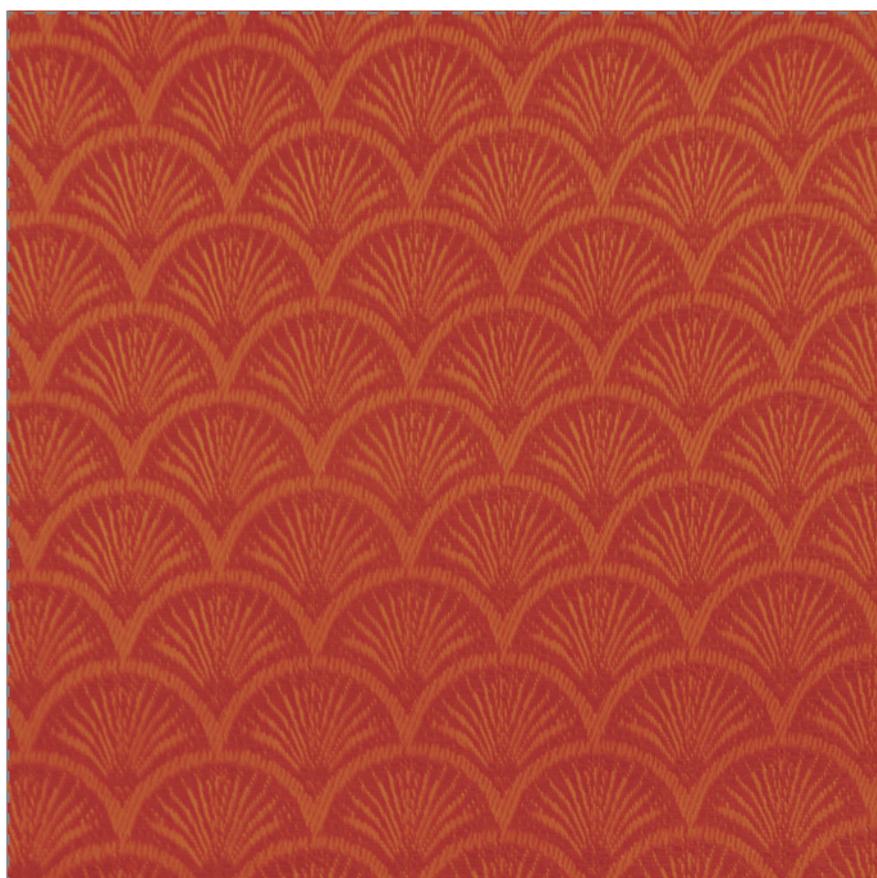
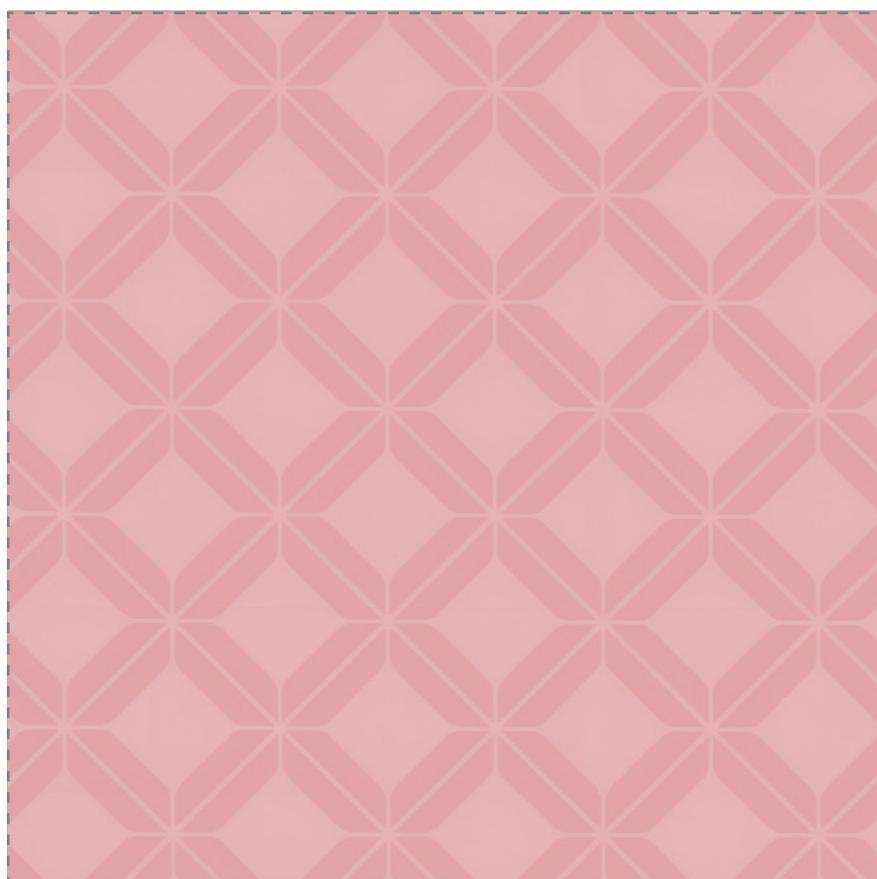
Como jogar

1. O objetivo é atravessar todo o caminho pulando somente sobre uma das formas geométricas até chegar ao final.
2. Em pequenos grupos, o(a) professor(a) ou uma criança joga o dado de formas. A forma que cair com a face virada para cima indica aquela sobre a qual as crianças devem pular até chegar ao final do caminho.
3. Uma variação possível é jogar o dado, a cada movimento, mudando as formas sobre as quais a criança deve pular.
4. O(a) professor(a) pode lançar desafios motores para as crianças: chegar ao final o mais rápido que conseguir; entre uma imagem e outra, pular o mais alto que conseguir; a cada pulo, falar a forma e a cor correspondentes (Exemplo: triângulo amarelo); seguir o caminho das formas pulando em um pé só etc.

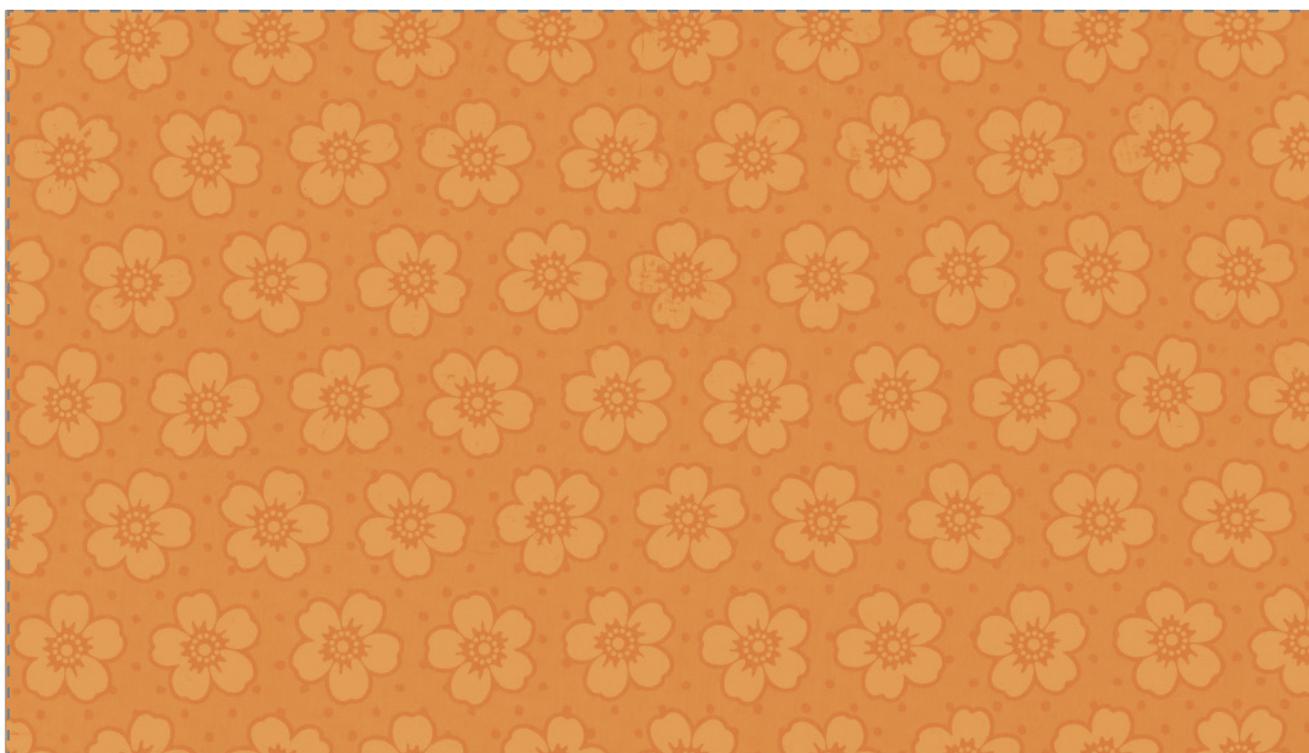
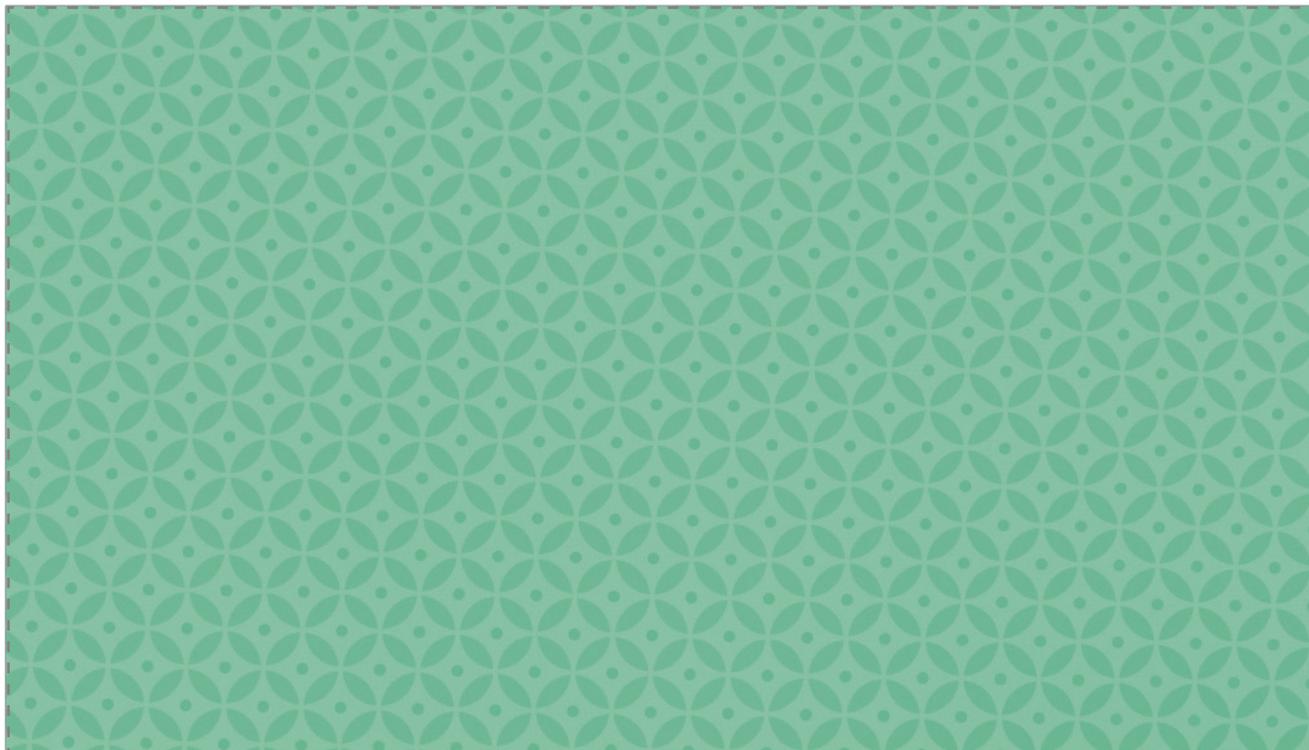
Observação: Pode-se jogar com uma criança por vez ou até 3 crianças por vez, a depender do número de formas dispostas no chão.

Vamos contar quantas formas de cada tipo há no caminho?

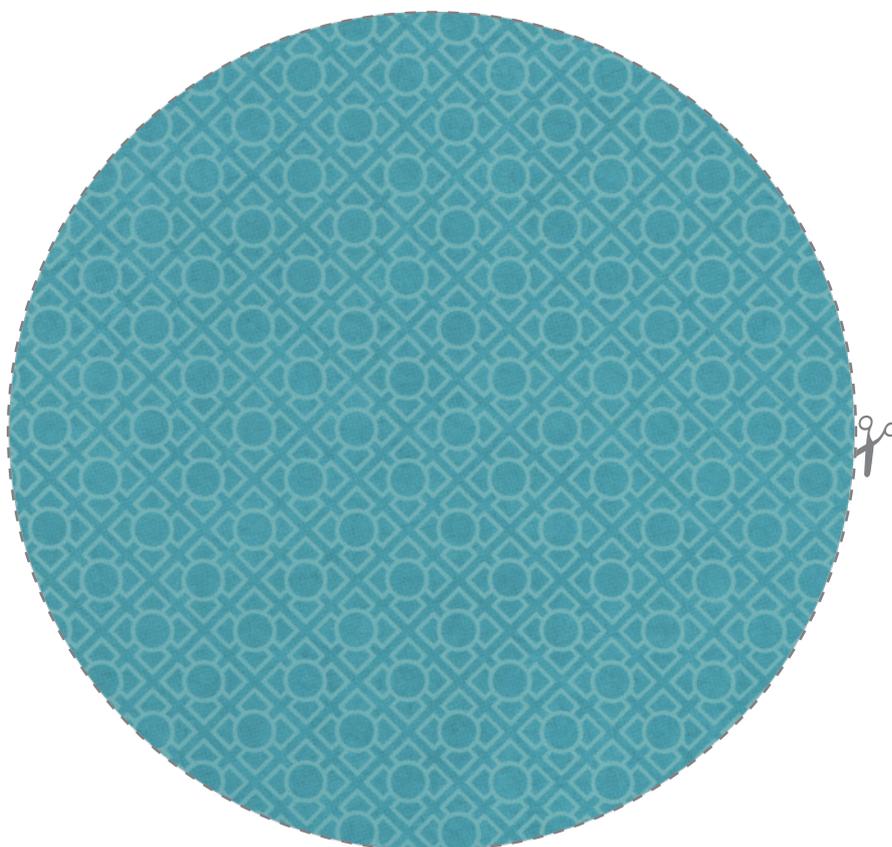
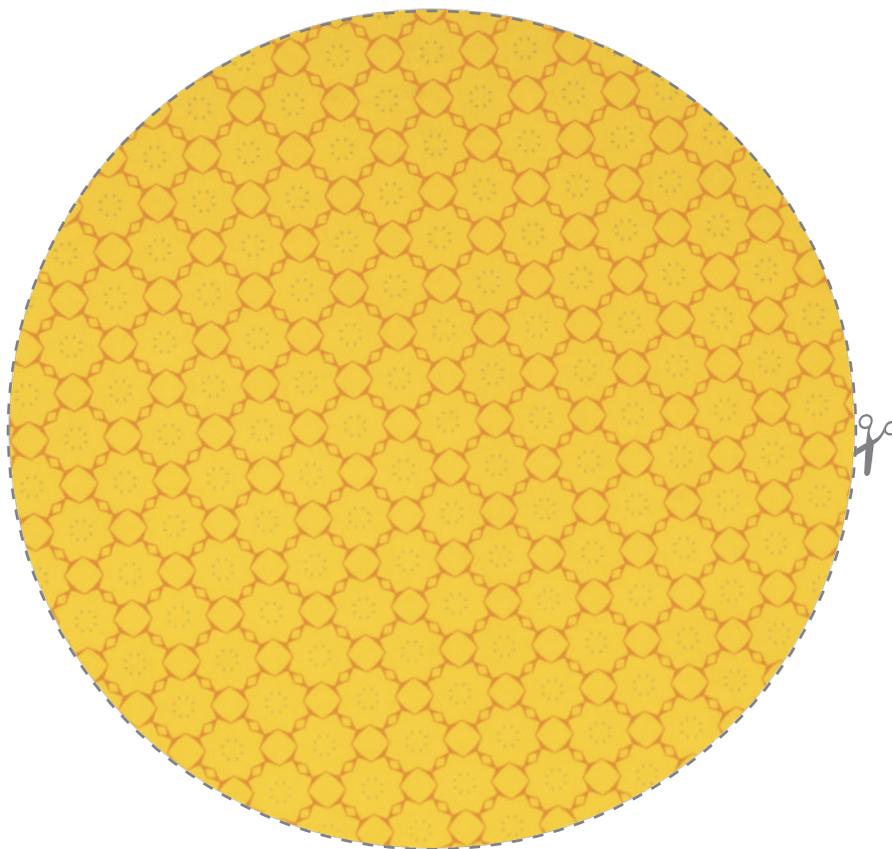
Jogos motores



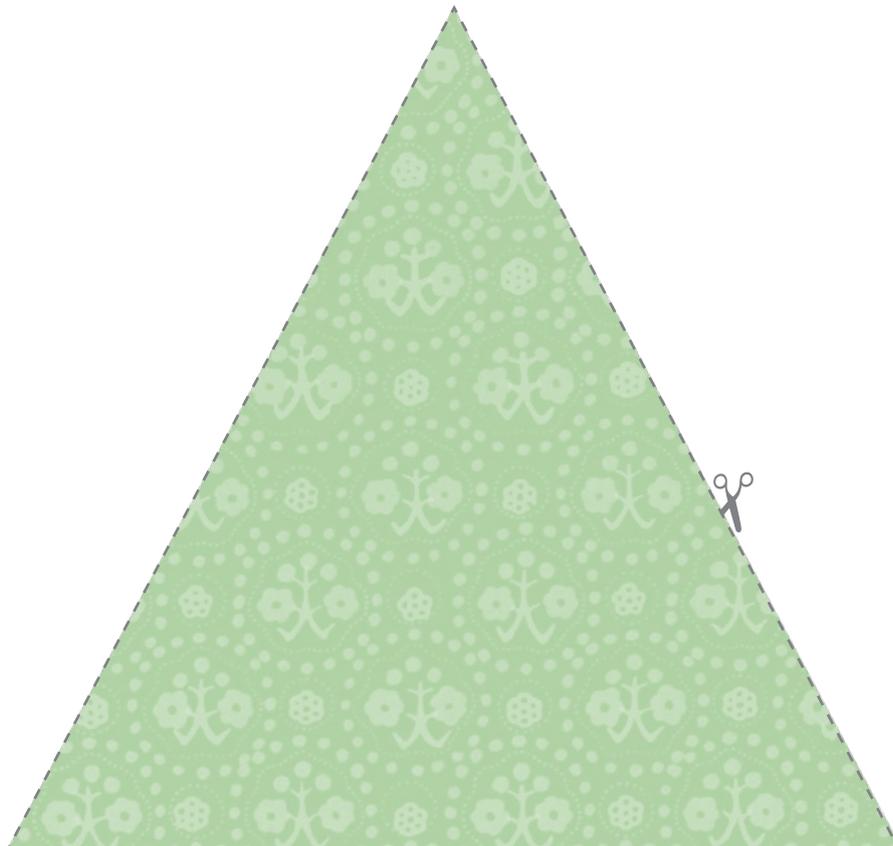
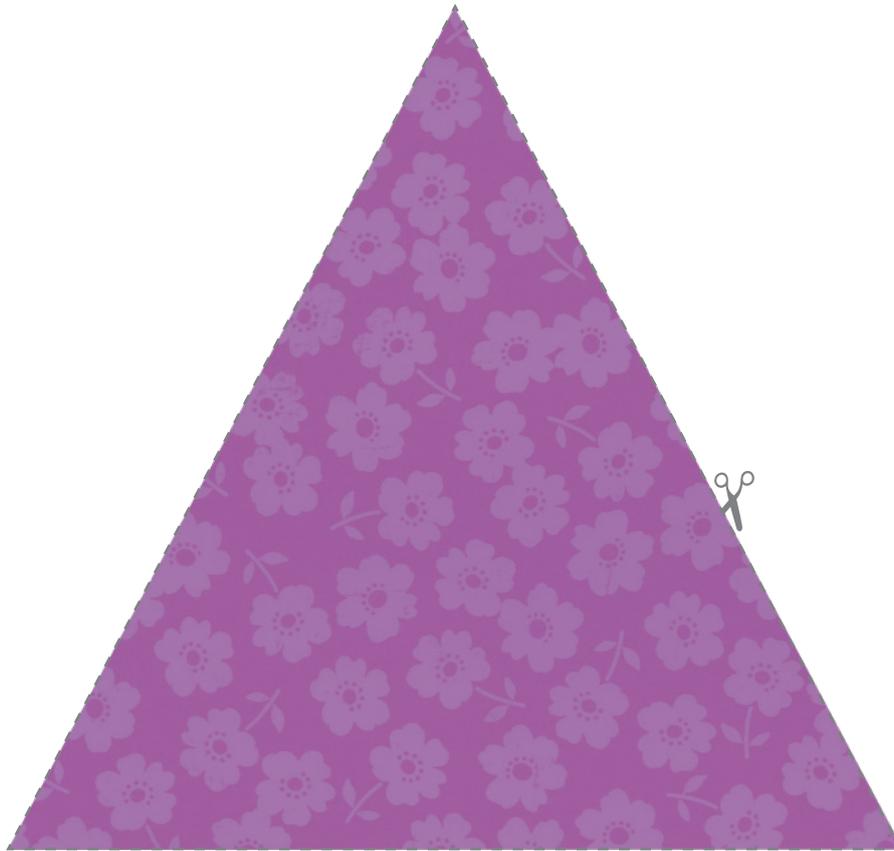
Jogos motores



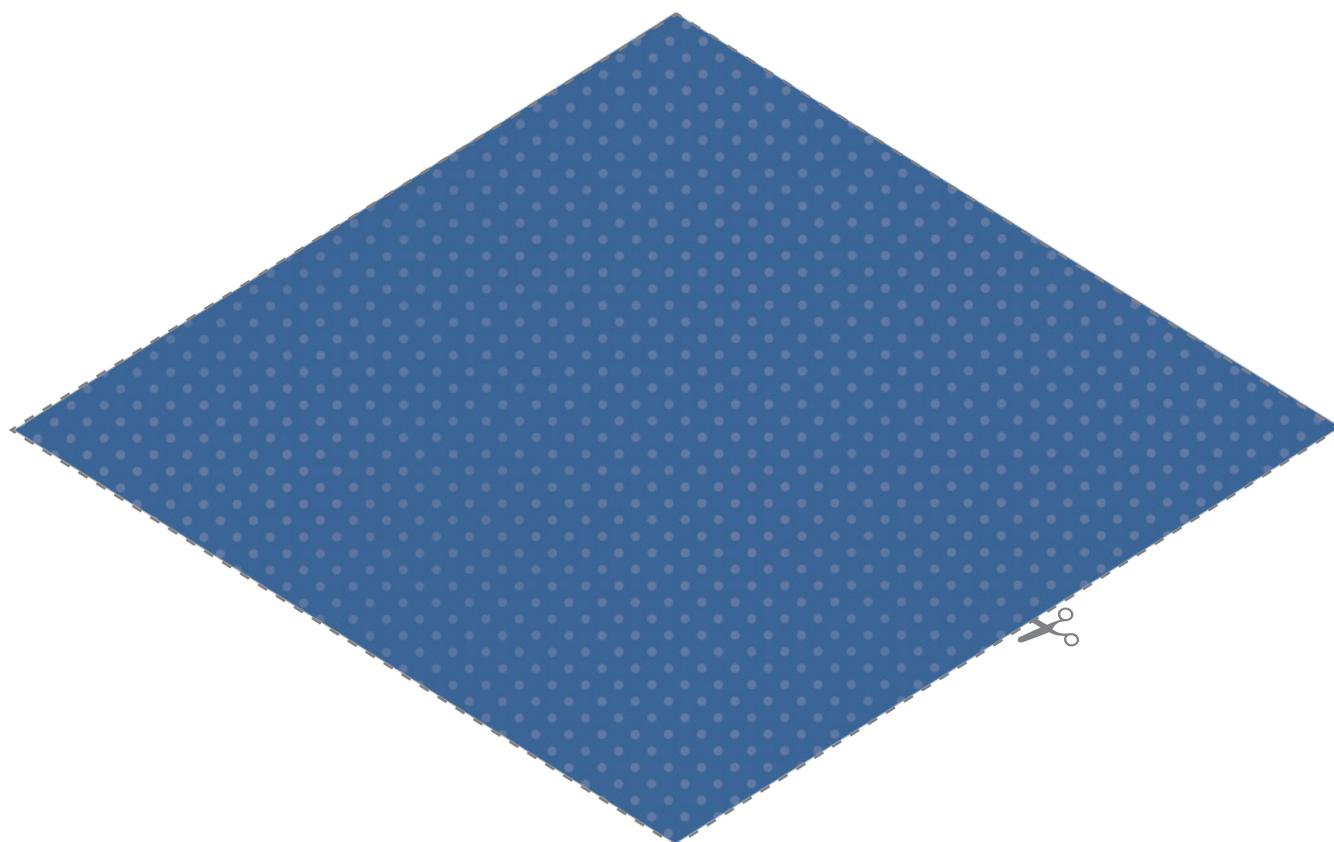
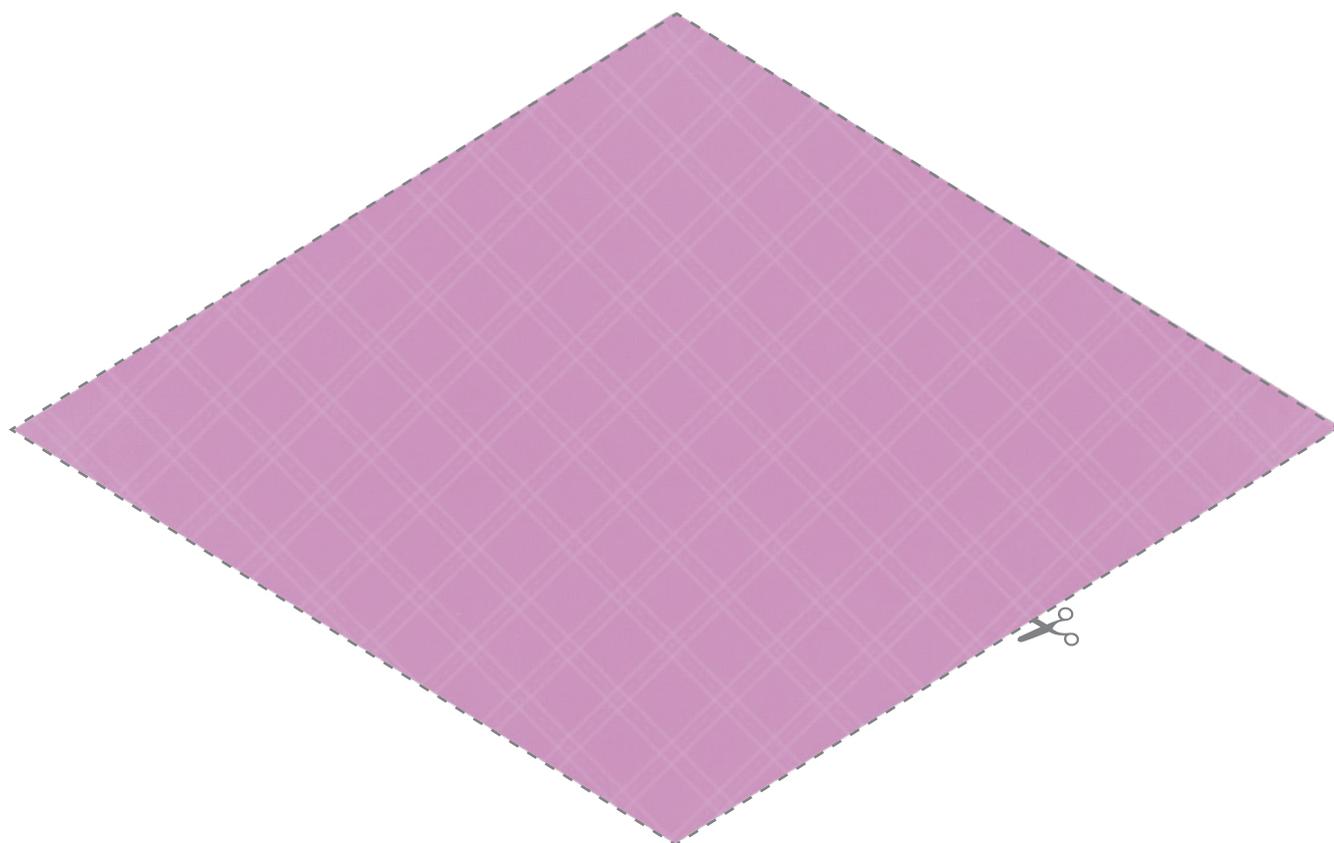
Jogos motores



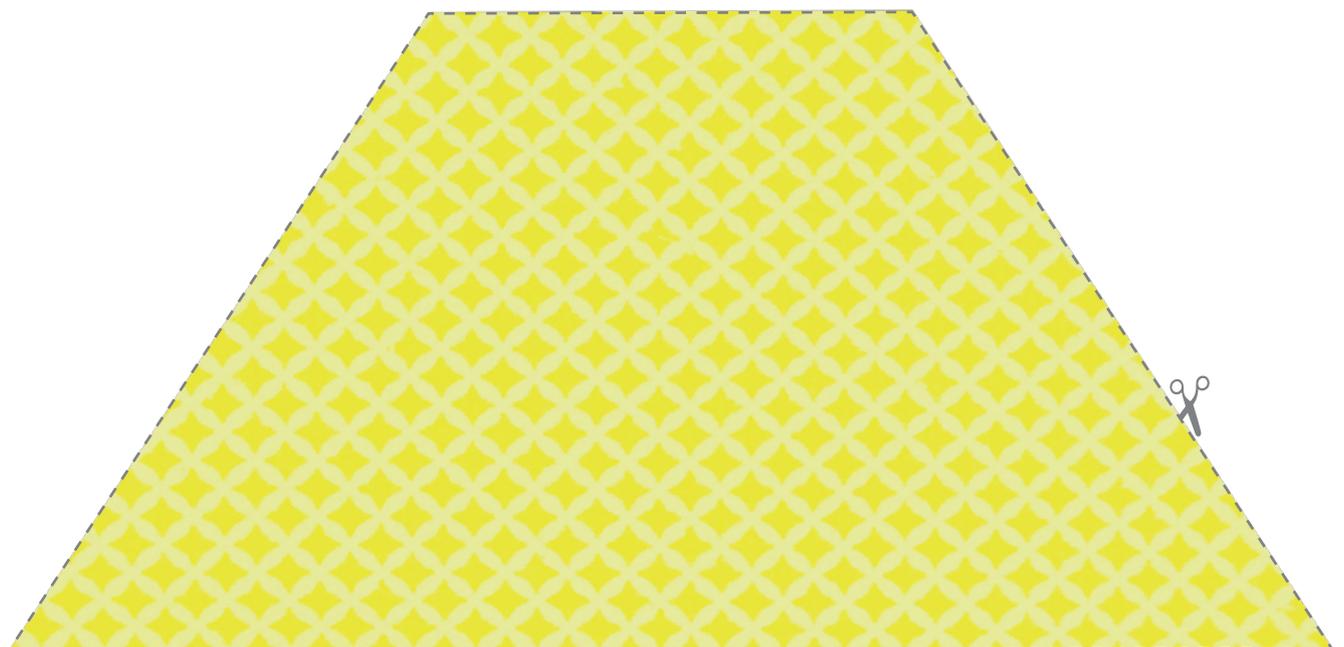
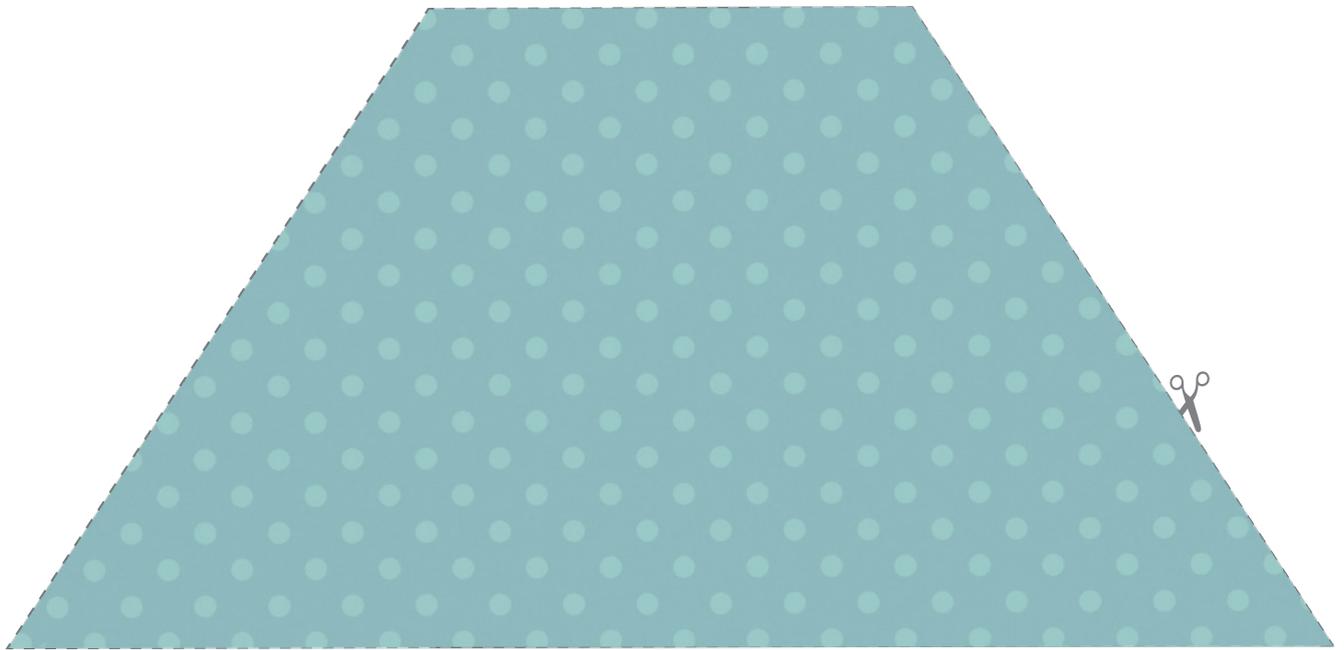
Jogos motores



Jogos motores



Jogos motores



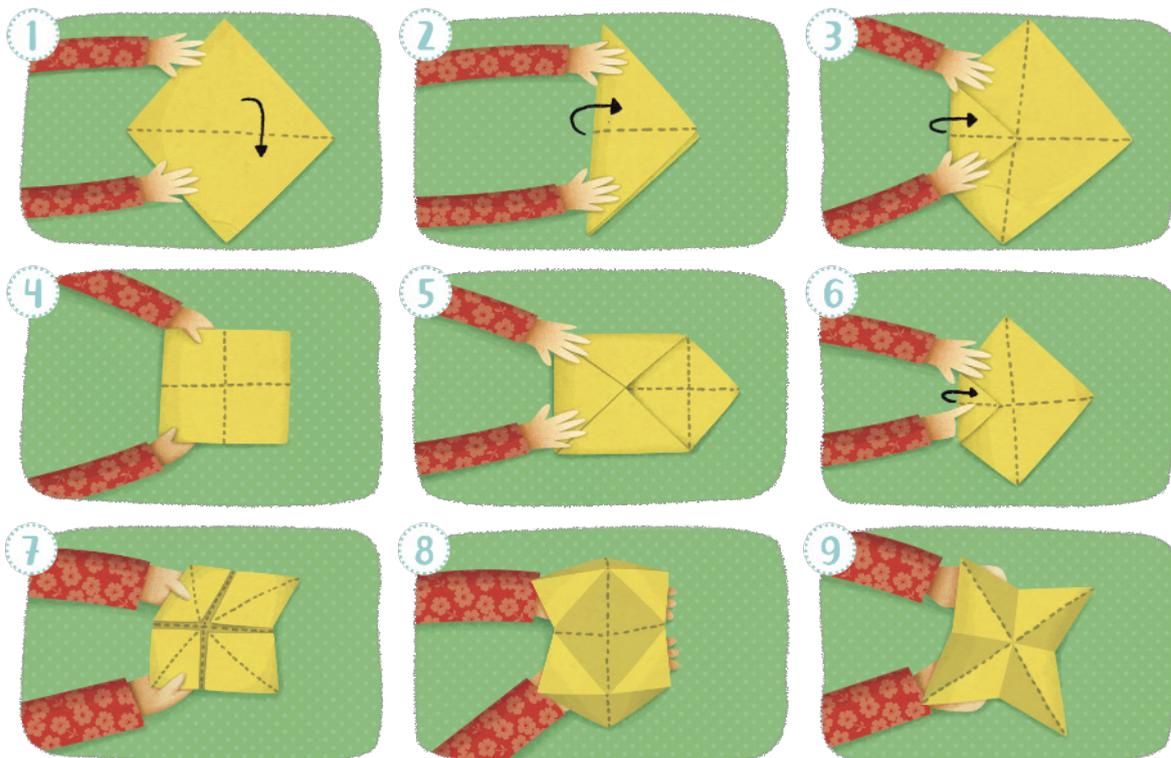
Jogos motores

● Come-come de mímica

Material

Impressão do jogo (páginas 144 e 145 deste material digital); tesoura.

Passo a passo



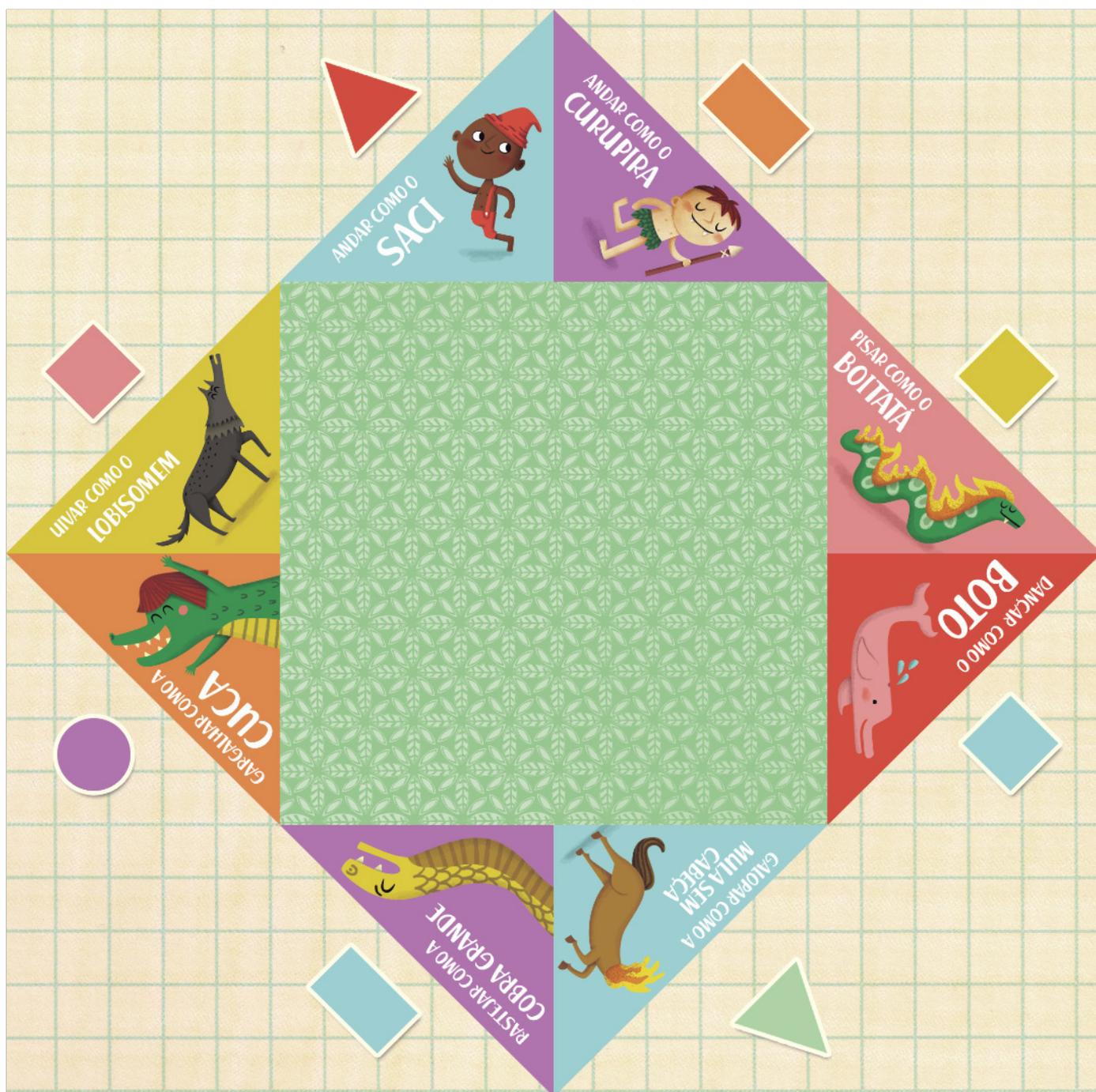
- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem do jogo Come-come.
- ✓ Corte a imagem do jogo.
- ✓ Dobre o quadrado ao meio formando um triângulo.
- ✓ Repita com as outras duas extremidades, dobrando o quadrado ao meio e formando um triângulo.
- ✓ Dobre cada uma das pontas em direção ao centro do quadrado até formar um quadrado menor.
- ✓ Vire cada ponta para o lado avesso do papel até formar novamente um quadrado menor.
- ✓ Coloque os polegares e os indicadores das duas mãos dentro das pontas para abrir e fechar.

Como jogar

1. O objetivo é fazer a imitação indicada na imagem.
2. Com crianças bem pequenas, o(a) professor(a) senta-se em roda com um pequeno grupo. Recita uma parlenda ou uma quadrinha para escolher quem vai começar. Pede à primeira criança que escolha uma parlenda e juntos recitam, enquanto o adulto abre e fecha o come-come no ritmo da récita. A imagem que aparecer ao final é a que deve ser imitada pela criança. A criança faz a imitação correspondente à imagem, de acordo com sua imaginação e criatividade. E assim se segue até que todas as crianças do pequeno grupo participem. Conforme as crianças se apropriam da regra, também podem manipular o come-come.
3. Outra possibilidade é mostrar a imagem apenas para a criança que fará a imitação e desafiar as outras a descobrir qual é o animal ou personagem folclórico correspondente à mímica.

Jogos motores

● Come-come de personagens folclóricos



ILUSTRAÇÕES: BRUNA ASSIS BRASIL

Jogos motores

● Come-come de animais



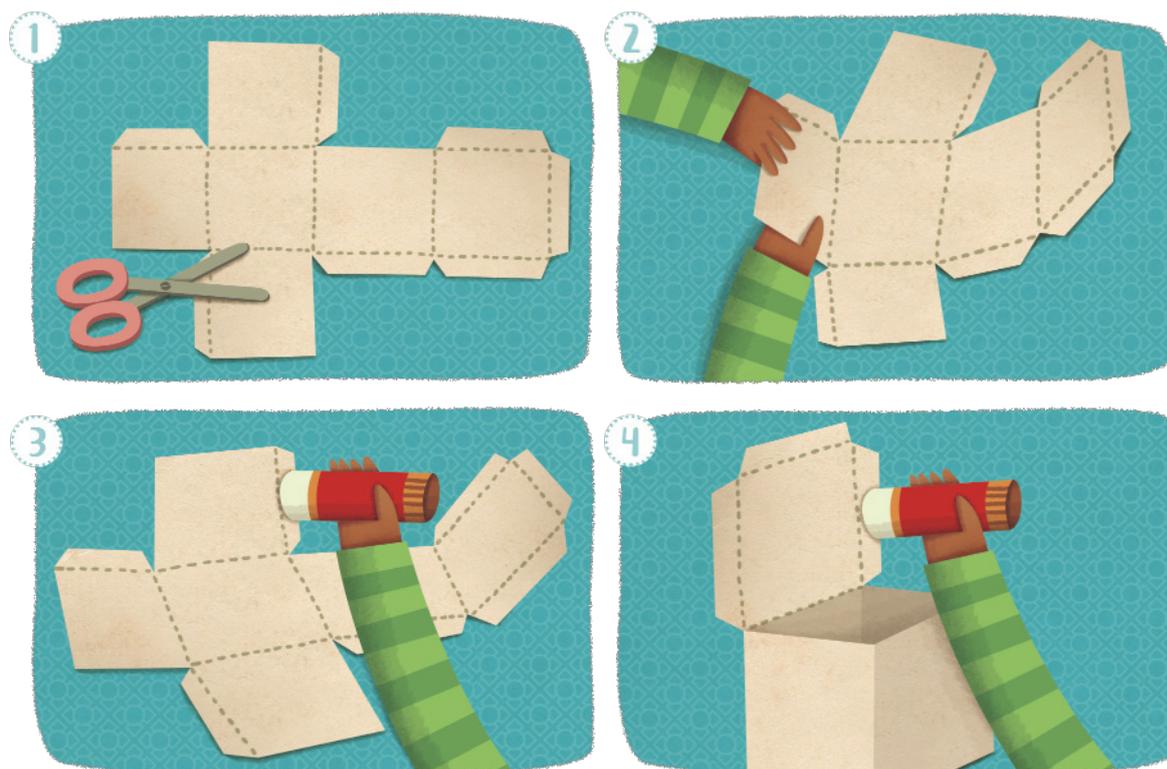
Jogos motores

● Dado de movimentos e posições corporais

Material

Impressão do jogo (páginas 147 e 148 deste material digital), se possível, em papel mais grosso; tesoura, cola bastão e plástico adesivo. Para o dado do gatinho com a caixa: caixas de papelão.

Passo a passo



ILUSTRAÇÕES: BRUNA ASSIS BRASIL

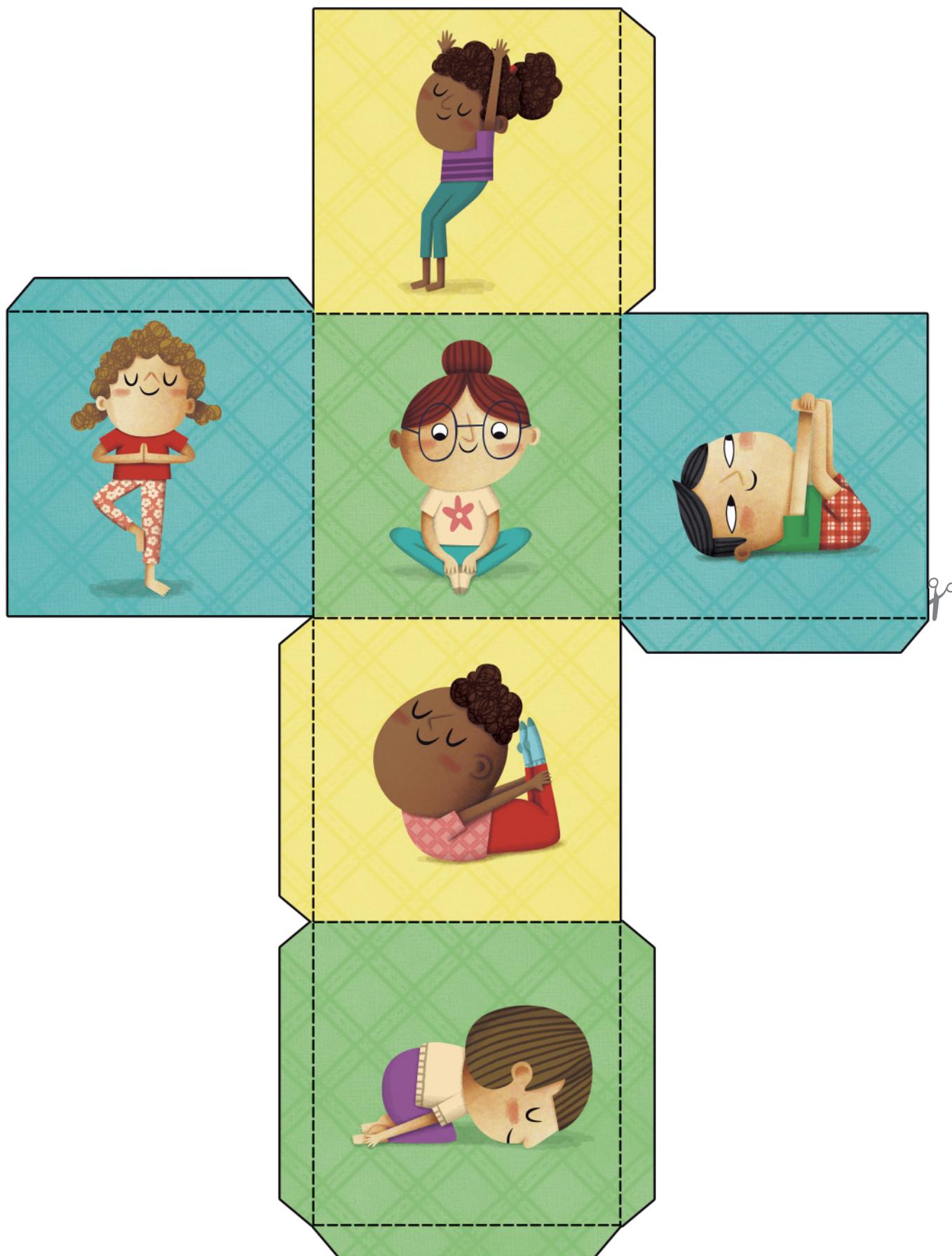
- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem do dado da página 147 (ou das páginas 148 e 149).
- ✓ Corte a imagem do dado.
- ✓ Dobre as extremidades e as abas.
- ✓ Passe cola em uma aba e cole junto à extremidade que está ao lado, dando forma ao dado.
- ✓ Repita o procedimento anterior em todas as abas até formar o dado.
- ✓ Se possível, plastifique o dado para que fique mais resistente.

Como jogar

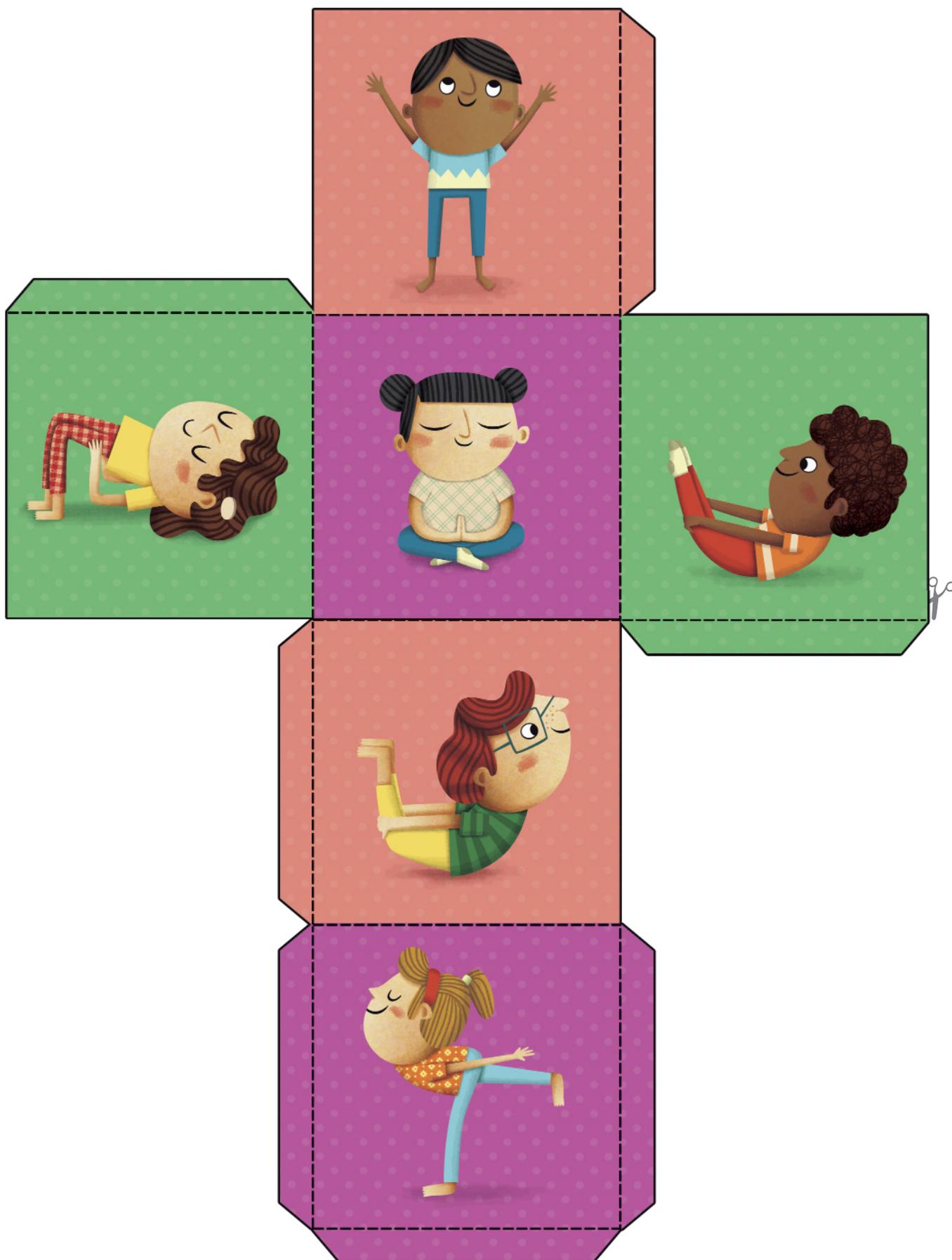
1. O objetivo é fazer a imitação indicada na imagem.
2. Com as crianças bem pequenas, o(a) professor(a) senta-se em roda com um pequeno grupo. Recita uma parlenda ou uma quadrinha para escolher quem vai começar. Pede a uma criança que jogue o dado. Pergunta: "O que é para imitar?". As crianças fazem, cada uma a seu modo, a imitação correspondente à imagem de acordo com sua imaginação e criatividade. E assim se segue até que todas as crianças do pequeno grupo joguem o dado ao menos uma vez.

Lembre-se: Na opção de Dado de movimentações e posições corporais do "gato e a caixa" (página 149 deste material), organize um ambiente com caixas de papelão.

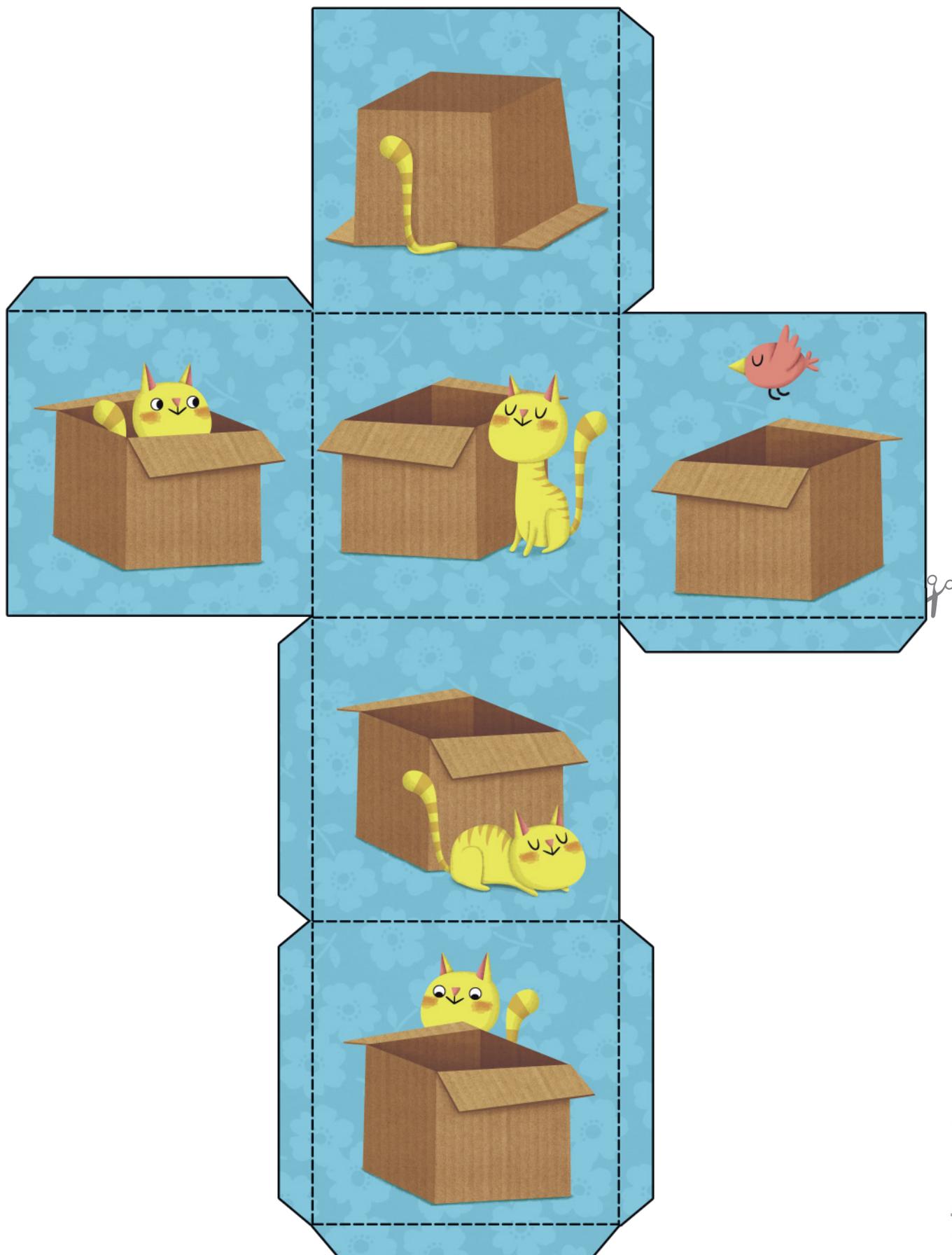
Jogos motores



Jogos motores



Jogos motores



Jogos de manusear

- Crianças bem pequenas

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 2: Contexto de grupo de idade
- Capítulo 5: Jogos com regras

● Contextualização

Dominó, jogo da velha, jogo da memória, quebra-cabeça, tangram... Alguns com mais regras, outros que dão mais liberdade para criar – todos repletos de prazerosos desafios para as crianças vivenciarem. Há indícios de que esses jogos tradicionais circulam pela humanidade há séculos e, a partir deles, surgiram outras variações de jogos de diversas formas, com as quais se criam composições.

● Tangram

“O tangram é um antigo jogo chinês, que consiste na formação de figuras e desenhos por meio de 7 peças (5 triângulos, 1 quadrado e 1 paralelogramo). Não se sabe exatamente quando o jogo surgiu, embora exista uma lenda sobre tal criação. Segundo a [lenda], um imperador chinês quebrou um espelho e, ao tentar juntar os pedaços e remontá-lo, percebeu que poderia construir muitas formas com seus cacos.

De qualquer forma, o tangram é jogado há séculos em todo o Oriente. De lá, o quebra-cabeça chinês se espalhou por toda a Ásia, Europa e Estados Unidos, tendo sido, inclusive, fonte de inspiração para a criação de muitos outros tipos de brinquedos. [...]”

DANTAS, Tiago. Tangram. **Mundo Educação – UOL**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/tangram.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

● Dominó

“A origem dos dominós parece ser chinesa. Na China, o dominó tornou-se um jogo conhecido por volta do ano de 1900, sendo usado, segundo pesquisadores, para adivinhações. Há menções de dominós na Europa a partir do século XVIII.

Os dominós são populares em um grande número de países. No Brasil, o jogo de dominó é bastante conhecido, e sua popularidade é grande entre adultos e crianças.

Alguns estudiosos acreditam que a origem do nome ‘dominó’ vem da expressão latina *Domino gratias* (graças a Deus), comparando o termo com a gola das vestes dos sacerdotes (pretas e brancas feitas da pele de morsa). No Brasil, o jogo teria chegado com os portugueses no século XVI, transformando-se em entretenimento para os escravizados.”

HAMZE, Amélia. O jogo de dominó como comunicação e construção compartilhadas. Canal do Educador. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/jogodedominio.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

Jogos de manusear

● Jogo-da-velha

“A referência mais antiga que se tem desse passatempo surgiu em escavações no templo de Kurna, do século XIV antes de Cristo, no Egito. Achados arqueológicos, porém, mostram que ele foi desenvolvido independentemente em diferentes regiões do planeta, como na China antiga e na América pré-colombiana. Sabe-se também que faz parte dos jogos conhecidos como ‘família do moinho’ ou ‘trilha’ – nos quais o objetivo é posicionar as peças de modo que formem uma linha reta. Há também versões em que variam os números de linhas e colunas, geralmente três ou cinco. Conhecido praticamente em todo o mundo, o jogo varia de nome conforme a região. [...]”

Qual é a origem do jogo-da-velha? História Mundo Estranho. **Superinteressante**, 18 abr. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-do-jogo-da-velha/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.



Tangram – As belezas do mundo

Uma adaptação da história da origem do Tangram
<<https://www.youtube.com/watch?v=TjICciyRLLI>>
Acesso em: 27 jul. 2020.

Vera Elenita Medeiros, professora de Artes e História, construiu uma narrativa audiovisual baseada em colagens criadas com as peças do Tangram para contar a origem do jogo. Ao acompanhar a história, é possível perceber a multiplicidade de figuras que podem ser construídas com as formas do Tangram: aves, coelhos, raposas, gansos, sapos, entre outras. Esse vídeo é um convite à imaginação e à criação.

● Intencionalidade educativa

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 2: Contexto de grupo de idade
- Capítulo 5: Jogos com regras

Ao manusear, explorar, experimentar, descobrir e aprender o funcionamento dos jogos tradicionais, patrimônios culturais da humanidade, os bebês e as crianças bem pequenas constroem sua identidade, sua autonomia e sua sociabilidade e compartilham experiências com materialidades que estão secularmente presentes em diversas culturas e sociedades. A presença reiterada dos jogos de manusear no cotidiano instiga a curiosidade e favorece o raciocínio lógico-matemático, a criatividade, o pensamento abstrato e a cooperação por meio da ludicidade.

Os jogos mudam de contornos à medida que as crianças vão se apropriando das regras e do modo de fazer. Com os bebês, é importante criar oportunidades de contato com essas materialidades, valorizando a riqueza da exploração das imagens e formas que estabeleçam relações, interajam, percebam, reconheçam, comparem, testem e comuniquem suas descobertas por meio de gestos, balbúrcios e movimentos. Ainda, ao conviver com artefatos culturais, como é o caso dos jogos tradicionais, as crianças ampliam seus conhecimentos sobre o mundo. Com as crianças bem pequenas, o adulto ou uma criança mais experiente poderá apresentar as regras do jogo. A sequência de ações lógicas que vai sendo mostrada praticamente pelo ato de jogar é comprovada pelas crianças por meio da reiteração das jogadas. Elas vão construindo autonomia, autoconfiança e formas de comunicação e negociação para organizar os jogos coletivos.

Jogos de manusear

CLAUDIA MARIANO



Trajetos imaginativos com pequenos grupos de crianças jogando dominó e quebra-cabeça. Nesta oportunidade as crianças mais experientes podem ensinar as regras do jogo. Você pode convidar as crianças da pré-escola para promover essa interação.

Jogos de manusear

A intencionalidade pedagógica dos jogos de manusear selecionados neste material é a de oferecer oportunidades para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	Ambiente	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo a materialidade das peças do jogo como mediadora. <input checked="" type="checkbox"/> Compartilhar os próprios modos de fazer nos jogos com regras. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber diferentes modos de fazer ampliando seu repertório de ações. <input checked="" type="checkbox"/> Participar de momentos coletivos e individuais. <input checked="" type="checkbox"/> Criar e expressar-se por meio das diversas composições produzidas com as peças dos jogos. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenários de jogos (ver Manual do Professor, Capítulo 2 – Contexto do grupo de idade). <input checked="" type="checkbox"/> Trajetos imaginativos com pequenos grupos (ver Manual do Professor, Capítulo 5 – Jogos com regras). 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Perceber-se <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Expressar-se <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Desafiar-se <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Explorar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Compreender <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Classificar <input type="checkbox"/> Enfileirar <input type="checkbox"/> Organizar <input type="checkbox"/> Equilibrar <input type="checkbox"/> Criar padrões <input type="checkbox"/> Sequenciar <input type="checkbox"/> Contar <input type="checkbox"/> Reconhecer <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses provisórias 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <p>(Ver Manual do Professor, Capítulo 1)</p>
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo e movimentos ao explorar peças de diferentes tamanhos, desenvolvendo a motricidade fina. <input checked="" type="checkbox"/> Explorar gestos e movimentos de sua cultura em brincadeiras com jogos tradicionais. <input checked="" type="checkbox"/> Sequenciar movimentos. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. <input checked="" type="checkbox"/> Fazer uso da linguagem verbal para negociar, entrar em acordo, confrontar ideias, estipular modos e regras. <input checked="" type="checkbox"/> Participar da elaboração de cartazes com as regras do jogo demarcando a função da linguagem escrita tendo o adulto como escriba. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Relacionar imagens ao observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias. <input checked="" type="checkbox"/> Construir conhecimentos lógico-matemáticos ao indicar semelhanças e diferenças, classificar, enfileirar, empilhar e contar as peças. <input checked="" type="checkbox"/> Sequenciar ações lógicas para a continuidade do jogo. <input checked="" type="checkbox"/> Reconhecer formas geométricas. <input checked="" type="checkbox"/> Testar, investigar e deduzir ao buscar formas de equilibrar, encaixar ou montar composição. 			

Jogos de manusear

Dicas:

Após oportunizar reiteradamente um dos jogos e ter observado como as crianças bem pequenas se apropriaram das formas de jogar, pergunte a elas como se joga o jogo. No pequeno grupo de crianças, atue como escriba, escrevendo as regras do jogo em um papel A3 baseadas nos relatos orais das crianças.

Na altura das crianças, no microcenário de jogos, cole a regra do jogo construída coletivamente e, ao redor, insira fotos das crianças jogando. Com esta proposta, amplia-se o repertório de conhecimentos sobre as funções da linguagem escrita, pois esta serve para escrevermos as regras de um jogo, significando, assim, o ato de escrever para as crianças sobre essa vivência.

Para crianças a partir de 3 anos: Disponha, no microcenário de jogos, a *caixinha do alfabeto móvel* para que as crianças estabeleçam relações entre as letras que compõem a escrita coletiva das regras dos jogos e as letras do alfabeto móvel. Nesse momento, a criança poderá fazer relações entre as formas das letras, as linhas que as compõem, ao iniciar uma brincadeira de reconhecer a forma escrita e compará-la com a do alfabeto móvel.

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI02EO04 EI01EO05 EI01EO06	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO05 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG05	EI02CG01 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS		EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF04 EI01EF06	EI02EF01 EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET01 EI01ET02 EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05	EI02ET01 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

● Para ampliar

Os jogos de manusear presentes neste material são algumas das possibilidades de formas de construção e de apresentação dos jogos tradicionais para os bebês e as crianças bem pequenas. Mas muitas outras são as formas e os materiais que podem ser utilizados na produção dos jogos. Valorize os materiais disponíveis na comunidade, os reutilizáveis e os elementos naturais.

Jogos de manusear

O dominó pode ser feito com pedrinhas. Jogos de composição podem ser propostos com gravetos, folhas, sementes, flores, pedrinhas, caixa de ovo de papelão ou rolhas. Tangram, jogo da velha, jogo da memória e quebra-cabeça podem ser confeccionados com tecido. O tabuleiro do jogo-da-velha pode ser produzido com madeira ou um pedaço de tronco, as peças podem ser sementes, pedras, tampinhas plásticas ou de metal, de cores diferentes. O jogo de blocos de misturar e combinar pode ser feito com blocos de madeira pintados. O jogo das expressões faciais pode ser produzido com fotografias das crianças, dos familiares e da comunidade escolar ou pode ser feito com pedrinhas pintadas. Veja alguns exemplos:

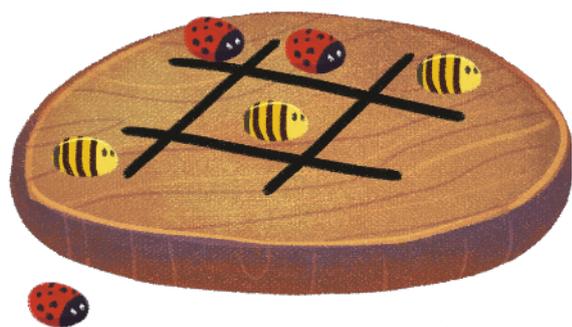


Dominó de pedras pintadas.



ILUSTRAÇÕES: CLAUDIA MARIANO

Jogo das expressões faciais em pedras pintadas.



Jogo-da-velha em tronco de madeira com peças de *biscoit*.



Tangram de tecido.



Blocos de misturar e combinar de madeira pintados.

Jogos de manusear

Algumas sugestões de uso dos jogos:

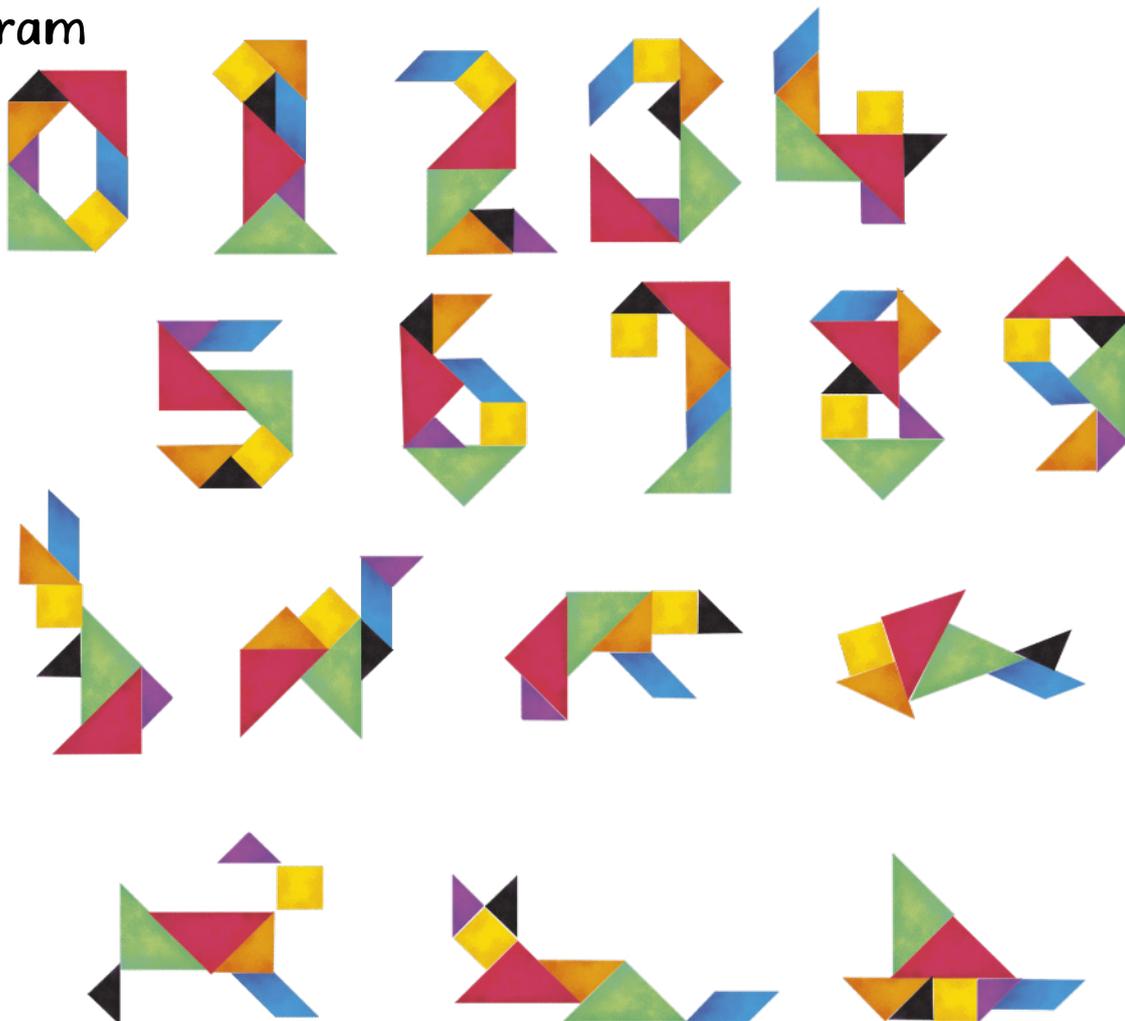
Os jogos contemplados neste material são:

1. **Tangram** – crianças bem pequenas.
2. **Jogo da memória** – crianças bem pequenas.
3. **Quebra-cabeça** – bebês e crianças bem pequenas.
4. **Formas com encaixe para criar imagens tridimensionais** – crianças bem pequenas.
5. **Blocos Fases da vida para misturar e combinar** – crianças bem pequenas.
6. **Expressões faciais de misturar e combinar** – crianças bem pequenas.
7. **Dominó** – crianças bem pequenas.
8. **Jogo da velha** – crianças bem pequenas.

 **Lembre-se:** Ao longo do tempo, as crianças construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras dos jogos. O que importa, neste momento, é que elas manuseiem as peças, estabeleçam relações entre as imagens, percebam diferenças e semelhanças, interajam, comunicando-se com seus pares e com os adultos, sobre as percepções a respeito das imagens, dos modos de jogar, das estratégias que criam e se relacionem com conhecimentos que envolvam o raciocínio lógico-matemático.

Jogos de manusear

● Tangram



CLAUDIA MARIANO

Material

Imagens das formas do tangram (p. 158); tesoura com pontas arredondadas; cola em bastão; papel grosso (Canson 120 g, papel-cartão ou papelão), plástico adesivo em rolo ou, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens da forma do tangram.
- ✓ Recorte as formas seguindo as linhas pontilhadas.
- ✓ Para que as peças fiquem mais resistentes, cole-as no papel grosso.
- ✓ Plastifique as peças para que fiquem mais resistentes.
- ✓ Guarde-as em um saquinho de pano ou em uma caixinha específica para o jogo.

Como jogar

1. O objetivo do jogo é criar figuras a partir das formas. Disponha o material no microcenário de jogos.
2. Em pequenos grupos, observe e registre como as crianças interagem com as peças, o que falam e narram sobre suas ações, qual nome dão às formas, se as classificam, se constroem figuras coletivas ou individuais e como interagem com seus pares. Após a apropriação do jogo pelas crianças por meio da reiteração, pode-se propor um painel com colagens das peças do Tangram. Para isso, imprima, recorte as formas, forneça cola em bastão e papel grosso, para que as crianças façam suas produções individuais e coletivas. Observação: disponha no mínimo 1 jogo completo (7 peças) por criança.

Vamos observar o número de peças e as formas geométricas que compõem o Tangram?

Jogos de manusear



ILUSTRAÇÕES: CLAUDIA MARIANO

Jogos de manusear

● Jogo da memória

Material

Imagens do jogo da memória (p. 160-161), tesoura com pontas arredondadas, papelão, cola em bastão, plástico adesivo em rolo ou, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as cartas ilustradas.
- ✓ Para que as cartas fiquem mais resistentes, cole as folhas impressas em um papel mais grosso antes de recortá-las. Ou, se preferir e for possível, recorte as cartas das folhas e depois plastifique-as.

O jogo da memória está pronto! Vamos jogar com as crianças?

Como jogar

- ✓ Embaralhar e distribuir as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
- ✓ Decidir o critério do participante que começará o jogo.
- ✓ Cada participante deve virar duas cartas, buscando um par de cartas iguais, que contém a mesma imagem.
- ✓ Se o jogador encontrar a outra carta igual à primeira, formando um par, tem direito a jogar mais uma vez.
- ✓ Se, ao virar as cartas, elas não coincidirem, a jogada passa para o participante seguinte.
- ✓ As cartas que formarem par devem ser retiradas do jogo e contam como ponto para o participante que acertou a dupla de imagens.
- ✓ Ganha o jogo o participante que reunir mais pares de cartas.

1. Disponibilize o material no microcenário de jogos para as crianças.
2. Em pequenos grupos, observe e registre como as crianças bem pequenas interagem com as formas de diversas maneiras: manuseando, testando composições diversas, percebendo semelhanças e diferenças entre as cores e as formas, imitando os sons dos meios de transporte, relacionando-se com seus pares e com as regras do jogo (esperar sua vez, virar duas cartas).

Vamos contar o número de cartas que cada um dos participantes reuniu ao final? Professor(a), neste momento, participe ativamente com as crianças bem pequenas. Conte junto com cada uma das crianças quantas cartas são no total. Perceba quais relações numéricas ela já estabelece, se faz cantilena e/ou recitação dos números, se realiza contagem termo a termo. Pense nos desafios possíveis; se ela sabe contar até o número 4, comece a contar a partir do número 5 e assim por diante.

Para crianças a partir de 3 anos: após contar o número de cartas com as crianças, mostre quem tem o maior número e quem tem o menor número de cartas. Assim, as crianças vão construindo, por meio dos jogos e brincadeiras, conceitos relacionados à quantidade.

Eventualmente, você também pode dispor, no microcenário de jogos, as coleções de letras, imagens, números e linhas, para as crianças manusearem e estabelecerem relações diversas de acordo com os saberes que vão construindo em interação com a cultura.

Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear

● Quebra-cabeça

Material

Imagem ilustrada do quebra-cabeça (páginas 163 e 164); tesoura com pontas arredondadas; cola em bastão; papel mais grosso ou papelão (ou uma plastificadora), caixa de sapatos.

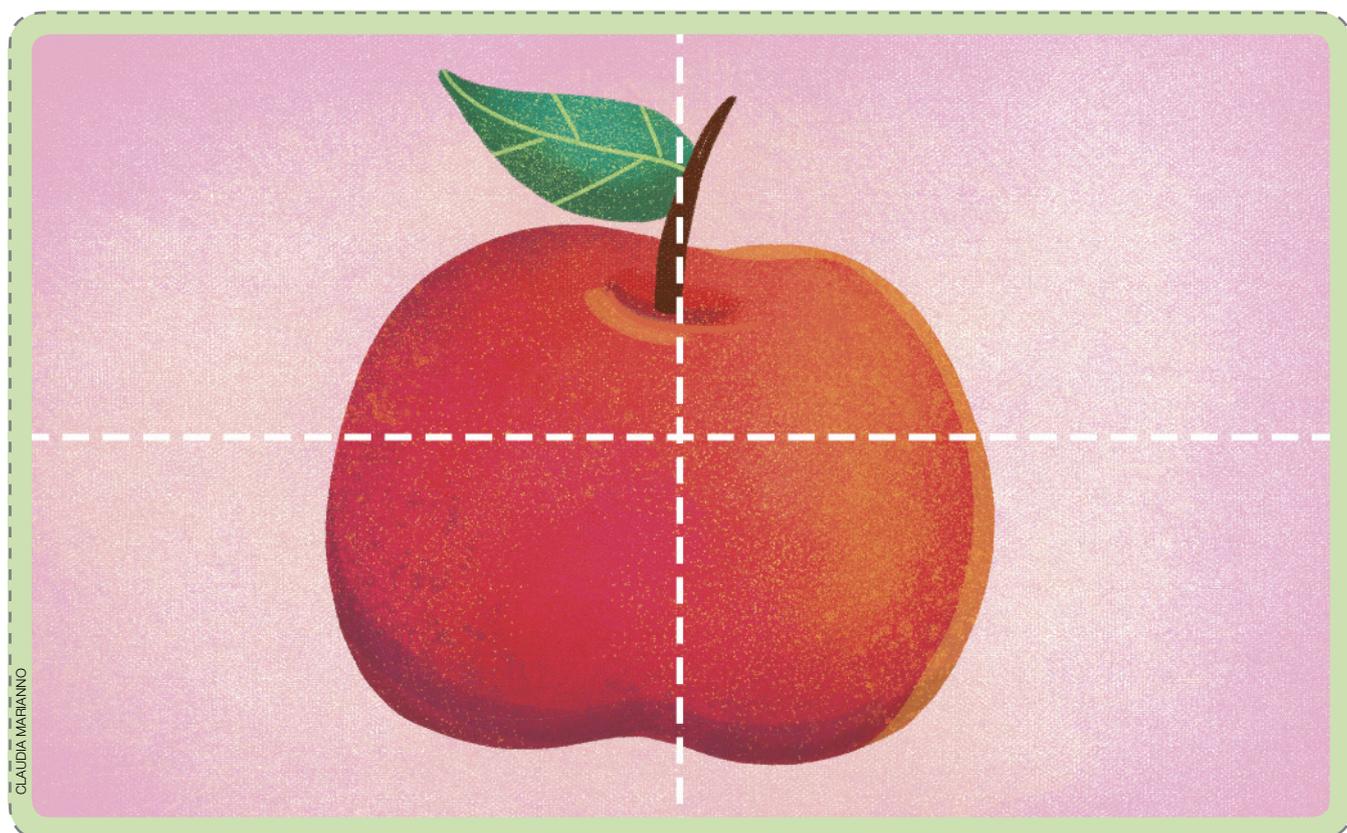
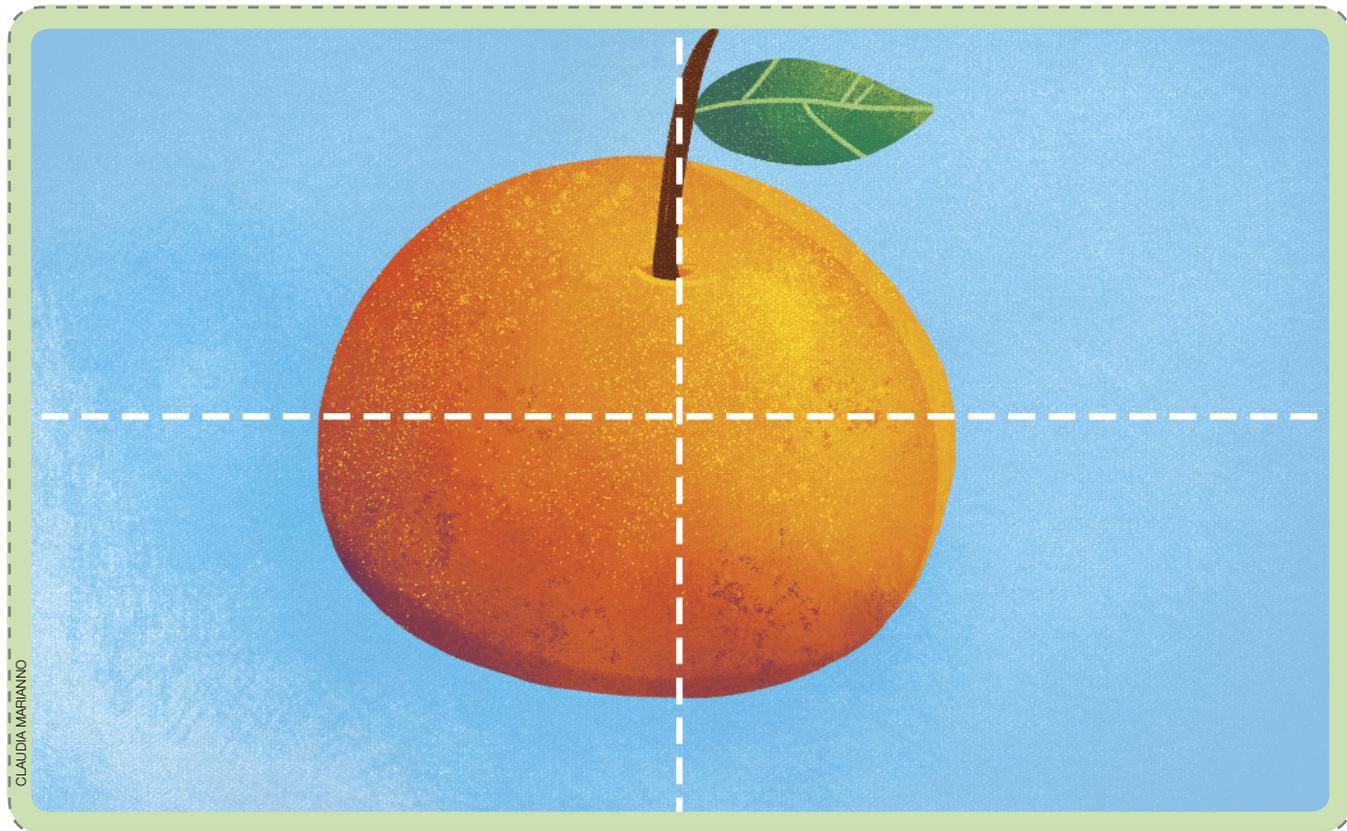
Passo a passo

- ✔ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem do quebra-cabeça.
- ✔ Recorte a imagem seguindo a indicação pontilhada.
- ✔ Para que as peças do quebra-cabeça fiquem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso antes de recortá-las e, depois, plastifique-as.
- ✔ Guarde o *kit* do quebra-cabeça, com todas as peças, em um saquinho de pano ou em uma caixinha específica para o jogo.
- ✔ Disponibilize o *kit* do quebra-cabeça no microcenário de jogos ou em um ambiente relacionado às imagens dos quebra-cabeças.
- ✔ O quebra-cabeça está pronto! Vamos montar com as crianças?

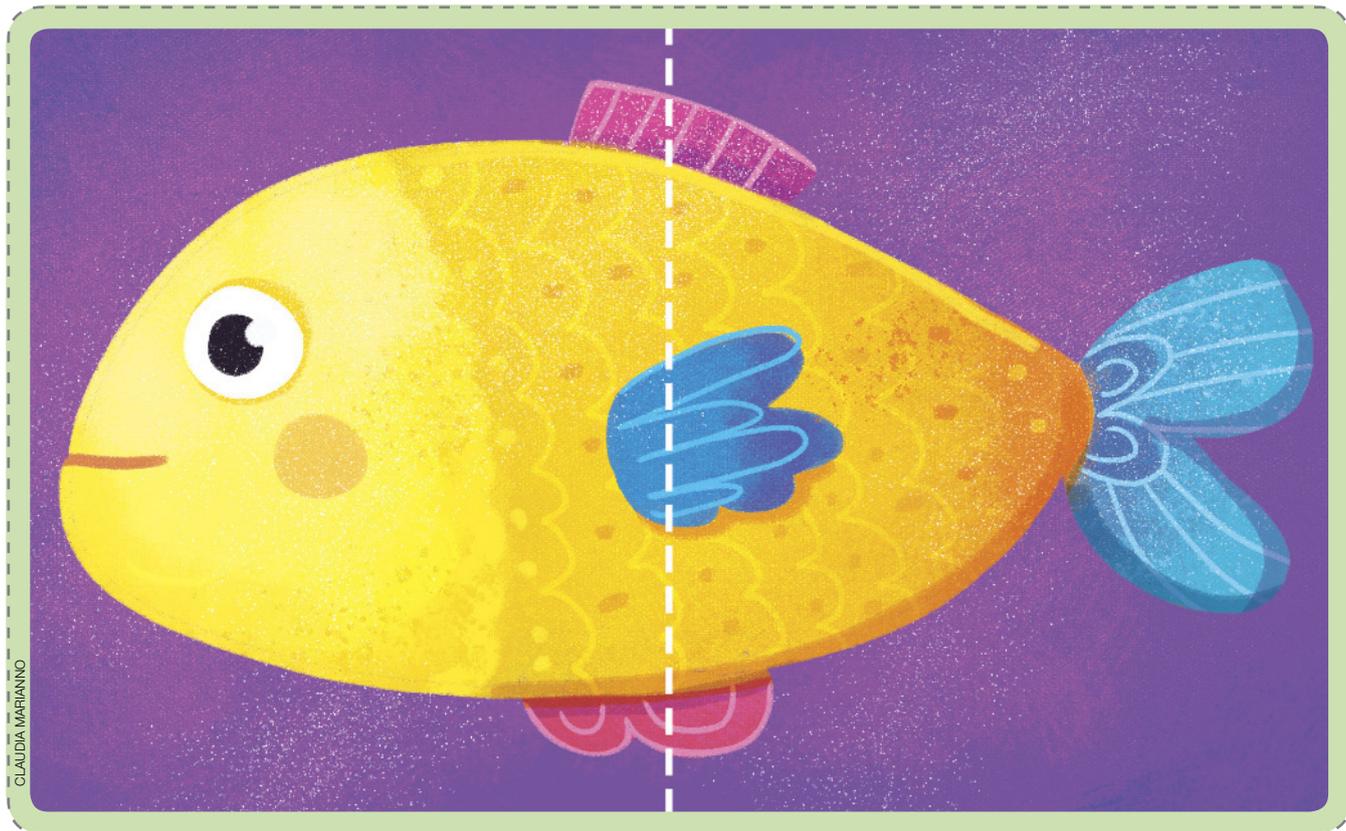
Como jogar

1. O objetivo é encaixar as peças e montar uma imagem completa. Disponibilize o material para os bebês em um tapete, e para as crianças bem pequenas, no microcenário de jogos.
2. Em pequenos grupos, observe e registre como os bebês ou as crianças bem pequenas interagem com as formas de diversas maneiras: manuseando, testando composições diversas, percebendo semelhanças e diferenças entre as cores e as formas, imitando os sons e movimentos dos animais, brincando de comer, buscando pares para brincar junto, comunicando-se e fazendo composições com as peças.

Jogos de manusear



Jogos de manusear

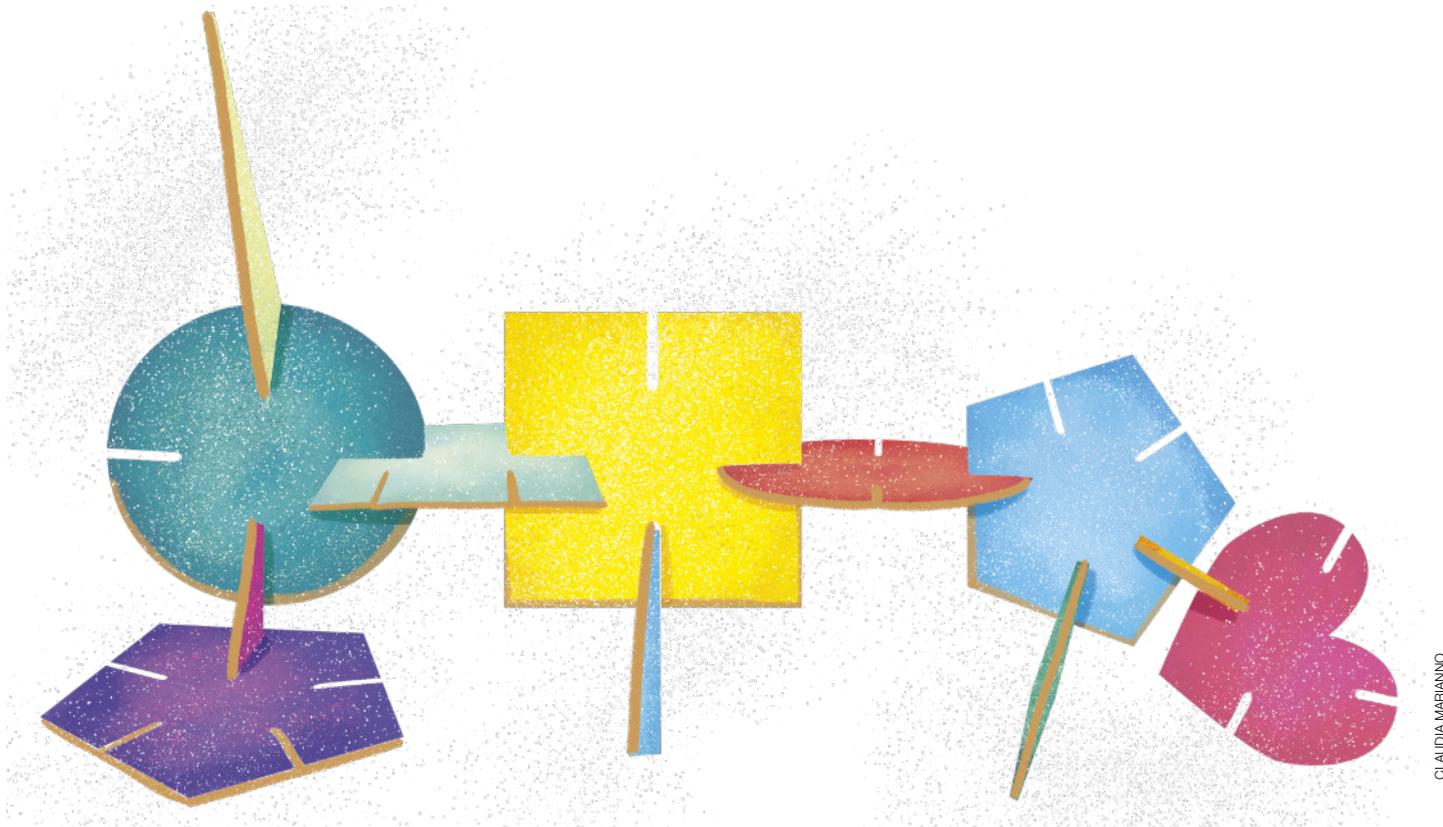


Jogos de manusear

● Formas com encaixe para criar formas tridimensionais

Material

Impressão do jogo (p. 166 a 168), tesoura com pontas arredondadas, estilete, papelão, cola em bastão, cola líquida branca, plástico adesivo em rolo ou, se possível, plastificadora.



CLAUDIA MARIANO

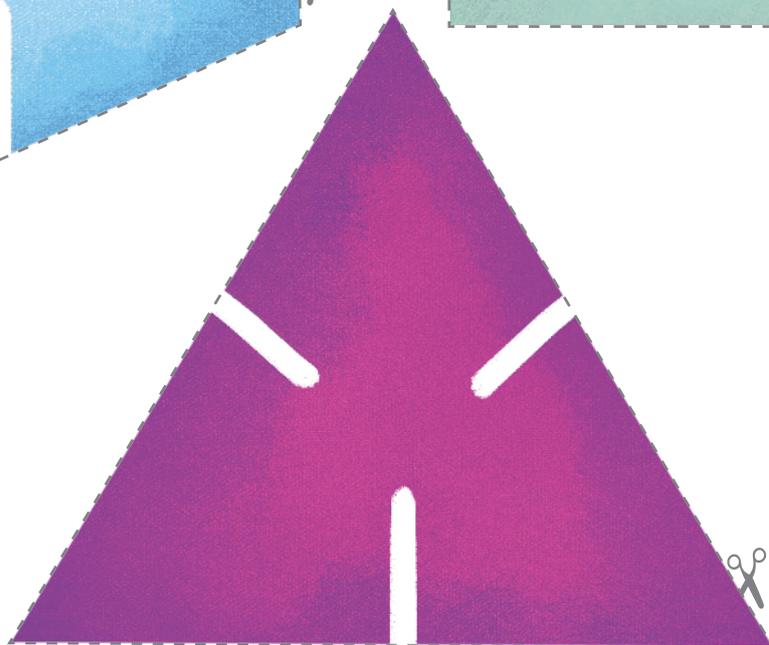
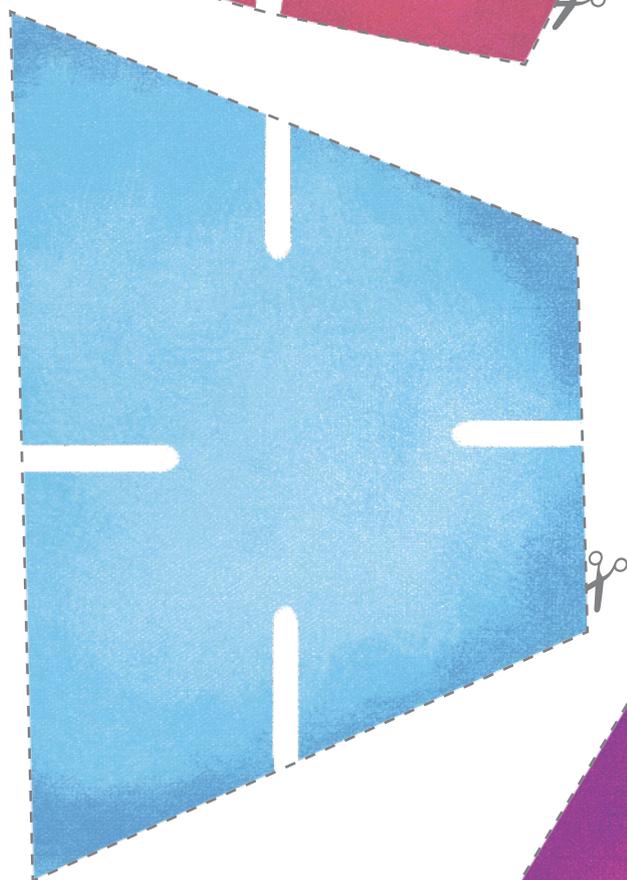
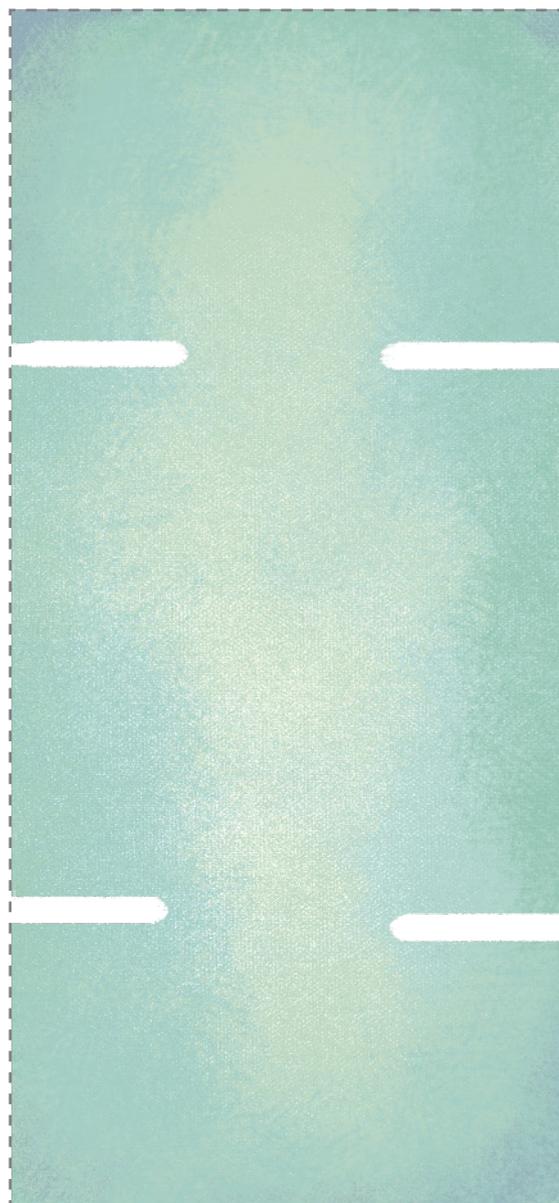
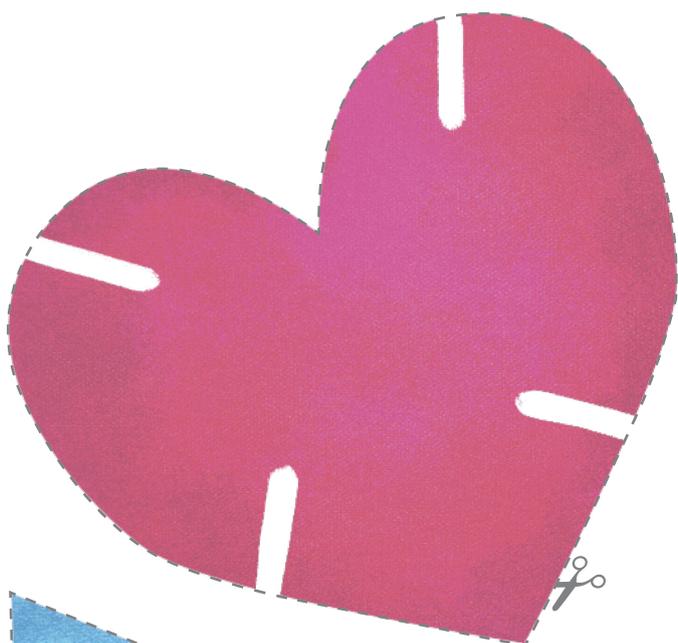
Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens das peças.
- ✓ Recorte as formas seguindo as linhas pontilhadas.
- ✓ Para que as formas fiquem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso (ex: papel *Canson* 120 g ou papelão) e plastifique-as.
- ✓ Guarde-as em um saquinho de pano ou em uma caixinha específica para o jogo.

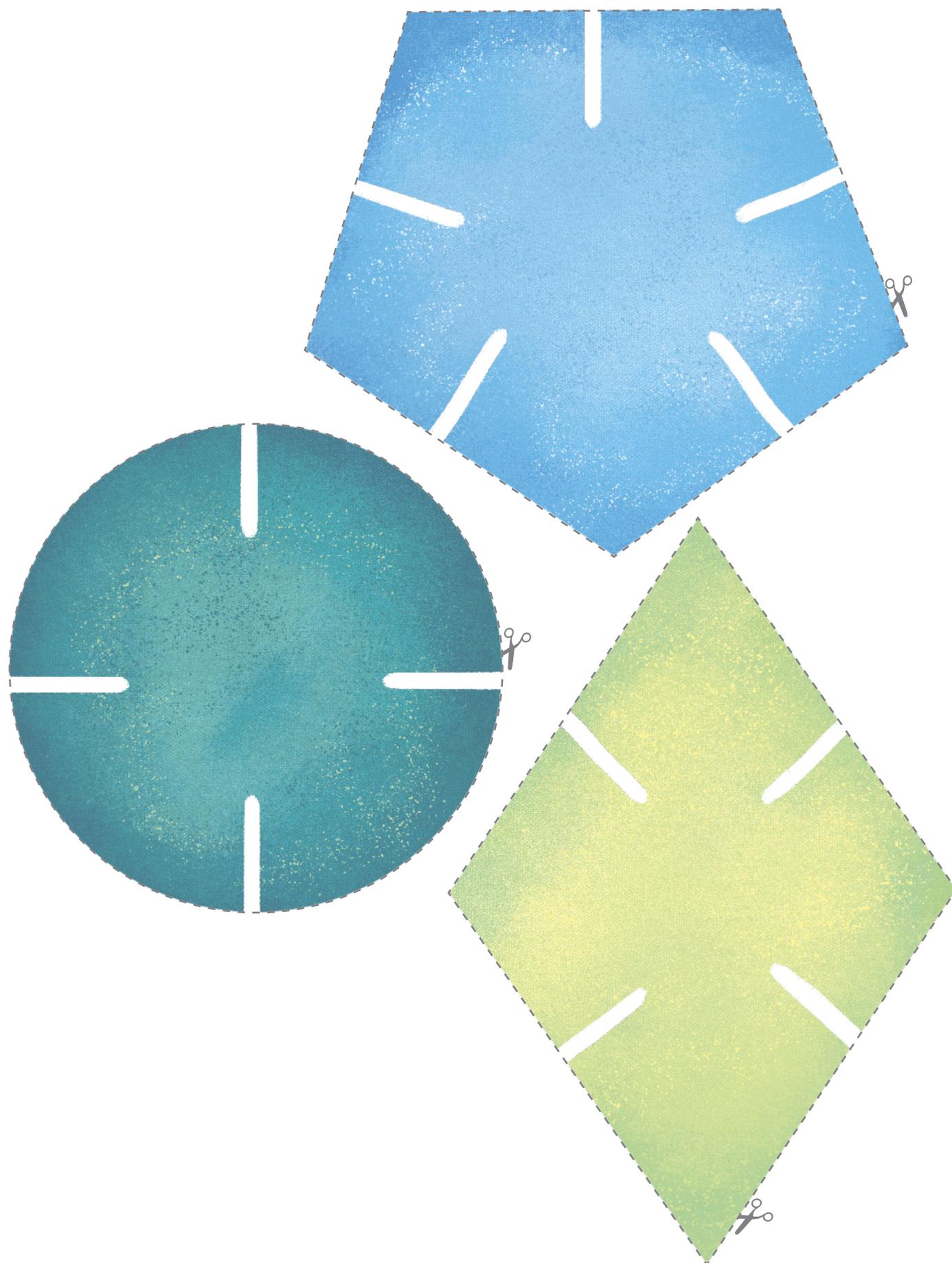
Como jogar

1. O objetivo é criar composições tridimensionais com as formas. Disponha o material no microcenário de jogos para as crianças bem pequenas.
2. Observe e registre como as crianças interagem com as formas, quais são suas tentativas de encaixe e equilíbrio, o que falam e narram sobre suas ações, qual nome dão às formas, se as classificam, se constroem figuras coletivas ou individuais e como interagem com seus pares. Após a apropriação do jogo pelas crianças por meio da reiteração, pode-se propor no microcenário de jogos estruturas tridimensionais com as formas. Para isso, imprima, cole em papelão, recorte as formas e disponha cola líquida branca para que as crianças cole as peças criando esculturas individuais e coletivas. Disponha, no mínimo, 7 peças por criança.

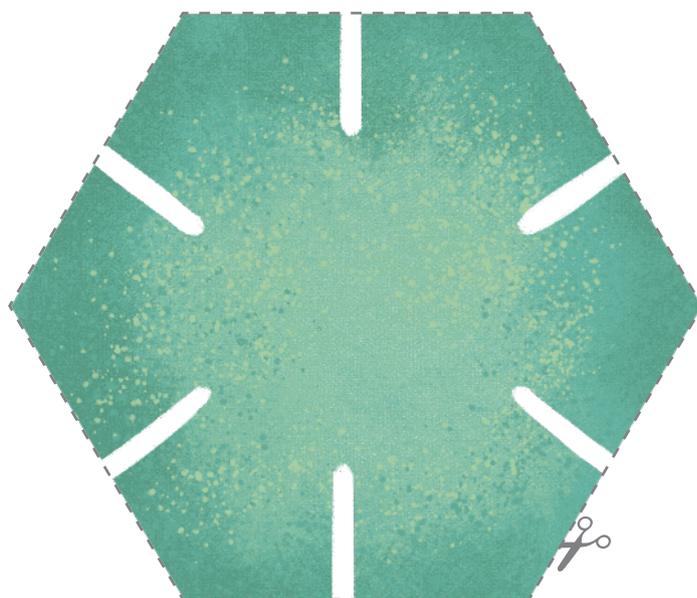
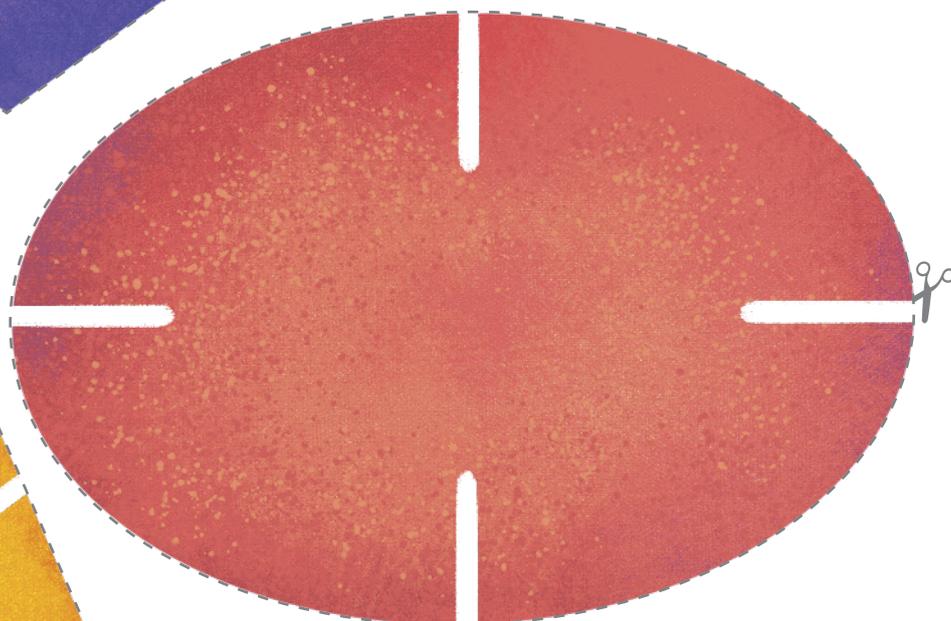
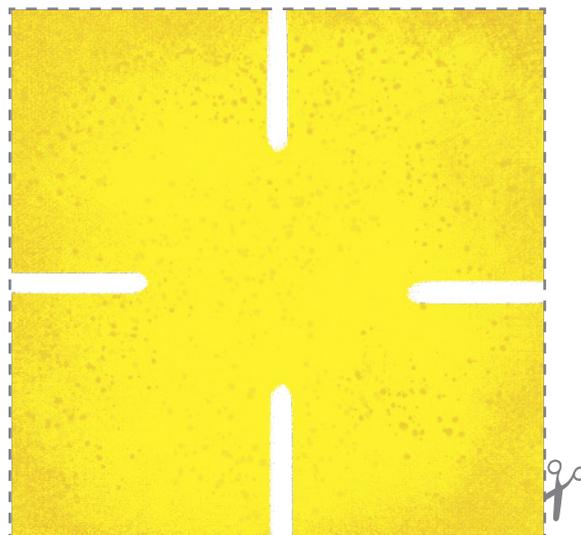
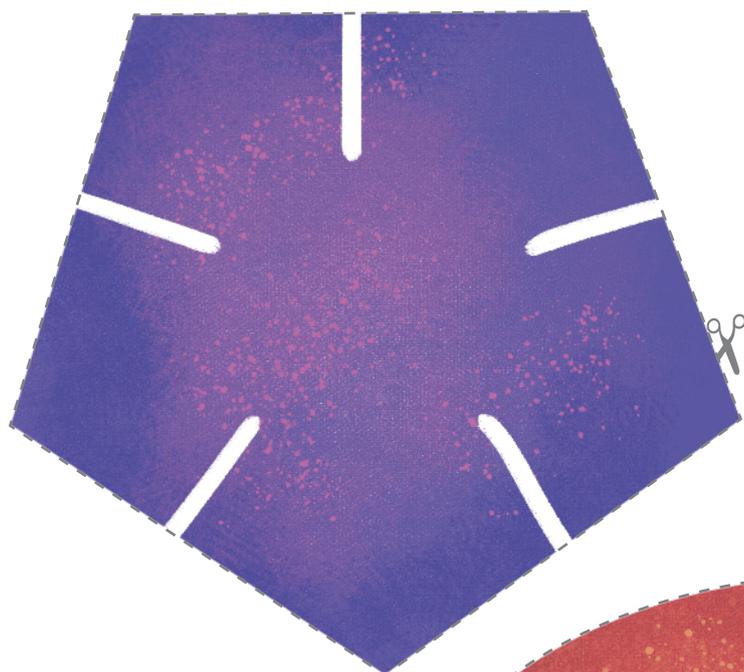
Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear

● Blocos fases da vida para misturar e combinar

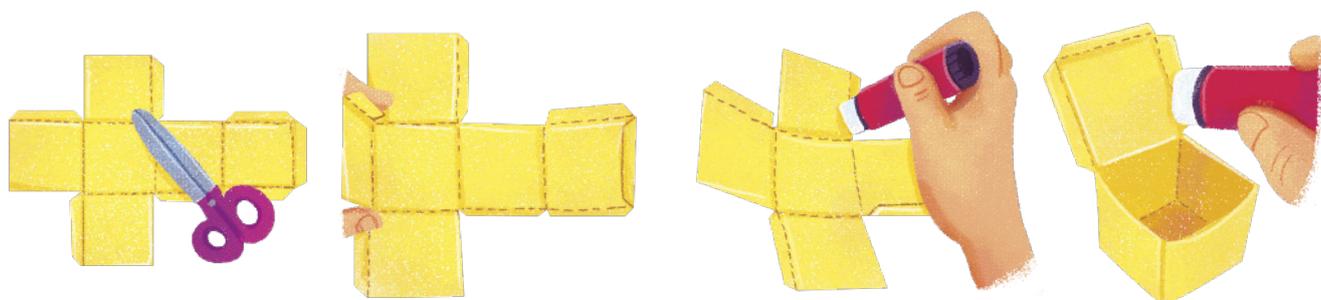
Material

Impressão do jogo (p. 170 a 175), se possível, em papel mais grosso; tesoura com pontas arredondadas; papel-cartão; cola em bastão ou cole as imagens impressas do jogo em blocos cúbicos de madeira e passe plástico adesivo.

Passo a passo



- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens dos cubos nas páginas 170 a 175.
- ✓ Dobre as extremidades e as abas.
- ✓ Passe cola em uma aba e cole junto à extremidade que está ao lado, dando forma ao cubo.
- ✓ Repita o procedimento anterior em todas as abas até formar os cubos de todas as variações possíveis (bebê, criança, adulto, idoso).

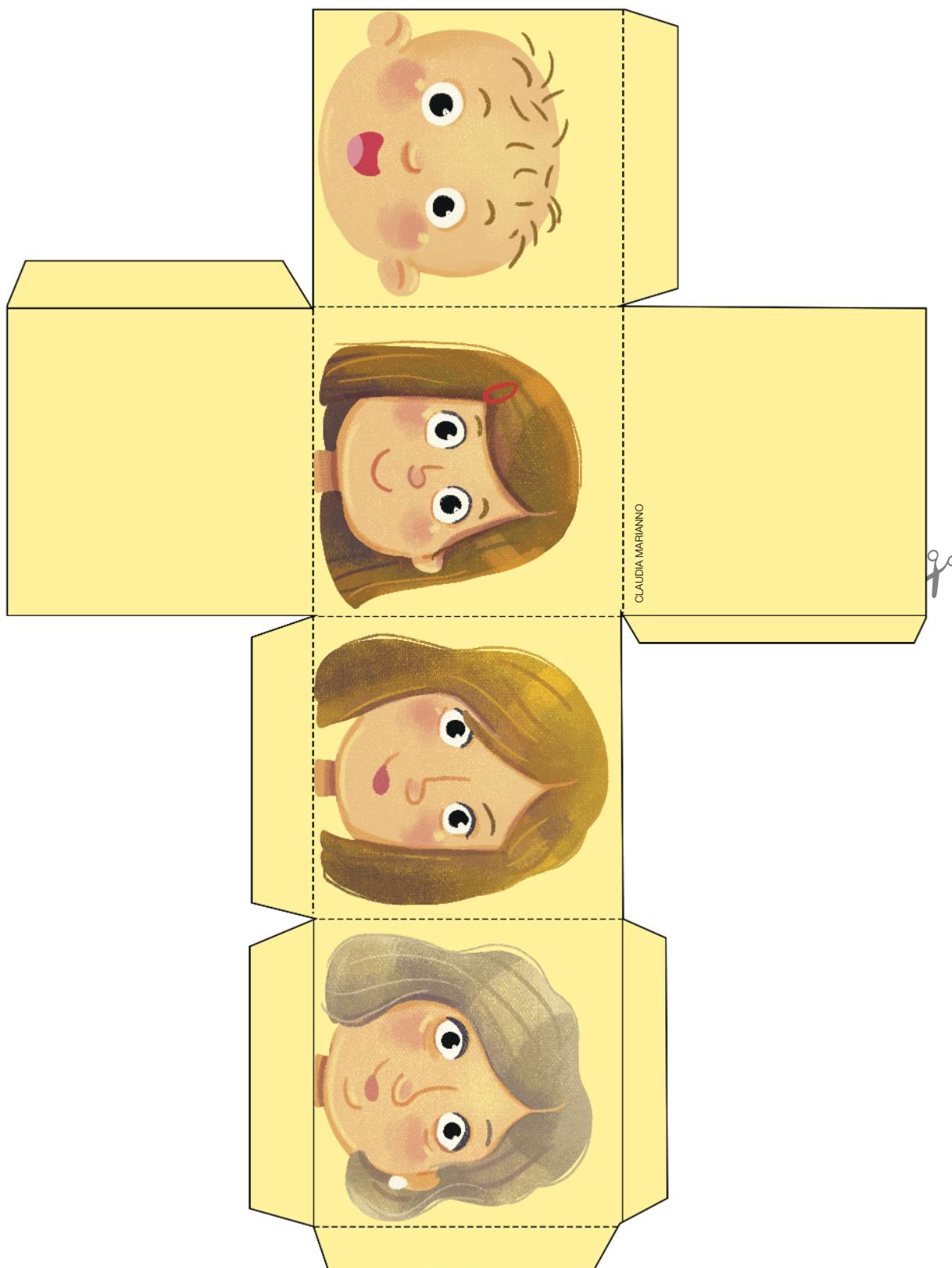


ILUSTRAÇÕES: CLAUDIA MARIANO

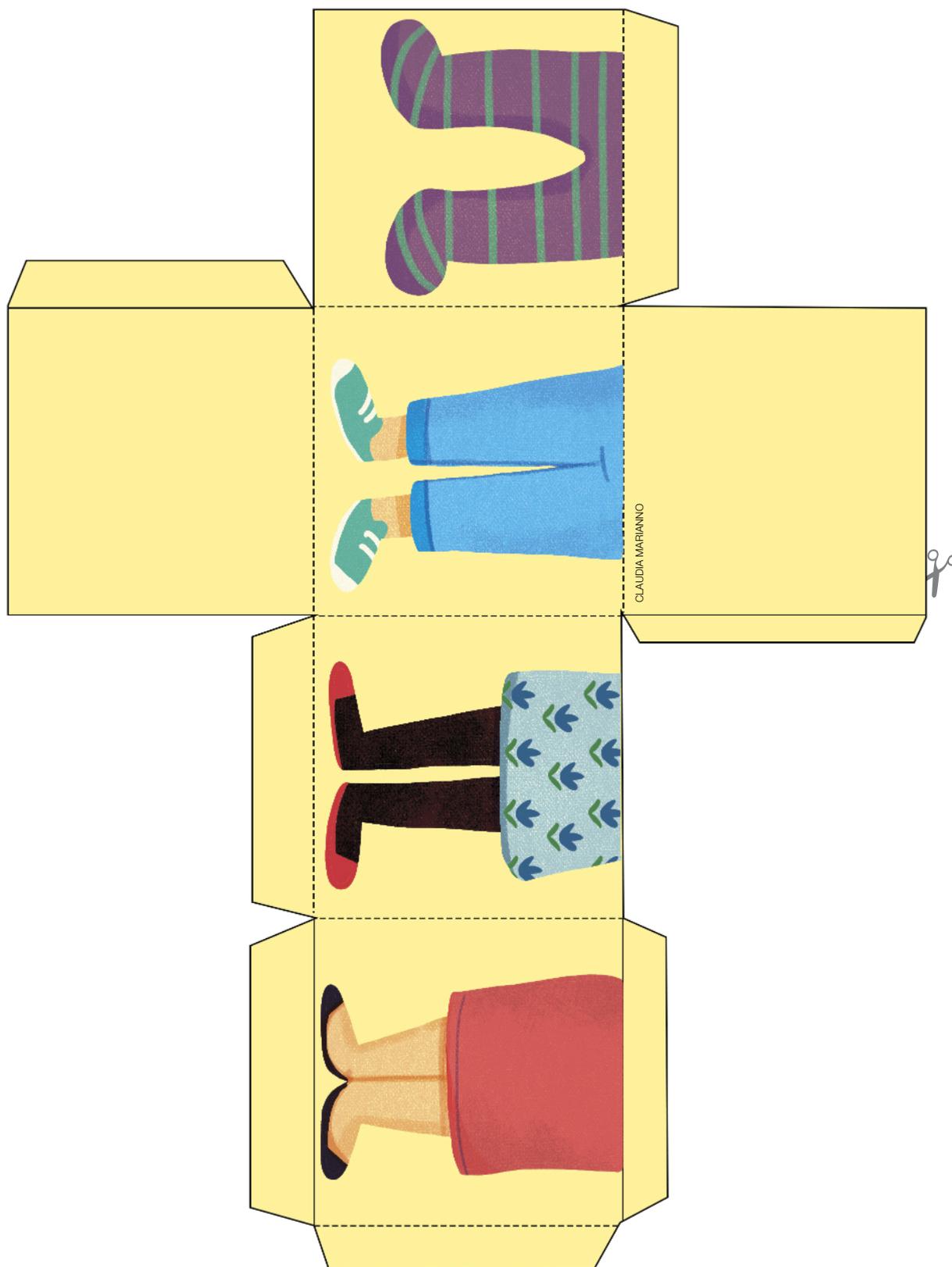
Como jogar

1. O objetivo é criar diversas composições com os três cubos (cabeça/tronco/pernas e pés), misturando e combinando as imagens. Disponha o material no microcenário de jogos para crianças bem pequenas.
2. Observe e registre como as crianças interagem com as ilustrações, quais são suas tentativas de encaixe e equilíbrio, o que falam e narram sobre suas combinações e como interagem com seus pares. Como o tema do jogo de blocos é "**Fases da vida**", para inserir percepções temporais de presente, passado e futuro, pergunte às crianças: "Quem é o mais novo? Quem é o mais velho? Vocês agora são bebês ou crianças? A mamãe ou o papai já foi bebê? Quando?". Conte às crianças que, no passado, você foi um bebê, os anos foram passando e você se tornou uma criança, depois, um adulto, e, no futuro, será uma velhinha e quem sabe terá muitos netinhos bebês.

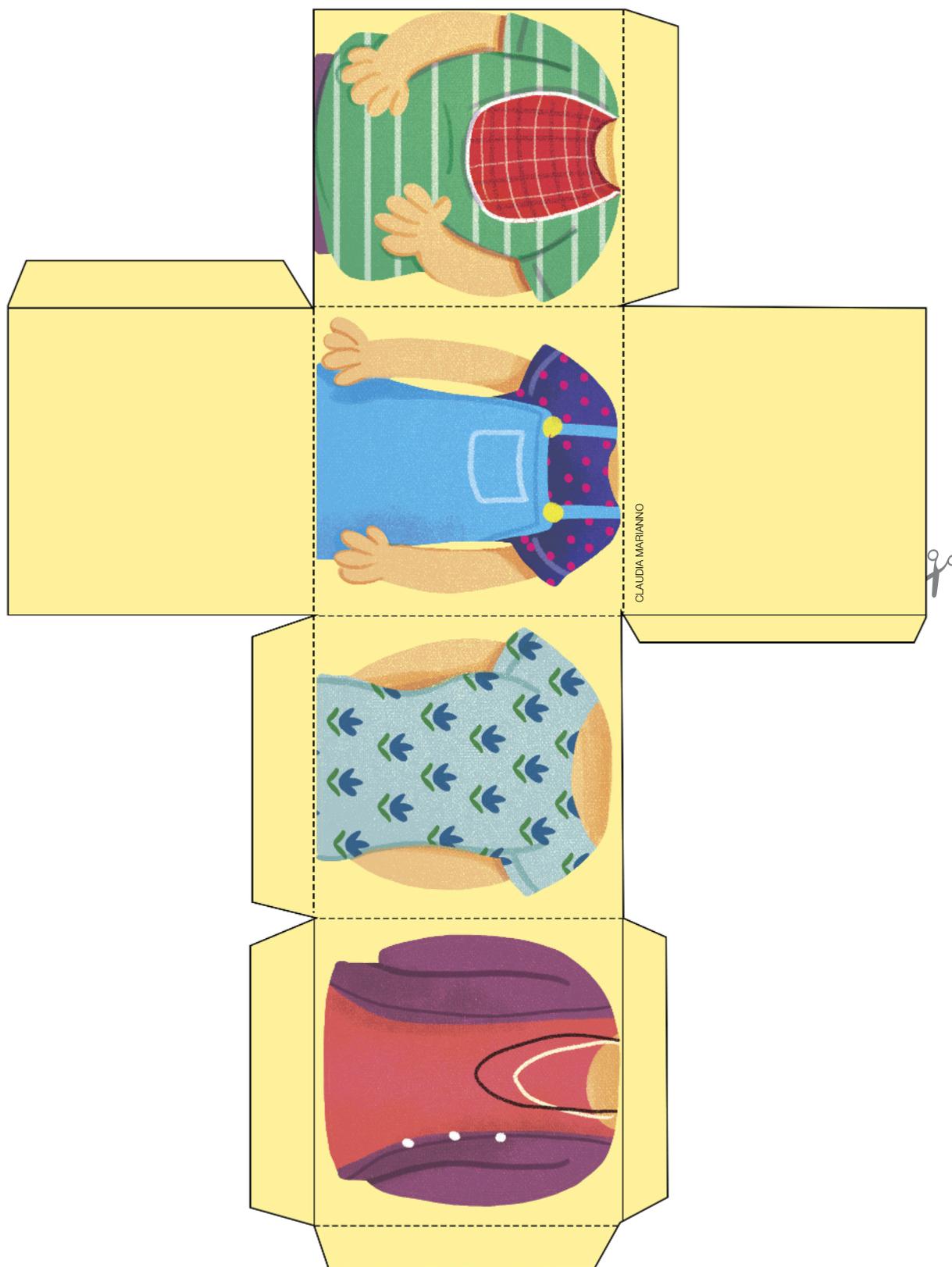
Jogos de manusear



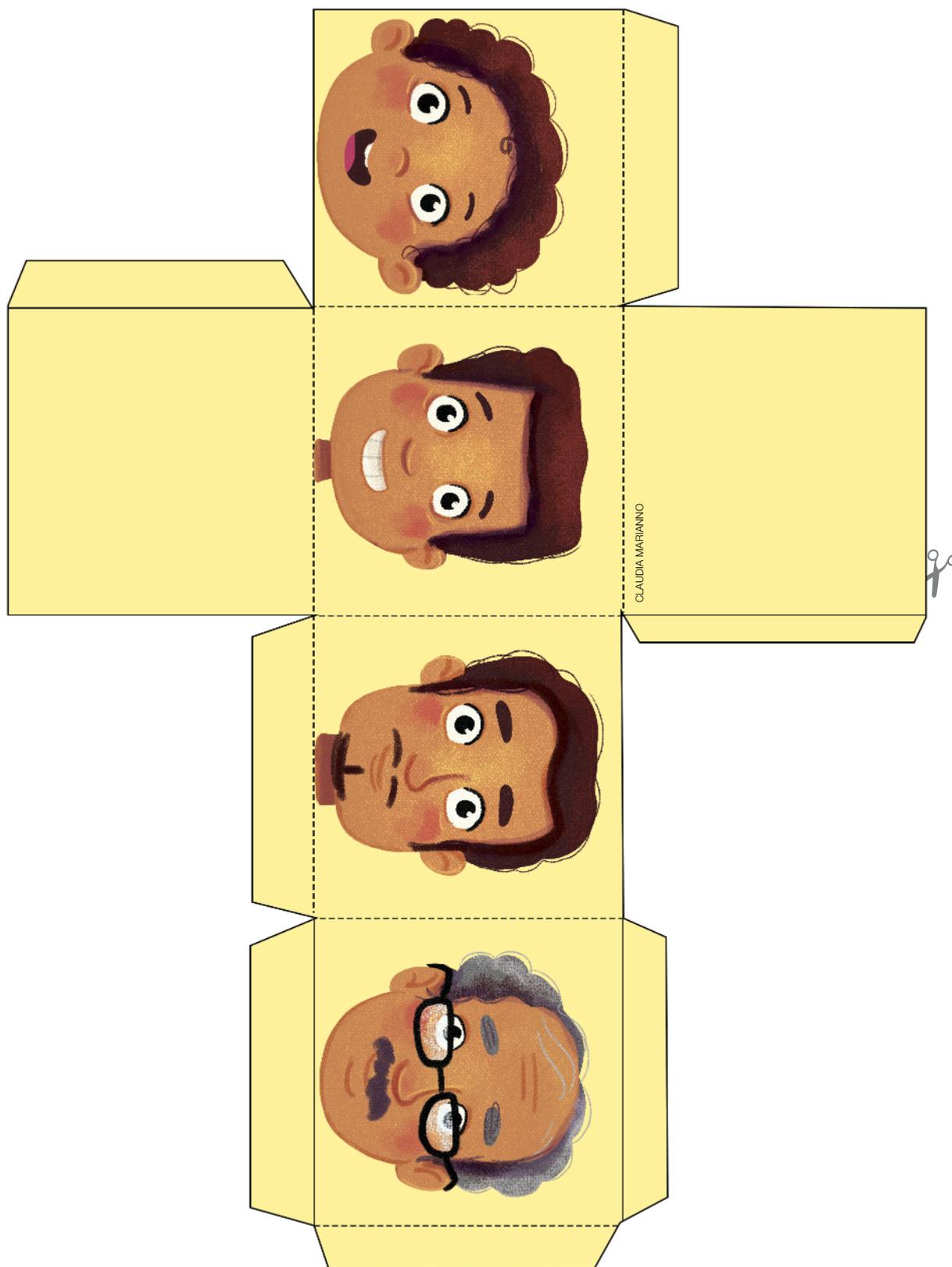
Jogos de manusear



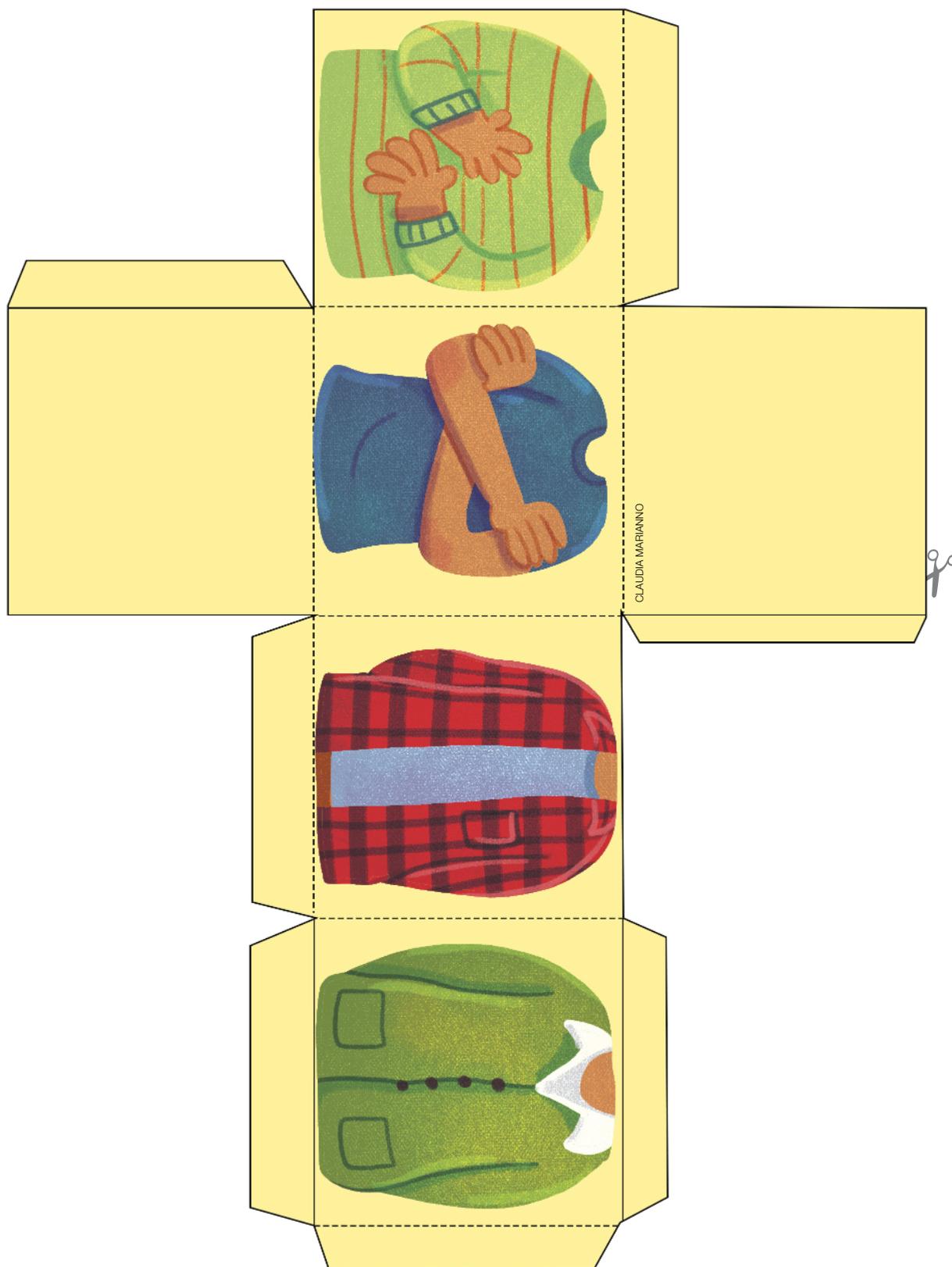
Jogos de manusear



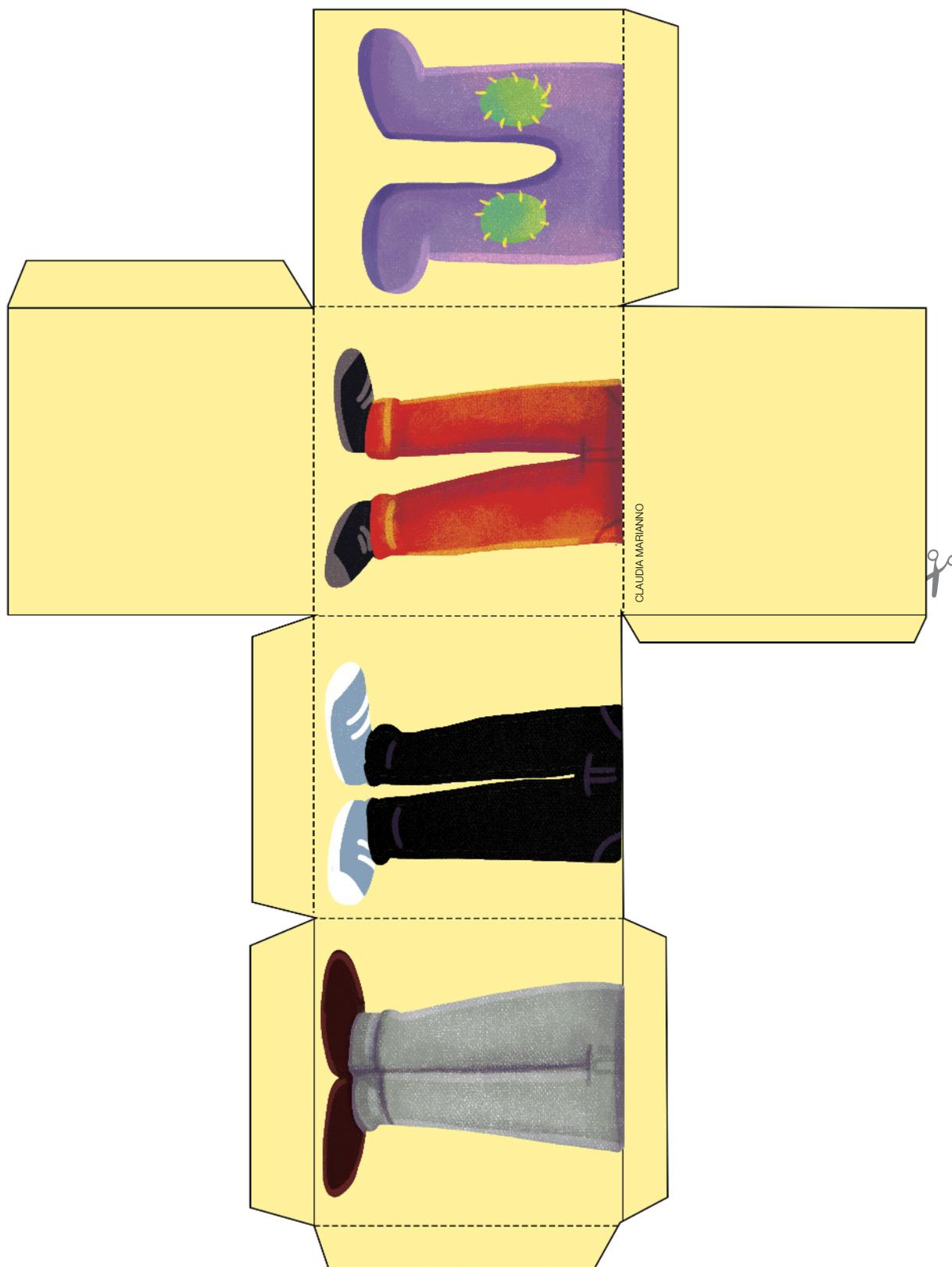
Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear

● Expressões faciais de misturar e combinar

Material

Imagens do jogo das expressões faciais (p. 178), tesoura com pontas arredondadas, papelão, cola em bastão, plástico adesivo em rolo ou, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem das expressões faciais.
- ✓ Recorte a imagem do jogo seguindo as linhas pontilhadas.
- ✓ Para que as imagens fiquem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso (exemplo: papel *Canson* 120 g ou papelão) e plastifique-as.
- ✓ Guarde-as em um saquinho de pano ou em uma caixinha específica para o jogo.
- ✓ Outra opção é montar um livro de expressões, como neste exemplo:



CLAUDIA MARIANO

Como jogar

1. O objetivo é criar diversas combinações e misturas com os olhos, os narizes e as bocas.
2. O jogo das expressões faciais convida as crianças bem pequenas a observar as imagens, produzir e reproduzir expressões faciais em frente ao espelho, comparar suas expressões com as da imagem, comparar suas expressões com a de seus pares, interagir e brincar, relacionar expressões faciais com sentimentos e nomeá-los. Disponha o material no microcenário de jogos, em uma mesinha em frente a um espelho.
3. Em pequenos grupos, observe e registre como as crianças bem pequenas interagem com as formas de diversas maneiras: manuseando, virando, testando formas de composição, percebendo semelhanças e diferenças entre tons de pele, relacionando-as com o seu nariz, boca e olhos ou com os de seus pares e adultos. Registre suas formas de comunicar percepções e interagir com as peças do jogo.

Jogos de manusear

Dica 1:

Indicamos o livro **Emocionário**, um dicionário de emoções, que pode ser relacionado com o Jogo das expressões faciais. Quando as crianças brincarem de criar expressões, pergunte sobre os sentimentos e observe quais elas nomeiam. Convide as crianças a pesquisar com você a definição de determinado sentimento no livro.

Ao procurar o nome do sentimento, no sumário, anuncie: “Encontrei o(a) (nome do sentimento); está na página (número da página), para as crianças conhecerem os nomes dos números e as etapas de uso de um dicionário, que é uma forma de pesquisa.

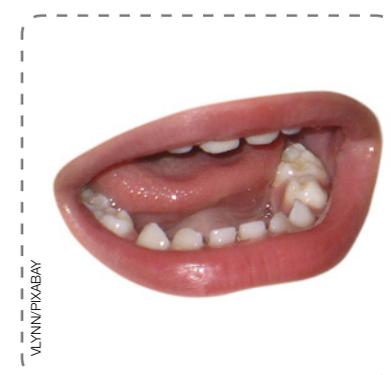
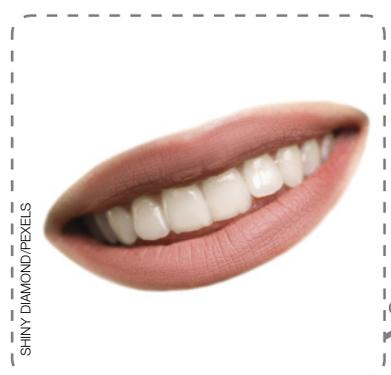
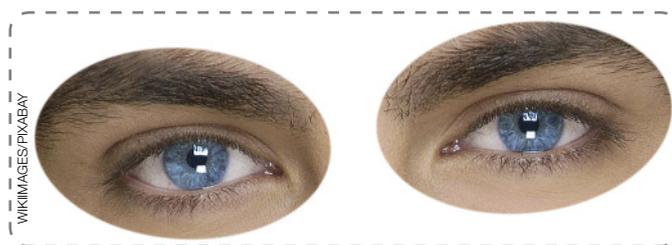
PEREIRA, Cristina Nunez. **Emocionário**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018.

Dica 2:

Crie um microcenário para essa proposta: em frente ao espelho, disponibilize uma cesta repleta de expressões faciais sobre uma mesa, na altura das crianças.

Observe possíveis interações: Uma criança bem pequena se aproxima e começa a interagir com as imagens. “Uma boca”, diz, ao olhar pelo espelho para o adulto que observa a situação. O(a) professor(a) observa as interações e brincadeiras e tece pequenos comentários quando requerido(a) pela criança: “Estou vendo que você está se olhando no espelho e sorrindo, será que é por que você está segurando essa boca sorridente?”. Outra criança observa de longe, enquanto brinca com blocos de construção em outro ambiente. Curiosa, resolve ir também brincar com o jogo das expressões faciais. Juntas, começam a formar diferentes combinações de rosto sobre a mesa. Uma segura a imagem de um nariz e coloca em frente ao rosto de seu par; depois, olha para o espelho e coloca a imagem em frente ao seu nariz. Enquanto isso, o(a) professor(a) registra a interação das crianças com as materialidades. A outra criança segura, então, um par de olhos com expressão de tristeza. Faz um carinho na imagem dos olhos e fala que estão tristes porque sentem saudades da mamãe.

Jogos de manusear



Jogos de manusear

● Dominó

Material

Dominó de quantidades: imagens do jogo de dominó (p. 180 a 182), tesoura com pontas arredondadas, papelão, cola em bastão, plástico adesivo em rolo ou, se possível, plastificadora.

Dominó de formas: imagens do jogo de dominó (p. 183 a 188), tesoura com pontas arredondadas, cola em bastão, cola líquida branca, plástico adesivo em rolo e caixas de leite devidamente higienizadas, preenchidas com papel e fechadas com fita adesiva.

Passo a passo

Dominó de formas

- Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens do jogo de dominó de formas.
- Recorte a imagem do jogo seguindo as linhas pontilhadas.
- Envolve com tecido ou cartolina as caixas de leite usando cola líquida branca.
- Cole a imagem recortada nas caixas de leite revestidas.
- Plastifique-as para que fiquem mais resistentes.
- Guarde-as em um caixote específico para o jogo.

Dominó de quantidades

- Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens do jogo de dominó de quantidades.
- Recorte a imagem do jogo seguindo as linhas pontilhadas.
- Para as imagens ficarem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso (exemplo: papel *Canson* 120 g ou papelão) e plastifique-as.
- Guarde as peças em um saquinho de pano ou caixinha específica para o jogo.

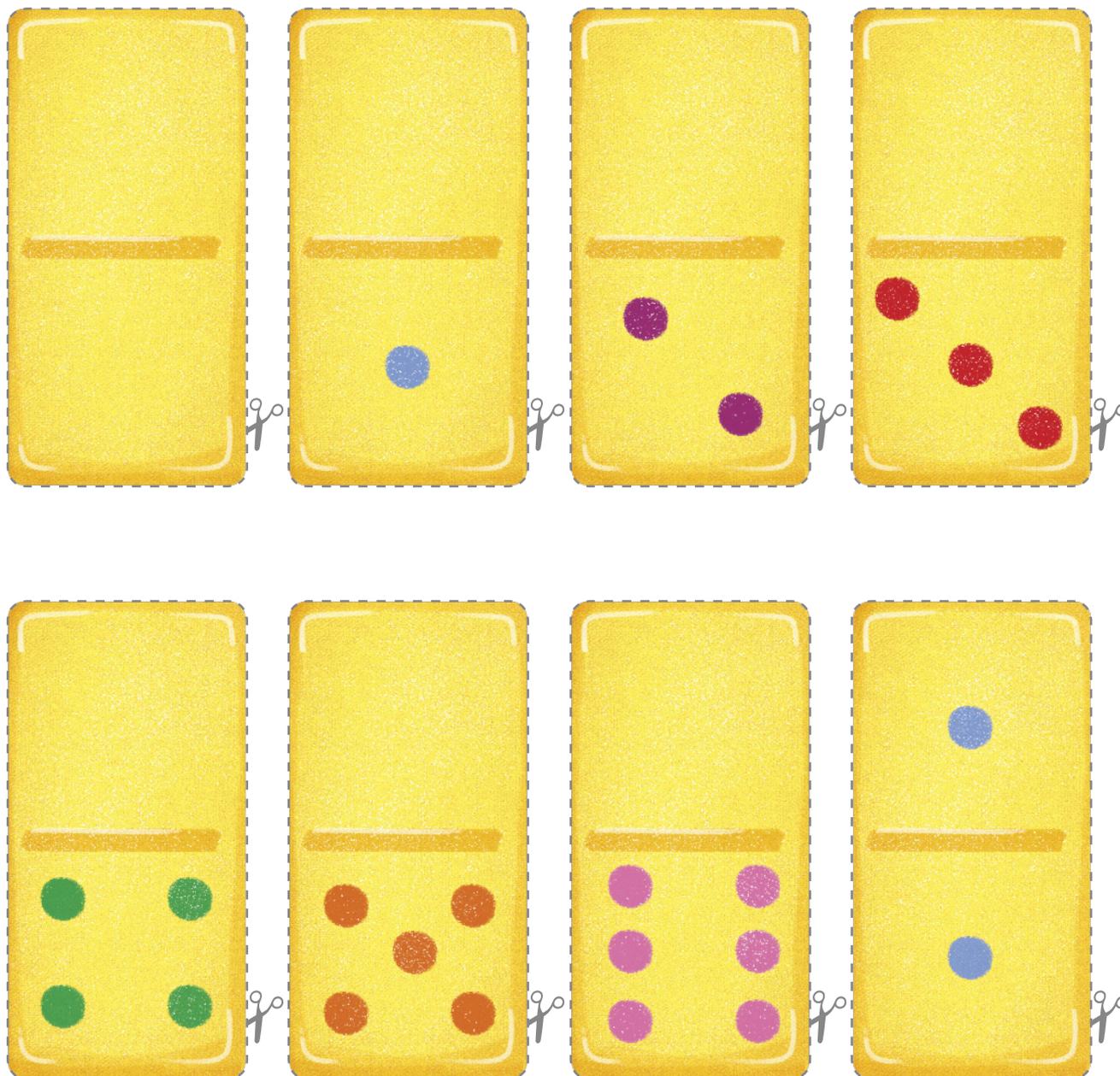
Como jogar

1. As peças são misturadas com as faces ilustradas com formas ou quantidades voltadas para baixo.
 2. Sugere-se quatro ou dois jogadores por partida. Divida igualmente as peças entre as crianças.
 3. O jogador que possuir a peça dupla de maior valor, representada por 6:6 quantidades nas duas partes da peça, inicia o jogo, colocando-a sobre a mesa. Ou faça uma parlenda com as crianças para escolher quem vai começar.
 4. O próximo jogador deve colocar uma de suas peças, desde que ela tenha uma indicação igual à inicial, conectando-as, e assim sucessivamente.
 5. Quando um dos jogadores colocar sua última peça, é declarado vencedor. Os outros jogadores podem continuar jogando até terminarem as peças. Propõe-se a continuação do jogo em função da idade das crianças.
- Professor(a), o objetivo do jogo é a criança relacionar partes iguais. Para essa faixa etária indica-se iniciar com o dominó de formas e, só depois de as crianças estarem apropriadas da regra, apresentar o dominó de quantidades. Disponha o material no microcenário de jogos para crianças bem pequenas. Ao acompanhar as crianças interagindo no jogo, observe suas ações – enfileiram, empilham, criam formas, classificam as peças de acordo com a imagem, contam, percebem e dialogam sobre semelhanças e diferenças e/ou partilham modos de fazer com seus pares.

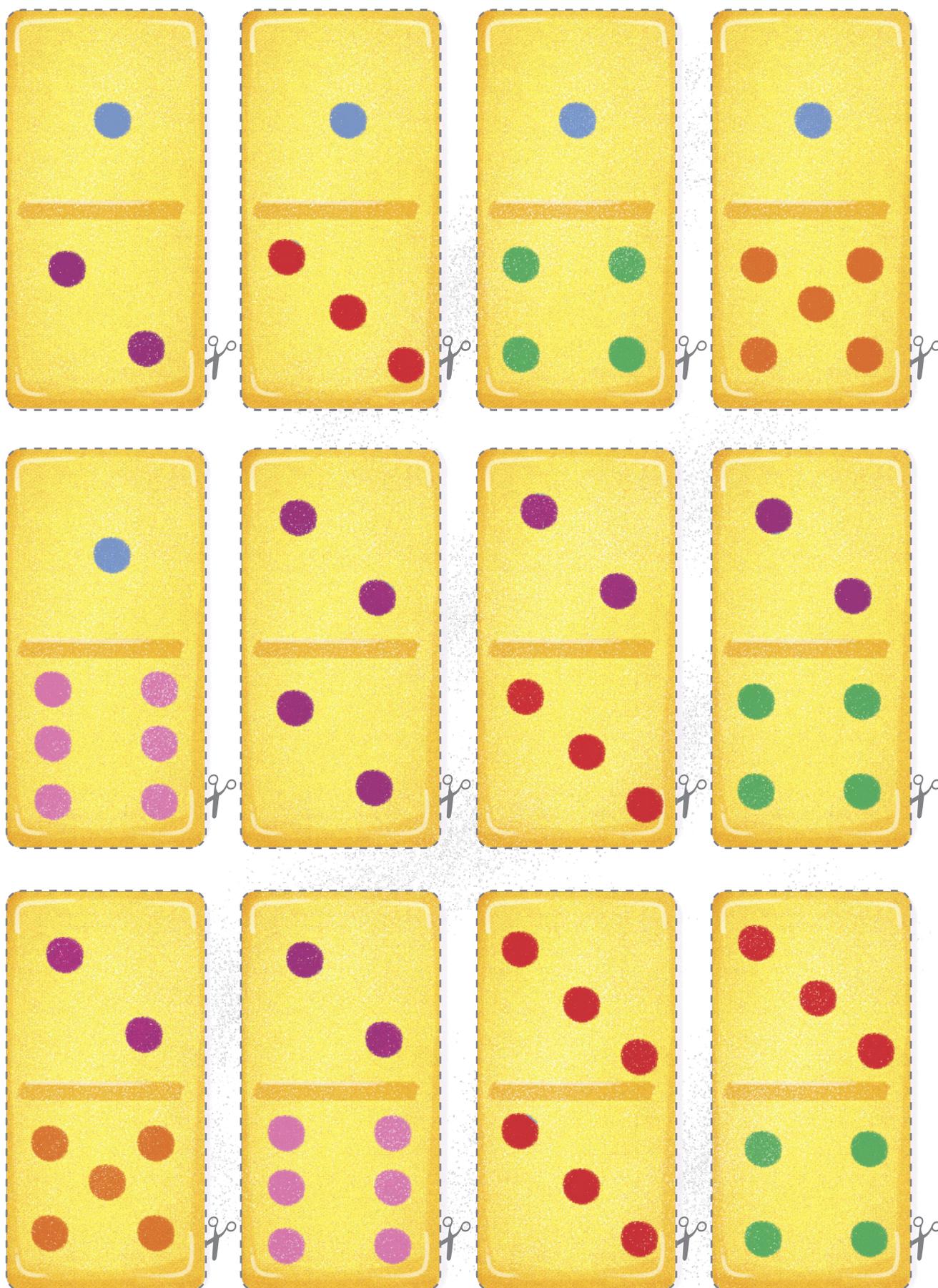
Jogos de manusear

- ✓ Em pequenos grupos, introduza o modo de jogar por meio da ação prática de partilhar o jogo com as crianças. Enquanto joga, nomeie as formas e as quantidades. Observe as estratégias das crianças para discriminar as peças: cor, forma, cantilena ou récita etc.

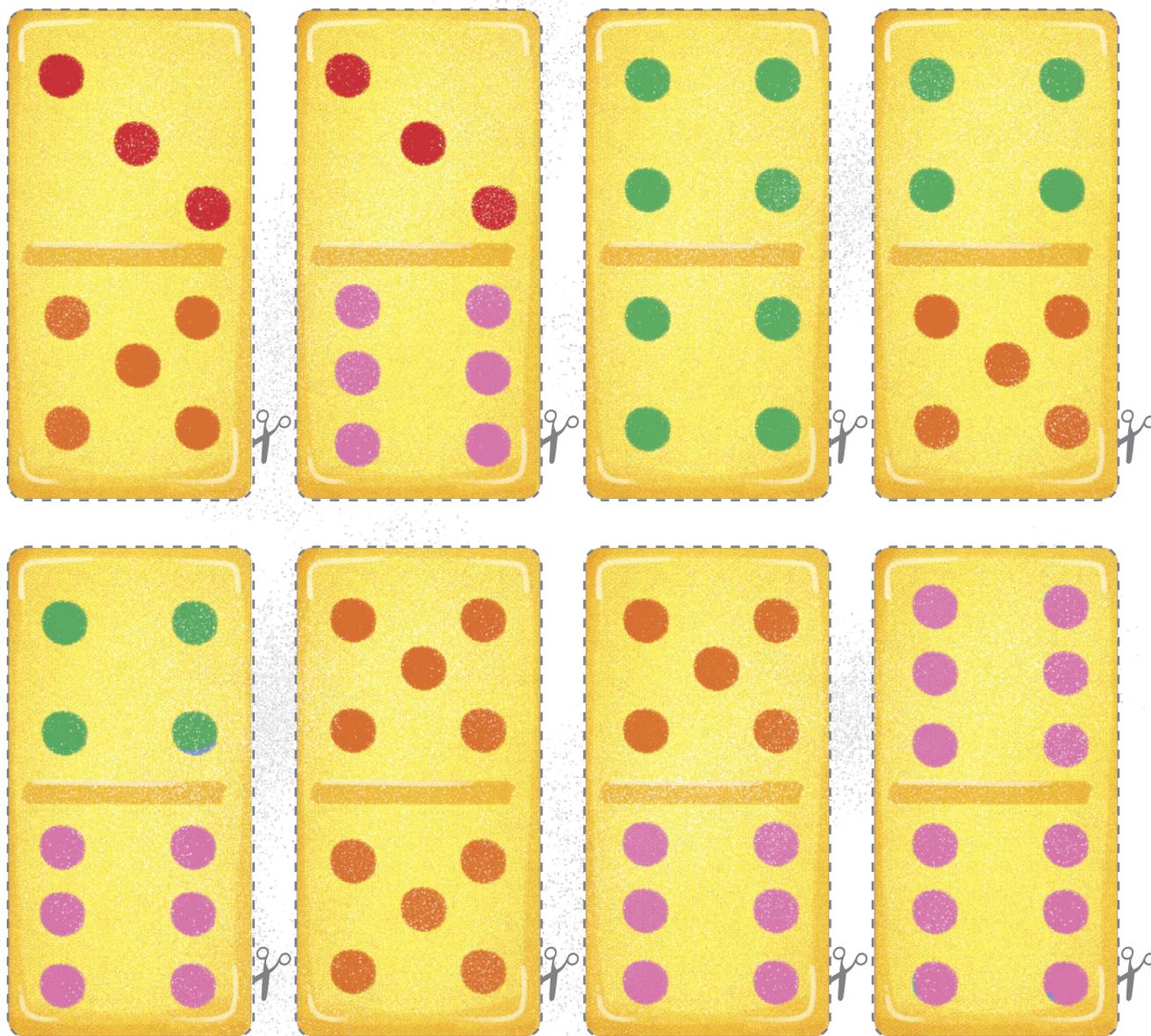
Dominó de quantidades



Jogos de manusear

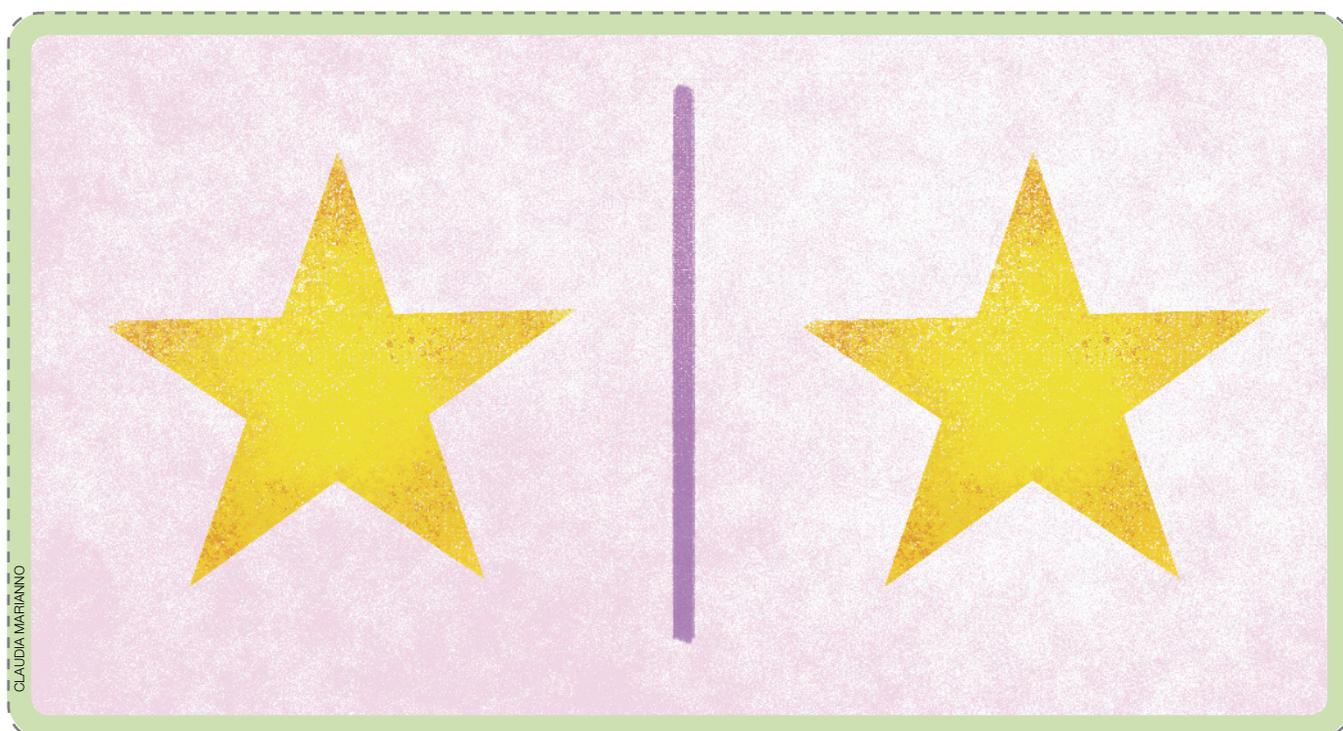
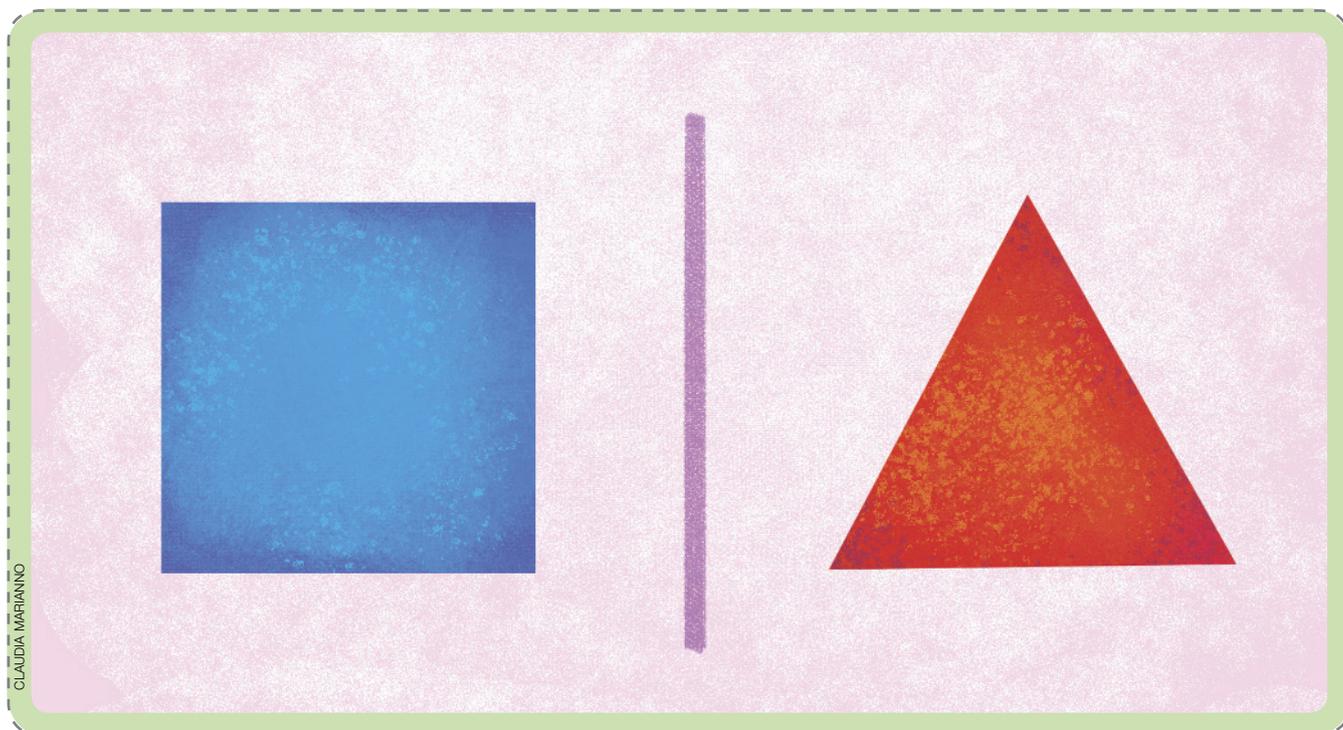


Jogos de manusear

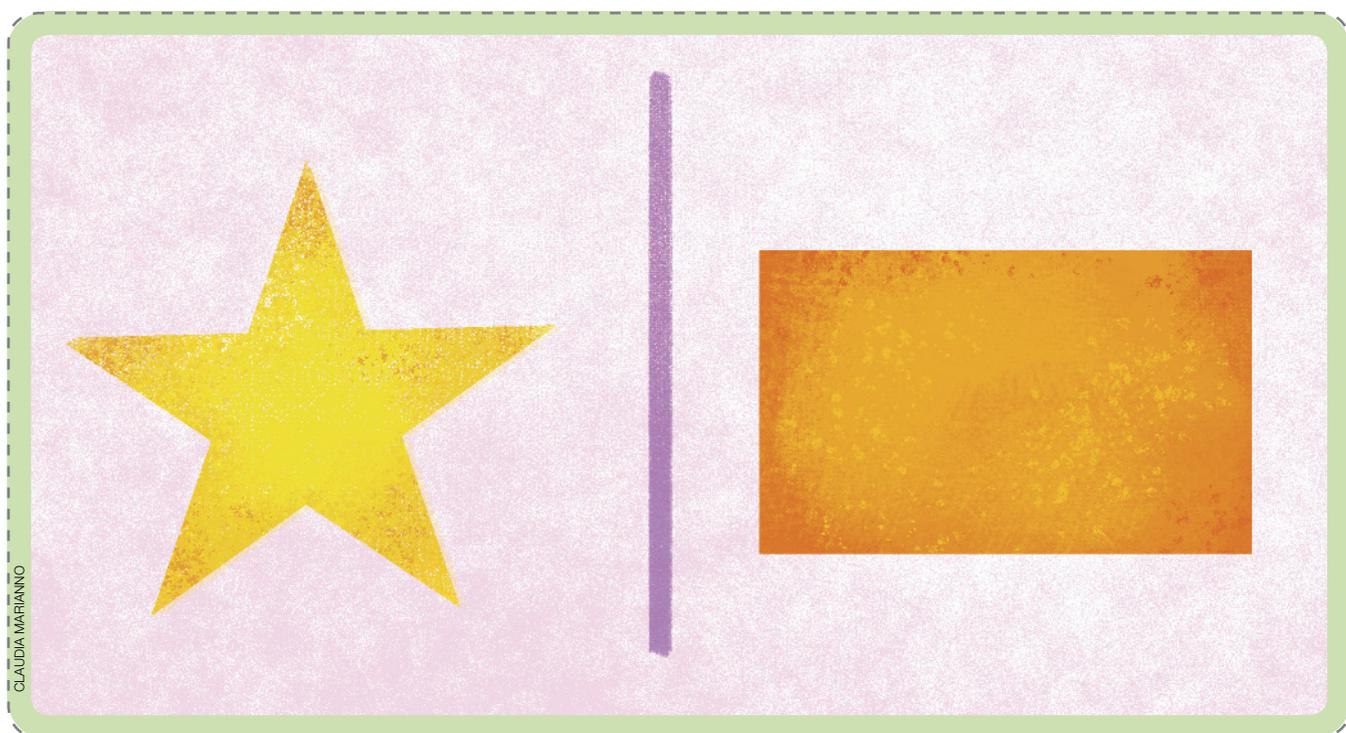
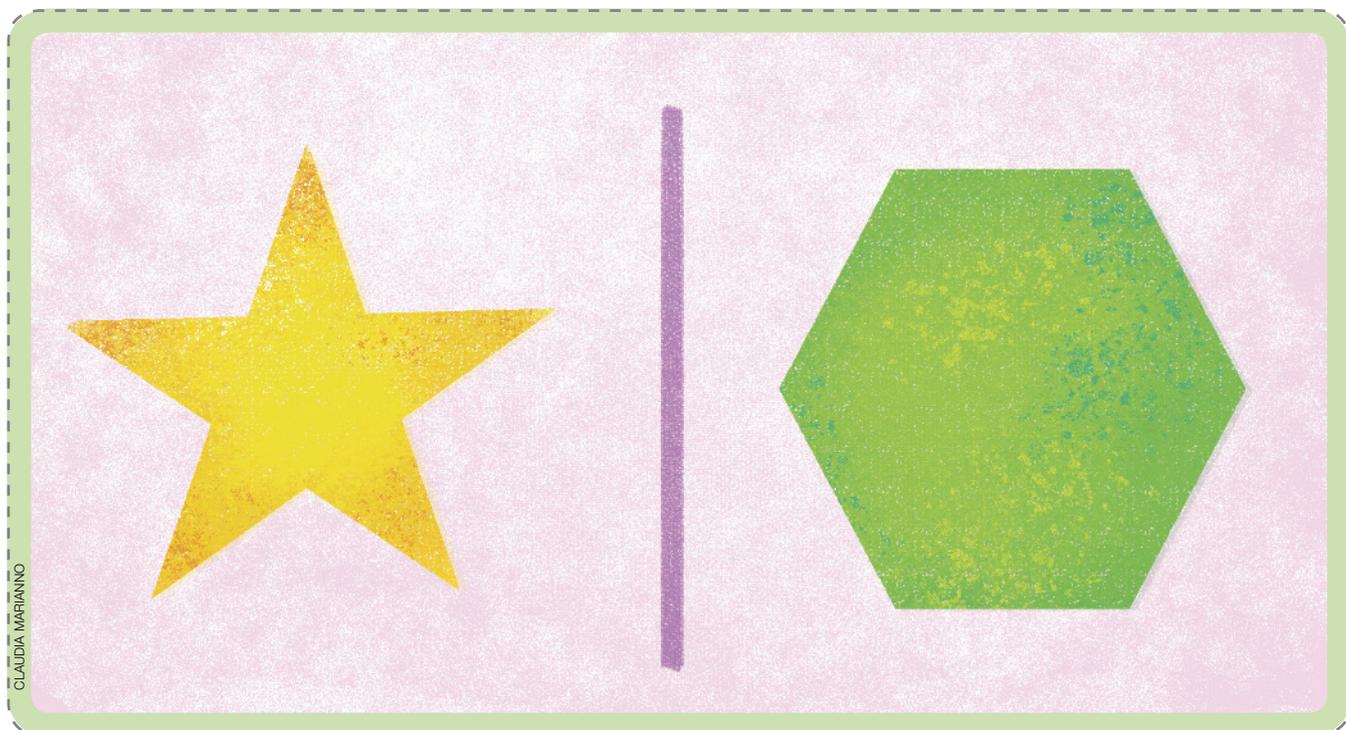


Jogos de manusear

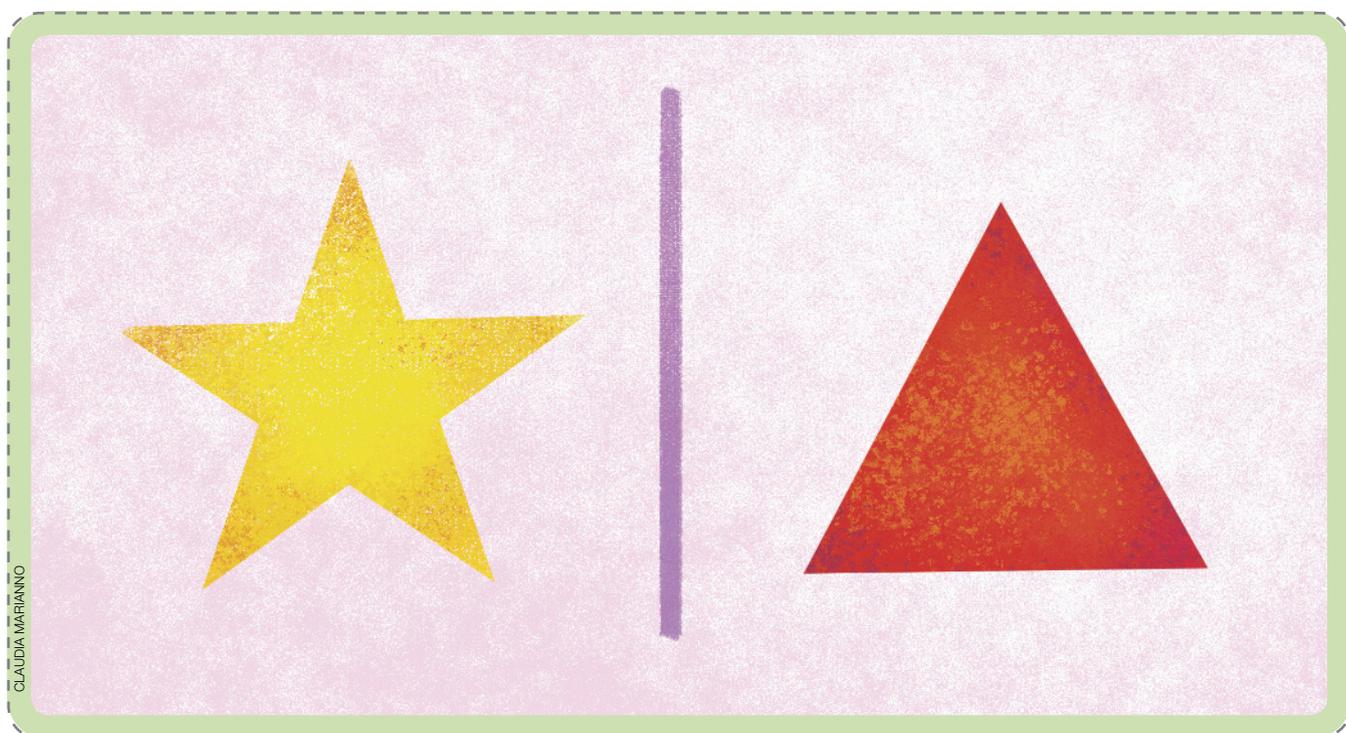
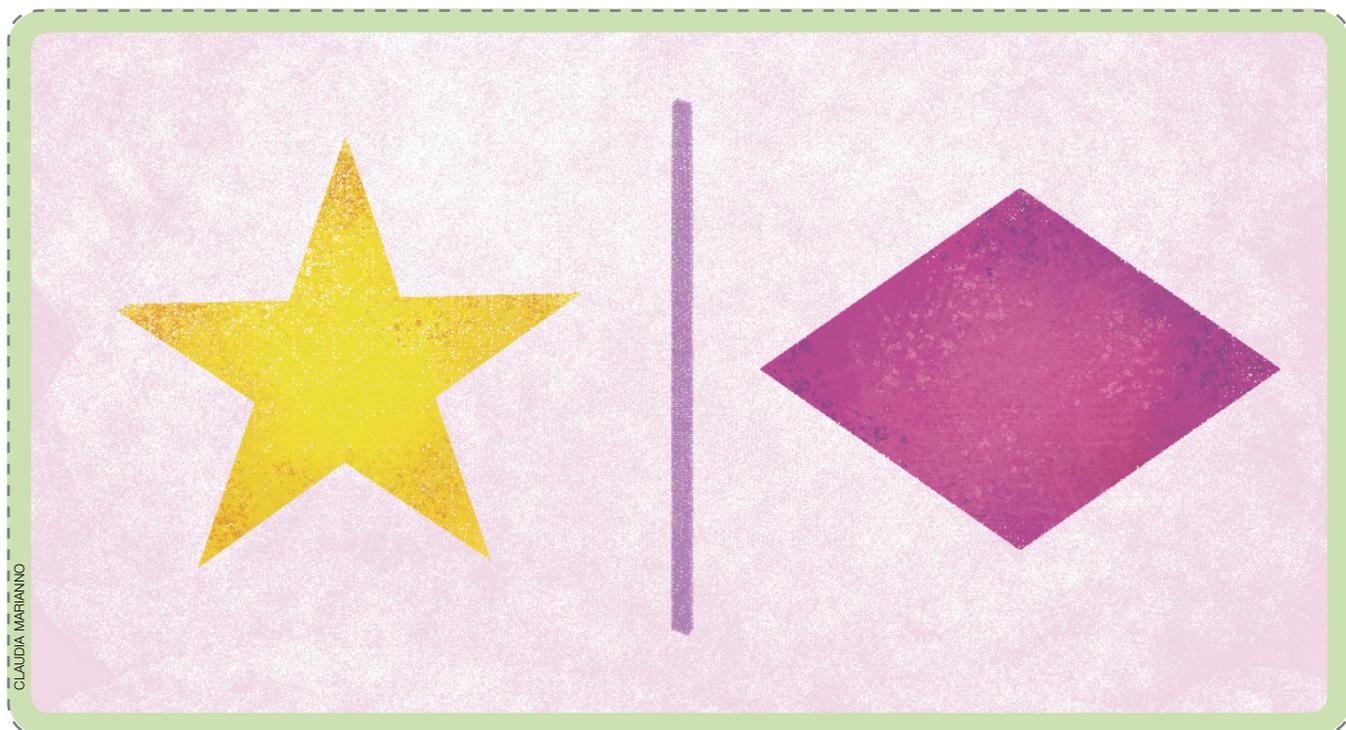
Dominó de formas



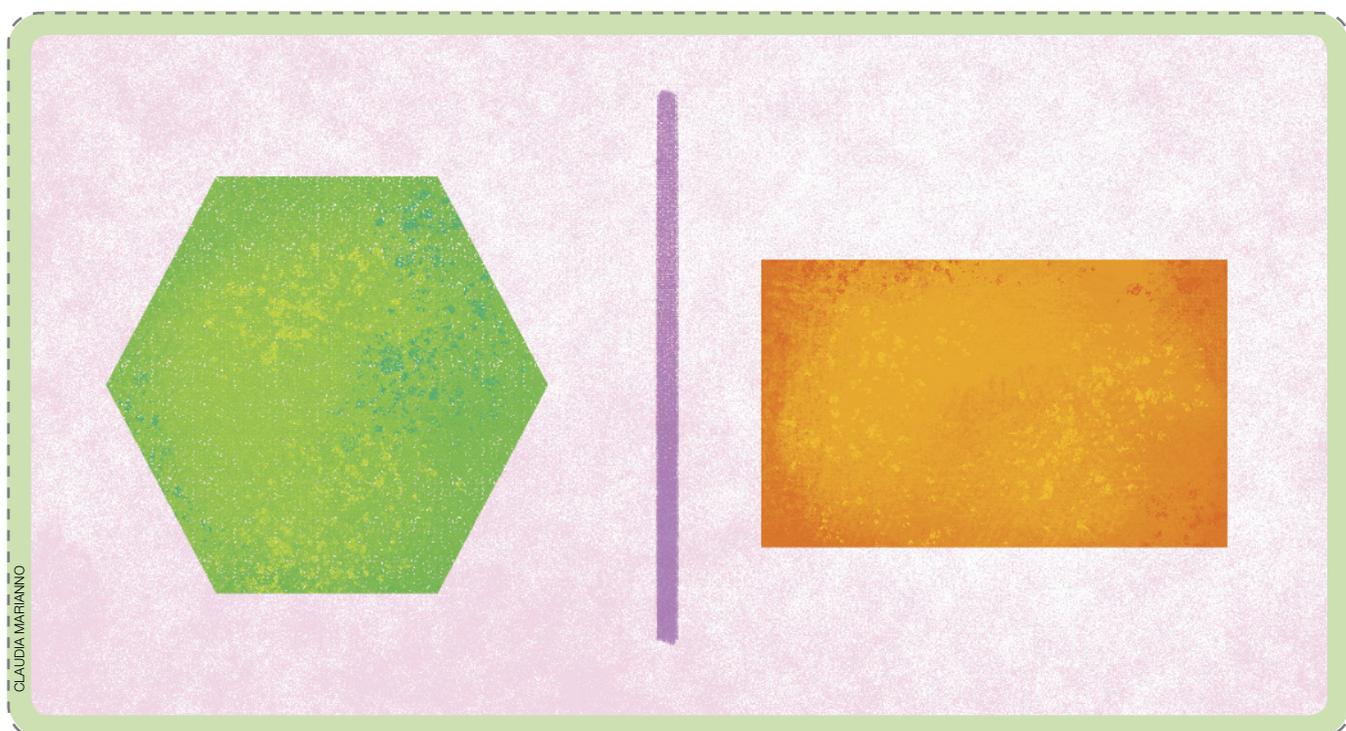
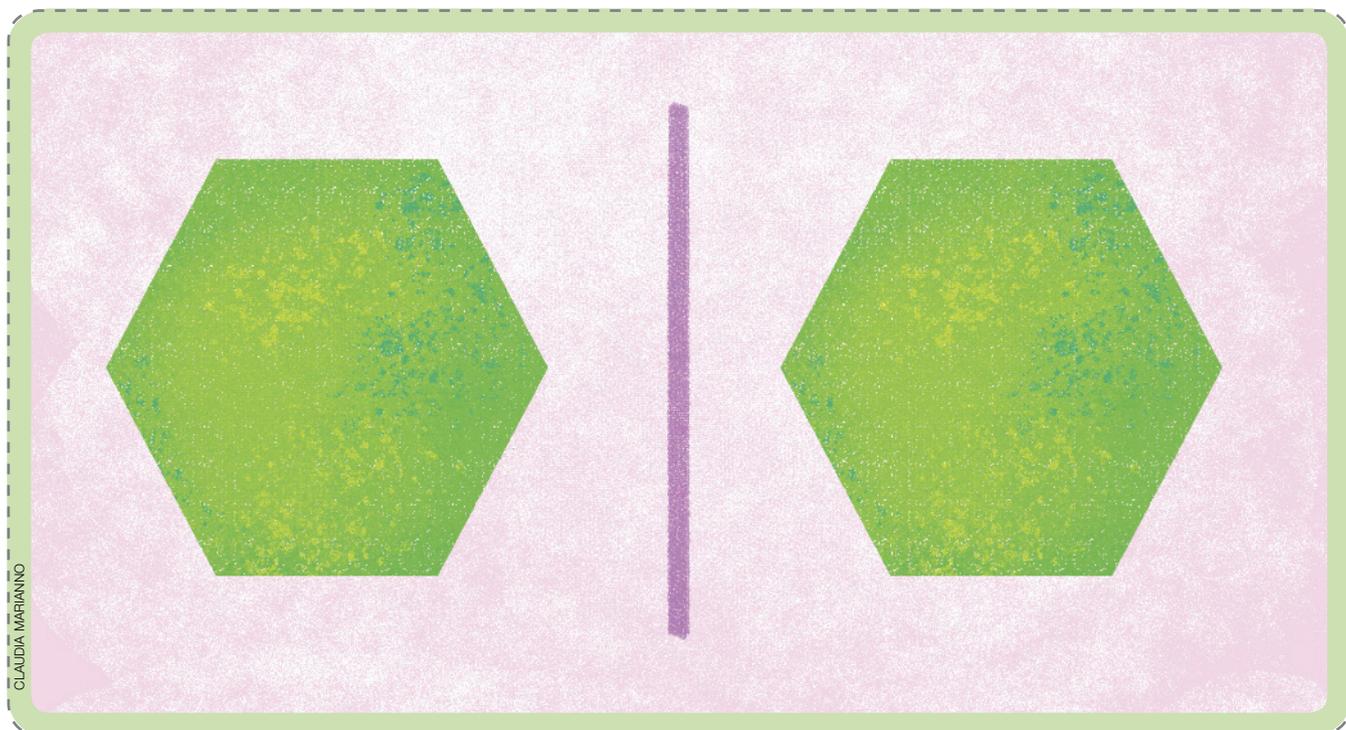
Jogos de manusear



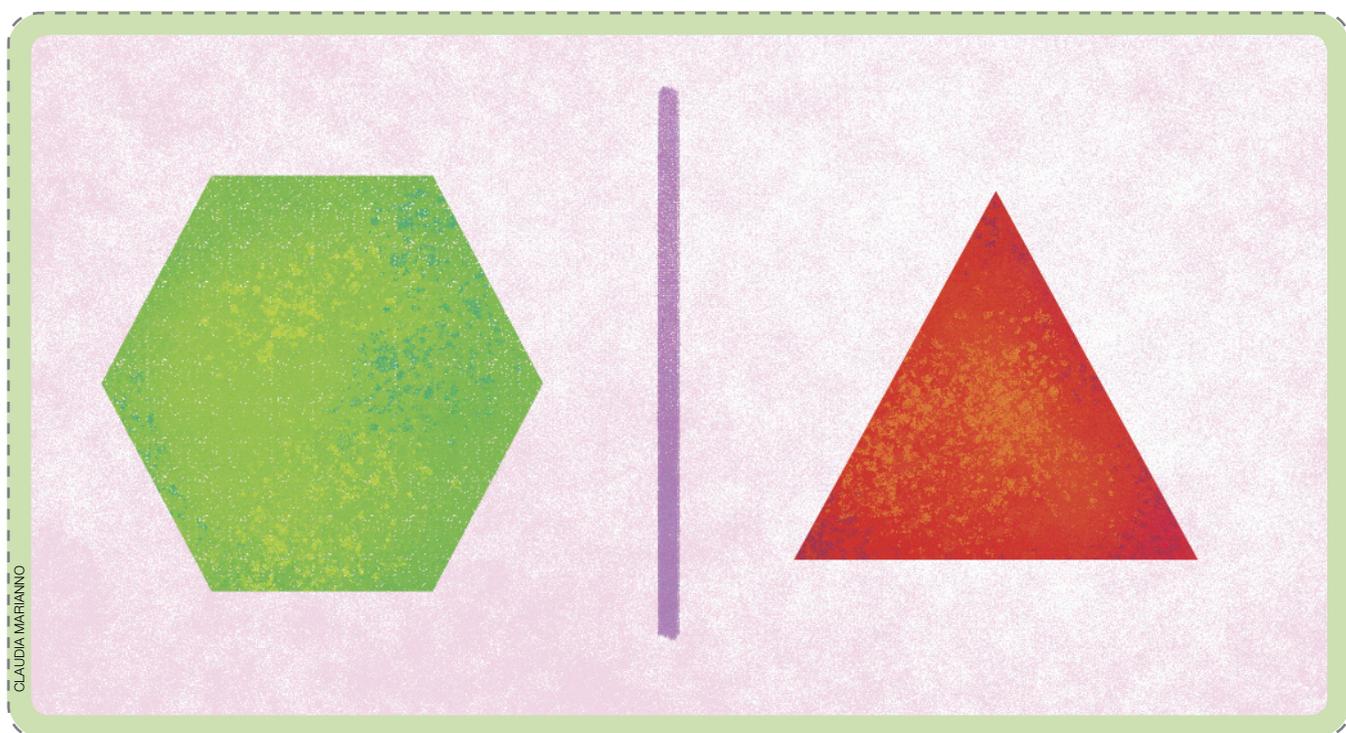
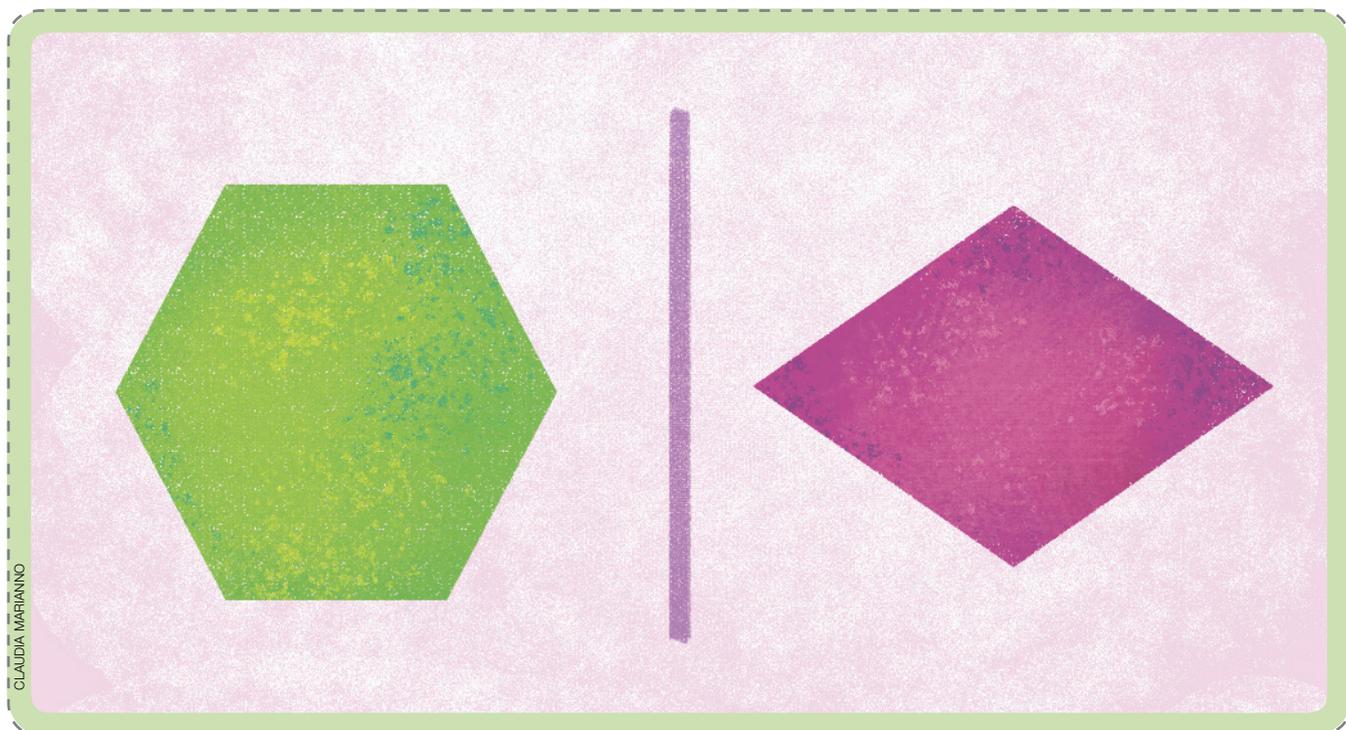
Jogos de manusear



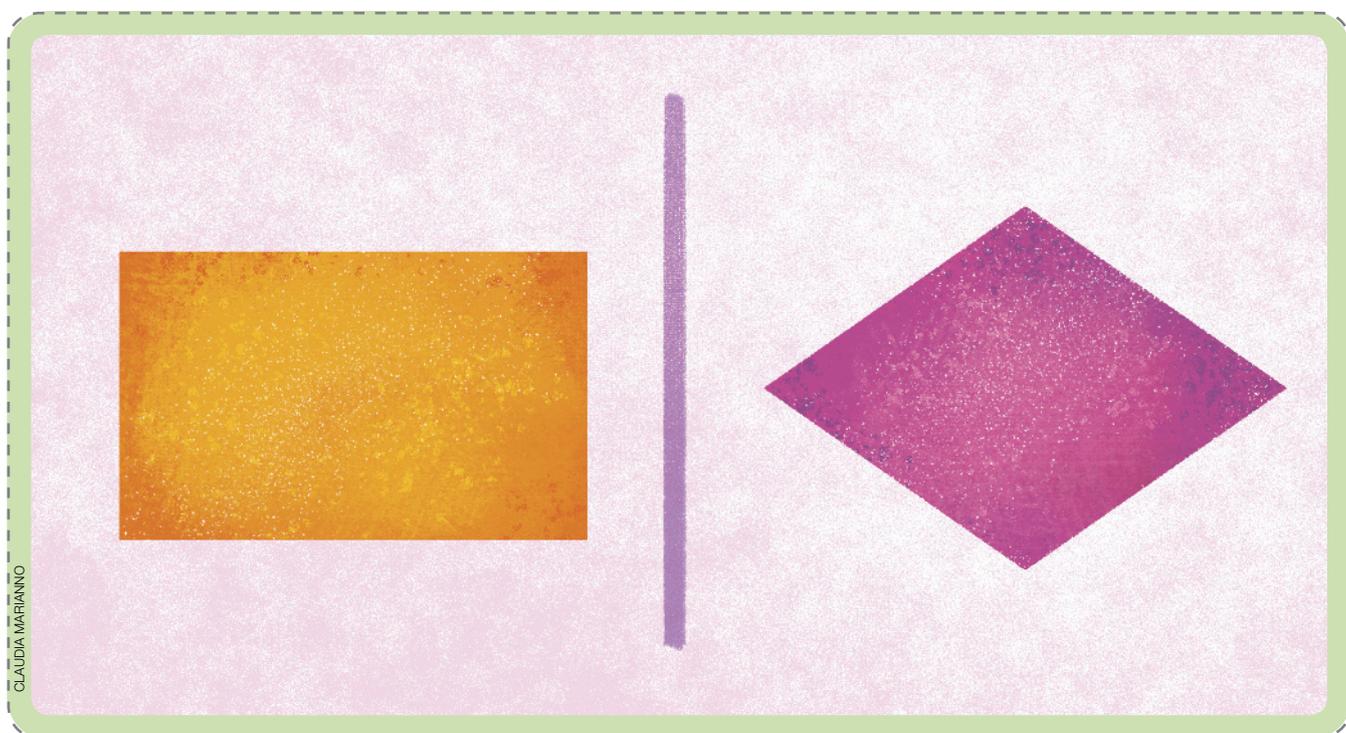
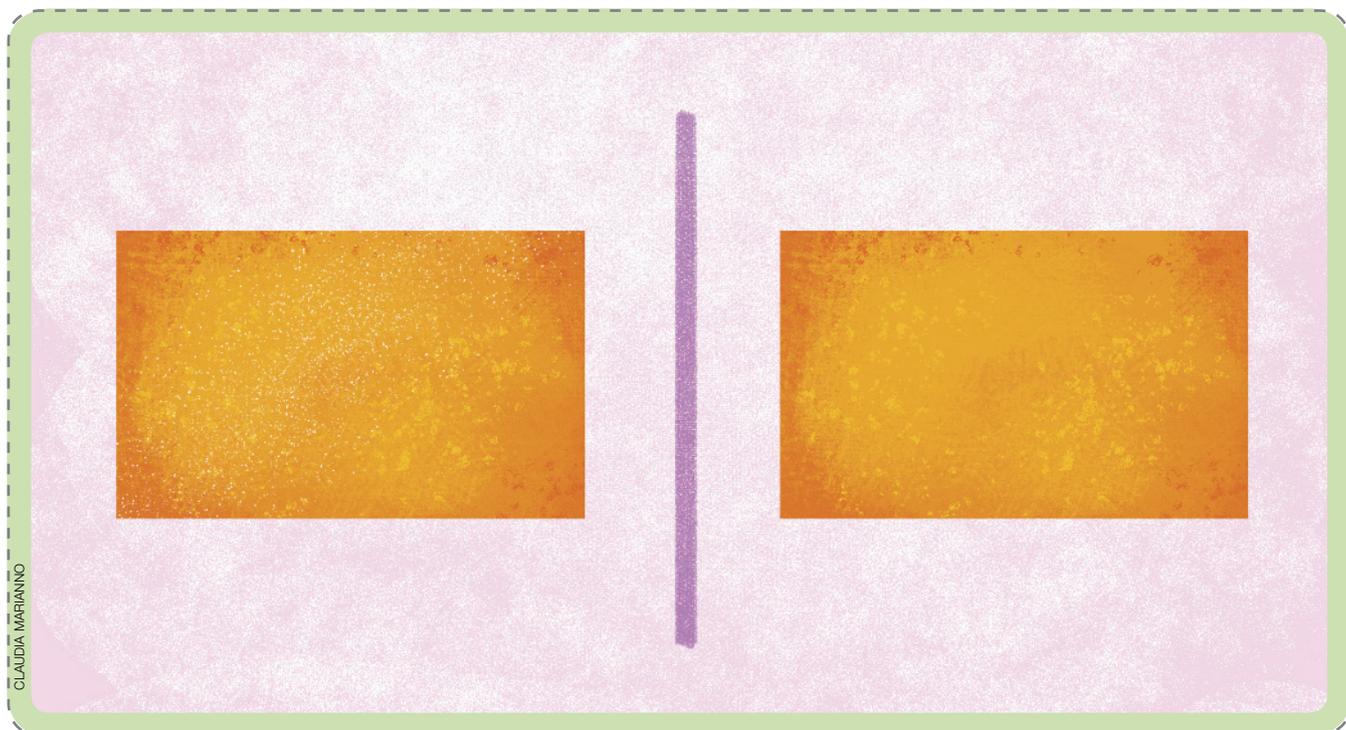
Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear



Jogos de manusear

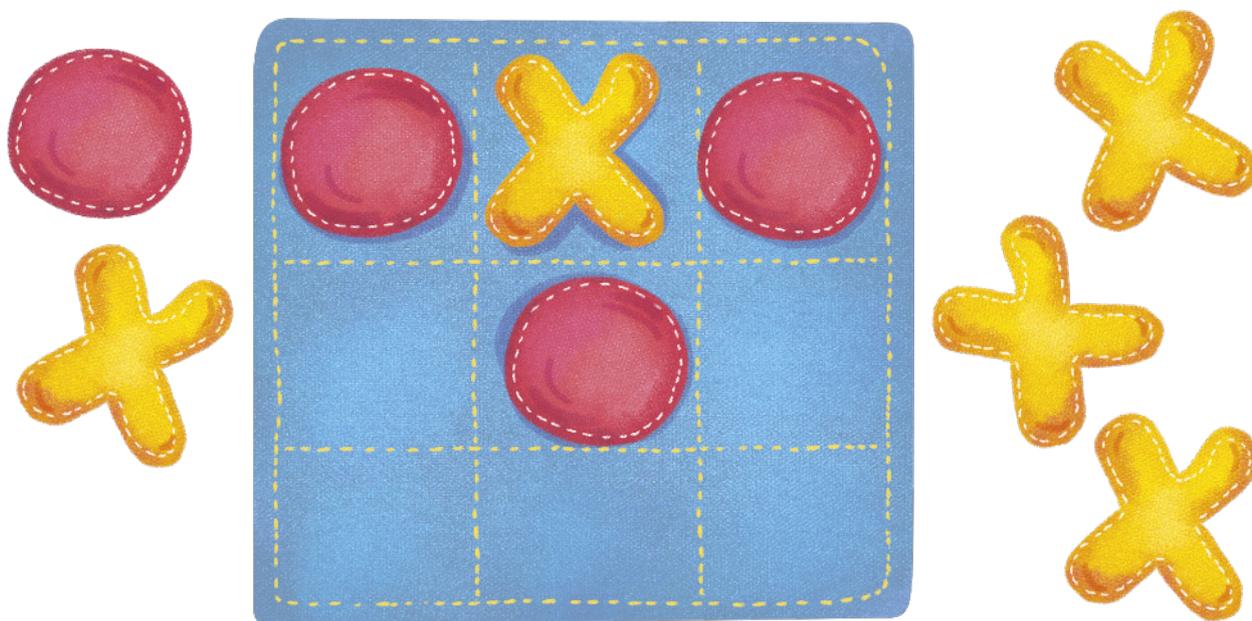
● Jogo da velha

Material

Imagens do tabuleiro e das peças do jogo da velha (p. 190-191), tesoura com pontas arredondadas, papelão, cola em bastão, plástico adesivo em rolo ou, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem do tabuleiro do jogo da velha.
- ✓ Corte a imagem do jogo.
- ✓ Para as imagens ficarem mais resistentes, cole-as em um papel mais grosso (exemplo: papel *Canson* 120 g ou papelão) e plastifique-as.
- ✓ Guarde o tabuleiro e as peças em um saquinho de pano ou em uma caixinha específica para o jogo.

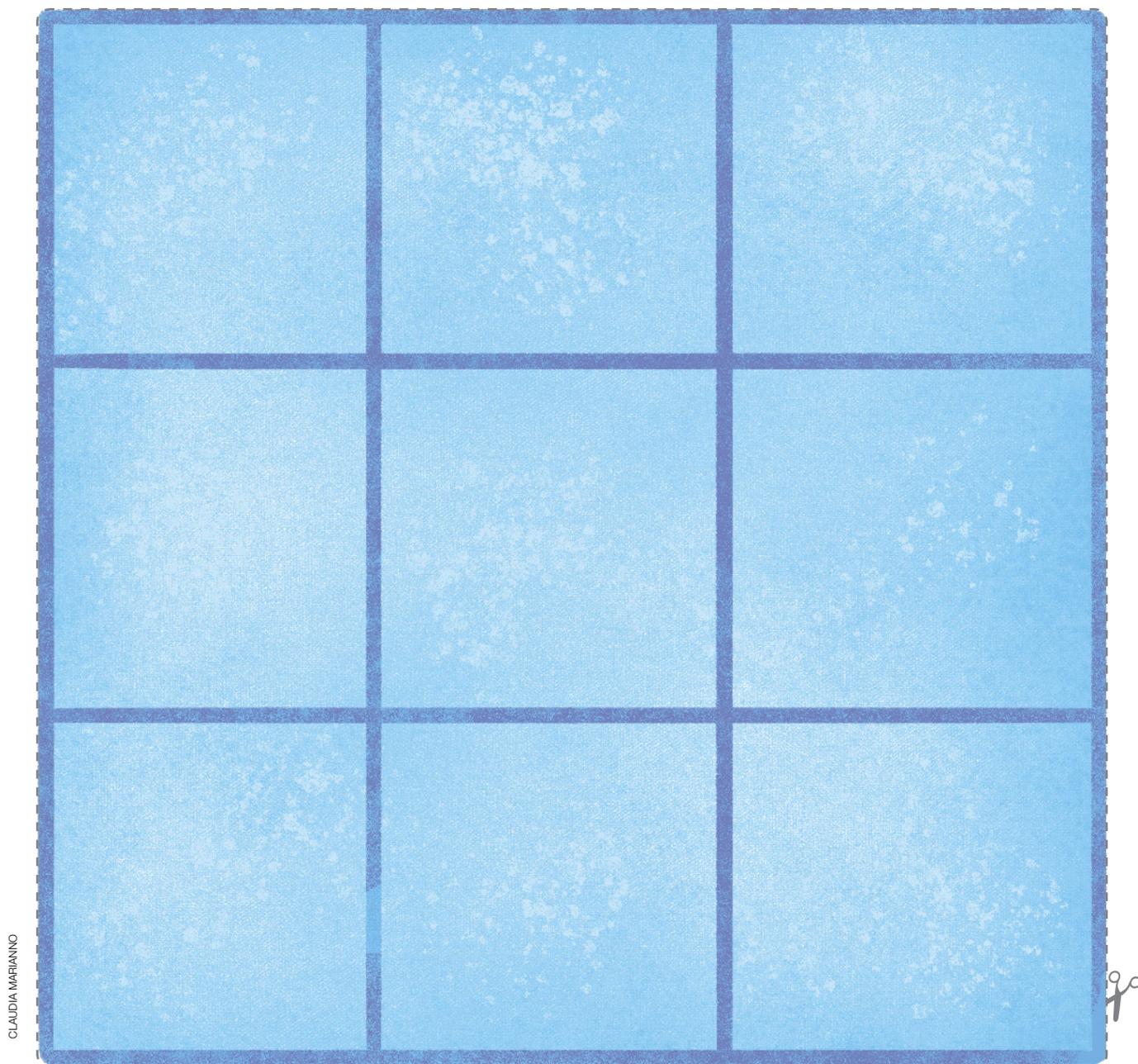


CLAUDIA MARIANO

Como jogar

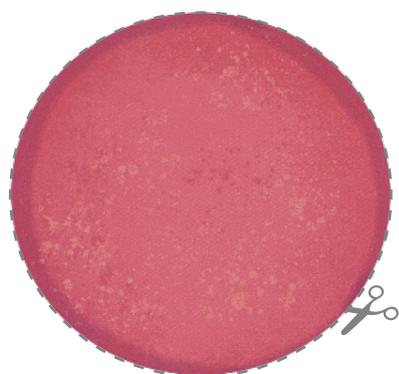
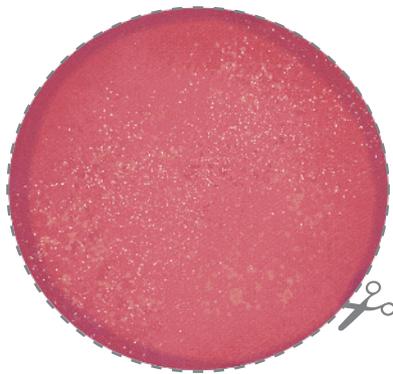
1. O objetivo é conseguir fazer uma linha na vertical, na horizontal ou na diagonal com o mesmo elemento.
 2. Jogo para dois participantes. Cada jogador escolhe o tipo de peça (círculo ou "Xis").
 3. Pode-se fazer uma parlenda para decidir quem escolhe e quem começa.
 4. Alternadamente, cada jogador coloca sua peça dentro de um dos quadrados vazios do tabuleiro.
 5. Quem conseguir fazer primeiro uma linha na horizontal, na vertical ou na diagonal ganha. Caso nenhum jogador consiga é empate.
- ✓ Disponha o material no microcenário de jogos para crianças bem pequenas.
 - ✓ Em pequenos grupos, introduza o modo de jogar por meio da ação prática de partilhar o jogo com as crianças. Observe e registre como as crianças interagem com o jogo, como se apropriam dos modos de jogar, como trocam conhecimentos sobre as peças e quais conhecimentos lógico-matemáticos mobilizam para jogar.

Jogos de manusear



CLAUDIA MARIANO

Jogos de manusear



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Encontrando-se para brincar e escutar histórias
- Capítulo 4: Celebrando as festividades
- Capítulo 5: Brincadeiras infantis tradicionais
- Capítulo 7: Apreciação estética e “O que contam as histórias?”

● Contextualização

“A palavra tem que chegar ao grau
de brinquedo para ser séria de rir.”

(Manoel de Barros)

Adivinhas, parlendas, quadrinhas e trava-línguas são parte, com os brincos, as cantigas de roda e os acalantos, da tradição oral que envolve saberes de muitos campos de estudos: folclóricos, sociológicos, etnográficos, linguísticos e literários. O historiador, antropólogo, advogado e jornalista Luís da Câmara Cascudo aprofundou seus estudos sobre o folclore brasileiro e denominou essas antigas manifestações culturais de literatura oral.

Transmitidas oralmente, de boca em boca, de geração em geração, dos mais velhos para os mais novos, não se sabe muito ao certo quem as inventou, e a maioria é de Domínio Público: são de todos nós. Manifestações similares são encontradas em diversos países, e as brasileiras têm raízes diversas, predominando as derivadas de africanos, indígenas e portugueses e suas junções, que formam e integram a cultura popular brasileira. Seguem mutáveis, ganhando os contornos das identidades locais e revelando em seus temas modos de dizer e vocabulário de construções socioculturais dos povos.

Difundir esses diferentes gêneros da tradição oral garante a perpetuação da nossa cultura, do grande potencial brincante marcado pelos temas e pelas formas rimadas e rítmicas, que encantam as crianças. Elas logo memorizam seus versos e despertam para a curiosidade sobre a linguagem verbal, tanto oral como escrita. São brincadeiras que falam sobre a nossa própria língua e contribuem para a estética, a ética, o gosto pela palavra, rima, poesia por meio de uma memória afetiva que nos acompanha desde pequenos. A Educação Infantil é o lugar privilegiado que deve oferecer essas experiências artísticas e da tradição oral.

Gianni Rodari¹ define as adivinhas como uma brincadeira de lógica e criatividade. Nas adivinhas, as crianças bem pequenas se deparam com a trabalhosa criação de encontrar formas de dizer sobre algo sem dizer o seu nome. Mas não como uma descrição, e sim de forma enganosa e dúbia, caracterizando o efeito surpresa da brincadeira de adivinha. *O que é, o que é?* é a frase que caracteriza as adivinhas. No Brasil, é muito comum encontrarmos adivinhas em versos rimados, característicos da cultura da literatura de cordel e dos repentes, como na sextilha a seguir:

— Leão sem ser de cabelo,
Cama sem ser de deitar,
De todos os bichos do mato,
Entre tudo o que será?
Depressa você me diga,
Sem a ninguém perguntar.

— Você, Maria Tebana,
Nisto, não me dá lição;
Pois é um bicho estamento,
Chamado camaleão,
Que sempre vive trepado,
Poucas vezes vem ao chão.

FERNANDES, F. Contribuição para o estudo sociológico das adivinhas paulistanas. In: FERNANDES, F. **Folclore e mudança social na cidade de São Paulo**. São Paulo: Editora Anhembi, 1961. p. 279-338.

¹ RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

As parlendas são frases com rítmica e são muitos os seus usos. Podem ter a função de executar uma escolha, memorizar, aprender números, acompanhar gestos cotidianos (como o de subir e descer escadas, fechar os botões da roupa), ser parte de brincadeiras (como as de pular corda e as cantigas de roda). E têm também aquelas sem sentido nenhum, com a importante serventia de fazer rir. As quadrinhas são as sementes poéticas da nossa infância, compostas por estrofes de quatro versos; apresentam rimas e palavras cotidianas. Já os trava-línguas são desafios do falar repletos de aliterações e assonâncias que instigam conquistar as habilidades de pronunciar. Conseguir vencer o desafio de um trava-língua é uma alegria e aumenta a autoestima.

Todas essas expressões da literatura oral favorecem o desenvolvimento de recursos linguísticos tão necessários quanto as próprias palavras: expressar-se por gestos e expressões faciais, ritmar a fala e entonar e pausar causando efeitos literários. Além disso, a presença de aliterações, assonâncias e rimas convida as crianças a perceber e reconhecer os aspectos fonológicos da língua e deles se apropriar.



Poesia com Antonio Nóbrega

Instituto Brincante

No vídeo, o artista, músico, brincante, educador e pesquisador da cultura brasileira Antonio Nóbrega, fundador do Instituto Brincante, dá uma aula sobre a poesia feita em quadras, as quadrinhas.

Pot-pourri de parlendas

Palavra Cantada

No vídeo, os integrantes do grupo Palavra Cantada, Sandra Peres e Paulo Tatit, fazem adaptações das parlendas – obras de domínio público – que integram o DVD **Cantigas de Roda**, lançado em 2015.

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

● Intencionalidade educativa

A intencionalidade pedagógica das brincadeiras com palavras selecionadas neste material é a de oferecer oportunidades para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de brincadeiras orais populares vivenciadas. <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos em momentos de brincadeiras, compartilhando os modos próprios de fazer de cada uma das brincadeiras e, ao mesmo tempo, construindo a identidade do grupo. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber diferentes modos de fazer, ampliando seu repertório de ações. <input checked="" type="checkbox"/> Participar das escolhas das brincadeiras. <input checked="" type="checkbox"/> Construir sua autonomia no brincar ao iniciar, propor e convidar pares para brincar com a literatura oral. <input checked="" type="checkbox"/> Solidarizar-se com seus pares, desenvolvendo a percepção de suas capacidades e vontades. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenário de literatura (ver Manual do Professor, Capítulo 7 – Apreciação estética e “O que contam as histórias?”). <input checked="" type="checkbox"/> Trajetos (ver Manual do Professor: Capítulo 3 – Encontrando-se para brincar, conversar e escutar histórias; Capítulo 4 – Celebrando as festividades; Capítulo 5 – Brincadeiras infantis tradicionais). 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Perceber-se <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Solidarizar-se <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Recriar <input type="checkbox"/> Apreciar <input type="checkbox"/> Brincar <input type="checkbox"/> Traçar 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <p>(Ver Manual do Professor, Capítulo 1.)</p>
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Expressar sua criatividade e sensibilidade por meio das brincadeiras com palavras. <input checked="" type="checkbox"/> Imitar, criar e recriar parlendas, adivinhas e trava-línguas. <input checked="" type="checkbox"/> Conviver e desfrutar das diferentes manifestações artísticas e culturais que envolvem a literatura oral brasileira, ampliando seu repertório cultural. <input checked="" type="checkbox"/> Imitar e criar sons com diferentes ritmos, compassos e entonação com a voz, com o corpo e com diferentes fontes sonoras: forte, fraco, baixo, alto, rápido, lento. <input checked="" type="checkbox"/> Traçar marcas gráficas utilizando diversos materiais e riscantes. 			

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Praticar movimentos e gestos ritmados. <input checked="" type="checkbox"/> Explorar formas de deslocamento no espaço, combinando movimentos e ritmo das brincadeiras com palavras. <input checked="" type="checkbox"/> Imitar gestos, sonoridades e movimentos de outras crianças e adultos. <input checked="" type="checkbox"/> Sequenciar gestos de mãos e produzir sons de acordo com a rítmica das quadrinhas e das parlendas. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Explorar <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Coordenar <input type="checkbox"/> Sequenciar <input type="checkbox"/> Ritmar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Dialogar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Relatar <input type="checkbox"/> Partilhar <input type="checkbox"/> Relacionar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Reconhecer <input type="checkbox"/> Conviver 	
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Brincar com as palavras das parlendas, versinhos, quadrinhas, adivinhas e trava-línguas. <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas, desenvolvendo a linguagem oral. <input checked="" type="checkbox"/> Dialogar fazendo uso das linguagens orais e expressivas para negociar, entrar em acordos, confrontar ideias e estipular modos de fazer coletivos. <input checked="" type="checkbox"/> Participar da construção de painéis e livros com as brincadeiras com palavras mais significativas do grupo para despertar sua curiosidade e interesse sobre as funções da linguagem escrita. <input checked="" type="checkbox"/> Criar sons, rimas e gestos ao brincar com os sentidos das palavras. <input checked="" type="checkbox"/> Relacionar imagens e palavras. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber a orientação da escrita. <input checked="" type="checkbox"/> Diferenciar imagens de escritas. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber a repetição de palavras, fonemas e rimas ao longo da brincadeira. <input checked="" type="checkbox"/> Conviver com a literatura oral popular e com a linguagem escrita de forma contextualizada e significativa no cotidiano da creche. <input checked="" type="checkbox"/> Desenvolver a consciência fonológica com as brincadeiras. 			

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Desenvolver noções temporais a partir dos compassos das brincadeiras com palavras: rápido, devagar. ✓ Desenvolver o pensamento lógico por meio de associações e comparações em brincadeiras de adivinhas e para inventar novas. ✓ Fazer pequenas contagens contextualizadas em brincadeiras como 1, 2 feijão com arroz. ✓ Fazer pequenas contagens e repetição de palavras nas brincadeiras. 		<ul style="list-style-type: none"> ■ Desenvolver noções temporais ■ Ordenar ■ Contar ■ Classificar ■ Perceber repetições e variações 	

● Sugestões de uso

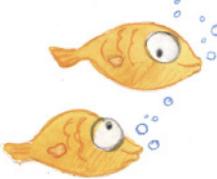
O material gráfico digital das Brincadeiras com palavras é composto de textos com o tema das adivinhas, parlendas, quadrinhas ou trava-línguas, título e imagens para construir registros imagéticos em formato de cartazes com brincadeiras e palavras preferidas do grupo.

Veja o modelo a seguir:

PARLENDAS
FUI PASSAR NA PINGUELINHA



CAIU DO PÉ



OS RECLAMARAM



QUE CHEIRINHO DE !

FUI PASSAR NA **PINGUELINHA CHINELINHO** CAIU DO PÉ
OS **PEIXINHOS** RECLAMARAM QUE CHEIRINHO DE **CHULÉ!**

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

O repertório cultural da literatura oral é ampliado e significado pela presença de brincadeiras com palavras em um cotidiano brincante e com a participação ativa das crianças nas escolhas e nas produções. Para isso, sugerimos que:

1. A cada mês, pode-se escolher algumas brincadeiras com palavras para serem vivenciadas reiteradamente ao ao longo desse período, permeando diversos momentos do cotidiano da creche. Primeiro, brinquem muito oralmente com as adivinhas, as parlendas, as quadrinhas ou os trava-línguas. Veja os exemplos a seguir:
 - ✔ No momento de roda, precisamos escolher o livro que vai ser lido entre algumas opções selecionadas pelo(a) professor(a). Que tal uma parlenda ou uma quadrinha para decidir?
 - ✔ Precisamos decidir quem serão os ajudantes do dia e que vão, com um(a) dos(as) professores(as), organizar a mesa do lanche. Que tal uma parlenda ou uma quadrinha para escolher esses ajudantes?
 - ✔ Ao final da refeição, enquanto aguardamos todas as crianças terminarem de comer, que tal brincarmos com trava-línguas e adivinhas?
2. Após as crianças se apropriarem do ritmo e das frases que compõem a brincadeira, proponha a produção do painel.
3. A escolha da brincadeira com palavras, para a qual será construído o painel, deve ser feita com base na observação de quais são mais significativas para o grupo. Com as crianças a partir dos 3 anos, o(a) professor(a) pode sugerir duas opções para serem escolhidas em uma votação.
4. Os painéis devem ser construídos ao longo do ano. Para a produção dos painéis, sugerimos a escolha mensal de, no máximo, uma brincadeira com palavras para os bebês, duas para crianças de até 3 anos e 3 para crianças a partir dos três anos.
5. Para bebês, o painel deve ser construído pelo(a) professor(a) e vivenciado cotidianamente no microcenário de literatura.
6. Para as crianças bem pequenas, os painéis podem ser produzidos com pequenos grupos. Ao participarem da produção dos painéis, as crianças bem pequenas estabelecem relações entre oralidade e escrita e diferenciam imagens e escrita.
7. Adivinhas, parlendas, quadrinhas e trava-línguas devem ser experienciadas ao longo do mês. O painel pode compor os espaços nos quais acontecem rodas de contação de história e de conversas. Os painéis podem ser colados na altura dos bebês ou das crianças bem pequenas, para que vejam todos os seus detalhes e interajam com eles.

 **Atenção:** As brincadeiras com palavras significativas para o grupo serão reavivadas pelas crianças e pelos(as) professores(as). Aprender novas brincadeiras não significa deixar de brincar com as outras. O repertório é ampliado, aprofundado e rememorado pelo grupo, tornando-se parte da cultura que identifica aquela turma.

● Passo a passo do painel

- ✔ Imprima a página com as imagens e o texto de referência correspondentes à brincadeira com palavras significativas para o grupo.

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

- ✓ Organize a proposta para pequenos grupos:

GRUPO	PROFESSORES(AS)	ESPAÇO	TEMPO	MATERIALIDADES
Crianças bem pequenas [grupo de até 5]	1	Sala de referência, solário	Aproximadamente 30 minutos	- Mesa forrada com plástico ou papel bobina fixado com fita adesiva, ou folhas grandes. - Folhas de papel A3, cola branca líquida, pincel e tesoura. - Giz de cera. - Imagens e texto de referência impressos do material gráfico digital.

- ✓ Convide as crianças para participar da proposta: Que tal fazermos um cartaz com essa brincadeira de palavras?
- ✓ Mostre as imagens para o pequeno grupo de crianças e pergunte: Essas imagens lembram qual adivinha/ parlenda/quadrinha/trava-língua?



Criança com imagens no colo da parlenda “Uma velha, bem velhinha”.

- ✓ Dê dicas, converse com as crianças e brinque com a adivinha/parlenda/quadrinha/trava-língua em voz alta, apontando para as imagens correspondentes às palavras ditas.
- ✓ Recomendamos que o painel seja feito em uma das folhas de tamanho A3.
- ✓ As crianças bem pequenas podem produzir marcas gráficas em outras folhas A3 com giz de cera enquanto o(a) professor(a) recorta as imagens e o texto.
- ✓ Disponha o texto e as imagens recortadas no chão e convide as crianças para a montagem do painel. Rememore a brincadeira e, enquanto o grupo participa oralmente, você, professor(a), cola as imagens e o texto em uma folha A3.
- ✓ Leia diante das crianças o registro escrito da brincadeira e convide-as a escolher o título. Escreva-o na parte superior da folha enquanto elas observam.
- ✓ Monte o painel na parede, fixando a folha com o registro da brincadeira e as demais com os registros das crianças.

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

Assim, as crianças se aproximam da linguagem escrita e aprendem sobre suas inúmeras funções sociais, como comunicar, registrar e relembrar.

- ✔ Leve o painel até o espaço onde será afixado.

● Para ampliar

● Cante, dance e toque as parlendas, quadrinhas e adivinhas rimadas

É essencial apresentar a literatura oral em toda sua potência brincante, uma experiência que envolva a voz, o corpo, os ritmos, a linguagem verbal, a criatividade e a memória.

Veja o exemplo da parlenda a seguir:

Uni duni tê
Salamê minguê
O sorvete colorê
O escolhido foi você!

Da tradição popular.

De quantas maneiras podemos recitar a parlenda “Uni duni tê”? Como podemos bater palmas ou pés com os compassos da parlenda? Como podemos mexer nossos corpos? Ao brincar com palavras rimadas, pode-se demarcar as sílabas, os compassos e acompanhar os tempos dançando e criando sons com o corpo e com elementos sonoros.

● livro das brincadeiras com palavras

Ao final do semestre ou do ano, organize os painéis produzidos ao longo do tempo com as Brincadeiras com palavras em um livro. O livro pode compor o microcenário de literatura e também ser enviado semanalmente para a casa de cada criança do grupo para ser compartilhado com as famílias, incentivando a relação família-creche e a literacia familiar.

Convide as famílias para participar!

Estas são algumas das muitas adivinhas, parlendas, quadrinhas e trava-línguas presentes na cultura popular brasileira. Além disso, por ser uma tradição oral, possui inúmeras variações por todo o país. Quais serão as que as famílias conhecem? Organize um calendário para visita de familiares, a fim de que venham compartilhar com a turma as brincadeiras com palavras que conheceram na infância. Pode-se também propor o envio de cartas com o texto escrito pelos familiares para ser lido para o grupo pelo(a) professor(a).



SIMONE MATIAS

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

● Dicas literárias

- ✔ **Lá detrás daquela serra** – quadras e cantigas populares, de Marco Haurélio, editora Peirópolis.
- ✔ **Em cima daquela serra**, de Eucanaã Ferraz, editora Companhia das Letrinhas.
- ✔ **Quadrinhas para miúdos**, de Bruna Assis Brasil, editora FTD.
- ✔ **Quadrinhas**, de Tatiana Belinky, editora 34.
- ✔ **Rimas de ninar**, de Tatiana Belinky, editora Ática.
- ✔ **Adivinhe se puder**, de Eva Furnari, editora Moderna.
- ✔ **O grande livro das parlendas**, de Paulo F. Netho, editora Ciranda Cultural.
- ✔ **Bão-ba-la-lão**, de Silvio Romero, editora Scipione.

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO03 EI02EO04 EI01EO06	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG01 EI01CG02 EI01CG03	EI02CG01 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS01 EI01TS03	EI02TS01 EI02TS02 EI02TS03
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF01 EI01EF02 EI01EF03 EI01EF04 EI01EF05 EI01EF06 EI01EF07 EI01EF08	EI02EF01 EI02EF02 EI02EF03 EI02EF06 EI02EF07 EI02EF08 EI02EF09
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05 EI01ET06	EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

ADIVINHAS

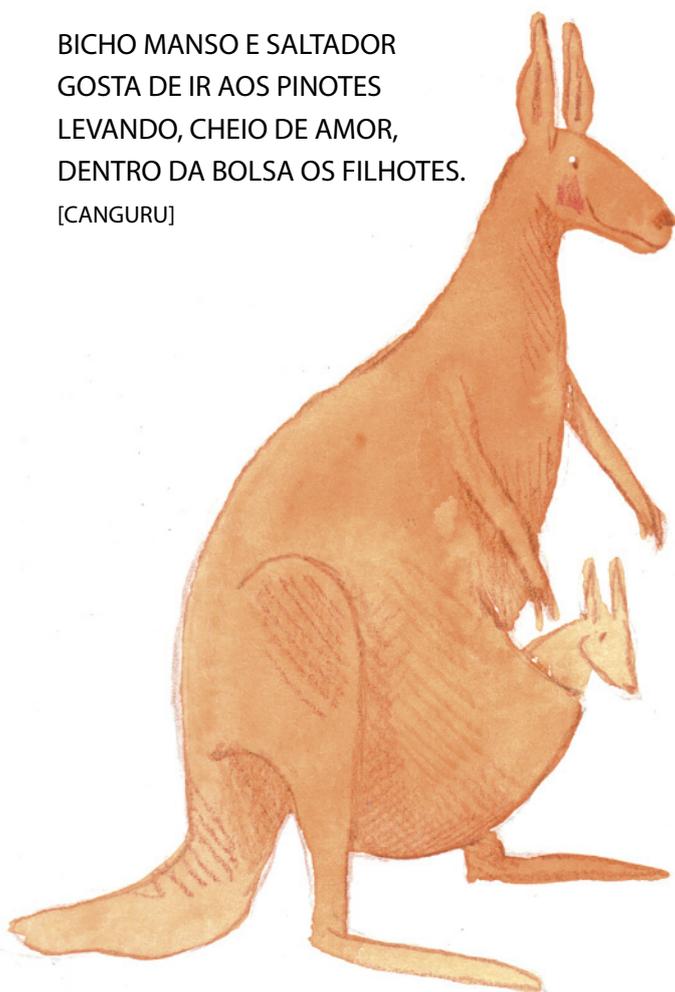
O QUE É QUE
NÃO TEM PERNAS,
MAS SEMPRE ANDA?
[SAPATO]



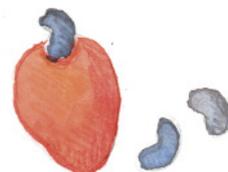
ALTAS VARANDAS
FORMOSAS JANELAS
QUE ABREM E FECHAM
SEM NINGUÉM TOCAR NELAS
[OLHOS]



BICHO MANSO E SALTADOR
GOSTA DE IR AOS PINOTES
LEVANDO, CHEIO DE AMOR,
DENTRO DA BOLSA OS FILHOTES.
[CANGURU]



DOIS IRMÃOS IRMANADOS
UM SE COME CRU,
OUTRO ASSADO
QUEM SÃO?
[CAJU E CASTANHA]



EU ME CHAMO CAMA
NELA NINGUÉM SE DEITA
SÓ LEÃO SE AJEITA
QUEM SOU?
[CAMALEÃO]



O QUE É, O QUE É?
VEM SEMPRE PARA CASA
PELO BURACO DA FECHADURA?
[CHAVE]

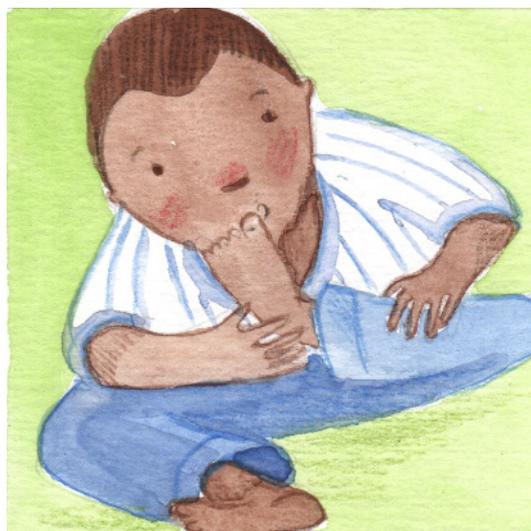
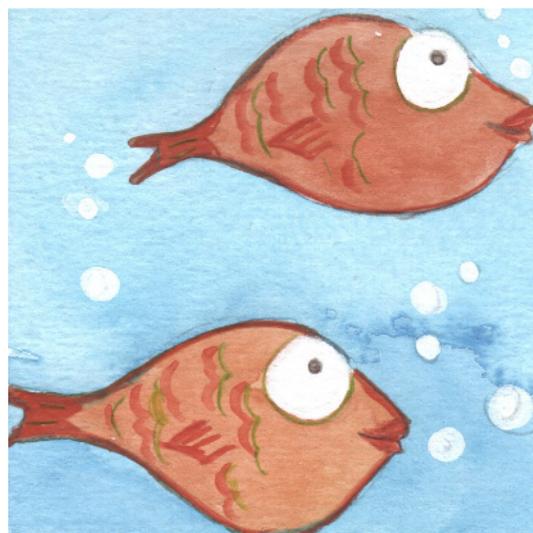
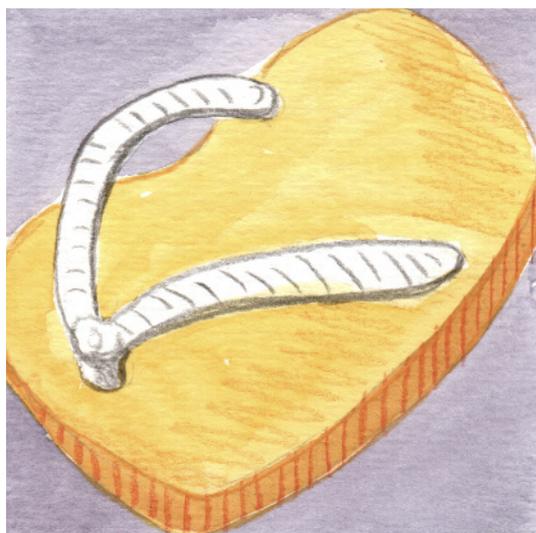


O QUE É, O QUE É?
VIVE COM OS PÉS NA CABEÇA?
[PIOLHO]

Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

PARLENDAS

FUI PASSAR NA **PINGUELINHA**
CHINELINHO CAIU DO PÉ
OS **PEIXINHOS** RECLAMARAM
QUE CHEIRINHO DE **CHULÉ!**



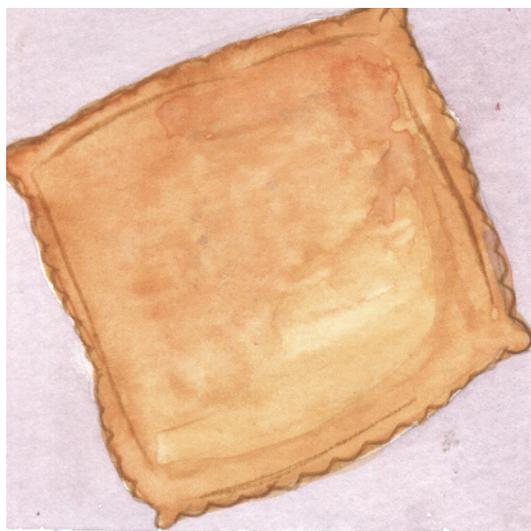
Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

HOJE É DOMINGO
PEDE **CACHIMBO**
O CACHIMBO É DE OURO
BATE NO **TOURO**
O TOURO É VALENTE
BATE NA **GENTE**
A GENTE É FRACO
CAI NO **BURACO**
O BURACO É FUNDO
ACABOU-SE O **MUNDO**.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

UM, DOIS, FEIJÃO COM **ARROZ**
TRÊS, QUATRO, FEIJÃO NO **PRATO**
CINCO, SEIS, **FALAR INGLÊS**
SETE, OITO, COMER **BISCOITO**
NOVE, DEZ, COMER **PASTÉIS**.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

UMA **VELHA**
BEM VELHINHA
FEZ XIXI
NA **CANEQUINHA**
FOI CONTAR
PARA A **VIZINHA**
QUE ERA CALDO
DE **GALINHA**.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

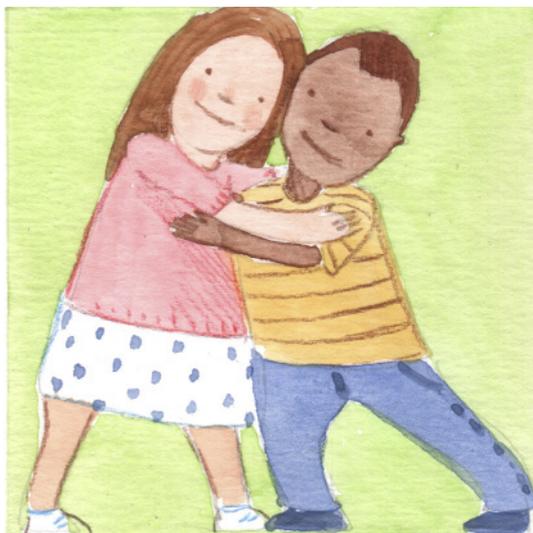
QUADRINHAS

EU COMI UMA **LARANJA**
A **SEMENTE** BOTEI FORA
DA **CASCA** FIZ UM BARQUINHO
MEU **AMOR** VAMOS EMBORA.



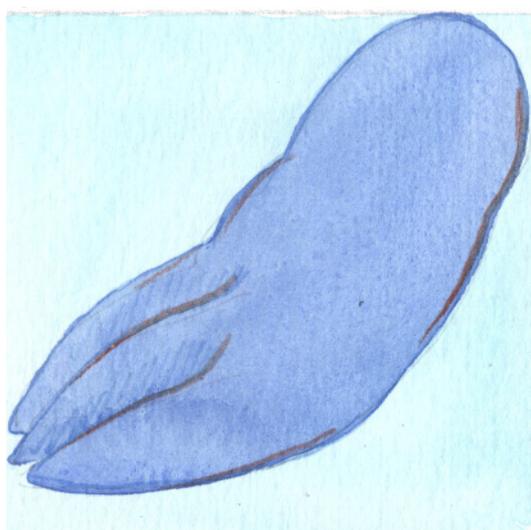
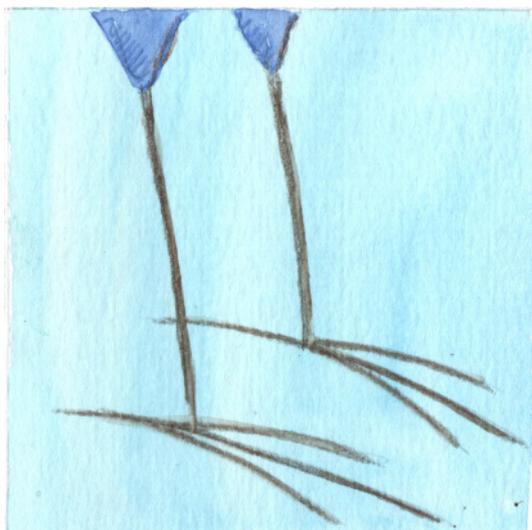
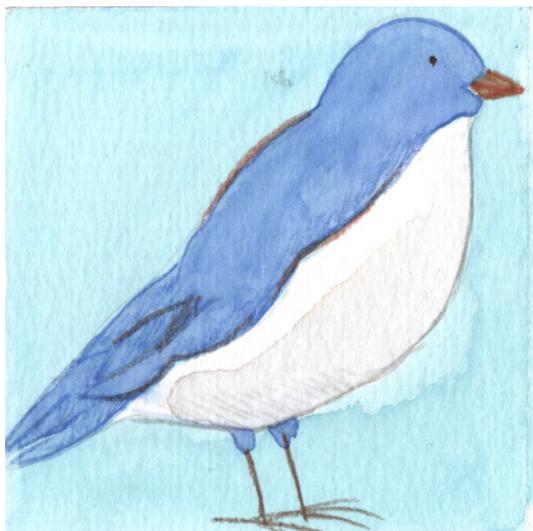
Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

ROSEIRA, DÁ-ME UMA ROSA
CRAVEIRO, DÁ-ME UM BOTÃO
MENINA, DÁ-ME UM **ABRAÇO**
QUE EU TE DOU MEU **CORAÇÃO**.



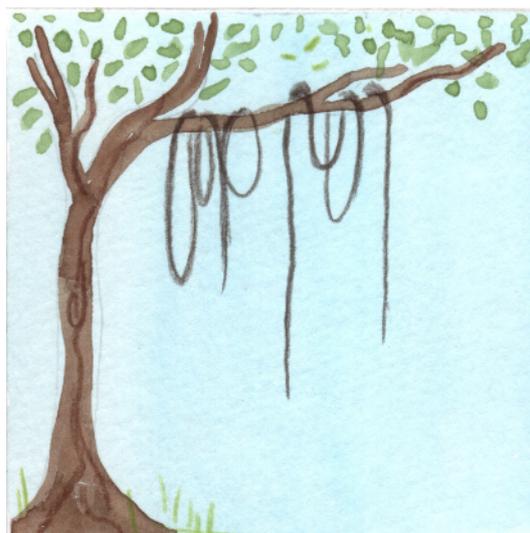
Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

VOA, VOA **PASSARINHO**
SE TU JÁ QUERES **VOAR**
OS **PEZINHOS** PELO CHÃO
E AS **ASINHAS** PELO AR.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

A CASINHA DA **VOVÓ**
TRANÇADINHA DE **CIPÓ**
SE O **CAFÉ** ESTÁ DEMORANDO
COM CERTEZA FALTA **PÓ**.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

TRINTA DIAS TEM NOVEMBRO

ABRIL, JUNHO E SETEMBRO

VINTE E OITO SÓ TEM UM

OS DEMAIS TODOS, **TRINTA E UM.**



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

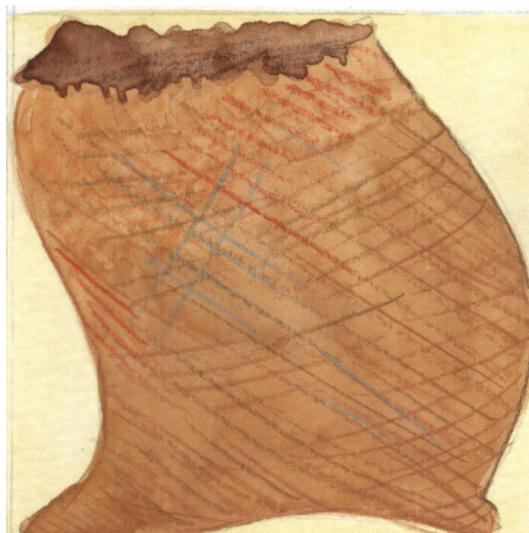
TRAVA-LÍNGUAS

OLHA O **SAPO** DENTRO DO SACO.

O **SACO** COM O SAPO DENTRO.

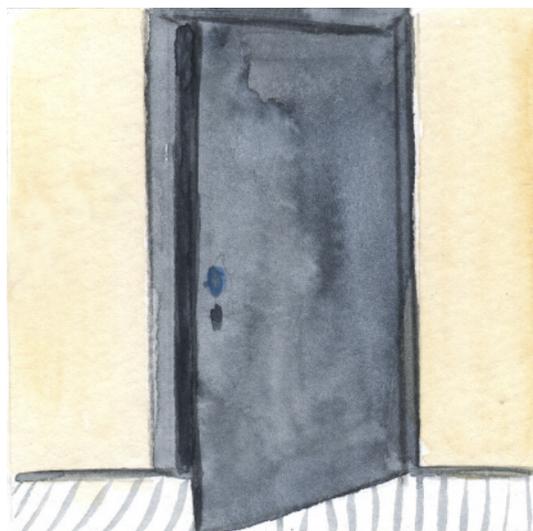
O **SAPO** BATENDO PAPO

E O PAPO SOLTANDO O **VENTO**.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

PEDRO PREGOU
UM **PREGO**
NA **PORTA** PRETA.



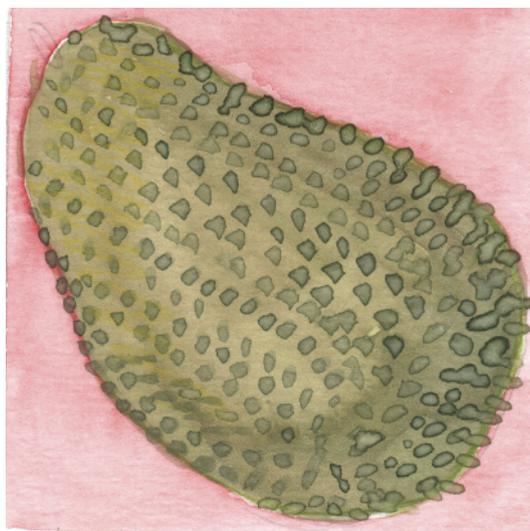
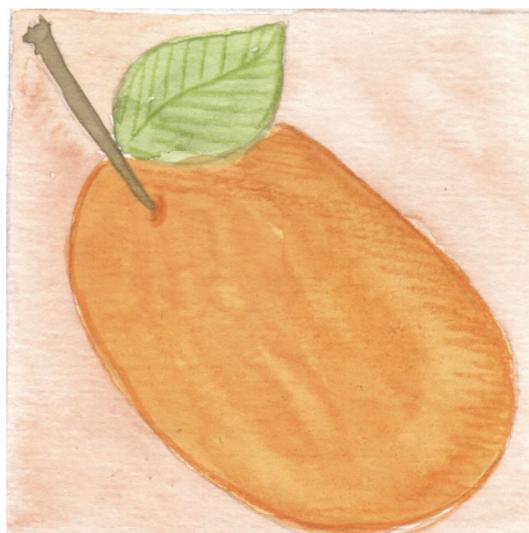
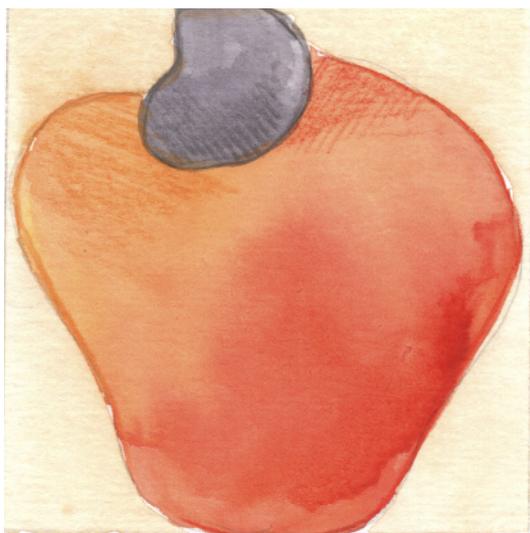
Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

DEBAIXO DA **CAMA**
TEM UMA **JARRA**.
DENTRO DA JARRA
TEM UMA **ARANHA**.
TANTO A ARANHA
ARRANHA A **JARRA**
COMO A JARRA
ARRANHA A **ARANHA**.



Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas

O **CAJU** DO JUCA
A JACA DO **CAJÁ**
O **JACÁ** DA JUJU
E O CAJU DO CACÁ



Brincadeiras tradicionais

- Bebês e crianças bem pequenas.

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Encontrando-se para brincar e escutar histórias
- Capítulo 4: Celebrando as festividades
- Capítulo 5: Brincadeiras infantis tradicionais
- Capítulo 7: Tocar e cantar

● Contextualização

Neste material digital, você encontrará alguns brincos, rodas de cantiga, rodas de verso, rodas de nome e brincadeiras cantadas que compõem a cultura de brincadeiras tradicionais brasileiras e nos convidam a brincar com as palavras, os gestos, os movimentos, os ritmos e os sons produzidos pelo nosso corpo. Corpo, música e brincadeira estão tão entrelaçados quanto as nossas mãos em uma roda de cantiga. Onde o corpo remexe, logo a música aparece. As brincadeiras passam de geração em geração, atravessam mares, transitam entre povos, são oralmente contadas, cantadas e requebradas por seres humanos brincantes de todas as idades.

Assim, tornam-se tradição. Cultura popular. No Brasil, os povos originários indígenas, os europeus, os africanos e os japoneses formaram o amálgama que constitui a cultura brasileira. Em um país continental, as brincadeiras tradicionais narram e criam a história e a cultura das nossas regiões.

No prefácio do livro **Brincadeiras cantadas de cá e de lá**, de Maristela Loureiro e Ana Tatit, as autoras se referem à cultura como uma vitamina. A vitamina nos fortalece para nos tornar autônomos e protagonistas de nossas histórias. Nossas histórias se fazem com gente e no meio de gente. E essa gente pequena que brinca, joga, interpreta e cria toma vitamina de identidade cultural ao conhecer a sua própria cultura. Como já dizia o poeta Pablo Neruda, “eu sou porque tu és e desde então és, sou e somos”*. As brincadeiras tradicionais nos inserem no coletivo e potencializam a construção das subjetividades.

No livro **De roda em roda – brincando e cantando o Brasil**, de Teca Alencar de Brito, você pode encontrar variações de brincadeiras encontradas em diferentes regiões do país. Nesse **gira-girar**, muitas variações são criadas, e as brincadeiras se transformam na própria ação do brincar. É por essa razão que as brincadeiras tradicionais inventariadas neste material digital talvez tenham palavras, frases, gestos e movimentos diferentes dos da sua região. E, para além destas, quais as brincadeiras tradicionais mais praticadas na sua comunidade?

● Glossário

Brinco: cantigas e brincadeiras simples que os adultos cantam para os bebês e as crianças bem pequenas, geralmente sugerindo movimentos: “Serra, serra, serrador”, “A casinha da vovó”, “Bambalalão” etc.

Cantiga de roda: brincadeiras de roda com diferentes andamentos, características musicais e modos de brincar, abordando os mais diversos temas.

Jogo de mãos: jogos tradicionais que envolvem sequências de movimentos e batimentos rítmicos com as mãos, acompanhados por parlendas ou cantigas. É grande o número de jogos de mãos, que se renovam e se reinventam permanentemente.

Roda: as danças de roda são muito antigas e estão presentes em todas as culturas. Segundo Câmara Cascudo, existem vestígios de formação de rodas desde o período Paleolítico. As danças de roda brasileiras, de adultos ou crianças, misturam influências tanto portuguesas, africanas e indígenas como dos outros povos que vieram para cá.

Roda com nomes: rodas cantadas nas quais se destacam os nomes dos participantes. Geralmente, essas rodas também são rodas de escolha, uma vez que convidam um a um a entrar na roda, dar um abraço, trocar de papéis etc.

Fonte: BRITO, Teca Alencar de. **De roda em roda – brincando e cantando o Brasil**. São Paulo: Peirópolis, 2013.

* NERUDA, Pablo. **Cem sonetos de amor**. Porto Alegre: L&PM, 2001. p. 82.

Brincadeiras tradicionais



Acalantos, brincos, brinquedos e roda

Ocupação Lydia Hortélio (2019)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DQGMKU_g9HQ&feature=youtu.be>. Acesso em: 29 jul. 2020.

O pesquisador Gandhi Piorski fala sobre o trabalho da brincante Lydia Hortélio e como as brincadeiras fazem brilhar as belezas da cultura. O brinco que chama a criança para brincar, o vínculo que se cria entre o corpo do adulto e o da criança nas brincadeiras, as narrativas que as brincadeiras proporcionam sobre os saberes cotidianos são alguns dos temas trazidos por ele.

● Intencionalidade educativa

Para saber mais sobre a intencionalidade pedagógica, ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Encontrando-se para brincar e escutar histórias
- Capítulo 4: Celebrando as festividades
- Capítulo 5: Brincadeiras infantis tradicionais
- Capítulo 7: Tocar e cantar

A ideia deste material é trazer um formato de *layout* das cantigas e dos jeitos de jogar que podem ser usados em **painéis temáticos** ou em **livros coletivos** sobre o tema das brincadeiras tradicionais, auxiliando o(a) professor(a) nos processos de registro e documentação das experiências planejadas, propostas e observadas por ele(a) ao longo de um dado período.

Na creche, os bebês e as crianças bem pequenas vão conhecendo os brinquedos da cultura popular brasileira. Desde a barriga, os bebês são embalados por acalantos tradicionais e, quando chegam ao ambiente da creche, são recebidos por professores(as) que ninam, acalmam e constroem vínculos de cuidado afetuoso ao cantarem melodiosamente as canções de ninar. *Se essa rua fosse minha... Vai-te, coca; vai-te, coca... dorme, menino... boi do piaui... murucututu* (ver material lúdico Região Norte).

Os brincos são um convite do adulto para o movimento, o gesto, o toque junto ao corpo do bebê, pois nessas brincadeiras os(as) professores(as) tocam o corpo do bebê com delicadas cosquinhas, abraços e levantando seus corpos em um movimento que aproxima e desprende o corpo do bebê do corpo do adulto. Geralmente, acontecem na relação de um para um, um adulto com uma criança por vez, configurando-se em um momento precioso de fortalecimentos de vínculos. Como em *Serra, serra, serrador, Pom Pom Pom* (ver material lúdico Região Sudeste), *Saracuteia, Toque para São Roque, Cadê o toucinho, Macaco pisa o milho, Janela, janelinha* etc. Muitos desses brincos foram pesquisados e organizados pela etnomusicóloga e educadora Lydia Hortélio¹. Os brincos são brincadeiras cantaroladas que movimentam o corpo, despertam os sentidos, envolvem a repetição de movimentos coordenados que vão sendo internalizados e são orientados pelas palavras cantadas. Favorecem, assim, o desenvolvimento motor, o equilíbrio e a força e inserem os bebês na cultura oral, tradicional e musical.

Os brinquedos cantados e as cantigas de roda se tornam mais potentes e presentes com os bebês e as crianças bem pequenas que conquistaram mais autonomia corporal e passam a coordenar seus movimentos sem a ação direta do(a) professor(a). Para além da relação de um para um, o adulto pode, com pequenos grupos, propor brincadeiras de roda, como na cantiga *Corre cutia na casa da tia, O galo cantou e a casa caiu*, em que as crianças rodam de mãos dadas e na palavra **caiu** todas se abaixam, reiterando diversas vezes esses movimentos. Com a apropriação da brincadeira feita pelas crianças, esses momentos de cantigas de roda passam a acontecer sem a necessária proposição do adulto, pois as crianças bem pequenas passam a se organizar coletivamente com seus pares e em pequenos grupos para brincar. Esse momento indica que a brincadeira se tornou parte do repertório de brinquedos cantados das crianças.

¹ Saiba mais sobre os projetos de Lydia Hortélio em: <<https://www.casadas5pedrinhas.com.br/>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Brincadeiras tradicionais

Ao observar a organização das crianças pelos gestos coletivos e coordenados de fazer a roda, dar as mãos, movimentar-se em sincronia e cantar, o(a) professor(a) pode apresentar outras cantigas de roda: *Viuvinha*, *De abóbora faz melão*, *Pé de chuchu*, *Casa de farinha*, *Peneirei fubá*, *Farinhada* (ver material lúdico, Bloco nacional), *Jacaré Boiô* etc. E também brinquedos cantados: *Corre cutia* na sua versão de brinquedo cantado, similar ao *lenço atrás* ou *pato, pato, ganso*; *batata quente*; *passa anel*, *adoleta*; *camaleão*; *gata pintada* etc.

Brincos, brinquedos cantados e cantigas de roda foram as brincadeiras tradicionais selecionadas neste material. Elas podem ser brincadas por todos, independentemente da idade, com suas adequações ao momento de desenvolvimento das crianças que compõem o grupo. Isso quer dizer que, quando os brinquedos cantados se potencializam, ainda assim podemos continuar brincando com os brincos em grupos de crianças bem pequenas. E que cantigas de roda podem ser cantaroladas para os bebês e adaptadas para brincadeiras com maior presença dos adultos.

Veja no quadro a seguir a intencionalidade pedagógica das brincadeiras tradicionais selecionadas neste material, a fim de oportunizar para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências e brincadeiras tradicionais vivenciadas. <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos em momentos de brincadeiras tradicionais. <input checked="" type="checkbox"/> Compartilhar os modos próprios de fazer de cada uma das brincadeiras. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber diferentes modos de fazer, ampliando seu repertório de ações. <input checked="" type="checkbox"/> Participar das escolhas das brincadeiras. <input checked="" type="checkbox"/> Construir sua autonomia no brincar ao iniciar, propor e convidar pares para brincar. <input checked="" type="checkbox"/> Solidarizar-se com seus pares desenvolvendo a percepção de suas capacidades e vontades. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenários e diferentes ambientes da creche. <input checked="" type="checkbox"/> Trajetos com grupos. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Perceber-se <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Solidarizar-se <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Recriar <input type="checkbox"/> Desfrutar <input type="checkbox"/> Brincar 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <p>(Ver Manual do Professor, Capítulo 1.)</p>
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Expressar sua criatividade e sensibilidade brincando, cantando e dançando. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber e observar as formas de expressão musicais de seus pares e adultos. <input checked="" type="checkbox"/> Imitar, criar e recriar músicas e ritmos. <input checked="" type="checkbox"/> Conviver e desfrutar as diferentes manifestações artísticas e culturais que envolvem os brinquedos tradicionais – festas populares, folguedos – ampliando seu repertório. <input checked="" type="checkbox"/> Brincar com diferentes sons e ritmos tradicionais. <input checked="" type="checkbox"/> Desenvolver o senso estético. 			

Brincadeiras tradicionais

Intencionalidade pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Relacionar diversos olhares, movimentos e gestos com sons, palavras e emoções como forma de expressão. <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo ao explorar gestos e movimentos de sua cultura em brincadeiras com jogos tradicionais, construindo sua singularidade e identidade corporal. <input checked="" type="checkbox"/> Desenvolver sua autonomia corporal. <input checked="" type="checkbox"/> Reconhecer as potencialidades e os limites de seu corpo nas brincadeiras das quais participa construindo sua autonomia corporal. <input checked="" type="checkbox"/> Praticar movimentos corporais e dançar ao se envolver em brincadeiras tradicionais para potencializar seu corpo. <input checked="" type="checkbox"/> Explorar formas de deslocamento no espaço, combinando movimentos e orientações diversas, desenvolvendo sua coordenação e consciência espacial. <input checked="" type="checkbox"/> Valorizar suas características corporais desenvolvendo sua autoestima. <input checked="" type="checkbox"/> Imitar gestos, sonoridades e movimentos de outras crianças e adultos. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Explorar <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Relacionar <input type="checkbox"/> Desafiar-se <input type="checkbox"/> Potencializar <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Coordenar <input type="checkbox"/> Orientar-se no espaço <input type="checkbox"/> Dançar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Conversar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Relatar <input type="checkbox"/> Partilhar 	
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer, indicar e nomear as partes do seu corpo. <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas, desenvolvendo a linguagem oral. <input checked="" type="checkbox"/> Conversar para negociar, entrar em acordos, confrontar ideias e estipular modos de fazer coletivos. <input checked="" type="checkbox"/> Participar da construção de painéis e livros com as brincadeiras tradicionais mais significativas para o grupo. <input checked="" type="checkbox"/> Participar de conversas em roda sobre as vivências das brincadeiras tradicionais, escutar e compartilhar modos de fazer sobre o vivido. <input checked="" type="checkbox"/> Brincar com as palavras das parlendas, versinhos, quadrinhas e cantigas que integram as brincadeiras tradicionais. <input checked="" type="checkbox"/> Criar sons, rimas e gestos em brincadeiras tradicionais, brincando com as palavras. 			

Brincadeiras tradicionais

Intencionalidade pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Identificar, sequenciar e orientar movimentos desenvolvendo noções de: em frente, atrás, no alto, embaixo, dentro e fora. <input checked="" type="checkbox"/> Desenvolver noções temporais de antes, agora e depois a partir dos tempos, ritmos e movimentos das brincadeiras tradicionais. <input checked="" type="checkbox"/> Criar padrões, sequenciar e ordenar movimentos e gestos. <input checked="" type="checkbox"/> Fazer pequenas contagens em brincadeiras tradicionais como a boneca de lata. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Desenvolver noções espaciais <input type="checkbox"/> Desenvolver noções temporais <input type="checkbox"/> Criar padrões <input type="checkbox"/> Sequenciar <input type="checkbox"/> Ordenar <input type="checkbox"/> Contar 	

Sugestões de uso:

Sugerimos que os *layouts* sejam usados para compor a construção de painéis ou em livros com o tema das brincadeiras tradicionais vivenciadas reiteradamente pelas crianças. É uma forma de registro das brincadeiras tradicionais que são significativas para o grupo.

O formato livro vai sendo construído ao longo do tempo na creche. No berçário, pode ser feito o registro dos brincos propostos aos bebês, quais são seus preferidos, como foram se apropriando das brincadeiras, como imitam e reproduzem os gestos, movimentos e músicas ao brincar e interagir. A ideia é compor narrativas e construir memórias dessas infâncias brincantes.

A presença dos painéis e livros que narram as interações e brincadeiras experienciadas na creche convidam os bebês e as crianças bem pequenas a:

- perceberem a importância da função escrita, neste caso, na sua função de registrar, narrar e memoriar as histórias daquele grupo de crianças e de aprender que a escrita comunica regras e modos de fazer;
- comunicarem-se oralmente ao retornar às suas histórias por meio do livro ou do painel;
- afirmarem que o que vivem e fazem é importante e relevante.

O layout para painel ou livro é composto de:

- Capa e apresentação (para opção livro) ou título e apresentação (para opção painel)
- Título da brincadeira
- Letra da cantiga da brincadeira
- Jeito de brincar
- Narrativa do brincar
- Espaço para fotos
- Quadro para outras brincadeiras

Passo a passo

- Imprima as páginas relacionadas às brincadeiras significativas para o grupo.
- Construa a narrativa escrita sobre a brincadeira com base nas observações e registros produzidos ao longo do tempo nos cenários e trajetos e insira no espaço indicado "Narrativa do brincar".
- Imprima as fotografias selecionadas que representem as formas como as crianças brincam e cole-as no "Espaço para fotografias".

Brincadeiras tradicionais

Dica:

Evite fotos posadas, prefira aquelas em que as crianças estão vivenciando a ação do brincar espontaneamente.

Painel: cole o título “Brincadeiras tradicionais”, o material impresso referente às brincadeiras selecionadas, a narrativa do brincar e as fotografias no painel em altura visível para as crianças. Este é um registro para toda a comunidade da creche: equipe, famílias e crianças. Ao longo do tempo, podem ser inseridas outras brincadeiras, construindo uma narrativa processual.

Livro: com um furador, fure as páginas, a capa, a apresentação, o material impresso referente às brincadeiras selecionadas, a narrativa do brincar e as fotografias. Prenda as páginas com um fio de sua escolha ou com argolas articuladas como as de fichário.

Lembre-se: Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras das brincadeiras. O que importa nesse momento é que elas conheçam as brincadeiras tradicionais, sejam inseridas em uma cultura brincante popular que forma a história e a identidade cultural de nossos povos. São modos identitários de cantar, dançar, brincar, aprendendo diferentes ritmos e produzindo sons com seu corpos. É uma maneira de ampliar seus repertórios de movimentos corporais e conhecer as potencialidades de sua movimentação, desenvolvendo suas capacidades motoras – equilíbrio, força, elasticidade, apreensão –; coordene movimentos; ampliem seu repertório oral, ao aprender as cantigas.

As brincadeiras tradicionais sugeridas e contempladas neste material são:

1. Adoleta

Adoleta é um jogo de mãos com sequência de movimentos ritmados. Sua letra traz indícios de sua origem francesa, como na pronúncia de “Le peti”, que em francês é escrito *Le petit* e significa “O pequeno”. A brincadeira foi, portanto, abasileirada. Possui inúmeras variações por todo o país. No *site* do Mapa do Brincar, você encontra algumas dessas diferentes formas de brincar em cada região. (Disponível em: <<https://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/palmas/372-adoleta-1>>. Acesso em: 28 jul. 2020.) Para este material gráfico, foi selecionada a versão da cidade de Brodowski (SP).

Adoleta – Jogo de mão – Brincadeira tradicional

Canal Parabolé

Vídeo que constitui parte de uma série audiovisual produzida pela usina de soluções culturais e projetos educativos Parabolé – Educação e Cultura, de brincadeiras tradicionais brasileiras de jogos de mãos.

2. Batata quente

Não se sabe a origem da brincadeira, que é encontrada em diversas regiões do país. O Mapa do brincar mapeou duas versões da brincadeira, uma em Campina Grande (PB), em que cantam “roda, roda, roda, roda... parou!” e a Batata quente frita em Lavras (MG), onde cantam “batata quente, quente, quente, quente, quente, queimou!”

Tá de Brincadeira – Batata Quente

Quintal da Cultura

Quadro “Tá de brincadeira”, do programa *Quintal da Cultura*, da TV Cultura, que traz brincadeiras tradicionais brasileiras.

Brincadeiras tradicionais

3. Boneca de lata

O site Mapa do Brincar e o livro **De Roda em Roda** registram a brincadeira boneca de lata em Embu das Artes (SP). O brinquedo cantado convida as crianças a tocarem as partes do corpo indicadas na melodia, como uma boneca de lata, que, ao cair, amassa-se toda. A cada nova parte do corpo cantada, as horas indicadas aumentam (1 hora, 2 horas, 3 horas...), aproximando as crianças da linguagem matemática.

Indicação de vídeo para os(as) professores(as):

Brincadeira da boneca de lata

Amor em mãos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=opcPg_KXiTY&feature=youtu.be>

Acesso em: 28 jul. 2020

A arte-educadora Rita Santarém ensina a brincadeira cantada com gestos da boneca de lata. Lembre-se de que cada criança fará os movimentos de acordo com o seu desenvolvimento. Pensando nisso, podemos aumentar ou diminuir os desafios.

4. Cadê o toucinho que estava aqui?

O site Mapa do Brincar registra a brincadeira na cidade de Curvelo (MG). Assim como nas outras brincadeiras tradicionais presentes neste material, existem muitas variações desse brinco.

Cadê o toucinho?

Histórias para crianças

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nse-OLFxx54&list=WL&index=69&t=0s>>

Acesso em: 14 jul. 2020

Brinquedo de gestos feito com o brinco “Cadê o toucinho?” pela professora e artista Marcia Strazzacappa.

Lá no meu quintal – A menina no meio da roda – Potengi, sertão do Ceará, Brasil

Editora Peirópolis

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VMbFxFmszbrs&feature=youtu.be>>

Acesso em: 28 jul. 2020

O livro **Lá no meu quintal**, organizado pela jornalista Gabriela Romeu, conta que na cidade de Potengi (CE), na região do Cariri Cearense, a menina Laísa Vieira da Silva de Carvalho, com sua mãe brincante, Bizunga, aprende e ensina o que aprendeu com a mestra Joana do Couro – é o brinco do toucinho do quilombo Carcará. Você pode acompanhar o brinco a partir do minuto 2:40 do vídeo, que é material complementar do livro.

5. Cavalinho – Toque pra São Roque

São muitas as brincadeiras cantadas com o tema dos cavalinhos, a grande maioria de autoria desconhecida. Uma delas é o “Toque pra São Roque”, um brinco que alegra muito os bebês e as crianças bem pequenas.

Brincadeira do cavalinho

Amor em mãos

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nirQaTYe5cQ&feature=youtu.be>>

Acesso em: 28 jul. 2020

A arte-educadora Rita Santarém ensina o brinco de autoria desconhecida com sua neta Luana. Coloque o bebê no colo e siga os movimentos até o ápice da brincadeira, quando se canta a palavra *galope*: levante o corpo do bebê pelos braços e impulsione suas pernas para cima para gerar a sensação do galope.

Brincadeiras tradicionais

6. Corre cutia

No Mapa do Brincar, podem ser encontradas nove diferentes versões do corre cutia. A brincadeira ainda tem variações com outros nomes, como *Lenço atrás* ou *Pega lenço*, em que a parlenda do corre cutia é substituída pela toada *Lenço atrás, corre mais, lenço atrás, corre mais...* e também a brincadeira *Pato, pato, ganso*, em que a criança vai tocando na cabeça de cada uma das crianças da roda e fala *pato*; quando diz *ganso*, a criança escolhida sai correndo atrás da outra, seguindo a mesma forma de brincar do corre cutia.

A cutia, apresentada na brincadeira como cotia ou cutia, é um animal mamífero roedor muito comum nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.

Corre cotia

Quintal da Cultura

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NjVsyDeuLV0&feature=youtu.be>>

Acesso em: 28 jul. 2020

Quadro “Tá de brincadeira”, do programa *Quintal da Cultura*, da TV Cultura, que traz brincadeiras tradicionais brasileiras.

7. Jacaré Poiô

O ritmo tradicional que embala a brincadeira é do estado do Maranhão e se chama Cacuriá. A brincadeira se espalhou por várias regiões do Brasil e, em cada uma delas, é conhecida com um nome diferente: Jacaré Boiô, Jacaré Poiô ou Jacaré Coiô. A versão encontrada no Mapa do Brincar tem sua origem em Pirenópolis (GO).

Jacaré Poiô

Cris Barulins

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gFFBpY9_wXs&feature=youtu.be>

Acesso em: 28 jul. 2020

Para escutar a música, acesse o *link* do vídeo do show *Planeta Peteca*, por Cris Barulins. O músico Pedro Keiner interpreta a canção do ritmo Cacuriá Maranhense Jacaré Poiô em uma versão para bebês e crianças bem pequenas.

8. Janela, janelinha

Janela, janelinha, porta, campanha, ding, dong... é um brinco tradicional da cultura brasileira com origem desconhecida. Bem parecido com uma casinha, o rosto tem olhos de janela, boca de porta e nariz de campanha. A brincadeira encanta os bebês e as crianças bem pequenas que têm seu nariz transformado em campanha: ding dong! No brinco, o(a) professor(a) pode fazer os gestos tocando seu rosto ou o do bebê, ampliando a consciência espacial e corporal dele, ao ser tocado suavemente perto das regiões dos olhos, boca e nariz. Pode-se também brincar com mais de uma criança ao mesmo tempo, fazendo uma brincadeira cantada de gestos, como mostra o vídeo a seguir.

Janela, janelinha

Histórias para crianças

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LMZF4a8NaEc&feature=youtu.be>>

Acesso em: 14 jul. 2020

Brinquedo de gestos feito com o brinco Janela, janelinha pela professora e artista Marcia Strazzacappa.

9. Passa anel

A brincadeira do passa anel traz um elemento de grande interesse de bebês e crianças bem pequenas: o oculto. Com os bebês, brinca-se de “Cadê? Achou!”, uma brincadeira do olhar, daquilo que some e aparece do campo de visão, gerando a sensação de surpresa. Logo os bebês começam a brincar de se esconder em espaços estreitos, atrás de tecidos e biombos. Com as crianças bem pequenas, o brincar de esconde-esconde traz uma característica mais coletiva e são muitas as suas variações Brasil afora. Passa anel é a brincadeira de esconder miudezas, que interessam muito às crianças. Fazer sumir e aparecer aquilo que cabe no esconderijo das palmas de nossas mãos quando se unem e se fecham desperta o interesse e a curiosidade nessa faixa etária. Há variações cantadas da brincadeira com a cantiga popular de autoria desconhecida “Chora, Mané”.

Brincadeiras tradicionais

Passa anel

Quintal da Cultura

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nwhqniG7J5M&feature=youtu.be>>

Acesso em: 28 jul. 2020

Quadro “Tá de brincadeira”, do programa *Quintal da Cultura*, da TV Cultura, que traz brincadeiras tradicionais brasileiras.

10. Viuvinha

“Me dá um abraço pra eu ficar feliz”? Esse é o convite da brincadeira viuvinha. É uma oportunidade para as crianças desenvolverem a solidariedade e a empatia, além de compreender, interpretar e expressar sentimentos como os de solidão, saudade, alegria e carinho. Abraçar com carinho e afeto para fortalecer os vínculos de amizade.

Viuvinha – Auê – Filme Infantil

Canal Parabolé

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gBEYLnvERkU>>

Acesso em: 28 jul. 2020

Em formato de série audiovisual documental, **Auê** promove uma incursão ao imaginário de crianças brasileiras pertencentes a distintos contextos socioculturais. A cada vídeo, uma nova brincadeira é apresentada ao telespectador. Neste vídeo, as crianças ensinam e falam sobre a cantiga de roda viuvinha.

● Para ampliar

Estas são algumas das brincadeiras tradicionais brasileiras que apresentam incontáveis variações.

Para ampliar e se aproximar da identidade cultural de sua comunidade, propomos a realização de um Inventário das brincadeiras tradicionais brincadas pelas famílias quando crianças – convidar as famílias para ensinar às crianças bem pequenas, e registrar por escrito e com fotografias, o jeito de brincar para ser inserido no painel ou no livro. Assim, promove-se a participação das famílias no cotidiano da creche.

Além das brincadeiras tradicionais locais e partilhadas pela comunidade, existem também as provenientes de outros lugares do Brasil. Conhecer brincadeiras e outros jeitos de brincar de outras regiões amplia o repertório cultural das crianças.

Dica:

Com crianças bem pequenas, maiores de 3 anos, após experienciar reiteradamente a brincadeira tradicional, escreva a narrativa do brincar com base na roda de conversas sobre as brincadeiras. Medie a conversa e pergunte: “Como brincam, de que mais gostam, como fazem, quais seus jeitos de brincar?”. Registre suas respostas e organize o texto coletivo a partir do relato oral das crianças. Dessa forma, elas se aproximam da linguagem escrita e aprendem sobre suas inúmeras funções sociais. Enquanto você estiver escrevendo, pode acontecer de algumas crianças compartilharem suas percepções: “Olha o B de Bruna! Esse é M de Mariana! Essa letra tem no nome do meu pai” e assim por diante.

Brincadeiras tradicionais

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI02EO04 EI01EO05 EI01EO06	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO05 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG01 EI01CG02 EI01CG03 EI01CG05	EI02CG01 EI02CG02 EI02CG03 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS01 EI01TS03	EI02TS01 EI02TS03
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF01 EI01EF02 EI01EF05 EI01EF06	EI02EF01 EI02EF02 EI02EF05 EI02EF08
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET02 EI01ET03 EI01ET04 EI01ET06	EI02ET04 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

Nas páginas seguintes você encontrará o material para imprimir e montar o painel ou o livro das brincadeiras tradicionais. A página 226 traz os espaços para registrar os nomes da creche, da turma, dos(as) professores(as) e das crianças, além da data. A cada brincadeira você poderá preencher com a narrativa escrita e as fotos das crianças.

Brincadeiras tradicionais

CAPA

Brincadeiras tradicionais



Brincadeiras tradicionais

APRESENTAÇÃO

Minha ciranda não é minha só

É de todos nós, é de todos nós.

(Capiba)

As brincadeiras tradicionais são memórias afetivas que nos chegam, na infância, pelas gerações anteriores, que, sucessivamente, aprenderam com seus antepassados. Oralmente, as brincadeiras vão passando, rodando e mudando. As brincadeiras tradicionais seguem conosco ao longo da vida gravadas na memória do nosso corpo, nos nossos ritmos e movimentos, nas cantigas que sussurramos sem nem perceber enquanto damos conta dos afazeres cotidianos.

A Educação Infantil é uma etapa da Educação Básica privilegiada para a transmissão e o compartilhamento dos conhecimentos brincantes da cultura popular brasileira. Brincando, nossa identidade pessoal, social, cultural vai sendo construída, porque o brinquedo tradicional é matéria viva dos saberes dos povos e das comunidades. É expressão de como sentimos, falamos e pensamos. É a narrativa das histórias, realidades, sonhos e materialidades que formam uma comunidade, um coletivo.

É no ato cotidiano e contínuo de brincar que as crianças aprendem, desenvolvem-se e significam o mundo.

Por meio das brincadeiras tradicionais, ampliamos nossos repertórios culturais, expressamo-nos, conhecemos nossos corpos, apropriamo-nos de diferentes ritmos, aprendemos novas palavras e canções e criamos formas próprias de brincar, constituindo a identidade do nosso grupo.

Decidimos compartilhar os conhecimentos que construímos sobre as brincadeiras tradicionais.

Esta é uma narrativa sobre nossas histórias e nossos jeitos de brincar, memória das brincadeiras tradicionais mais significativas para o nosso grupo.

Com carinho,

Nome da creche

Nome do grupo

Nome dos(as) professores(as)

Data:

Nomes das crianças:

Brincadeiras tradicionais

ADOLETA

ADOLETA

LE PETI

PETI COLÁ

PUXA O RABO DO TATU

QUEM SAIU FOI TU

PUXA O RABO DA PANELA

QUEM SAIU FOI ELA

PUXA O RABO DA COTIA

QUEM SAIU FOI MINHA TIA

PUXA O RABO DO PNEU

QUEM SAIU FUI EU

MACAQUINHO, MACACÃO

VOU BATER NA SUA MÃO

MA, ME, MI, MO, MU, MÃO.



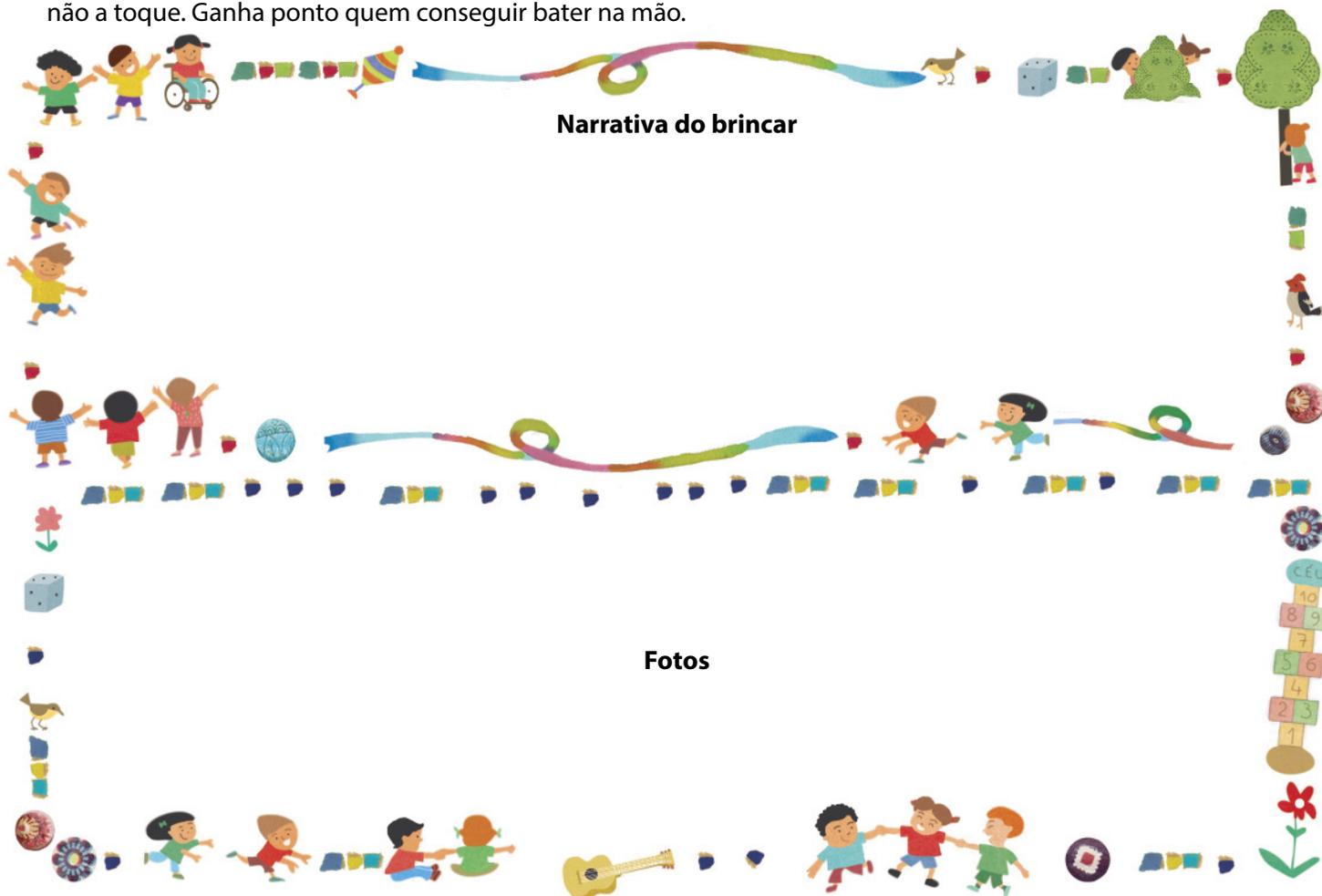
Jeito de brincar²

O grupo senta no chão em círculo. Os participantes colocam a palma da sua mão direita embaixo da mão esquerda do amigo que está do lado direito.

O grupo escolhe alguém para começar. Quem começa bate com a mão direita na mão do amigo da esquerda, que faz o mesmo movimento, passando as palmas por todos, enquanto cantam a música Adoleta.

No último verso, quando chegar à palavra “mão”, um participante tira rapidamente sua mão para que o colega não a toque. Ganha ponto quem conseguir bater na mão.

Narrativa do brincar



Fotos

² Todos os jeitos de brincar citados neste material foram extraídos do site Mapa do Brincar, disponível em: <<https://mapadobrinca.folha.com.br/>>. Acesso em: 29 jul. 2020. Produzido por Lydia Hortélio.

Brincadeiras tradicionais

BATATA QUENTE

Batata
quente,
quente,
quente,
quente,
quente,
quente...
queimou!

RODA,
RODA,
RODA,
RODA,
RODA...
PAROU!



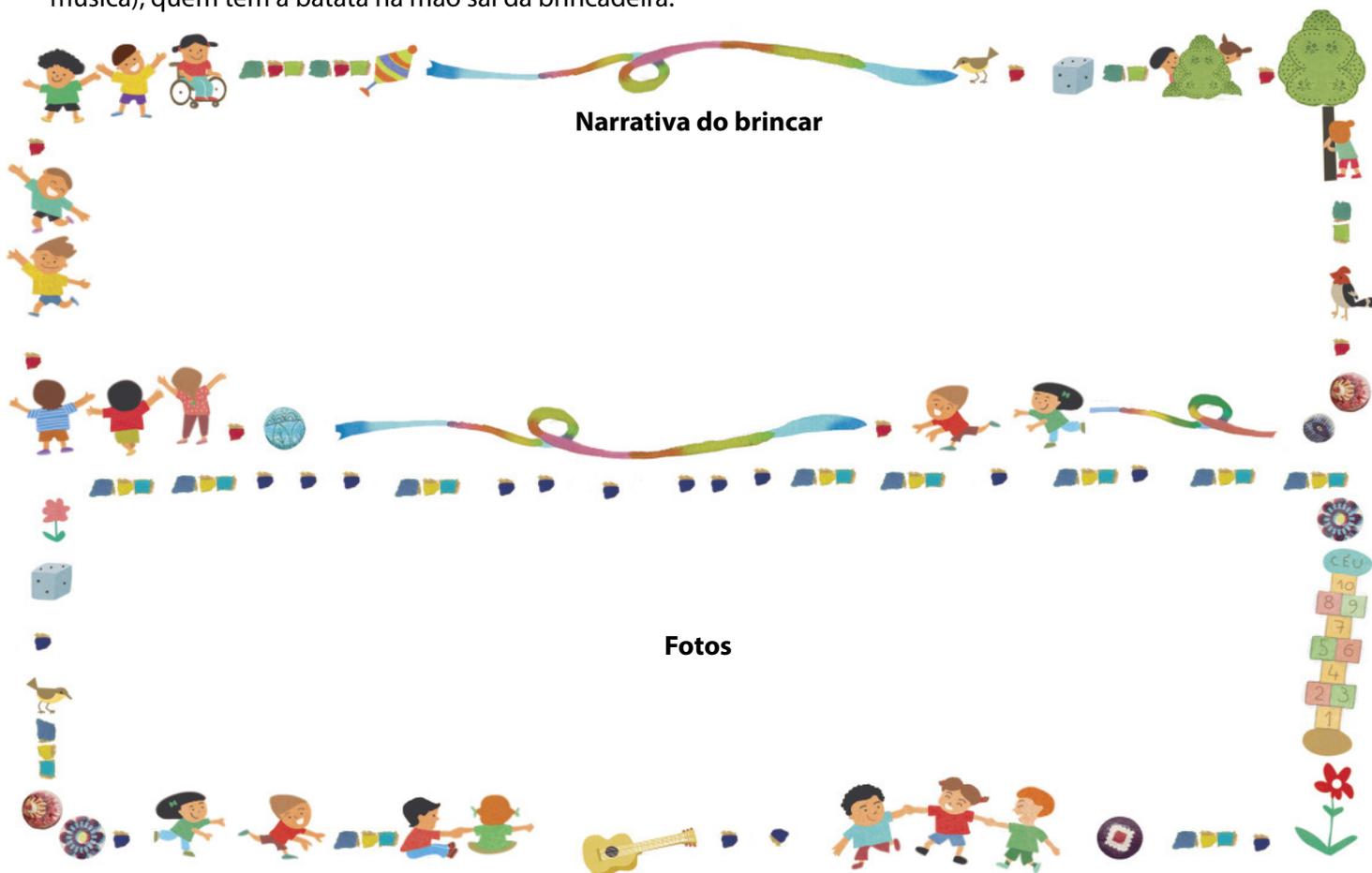
Jeito de brincar

Em roda, sentados no chão, os participantes passam a batata quente (que pode ser uma batata, uma pedra, uma bola de meia etc.) de um para o outro, enquanto alguém canta os versos. Quando parar de cantar, quem estiver com a “batata” na mão sai da roda. Ganha quem ficar por último.

Em vez de cantar, vale também ligar o som ou o rádio. Quando a canção parar (ou quando alguém pausar a música), quem tem a batata na mão sai da brincadeira.

Narrativa do brincar

Fotos



Brincadeiras tradicionais

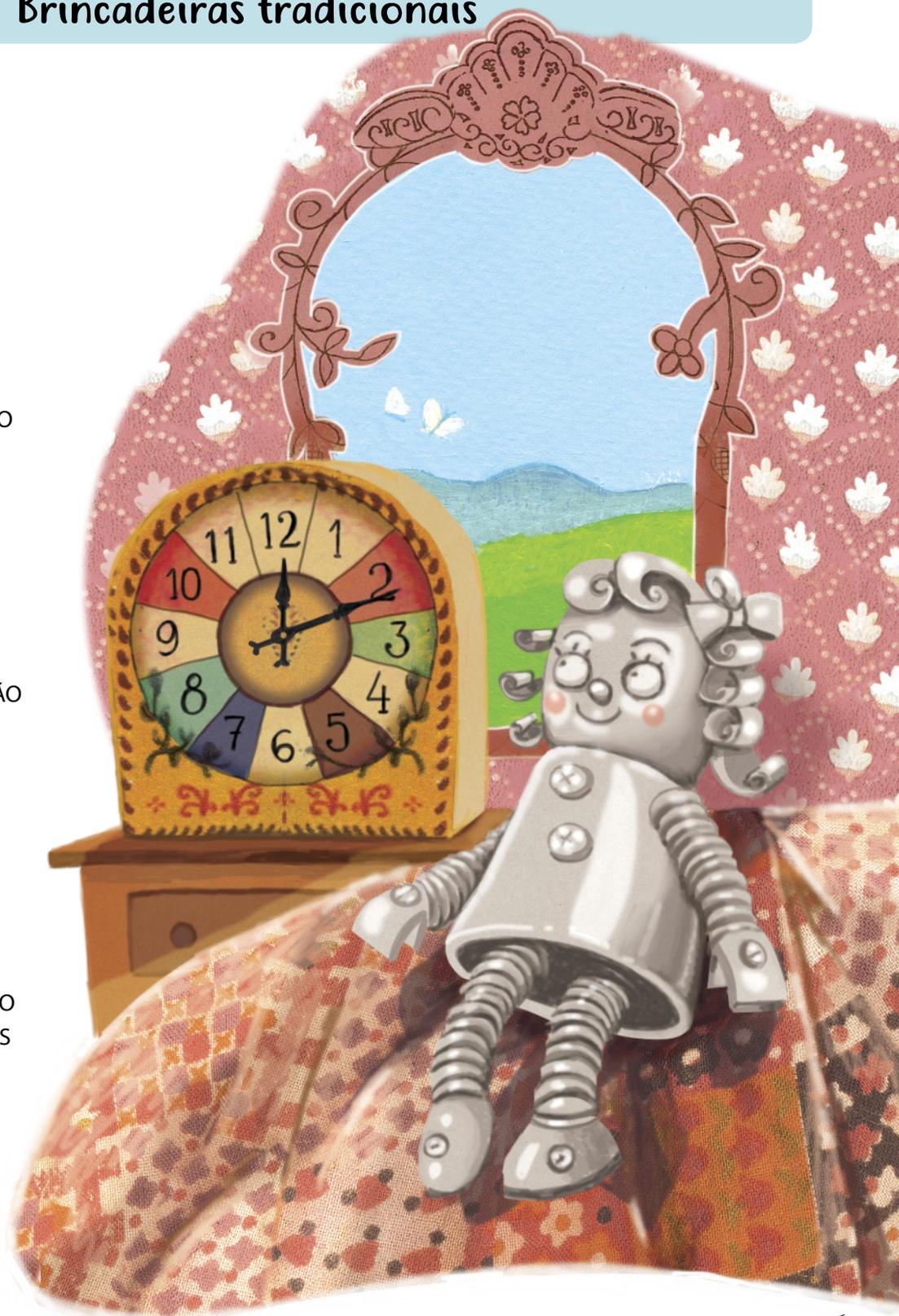
BONECA DE LATA

MINHA BONECA DE LATA
BATEU A CABEÇA NO CHÃO
LEVOU MAIS DE UMA HORA
PRA FAZER ARRUMAÇÃO
DESAMASSA AQUI
DESAMASSA ALI
PRA FICAR BOA

MINHA BONECA DE LATA
BATEU COM O OMBRO NO CHÃO
LEVOU MAIS DE DUAS HORAS
PRA FAZER ARRUMAÇÃO
DESAMASSA AQUI
DESAMASSA ALI
PRA FICAR BOA

MINHA BONECA DE LATA
BATEU COM A BARRIGA NO CHÃO
LEVOU MAIS DE TRÊS HORAS
PRA FAZER ARRUMAÇÃO
DESAMASSA AQUI
DESAMASSA ALI
DESAMASSA AQUI
PRA FICAR BOA

MINHA BONECA DE LATA
BATEU COM O JOELHO NO CHÃO
LEVOU MAIS DE QUATRO HORAS
PRA FAZER ARRUMAÇÃO
DESAMASSA AQUI
DESAMASSA ALI
DESAMASSA AQUI
DESAMASSA ALI
PRA FICAR BOA...



Jeito de brincar

Canta-se a música da boneca de lata mudando a parte do corpo que a boneca “bateu” a cada vez que se canta.

A criança toca ou encosta no chão a parte do seu corpo que a boneca “bateu” no momento em que a música indica: cabeça, ombros, cotovelo, barriga, joelho etc.

O número de horas para a arrumação também aumenta a cada vez que a música se repete, assim como o número de “desamassos” para arrumar a boneca.

Brincadeiras tradicionais

Narrativa do brincar

Fotos

ILUSTRAÇÕES: SANDRA LAVANDEIRA

Brincadeiras tradicionais

CADÊ O TOUCINHO QUE ESTAVA AQUI?

GATO COMEU
CADÊ O GATO?
FOI PRO MATO
CADÊ O MATO?
FOGO QUEIMOU
CADÊ O FOGO?
ÁGUA APAGOU
CADÊ A ÁGUA?
BOI BEBEU
CADÊ O BOI?
FOI CARREAR TRIGO
CADÊ O TRIGO?
GALINHA ESPALHOU
CADÊ A GALINHA?
FOI BOTAR OVO
CADÊ O OVO?
FRADE BEBEU
CADÊ O FRADE?
FOI REZAR UMA MISSA
CADÊ A MISSA?
FOI POR AQUI, AQUI, AQUI...
ACHOU!



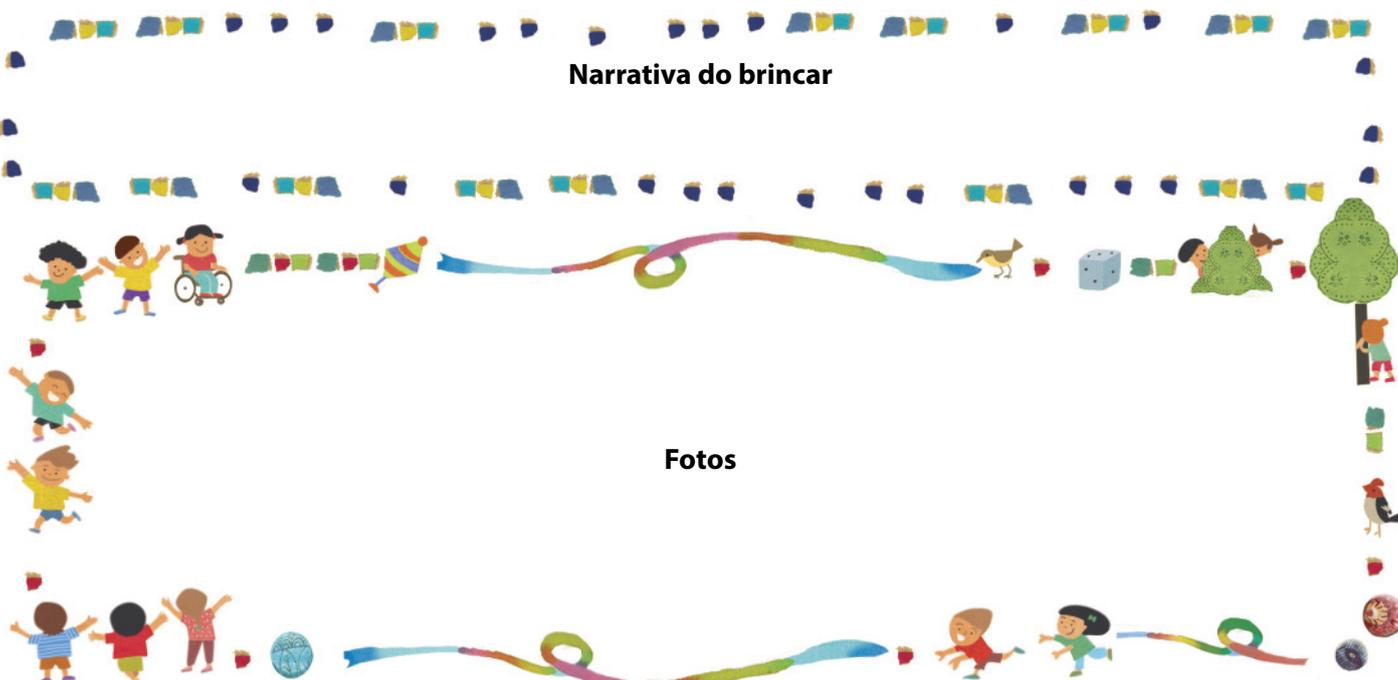
Jeito de brincar

O adulto segura as mãos do bebê, toca delicadamente em cada dedo e diz o nome popular: mindinho, seu viziño, pai-de-todos, fura-bolos e mata-piolho. Em seguida, toca na palma da mão com o dedo indicador e pergunta: “Cadê o toucinho que estava aqui?”. E responde: “Gato comeu”. E o diálogo continua seguindo a parlenda.

Nessa hora, o adulto percorre o braço do bebê com o dedo médio e o indicador, como se fossem pezinhos. Vão até embaixo do braço ou atrás do pescoço, fazem cócegas suaves, enquanto se diz: “Foi por aqui, aqui, aqui... Achou!”.

Narrativa do brincar

Fotos



Brincadeiras tradicionais

TOQUE PRA SÃO ROQUE

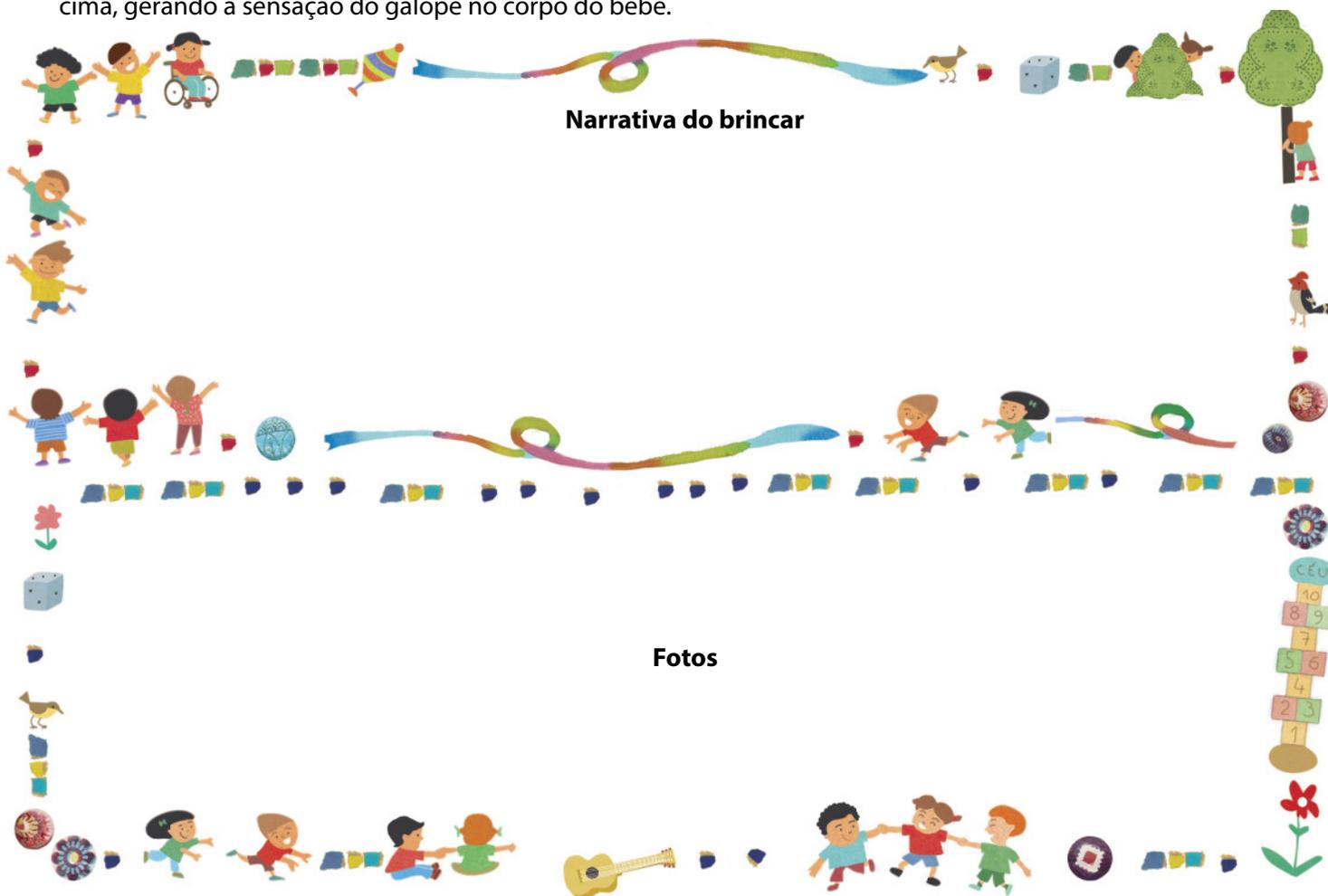
TOQUE, TOQUE, TOQUE
VAMOS PRA SÃO ROQUE
VER O CAVALINHO QUE
VEM VINDO NO GALOPE

TOQUE, TOQUE, TOQUE
VAMOS PRA SÃO ROQUE
VER O (nome da criança) QUE
VEM VINDO NO GALOPE



Jeito de brincar

Coloque o bebê ou a criança bem pequena no colo, sentado de frente, com as costas viradas para você. Suba e desça os joelhos movimentando o corpo do bebê, como se estivesse trotando. No momento em que cantar “Galope”, levante mais os joelhos, tirando os pés do chão, e inclinando o corpo do bebê ao levantar seus braços para cima, gerando a sensação do galope no corpo do bebê.



Narrativa do brincar

Fotos

Brincadeiras tradicionais

CORRE CUTIA

CORRE CUTIA

NA CASA DA TIA

CORRE CIPÓ

NA CASA DA VÓ

LENCINHO NA MÃO

CAIU NO CHÃO

MOÇA BONITA

DO MEU CORAÇÃO

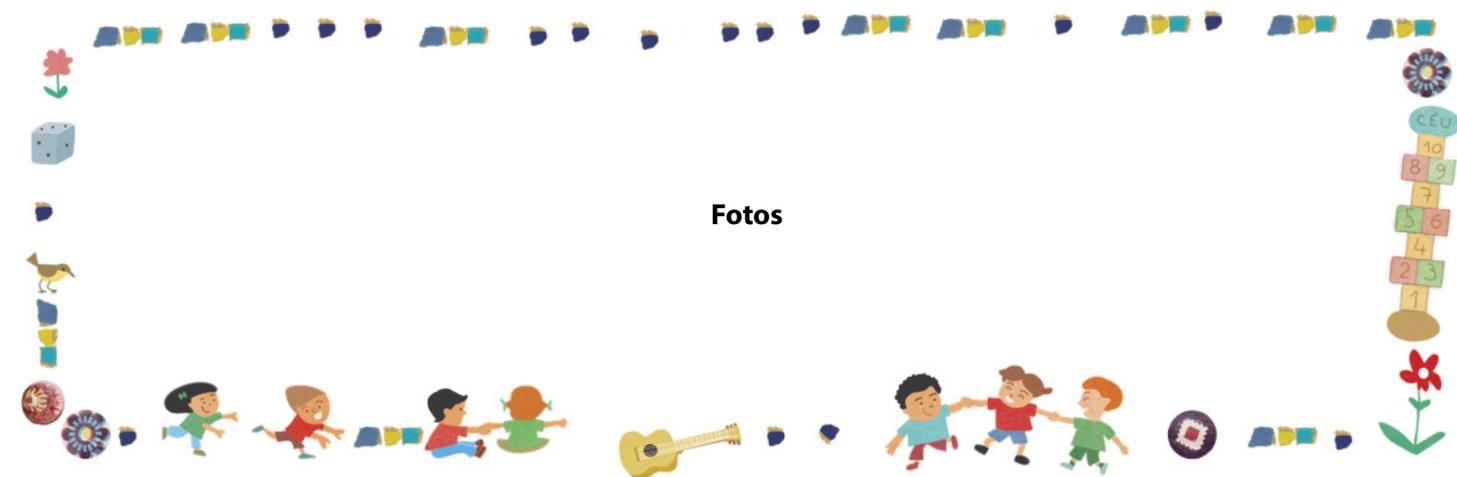


Jeito de brincar

Um grupo de crianças se senta no chão, formando um círculo. Todos cantam a música. Enquanto a música é cantada, um dos participantes corre em volta da roda, com uma bola, um lenço ou algum outro objeto na mão. Quando a música acaba, quem está de pé tem de colocar o que tem nas mãos atrás de alguém. A criança que recebeu o objeto tem de tentar pegar a que estava do lado de fora. Se conseguir, a outra terá de pagar uma prenda e continuar do lado de fora até conseguir trocar de lugar com alguém. Se não conseguir, trocará de lugar com quem estava fora da roda e passará a girar em volta do círculo, cantando novamente os versos acima.



Narrativa do brincar



Fotos

Brincadeiras tradicionais

JACARÉ POIÔ

EU SOU, EU SOU, EU SOU
EU SOU JACARÉ POIÔ
EU SOU, EU SOU, EU SOU
EU SOU JACARÉ POIÔ
SACODE O RABO, JACARÉ
DÁ RABANADA, JACARÉ
EU SOU JACARÉ POIÔ



Jeito de brincar

Em roda, as crianças cantam a música do jacaré Poiô e imitam seus movimentos. Elas têm de balançar os quadris de forma bem exagerada. Quando a música diz para sacudir o rabo, é preciso abaixar o tronco e levantar o bumbum, sacudindo a cintura para lá e para cá. Quando o grupo estiver em ritmo bem animado, forma-se uma fila, que sai ziguezagueando pelo espaço.

Narrativa do brincar

Fotos

ILUSTRAÇÕES: SANDRA LAVANDEIRA

Brincadeiras tradicionais

JANELA, JANELINHA

JANELA, JANELINHA

PORTA, CAMPAINHA

DING, DONG!



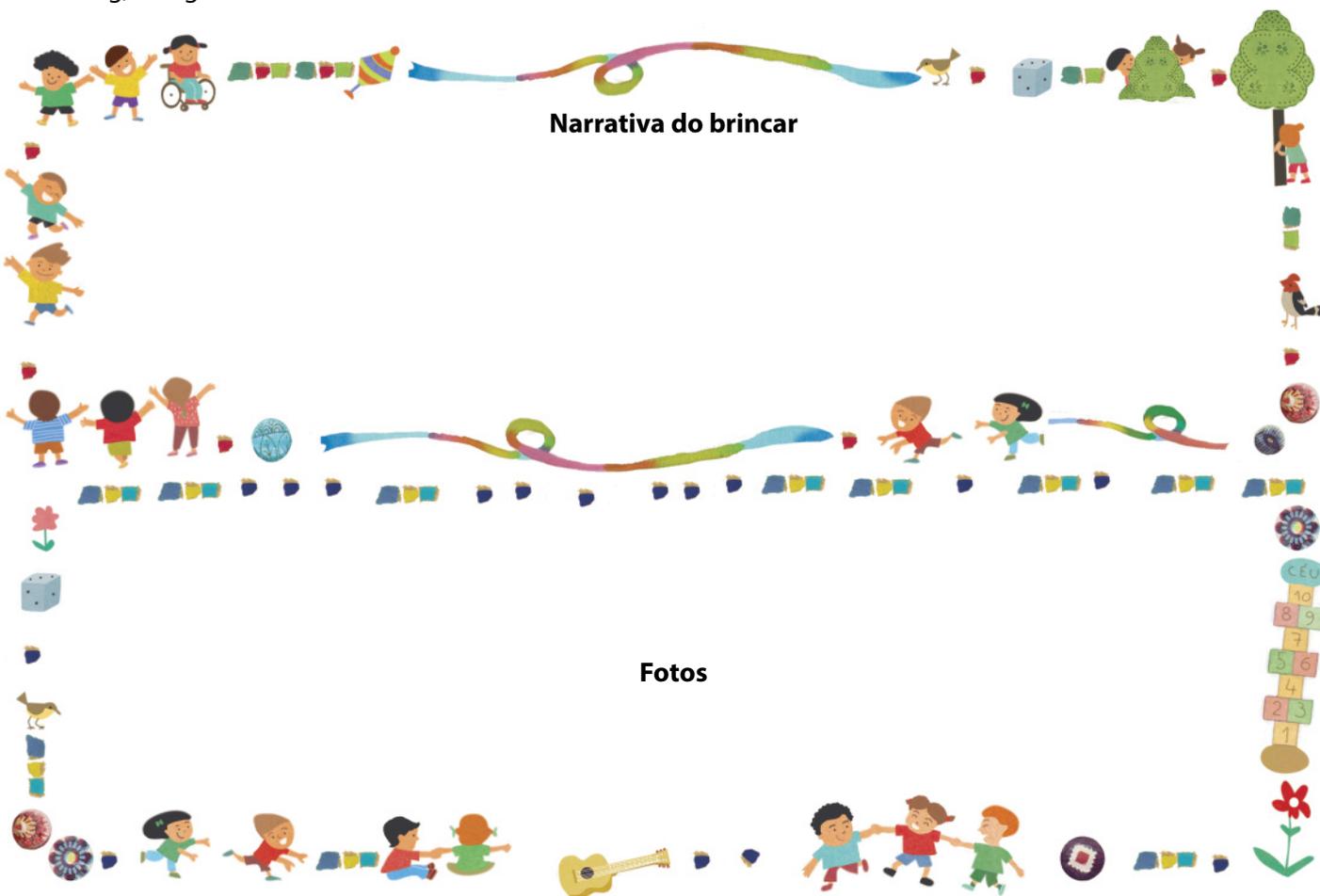
Jeito de brincar

Brinco: O(a) professor(a) canta a toada indicando com o polegar e tocando levemente nas partes do corpo do bebê ou da criança bem pequena que representam as janelas (os olhos), a porta (a boca) e a campainha (a ponta do nariz).

Brinquedo cantado: o(a) professor(a) faz os gestos que indicam os olhos, a boca e o nariz e convida as crianças a fazerem junto, cada uma em seu próprio rosto. Depois, podem brincar de tocar o nariz de seu par no momento do "Ding, Dong!".

Narrativa do brincar

Fotos



Brincadeiras tradicionais

PASSA ANEL

CHORA, MANÉ, NÃO CHORA
ELE CHORA PORQUE PERDEU SEU ANEL!
O ANEL ENTROU NA RODA
ELE PASSA DE MÃO EM MÃO
ELE VAI, ELE VEM
ELE AQUI NÃO CHEGOU
ONDE FOI QUE O ANEL PAROU?



Jeito de brincar

Uma criança fica com um anel na mão e as outras sentam em um banco, uma ao lado da outra, com os braços estendidos e as palmas das mãos unidas.

A criança que está com o anel também une as palmas de suas mãos, com o anel dentro, e passa suas mãos por dentro das mãos das outras crianças.

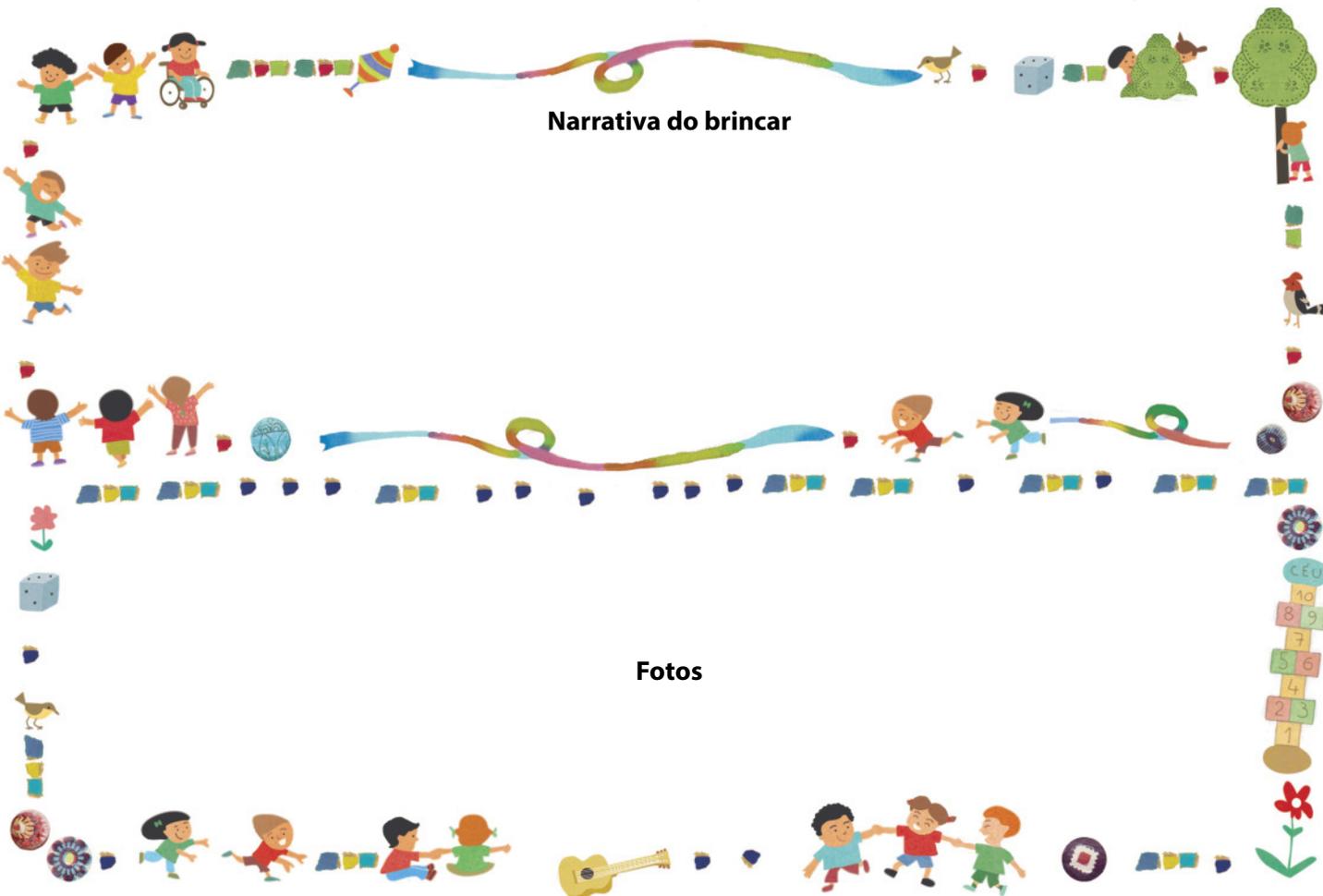
Ela tem de deixar o anel nas mãos de uma das crianças sem que as outras percebam.

Depois, ela mostra as mãos vazias e pergunta a um dos participantes com quem está o anel.

Se ele acertar, vira o passador de anel. Se não, o anel segue com o mesmo passador até que alguém acerte.

Narrativa do brincar

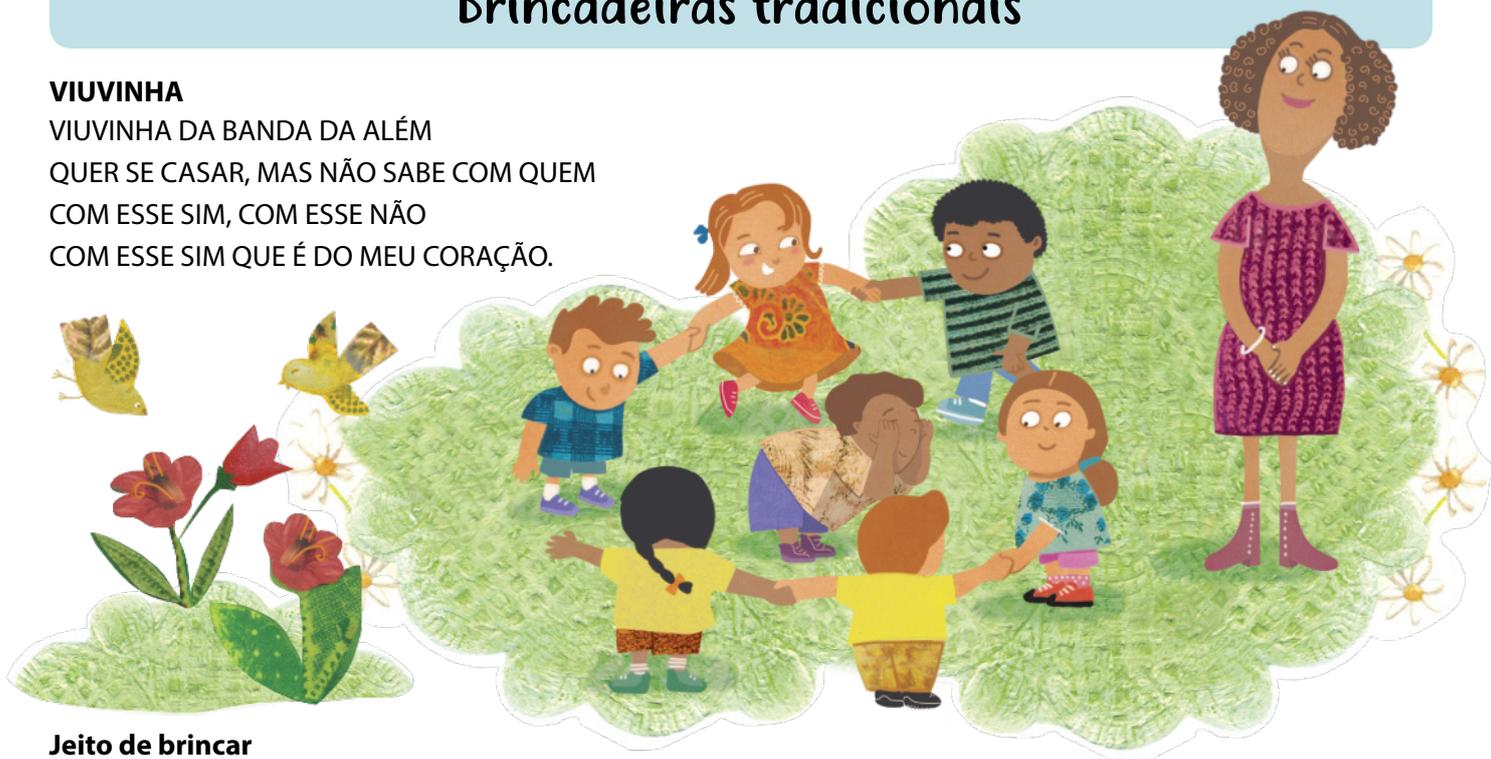
Fotos



Brincadeiras tradicionais

VIUVINHA

VIUVINHA DA BANDA DA ALÉM
QUER SE CASAR, MAS NÃO SABE COM QUEM
COM ESSE SIM, COM ESSE NÃO
COM ESSE SIM QUE É DO MEU CORAÇÃO.



Jeito de brincar

É preciso ter um número ímpar de crianças para brincar.

Forma-se uma roda e uma pessoa fica no meio, abaixada e de olhos fechados, representando a viuvinha. Depois, todos cantam a música.

Quando cantam o último verso (“Com esse sim que é do meu coração”), todos se abraçam e a pessoa que sobrar vai ser a próxima viúva ou viúvo. Ou a viuvinha levanta de olhos fechados e se aproxima de alguém na roda para dar o abraço, enquanto as outras crianças abraçam a criança que está ao seu lado na roda.

Narrativa do brincar

Fotos

Brincadeiras tradicionais

PARA COMPLETAR COM OUTRAS BRINCADEIRAS TRADICIONAIS

Nome da brincadeira

Música, parlenda, quadrinha ou versinho cantado com a brincadeira

Jeito de brincar

Narrativa do brincar

Fotos

Materiais não estruturados

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Cesto dos tesouros
- Capítulo 5: Jogos com regras
- Capítulo 6: Jogo heurístico, Bandeja de experimentação e Fazendo construções
- Capítulo 7: Apreciação estética e Garatujar e desenhar

● Contextualização

Os materiais não estruturados são objetos que podem ser usados em uma multiplicidade de formas exploratórias. Por meio da manipulação e da combinação entre elementos, os bebês e as crianças bem pequenas investigam as materialidades, executam ações como encaixar, pôr e tirar, derrubar e juntar, abrir e fechar, encher e esvaziar, transportar, produzir sons, transpassar, entre outras. Eles também constroem percepções como dentro e fora, leve e pesado, áspero e liso, frio e quente, boia e afunda, grande e pequeno, sumir e aparecer etc., relacionadas aos conceitos e habilidades de numeracia.

Elinor Goldschmied¹ nomeou essa atividade exploratória típica dos bebês e das crianças bem pequenas de **brincar heurístico**. Isso porque as crianças estão descobrindo o mundo: suas formas, texturas, cheiros, sons, pesos e cores. Muitas vezes, os materiais que ofertamos para os bebês estão sendo apresentados para eles pela primeira vez, quando se concentram em sua busca para descobrir o que é possível fazer com cada objeto e quais as relações possíveis entre eles. Na creche é comum observar bebês reiteradamente enchendo potes e transportando-os pelo espaço. Com o tempo, passam a classificar os elementos, põem dentro do pote apenas as argolas, depois as bolinhas e assim por diante. Passam, então, a enfileirar e a empilhar – surgem suas primeiras construções. Ao longo do desenvolvimento das crianças as relações entre os objetos vão se tornando mais complexas. Com base na observação das ações e interesses dos bebês, Elinor Goldschmied desenvolveu propostas para serem realizadas na creche: “cesto dos tesouros”, jogo heurístico e bandejas de experimentação.

Além de propostas heurísticas, os materiais não estruturados provocam a imaginação, podendo ser transformados em múltiplos usos. Um cubo de madeira, por exemplo, pode ter seu uso variado e significados diferentes, a depender do jogo simbólico da criança. Já o telefone de brinquedo industrializado dificilmente será algo além de um telefone de brinquedo, pois já vem pronto. Um pedaço de madeira retangular pode ser um telefone, uma cama para uma boneca, uma parede ou parte do telhado em uma construção, uma pista de carrinho e muito mais, a depender dos interesses e da cultura da criança, que representará por meio do objeto aquilo que deseja dar forma em sua imaginação para a continuidade do seu faz de conta.

Cabe aos(as) professores(as) a escolha dos materiais adequados a cada momento do desenvolvimento das crianças, a organização deles em ambientes internos e externos em microcenários que favoreçam o faz de conta ou na proposição de trajetos como o “cesto dos tesouros” (ver capítulo 3), o jogo heurístico, a bandeja de experimentações e construções (ver capítulo 6).

Os(as) professores(as), junto à equipe pedagógica e à comunidade da creche, também devem estar atentos(as) ao meio sociocultural em que as crianças estão inseridas, para valorizar a cultura regional por meio da presença das materialidades que a representam.

No manual de orientação pedagógica *Brinquedos e brincadeiras de creches*, produzido pelo MEC, há uma lista de alguns deles:

¹ GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. “O brincar heurístico com objetos”. In: **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Materiais não estruturados

“Objetos feitos com cascas de árvores, sementes de frutos, ossos, dentes e chifres de animais, escamas de peixes, cocares com plumas, colares, bolsas e cintos de couro, madeira ou palha dourada, conchas, objetos musicais, pedras, cipós, tapetes e enfeites de materiais naturais, pratos, canecas e panelas pequenas de barro, cestos pequenos de vime, com padrões típicos de cada região, representam a variedade de objetos do cotidiano de várias comunidades brasileiras.”

BRASIL. *Brinquedos e brincadeiras de creches*. Manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 jun. 2020.



Cesto dos tesouros e brincar heurístico

Siren Films

O vídeo é parte de uma série produzida com o objetivo de apresentar e levar à reflexão sobre como as crianças se desenvolvem e aprendem. O vídeo mostra cenas de bebês explorando o “cesto dos tesouros” e de crianças bem pequenas no “jogo heurístico”. Para adicionar legendas, clique em “Detalhes”, selecione a opção “Legendas” e, depois, “Traduzir automaticamente” para português.

Afinal, o que os bebês fazem no berçário?

TEDx Talks

Neste vídeo, o educador Paulo Sérgio Fochi explica como se dão as relações entre bebês tendo os materiais como mediadores.

● Intencionalidade educativa

- Para saber mais sobre a intencionalidade pedagógica do jogo heurístico, da bandeja sensorial e de construções, ver trajetos investigativos no Capítulo 6 do Manual do Professor.

As imagens presentes neste Material Digital são referências para serem impressas com a finalidade de auxiliar os(as) professores(as) na organização de cenários e trajetos que envolvam materiais não estruturados. Ao organizar caixas, cestas ou sacolas de tecidos com os materiais e colocar a imagem referenciando o lugar daquele material, contribuimos para o processo de abstração, fundante do raciocínio lógico-matemático, ao incentivar os bebês e as crianças bem pequenas a relacionar imagem e objeto. É também fundamental para que as crianças colaborem ativamente na organização dos espaços, ampliando seu direito à participação.

As ilustrações de construções com materiais não estruturados (páginas 265 e 266 deste material) têm a finalidade de apresentar referenciais imagéticos de formas e usos para compor os microcenários. Amplia-se, desse modo, o leque de modos de construir para que as crianças se desafiem.

A intencionalidade pedagógica das imagens é a de oferecer oportunidades para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Materiais não estruturados

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo as imagens, os livros e os objetos como mediadores. <input checked="" type="checkbox"/> Compartilhar imagens e objetos. <input checked="" type="checkbox"/> Colaborar com a organização dos ambientes. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenário de literatura com livros que contemplem imagens de elementos não estruturados (ver Manual do Professor, Cap. 7 – Apreciação estética). <input checked="" type="checkbox"/> Contribuir com a ambiência de microcenários e de trajetos relacionados ao brincar heurístico e às construções. <input checked="" type="checkbox"/> Muitas são as maneiras como as imagens podem ser usadas. O importante é que estejam relacionadas ao espaço em que foram disponibilizadas. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Colaborar <input type="checkbox"/> Apreciar <input type="checkbox"/> Associar <input type="checkbox"/> Discriminar <input type="checkbox"/> Deslocar-se <input type="checkbox"/> Tocar <input type="checkbox"/> Pinçar <input type="checkbox"/> Segurar <input type="checkbox"/> Folhear <input type="checkbox"/> Transportar <input type="checkbox"/> Equilibrar <input type="checkbox"/> Imitar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Explorar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Testar <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Classificar <input type="checkbox"/> Enfileirar <input type="checkbox"/> Empilhar <input type="checkbox"/> Construir <input type="checkbox"/> Deduzir <input type="checkbox"/> Investigar <input type="checkbox"/> Memorizar <input type="checkbox"/> Transpassar <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <p>(Ver o Manual do Professor, Capítulo 1).</p>
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Ampliar seu repertório imagético e estético ao interagir com uma diversidade de fotografias que apresentam uma variedade de cores e formas. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo e movimentos ao deslocar-se (rolar, rastejar, engatinhar ou andar, sentar-se, levantar-se, apoiar-se e esticar braços e pés), por meio de sua movimentação livre, ao encontro dessas imagens, para tocar, segurar, folhear e transportar a foto pelo espaço. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Segurar e aproximar os materiais não estruturados das imagens, estabelecendo relações entre objeto e imagem. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar percepções por meio de gestos, balbucios, falas e outras formas de expressão, desenvolvendo e ampliando as linguagens orais e expressivas. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Relacionar imagens, livros e objetos ao observar, perceber, comparar e elaborar hipóteses provisórias. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Construir conhecimentos lógico-matemáticos ao comparar semelhanças e diferenças, classificar, enfileirar e empilhar. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Testar, investigar, memorizar e deduzir ao participar do jogo da memória e montar o quebra-cabeça. 			

Lembre-se: As imagens devem estar contextualizadas no projeto pedagógico e nas atividades desenvolvidas e relacionadas aos espaços em que forem disponibilizadas. Seja na ambientação de um espaço usado para desenvolver o mesmo tema, seja na ambientação do espaço para trabalhar conteúdos de literacia e numeracia.

Materiais não estruturados

Sugestões de uso:

1. Escolha, imprima, recorte e plastique as imagens das páginas 246 a 259. Cole ou prenda-as nas caixas e nos cestos organizadores dos materiais, para que as crianças possam reconhecer o lugar dos objetos e colaborar na organização do espaço.
2. Escolha, imprima, recorte, plastifique de duas a quatro imagens das páginas 246 a 259 e disponha no microcenário de expressão (ver explicação no Manual do Professor, Capítulo 7 – Garatujar e desenhar), para que as crianças possam observá-las, relacioná-las e produzir suas representações. Atividade indicada para crianças bem pequenas.
3. Imprima e use as imagens das páginas 260 a 262 para promover o jogo da memória (ver passo a passo na página 6 deste material). Atividade indicada para crianças bem pequenas.
4. Imprima e use as imagens das páginas 263 e 264 para promover o jogo de quebra-cabeça (veja o passo a passo na página 7 deste material). Atividade indicada para crianças bem pequenas.

● Para ampliar

- ✓ As imagens disponíveis neste material são uma possibilidade de referência imagética. Mas, para além delas, você pode fotografar os materiais não estruturados de sua creche e as crianças em interação com eles. Pode também buscar imagens de objetos comuns em sua região, para trabalhar com a realidade local.

Fotografe e imprima, mostrando:

- a organização dos microcenários e dos trajetos com materiais não estruturados;
- bebês e crianças bem pequenas explorando os materiais não estruturados.
- ✓ Os materiais não estruturados podem compor diversos espaços: sala de referência, solário, varanda, quintal, parque de areia, corredor, entre outros.
- ✓ Para ampliar o repertório do acervo de materiais não estruturados que contemplem a cultura local, faça campanha de arrecadação com as famílias e a comunidade.

O meio ambiente:
Atribuir novos usos
aos objetos e utilizar
materiais reutilizáveis é
uma forma de trabalhar a
sustentabilidade em nossa
prática pedagógica.

- ! **Lembre-se:** A escolha dos materiais não estruturados rompe com a exclusividade do uso de objetos e brinquedos plásticos na creche. Madeira, metal, palha, fibra de coco, cabaças, cortiça, papelão, ampliam as experiências sensoriais, ao diversificar as cores, as texturas, os cheiros, a maleabilidade, a temperatura e o peso dos objetos oferecidos.

Materiais não estruturados

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO02 EI01EO03 EI01EO04 EI01EO06	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO06
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG02 EI01CG03 EI01CG05	EI02CG02 EI02CG03 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS01 EI01TS02	EI02TS01 EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF04 EI01EF06 EI01EF07	EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET01 EI01ET02 EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05	EI02ET01 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

Materiais não estruturados

● JOGO DA MEMÓRIA

Materiais

Cartões do jogo; tesoura; cola bastão; papel mais grosso ou papelão ou uma plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as cartas ilustradas desse jogo, das páginas 260 a 262.
- ✓ Para que as cartas fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las. Ou, se preferir e for possível, recorte as cartas das folhas e depois plastifique-as.

O jogo da memória está pronto! Vamos jogar com as crianças?

Como jogar

1. Embaralhar e distribuir as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
2. Decidir o critério do participante que começará o jogo.
3. Cada participante deve virar duas cartas, buscando um par de cartas iguais, que contêm a mesma imagem.
4. Se o jogador encontrar a outra carta igual à primeira, formando um par, tem direito a jogar mais uma vez.
5. Se, ao virar as cartas elas não coincidirem, a jogada passa para o participante seguinte.
6. As cartas que formarem par devem ser retiradas do jogo e contam como ponto para o participante que acertou a dupla de imagens.
7. Ganha o jogo o participante que reunir mais pares de cartas.

Numeracia: Vamos contar o número de cartas que cada um dos participantes reuniu ao final? Professor(a), neste momento, participe ativamente com as crianças bem pequenas; conte com cada criança quantas cartas cada uma reuniu e quantas são no total. Perceba que relações a criança realiza. Pense nos desafios possíveis. Se ela sabe contar até o número 4, só comece a contar a partir do número 5 e assim por diante. Pergunte: “Qual dos dois tem o maior número de cartas? E quem tem menos cartas?”. Assim, as crianças vão construindo conceitos relacionados à quantidade por meio de jogos e brincadeiras.

Lembre-se: Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras do jogo. O que importa nesse momento é que elas manuseiem as cartas (virar, desvirar, segurar), estabeleçam relações entre as imagens, percebam diferenças e semelhanças entre os objetos não estruturados mostrados e interajam comunicando-se, com seus pares e com os adultos, sobre as percepções a respeito das imagens e das regras do jogo. Além disso, é oportuno que se relacionem com conhecimentos lógico-matemáticos que envolvam quantidade.

Materiais não estruturados

● QUEBRA-CABEÇA

Materiais

Imagem ilustrada do quebra-cabeça; tesoura; cola bastão; papel mais grosso ou papelão (ou uma plastificador); caixa de sapatos.

Passo a passo

- ✔ Use uma caixa de papelão para guardar o quebra-cabeça. Para mostrar a imagem montada do quebra-cabeça, use a tampa dessa caixa como base.
- ✔ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem do quebra-cabeça, da página 263.
- ✔ Para servir de referência, cole a imagem sobre a tampa da caixa.

Para fazer as peças do quebra-cabeça:

- ✔ Imprima, em apenas um lado do papel, a imagem do quebra-cabeça, da página 264.
- ✔ Corte a imagem seguindo a indicação pontilhada.
- ✔ Para que as partes do quebra-cabeça fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las e depois passe plástico adesivo para impermeabilizar. Ou, se preferir e for possível, recorte as partes do quebra-cabeça e depois plastifique-as.

O quebra-cabeça está pronto! Vamos montar com as crianças?

Como montar

1. O objetivo é encaixar todas as peças e montar uma imagem correspondente à mostrada na tampa da caixa de brinquedo.
2. Guarde o *kit* do quebra-cabeça, com todas as peças, em um saquinho de pano e coloque-o na caixa.
3. Disponibilize o *kit* do quebra-cabeça no microcenário de jogos.

 **Lembre-se:** Ao longo do tempo, as crianças bem pequenas construirão as habilidades necessárias para compreender e cumprir as regras do jogo. O que importa nesse momento é que elas manuseiem peças, testem possibilidades, memorizem sequências, estabeleçam relações entre as imagens, percebam diferenças e semelhanças e interajam comunicando-se, com seus pares e com os adultos, sobre as percepções a respeito das imagens e das regras do jogo.

Materiais não estruturados



GIORGIO TROVATO/UNSPLASH



BACIAS



JAZELLA PIXABAY



BALDE

Materiais não estruturados



BATEDORES

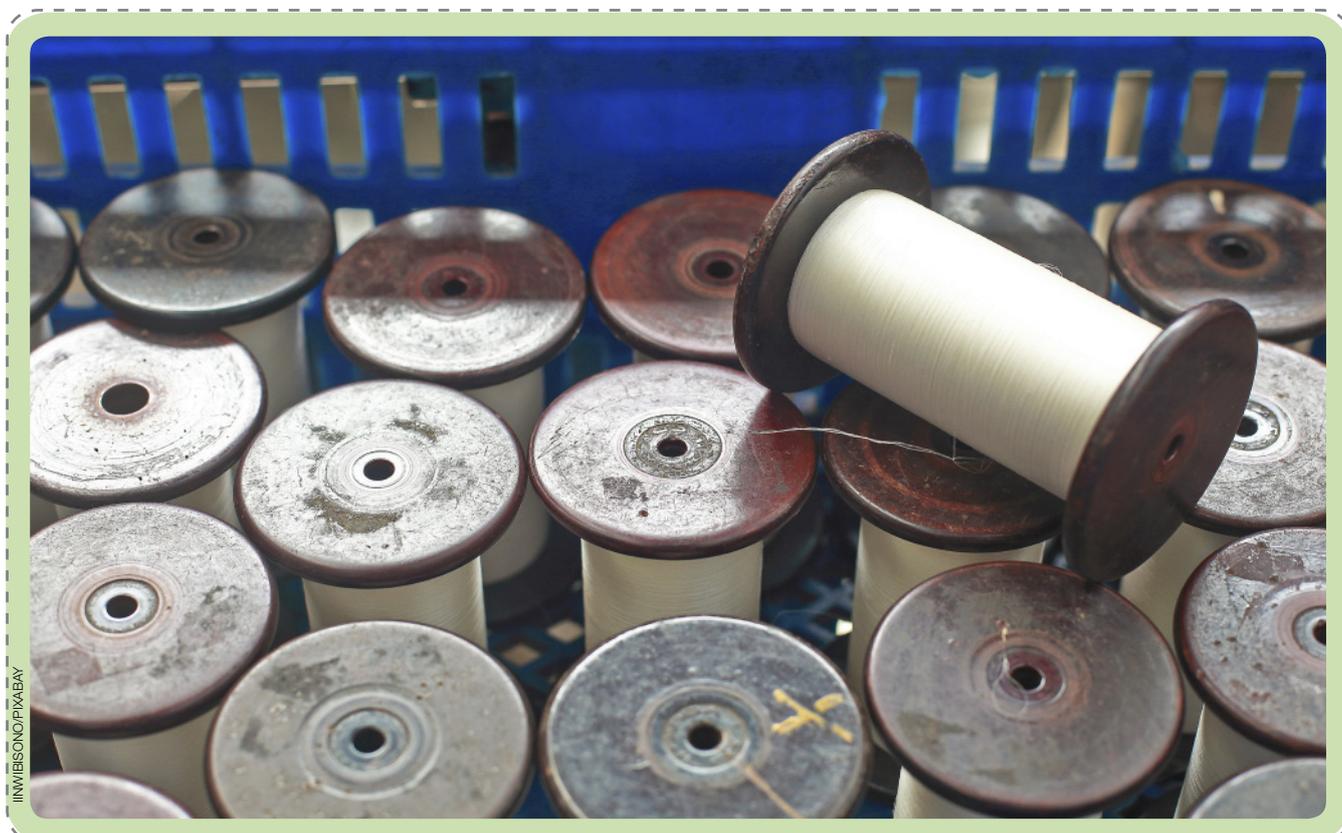


BLOCOS DE MADEIRA

Materiais não estruturados



BOLAS SENSORIAIS



CARRETÉIS

Materiais não estruturados



CDs



CESTOS

Materiais não estruturados



CESTOS EM FORMA DE CILINDRO



CILINDROS DE PAPELÃO

Materiais não estruturados



COLHERES DE PAU

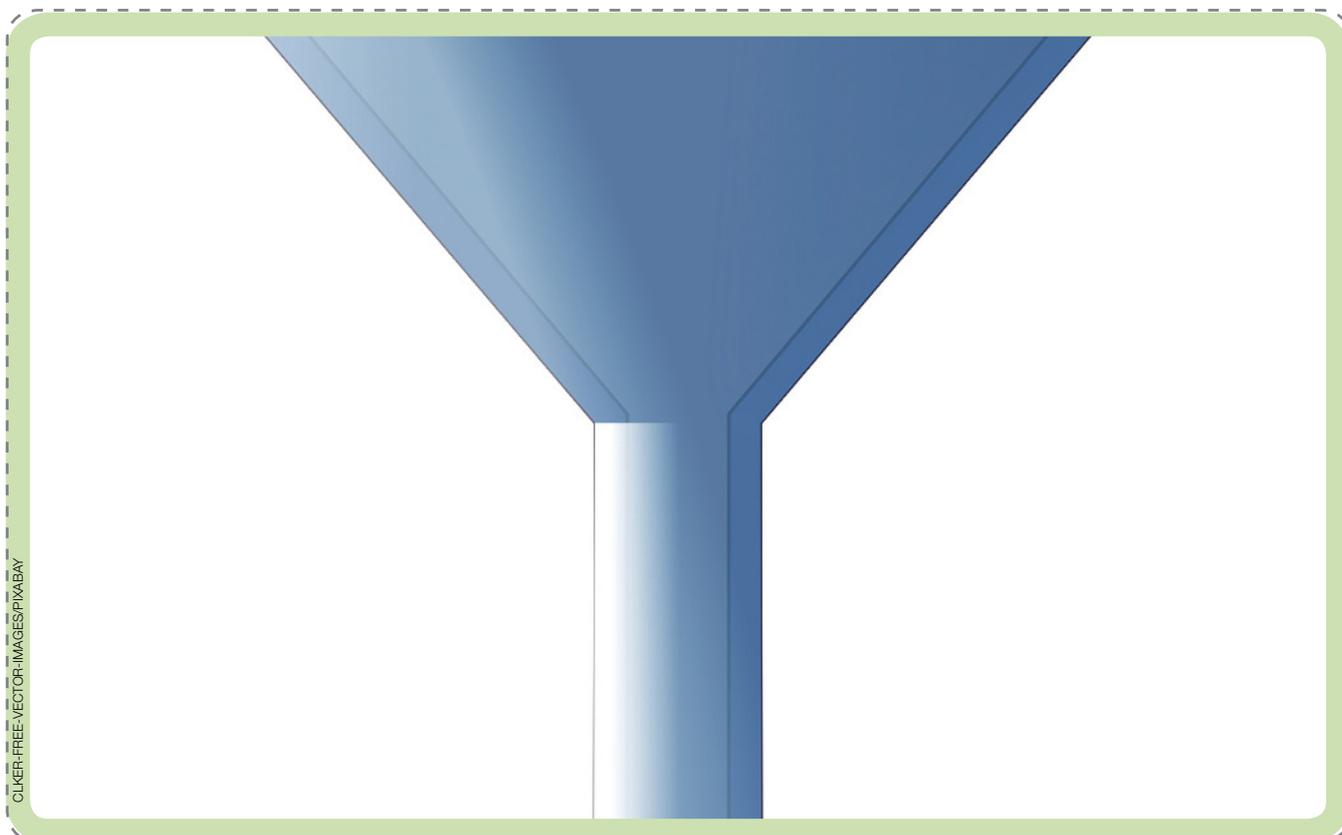


COPOS

Materiais não estruturados



FÔRMAS DE GELO



FUNIL

Materiais não estruturados



GARRAFAS



GARRAFAS PLÁSTICAS

Materiais não estruturados



PEDAÇOS DE MADEIRA



MEDIDORES

Materiais não estruturados



MEDIDORES DE COLHERES (1; 1/4; 1/2 E 1/8)



MEDIDORES DE XÍCARAS

Materiais não estruturados



OBJETOS DE MADEIRA



PENEIRA

Materiais não estruturados



MIGUEL A. PADRINÁN/PEXELS



PILÃO



DS_30/PIXABAY



PRENEDORES DE ROUPA

Materiais não estruturados

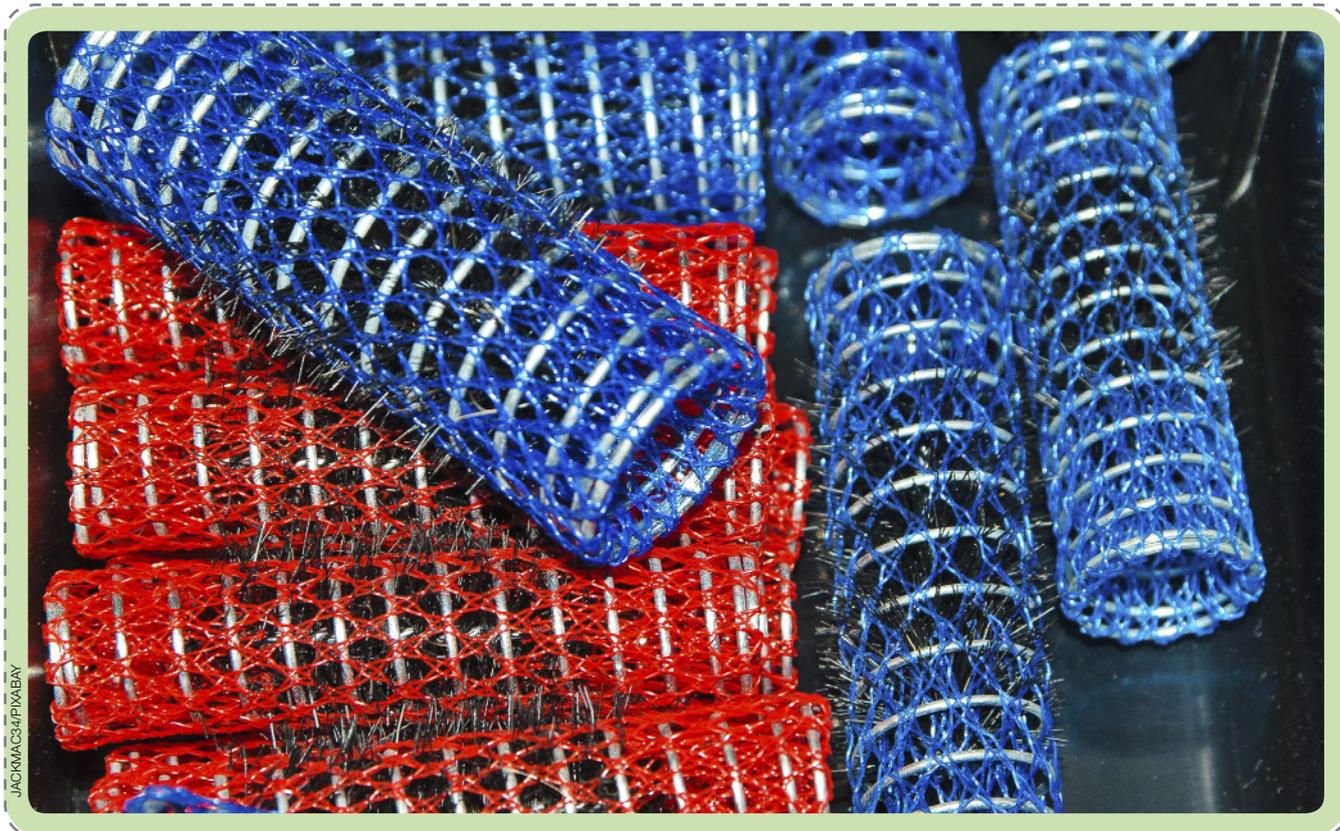


ROLHAS



ROLO

Materiais não estruturados

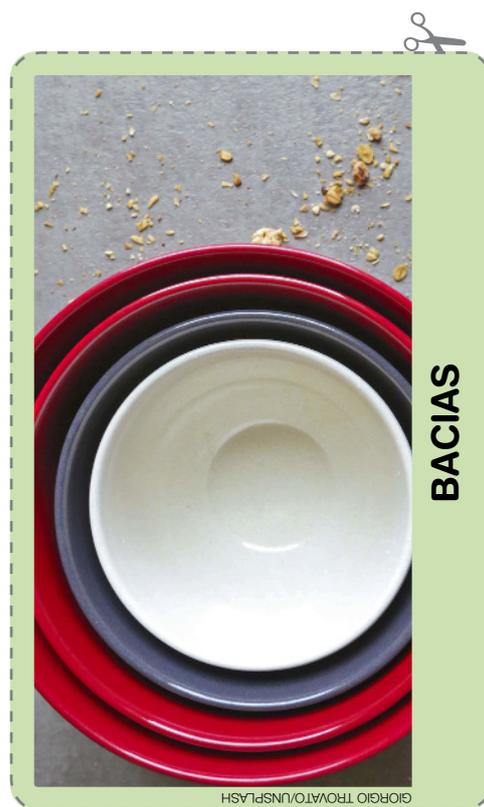
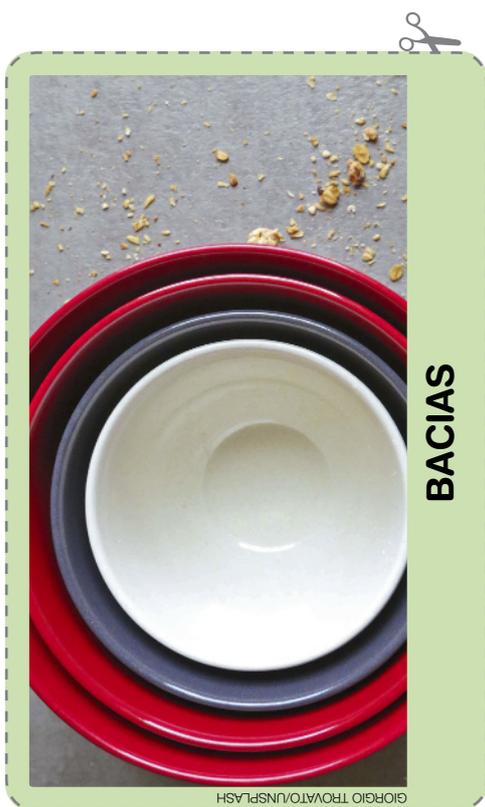


ROLOS DE CABELO

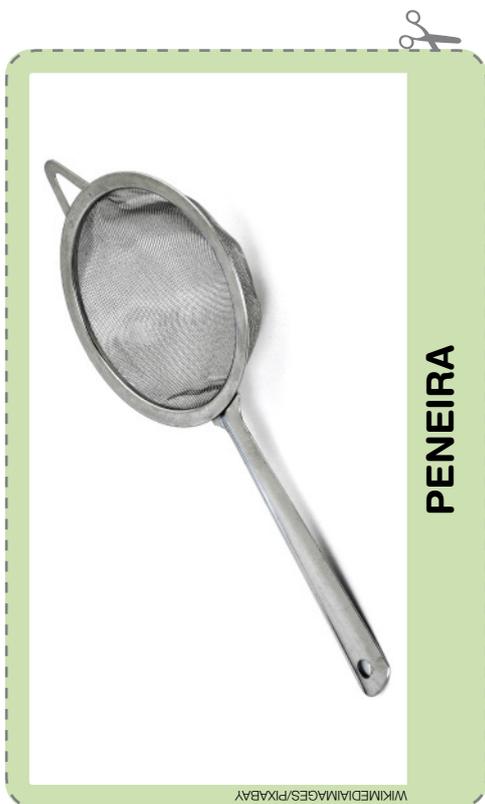
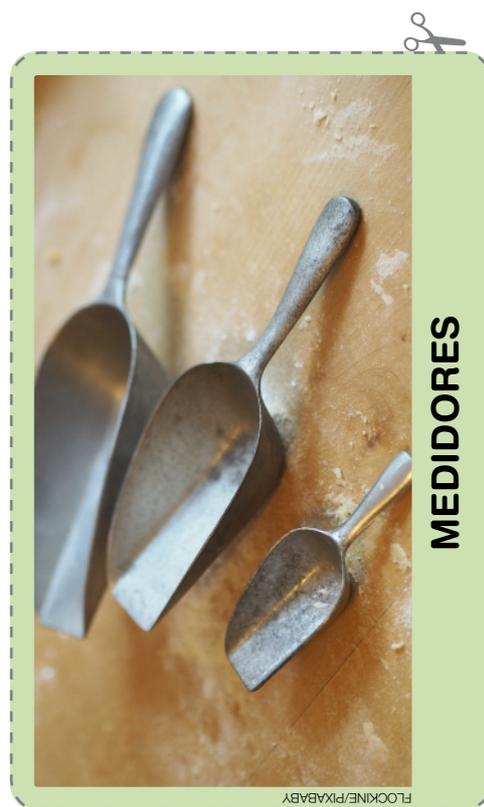
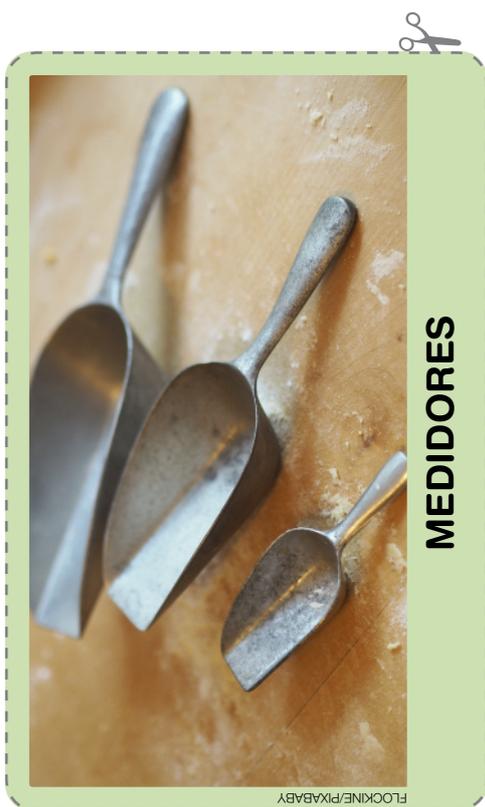


TAMPAS PLÁSTICAS

Materiais não estruturados



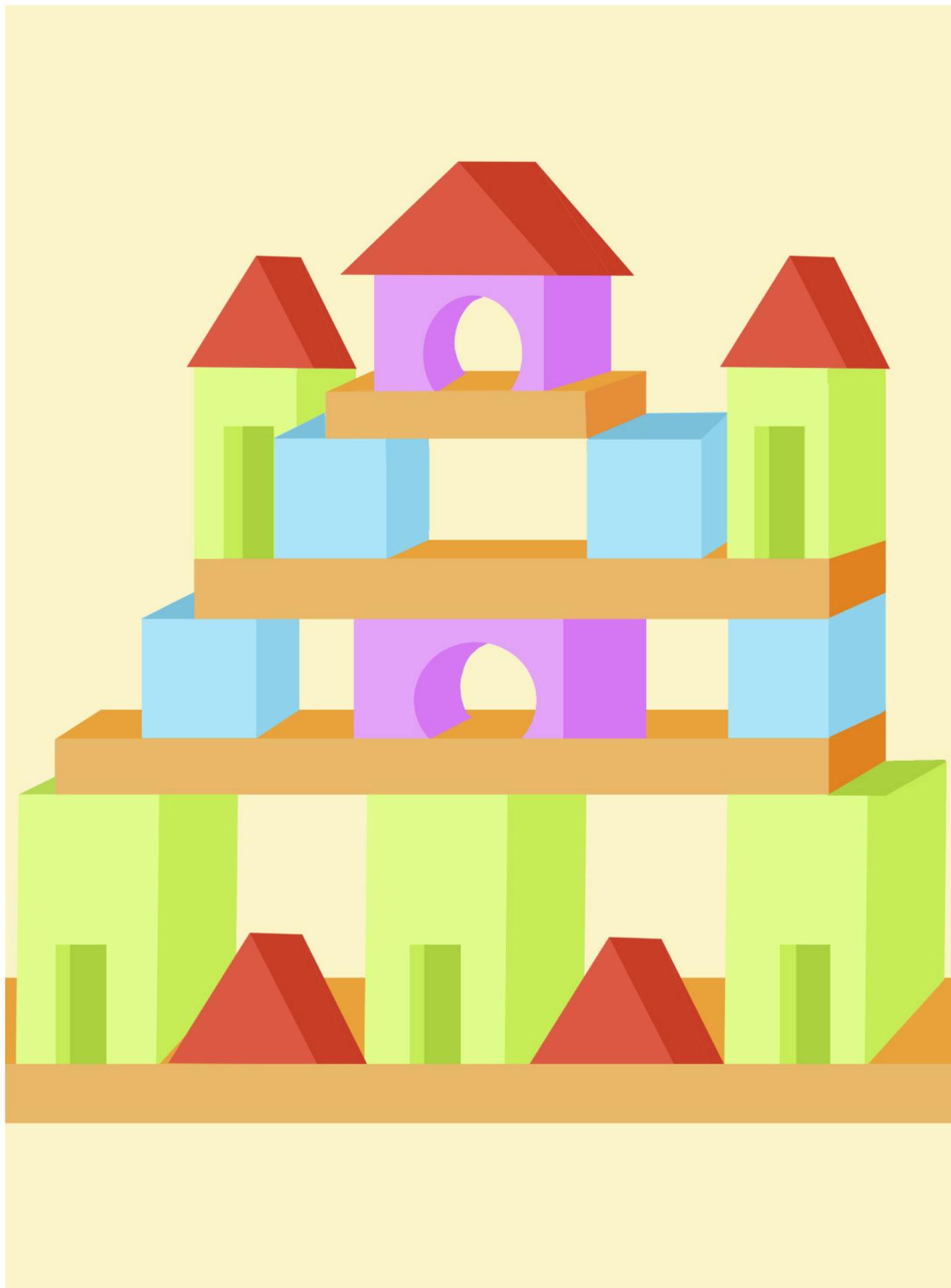
Materiais não estruturados



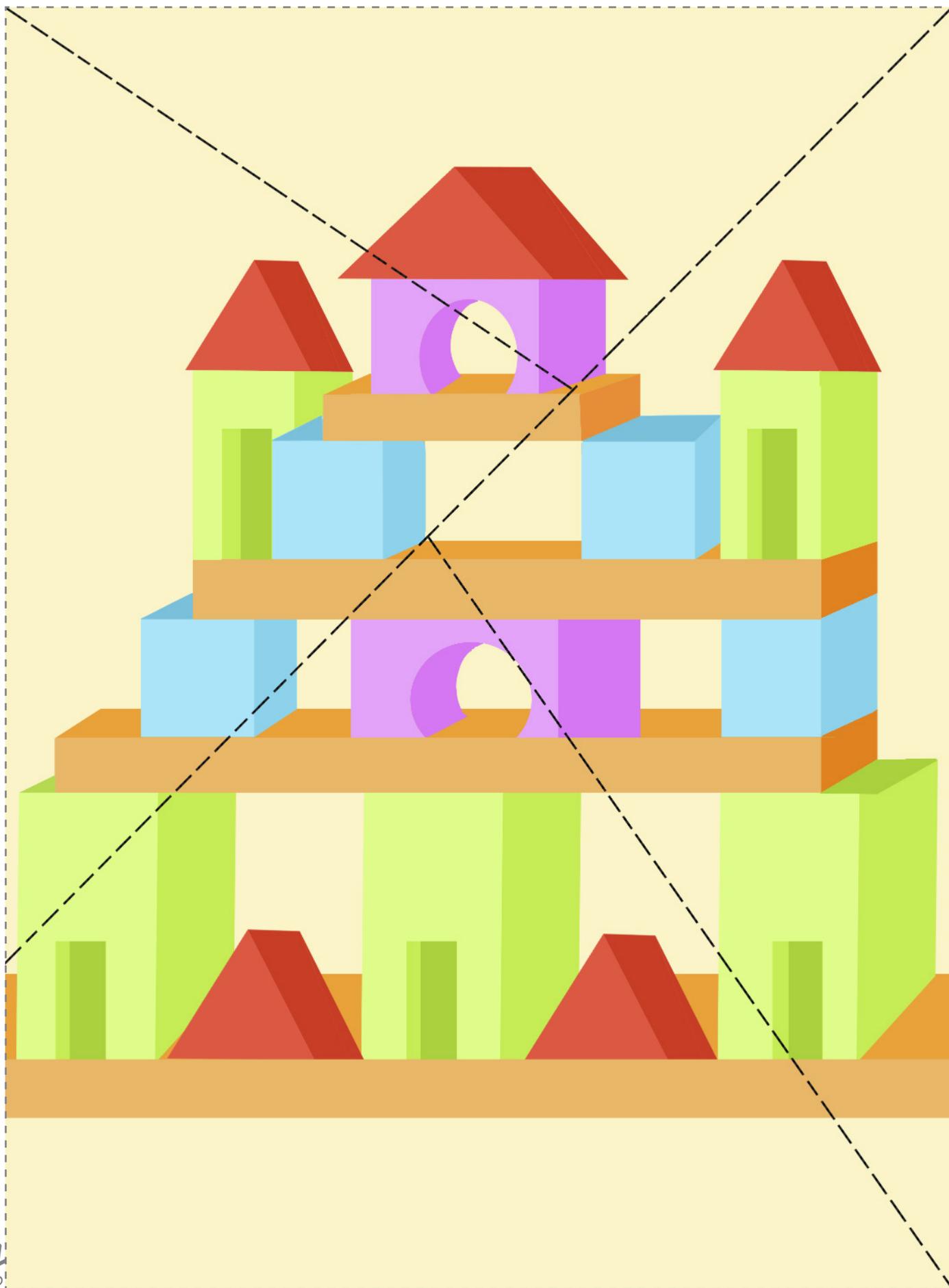
Materiais não estruturados



Materiais não estruturados

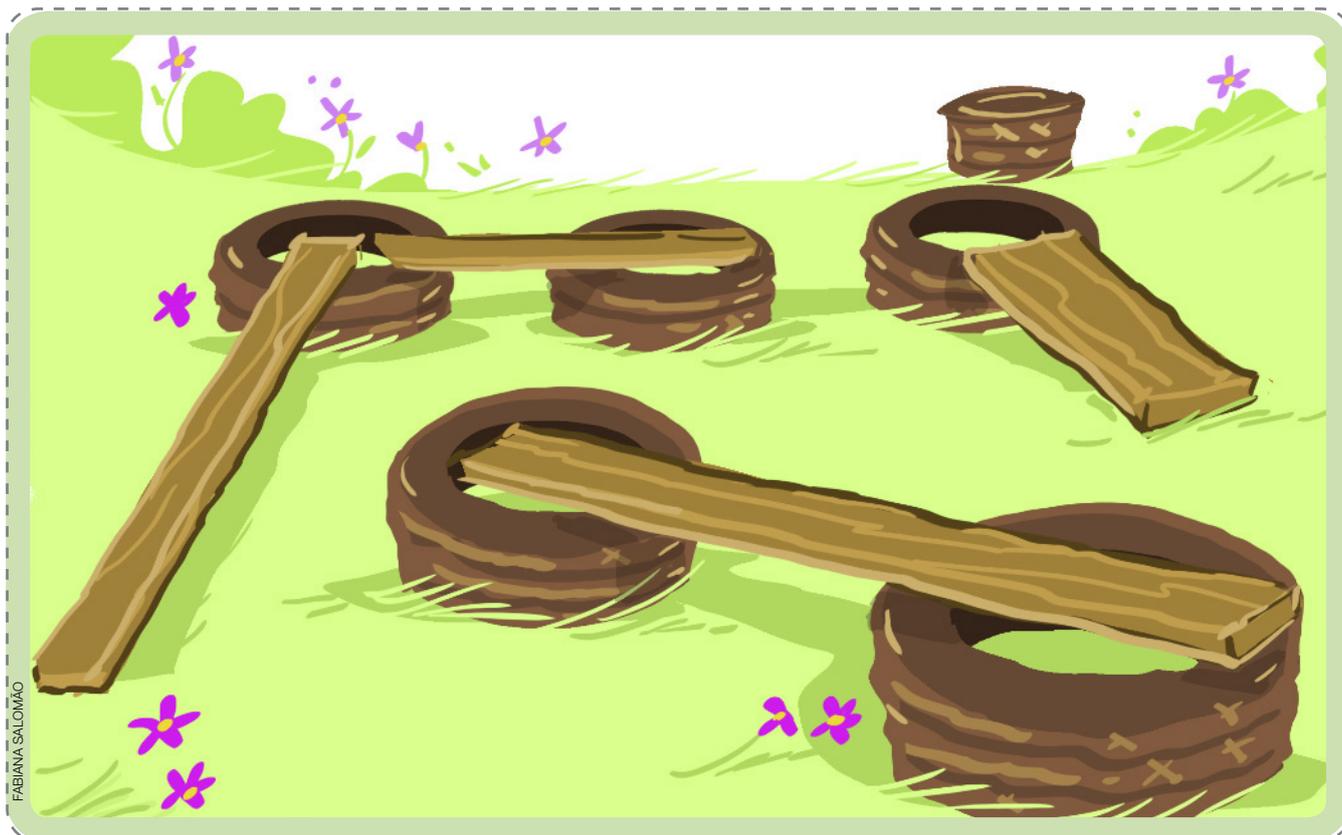


Materiais não estruturados



FABIANA SALOMÃO

Materiais não estruturados



CONSTRUÇÃO FEITA COM PNEUS E TÁBUAS DE MADEIRA.



CONSTRUÇÃO FEITA COM CDs USADOS E LATAS.

Materiais não estruturados



CONSTRUÇÃO FEITA COM CAIXA DE OVOS.



CONSTRUÇÃO FEITA COM ROLOS DE PAPELÃO E CANUDOS.

Obras de arte

- Bebês e crianças bem pequenas.

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 5: Brincar com o outro
- Capítulo 6: Sala curiosa
- Capítulo 7: Apreciação estética

● Contextualização

A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente.

ERNST FISCHER, 1959.

Na pintura de 1929 que se tornou o ícone mais famoso do movimento surrealista, o pintor René Magritte brinca com a relação entre imagem e palavra. Vemos na imagem o que culturalmente convencionamos como cachimbo. Contudo, a frase escrita em francês diz “Isto não é um cachimbo” (*Ceci n'est pas une pipe*). Parece óbvio quando lembramos que não se trata do objeto cachimbo, mas de sua representação por meio de uma pintura. Ainda assim, à primeira vista, a obra causa espanto: Se não é um cachimbo, então o que é?

A obra nos convida a romper com a certeza da imagem e, assim, abre espaço para a imaginação. Ao fazer um exercício criador de observar, pensar e imaginar considerando esta obra, o cachimbo pode se tornar um pedaço de um bigode, o nariz de um tamanduá, a alça de uma xícara etc. O que mais poderia ser?

Essa capacidade de fantasiar pulsa nos bebês e nas crianças bem pequenas. Em suas mãos, cada objeto pode se tornar em outros inúmeros e em uma imagem podem existir outras mil. O poeta Manoel de Barros nos explica em seu dialeto crioulo: “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha. Usar algumas palavras que ainda não tenham idioma”*.

Essa potência criadora de ser e não ser ou de ser mais e além é terra fértil à imaginação. Garantir o acesso a um repertório cultural rico amplia nossas possibilidades de ver, de sentir, de se expressar e de conhecer a si e ao outro. A arte é, portanto, nascedouro de ideias, possibilidades, invenções.

O material digital gráfico “Obras de arte” tem a finalidade de oportunizar a relação diária com imagens representativas das artes plásticas para impulsionar e ampliar a criatividade e a imaginação das crianças. Uma seleção de imagens em domínio público com artistas do Brasil e do mundo foi elaborada de modo que possa compor a organização estética de espaços cuidadosamente planejados pelos(as) professores(as), servir de inspiração para propostas de arte e estar disponível à apreciação de bebês e crianças bem pequenas.

* BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

Obras de arte



Criaturas Fantásticas – uma exposição de arte com crianças

Gloriosa Produção Cultural

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=S-76iaomZfl>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Vídeo-registro do projeto cultural *Criaturas Fantásticas – uma exposição de arte com crianças*, que ocorreu no Museu Municipal de Arte (MUMA), na cidade de Curitiba (PR), em 2019.

O encantamento da descoberta – experimentação artística na escola

Miri Piri Brasil

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NzJrf5_k6c&feature=youtu.be>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Narrativa visual de experimentações artísticas vivenciadas na escola Miri Piri Brasil, em Belo Horizonte (MG). O vídeo mostra imagens de crianças experienciando objetos e espaços com o corpo, enquanto se entregam a uma multiplicidade de linguagens artísticas.

● Intencionalidade educativa

- Para saber mais sobre a intencionalidade pedagógica ver Manual do Professor:
- Capítulo 5: Brincar com o outro
- Capítulo 6: Sala curiosa
- Capítulo 7: Apreciação estética

A intencionalidade pedagógica da oferta de imagens de obras de arte é a de oportunizar que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo as imagens de obras de arte como mediadoras; <input checked="" type="checkbox"/> Compartilhar os modos próprios de fazer em momentos de observação; <input checked="" type="checkbox"/> Participar de momentos coletivos e individuais da apreciação de imagens de obras de arte; <input checked="" type="checkbox"/> Fortalecer vínculos de troca e participação entre família e creche; <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer-se e conhecer seus pares por meio das diferentes formas de relação com as imagens de obras de arte, construindo sua identidade individual e coletiva; <input checked="" type="checkbox"/> Reconhecer e respeitar as diferentes identidades étnico-raciais manifestadas em produções artísticas, como parte de seu pertencimento. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenários <input checked="" type="checkbox"/> Diferentes ambientes da creche: solário, quintal, biblioteca, banheiro, refeitório, corredor etc. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Conhecer-se 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <p>(Ver Manual do Professor, Capítulo 1.)</p>

Obras de arte

<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer uma variedade de obras de artistas brasileiros e estrangeiros, ampliando o repertório cultural; ✓ Expressar sentimentos, sensações e ideias por meio de múltiplas linguagens artísticas: pintura, modelagem, fotografia, encenação, desenho, dança etc.; 		<ul style="list-style-type: none"> Expressar-se Conhecer Sensibilizar-se Criar Desenhar Pintar Encenar Modelar Fotografar 	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicar-se e expressar-se por meio de gestos, mímicas, dança e movimentos, provocados por imagens de obras de arte; ✓ Brincar com o corpo e seus movimentos, tendo a arte como mediadora; ✓ Conhecer variadas representações de corpos (tons de pele, cores de cabelo e olhos, alturas, pesos, formas etc.), ampliando a percepção sobre a diversidade humana e o respeito à diversidade; 		<ul style="list-style-type: none"> Comunicar-se Expressar-se Brincar Dançar Escutar Comunicar Expressar Negociar Nomear Confrontar Conversar Criar Narrar Inventar Imaginar 	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicar-se e expressar-se por meio do olhar, de choros, balbucios, palavras, gestos e expressões faciais; ✓ Manifestar impressões em apreciações artísticas; ✓ Interpretar, narrar, criar e imaginar, ampliando o repertório de fantasia ao inventar histórias inspiradas em imagens de obras de arte; ✓ Ampliar o repertório de vocabulário expressivo; 		<ul style="list-style-type: none"> Caracterizar Comparar Perceber Identificar Nomear Classificar Organizar Criar critérios 	
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Observar, nomear e comparar as características dos elementos que compõem a imagem de obra de arte: formas, texturas, volumes, cores etc.; ✓ Identificar relações espaciais ("dentro e fora", "em cima", "embaixo" e "do lado") nas imagens das obras de arte; ✓ Criar critérios para organização, nomeação e classificação de imagens de obras de arte e de elementos que as compõem. 			

Obras de arte

Sugestões de uso:

O material digital gráfico é composto de imagens de obras de arte de artistas de diferentes partes do mundo. As imagens vêm acompanhadas de ficha contendo legenda com informações sobre o autor, o título e a data da obra. As imagens podem compor a ambientação de microcenários e espaços da creche (solário, banheiro, refeitório, corredor etc.). Outro componente deste material é um alfabeto de obras de arte chamado "ABCDarte", que relaciona cada uma das obras com uma palavra correspondente e pode ser utilizado para compor o microcenário de expressão.

Há também fichas para auxiliar na organização da exposição das produções dos bebês e das crianças bem pequenas. São elas: fichas para registrar o título da exposição do grupo de crianças e fichas para registrar o nome da criança autora da produção artística.

1. ABCDarte (alfabeto de obras de artes)

Livro com uma imagem de obra de arte para cada letra do alfabeto, com uma palavra que relaciona texto e imagem.

Composto de:

- ✓ Capa com o título "ABCDarte".
- ✓ Imagens de obras de arte com nome do autor, título, data, palavra relacionada à imagem e a letra inicial destacada.

QUARTO

Q



Autor:
Vincent van Gogh

Título da obra:
O quarto

Ano: 1888

VAN GOGH MUSEUM - AMSTERDAM - VINCENT VAN GOGH FOUNDATION

Exemplo de página do **ABCDarte**.

Obras de arte

Materiais

Imagem da capa, imagem das obras de arte, tesoura, cola bastão, folha A4 120 g, papel-cartão, plástico autoadesivo transparente ou, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens da capa e das obras de arte.
- ✓ Escreva o nome da turma ou da creche e o ano da impressão, constituindo o acervo da turma.
- ✓ Para que fiquem mais resistentes, cole as folhas impressas em papel-cartão, utilizando uma cola bastão.
- ✓ Plastifique cada folha de papel-cartão com plástico autoadesivo transparente ou, se possível, usando uma plastificadora.
- ✓ Livro: Com um furador, faça furos em cada folha plastificada e prenda-as com uma argola ou um fio de sua preferência. Após a montagem do livro com as imagens, disponha-o no microcenário de expressão para que as crianças bem pequenas possam manuseá-lo.

2. Obras de arte

Imagens e fichas avulsas para compor cenários, microcenários e ambientes da creche, para serem articuladas com propostas da turma ou utilizadas em trajetos. Para cada imagem, haverá uma ficha correspondente com uma legenda informativa contendo título, autor e data da obra.

Composto de:

- ✓ Imagens de obras de arte.
- ✓ Ficha com legenda de informações para cada obra.

Materiais

Imagens das obras avulsas selecionadas (p. 288 a 296), fichas de legendas das obras selecionadas, tesoura, cola bastão, folha A4 120 g, papel-cartão branco (30 × 40 cm), plástico autoadesivo transparente ou, se possível, plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as imagens e legendas correspondentes.
- ✓ Para que fiquem mais resistentes, cole, utilizando uma cola bastão, as folhas impressas em papel-cartão branco para fazer uma moldura na imagem.
- ✓ Recorte a ficha de legenda e cole-a na moldura, no canto inferior direito.
- ✓ Plastifique com plástico autoadesivo transparente ou, se possível, usando uma plastificadora.

3. Fichas para exposições

Fichas a serem preenchidas pelo(a) professor(a) para montar uma exposição das produções individuais e coletivas das crianças bem pequenas.

- ✓ Título e data: O(A) professor(a) pode montar uma exposição de produções com base na apresentação de um artista ou de obras temáticas e criar o quadro com o título e a data da exposição.

Exemplo:

[TÍTULO da EXPOSIÇÃO]	[DATA]
-----------------------	--------

LINHAS	20 de abril de 2022
--------	---------------------

Obras de arte

- ✓ Nome da criança ou do grupo: modelo para registrar a autoria das crianças em suas produções. As produções podem ser individuais, em duplas, em pequenos grupos ou de toda a turma.

Exemplo:

[NOME]

MARIANA

Materiais

Ficha de legenda da exposição ou do nome da criança/do grupo (p. 299), tesoura, cola bastão, folha A4 120 g, papel-cartão branco, plástico autoadesivo transparente ou, se possível, usando uma plastificadora.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, a ficha de legenda da exposição ou do nome da criança/do grupo correspondente.
- ✓ Para que fiquem mais resistentes e para fazer uma moldura, cole, utilizando uma cola bastão, as folhas impressas em papel-cartão de tamanho maior.
- ✓ Cole a ficha com o título da exposição junto às produções, em um painel, mural etc.
- ✓ Preencha as fichas de nomes com o nome da criança responsável pela produção e as plastifique. Assim, sempre que houver uma exposição dessas produções, as fichas contendo os nomes dos respectivos autores poderão ser reutilizadas. Quando a obra for coletiva, escreva o nome de cada criança que fez parte de sua produção.

● Para ampliar

Organize um mural cultural

Com o grupo de professores(as) e com a participação das famílias, construa um mural cultural em um espaço de circulação de toda a comunidade da creche. Nesse mural, cole materiais relacionados a exposições e espetáculos culturais que estão acontecendo na cidade e arredores, como pôsteres, cartilhas e cartazes. Selecione os materiais de divulgação e convide as crianças a participar da montagem e atualização do mural. Nesse processo, leia as informações relevantes dos pôsteres, mostre a imagem e converse com as crianças sobre o evento cultural. Dê preferência a eventos gratuitos e a informe os dias em que atrações como museus, cinemas e concertos oferecem entradas a preços populares. Essa ação incentiva a ampliação do acesso à cultura.

● Indicações para pesquisa on-line sobre artistas e obras de arte

- ✓ Visite as obras do artista uruguaio Pedro Figari, disponível em: <<https://www.museofigari.gub.uy/>>.
- ✓ Visite as obras do acervo do Instituto de Arte de Chicago, disponível em: <<https://www.artic.edu/collection>>.
- ✓ Visite as obras e conheça a história da artista mexicana Frida Kahlo, disponível em: <<https://fridakahlo.com.br/>>.
- ✓ Visite as obras do artista espanhol Pablo Picasso, disponível em: <<https://www.pablocicasso.org/picasso-paintings.jsp>>.
- ✓ Conheça o *Livro da Arte Gráfica Wayana e Aparai*, a história e as características da arte indígena desses dois povos, disponível em: <<https://www.institutoiepe.org.br/media/livros/Livro%20Wayana%20e%20Aparai.pdf>>.
- ✓ Visite as obras da artista brasileira Tarsila do Amaral, disponível em: <<http://tarsiladoamaral.com.br/>>.
- ✓ Visite as obras do artista brasileiro Candido Portinari, disponível em: <<http://www.portinari.org.br/>>.

Obras de arte

- ✔ Visite algumas obras de arte afro-brasileiras no *site* do Museu Afro Brasil, disponível em: <<http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/movimentosestetico/artes-afro-brasileira>>.
 - ✔ Conheça mais sobre a arte Naïf na reportagem da TV Brasil sobre o Museu Internacional de Arte Naïf (MIAN) do Brasil, disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=i3QBbwpr49c&feature=youtu.be>>.
- Acessos em: 26 ago. 2020.

● Indicações literárias

- ✔ **Alfarte**, de Anne Guéry e Olivier Dussoutour, Companhia das Letrinhas.
- ✔ **O artista que pintou um cavalo azul**, de Eric Carle, Editora Callis.
- ✔ **A vida não me assusta**, de Maya Angelou, Editora Darkside.
- ✔ **Frida**, de Jonah Winter, Cosac Naify.
- ✔ **Tarsila e o papagaio Juvenal**, de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte, Editora do Brasil.
- ✔ **Crianças famosas – Portinari**, de Nadine Trzmielina e Angelo Bonito, Callis.

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

Campos de experiências	Objetivos de aprendizagem e desenvolvimento implicados	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO03 EI01EO04 EI01EO06	EI02EO01 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO05 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG01 EI01CG02 EI01CG03 EI01CG05	EI02CG01 EI02CG05
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF01 EI01EF04 EI01EF06 EI01EF07	EI02EF01 EI02EF06
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05 EI01ET06	EI02ET01 EI02ET02 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS02	EI02TS02

Obras de arte

1. ABCDARTE



Autor: Wassily Kandinsky
Título da obra: Improvisação
n. 30 (Canhões)
Ano: 1913

ARTHUR JEROME EDDY MEMORIAL COLLECTION - ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

ÁRVORE

A



Autor: Piet
Mondrian
Título da obra:
A árvore vermelha
Ano: 1908-1910

MUSEU MUNICIPAL DE HAIA, HAIA

Obras de arte

BEBÊ

B



ALBERT ECKHOUT-NATIONALMUSEET, COPENHAGUE

Autor: Albert Eckhout
Título da obra: Índia Tupi
Ano: 1641

CANÇÃO

C



PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

Autor: José Ferraz de Almeida Júnior
Título da obra: O violeiro
Ano: 1899

Obras de arte

DANÇA

D



Autor: Pedro Figari

Título da obra: Candombe

Ano: 1921

MUSEO FIGARI, MONTEVIDEO

ELEFANTE

E



Autor: Manufatura de Gobelins

Título da obra: O elefante
ou O cavalo Isabel (série
Pequenas Índias)

Ano: 1723-1730

MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO (MASP)

Obras de arte

FRUTAS

F

Autor: Albert Eckhout

Título da obra: Parada no Mercado Leste Indiano na Batavia

Ano: 1640



MUSEU NACIONAL DOS PAÍSES BAIXOS, AMSTERDÁ

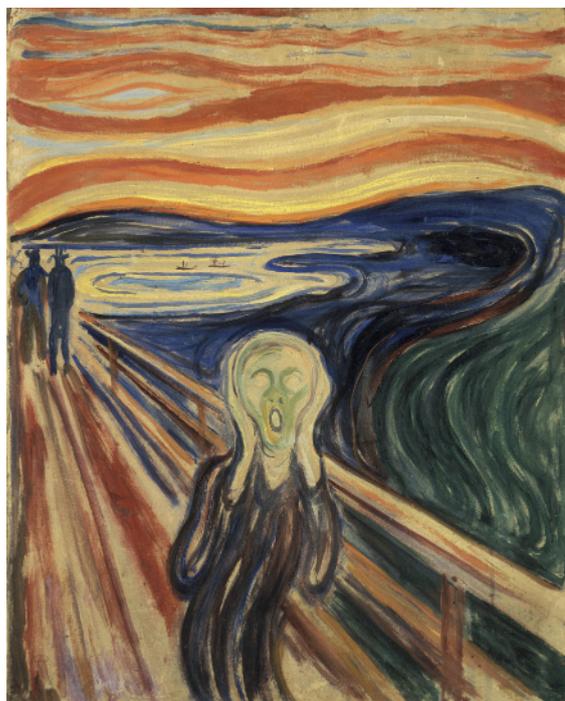
GRITO

G

Autor: Edvard Munch

Título da obra: O grito

Ano: 1893



GALERIA NACIONAL DE ARTE, OSLO

Obras de arte

HOMEM

H



Autor: Winslow
Homer

Título da obra:
O ventilador
de água

Ano: 1898-1899

THE ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

INSTRUMENTOS

I



Autor: Gerard ter Borch

Título da obra: Aula de música

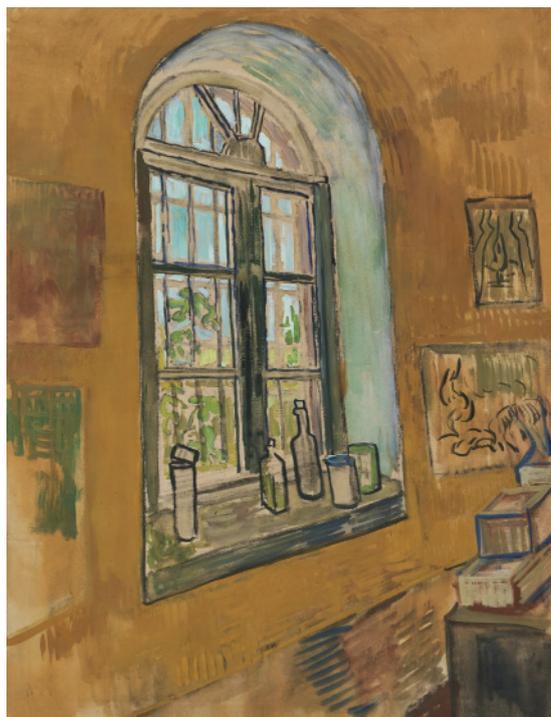
Ano: 1670

THE ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte

JANELA

J



Autor: Vincent van Gogh

Título da obra: Janela do estúdio

Ano: 1889

MUSEU VAN GOGH, AMSTERDÁ - FUNDAÇÃO VINCENT VAN GOGH

KIMONO

K



Autor: Katsukawa Shunsho

Título da obra: O ator Yoshizawa Iroha

Ano: 1776

FREDERICK W. GOOKIN COLLECTION - THE ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte

LEOA

L



Autor: Pierre Andrieu

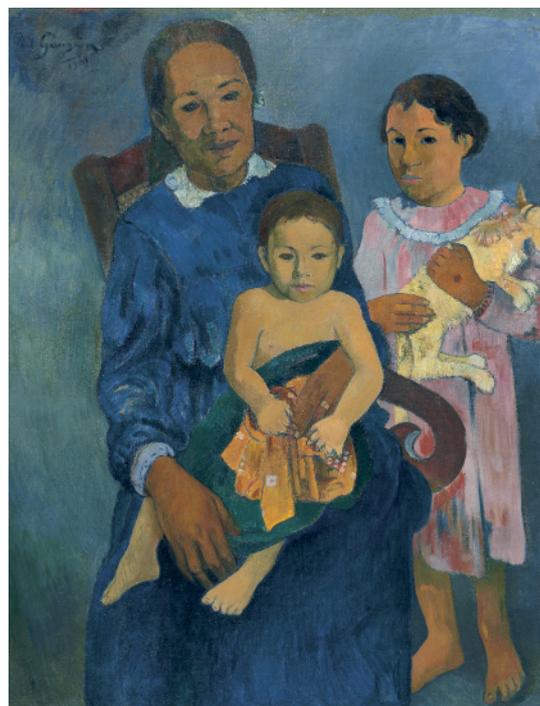
Título da obra: Leoa ferida

Ano: 1840-1850

ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO



MÃE
M



Autor: Paul Gauguin

Título da obra: Mulher polinésia e crianças

Ano: 1901

HELEN BIRCH-BARTLETT MEMORIAL COLLECTION - ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO



Obras de arte

NADADORES

N



Autor: Edvard Munch

Título da obra: Banho dos meninos

Ano: 1896

ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

OVOS

O



Autora: Fidelia Bridges

Título da obra: Ninho de passarinhos e samambaias

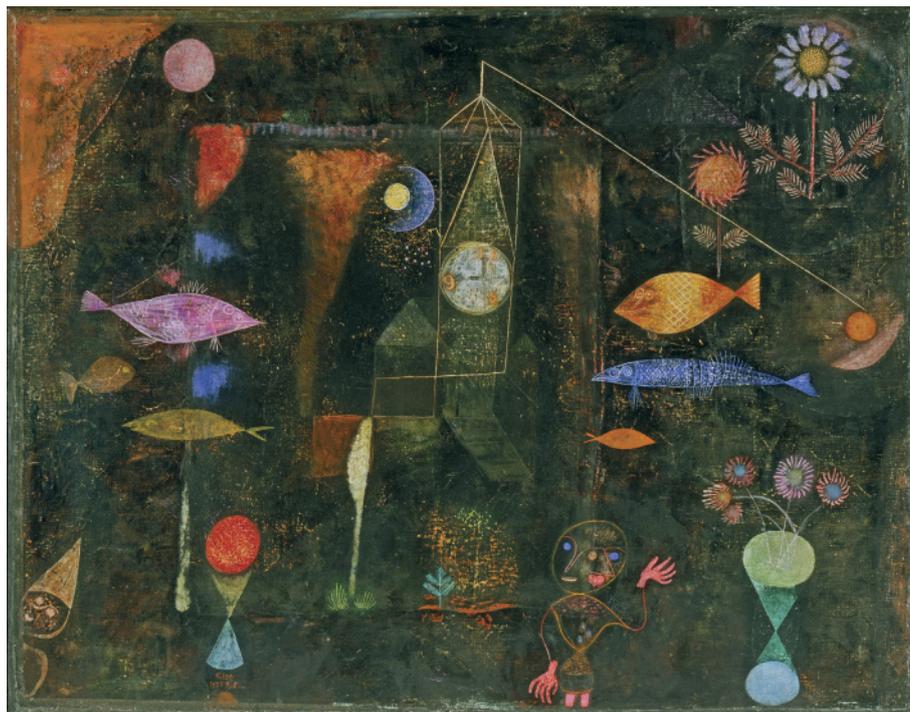
Ano: 1863

ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte

PEIXES

P



Autor: Paul Klee

Título da obra:

Peixe mágico

Ano: 1925

THE LOUISE AND WALTER ARENSBERG COLLECTION - MUSEU DE ARTE DA FILADÉLFIA, FILADÉLFIA

QUARTO

Q



Autor: Vincent van Gogh

Título da obra: O quarto

Ano: 1888

VAN GOGH MUSEUM, AMSTERDAM - VINCENT VAN GOGH FOUNDATION

Obras de arte

RISADA

R



Origem: Veracruz, México

Descrição: Em pé sorrindo

Ano: 600-900

BEQUEST OF LESTER K. AND ROSALYN W. OLIN - ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

SONO

S



Autor: Kitagawa Utamaro

Título da obra: Peixe dourado

Ano: 1802

ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte

TIGRE

T

Autor: Pierre
Andrieu
Título da obra:
Tigre descansando
Ano: 1830



ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

URSO

U

Autor: Antoine Louis Barye
Título da obra: Urso
do Mississípi
Ano: 1802



ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte

VITÓRIA-RÉGIA

V

Autor: Claude
Monet

Título da obra:
Nenúfares

Ano: 1919



MUSEU MARMOTTAN MONET, PARIS

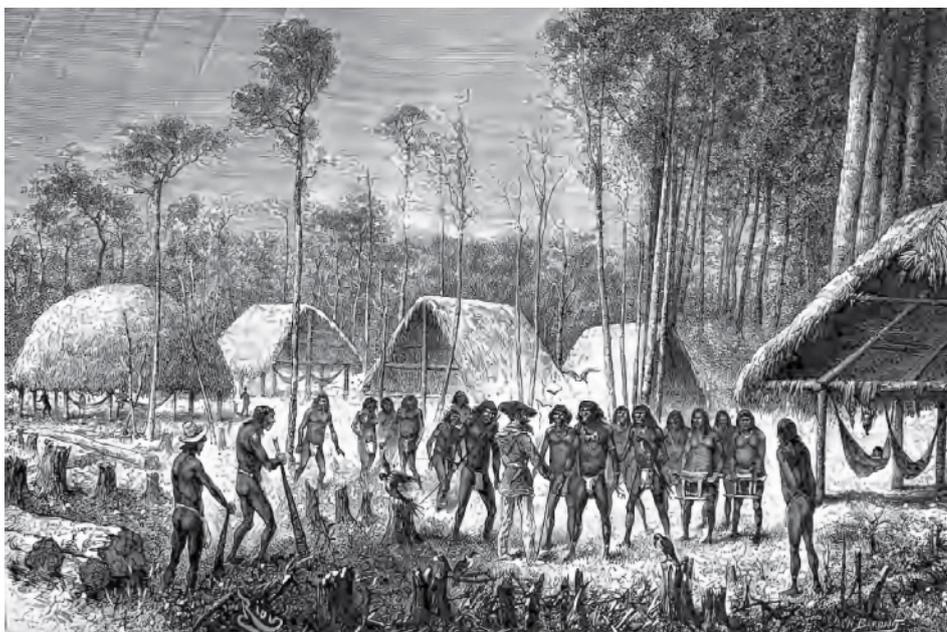
WAYANA

W

Autor: Cayenne aux
Andes

Título da obra:
Chegada de Jules
Crevaux a uma
aldeia Wayana

Ano: 1876-1879



COLEÇÃO PARTICULAR

Obras de arte

XÍCARA

X



Autora: Suzanne Valadon

Título da obra: A mãe da artista

Ano: 1912

MUSEU DE ARTE MODERNA, CENTRO GEORGES POMPIDOU, PARIS

YORUBA

Y



Origem: Yoruba (grupo étnico-linguístico da África Ocidental), Nigéria

Título da obra: Máscara yoruba para o Rei Obalufon II

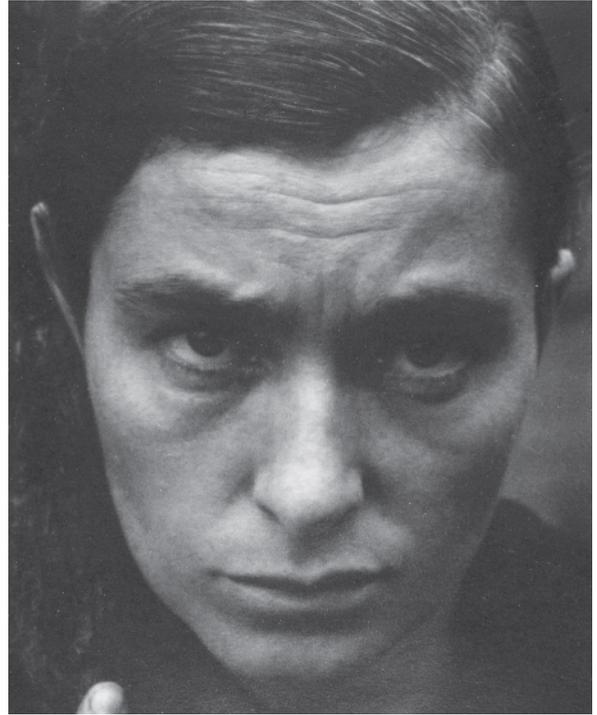
Ano: cerca de 1300

MUSEUM OF ANTIQUITIES AND CONTEMPORARY AFRICAN ART, NIGÉRIA

Obras de arte

ZANGADA

Z



Autor: Alfred Stieglitz

Descrição: Retrato de Rebecca Salsbury Strand

Ano: 1922

Obras de arte

2. IMAGENS AVULSAS



Autor: Paul Cézanne

Título da obra: Cesta de maçãs

Ano: 1893

ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte



ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Autor: Claude Monet
Título da obra: Maçãs e uvas
Ano: 1880

Obras de arte



MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO (MASP)

Autor: Jan van Oolen

Título da obra: Pátio com galinhas, galo e cachorro

Ano: 1601-1700

Obras de arte



Autor: Katsushika Hokusai

Título da obra: Abaixo da onda de Kanagawa

Ano: cerca de 1833

CLARENCE BUCKINGHAM COLLECTION-ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Obras de arte



ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Autora: Mary Cassatt

Título da obra: O banho da criança

Ano: 1893

Obras de arte



MUSEU DE ARTE DE SÃO PAULO ASSIS CHATEAUBRIAND, SÃO PAULO (MASP)

Autor: Paul Klee

Título da obra: Circo ambulante

Ano: sem data

Obras de arte



MUSEO FIGARI, MONTEVIDEO

Autor: Pedro Figari

Título da obra: Candombe

Ano: 1921

Obras de arte



ART INSTITUTE OF CHICAGO, CHICAGO

Autor: Pierre-Auguste Renoir

Título da obra: Crisântemos

Ano: cerca de 1882

Obras de arte



MUSEU METROPOLITANO DE ARTE DE NOVA YORK, NOVA YORK

Autor: Vincent van Gogh

Título da obra: Madame Roulin e seu bebê

Ano: 1888

Obras de arte

3. FICHAS

- Título e data: O(A) professor(a) pode planejar uma exposição de produções de variados artistas ou de obras com o mesmo tema, criar o título e definir a data da exposição.

Exemplo:

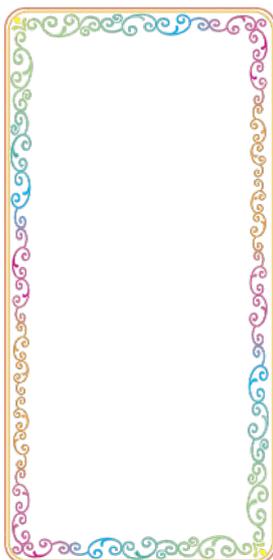


Título da exposição:
Data:

Ano: 20 de abril de 2022

- Nome da criança ou do grupo: modelo para registrar a autoria das crianças em suas produções, que podem ser individuais, em duplas, em pequenos grupos ou de toda a turma.

Exemplo:



Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

- Crianças a partir dos 3 anos

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 7: Garatujar e desenhar

● Contextualização

É muito provável que, quando criança, você tenha colecionado algum objeto: conchas, pedras, selos, figurinhas, carrinhos, lápis etc. A origem das coleções na humanidade é controversa, mas existem indícios arqueológicos de que na Pré-história já se acumulavam objetos que não eram necessários à sobrevivência humana, o que indica o hábito de colecionar. Ou seja, há muito tempo, o ato de colecionar caminha junto com a humanidade. Leia o texto a seguir.

Pequena história do colecionismo

[...]

Para começar uma coleção, primeiro precisa haver uma preocupação além da utilidade. Essa preocupação talvez tenha começado a surgir há mais ou menos 400-600.000 anos, com fragmentos de ocre vermelho, lascas de ossos, pedras de calcário com incisões intencionais.

[...]

Na Mesopotâmia surgem os primeiros livros da humanidade, a escrita cuneiforme e as primeiras bibliotecas. Além das bibliotecas, o colecionismo se mostrava também em atitudes de saques, quando obras eram roubadas de seu lugar de origem. Assurbanipal, por exemplo, tirou do Egito dois obeliscos e 32 esculturas.

Agora, um grande pulo para a Grécia da Antiguidade Clássica, pois a Grécia é importantíssima para entender o colecionismo e os museus. Aliás, a palavra **museu** vem da Grécia, dos chamados *Muséions*, os Templos das Musas.

[...]

Na Idade Média, as coleções mudam. Livros, relíquias, objetos sagrados e tesouros eram mantidos nas igrejas. Tanto a Igreja quanto os reis monopolizavam a atividade artística e, por isso, poucos tinham acesso a essas coleções religiosas e principescas.

No entanto, esse monopólio começa a se desfazer perto do fim da Idade Média. A partir do século XIV, formaram-se novos grupos sociais que passaram a acumular coleções profanas, como os humanistas, os artistas e os cientistas. [...]

Surgem então os Gabinetes de Curiosidades, que reuniam diversos objetos, espécimes de fauna e flora, obras raras e exóticas e diversas curiosidades, verdadeiras “câmaras das maravilhas” onde reinava o amontoamento.

No auge no Iluminismo incorpora-se a essa prática colecionista caracteres sistemáticos, científicos e especializados, superando a curiosidade para o conhecimento histórico e científico. [...]

[...] A partir do século XVII começa uma pressão por maior acesso a essas coleções e devido a essa pressão e ao interesse de tornar as coleções de história natural acessíveis, surgem os primeiros museus (Musaeum Ashmoleanum, 1683, pela Universidade de Oxford) e bibliotecas públicas (como as bibliotecas Bodleiana, fundada em 1602 em Oxford, e a Ambrosiana, fundada em 1609, em Milão).

[...]

Pequena história do colecionismo. **Viver Museu**, 11 abr. 2015. Disponível em: <<https://vivermuseu.wordpress.com/2015/04/11/pequena-historia-do-colecionismo/>>. Acesso em: 6 ago. 2020.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

Veja só! Os museus e as bibliotecas surgiram do ato de colecionar. A própria palavra **coleccionar** deriva da palavra **ler** em latim, *legere*, que significa “colher, escolher, recolher” letras e palavras. Colecionar é a junção de *co* com *legere*, o ato de escolher para criar conjuntos.



O livro das combinações e O menino que sabia colecionar

ArteLetra Literatura

<<https://www.youtube.com/watch?v=RhEyuDHCHkU&feature=youtu.be>>

Acesso em: 24 jul. 2020.

Na entrevista, o jornalista Edison Veiga conta sobre o processo de criação de seu livro **O menino que sabia colecionar**. As falas de Edison retratam a riqueza do pensamento lúdico infantil e como, por meio da imaginação, uma gota pode nos fazer lembrar da letra **O** e as palavras podem ser colecionáveis por seus significados. Afinal, dentro de cada palavra, mora todo seu campo semântico. O mais importante é se encantar e se envolver pela coleção.

O fotógrafo e escritor Mário Rui Feliciani fala do **Livro das combinações** e nos provoca a pensar na organização de coleções com um coletivo de crianças. Se para colecionar precisamos definir critérios de seleção e classificação, será necessário chegar a acordos coletivos, uma inteligência relacional essencial para um convívio participativo e democrático.

Salustiano, o Colecionador de “S”

Quintal da Cultura

<<https://www.youtube.com/watch?v=FSEJY0MMiFs&feature=youtu.be>>

Acesso em: 24 jul. 2020.

O programa brinca com a ideia das coleções ao contar que Salustiano Silveira Silva coleciona objetos e palavras que começam com a letra “S”: selos, sacolas, serrotes, sapatos, silêncios, sustos, sons etc. Uma forma divertida de brincar com as palavras.

Dica cultural para os(as) professores(as):

Trailer do filme **O menino e o mundo**

Acesso em: 24 jul. 2020.

Pode-se dizer que, no longa-metragem dirigido por Alê Abreu, o menino coleciona sons dentro de uma latinha como uma forma de eternizar na memória os barulhinhos da flauta do pai e das cantigas da mãe que constituem sua subjetividade e história. O filme retrata as mudanças e os desafios do mundo moderno com base no olhar de uma criança.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

● Intencionalidade educativa

- Para saber mais como utilizar as coleções de linhas, letras e números, ver Manual do Professor, Capítulo 7 (Garatujar e desenhar).

A partir dos 3 anos, o ato de colecionar se torna pulsante nas crianças. Isso porque sua curiosidade e encantamento pelos elementos e objetos que compõem o mundo adquirem novas dimensões com o desenvolvimento de noções lógico-matemáticas que envolvem a classificação e a ordenação. Para um conjunto se tornar uma coleção, é preciso que dois requisitos sejam considerados: uma quantidade maior que um e a estipulação dos critérios de seleção.

Se todo conjunto com mais de um elemento pode ser colecionável, na perspectiva da criança, há um mundo todo para ser colecionado: chuva, gravetos, espantos, encantos, sementes, fotografias, livros, estrelas, desenhos, penas... Neste material gráfico, propomos três coleções: de linhas, de letras e de números.

✓ **LINHAS:** As crianças bem pequenas estão explorando e descobrindo o traço. Elas percebem que, quando movimentam o corpo segurando um riscante, produzem traços nas superfícies. Esse prazer motor é o que motiva inicialmente os pequenos a desenhar. Muitas vezes, ao visualizar o traço gerado, as crianças percebem uma forma e a nomeiam *Uau! Parece um jacaré, agora é um jacaré.*

De acordo com a artista plástica e pesquisadora Edith Derdyk¹, esse processo de abstração demanda que a criança associe, relacione, combine, identifique, sintetize e nomeie a forma. É, portanto, um complexo processo em que a criança captura a linha e a classifica, com base em sua memória visual, determinando-a: *esta é uma ponte; esse parece um caracol; ali é a linha do trem; aqui são os cachinhos do cabelo do meu pai; e assim por diante.* São das linhas que nascem as linguagens gráficas. Um rabisco, uma garatuja, um desenho e uma palavra têm em comum o traço contínuo que forma linhas horizontais, diagonais, verticais, espirais. Formas retas, circulares, ziguezagues, ondulantes, elípticas. A criança se depara com a linha em traços riscados e pintados, na massinha e na argila modeladas, no espaguete da macarronada. Há pequenas linhas em um prato de arroz, nas folhagens, nos insetos, na palma das nossas mãos, no olhar de nossos avós. No horizonte, reconhece a linha nas ondas do mar, no trilho do trem, nos fios de luz, em uma escada e em um caracol. Por onde a gente olhar, lá vamos encontrá-la. As linhas que as crianças encontram em seus desenhos, as linhas traçadas pelas crianças, as linhas que podem ser encontradas em nosso corpo, as linhas encontradas no quintal, as linhas encontradas em casa e as linhas encontradas no caminho da casa até a escola são alguns exemplos de temas para coleções de linhas.



Linhas traçadas pelas crianças.

MICHEL RAMALHO

¹ DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho:** desenvolvimento do grafismo infantil. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Linhas da palma da mão.



Linhas nas plantas e no caracol.

✔ **LETRAS:** um conjunto de linhas convencionadas forma uma letra, um conjunto de letras forma uma palavra, um conjunto de palavras forma uma frase. A linha passa para o papel a palavra falada. Essas linhas convencionadas que chamamos **letras** estão por toda parte: no letreiro do ônibus, na receita de bolo, na bula dos remédios, nas placas de direção da cidade, nos convites de aniversário, nas teclas dos computadores e celulares, nas placas dos carros, nos produtos e nas prateleiras do mercado, nos recados escritos nas agendas pelos(as) professores(as) etc. Desde bebês, as crianças entram em contato com essas formas, percebem esses símbolos espalhados pelos espaços, observam os adultos lendo e escrevendo, decifrando esses símbolos e fazendo-os saírem por suas bocas em forma de palavras. *É dentro dessas linhas do livro que mora essa história de que eu gosto tanto? É essa lista de produtos que guarda a memória do que precisamos comprar no mercado? Neste rótulo, está escrito o nome dessa comida de que eu gosto tanto? Para podermos fazer a receita de biscoito de polvilho, precisamos ler o passo a passo de como fazer? Há letras no meu nome que está escrito no meu armário e na minha mochila?* Assim, as crianças vão compreendendo as muitas funções da linguagem escrita nas vivências cotidianas.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

✔ **NÚMEROS:** são também conjuntos de linhas que formam a expressão gráfica dos números. Os números representam quantidades graficamente. A quantidade de horas em um relógio, a quantidade de crianças da turma, a quantidade de objetos de uma coleção, a quantidade de pratos e talheres que precisam ser colocados sobre a mesa, a quantidade de anos que temos etc. Eles também estão presentes como forma de identificação em códigos, senhas, carteira de identidade, número de telefone, entre outros. Os números estão nas placas dos carros, em frente às casas, no elevador, nas teclas de um telefone, nos preços dos produtos... Por onde mais encontramos números? Que tal colecionar objetos que contenham números? Ou recortes de revista, embalagens, jornais? Fotografias de placas, letreiros, *outdoors*?



Números no relógio.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

A intencionalidade pedagógica das coleções de linhas, letras e números é a de oferecer oportunidades para que as crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo a materialidade das coleções como mediadoras. <input checked="" type="checkbox"/> Compartilhar os modos próprios de fazer de uma coleção. <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer diferentes modos de fazer, ampliando seu repertório de ações. <input checked="" type="checkbox"/> Participar de momentos coletivos e individuais. <input checked="" type="checkbox"/> Fortalecer vínculos e engajar as famílias a participar das propostas de coleções. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenário de expressão. <input checked="" type="checkbox"/> Trajetos Garatujar e desenhar. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Expressar-se <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Explorar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Descrever <input type="checkbox"/> Compreender <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Classificar <input type="checkbox"/> Enfileirar <input type="checkbox"/> Organizar <input type="checkbox"/> Criar padrões <input type="checkbox"/> Sequenciar <input type="checkbox"/> Contar <input type="checkbox"/> Reconhecer <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses provisórias 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <input type="checkbox"/> (Ver Manual do Professor, Capítulo 1)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Expressar-se por meio de diversas linguagens para produzir coleções. <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer a história e os trabalhos de artistas brasileiros e estrangeiros relacionados com seus temas de interesse nas coleções. <input checked="" type="checkbox"/> Explorar uma variedade de materiais, como argila, massinha, papel, tinta, carvão, lápis, lápis aquarela, giz de quadro e de cera, entre outros, para criar formas bi-dimensionais ou tridimensionais. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo e movimentos ao explorar o traço por meio do gesto. 			
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Fazer uso da linguagem verbal para definir os critérios da coleção. <input checked="" type="checkbox"/> Descrever as características dos elementos que compõem a coleção: sua forma, textura, peso, cor, e nomear as semelhanças e as diferenças entre os objetos. 			

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

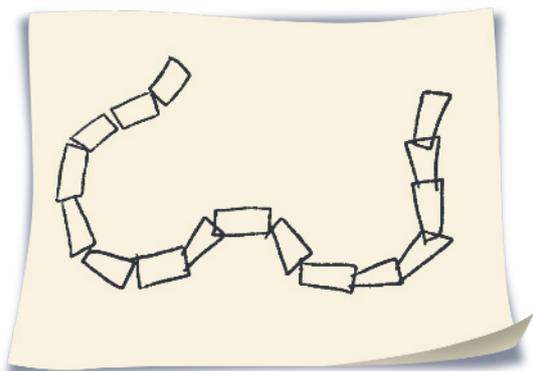
Intencionalidade Pedagógica	Ambiente	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Construir conhecimentos lógico-matemáticos ao comparar semelhanças e diferenças, classificar, enfileirar, sequenciar, criar padrões ao definir critérios para os elementos que compõem a coleção. ✓ Reconhecer formas geométricas. ✓ Elaborar hipóteses provisórias sobre os critérios que utilizam para classificar a coleção. 			

Sugestões de uso

Como pode surgir uma coleção de linhas?

1. Para colecionar, é preciso que as crianças venham reiteradamente fazendo ações de juntar, enfileirar, empilhar, ordenar ou classificar objetos, mostrando, assim, interesse pela seleção e organização de elementos naturais e outras materialidades.
2. Para fazer uma coleção de linhas, as crianças precisam demonstrar interesse por elas por meio da reiteração dos traços. Quando as formas se tornam recorrentes e intencionais: círculo com círculos pequenos dentro; círculos radiados; círculos, retângulos, riscos enfileirados; linhas em ziguezague; linhas com ondulações; cruzeiros sobrepostos e espirais. A linguagem que mais manifesta esse interesse são os grafismos. Observe e registre o desenvolvimento do grafismo de cada criança e o que conversam enquanto desenham.

Atenção: Propostas com argila e massinha também incentivam as crianças a produzir formas de linhas com volumes. As frequentes minhocas e cobras são exemplos.



ILUSTRAÇÕES: MICHEL RAMALHO

3. Enquanto as crianças desenhavam, o(a) professor(a) pode perguntar: “Como você fez esta linha? Esta linha tem um nome?”. Insira, de forma contextualizada, o termo **linha** no vocabulário das crianças.
4. Mas o que seria uma coleção de linhas? O que sabemos sobre coleções? O professor(a) pode lembrar com as crianças seus saberes sobre coleções diversas, com base naquelas que já fizeram na creche: pedras, gravetos, folhas, sementes etc. Assim, pergunte: O que precisamos para fazer uma coleção? Ao conversar com as crianças, o adulto já destaca os dois requisitos: uma quantidade maior que um e a estipulação dos critérios de seleção.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

5. Após a conversa sobre como se faz uma coleção, proponha a construção de uma coleção da turma.
Exemplo: “Tenho observado que vocês têm produzido muitas linhas quando desenham. A criança (citar o nome) me disse outro dia que sua linha era bem comprida e por isso se chamava ‘Pescoço de girafa’. No quintal, vocês fazem linhas com gravetos na areia. Que tal se colecionarmos linhas?”
6. Proponha outras conversas em pequenos grupos para a organização da coleção. Traga desenhos com linhas feitos pelas crianças. Pergunte: “Como é esta linha? Com o que ela se parece? Qual pode ser o nome dela?”
7. Distribua papéis do mesmo tamanho, de preferência com gramatura acima de 300 g, e canetão de cor preta para cada criança desenhar uma linha em seu papel. Fixe as produções das crianças em um painel intitulado “Coleção de linhas”.
8. Pesquise com as crianças os elementos que compõem a coleção: “Onde podemos encontrar essas linhas? Vamos pesquisar?”
9. Proponha a pesquisa em pequenos grupos equipados com lupas e, se possível, máquina fotográfica, para as crianças investigarem e registrarem as linhas que encontrarem. Partilhem suas descobertas em uma roda de conversa.
10. Organize no microcenário de expressão: 1. Livro com coleção de linhas; 2. Linhas para composição com pedrinhas e sementes; 3. Papéis de diferentes tamanhos e riscantes para a produção de novas linhas; 4. Exposição de imagens de coleções (edificações, objetos, partes do corpo, animais, elementos da natureza etc.), organizadas na altura das crianças.
“Quantos tipos de linhas tem a coleção? Qual é a maior linha? Qual é a menor linha? Quais são circulares? Com que formas geométricas as linhas se parecem?”

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

● Para ampliar

Convide as famílias para participar!

Comunique as famílias sobre o tema **coleção**, oriente sobre lugares em que se pode encontrar o tema da coleção e informe como elas podem participar. Pergunte:

- ✔ Se alguém da família coleciona algo e quando poderia comparecer na creche para contar a história de sua coleção.
- ✔ Se poderiam trazer objetos, fotografias, recortes de revistas relacionados ao tema da coleção.
- ✔ Como a família poderia inserir o tema da coleção em seu dia a dia (Exemplos: observar e fotografar as placas e as sinalizações da cidade durante um passeio no fim de semana; ao encontrar um elemento relacionado à coleção em uma situação rotineira, mostrar para a criança etc).

Encontrar tesouros no quintal é um grande interesse das crianças

Observe quais são os elementos da natureza mais procurados pelas crianças: gravetos, pedras, insetos, sementes, penas etc. Um processo intenso de coleção pode surgir daí. Se um grupo de crianças volta reiteradamente do quintal com os bolsos cheios de sementes, pode ser um sinal de uma curiosidade sobre elas. Cabe perguntar ao grupo: “Que sementes vocês encontram no quintal? Qual é o nome delas? Onde vocês podem guardá-las? Como podem organizá-las? Em que outros momentos do cotidiano encontramos sementes? Como limpá-las e secá-las? Em suas casas também há sementes? Vocês gostariam de colecionar sementes?”. Confira o trajeto Passeando na natureza (ver Manual do Professor, Capítulo 6).

● Dicas literárias com o tema das coleções

Existem muitos livros que ilustram a potencialidade do encontro entre as coleções e a imaginação das crianças. Os livros contam, de forma lúdica e contextualizada, o que podem ser coleções. Em um projeto de coleção, insira livros sobre o tema nos momentos de roda e no microcenário de literatura. Conheça alguns títulos:

- ✔ **A menina que colecionava pedras**, de Catarina Rielli Vieira, Edição do autor.
- ✔ **O colecionador de palavras**, de Peter H. Reynolds, Globo Livros.
- ✔ **O colecionador de pedras**, de Prisca Agustoni, Paulinas.
- ✔ **O menino que coleciona guarda-chuvas**, de Alexandre de Castro Gomes, Editora Globo.
- ✔ **O menino que colecionava lugares**, de Jader Janer, Mediação.
- ✔ **O menino que sabia colecionar**, de Edison Veiga, Panda Books.

Obras de arte

Muitos artistas, como estes cujos nomes estão relacionados a seguir, têm a **linha** como característica marcante em seus trabalhos. Conheça e explore com as crianças as obras e a relação desses artistas com as linhas. Assim, estará ampliando o repertório cultural das crianças e suas referências estéticas sobre o tema linhas.

Cláudio Paiva

Edith Derdyk

Iberê Camargo

Paul Klee

Regina Silveira

Tomie Ohtake

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



NOEL PORTUGAL CC BY 2.0/WIKIMEDIA FOUNDATION

Escultura de Tomie Ohtake na cidade de Santos, estado de São Paulo, 2010.



PAUL KLEE - COLEÇÃO PARTICULAR

Castelo e sol, 1928, de Paul Klee. Óleo sobre tela, 50 x 59 cm. Coleção particular.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS
	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI02EO03 EI02EO04 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI02TS02
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI02EF01 EI02EF05 EI02EF07 EI02EF08 EI02EF09
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI02ET01 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07 EI02ET08

● Linhas para composições

Material Digital para contribuir para a coleção de linhas.

Materiais

Impressão dos modelos de linhas (página 311), se possível em papel mais grosso, cola bastão e plástico adesivo.

Passo a passo

- Imprima, em apenas um lado do papel, os modelos de linhas.
- Para que fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las. Ou, se preferir e for possível, plastifique as folhas.

Sugestão de uso

Proponha, em pequenos grupos, produções com a coleção de linhas; disponha pedrinhas, sementes e outros elementos para que as crianças elaborarem as suas composições tendo a coleção como inspiração.

Após estarem familiarizadas com a proposta, insira as **Linhas para composição** com os recipientes (cestas, caixinhas, latas etc.) contendo as pedrinhas e sementes no microcenário de expressão junto à coleção de linhas.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

● Letras móveis

Material Digital para contribuir para a coleção de letras.

Materiais

Impressão das letras móveis (páginas 311 a 315), se possível em papel mais grosso, tesoura, plástico adesivo e cola bastão, caixinha ou cesta.

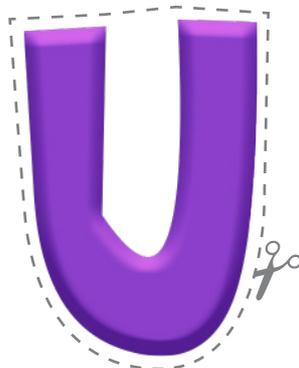
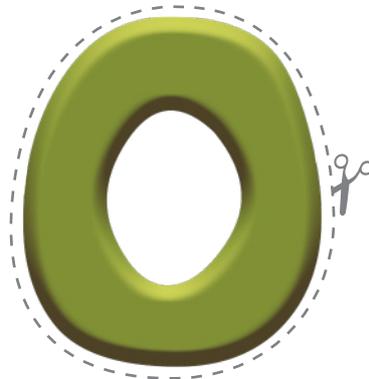
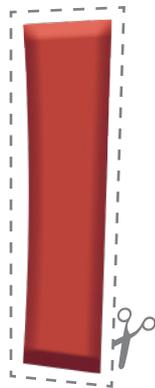
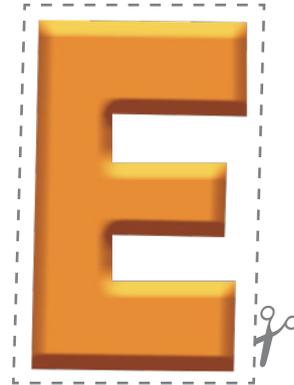
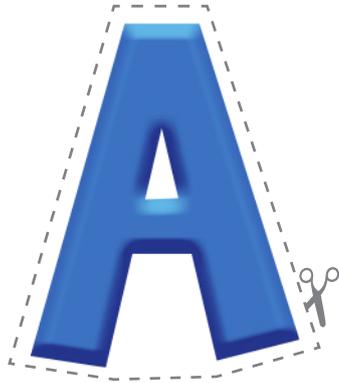
Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, as letras móveis.
- ✓ Para que as letras fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-las, depois, impermeabilize com plástico adesivo. Ou, se for possível, plastifique-as.

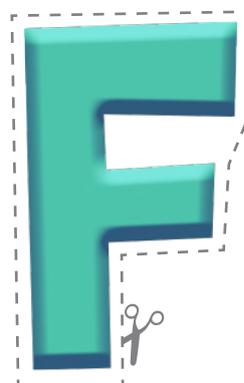
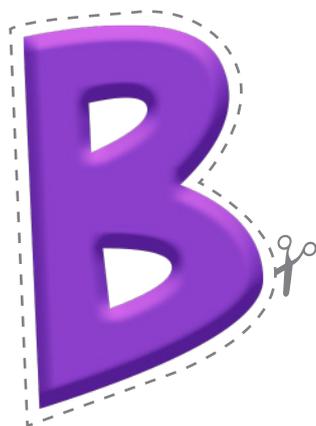
Sugestão de uso

Disponibilize uma caixinha com as letras móveis junto às coleções que envolvam letras ou palavras para as crianças abrirem, brincarem com as letras, reconhecerem letras que compõem seu nome e compararem as letras com aquelas encontradas na coleção.

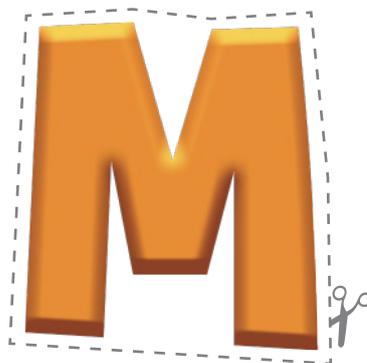
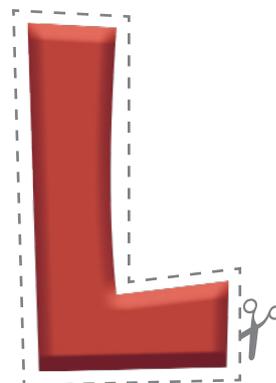
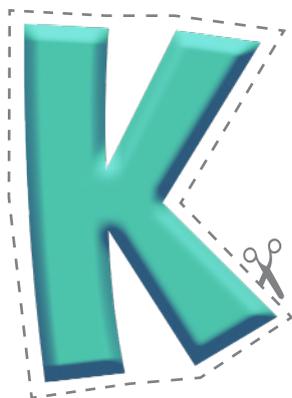
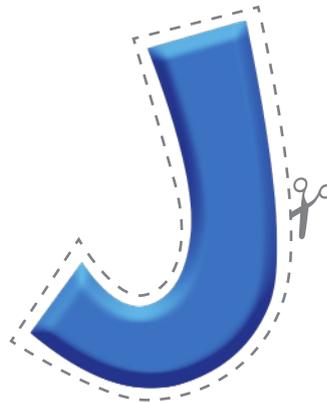
Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



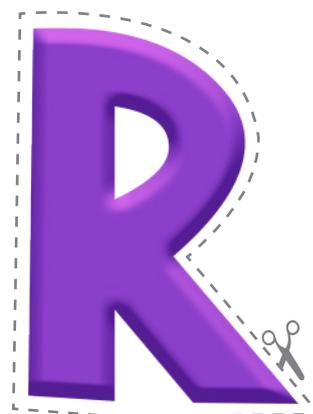
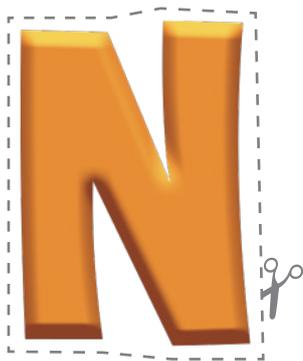
Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



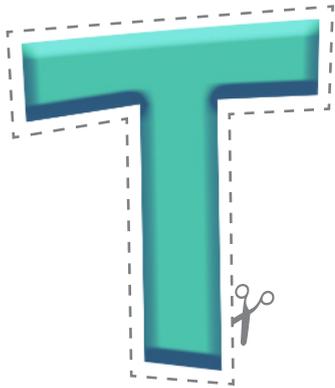
Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números

● Números móveis

Material Digital para contribuir para a coleção de números.

Materiais

Impressão dos números móveis (páginas 317 e 318), se possível, em papel mais grosso, tesoura, plástico adesivo e cola bastão, caixinha ou cesta.

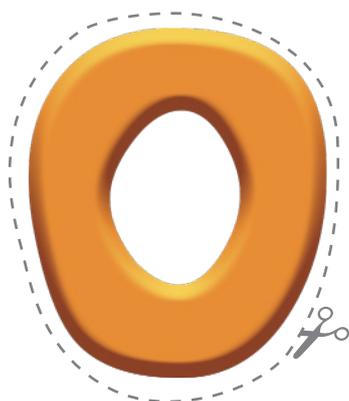
Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, os números móveis.
- ✓ Para que os números fiquem mais resistentes, cole as folhas que imprimiu em um papel mais grosso antes de recortá-los, depois, impermeabilize com plástico adesivo. Ou, se for possível, plastifique-os.

● Sugestões de uso

Disponibilize uma caixinha com os números móveis junto às coleções com temas diversos ou de números. Ao classificar e organizar os elementos dentro dos recipientes ou dos espaços, as crianças iniciam pequenas contagens. A caixinha é um convite para a percepção de que a quantidade é representada por um símbolo gráfico.

Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Coleção de linhas, coleção de letras e coleção de números



Ler e contar histórias

- Bebês e crianças bem pequenas

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Encontrando-se para brincar e escutar histórias
- Capítulo 7: O que contam as histórias?

● Contextualização

A literatura é uma manifestação do potencial humano de criar e imaginar. Por meio das histórias, podemos brincar com o real, ir além, sonhar. É um momento de brincadeira, de imaginação e de faz de conta que chega a nós por meio de lendas, mitos, cantigas, contos populares, parlendas, poesias... Nós vemos e ouvimos as histórias e, embalados pela narrativa, aproximamo-nos da fantasia.

Mas qual é a diferença entre ler e contar uma história?

Contar histórias: muitos elementos podem mediar a contação de uma história. Um chapéu, um lenço, os dedos, as mãos, uma mala, uma caixa, pedras, folhas, gravetos, instrumentos musicais, fantoches, dedoches, jogos de luz e sombras, meias... – são infinitas as formas de representação para contar uma história por meio da palavra, de sons, gestos, mímicas e expressões faciais.

Ler histórias: quando o objeto mediador da história é o livro, então, lê-se a história. Soa simples, mas isso demanda estudo e dedicação, pois ler uma história requer a compreensão da narrativa e de seu ritmo, demanda um cuidado com a voz, com as modulações, com as expressões, com os silêncios e as pausas. Os livros podem conter texto, imagem ou ambos, texto e imagem. Podemos, assim, ler imagens e ler textos com as crianças.

Desde que nascem, os bebês leem imagens o tempo todo. Leem, por exemplo, as diferentes expressões faciais de sua mãe e vão compreendendo os diferentes significados de cada uma delas. Quando leem imagens de um livro, os bebês entram no mesmo jogo: observar, relacionar e significar. Descubrem o livro como descobrem todos os objetos a que têm acesso e usam todos os seus sentidos para conhecê-lo. Olhar, observar, tocar, segurar, morder, babar, cheirar, sentir as diferentes texturas e temperaturas das materialidades que formam o objeto livro. Ele é, então, um brinquedo, um brinquedo que guarda uma narrativa que se abre a cada leitura e manuseio.

Segundo Gianni Rodari (1982)¹, “definir o livro como ‘um brinquedo’ não significa de modo algum faltar com o respeito em relação a ele, mas sim retirá-lo da biblioteca para colocá-lo no meio da vida, para que seja um objeto de vida, um instrumento de vida”.

É na presença cotidiana dos livros e por meio da observação de como o adulto se relaciona com os livros que os bebês e as crianças bem pequenas vão compreendendo os modos de interagir com eles. Os livros ganham outros significados: folhear, narrar, entoar, recontar, inventar, ler, gesticular, fantasiar, imaginar, criar, guardar.

A literatura como manifestação da cultura nos aproxima da nossa identidade e nos chama a conhecer outras realidades; é por meio da literatura que se constroem a singularidade e o respeito ao diverso, que nos nutrimos de experiências exteriores ao meio em que vivemos e ao lugar onde nascemos.

Bebês e crianças bem pequenas atraem-se pela sonoridade rítmica que está presente em versos rimados, cantigas, quadrinhas, poesias, histórias de repetição e contos acumulativos que os ajudam a compreender a sequência da história e a memorizar a narrativa. Antever o que virá na próxima página é muito prazeroso e aumenta a confiança das crianças em si mesmas. Essas características estão presentes nas histórias selecionadas para este material e podem orientar a escolha e a criação de outras histórias.

O objetivo deste material é auxiliar o(a) professor(a) no percurso do Projeto Expressivo (ver o *Manual do Professor*, Capítulo 7) para mediar e auxiliar na construção de uma relação prazerosa e afetiva com a literatura e com os livros e ampliar o repertório cultural, por meio de uma variedade de formas de apresentação dos gêneros literários. Você encontrará suportes para a contação de histórias e para a organização visual das histórias mais significativas para a turma.

¹ RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.

Ler e contar histórias

Mergulhem nas leituras! Vivam intensamente o momento de proximidade e fortalecimento dos vínculos afetivos que podem propiciar as leituras dos livros e a contação de histórias preferidas do grupo de bebês ou crianças bem pequenas. Preze mais a qualidade do que a quantidade de oferta e repita as histórias tantas vezes quantas os bebês e as crianças bem pequenas desejarem. Cada reiteração prazerosa é uma oportunidade de aprendizado na formação leitora dos pequenos.



Leitura para bebês: O que ler? Como ler? Por que ler com os pequenos?

A Taba

No vídeo, a Taba, editora de livros, convida Edi Fonseca, educadora, narradora oral e atriz que trabalha com a formação de professores, a responder às principais dúvidas de pais e educadores sobre leitura para bebês: o que ler? Como ler? Por que ler com os pequenos?

Como prender a atenção das crianças na hora de contar histórias?

Ana Flávia Basso

No vídeo, a contadora de histórias e psicóloga Ana Flávia Basso traz dicas valiosas sobre como começar e finalizar uma história e quais as mais adequadas a cada faixa etária. Em seu *blog* e página de rede social, partilha histórias com gestos e contos rítmicos que encantam os bebês e as crianças bem pequenas.

Dicas de como ler livros para bebês

Fafá conta histórias

No vídeo, a contadora de histórias dá dicas de como ler livros para bebês, além de compartilhar momentos de leitura com sua sobrinha. Alguns dos temas presentes no vídeo são: diferença entre “contar histórias” e “ler histórias”, tipos de histórias, como prender a atenção e a importância da leitura.

Ler e contar histórias

● Intencionalidade educativa

Para saber mais sobre a intencionalidade pedagógica, ver Manual do Professor:

- Capítulo 3: Encontrando-se para brincar e escutar histórias
- Capítulo 7: O que contam as histórias?

A intencionalidade pedagógica de **ler e contar histórias** é a de oferecer oportunidades para que bebês e crianças bem pequenas possam:

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Interagir com seus pares e adultos tendo a materialidade dos livros como mediadores. ✓ Compartilhar os modos próprios de fazer em momentos de contação e leitura de histórias. ✓ Participar de momentos coletivos e individuais de leitura e contação de histórias. ✓ Fortalecer vínculos de troca e participação entre família e creche. ✓ Conhecer-se e conhecer seus pares por meio das diferentes formas de relação com os livros e com os momentos de contação de histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Microcenário de literatura. 	<ul style="list-style-type: none"> ☐ Interagir ☐ Relacionar-se ☐ Compartilhar ☐ Conviver ☐ Participar ☐ Conhecer-se 	<ul style="list-style-type: none"> ☐ Escutar ☐ Planejar ☐ Propor ☐ Observar ☐ Registrar ☐ Analisar ☐ Repropor ☐ Avaliar ☐ Replanejar ☐ Narrar
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer uma variedade de ilustrações de artistas brasileiros e estrangeiros. ✓ Conhecer e criar uma variedade de sons com base no próprio corpo, na voz e em elementos sonoros. ✓ Expressar-se por meio de balbúrcios, palavras, gestos e expressões faciais ao escutar e contar, narrar, encenar e recriar interpretativamente as histórias. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Diferentes ambientes da creche: solário, quintal, biblioteca etc. ✓ Trajetos e projeto com grupos. 	<ul style="list-style-type: none"> ☐ Criar ☐ Expressar-se ☐ Conhecer 	<ul style="list-style-type: none"> ☐ Replanear ☐ Narrar
<ul style="list-style-type: none"> ✓ Comunicar-se e expressar-se por meio de gestos, mímicas, dança e movimentos ao escutar e contar uma história. ✓ Brincar com o corpo e seus movimentos tendo a história como mediadora. 		<ul style="list-style-type: none"> ☐ Comunicar-se ☐ Expressar-se ☐ Brincar 	<p>(Ver Capítulo 1 do Manual do Professor)</p>

Ler e contar histórias

<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Comunicar-se e expressar-se por meio do olhar, de choros, balbucios, palavras, gestos e expressões faciais. <input checked="" type="checkbox"/> Fazer uso da linguagem verbal para escutar, comunicar, negociar, entrar em acordos, confrontar ideias em conversas em roda sobre as histórias. <input checked="" type="checkbox"/> Reproduzir interpretativamente, narrar, criar e imaginar ampliando seu repertório de fantasia ao conhecer e inventar histórias. <input checked="" type="checkbox"/> Ampliar seu repertório linguístico. <input checked="" type="checkbox"/> Imaginar e criar continuidades para histórias. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Acordar <input type="checkbox"/> Confrontar <input type="checkbox"/> Conversar <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Narrar <input type="checkbox"/> Inventar <input type="checkbox"/> Imaginar 	
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Perceber as características dos elementos que compõem os livros: forma, textura, peso, cores etc. <input checked="" type="checkbox"/> Perceber e construir noções temporais por meio de narrativas e imagens que representem a passagem e as mudanças do tempo. <input checked="" type="checkbox"/> Identificar relações espaciais nas imagens dos livros (dentro e fora, em cima, embaixo e do lado). <input checked="" type="checkbox"/> Identificar a sequência de acontecimentos em histórias. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Caracterizar <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Identificar <input type="checkbox"/> Sequenciar 	

Sugestões de uso

O material é composto de personagens de três histórias selecionadas, que podem se transformar em fantoches, compor um teatro de sombras ou imagens para a contação de histórias, e uma proposta didática de organização visual das histórias preferidas da turma – conta-caixa.

Conta-caixa

Trata-se de uma caixa que será composta de:

- capa com o título da história e uma ilustração;
- ficha com a história escrita;
- cenário e personagens da história: fantoches, silhuetas ou imagens.

Indica-se que primeiro ocorram vivências de contação de histórias com as caixas elaboradas no microcenário de literatura. A caixa da história que vem sendo contada pelos(as) professores(as) pode permanecer no microcenário de literatura para que seja manipulada pelos bebês e pelas crianças bem pequenas².

² Veja mais informações sobre como disponibilizar e cuidar dos materiais literários no ambiente da creche no vídeo a seguir:

Leitura para bebês em espaços educativos: a experiência de um berçário

A Taba

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mavz8sf1S5c&feature=youtu.be>>

Acesso em: 10 ago. 2020.

A editora de livros da Taba convida a pedagoga Ana Paula Yazbek a conversar sobre a leitura com bebês. Nesse vídeo, ela conta sua experiência na direção de uma creche e o modo como construíram uma cultura leitora nesse espaço.

Ler e contar histórias

As histórias sugeridas e contempladas neste material digital constituem acervo da cultura popular e são de domínio público. Caso seja necessário, adapte-as à realidade do seu grupo de crianças e realize a contação inspirada nelas:

- I – A formiga e a neve (Conto de origem europeia).
- II – O urubu e o sapo (Conto de origem indígena).
- III – O macaco e o rabo (Conto de origem africana).

Além das conta-caixas das histórias, organize outro recipiente (cestinha ou caixinha forrada) para guardar as fichas de outras (e novas) histórias que forem trabalhadas com os bebês e as crianças bem pequenas. Essas fichas poderão ser customizadas de acordo com a história contada: ilustração de uma personagem ou de um cenário e o texto da história (ver material gráfico, página 336).

● Para ampliar

● Convide as famílias a participar!

- ✔ Organize no planejamento um momento semanal ou quinzenal para convidar os familiares a compartilhar a leitura de histórias no microcenário de literatura ou em outro ambiente da creche.
- ✔ Faça uma lista com as crianças dos livros preferidos da turma e fixe no mural de entrada da sala, para as famílias conhecerem.
- ✔ Oriente as famílias a organizar um espaço em casa com livros, revistas e gibis para compartilhar momentos de leitura.
- ✔ Oriente as famílias a organizar um momento adequado na rotina familiar para a contação e a leitura de histórias.
- ✔ Promova a proposta das sacolas literárias para o envio semanal de livros conhecidos pelo grupo, livros de suas vivências na creche e álbuns de fotografia, para que as crianças participem ativamente dessa troca literária entre creche e família. Veja as dicas no videotutorial “Como promover a literacia familiar”.

● Inventem e recriem histórias coletivas!

Além da leitura e da contação de histórias, podem ser feitos, com os bebês e as crianças bem pequenas, na medida de suas possibilidades de participação, livros coletivos da turma e invenção de paródias das histórias preferidas do grupo. Os fantoches e as imagens das personagens, por exemplo, podem ser substituídos por imagens das crianças. Com crianças bem pequenas, pode-se criar uma narrativa para um livro de imagens (sem texto), com base no que as crianças falam no momento de trabalhá-lo.



Ler e contar histórias

● Dicas literárias

“Acho que é fundamental na hora de escolher um livro pensar em três aspectos fundamentais, que, juntos, sempre contam uma história mais rica: a **qualidade do texto** (e aqui é importante entender que não há assuntos proibidos), as **ilustrações** (narrativa visual é primordial para completar a experiência leitora; os livros são a primeira experiência estética dos bebês, talvez, o primeiro museu, não podemos oferecer a eles o óbvio) e, por último e não menos importante, o **livro como suporte** (é preciso pensar nos detalhes todos do *design*, como as páginas vão ser viradas, que elementos vão capacitar uma melhor experiência leitora)”.

Alessandra Roscoe, em entrevista para a **VII Plenarinha** – brincando e encantando com histórias. Brasília, DF: SEE, abr. 2019. Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/guia_vii_plenarinha_9abr19.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

Para trabalhar com este material gráfico, podem ser usados alguns livros de literatura infantil, como:

- ✓ **A casa sonolenta**, de Audrey Wood, editora Ática.
- ✓ **Bem lá no alto**, de Susanne Straber, editora Companhia das Letrinhas.
- ✓ **Bocejo**, de Renato Moriconi e Ilan Brenman, editora Companhia das Letrinhas.
- ✓ **Bruxa, bruxa. Venha à minha festa**, de Arden Druce (tradução de Gilda de Aquino), editora Brinque-Book.
- ✓ **Chapeuzinho Vermelho**, de Betahn Woollvin, VR editora.
- ✓ **Curupira, brinca comigo?**, de Lô Carvalho, editora Bamboozinho.
- ✓ **Da cabeça aos pés**, de Eric Carle, editora Callis.
- ✓ **Jacaré, não!**, de Antonio Prata, Ubu editora.
- ✓ **Mas será que nasceria a macieira?**, de Alê Abreu, editora FTD.
- ✓ **O grúfalo**, de Julia Donaldson (tradução de Gilda de Aquino), editora Brinque-Book.
- ✓ **Tanto, tanto!**, de Trish Cooke, editora Ática.

- ! Para outras indicações de uso da literatura oral, confira neste material digital:
- ✓ Brincadeiras com palavras: adivinhas, parlendas, quadrinhas e trava-línguas
- ✓ Brincadeiras tradicionais

Ler e contar histórias

Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS	
	Bebês (zero a 1 ano e 6 meses)	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI01EO01 EI01EO03 EI02EO04 EI01EO05 EI01EO06	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO05 EI02EO06 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI01CG01 EI01CG02 EI01CG03 EI01CG05	EI02CG01 EI02CG05
TRAÇOS, SONS, CORES E FORMAS	EI01TS01	
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI01EF01 EI01EF02 EI01EF03 EI01EF04 EI01EF05 EI01EF06 EI01EF07 EI01EF08	EI02EF01 EI02EF02 EI02EF03 EI02EF04 EI02EF05 EI02EF06 EI02EF07 EI02EF08
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI01ET01 EI01ET03 EI01ET04 EI01ET05 EI01ET06	EI02ET01 EI02ET02 EI02ET04 EI02ET05 EI02ET06 EI02ET07

● Conta-caixa

Materiais

Imagens das capas (páginas 329, 332 e 335); fichas com o texto da história (páginas 327, 330 e 333); cenários e personagens da história (páginas 328, 331 e 334); tesoura; cola bastão; folha A4 120 g; papel-cartão preto; plástico adesivo ou, se possível, plastificadora; caixa de papelão; papéis ou tecidos da sua preferência e cola líquida branca para encapar a caixa.

Ler e contar histórias

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, a capa da história, a ficha com o texto da história, o cenário e as personagens.
- ✓ Recorte as personagens. Se quiser montar um teatro de sombras, faça fantoches com as personagens, colando a silhueta em canudos ou palitos.
- ✓ Para que as personagens, o cenário e o texto da história fiquem mais resistentes, cole-os com cola bastão em papel-cartão.
- ✓ Para que fiquem mais resistentes ainda, plastifique-os com plástico adesivo ou, se possível, plastificadora.
- ✓ Encape a caixa com tecidos ou papéis de sua preferência e cole a capa da história na tampa.
- ✓ Guarde na caixa a ficha com o texto, o cenário (se houver) e as personagens da história.

Disponha a caixa no microcenário de literatura para que os bebês e as crianças bem pequenas possam lembrar e retomar, quando desejarem, essas histórias e as mais significativas para aquele grupo.

● Caixa com as fichas das histórias preferidas

Materiais

Ficha das histórias preferidas (página 336), tesoura; cola bastão; folha A4 120 g, papel-cartão, plástico adesivo transparente ou, se possível, plastificadora; caixa de papelão (sugerimos caixa de sapato), papéis ou tecidos de sua preferência e cola líquida branca para encapar a caixa.

Passo a passo

- ✓ Imprima, em apenas um lado do papel, o modelo de ficha para o registro das histórias preferidas da turma – título e imagem da capa.
- ✓ Escreva ou cole no espaço da ficha a história preferida ou selecionada.
- ✓ Para que fiquem mais resistentes, cole as fichas em papel-cartão com cola bastão.
- ✓ Para que fiquem ainda mais resistentes, plastifique-as com plástico adesivo ou, se possível, em plastificadora.
- ✓ Encape a caixa com tecidos ou papéis de sua preferência.
- ✓ Guarde nessa caixa as fichas que vão sendo produzidas ao longo do ano como forma de registro das histórias preferidas da turma.

! Na caixa ficam guardadas as fichas com o título e, se desejar, uma pequena imagem correspondente à história. Ao longo do ano vai se formando, pouco a pouco, um relicário das histórias preferidas do grupo. Ao final do semestre, as fichas podem ser unidas formando um livro das histórias preferidas. Este livro pode ser enviado no semestre seguinte para as famílias, com a sacola literária, para que elas conheçam as histórias preferidas do grupo e para que, com as crianças, ampliem seu repertório de histórias e compartilhem o prazeroso e afetuoso momento de leitura.

! **Lembre-se:** uma criança atenta à história participa ativamente deste momento. Atenta, ela interage, sente, expressa-se, balbucia, fala, bate palmas, dança, movimenta seu corpo. Logo, ao longo da contação ou da leitura de uma história, os bebês e as crianças bem pequenas não permanecerão todos sentados e em silêncio. Cada um a seu modo e, na medida de seu interesse por aquela história, vai estabelecer uma ligação com ela de maneiras diversas. Por isso, valorize mais os momentos de leitura individuais e em pequenos grupos. Ao observar um bebê manuseando um livro, aproxime-se, sente-se junto a ele no tapete e partilhe o momento contando e conversando sobre aquela história. Promova visitas à biblioteca ou a um espaço organizado para uma contação de histórias. Torne a literatura um convite à imaginação permeando o cotidiano da creche. Uma história pode surgir durante o almoço ou enquanto se compartilha com algumas crianças a brincadeira de fazer bolinhos em um parque de areia. Contar histórias é estar disponível para as crianças com uma postura de interlocução para constituir narrativas literárias compartilhadas.

● TEXTO I – A FORMIGA E A NEVE

Conto de origem europeia

(Sergipe)

UMA VEZ UMA FORMIGA FOI AO CAMPO E FICOU PRESA NUM POUCO DE NEVE. ENTÃO ELA DISSE À NEVE: “Ó NEVE, TU ÉS TÃO VALENTE QUE O MEU PÉ PRENDES?” A NEVE RESPONDEU: “EU SOU VALENTE, MAS O SOL ME DERRETE.”

ELA FOI AO SOL E DISSE: “Ó SOL, TU ÉS TÃO VALENTE QUE DERRETES A NEVE, A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” O SOL RESPONDEU: “EU SOU VALENTE, MAS A NUVEM ME ESCONDE.”

ELA FOI À NUVEM E DISSE: “Ó NUVEM, TU ÉS TÃO VALENTE QUE ESCONDES O SOL, O SOL QUE DERRETE A NEVE, A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” A NUVEM RESPONDEU: “EU SOU VALENTE, MAS O VENTO ME DESMANCHA.”

ELA FOI AO VENTO: “Ó VENTO, TU ÉS TÃO VALENTE QUE DESMANCHAS A NUVEM, A NUVEM QUE COBRE O SOL, O SOL QUE DERRETE A NEVE, A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” — “SOU VALENTE, MAS A PAREDE ME FAZ PARAR.”

VAI À PAREDE: “Ó PAREDE, TU ÉS TÃO VALENTE QUE PARAS O VENTO, O VENTO QUE DESMANCHA A NUVEM, A NUVEM QUE ESCONDE O SOL, O SOL QUE DERRETE A NEVE, A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” — “SOU VALENTE MAS O RATO ME FURA.”

FOI AO RATO: “Ó RATO, TU ÉS TÃO VALENTE QUE FURAS A PAREDE, A PAREDE QUE PARA O VENTO, O VENTO QUE DESMANCHA A NUVEM, A NUVEM QUE ESCONDE O SOL, O SOL QUE DERRETE A NEVE, A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” — “SOU VALENTE, MAS O GATO ME COME.”

VAI AO GATO: “Ó GATO, TU ÉS TÃO VALENTE QUE COMES O RATO, O RATO QUE FURA A PAREDE, A PAREDE QUE PARA O VENTO, O VENTO QUE DESMANCHA A NUVEM, A NUVEM QUE ESCONDE O SOL, O SOL QUE DERRETE A NEVE, A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” — “SOU VALENTE, MAS O CACHORRO ME BATE.”

VAI AO CACHORRO: “TU ÉS TÃO VALENTE QUE BATES NO GATO, QUE COME O RATO, QUE FURA A PAREDE, QUE PARA O VENTO, QUE DESMANCHA A NUVEM, QUE ESCONDE O SOL, QUE DERRETE A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” — “SOU VALENTE, MAS A ONÇA ME DEVORA.”

VAI À ONÇA: “TU ÉS TÃO VALENTE QUE DEVORAS O CACHORRO, QUE BATE NO GATO, QUE COME O RATO, QUE FURA A PAREDE, QUE PARA O VENTO, QUE DESMANCHA A NUVEM, QUE ESCONDE O SOL, QUE DERRETE A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” — “EU SOU VALENTE, MAS O HOMEM ME MATA.”

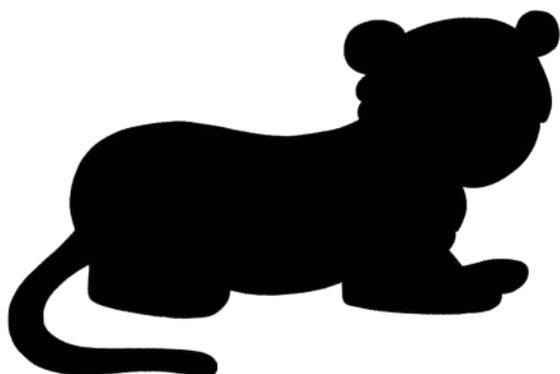
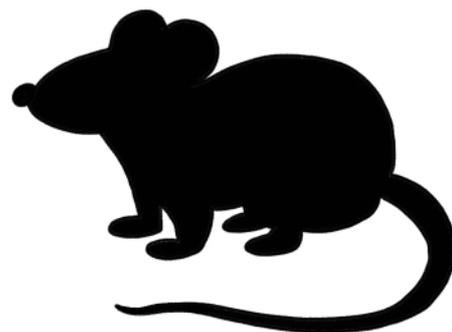
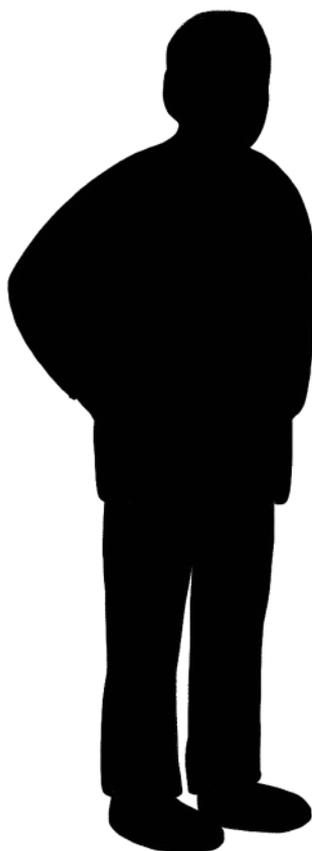
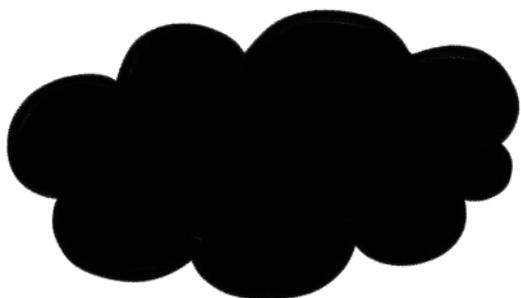
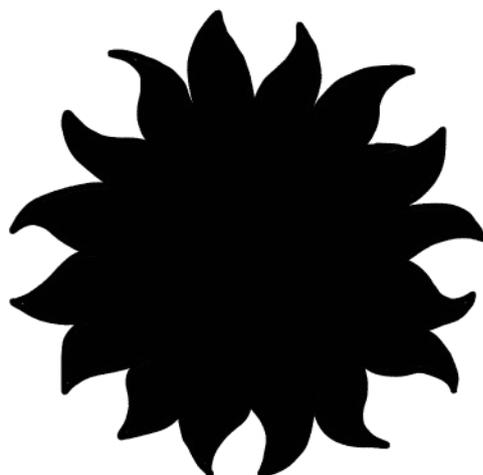
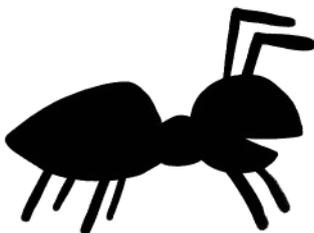
VAI AO HOMEM: “Ó HOMEM, TU ÉS TÃO VALENTE QUE MATAS A ONÇA, QUE DEVORA O CACHORRO, QUE BATE NO GATO, QUE COME O RATO, QUE FURA A PAREDE, QUE PARA O VENTO, QUE DESMANCHA A NUVEM, QUE ESCONDE O SOL, QUE DERRETE A NEVE QUE MEU PÉ PRENDE?” O HOMEM RESPONDEU: “FORMIGA, VAI CAMINHAR.”

POR ISSO É QUE A FORMIGA VIVE SEMPRE ATIVA E CAMINHANDO.

FONTE: ADAPTADO DE ROMERO, SÍLVIO. **CONTOS POPULARES DO BRASIL**. 2. ED. JUNDIAÍ: CADERNOS DO MUNDO INTEIRO, 2018. P. 164-165. (COLEÇÃO ACERVO BRASILEIRO).

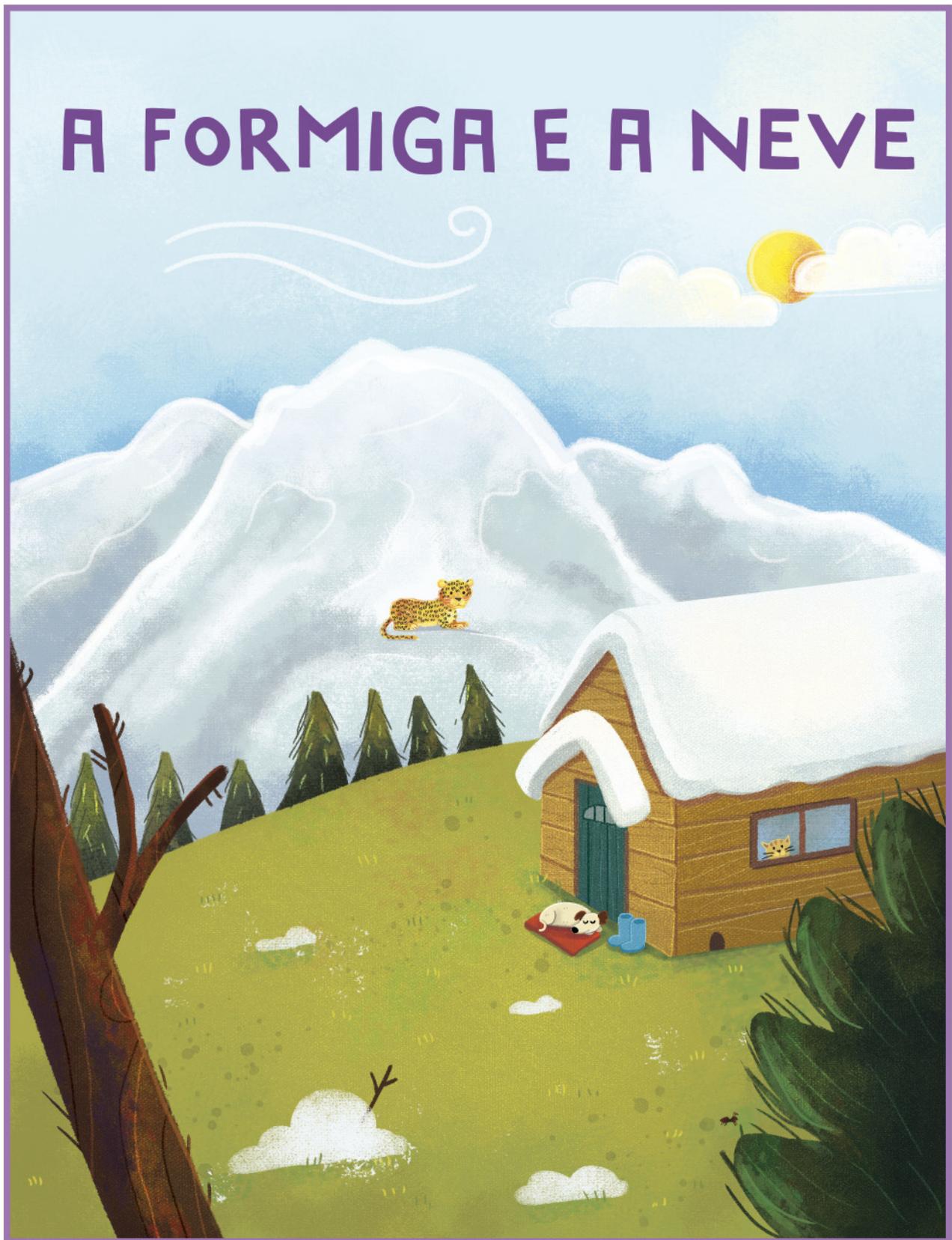
Ler e contar histórias

Personagens da história "A formiga e a neve".



Ler e contar histórias

Capa para a história “A formiga e a neve”.



● TEXTO II – O URUBU E O SAPO

Conto de origem indígena

(Pernambuco)

O URUBU E O SAPO FORAM CONVIDADOS PARA UMA FESTA NO CÉU. O URUBU, PARA ZOMBAR DO SAPO, FOI À CASA DELE E LHE DISSE: “ENTÃO, COMPADRE SAPO, JÁ SEI QUE TEM DE IR AO CÉU, E EU QUERO IR EM SUA COMPANHIA.” — “POIS NÃO”, DISSE O SAPO, “VOU CONTANTO QUE VOCÊ LEVE A SUA VIOLA.” — “NÃO TEM DÚVIDA, MAS VOCÊ DEVE LEVAR O SEU PANDEIRO”, RESPONDEU O URUBU. O URUBU SE RETIROU, FICANDO DE VOLTAR NO DIA MARCADO PARA A VIAGEM.

NESSE DIA SE APRESENTOU NA CASA DO SAPO, E ESTE O RECEBEU MUITO BEM, MANDANDO-O ENTRAR PARA VER SUA COMADRE E OS AFILHADOS. E QUANDO O URUBU ESTAVA ENTRETIDO COM A SAPA E OS SAPINHOS, O SAPO VELHO ENTROU-LHE NA VIOLA, E DISSE-LHE DE LONGE: “EU, COMO ANDO UM POUCO DEVAGAR, COMPADRE, VOU INDO ADIANTE.” E DEIXOU-SE FICAR BEM QUIETINHO DENTRO DA VIOLA. O URUBU, DALI A POUCO, SE DESPEDIU DA COMADRE E DOS AFILHADOS, E AGARROU NA VIOLA E LARGOU-SE PARA O CÉU. LÁ CHEGANDO, LHE PERGUNTARAM LOGO PELO SAPO, AO QUE ELE RESPONDEU: “ORA! NEM ESSE MOÇO VEM CÁ; QUANDO LÁ EMBAIXO ELE NÃO ANDA LIGEIRO, QUANTO MAIS VOAR!” DEIXOU A VIOLA E FOI COMER, QUE JÁ ERA TARDE.

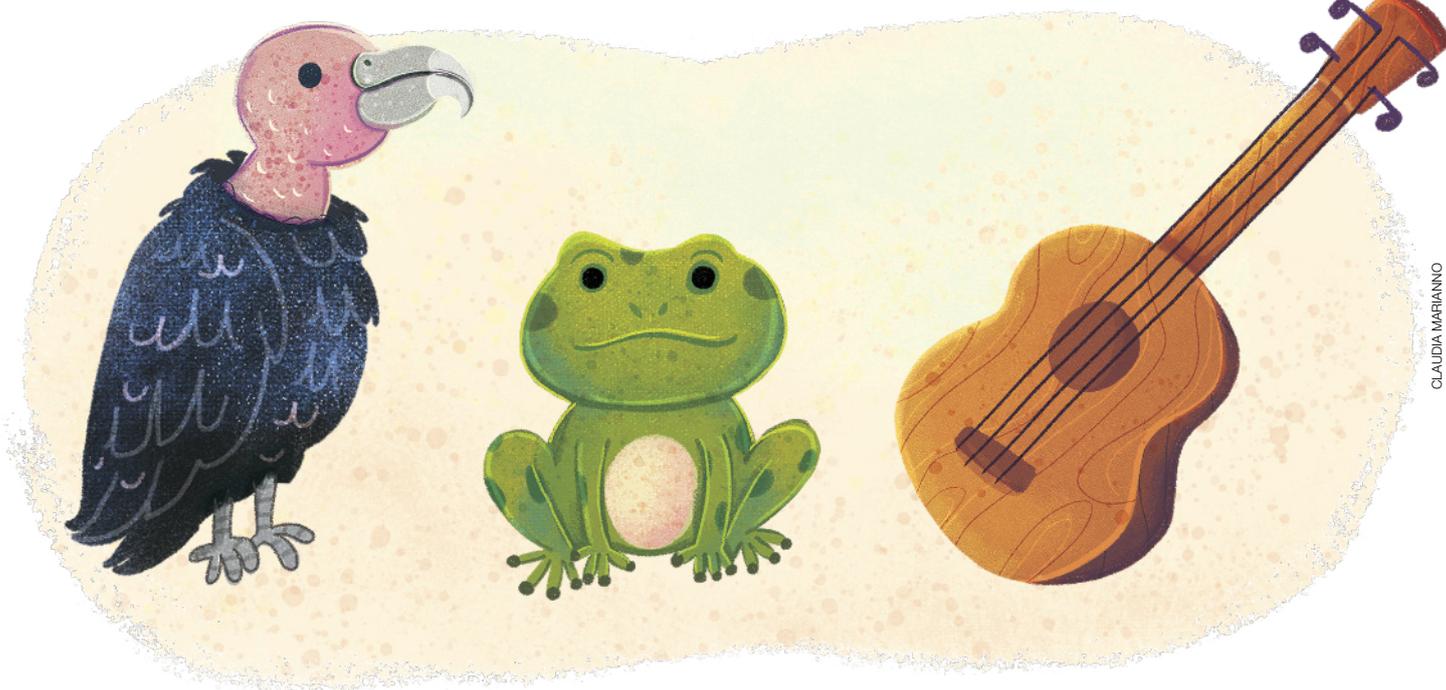
ESTANDO TODOS REUNIDOS NOS COMES E BEBES, PULOU, SEM SER VISTO, O SAPO DE DENTRO DA VIOLA, DIZENDO: “EU AQUI ESTOU!” TODOS SE ADMIRARAM DE VER O SAPO NAQUELAS ALTURAS. ENTRARAM A DANÇAR E BRINCAR. ACABADO O SAMBA, FORAM TODOS SE RETIRANDO, E O SAPO, VENDO O URUBU DISTRAÍDO, ENTROU-LHE OUTRA VEZ DENTRO DA VIOLA. DESPEDIU-SE O URUBU E LARGOU-SE PARA TERRA.

CHEGANDO A CERTA ALTURA, O SAPO MEXEU-SE DENTRO DA VIOLA E O URUBU VIROU-A DE BOCA PARA BAIXO, E O SAPO DESPENCOU-SE LÁ DE CIMA, E VINHA GRITANDO: “ARREDA, PEDRA, SENÃO TE QUEBRAS!...” O URUBU: “EI! EI! COMPADRE SAPO BEM SABE VOAR!...” O SAPO CAIU E RALOU-SE TODO; POR ISSO É QUE ELE É MEIO MALHADO.

FONTE: ADAPTADO DE ROMERO, SÍLVIO. **CONTOS POPULARES DO BRASIL**. 2. ED. JUNDIAÍ: CADERNOS DO MUNDO INTEIRO, 2018. P. 230-231. (COLEÇÃO ACERVO BRASILEIRO).

Ler e contar histórias

Personagens da história "O urubu e o sapo"



CLAUDIA MARIANO

Cenário da história "O urubu e o sapo"



CLAUDIA MARIANO

Ler e contar histórias

Capa para a história “O urubu e o sapo”.



CLAUDIA MARIANO

● TEXTO III – O MACACO E O RABO

Conto de origem africana (Versão de Pernambuco)

UMA OCASIÃO O MACACO DISSE PARA A COTIA: “TIRA O TEU RABO DA ESTRADA, SENÃO O CARRO PASSA E CORTA.” EMBEBIDO NESTA CONVERSA, NÃO REPAROU O MACACO QUE ELE É QUE CORRIA O MAIOR RISCO, E VEIO O CARRO E PASSOU EM RIBA DO RABO DELE.

ESTAVA UM GATO ESCONDIDO DENTRO DE UMA MOITA; SALTOU NO PEDAÇO DO RABO DO MACACO E CORREU. O MACACO PEDIU O SEU PEDAÇO DE RABO. O GATO DISSE: “SÓ TE DOU, SE ME DERES LEITE.” — “ONDE TIRO LEITE?”, DISSE O MACACO. RESPONDEU O GATO: “PEDE À VACA.”

O MACACO FOI À VACA E DISSE: “VACA, DÁ-ME LEITE PARA DAR AO GATO, PARA O GATO DAR-ME O MEU RABO.” — “NÃO DOU; SÓ SE ME DERES CAPIM”, DISSE A VACA. “DONDE TIRO CAPIM?” — “PEDE À VELHA.”

— “VELHA, DÁ-ME CAPIM PARA EU DAR À VACA, PARA A VACA DAR-ME LEITE, O LEITE PARA O GATO PARA ME DAR O MEU RABO.” — “NÃO DOU; SÓ SE ME DERES UNS SAPATOS.” — “DONDE TIRO SAPATOS?” — “PEDE AO SAPATEIRO.”

— “SAPATEIRO, DÁ-ME SAPATOS PARA EU DAR À VELHA, PARA A VELHA ME DAR CAPIM PARA EU DAR À VACA, PARA A VACA ME DAR LEITE PARA EU DAR AO GATO, PARA O GATO ME DAR MEU RABO.” — “NÃO DOU; SÓ SE ME DERES CERDA.” — “DONDE TIRO CERDA?” — “PEDE AO PORCO.”

— “PORCO, DÁ-ME CERDA PARA EU DAR AO SAPATEIRO, PARA ME DAR SAPATOS PARA DAR À VELHA, PARA ME DAR CAPIM PARA DAR À VACA, PARA ME DAR LEITE PARA DAR AO GATO, PARA ME DAR O MEU RABO.” — “NÃO DOU, SÓ SE ME DERES CHUVA.” — “DONDE TIRO CHUVA?” — “PEDE ÀS NUVENS.”

— “NUVENS, DAI-ME CHUVA PARA O PORCO, PARA DAR-ME CERDA PARA O SAPATEIRO, PARA DAR-ME SAPATOS PARA DAR À VELHA, PARA ME DAR CAPIM PARA DAR À VACA, PARA DAR-ME LEITE PARA DAR AO GATO, PARA DAR MEU RABO...” — “NÃO DOU; SÓ SE ME DERES FOGO.” — “DONDE TIRO FOGO?” — “PEDE ÀS PEDRAS.”

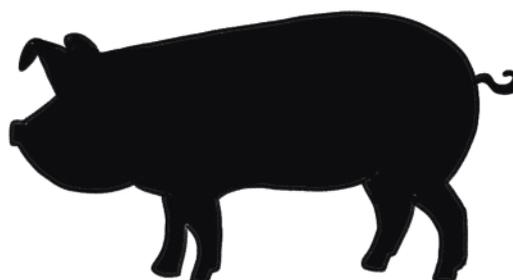
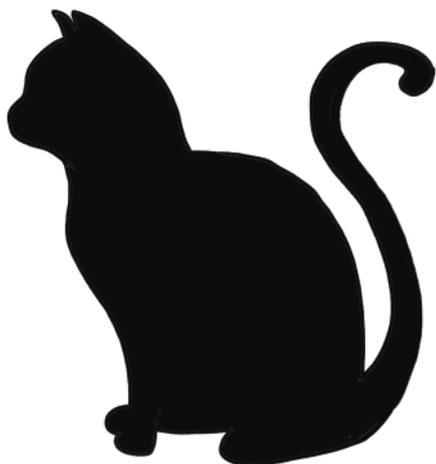
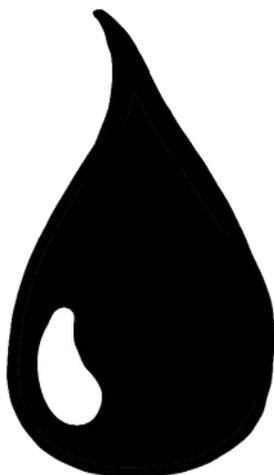
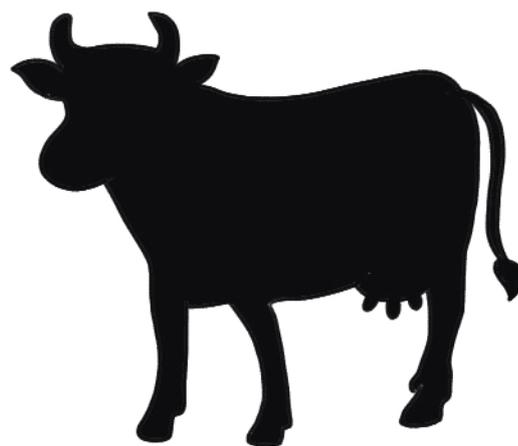
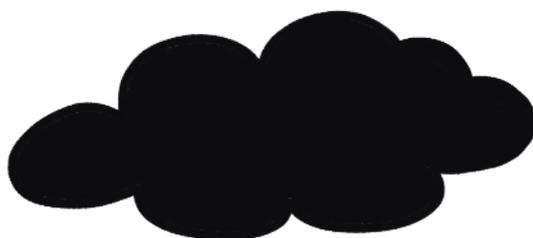
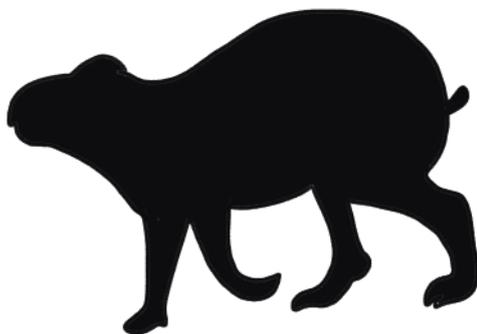
— “PEDRAS, DAI-ME FOGO PARA AS NUVENS, PARA CHUVA PARA O PORCO, PARA CERDA PARA O SAPATEIRO, PARA SAPATOS PARA A VELHA, PARA CAPIM PARA A VACA, PARA LEITE PARA O GATO, PARA ME DAR MEU RABO.” — “NÃO DOU; SÓ SE ME DERES RIOS.” — “DONDE TIRO RIOS?” — “PEDE ÀS FONTES.”

— “FONTES, DAI-ME RIOS, PARA OS RIOS SEREM PARA AS PEDRAS, AS PEDRAS ME DAREM FOGO, O FOGO SER PARA AS NUVENS, AS NUVENS ME DAREM CHUVAS, AS CHUVAS SEREM PARA O PORCO, O PORCO ME DAR CERDA, A CERDA SER PARA O SAPATEIRO, O SAPATEIRO FAZER OS SAPATOS, OS SAPATOS SER PARA A VELHA, A VELHA ME DAR CAPIM, O CAPIM SER PARA A VACA, A VACA ME DAR O LEITE, O LEITE SER PARA O GATO, O GATO ME DAR MEU RABO.” ALCANÇOU O MACACO TODOS OS PEDIDOS; O GATO BEBEU O LEITE, ENTREGOU O RABO; O MACACO NÃO QUIS MAIS, PORQUE O RABO ESTAVA PODRE.

FONTE: ADAPTADO DE ROMERO, SÍLVIO. **CONTOS POPULARES DO BRASIL**. 2. ED. JUNDIAÍ: CADERNOS DO MUNDO INTEIRO, 2018. P. 258-259. (COLEÇÃO ACERVO BRASILEIRO).

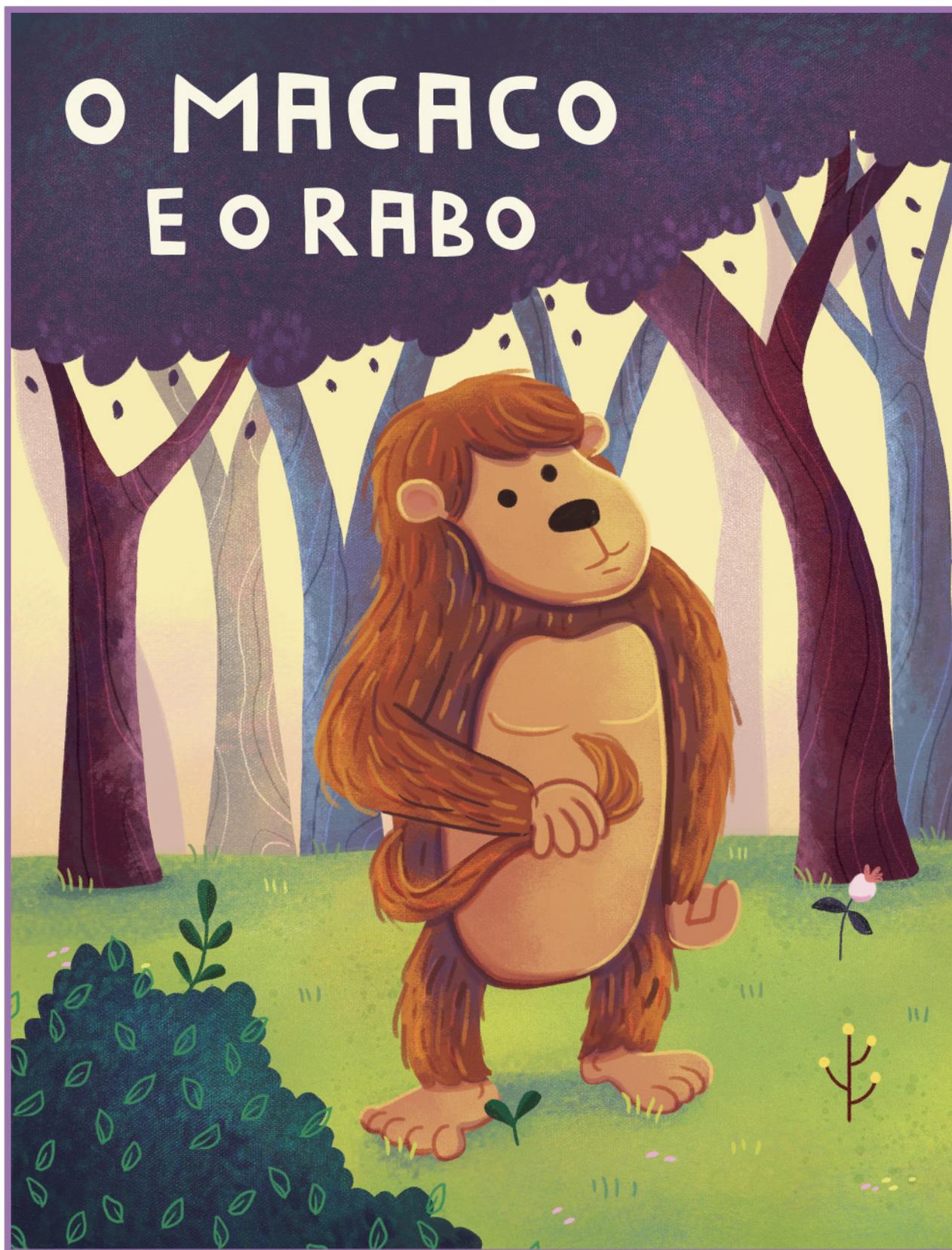
Ler e contar histórias

Personagens da história "O macaco e o rabo"



Ler e contar histórias

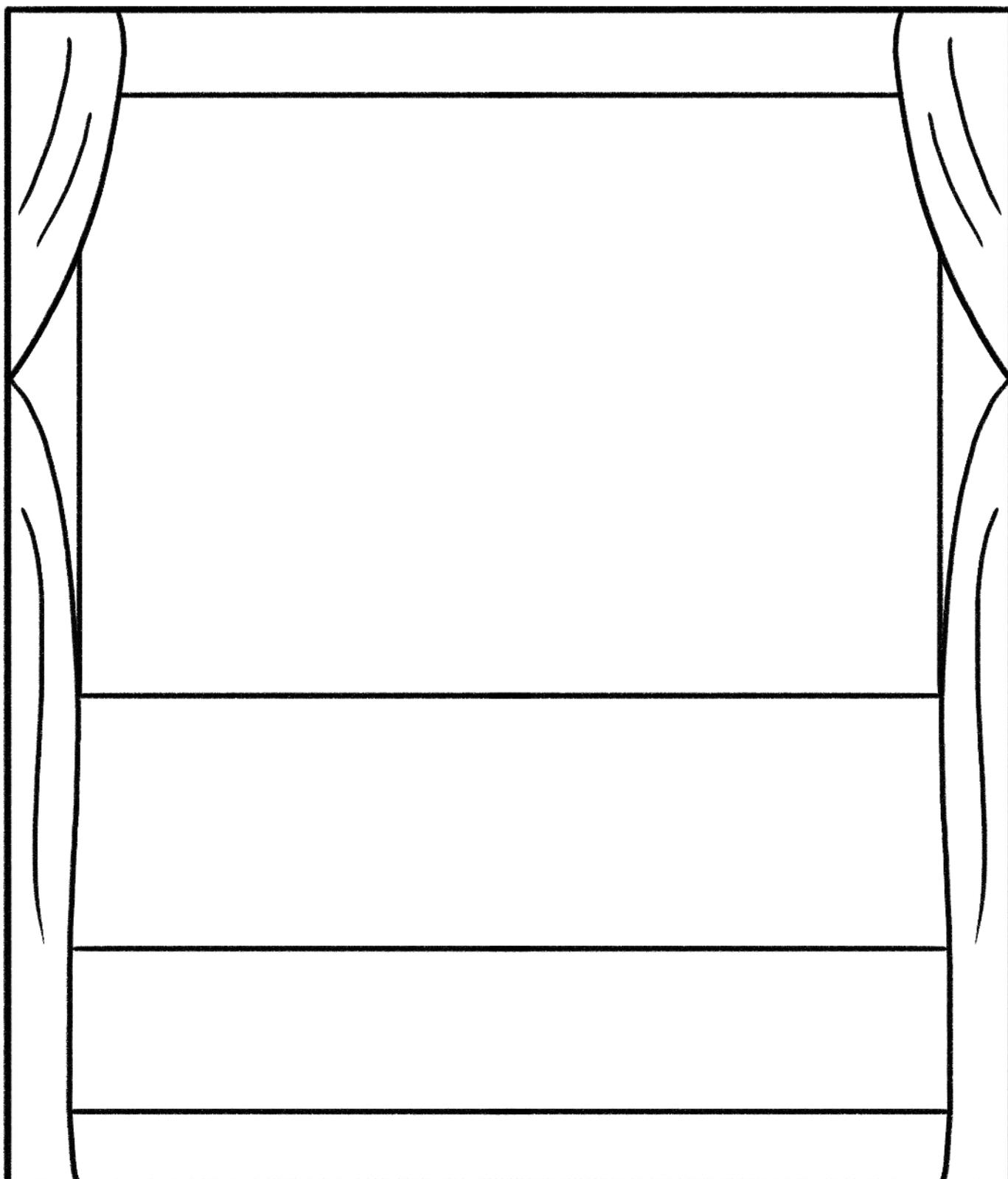
Capa para a história "O macaco e o rabo".



CLAUDIA MARIANO

Ler e contar histórias

Escreva a história preferida da turma/selecionada ou cole-a.
Pode ilustrar, se desejar. Anote também o título da história.



CLAUDIA MARIANO

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

- Crianças bem pequenas

Ver Manual do Professor:

- Capítulo 4: Comemorando os aniversários
- Capítulo 5: Faz de conta e Jogos com regras
- Capítulo 6: Explorando bandejas de experimentação
- Capítulo 7: Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

● Contextualização

Desde bebês, as crianças estão em processo de apropriação do que o educador italiano Loris Malaguzzi chamou de “As cem linguagens da criança”. A linguagem escrita é uma delas. Frequentemente, antes mesmo de entrar na creche, os bebês já estão com contato com a linguagem escrita, pois observam os adultos em seus afazeres cotidianos lendo rótulos, livros, jornais, revistas, letreiros de ônibus; escrevendo mensagens, bilhetes, receitas, listas, *e-mails*; localizando-se por placas e sinalizações etc. Muitas vezes, esses momentos cotidianos que nos põem em contato com a linguagem escrita são realizados de forma direcionada para os bebês: quando se lê para eles, quando se indica o seu nome em um enfeite de porta ou em seus pertences ou quando se disponibiliza o contato direto e cotidiano com livros. Desse modo, os símbolos gráficos da escrita e suas formas de utilização são parte das experiências cotidianas dos pequenos desde muito cedo, e eles vão compreendendo as funções da linguagem escrita: comunicar, memoriar, lembrar, narrar, contar, avisar, identificar...

Ao se apropriarem de suas funções, as crianças bem pequenas inserem situações de escrita em suas brincadeiras. O jogo simbólico da escrita pode surgir até mesmo com um pequeno graveto à sua disposição; é a imaginação que vai transformá-lo em riscante, e os movimentos de ir e vir das mãos, a postura do corpo e do braço indicam: está brincando de escrever.

Mas como o(a) professor(a) pode expandir as experiências relacionadas com a linguagem escrita no cotidiano da creche?

A escrita tem de estar presente. É preciso que, cotidianamente, as crianças bem pequenas vejam os adultos lendo e escrevendo para dar avisos, comunicar notícias, narrar processos, identificar objetos e pertences, contar histórias fantásticas, escrever histórias inventadas e narradas para a construção de textos e livros coletivos, documentar conquistas e projetos vivenciados pelas crianças etc.

É também muito importante que os(as) professores(as) ampliem o repertório simbólico dos microcenários de faz de conta, oferecendo ambientes planejados e organizados para brincadeiras de vendinha, escritório, hospital, cozinha, casinha, viagens..., em que possam mediar suas interações no brincar por meio de diferentes suportes textuais: as cartas, as receitas culinárias, a lista de compras, os convites para festas.

Inseparáveis do brincar, as experiências com a linguagem escrita fomentam a curiosidade, o interesse e o desejo de conhecer mais.

● Referências

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN, Georg. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Crianças como leitoras e autoras**. Brasília: MEC/SEB, 2016. v. 6. (Coleção Leitura e escrita na Educação Infantil).

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

● Intencionalidade educativa

- Para saber mais sobre a intencionalidade pedagógica, ver Manual do Professor, Capítulo 4 – Comemorando os aniversários; Capítulo 5 – Faz de conta e Jogos com regras; Capítulo 6 – Explorando bandejas de experimentação; Capítulo 7 – Garatujar e desenhar e O que contam as histórias?

O material gráfico aqui apresentado constitui um acervo de suportes gráficos com a intencionalidade pedagógica de compor, junto a outros elementos, microcenários de faz de conta, vendinha, viagens, piratas, escritório, cozinha e culinária e em outros ambientes que sejam relevantes.

A intencionalidade pedagógica das cartas, dos convites, das listas de compras e das receitas culinárias é oferecer oportunidades para que crianças bem pequenas, sobretudo as que têm a partir de 3 anos, possam:

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Interagir com seus pares e adultos tendo a materialidade dos suportes de texto como mediadores. <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer diferentes modos de registro escrito, ampliando seu repertório cultural e de reproduções interpretativas nas brincadeiras. <input checked="" type="checkbox"/> Participar de momentos coletivos e individuais que favoreçam a escrita emergente. <input checked="" type="checkbox"/> Fortalecer vínculos e engajar as famílias a participar, promovendo a literacia familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Microcenários: de imaginação e de expressão. <input checked="" type="checkbox"/> Espaços diversos da creche: painéis, murais e outros. <input checked="" type="checkbox"/> Produção de registro em pequenos grupos. 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Interagir <input type="checkbox"/> Relacionar-se <input type="checkbox"/> Compartilhar <input type="checkbox"/> Conviver <input type="checkbox"/> Participar <input type="checkbox"/> Conhecer-se 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Escutar <input type="checkbox"/> Planejar <input type="checkbox"/> Propor <input type="checkbox"/> Observar <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Repropor <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Expressar-se por meio das linguagens gráficas para criar produções individuais e coletivas. <input checked="" type="checkbox"/> Explorar uma variedade de material como réguas; borrachas; apontadores; papéis de diferentes formas, gramaturas e cores; e riscantes como carvão, giz de cera, giz de quadro, lápis de diversas espessuras e cores, canetões para explorar, perceber e compreender os diferentes efeitos e formas de manipulação de cada um desses materiais. <input checked="" type="checkbox"/> Ter acolhidas as suas experimentações gráficas relativas aos símbolos, às letras e aos números. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Manipular <input type="checkbox"/> Criar <input type="checkbox"/> Experimentar <input type="checkbox"/> Expressar-se <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Compreender <input type="checkbox"/> Explorar 	
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Conhecer seu corpo e movimentos ao explorar o traço por meio de seus gestos. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Conhecer-se <input type="checkbox"/> Explorar 	<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Registrar <input type="checkbox"/> Analisar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Avaliar <input type="checkbox"/> Replanejar <input type="checkbox"/> Narrar <p>(Ver o Manual do Professor, Capítulo 1.)</p>

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

Intencionalidade Pedagógica	Ambientes	Hipóteses de ações das crianças	Ações do(a) professor(a)
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Participar de situações de diferentes usos da linguagem escrita, em que o adulto é o escriba. <input checked="" type="checkbox"/> Ter contato com símbolos gráficos e diferentes suportes textuais. <input checked="" type="checkbox"/> Fazer uso da linguagem verbal para comunicar, negociar, entrar em acordos, confrontar ideias e estipular modos de brincar com os suportes textuais e gráficos apresentados. <input checked="" type="checkbox"/> Relacionar suportes textuais e seus usos em vivências e brincadeiras. 		<ul style="list-style-type: none"> <input type="checkbox"/> Comunicar <input type="checkbox"/> Expressar <input type="checkbox"/> Negociar <input type="checkbox"/> Nomear <input type="checkbox"/> Conhecer <input type="checkbox"/> Compreender <input type="checkbox"/> Elaborar hipóteses provisórias <input type="checkbox"/> Questionar <input type="checkbox"/> Associar <input type="checkbox"/> Relacionar <input type="checkbox"/> Relembrar <input type="checkbox"/> Perceber <input type="checkbox"/> Comparar <input type="checkbox"/> Contar 	
<ul style="list-style-type: none"> <input checked="" type="checkbox"/> Construir noções temporais de ontem, hoje, amanhã e dos dias da semana, tendo como suporte calendário contextualizado para a faixa etária. <input checked="" type="checkbox"/> Construir noções de quantidade com as receitas culinárias (maior, menor, mais, menos, muito, pouco, unidades, contagem, medidores). 			

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

● Sugestões de uso

Disponha os suportes textuais das cartas, dos convites, das listas de compras e das receitas culinárias de acordo com os interesses manifestados pelo grupo e contextualizados em diferentes ambientes e nos microcenários de literatura, de expressão e de faz de conta. É preciso planejar e organizar o material, elementos e objetos necessários para a efetividade da brincadeira e da exploração gráfica.

No microcenário de expressão, varie os riscantes, o tamanho e a gramatura do papel ofertado. Verifique se os riscantes estão em bom estado (giz de cera, giz pastel, canetão).

No microcenário de faz de conta, ofereça os riscantes em uma caixinha e diferentes tipos de suporte para escritos (papéis pequenos e médios, livretinhos de até 4 folhas, pequenos blocos e agendas reutilizáveis).

 **Atenção!** Nada impede que a criança, ao desejar usar outros tipos de riscantes, leve o suporte textual do microcenário de faz de conta ao de expressão para produzir suas escritas emergentes e garatujas. Afinal, as crianças bem pequenas circulam com liberdade entre os microcenários e vão dando sentido a cada um deles.

● Como expor registros escritos na creche?

1. Os registros escritos podem estar organizados em diferentes espaços, como: na sala, no refeitório, nos corredores, no quintal.
2. Na sala, os registros podem compor os microcenários com as temáticas relacionadas.
3. A escrita desses registros é feita pelo(a) professor(a) (escriba) na frente das crianças, dando sentido para esses suportes textuais.
4. Cada tipo de escrito (cartas, convites, listas de compras, receitas culinárias, entre outros) deve estar relacionado às vivências das crianças, constituindo significados compartilhados pelo grupo.
5. Um exemplo de registro significativo para as crianças pode ser o de fazer desenhos e escritas emergentes em um papel especial para presentear o colega no dia do aniversário. Essas produções podem ser expostas no mural do aniversariante do dia. Ao final, o adulto agrupa esses registros, põe em um envelope e a criança aniversariante leva para casa, como memória desse dia especial. Confira exemplo de envelope e moldura de papel nas páginas 342 e 343.
6. Os registros escritos também podem compor outros espaços da creche, como murais no refeitório, corredores, avisos no quintal, ampliando as relações que a criança pode estabelecer com a função social da escrita.

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

● Para ampliar

Convide as famílias para participar!

Elabore com as crianças bilhetes e avisos para as famílias, em que você, professor(a), atua como escriba, registrando e organizando as ideias do grupo.

Algumas ideias:

- ✔ Convidem as famílias a participar do projeto O que contam as histórias?, contando suas histórias preferidas.
- ✔ Solicite à família da criança aniversariante que envie uma cartinha no dia do aniversário para ser lida durante a comemoração.
- ✔ Escreva com as crianças as orientações dos cuidados com os livros que vão para casa na Sacola literária, digite, imprima e plastifique o texto para fixá-lo na sacola.

Dicas literárias sobre o tema:

- ✔ **Meu mundo no mapa do mundo**, de Jonas Ribeiro, Editora do Brasil.
- ✔ **Lá vem o ratinho carteiro!**, de Marianne Dubuc, editora Melhoramentos.
- ✔ **O carteiro chegou**, de Janet & Allan Ahlberg, editora Companhia das Letrinhas.

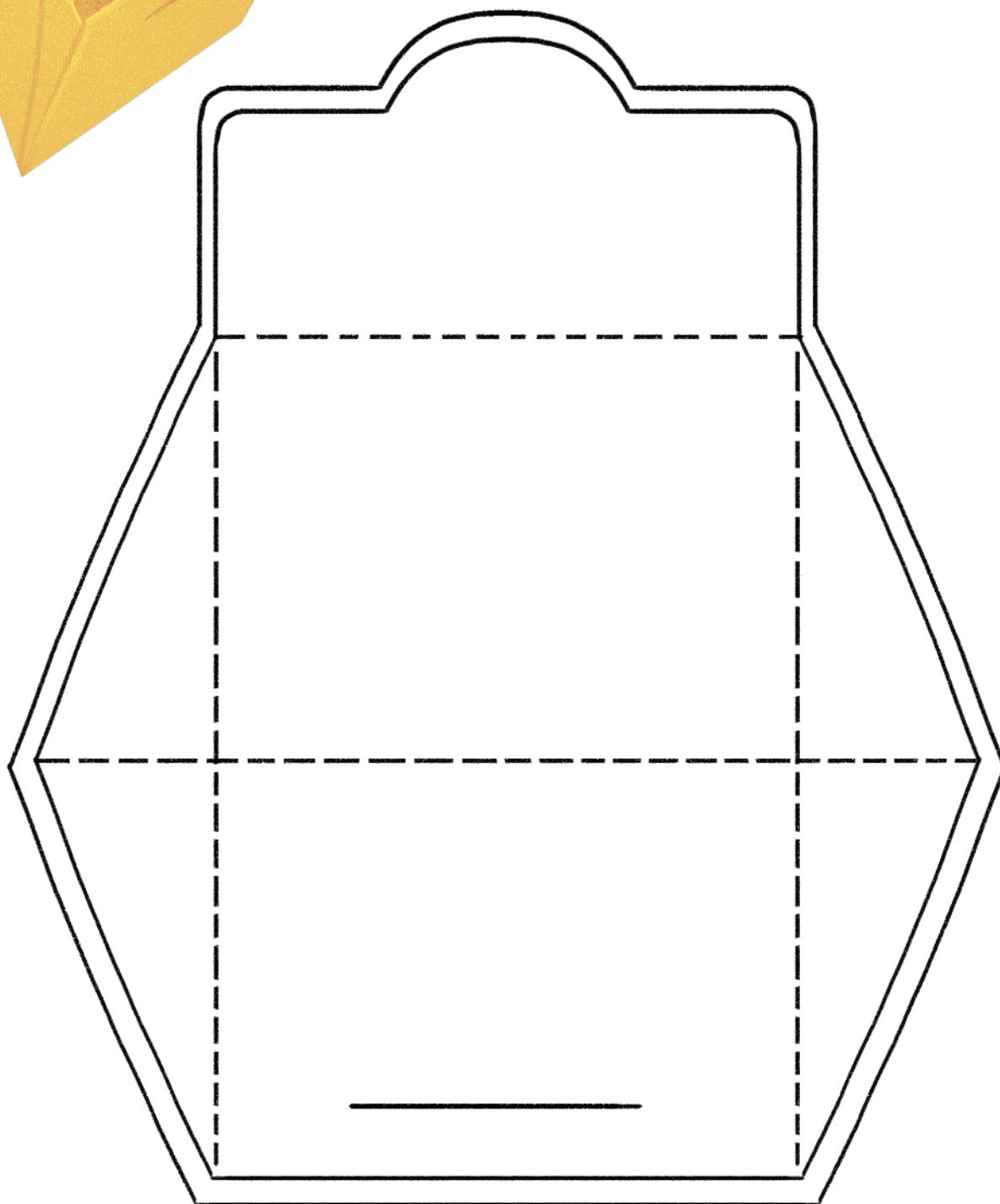
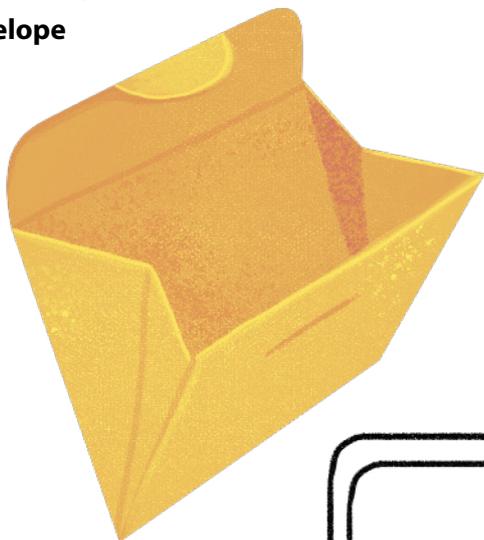
Estas propostas se articulam aos objetivos da BNCC:

CAMPOS DE EXPERIÊNCIAS	OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO IMPLICADOS
	Crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses)
O EU, O OUTRO E O NÓS	EI02EO01 EI02EO02 EI02EO03 EI02EO04 EI02EO07
CORPO, GESTOS E MOVIMENTOS	EI02CG05
ESCUITA, FALA, PENSAMENTO E IMAGINAÇÃO	EI02EF01 EI02EF07 EI02EF09
ESPAÇOS, TEMPOS, QUANTIDADES, RELAÇÕES E TRANSFORMAÇÕES	EI02ET04 EI02ET08

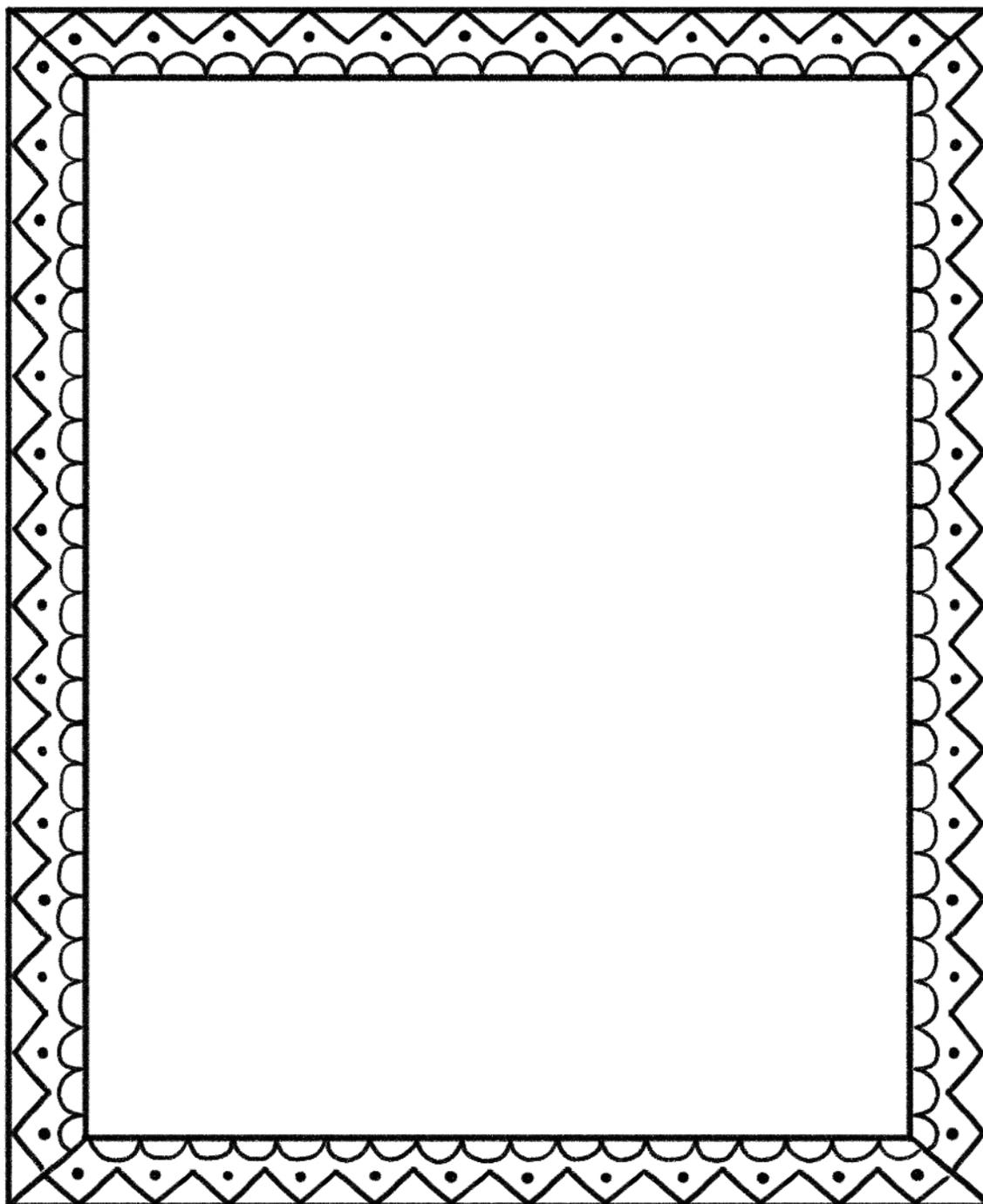
Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

Cartas

Envelope



Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias



Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

● Convite de festa de aniversário



● Convite de festa junina



Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

lista de compras

Material

Impressão do modelo de lista de compras, se possível em papel mais grosso, e tesoura.

Passo a passo

Imprima, em apenas um lado do papel, a lista de compras e recorte.

Sugestão de uso

Disponibilize uma caixinha com as listas de compras no microcenário de faz de conta com o tema **mercadinho** para inserir a escrita emergente de forma lúdica e contextualizada no cotidiano brincante das crianças. A brincadeira de mercadinho é um convite à linguagem matemática, pois envolve escolher a quantidade de cada um dos produtos e brincar de pagar por eles.

● Cena

Duas crianças brincam de família no microcenário de faz de conta. Uma delas diz: “Não acredito! Acabou o ovo, como vamos fazer o bolo? Vou precisar ir ao mercado”.

A outra criança abre o armário de cozinha e diz: “Olha aqui, tá vazio! Precisamos comprar muitas comidas”.

O(a) professor(a), ao observar a brincadeira, pergunta: “É muita coisa mesmo, como vocês vão se lembrar de tudo o que precisam comprar?”.

As crianças se dirigem ao microcenário. Uma delas pega uma lista de compras na caixinha reservada para essa finalidade e um riscante e realiza seu registro.

As duas crianças, juntas, começam a apontar para os produtos e falar de quais precisam. Enquanto isso, a criança que pegou o papel brinca de escrever com rabiscos não diferenciados.

Discordam quanto às quantidades: “Mas nessa receita de bolo vai só um ovo!”. Enquanto a outra fala: “Mas vou querer fazer panquecas na janta, vamos precisar de mais, deixa eu pensar... São mais dois ovos para as panquecas”.

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

LISTA DE COMPRAS



<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____
<input type="checkbox"/>	_____	<input type="checkbox"/>	_____

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias

Receitas culinárias

Material

Impressão do modelo de receita culinária, se possível em papel mais grosso, e tesoura.

Passo a passo

Imprima, em apenas um lado do papel, o modelo de receitas culinárias e recorte.

Sugestão de uso

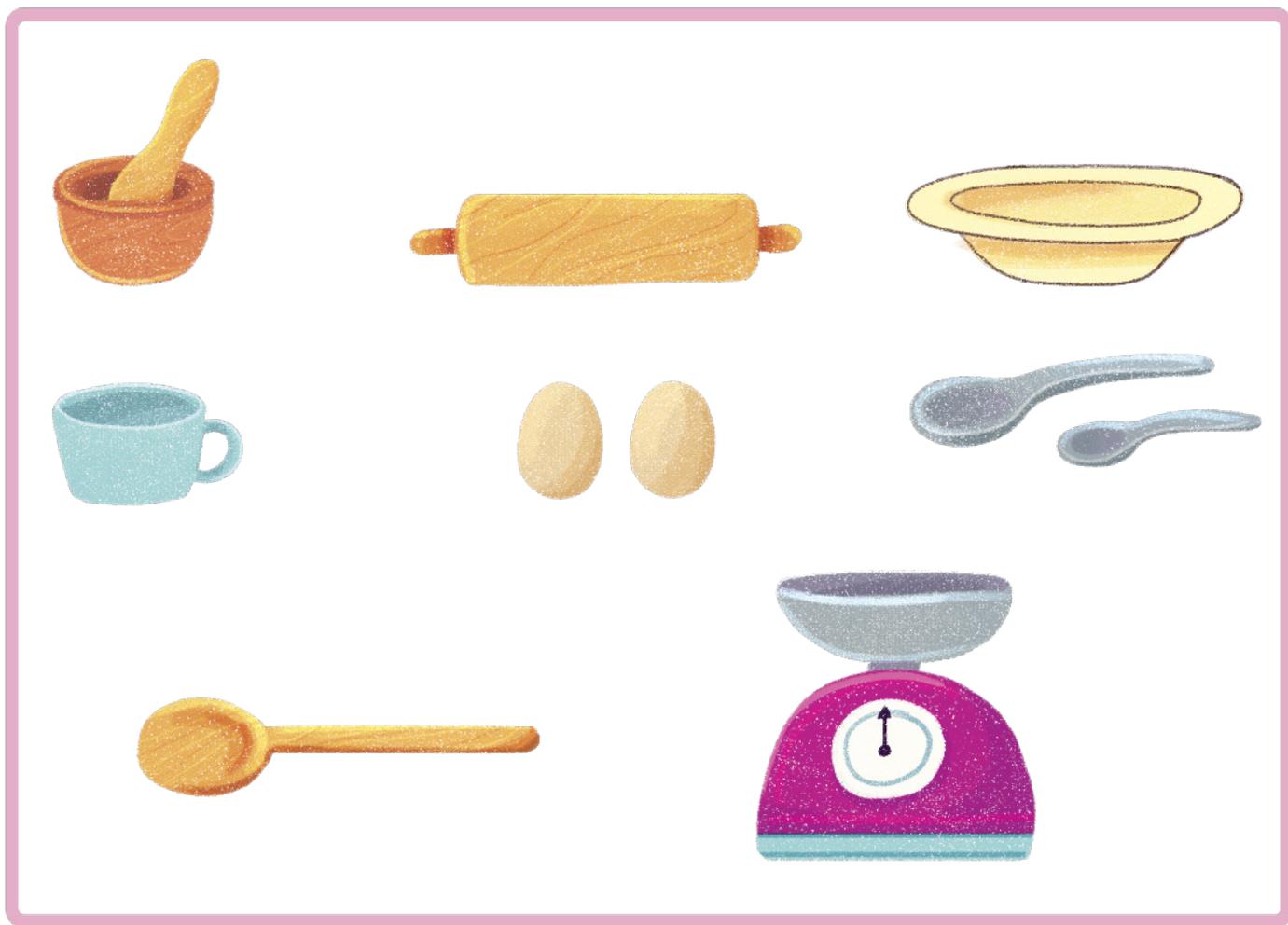
As crianças podem observar os adultos cozinhando, participar ativamente de momentos de culinária, produzir coletivamente o modo de preparo de receitas enquanto cozinham com o(a) professor(a), ver o(a) professor(a) registrando, como escriba, uma receita. Assim, reconhecem a função da escrita como instrução, como memória e como comunicação do vivido para que a receita possa ser ensinada e feita por outras pessoas. Apropriam-se do significado e dos símbolos que envolvem esse gênero textual, o que se manifesta em suas brincadeiras.

Disponibilize uma caixinha com o modelo de receitas culinárias e registre algumas delas no microcenário de faz de conta para compor as brincadeiras de cozinhar, criar, lembrar e anotar as receitas.

Como registrar receitas com as crianças:

1. Após a vivência culinária, a confecção de massa de modelar caseira ou de tintas naturais, rememore oralmente com as crianças o passo a passo e registre.
2. Em uma folha A3, registre o título (nome da receita) e, em seguida, liste os ingredientes e as quantidades.
3. Utilize palavras-chave e imagens para representar.

Cartas, convites, lista de compras e receitas culinárias



ILUSTRAÇÕES: CLAUDIA MARIANO

COLE A SUA RECEITA AQUI

Referências

BARROS, Manoel de. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

Publicado em 1993, o livro é uma das obras mais reverenciadas do poeta brasileiro Manoel de Barros.

BRASIL. **Brinquedos e brincadeiras de creches**. Manual de orientação pedagógica. Brasília: MEC, 2012. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=12451-publicacao-brinquedo-e-brincadeiras-completa-pdf&category_slug=janeiro-2013-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 23 jun. 2020.

Manual técnico produzido pelo Ministério da Educação com a colaboração das professoras-doutoras Tizuko Morchida Kishimoto e Adriana Freyberger. A finalidade do manual é indicar a organização dos espaços e das materialidades da creche, tendo como principal eixo o direito da criança à brincadeira.

BRITO, Teca Alencar de. **De roda em roda** – brincando e cantando o Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2013.

A educadora musical Teca Alencar de Brito reúne no livro-CD brincadeiras musicais de vários cantos do país. O livro também traz um glossário de termos relacionados às brincadeiras musicais do Brasil.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global Editora, 2015.

O historiador, antropólogo, advogado e jornalista brasileiro Luís da Câmara Cascudo apresenta neste livro suas pesquisas sobre a literatura oral no Brasil.

DANTAS, Tiago. Tangram. **Mundo Educação – UOL**. Disponível em: <<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/tangram.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

A reportagem apresenta informações sobre a curiosa lenda chinesa da origem do jogo milenar Tangram, formas de jogar e sua contribuição para a criatividade.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

A artista plástica e educadora nos leva a viajar no mundo dos desenhos infantis nesta obra essencial para a compreensão do grafismo na infância.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Leila; FORMAN, Georg. **As cem linguagens da criança**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

O livro aborda uma experiência desenvolvida na cidade de Reggio Emilia, na Itália, por uma referência mundial em Educação Infantil, o educador Loris Malaguzzi, na defesa da criança como potente, protagonista, cidadã e sujeito de direitos.

FERNANDES, Florestan. Contribuição para o estudo sociológico das adivinhas paulistanas. **Revista de História**, v. 4, n. 9, p. 107-164, 1952.

O sociólogo Florestan Fernandes partilha a pesquisa que realizou em 1941 sobre as adivinhas recolhidas em diversos bairros da cidade de São Paulo.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. "O brincar heurístico com objetos". In: **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. Porto Alegre: Artmed, 2006.

Um livro essencial para as professoras de bebês e crianças bem pequenas. As autoras aprofundaram os estudos sobre a prática pedagógica com crianças de 0 a 3 anos e desenvolveram os conceitos de brincar heurístico, introduzindo o jogo heurístico e o cesto de tesouros na creche.

HAMZE, Amélia. O jogo de dominó como comunicação e construção compartilhadas. Canal do Educador. **Brasil Escola**. Disponível em: <<https://educador.brasilecola.uol.com.br/trabalho-docente/jogodedomino.htm>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

A plataforma Brasil Escola apresenta nesta reportagem a história da origem, as formas de jogar e as habilidades desenvolvidas no jogo de dominó.

Referências

IBGE Educa. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

IBGE Educa é uma plataforma *on-line* desenvolvida pelo IBGE e voltada à Educação. Ela é dividida em ambientes de acesso para crianças, jovens e professores e contém diversas informações educativas, livros e materiais para impressão.

MARTINS JR., Luiz; DIAS, Julice; VOOS, Jordelina Beatriz Anacleto. Entrecruzando a Base Comum Curricular e a formação de professores da Educação Infantil. **TEXTURA – Revista de Educação e Letras**, v. 22, n. 50, 2020.

O artigo publicado nesta revista apresenta a pesquisa sobre a formação de professores com a finalidade de construir uma proposta pedagógica para a Educação Infantil que dialoga com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O projeto de formação contou com a participação de 240 professores da rede municipal de um município de Santa Catarina e traz relatos interessantes dos profissionais.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Crianças como leitoras e autoras**. Coleção Leitura e escrita na Educação Infantil, v. 6. Brasília: MEC/SEB, 2016.

O caderno é parte da coleção desenvolvida para o projeto Leitura e Escrita na Educação Infantil por professoras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), bem como profissionais da Coordenação Geral de Educação Infantil, que pertence à Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação para o curso em modalidade presencial. Todos os cadernos estão disponíveis *on-line*.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Biodiversidade brasileira. Disponível em: <<https://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira>>. Acesso em: 17 jun. 2020.

A plataforma virtual do Ministério do Meio Ambiente apresenta, nesta publicação, informações sobre a biodiversidade brasileira.

PAULINO, Tailane. O que é uma mandala? Estudo prático. **Terra Educação**. Disponível em: <<https://www.estudo-pratico.com.br/o-que-e-mandala>>. Acesso em: 18 jun. 2020.

A plataforma Estudo Prático apresenta, nesta publicação, informações sobre a origem, as características e os significados das mandalas em diferentes culturas.

REDAÇÃO Mundo Estranho. Qual é a origem do jogo-da-velha? **Superinteressante**, 18 abr. 2011. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-a-origem-do-jogo-da-velha/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.

A reportagem explica a origem do jogo da velha, conhecido em diversas partes do mundo e muito popular no Brasil.

RODARI, Gianni. **Gramática da Fantasia**. Tradução de Antonio Negrini. São Paulo: Summus, 1982.

O poeta, jornalista e escritor italiano Gianni Rodari apresenta variadas técnicas para a invenção de histórias. O livro é um convite à criatividade infantil e uma introdução mágica à literatura.

TIRIBA, Léa. Crianças da natureza. **Anais do I Seminário Nacional Currículo em Movimento**: perspectivas atuais. Belo Horizonte, nov. 2010.

A autora alerta para a necessidade de cuidar do planeta Terra e de ensinar às crianças não apenas sobre cidadania, democracia e respeito às diferenças. É preciso também desenvolver propostas e atividades que levem à reflexão sobre a necessidade de cuidar e de preservar nosso planeta, que sofre com a extinção de animais, o desmatamento, a poluição, entre outros tantos problemas ambientais.



Apresentação

O Brasil é um país de tamanho continental. Tão vasto quanto o território é a sua diversidade natural, cultural e social. Nesta publicação, buscamos olhar para a cultura brasileira à luz da infância. Construímos um repertório composto de cantigas, contos tradicionais, poesias, brinquedos, brincadeiras, artesanatos e receitas culinárias, considerando a história e as características geográficas, culturais e sociais de cada região do país. Na medida do possível, buscamos evidenciar as relações entre os elementos escolhidos e os contextos, de modo a evitar um olhar para as culturas das infâncias sem lastro com a memória e a história do Brasil.

A cultura é extremamente dinâmica e viva e se constitui pela reprodução e transformação das práticas, costumes e valores de determinado grupo social. O mesmo ocorre nas culturas das infâncias. Uma brincadeira pode ser encontrada em diversos lugares do Brasil e do mundo, tendo variações que evidenciam nuances regionais, culturais e geracionais. Além disso, no Brasil, diante da vastidão do território e da riqueza cultural, ainda são poucas as etnografias voltadas às práticas das crianças e às infâncias. Assim, nem sempre é possível precisar com exatidão a origem, a fonte e a região das manifestações culturais que compõem esse universo. Há que se considerar, ainda, os aspectos de universalidade que existem nas práticas voltadas às infâncias e produzidas pelas próprias crianças.

Os saberes e fazeres tradicionais são como grandes fontes de água, que jorram em forma de símbolo os elementos estruturais de uma cultura. Nesta publicação, há uma pequena mostra, representativa e inspiradora, sabendo-se que uma seleção desta natureza é sempre limitada diante do vasto patrimônio material e imaterial brasileiro, constituído desde os primeiros povos ameríndios até os dias atuais¹. A pesquisa e a escolha dos elementos culturais que integram este material lúdico partiram do reconhecimento da diversidade das infâncias brasileiras e dos saberes tradicionais transmitidos ao longo das gerações. Assim, em cada bloco, buscou-se trazer aspectos das culturas indígenas, quilombolas, caiçaras, ribeirinhas, do campo e urbanas, que, juntas, expressam a pluralidade e o valor educativo, ético e estético da cultura brasileira.

A publicação é composta de seis blocos, com um destinado ao contexto nacional, e os demais, às regiões do país: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. Cada bloco apresenta uma breve contextualização, um conjunto de repertórios das culturas das infâncias relacionados à região e orientações e sugestões de uso para cada um dos elementos.

Espera-se, com este material, contribuir para a formação e o aprimoramento da prática educativa com bebês e crianças bem pequenas e inspirar futuros estudos desta natureza, para que, cada vez mais, as novas gerações tenham acesso a este patrimônio, ainda pouco conhecido, utilizado e disseminado nas creches, que é a cultura tradicional das infâncias no Brasil.

¹ Estudos arqueológicos recentes indicam que os primeiros habitantes do Brasil chegaram entre 15 mil e 30 mil anos atrás. A hipótese mais aceita para explicar a origem dos indígenas brasileiros é a de que eles são descendentes de povos asiáticos que atravessaram o Estreito de Bering, mais especificamente da região da Sibéria (UFMG, 1999). Fonte: PESQUISA FAPESP. Ameríndios eram siberianos. Ed. 71, jan. 2002. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/amerindios-eram-siberianos/>>. Acesso em: 27 jul. 2020.



Introdução

O Brasil é considerado um dos países mais miscigenados do mundo. Antes da chegada dos portugueses, em 1500, ele era habitado por diversos povos ameríndios. Estima-se que, nessa época, viviam cerca de oito milhões de indígenas, que, juntos, somavam mais de 1,5 mil línguas (atualmente são cerca de 180). Com a chegada dos portugueses, houve uma enorme diminuição das populações indígenas, em função das práticas de catequizaço, extermínio e escravidão, e um crescimento populacional com os povos imigrantes da Europa e da África, vindos forçados com a diáspora negra.

O fluxo imigratório no Brasil manteve-se intenso ao longo dos séculos, tendo chegado no início do século XX asiáticos (japoneses, chineses) e, mais recentemente, latino-americanos (bolivianos, haitianos e venezuelanos), afrodescendentes (nigerianos, angolanos e senegaleses) e imigrantes e refugiados oriundos do Oriente Médio (sírios e paquistaneses). Tãmanha é a diversidade étnica e cultural do Brasil, que se torna muito restrito considerar a identidade do “povo brasileiro” a partir somente de um viés homogêneo e pautado em três matrizes – indígena, africana e portuguesa. Para se ter uma dimensão da riqueza cultural, somente do ponto de vista da diversidade indígena, no Brasil ainda existem cerca de 215 etnias e cerca de 180 línguas diferentes.

Do mesmo modo que existe essa identidade plural do brasileiro, as infâncias são analisadas sob a mesma perspectiva. Segundo o IBGE (2018), no Brasil, são 35,5 milhões de crianças¹, o que corresponde a 17,1% da população. Olhar para as culturas das infâncias, isto é, para as práticas produzidas pelas crianças ou voltadas a elas, implica considerar essa diversidade cultural, social, étnica, racial e econômica. Além disso, o Brasil é um país extremamente marcado por desigualdades sociais e barreiras que se impõem às populações mais vulneráveis. Entre elas, as mais afetadas são as crianças pobres, negras e com deficiências.

Nesse bloco, você encontrará elementos das culturas das infâncias: brincadeiras, brinquedos, histórias, músicas, receitas culinárias, artesanato, entre outros, selecionados à luz da pluralidade cultural e regional e do reconhecimento da relevância dos saberes e fazeres tradicionais para a educação de bebês e crianças da creche.



¹ Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), considera-se criança a pessoa até doze anos de idade incompletos. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>. Acesso em: 22 jul. 2020.

1 Receita culinária

Mandioca – A rainha do Brasil



Você sabia que a mandioca, de tão popular no país, foi denominada por Câmara Cascudo a “Rainha do Brasil”? (CASCUDO, 2011). Ela é um alimento genuinamente brasileiro, de origem indígena. Dependendo da região, é conhecida como macaxeira, aipim, maniva, carimã, candinga ou mandioca. Os bandeirantes e colonos portugueses, no contato com os indígenas, passaram também a consumi-la, deixando roças de mandioca como rastro por onde passavam. A primeira referência à mandioca está em uma carta que Pero Vaz de Caminha enviou a Portugal:

[...] Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos[...].

(Fonte: Carta a El-Rei Dom Manuel sobre o achamento do Brasil (continuação). Em **Só Literatura**. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2007-2020. Disponível em: <https://www.soliteratura.com.br/biblioteca_virtual/biblioteca02e.php>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Os relatos dos primeiros portugueses identificaram o tubérculo e o descreveram como inhame, pois não conheciam a mandioca, um alimento notável pela sua popularidade entre os indígenas, em razão de sua versatilidade e poder nutricional, capaz de deixar os corpos “rijos” e “nédios”. Além da mandioca mansa, no Nordeste conhecida como macaxeira, há uma espécie chamada de mandioca-brava, venenosa ou selvagem, que possui grande quantidade de toxina, podendo levar à morte, caso seja consumida sem um processo específico de fermentação e extração das toxinas.

Durante a colonização, além da macaxeira, a farinha, seu principal derivado, passou a ser consumida pelos portugueses, ganhando novos sabores, texturas e ingredientes. Originária também da cultura indígena, foi levada aos demais continentes pelos europeus. Na época da escravidão, a farinha era a base da alimentação dos africanos no Brasil.

Séculos mais tarde, a mandioca chegou até a ser símbolo na política nacional, no que se denominou popularmente de “Constituição da Mandioca”, o primeiro projeto de Constituição do Brasil, em 1823, que veio a ser interrompido pelo imperador D. Pedro ao determinar o fechamento da Assembleia Constituinte. Para garantir que o poder parlamentar ficasse nas mãos da aristocracia rural brasileira, a capacidade eleitoral foi condicionada à renda, em uma mercadoria de consumo corrente: a farinha de mandioca. Só poderiam ser eleitores ou candidatos aqueles que tivessem equivalente a 150 alqueires dessa farinha.

A farinha está assim amalgamada com a história do Brasil, com a nutrição, a força de trabalho, a política, as desigualdades, o poder e a resistência. No imaginário ela se configurou como uma comida essencial. “Sem ela a refeição estará incompleta e falha. É comida *de volume*, comida *que enche*, sacia, *faz bucha*, satisfaz. [...] Sem farinha o homem não vive”. (CASCUDO, 2011, p. 92, grifos do autor).

Até hoje ela está na mesa do brasileiro, sendo consumida de diferentes formas e, em algumas regiões, como alimento diário, servindo de acompanhamento para tudo, de carne a frutas, além de ter uma função básica de unir e amalgamar os ingredientes.

Cada região do país a faz de uma forma, adicionando ingredientes típicos, o que a torna um dos pratos mais representativos da nossa cultura. São farinhas grossas ou finas, cruas ou torradas, fermentadas ou secas, comidas puras, amolecidas em caldos ou servidas como farofa. A depender da quantidade de farinha que se coloque na panela, você pode ter a farofa ou o pirão. Este é feito com o caldo de ensopado de peixe ou até mesmo com leite. Além da farinha e da farofa, outra comida típica brasileira que vem da mandioca é o beiju, também chamado de tapioca, a depender da região do país.

Na região Centro-Oeste, em especial no Mato Grosso, é muito tradicional a farofa ser feita com outro alimento bem típico do Brasil, que já foi até mesmo usado como um símbolo nacional: a banana. A seguir, conheça uma receita que pode ser feita com as crianças.

Receita de farofa de banana

Ingredientes:

- 3 bananas-da-terra (ou nanicas, um pouco verdes) descascadas e cortadas em cubinhos
- 1/2 xícara (chá) de manteiga
- 1 cebola picada
- 2 xícaras (chá) de farinha de mandioca crua
- sal a gosto

Como fazer:

1. Fritar a banana na manteiga até ficar dourada.
2. Retirar a banana e, na mesma frigideira, fritar a cebola.
3. Adicionar a farinha e fritar, mexendo bem até tostar.
4. Adicionar sal e juntar a banana, mexendo tudo.

Orientações e sugestões de uso

As crianças, mesmo as bem pequenas, devem ser envolvidas na alimentação. O contato com os ingredientes estimula os sentidos (olfato, paladar, tato, audição e visão), contribuindo para o desenvolvimento integral e para uma relação empática com os alimentos. Ao manusear os ingredientes, cheirá-los, ajudar a descascá-los, cortá-los, espremê-los, misturá-los, peneirá-los e tantas outras ações ligadas ao fazer da cozinha, as crianças criam um vínculo afetivo com a alimentação.

Os bebês e as crianças bem pequenas sentem grande prazer em ajudar e em participar de algo que tenha um grande sentido social, comunitário. Do plantio ao ato de comer, há grandes oportunidades de aprendizados, que favorecem a autonomia, o protagonismo e uma alimentação saudável.

No caso dessa receita, o(a) professor(a) pode descascar, cortar ao meio e depois em tiras mais finas a mandioca crua e pedir que as crianças maiores ajudem a picar, usando facas sem ponta e apoiando em uma tábua em cima da mesa para garantir um trabalho seguro e preciso. Já as crianças menores podem contribuir com a receita ajudando a descascar e a cortar as bananas em rodela.

A farofa de banana é uma receita bem simples, mas o seu processo pode propiciar uma participação infantil muito rica e em diversas etapas. É um exemplo de como na creche até receitas simples e cotidianas podem se tornar um terreno fértil para o aprendizado e a experiência viva na infância.

Nesse contexto, pode-se contar a “Lenda da mandioca”, que consta da p. 355, e brincar de “farinhada” (p. 356).

Referência

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

2 História tradicional

Mani: a lenda da mandioca

Diz a lenda tupi que, certa vez, uma índia teve uma linda filhinha, a quem deu o nome de Mani. A menina era muito bonita e de pele bem clara, alegre e falante, e era amada por todos. Mani parecia esconder um mistério, era uma menina muito diferente do restante das crianças, vivia sorrindo e transmitindo alegria para as pessoas da tribo.

Certo dia, porém, a indiazinha não conseguiu se levantar da rede. Toda a tribo ficou alvoroçada. O pajé correu pra acudir, levou ervas e bebidas, fez muitas rezas. Mesmo assim, nem as rezas do pajé, nem os segredos da mata virgem, nem as águas profundas e muito menos a banha de animais raros puderam evitar a morte de Mani.

A menina morreu com um longo sorriso no rosto. Os pais resolveram enterrá-la na própria oca onde moravam, pois isso era costume dos índios tupi. Regaram a cova com água, mas também com muitas lágrimas, devido à saudade da menina.

Passados alguns dias, no local em que ela foi enterrada, nasceu uma bonita planta. As folhas eram viçosas, e a raiz era escura por fora e branquinha por dentro, lembrando a cor da pele de Mani.

A mãe chamou o arbusto de maniva, em homenagem à filha. Os índios passaram a utilizar a tal planta para fabricar farinha e cauim, uma bebida de gosto forte. A planta ficou conhecida também como mandioca, mistura de Mani e oca (casa de índio). Por ser tão útil, tornou-se símbolo de alegria e abundância para os índios – das folhas às raízes.



FABIANA SALOMÃO

Fonte: Mani, a lenda da mandioca. Xapuri Socioambiental, 9 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/cultura/mani-lenda-da-mandioca/>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Orientações e sugestões de uso

As populações indígenas no Brasil possuem uma grande diversidade de lendas e mitos. Por meio deles acessamos a perspectiva de uma determinada etnia, que possui um modo singular de ser, pensar e viver no mundo. Muitas das narrativas indígenas se referem à origem, tratam do nascimento das coisas e dos seres. Na “Lenda da mandioca”, tem-se a origem do próprio tubérculo.

Na creche, pode-se contar a lenda às crianças, de preferência usando a linguagem oral, e acender uma vela no centro da roda, remetendo à prática ancestral de se ouvir histórias ao redor do fogo. A narração oral convida a uma escuta mais atenta e ativa. Fortalece o vínculo do(a) professor(a) com a turma, na medida em que ele(a) está exclusivamente dedicado(a) ao uso da sua voz e a olhar as impressões das crianças, não tendo que alternar o seu gesto e atenção para a leitura da história no livro.

Além de contar a lenda, a partir da simbologia do nascimento, pode-se fazer um plantio na escola. Como o cultivo da mandioca é mais complexo, pode-se escolher outro legume, como a batata (inglesa ou doce), que pode ser plantada na terra a partir do próprio tubérculo. Dependendo do espaço escolar, ela pode ser plantada em um local do quintal, em um canteiro ou em uma horta. Mas, caso não haja condições de plantá-la na terra, uma alternativa é colocar o tubérculo dentro de um vidro com água na própria sala, deixando-o perto da janela para garantir a luz do Sol. Rapidamente, ela começará a brotar.

3 Brincadeira tradicional

Farinhada

Esta cantiga de roda está presente em diferentes regiões do Brasil; sobretudo, onde é feita a produção de farinha artesanal, em Casas de Farinha, como nas comunidades rurais, quilombolas e ribeirinhas. De um lugar para outro, há pequenas variações na letra e na melodia. Seguem duas versões, uma da região Norte e outra do Sudeste.

Farinhada

Vou fazer uma farinhada
Todo mundo vai gostar

Só quem entende de farinha
Vem peneirar aqui
Só quem entende de farinha
Vem peneirar aqui

Vou chamar a [...]
Para vir se apresentar

Só quem entende de farinha
Venha peneirar aqui
Só quem entende de farinha
Venha peneirar aqui

(Versão da Vila Pajuçara (PA), recolhida da informante Iracema Gomes Carvalho pela pesquisadora e educadora Renata Meirelles).

Farinhada

Vou fazer uma farinhada
Muita gente eu vou chamar
Vou fazer uma farinhada
Muita gente eu vou chamar

Só quem gosta de farinha
Pode peneirar aqui
Só quem gosta de farinha
Pode peneirar aqui

Vou chamar o [...]
Para peneirar aqui
Vou chamar o [...]
Para peneirar aqui

(Versão de Araçuaí (MG), recebida pelo Mapa do Brincar – *Folha de S.Paulo*).



Como se brinca

As crianças formam uma roda e cantam a música. Uma delas vai ao centro para “peneirar a farinha”, fazendo com as palmas das mãos viradas para baixo um movimento de rotação, imitando o gesto de peneirar a farinha. Uma a uma, as crianças são chamadas pelo nome e integram o centro da roda, até todas estarem dentro dela, cantando e “peneirando a farinha”.

Orientações e sugestões de uso

As cantigas de roda fortalecem o vínculo e a integração entre as crianças. Todas juntas, olhando uma para a outra em círculo, formam uma grande unidade. Um pequeno cosmos, que existe na medida em que há a cooperação mútua, o desejo e a alegria em brincar junto. Por ser uma cantiga de roda que em determinado momento da letra convida uma a uma a ir ao centro, desenvolve também o protagonismo e o respeito às diferenças entre as crianças. Atua, assim, em duas dimensões: na coletiva, social, que remete ao trabalho em equipe, e na individual, que evoca a singularidade e a capacidade de expressão de cada brincante. Importante estar atento ao desejo e aos limites de cada bebê e criança, respeitando a maneira como eles se envolvem e participam da brincadeira, inclusive a decisão de não entrar na roda, caso não queiram.

Por fim, essa cantiga de roda fortalece o vínculo da criança com a cultura brasileira, com uma prática tradicional, antiga e viva em muitas comunidades que produzem farinha, sendo uma oportunidade de também conhecer esse trabalho, seus artefatos (peneiras, raladores, pilão), histórias, músicas e gestos. Pode-se fazer a cantiga com a variação de usar uma peneira de palha como suporte para a expressão de quem for ao centro da roda “peneirar farinha”.

Referências

MAPA do Brincar – *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <<https://mapadobrinca.folha.com.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.
MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

Referência sonora

Peneirei a farinha

Disponível em: <<http://media.folha.uol.com.br/crianca/2011/03/24/folhinha.mp3>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

4 Brinquedo tradicional

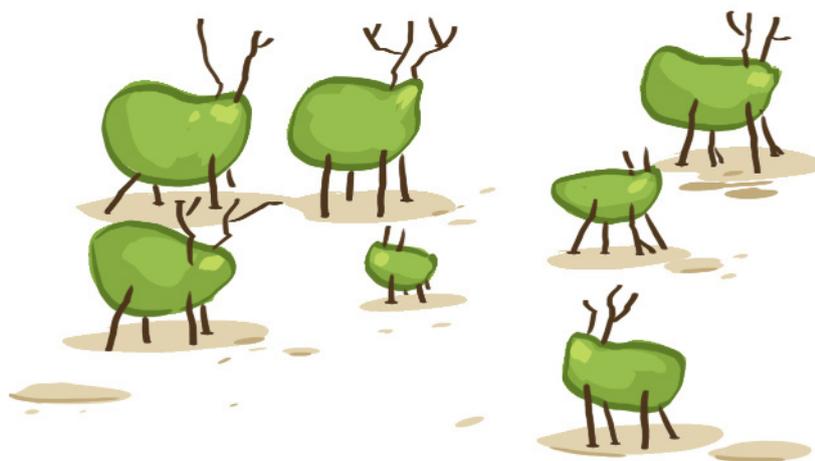
Bichinhos de elementos naturais

Fazer bois e outros bichos com mamão, manga, chuchu, banana e até cuia (também conhecida como porongo ou cabaça) é uma brincadeira antiga, que ainda é praticada no Brasil, principalmente no interior, nas áreas rurais e no Sertão.

Um brinquedo feito de elementos da natureza, que nasce da colheita de frutas, a maioria já caída e disponível no chão de quintais, terreiros e praças. Quando verdes nas mãos das crianças ou dos adultos que ainda mantêm viva a sua imaginação criadora, viram bichos e até uma fazendinha inteira. Bastando, para isso, um fruto para representar o corpo e alguns pequenos gravetos para os pés e os chifres, fincados no próprio corpinho do “animal”. Muitas crianças do Brasil brincaram de fazendinha com seus bichinhos feitos de frutas caídas do pé ou apanhadas. Monteiro Lobato (1882-1948) fazia boizinhos de chuchu, João Guimarães Rosa (1908-1967), bois de manga. No chão de terra, as crianças criam currais para seus bichos, com folhas, galhos, pedras, sementes e outros elementos da natureza. O chão torna-se terreno fértil para o imaginar (PIORSKI, 2016).

Milhão

Boizinho de milho,
viola de milho,
burrinho de milho,
boneca de milho.
Quebra-cabeça de milho,
cabelo de milho,
carrinho de milho,
cavalo de milho.
Com imaginação,
um pouco de milho,
um monte de milho
e diversão de milho.



Fonte: MARIA, Selma. **Um pequeno tratado de brinquedos para meninos quietos.** São Paulo: Peirópolis, 2009.

Orientações e sugestões de uso

O que possibilitamos de ambiente, de relações interpessoais, de materiais, de tempo, de estímulos sonoros, táteis, visuais é determinante na qualidade do brincar e no desenvolvimento da criança.

A natureza é o ambiente mais propício à infância. É uma fonte inesgotável à imaginação. Diferentemente dos brinquedos prontos, industrializados, que na maioria das vezes são feitos de plástico, com uma estética estereotipada e com mecanismos que já indicam o que e como fazer, o brincar com elementos naturais permite múltiplas formas de brinquedos e de brincadeiras.

A relação das crianças com a natureza promove a saúde física, mental, emocional e espiritual (LOUV, 2016). Mesmo que na creche não exista uma área verde, com árvores, flores, grama, é fundamental buscar estratégias que garantam à criança o acesso à natureza. Podem-se buscar soluções diversas: 1) como uso de outros espaços disponíveis no território, como praças e parques; 2) a revitalização do espaço escolar com plantio de jardins, árvores, hortas; 3) uso de materiais naturais pelas crianças nas atividades internas e ao ar livre (BARROS, 2018).

No caso dos bichos, pode-se disponibilizar na creche materiais naturais que possibilitem o brincar livre de fazendinhas, de criação de bichinhos com tamanhos e cores variados. Para evitar o desperdício de alimentos no contexto escolar, sugere-se a criação desse tipo de brinquedo em terreiros com árvores frutíferas, onde naturalmente há frutas no chão, caídas de árvores, além de usar materiais diversos como tocos de madeira, galhos, pedras, sementes de tipos, tamanhos e cores diferentes e barro. Com a terra molhada do próprio quintal da escola, ou, então, argila, as crianças podem também modelar bichinhos, compondo com os demais materiais.

Referências

BARROS, Maria Isabel (org.). **Desemparedamento da infância:** a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Instituto Alana e Programa Criança e Natureza, 2018. Disponível em:

<https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2020.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza.** São Paulo: Aquariana, 2016.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão.** São Paulo: Peirópolis, 2016.

PROJETO Infâncias. Disponível em: <<https://projetoinfancias.com.br/site/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

PROJETO Território do Brincar. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

ROMEY, Gabriela; PERET, Marlene. **Lá no meu quintal...** – o brincar de meninos e meninas de Norte a Sul. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Referência de audiovisual

Território do brincar – Boi de pedra

Direção: Renata Meirelles e David Reeks.

Sinopse: Na comunidade do Lajedo, no Ceará, os meninos brincam de boizinhos com pedras. Documentário produzido com base na pesquisa de Gandhy Piorski. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/videos/boi-de-pedra/>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

Outras referências

Jardim das brincadeiras: uma estratégia lúdica para a educação ecológica

Disponível em: <<https://jardimdasbrincadeiras.files.wordpress.com/2013/09/jardim-das-brincadeiras.pdf>>.

Portal Lunetas – A brincadeira se faz com a vida, não com produtos comprados

Disponível em: <<https://lunetas.com.br/brincadeira-brincar-livre/>>.

Programa Criança e Natureza

Disponível em: <<https://criancaenatureza.org.br/>>.

Portal Educação Integral

Como o brincar com a natureza estimula o desenvolvimento das crianças.

Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/metodologias/como-o-brincar-natureza-estimula-desenvolvimento-criancas/>>. Acessos em: 9 jul. 2020.

5 Brincadeira cantada

Esta é uma cantiga de roda tradicional, muito comum nas comunidades ribeirinhas e em todo o Brasil, gravada por diferentes intérpretes e com variações melódicas.

0 pião entrou na roda

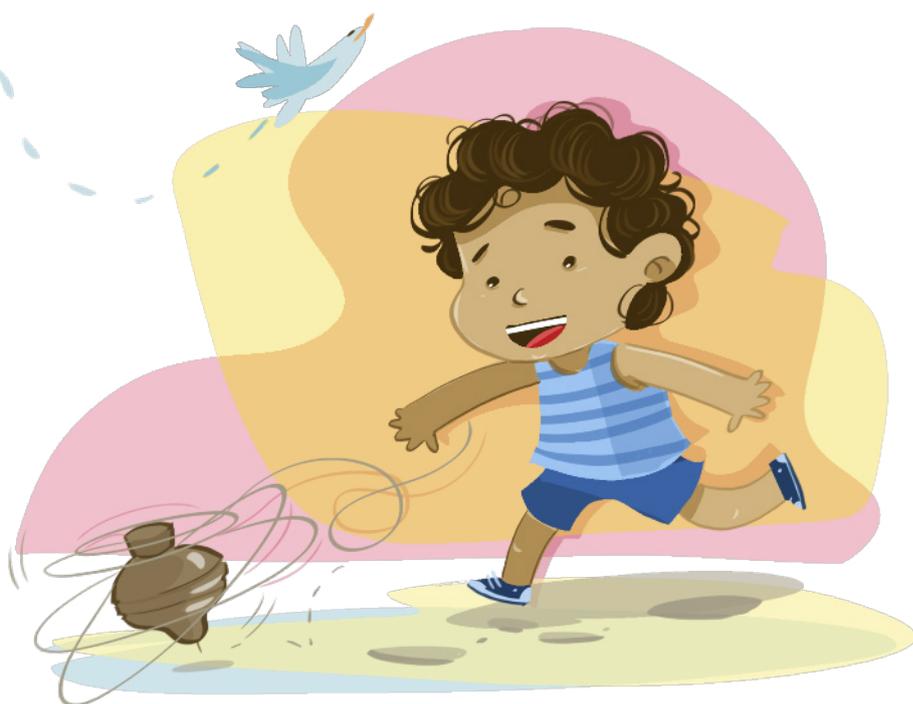
O pião entrou na roda, o pião!
O pião entrou na roda, o pião!
Roda pião, bambeia pião!

Sapateia no terreiro, ó pião!
Sapateia no terreiro, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Mostra a tua figura, ó pião!
Mostra a tua figura, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

Arrasta a tua saia, ó pião!
Arrasta a tua saia, ó pião!
Roda pião, bambeia pião!

(Domínio público)



FABIANA SALOMÃO

Como se brinca

As crianças ficam dispostas em roda. Ao longo da música, uma criança entra no centro da roda e dança como se fosse um “pião”, fazendo os gestos conforme a letra, de acordo com sua criatividade e sua personalidade. Após terminada a música, a criança sai e volta a integrar a roda. A brincadeira continua com a cantiga que recomeça e com outra criança que vai ao centro da roda para “ser o pião”.

Orientações e sugestões de uso

Esta brincadeira pode ser feita por todo o grupo de crianças ou com apenas um pequeno grupo, de pelo menos duas crianças e um adulto que canta a música e é o primeiro a entrar na roda para demonstrar como se brinca. Além da voz, podem ser usados instrumentos para acompanhar o ritmo, como maracás, pandeiro ou tambor. Outra sugestão é usar chocalhos nos tornozelos (veja na descrição do maracá na Região Norte), durante a brincadeira, deixando tudo ainda mais animado!

As brincadeiras cantadas desenvolvem a motricidade, a oralidade, o ritmo, o protagonismo, a interação e o vínculo entre os participantes. Contribui também para o desenvolvimento da autoconfiança e da criatividade, na medida em que cada criança é convidada a entrar na roda e, durante a cantiga, ser “o pião”, ou seja, o eixo, o centro da brincadeira. É importante destacar que cada criança deve ser respeitada em sua singularidade e brincar de acordo com seus interesses, disponibilidade e possibilidades, não sendo nada imposto (por exemplo, não obrigá-la a entrar na roda e “ser o pião”) e contrário à sua vontade, nem que dance e brinque baseado em um modelo padrão de gestos que devem ser imitados. É fundamental que o(a) professor(a) valorize na brincadeira a expressão genuína de cada criança; assim, até os bebês podem integrar a brincadeira à sua maneira.

Referência

MEIRELLES, Renata. **Giramundo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

Referência de audiovisual

Bambeia

Documentário. Brasil, 2004, 5 min. Livre.

Direção: David Reeks e Renata Meirelles.

Sinopse: Três meninos de uma comunidade ribeirinha da Amazônia revelam todas as etapas da confecção de um pião. Nesse processo, vem à tona a relação íntima que eles têm com os conhecimentos sobre a floresta e as incríveis habilidades de lançar seus piões. O vídeo começa e termina com uma cantiga de roda relacionada ao tema proposto. Disponível em: <<http://www.ludusvideos.com.br/bambeia/>>. Acesso em: 30 jun. 2020.

6 Música

Cantiga de ninar

Mário de Andrade (1893-1945) foi um escritor, crítico literário e de artes, musicólogo, fotógrafo, educador e pesquisador do folclore brasileiro. Um dos idealizadores da Semana de Arte Moderna, em 1922, e fundador dos Parques Infantis em São Paulo, na década de 1930, uma proposta pioneira de educação e de cultura centrada nas artes, na cultura brasileira, no brincar e na liberdade.

Durante sua pesquisa sobre o folclore, viajou pelo Brasil e registrou muitos saberes populares. Entre eles, encontrou três registros melódicos e textuais da cantiga “Sapo Cururu”, publicados e identificados por ele como aca-lantos: um coletado em Araraquara (SP) e dois em Alagoas (MACHADO, 2017).

Cabe ressaltar que esses são um dos primeiros registros dessa cantiga de domínio público, que possui diversas variações regionais e é atualmente mais divulgada e conhecida como uma cantiga de roda, e não de ninar. Também é comum, em vez de Cururu, usar Sapo Jururu. No primeiro caso (Cururu), trata-se de referência ao nome popular de um sapo nativo das Américas Central e do Sul e também ao nome de uma dança de origem tupi-guarani. Já o segundo (Jururu), refere-se a um adjetivo, cujo significado é “melancólico, prostrado, que perdeu a alegria, macambúzio”. “Essa transitividade evidencia a vitalidade da cultura infantil, que traz as canções da hora de dormir para a hora de brincar e vice-versa” (MACHADO, 2017).

Sapo Cururu

Sapo cururu

Da beira do rio

Quando o galo canta,

Maninha,

Cururu tem frio.

(Variante registrada por Mário de Andrade em um aboio em Alagoas).



Sapo Cururu

Sapo cururu

Da beira do rio,

Quando o galo canta,

Maninha,

Cururu tem frio.

Bum! Bum!

Sapo cururu

Da beira do rio,

Não me bote n'água,

Maninha,

Que eu morro de frio.

Bum! Bum!

Sapo cururu

Que fazeis lá dentro?

Tou fazendo doce,

Maninha,

Pro meu casamento.

Bum! Bum

(Variante também de Alagoas, enviada por Jorge Lima a Mário de Andrade).

Orientações e sugestões de uso

As cantigas de ninar fortalecem o vínculo, o afeto e a relação de confiança entre o adulto e o bebê. Criar espaços e tempos na rotina da creche para o cuidado e a atenção exclusivos a um bebê é vital para o seu desenvolvimento saudável. Este momento pode ser na hora do banho, da troca, do sono, em que o adulto estabelece uma relação com mais intimidade e qualidade de presença com uma criança. Mesmo que seja breve, visto que o(a) professor(a) é responsável por um grupo, essa dedicação exclusiva em um pequeno momento do dia possibilita perceber com mais sensibilidade e precisão as necessidades e as características de cada uma, além de contribuir para a criança desenvolver uma confiança no mundo, no outro e em si mesma.

Nesses momentos, o(a) professor(a) pode cantar acalantos, como o “Sapo Cururu”, fortalecendo a relação com o bebê a partir da voz humana e das melodias e ritmos da cultura tradicional das infâncias. A língua materna, ao ser trazida pela música, não apenas contribui para a oralidade, como amplia ainda mais a experiência de acolhimento, de intimidade e de vínculo afetivo.

Como há muitas variações de letra e melodia da música “Sapo Cururu”, é interessante cantar com o grupo de crianças as diferentes versões para que experimentem e sintam a vitalidade, o dinamismo e a potência da cultura, que se mantém como tradição na reprodução e na transformação de seus elementos a partir de cada território e geração.

Referências

MACHADO, Silvia Pinheiro. **Canção de ninar brasileira**. São Paulo: Edusp, 2017.

PIKLER, Emmi. **Moverse en Libertad**: Desarrollo de la Motricidad Global. 4. reimpr. orig. Narcea: S.A. de Ediciones, 1969.

Sites

<https://issuu.com/itaucultural/docs/mariodeandrade_miolo_final>

<<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/mario-de-andrade/missao/>>

Acessos em: 9 jul. 2020.

Referências sonoras

CD do livro **Canção de ninar brasileira: aproximações**

Disponível em: <<http://www.primeiromovimento.com/cd-do-livro-cancao-de-ninar-brasileira-aproximacoes>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Instituto Memória Musical Brasileira (IMMuB)

Disponível em: <<https://www.immub.org/compositor/dona-esther-pedreira-de-cerqueira>>. Acesso em: 30 jul. 2020.

7 Construção de brinquedo

Boneca de pano

A boneca é um dos brinquedos mais antigos da humanidade. Desde o Egito Antigo, há 2 mil a.C., existem bonecas que eram feitas de barro ou de madeira. Ao longo da história e nas mais diversas culturas, há registro de bonecas para usos e faixas etárias distintas, produzidas nos mais variados tipos, tamanhos e materiais.

No Brasil, são comuns as bonecas de pano, feitas artesanalmente com restos de tecido por mulheres ou pelas próprias crianças, que, maiores, já conseguem costurar e produzir seus próprios brinquedos. São tradicionais nas áreas rurais, sobretudo no Nordeste e no estado de Minas Gerais. As bonecas de pano costumam ser simples, possibilitando a ampliação da imaginação da criança e o brincar livre. Não há muito além de pontinhos costurados ou pintados para sinalizar os olhos e a boca, um corpinho de pano e uma roupinha feita na maioria das vezes de resto de tecido.

Ao não terem traços, expressões e formas muito definidas ou estereotipadas, e por serem feitas com poucos detalhes, inclusive no rosto, a criança, ao brincar, cria suas próprias narrativas tendo um brinquedo que não limita o seu poder de expressão, como ocorre com grande parte das bonecas industriais e contemporâneas. Muitas delas têm rosto de adulto, maquiagem, ou são bebês com super-realismo, e com mecanismos que trazem sons, gestos, “emoções”, restando pouco para a criança imaginar. Mais recentemente, há bonecas que possuem inteligência artificial e, além dos fatores anteriores, trazem um agravante ao registrar dados da criança, como seus interesses, hábitos, características, violando seu direito à privacidade e à proteção de dados.

Por isso, quanto mais simples for a boneca, melhor; principalmente na primeira infância. As bonecas de pano, feitas em um tamanho maior, que dá para a criança pegar no colo, são mais indicadas a essa faixa etária. Elas se aproximam mais da experiência de contato humano. São macias, sendo convidativas ao cuidado e ao toque, possíveis de a criança ninar e cuidar, imitando os gestos de cuidado que recebe. Moldam-se ao corpo, diferentemente de uma boneca feita com um material duro e frio, como o plástico, a porcelana, a borracha, permitindo à criança acalentar e, ao mesmo tempo, ter o seu corpo aquecido, remetendo simbolicamente ao vínculo afetivo e às relações humanas.

As bonecas possibilitam o exercício do cuidado. Abraçar, beijar, trocar a roupa, dar comida, conversar são gestos que nascem no encontro de meninas e meninos com esse brinquedo. Assim, a maneira como se brinca com a boneca revela aspectos da educação e do cuidado que a criança recebe. Longe, portanto, de ser um brinquedo de menina, a boneca é um brinquedo universal, que precisa estar presente na vida de toda criança, pois uma educação sem violência implica a transformação do modo como acolhemos e cuidamos das novas gerações, e isso passa por ofertar oportunidades de cuidar de si e do outro. A boneca é assim um celeiro de possibilidades para o bem-querer, a empatia e a cultura de paz.



ILUSTRAÇÕES: FABIANA SALOMÃO

Orientações e sugestões de uso

A boneca é um brinquedo fundamental na infância, desde os primeiros meses de vida. Os bebês bem pequenos, por volta de 3 meses, beneficiam-se ao terem bonecas feitas de pano, sem quase nenhum detalhe. A boneca de pano simples, semelhante a uma “naninha”, é o brinquedo ideal para os bebês e as crianças bem pequenas, sendo usadas para brincar, para dormir, para colocar na boca, para carregar por todo lugar.

A confecção de bonecas desse tipo não exige um conhecimento prévio de trabalhos manuais, podendo ser facilmente feitas pelo(a) professor(a). Recomenda-se, nos casos dos bebês, costurar uma boneca para cada criança, para que ela possa ter na creche um brinquedo dela, que a acompanha na hora de dormir ou de brincar no berço e nos demais ambientes e momentos do dia. Isso fortalece a confiança da criança, aspecto fundamental para o desenvolvimento de sua autonomia e segurança afetiva.

Para facilitar a diferenciação, podem-se escolher tecidos com cores diferentes para cada boneca, fazer uma toquinha para a cabeça com retalhos de tecido variados ou fazer uma marquinha no tecido com linha colorida ou até caneta.

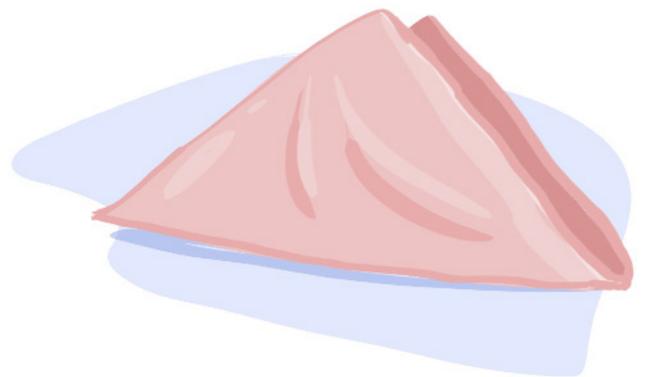
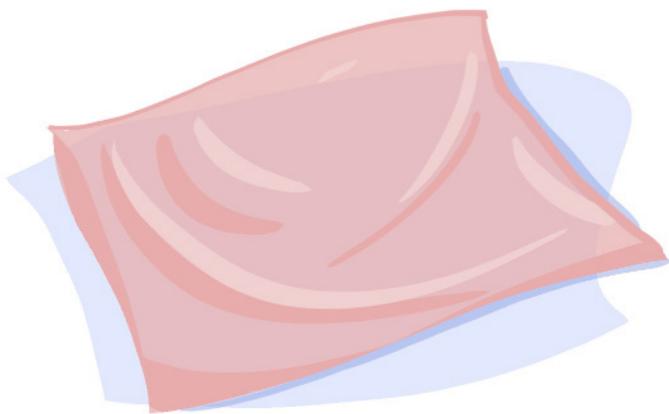
Construção de uma boneca de pano simples

Materiais

- tecido macio
- tesoura
- estopa de algodão 100%
- agulha e linha de bordar ou caneta para tecido

Como fazer

1. Corte um quadrado de tecido, com tamanho aproximado de 30 X 30 (pode ser maior para crianças maiores e menores para bebês).
2. Dobre o quadrado ao meio, formando um triângulo.



3. Descubra o centro da ponta dobrada, levante o tecido e encha-o no centro com a estopa.
4. Molde bem a estopa até formar uma bola com formato uniforme e harmônico.



5. Amarre uma linha no tecido prendendo a estopa no centro, fazendo o pescoço da boneca.



6. Dê um nó ou amarre com linha a parte do tecido nas laterais da cabeça, para fazer as mãos.



7. Escolha um dos lados da cabeça para fazer o rosto. Costure ou desenhe os dois olhos e a boca, de modo simples e sem expressão.



8. As duas outras pontas do tecido permanecem como estão.



9. Caso considere interessante, você pode criar variações, fazendo cabelos com lã, um gorriño ou lenço de pano para colocar na cabeça. O importante é manter o princípio de poucos detalhes para dar vazão à imaginação da criança.



Referências

CLOUDER, Christopher; NICOL, Janni. **Brincadeiras criativas para o seu bebê**. Uma forma lúdica de aumentar a concentração e melhorar o desenvolvimento dos pequenos. São Paulo: Publifolha, 2008.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri; ECKSCHMIDT, Sandra. **Bola e boneca**. São Paulo: João de Barro, 2015.

SCHEVEN, Karin Evelyn. **Minha querida boneca** – Uma orientação para pais, professores e educadores. Campinas: Associação Beneficente Três Fontes, 2012.

Sites

Portal Lunetas – A importância das bonecas na formação das crianças

Disponível em: <<https://lunetas.com.br/a-importancia-das-bonecas-na-formacao-das-criancas/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Programa Criança e Consumo

Disponível em: <<https://criancaconsumo.org.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

A vilã do plástico. Por JP Amaral. Criança e consumo

Disponível em: <<https://criancaconsumo.org.br/noticias/a-vila-do-plastico/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Região Norte



A Região Norte é a menor em densidade demográfica e a maior em extensão, correspondente a 42% do território nacional. Ela concentra mais da metade da Floresta Amazônica, o maior celeiro de biodiversidade e bacias hidrográficas do mundo. Por isso é considerada pela Unesco patrimônio da humanidade. Mais de um terço das espécies vegetais de todo o planeta vive na Amazônia.

Atuando como um imenso “pulmão do mundo”, a Amazônia impacta diretamente o equilíbrio ambiental. Ao desmatar a floresta, problemas sistemáticos são desencadeados, como o aumento expressivo do aquecimento global, a extinção da fauna e da flora, a desertificação. Além do gravíssimo impacto ambiental, centenas de comunidades tradicionais, indígenas, ribeirinhas, caboclas, quilombolas são drasticamente afetadas. De acordo com a Funai, somente na Região Norte encontram-se 37,4% da população indígena do Brasil.



FRUBRAPIX/BAX

As comunidades tradicionais possuem uma riqueza de saberes materiais e imateriais, e as crianças têm suas infâncias mais próximas à vivência comunitária, aos saberes populares, à artesanaria e à natureza. Mesmo as crianças que vivem em áreas urbanas e capitais, como Belém, Manaus e Boa Vista, ainda têm mais tempo e espaço para o brincar livre e em contato com a natureza do que crianças de outras regiões do Brasil.

A educação tem muito a se beneficiar ao reconhecer o potencial educativo dos territórios, da natureza e dos saberes tradicionais, ampliando as possibilidades de parceria entre creche e família e revitalizando o currículo com base nesse universo rico e ainda pouco conhecido pela maioria das crianças brasileiras.

Vista da floresta Amazônica em 2014.
A floresta: imenso “pulmão do mundo”.



SIMONE MATIAS

As crianças indígenas que vivem na Região Norte do país têm uma relação muito forte com a natureza, que faz parte das brincadeiras, do cotidiano e de muitos rituais de comunidades indígenas caboclas.

Referência

FUNAI. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/quem-sao?start=1>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

1 Artesanato

Maracá

O maracá, também conhecido como bapo, maracaxá, xuatê ou chocalho, é um dos instrumentos mais utilizados pelas populações indígenas do Brasil. Pode ser feito de cabaça, madeira, palha, entre outros materiais, e conter sementes, paus, ossos, pedrinhas ou grãos. A maioria é feita para ser segurada com as mãos, mas há variações muito comuns entre os povos indígenas. Em rituais de alguns desses povos, o maracá é amarrado ao corpo ou usado como pulseira, tornozleira, colar, cinto. Nesses casos, o próprio movimento do corpo os faz soar. Cada maracá tem uma sonoridade diferente, de acordo com seu significado e função. Mais do que entretenimento, esse instrumento é usado pelos povos indígenas em solenidades religiosas, ritualísticas e guerreiras.



PUBLICADO/PIXABAY

Esse instrumento percussivo, comumente conhecido como chocalho, é tradicional também na África, estando fortemente presente na cultura afro-brasileira. Além do maracá, semelhante ao modelo indígena, há outras variantes, como o caxixi, feito de cesto de palha trançada, na forma de campânula, onde são depositadas sementes ou pedacinhos de concha. Outra variante de chocalho de origem africana é o xequerê, também conhecido como abe agbê (muito comum na Bahia e em Pernambuco), produzido com uma cabaça seca coberta com uma rede de contas, que atribuem ao instrumento som, cor e beleza.

Os chocalhos, em seus diferentes modelos e funções, são utilizados ao redor do mundo. Um uso muito recorrente em diversos países é como um brinquedo, incluindo aquele que é um dos primeiros e mais importantes brinquedos da criança bem pequena.

Orientações e sugestões de uso

É usual que um bebê, assim que consegue segurar objetos, por volta dos 4 meses, costume ganhar um chocalho. Com ele, é incentivado a explorar o brinquedo e o ritmo produzido pelos gestos de suas mãos ao manuseá-lo. Atualmente, a maioria dos chocalhos é produzida pela indústria de brinquedos, sendo feita de plástico ou de tecido, perdendo muito do traço e da qualidade (estética, sonora e tátil) dos modelos tradicionais. Quando a criança tem a oportunidade de possuir brinquedos e, no caso, instrumentos, produzidos artesanalmente, ela acessa camadas mais profundas da cultura, do seu território, o que contribui para a formação da sua identidade e do senso de pertencimento comunitário. Além disso, um instrumento feito com madeira, cabaça e sementes produz uma experiência sonora, tátil e visual rica em nuances, muito distante dos brinquedos por vezes tão frágeis e pouco fidedignos à natureza do instrumento.

No Brasil, é comum encontrar, principalmente na Região Norte, dois outros tipos de maracás que produzem um som muito delicado e são de fácil manejo, podendo ser usados no contexto educativo pelos professores(as) e pelas próprias crianças. Suas sonoridades lembram os sons das águas. Um é o pau de chuva, normalmente feito de taboca, um bambu nativo do Brasil, ou de madeira ou palha, contendo em seu interior sementes, grãos ou pedaços de conchas. O outro é o chocalho de seringueira, feito com sementes da árvore presas a um cordão de palha ou algodão. Ambos os instrumentos são muito propícios para serem usados com bebês e crianças bem pequenas. Ao contar uma história, por exemplo, pode ser utilizado um pau de chuva para criar um ambiente para a escuta atenta, a concentração e o devaneio no mundo imaginário dos contos e das lendas. Ele também pode ser usado para acompanhar uma cantiga. Os chocalhos, em todas as suas variações, com exceção do xequerê, são muito simples de tocar, até mesmo pelos bebês e pelas crianças bem pequenas.

A depender do material com que é feito, ele produz um tipo específico de som. Alguns são mais propícios às canções e às brincadeiras mais rítmicas, expansivas e animadas, como as cantigas de roda. Já outros produzem som suave, e seu uso é interessante para introduzir ou acompanhar uma história oral ou cantar um acalanto, embalando os pequenos para o sono ou um momento de relaxamento e descanso.

Referências bibliográficas

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio**: versão infantil. 3. ed. São Paulo: Callis, 2019.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice. **Cantos da floresta**: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo, Peirópolis. 2017.

2 Brinquedo

Maracá de pulseira ou tornozeleira

Por ser um instrumento simples, pode-se confeccionar maracás com as crianças bem pequenas. É possível fazê-los de muitas formas, como o modelo tradicional, elaborado com cabaça, sementes e pau de madeira para o cabo, ou com materiais reciclados, como garrafas PET, sementes ou grãos.

Outra possibilidade é construir maracás para usar no corpo, como pulseiras e tornozeleiras, procurando diversos tipos de materiais, de acordo com os recursos naturais da região: pequenas conchas, sementes, guizos de metal ou tampinhas de garrafa (de plástico ou metal).

Passo a passo

1. Escolher um dos materiais citados anteriormente e disponibilizá-los em quantidade suficiente para confeccionar os maracás e produzir som ao movimentá-los.
2. Fazer um furo no centro de cada peça (os guizos não precisam ser furados, pois já vêm prontos para ser amarrados).
3. Com um barbante ou arame fino, unir os elementos em um mesmo fio, proporcional ao tamanho dos punhos ou dos tornozelos das crianças.
4. Use a criatividade para adorná-los ou confeccioná-los de outras formas. Você pode, por exemplo, alinhar o barbante com as peças sonoras em um tecido colorido.
5. Depois de prontos, é só amarrar os chocalhos nos pulsos ou nos tornozelos das crianças e brincar.

Orientações e sugestões de uso

Com os maracás corporais, pode-se cantar, dançar, inserindo a criança no universo musical indígena. Outra possibilidade é propor uma brincadeira de pega-pega ou de esconde-esconde sonoro. Uma criança venda os olhos e, pelo sentido da audição, busca encontrar as outras do grupo com base no som advindo dos chocalhos (pulseiras e tornozeleiras). Depois, torna-se o pegador aquele que foi pego ou descoberto.

Além de conhecer e se relacionar com elementos das culturas brasileira e indígena, com os maracás e as brincadeiras sugeridas, as crianças desenvolvem a empatia, o trabalho em equipe, a motricidade e as percepções rítmica, espacial e auditiva.



Outras referências de como produzir maracás com crianças:

Maracá indígena

Cantos da floresta – iniciação ao universo musical indígena (Projeto Cantos da Floresta, Editora Peirópolis/Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo)

Disponível em: <<http://www.cantosdafloresta.com.br/musicas-indigenas/propostas-didaticas/construindo-um-maraca-indigena>>.

Maracá com materiais reciclados

Brinquedo musical: faça você mesmo! (Blog de Estevão Marques, músico, professor, pesquisador e autor de diversos livros)

Disponível em: <<https://estevaomarkes.com/blog/brinquedo-musical-faca-voce-mesmo/>>.

Vídeo Reciclar e tocar – como construir uma maraca (com o Professor Marcos L. Souza)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qJKLK7TH7IA>>.

Acessos em: 23 jun. 2020.

3 Brincadeira cantada

Lavadeira

Essa brincadeira cantada, de domínio público, foi recolhida da informante Iracema Gomes Carvalho, na Vila Pajuçara (PA), pela pesquisadora e educadora Renata Meirelles.

Lavadeira

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa deste tamanho
E a água pequenininha
Lava, lava, lavadeira
Quanto mais lava, mais cheira

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa deste tamanho
E a água pequenininha
Bate, bate, lavadeira
Quanto mais bate, mais cheira

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa deste tamanho
E a água pequenininha
Torce, torce, lavadeira
Quanto mais torce, mais cheira

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa deste tamanho
E a água pequenininha
Seca, seca, lavadeira
Quanto mais seca, mais cheira

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa deste tamanho
E a água pequenininha
Dobra, dobra, lavadeira
Quando mais dobra, mais cheira

O sol vem nascendo ali
Apareceu uma velhinha assim
Com a trouxa deste tamanho
E a água pequenininha
Guarda, guarda, lavadeira
Quanto mais guarda, mais cheira

(Domínio público)



Como se brinca:

Em roda, como uma ciranda, as crianças cantam e fazem os gestos correspondentes a cada verso da música:

— “O sol vem nascendo ali” — com as mãos, aponta-se para o céu, de preferência, para a direção em que o Sol surge pela manhã no horizonte.

— “Apareceu uma velhinha assim” — imita-se uma velhinha corcunda.

— “Com a trouxa deste tamanho” — levantam-se os braços, como se carregassem uma trouxa.

— “E a água pequenininha” — todos se abaixam, mostrando, com as mãos, o nível baixo da água.

No restante da letra, que sinaliza cada etapa de lavar as roupas, as crianças fazem os gestos com as mãos.

— “Lava, lava, lavadeira” — esfregam-se as mãos nas roupas, como se estivessem lavando as roupas.

— “Bate, bate, lavadeira” — batem uma mão na outra, com os braços esticados, como se estivessem batendo a roupa, assim como fazem as lavadeiras na beira do rio.

— “Torce, torce, lavadeira” — fazem os gestos de torcer com as mãos.

— “Seca, seca, lavadeira” — fazem os gestos de estender roupa no varal.

— “Dobra, dobra, lavadeira” — batem uma mão na outra, como se dobrassem as roupas.

— “Guarda, guarda, lavadeira” — colocam uma mão sobre a outra e, depois, de novo, e de novo, como se guardassem as roupas em prateleiras.

Orientações e sugestões de uso

Nesta brincadeira cantada, a criança vivencia simbólica e gestualmente o ato de lavar roupas. Como em outras brincadeiras tradicionais das culturas das infâncias, a cantiga leva a conhecer um ofício, um trabalho primordial, estruturante, como o das lavadeiras. Ao brincar, ela entra em contato com os códigos do trabalho, de um labor altamente relacionado ao cuidado e à casa, ativando força de vontade, destreza e persistência.

Mesmo que o costume de lavar roupas coletivamente às margens de rios esteja cada vez mais restrito aos contextos das comunidades indígenas, ribeirinhas e quilombolas, simbolicamente a lavadeira exerce uma força no imaginário da criança, mesmo de grandes centros urbanos. Traz um grande benefício, evocando o senso de vínculo comunitário, solidariedade, cuidado e comunhão. Valores essenciais para o bem viver em sociedade.

Esta brincadeira pode ser feita com crianças bem pequenas, sentadas em roda, que podem ouvir a cantiga, ver e imitar os gestos dos(as) professores(as), cada qual dentro de suas possibilidades e interesse. Já com as crianças maiores, podem-se fazer os gestos em roda, em pé, para elas cantarem e acompanharem as ações e a letra com mais autonomia.

Referência

Mapa do brincar – *Folha de S. Paulo*

Disponível em: <<https://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/roda/609-lavadeira-2>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

4 História tradicional

Lenda indígena do povo Ikolen ou Gavião, da região de Rondônia, contada pela antropóloga e escritora Betty Mindlin.

A queda do céu

[...]

O céu já caiu uma vez, era para ser o fim do mundo. Trovejou, trovejou, foi um estrondo, o céu foi caindo no chão. Vinha devagarzinho, devagarzinho. Na terra, todos choravam apavorados. Fugiram para debaixo do mamoeiro.

Antes de cair o céu, apareceram sinais. Caiu o cupim da árvore, prenúncio do desastre. Em pouco tempo o céu, que ficava altíssimo, muito longe da terra, começou a tremer.

O céu já estava bem baixinho, roçando um coqueiro, quando um menino pequeno, de uns 5 anos, tentou impedir a queda. Fez flechas com penas de mawir, uma espécie de nambu (ave), que criança pequena não pode comer senão fica aleijada, não consegue andar. É um nambu bem redondinho, não tem penas no rabo, parece um favo de mel. Tanto os favos como o pássaro mawir são redondos, à semelhança da abóbada celeste.

O menino flechou o céu, que era duríssimo. Atirou flechas enfeitadas com plumas de mawir. O céu começou a voltar para cima só porque a criança deu uma flechada com penas de mawir no céu. O céu subia devagarzinho, descia outra vez, subia com mais vigor. O menino jogou as flechas três vezes até o céu subir.

O coqueiro e o mamoeiro é que seguraram o céu. Quando o menino flechou, o céu resolveu voltar para cima. Retomou seu lugar nas alturas, ninguém morreu.

Fonte: Betty Mindlin dá voz aos caciques e pajés. *Jornal da Tarde*, 25 ago. 2001. Disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/Not%C3%ADcias?id=3331>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

No contexto educativo, ao possibilitarmos o acesso ao universo simbólico e material dos povos indígenas, contribuimos para a ampliação do vocabulário, da capacidade imaginária e do repertório cultural, estético e ético das crianças.

As lendas trazem elementos da cosmovisão de um povo, revela seus modos de ser, pensar, fazer e sentir. Ao ouvirem histórias e vivenciarem elementos de diferentes etnias, as crianças constroem mais facilmente uma noção não estereotipada e idealizada das populações indígenas. Dessa forma, potencializa-se a capacidade de as crianças desenvolverem a empatia, o respeito e a valorização da diversidade e da pluralidade humanas.

Ao contar a lenda, pode-se usar como acompanhamento um pau de chuva para criar um ambiente propício para a escuta e o mergulho mais profundo no imaginário da cultura indígena. Outra possibilidade é cantar ou tocar para as crianças a cantiga de ninar do Murucututu, indicada na página 373.

Referência bibliográfica

MINDLIN, Betty. **Couro dos espíritos**. São Paulo: SENAC/Terceiro Nome, 2001.

5 Brinquedo

Brincadeira do avião

Etnia: Macuxi

Material: sabugos de milho, penas e cola.

Como fazer: Quebrar o sabugo ao meio, passar cola nas pontas das penas e enfiá-las dentro de uma das extremidades do sabugo.

Como se brinca: para dar início à brincadeira, forma-se uma fila e risca-se uma linha no chão, a dez passos de distância do local de lançamento. Posicionado nesse lugar, cada participante joga seu avião; o ganhador é o que atirar mais longe o aviãozinho e conseguir fazê-lo ultrapassar a linha demarcada no chão.



Orientações e sugestões de uso

Esse é um brinquedo relacionado ao elemento ar. Por ser muito leve, esse tipo de “aviãozinho”, quando lançado ao alto, faz movimentos de voos, evocando na criança os sentimentos de harmonia, leveza e liberdade. É um brinquedo simples e acessível, possível de ser produzido e usado pelas crianças bem pequenas, incentivando a participação e a criatividade. Essa brincadeira do avião desenvolve a concentração, a destreza e a interação com outras crianças.

Outra possibilidade de uso é confeccionar ou brincar com o avião após contar a lenda “A queda do céu” (página 370), uma vez que, na história, o menino consegue “fazer o céu voltar para cima” com a ajuda de flechas feitas de penas. O avião de sabugo de milho remete ao arco e à flecha da lenda, pelo uso das penas e pela relação da criança com os elementos ar e céu. Ao serem lançados ao alto, mesmo sem muita força e destreza, os aviões rodopiam no ar. Uma diversão garantida para as crianças dessa faixa etária.

Referência bibliográfica

COSTA, Edlamar de Menezes. **As atividades lúdicas na comunidade indígena tabalascada de Roraima**. Dissertação de Mestrado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013.

6 Música

Acalanto

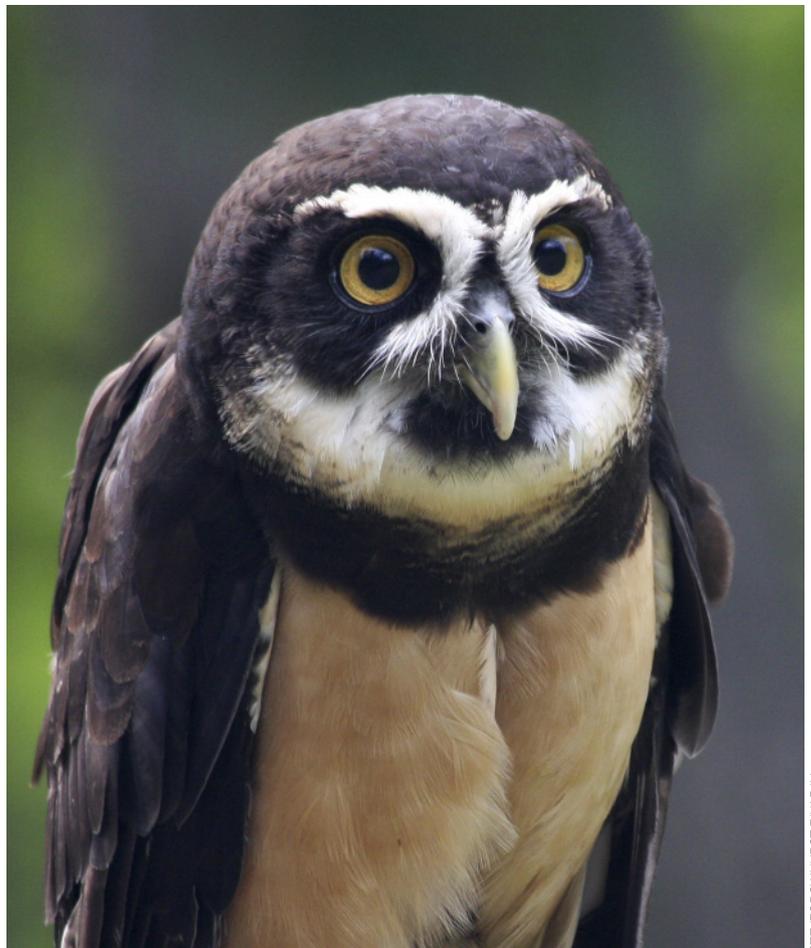
Murucututu

Murucututu é o nome indígena, de origem tupi, de uma coruja pequena existente nas florestas do Brasil, sobretudo na Amazônia. A ave ganhou esse nome em razão do seu canto, que se alterna em dois tipos de som: um canto e uma espécie de grito, sendo o primeiro grave e com ritmo lento, assemelhando-se à palavra “murucututu”, e o segundo, parecido com a voz humana, gerando um som alto e amedrontador.

É uma ave noturna, presente como tema em cantigas de ninar brasileiras. É uma figura simbólica, que pertence aos mitos de diversos povos indígenas, carregada de ambiguidade: ora a coruja aparece como a mãe do sono, ajudando a criança a dormir, ora como ave agourenta que amedronta crianças.

Como acalanto, trata-se de um dos mais antigos de que se tem registro no Brasil, sendo cantado há séculos pelas mães indígenas até ter sido transformado em um canto folclórico, disseminando-se pelo país em outras variações de melodia e letra, principalmente a partir da década de 1960, quando ganhou várias gravações (PUCCI & ALMEIDA, 2017).

Apresentamos aqui duas versões deste acalanto: a primeira, de domínio público, com letra em português e já tendo sido gravada por diversos intérpretes, e a segunda, da comunidade Taracuá, do Rio Negro, cantada em nheengatu.



STEECROW/HURST/PIXABAY

Versão 1

Murucututu

Murucututu	Lá da banda do angü	Deixa este menino
De trás do murundu	Murucututu	Dormir sono sossegado
Murucututu	De cima do telhado	Jacaré tutu
De trás do murundu	Murucututu	Jacaré mandu
Já vem assim a velha	De cima do telhado	Tudo vai-se embora
Lá da banda do angü	Deixa este menino	Não pega o meu filhinho
Já vem assim a velha	Dormir sono sossegado	Murucututu

Fonte: Murucututu. Intérprete: Bia Bedran. Em: Álbum Acalantos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TkAT_sq6pZU&feature=emb_logo>. Acesso em: 23 jun. 2020.

Versão 2

Murukututu – Coruja da noite (Rio Negro)

(Cantiga arapaso da comunidade Taracua. Letra em nheengatu)

Tradução

Tutututu moreka tutu re rúry se pussê	Coruja, traz para mim a boneca pesada tutu
Sembyra mirî	Minha filha pequena
tirutypá urykupã seputiã	tem tudo no meu peito
Moreka tutu re rúry se pussê	Traz a boneca pesada
Karioka ray,	Gavião, gavião
kareka ray	Esquilo
Akutupurú re rúry, se pussê	Traz o peso para minha mão
Sembyra supê hum hum tu tu	Para minha filha hum hum tu tu
Murukututu re rúry Sembyra supê	Coruja da noite, traz para minha filha
Maraku tutu akutupurú, tu tu tu tu	Coruja e esquilo, tu tu tu tu
Naná nanana nana nananá nana nanana	Nananananana
Sembyra mirî uyay se yukuy	Minha filha pequena está encostada em mim
Sembyra mirî re rúry se pussê	Traz para mim o peso minha filha pequena
Akutupurú re rúry, se supê	Esquilo, traz o peso pra minha filha
Sembyra supê	Assim eu falei para vocês

Fonte: Murukututu – Coruja da noite (Rio Negro). Cantiga arapaso da comunidade Taracua cantada em nheengatu. Intérprete: Busá Pakó (Ana Gonçalves). Em: Cantos da Floresta – Iniciação ao universo musical indígena. Disponível em: <<http://www.cantosdafloresta.com.br/audios/murukututu/>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

Orientações e sugestões de uso

Muitos acalantos da cultura brasileira trazem como tema e qualidade imaginária figuras contraditórias e aterrorizantes, como o “bicho-papão”, a “cuca”, o “boi da cara preta” e o “murucututu”, que evocam nas crianças o medo e, simultaneamente, a curiosidade, o encantamento e a empatia. Na letras dessas cantigas, há também a presença do cuidado, da proteção, como neste trecho: “Murucututu / de cima do telhado / Deixa este menino / Dormir sono sossegado”.

Assim, as cantigas de ninar acionam as duas polaridades vivenciadas no momento de dormir: o medo e a confiança de que se está protegido. Nesse acalanto, a relação com a noite e sua dualidade são ainda mais fortes, visto que o próprio elemento simbólico, a coruja murucututu, tem hábitos noturnos e crepusculares, evocando no imaginário infantil a força da noite e seus mistérios.

Quando a noite chega, a criança enfrenta o desafio de se entregar ao sono. A coruja permanece acordada à noite. Como uma vigia, ela guarda os mistérios do sono, zela por nós, traz os sonhos, bons e ruins. Todos dormem, enquanto a murucututu permanece em estado de vigília, cuidado e proteção.

Esse acalanto, tão antigo na cultura brasileira, evoca imagens profundas, fortalecendo nas crianças a coragem e a superação para enfrentar a noite, o sono, os medos e os mistérios do invisível. Ao mesmo tempo, ele cria um ambiente de intimidade, de ninho, de introspecção, sendo propício também para ser cantado como introdução de uma história, incluindo sua versão indígena na língua nheengatu, que pode ser reproduzida em um dispositivo sonoro para as crianças ouvirem.



ZACH VESSELS/UNSPASH

Referências bibliográficas

MACHADO, Sílvia Pinheiro. **Canção de ninar brasileira**. São Paulo: Edusp, 2017.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice. **Cantos da floresta**: iniciação ao universo musical indígena. São Paulo: Peirópolis, 2017.

Outras referências sonoras

Murucututu (domínio público)

Versão de Belém (PA), entregue a Mário de Andrade pelo professor José Domingos Brandão. Cantora: Suzana Salles. Em: ALVARENGA, Oneyda. *Melodias registradas por meios não mecânicos*. São Paulo: Discoteca Pública Municipal, 1946 (Arquivo Folclórico da Discoteca Pública Municipal, v. 1). Coleção Mário de Andrade. p. 13. Partitura. BR3CD1600008. Disponível em: <<http://www.primeiromovimento.com/?p=995>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

Allundé, Alluyá / Murucututu

Intérprete: Mawaca. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Eu2draNrxYs>>. Acesso em: 23 jun. 2020.

7 Receita de culinária típica

Mingau de carimã

Carimã (do tupi *karimã*) é um produto da mandioca obtido da fermentação da raiz. Nada mais é que a mandioca fermentada e amolecida, dando origem a vários preparos. O processo de produção da massa é herança indígena e frequente no Norte e no Nordeste do país.

Desde 1806, têm-se relatos escritos sobre o mingau de carimã. Joaquim José Lisboa, alferes do Regimento Regular de Vila Rica, cita-o no seu *Descrição curiosa*: “E bolos de carimãs. Destes bolinhos, Marília, usam muito aqueles povos, fazendo um mingau com ovos quase todas as manhãs” (CASCUDO, 2011).

Câmara Cascudo faz ainda mais esta referência: “da carimã nasceu, pela mão portuguesa, o mingau de carimã, feito com leite de gado, açúcar, canela, ligeiro, gostoso, nutritivo” (CASCUDO, 2011).



SIMONE MATIAS

Mingau de carimã

Ingredientes

1 colher (sopa) de farinha de carimã ou 50 g de mandioca pubada ou a mesma quantidade em massa de puba

1 colher (sopa) rasa de açúcar (de preferência mascavo ou demerara), mel ou melado de cana

1 pitada de sal

1 xícara de leite de coco ou leite de vaca

Canela a gosto

Preparo

Misture todos os ingredientes ou bata tudo no liquidificador (se estiver usando o pedaço pubado) e leve ao fogo baixo, mexendo sempre, apenas até engrossar. Coloque em uma tigela, polvilhe canela em pó a gosto.

Rende 1 porção.

Sugestões e orientações de uso

Mingau é um tipo de alimento que traz uma sensação de acolhimento e conforto por causa do calor, da textura e do aroma que exala. No Brasil, é muito comum inserir mingaus como parte da alimentação infantil, mas, dependendo dos ingredientes e da quantidade de açúcar que se coloca, ele pode ser mais ou menos nutritivo. Há casos em que ele fornece a sensação de saciedade, mas possui baixíssimo valor nutricional. Essa receita, feita de carimã, macaxeira fermentada, tem a vantagem de ser altamente nutritiva, pois o processo de fermentação potencializa as suas propriedades.

Por ser fruto de um processo de fermentação longo, o mingau de carimã traz simbolicamente uma qualidade do tempo de longa duração, das transformações decorrentes da espera. Essa referência de tempo mais alargado é interessante de ser propiciada para as crianças, que cada vez mais vivem em contextos urbanizados, com aceleração do tempo e excesso de estímulos e consumo.

Com base no mingau, pode-se nutrir no grupo as brincadeiras de comidinhas (veja página 403 da Região Sudeste), incentivando o preparo de “mingaus”, “massas de bolo”, “sopas”, combinando os elementos água, terra, areia... pois uma boa massa para comidinhas implica esforço, concentração e tempo para experimentar, testar, repetir, errar, acertar. Até que, enfim, chega-se ao ponto!

Outra possibilidade de desdobramento mais pontual é aproveitar a feitura do mingau para contar a “Lenda da mandioca”, da página 355, e servi-lo em pequenas canecas após a história, com as crianças em roda.

Referência bibliográfica

CASCUDO, Luís Câmara. **História da alimentação do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

Região Nordeste



O Nordeste é o celeiro da cultura brasileira. Foi na região de Porto Seguro (BA) que Pedro Álvares Cabral aportou em 22 de abril de 1500. E também na Bahia iniciou-se a colonização da área litorânea pelos portugueses, com interesse na exploração dos recursos naturais, e a migração rumo ao interior, com a expansão pecuária no Sertão.

Além dos portugueses e das diversas etnias indígenas, do tronco linguístico Tupi, logo outros povos estavam nesse território, gerando uma miscigenação extremamente rica, plural e permeada de tensões e disputas, que constituiu o que passou a ser denominado “povo brasileiro”. Eram, sobretudo, holandeses, franceses, ingleses e africanos, estes últimos provenientes de diversas regiões e etnias, com a diáspora negra. Para se ter uma ideia da pluralidade étnica, apenas na Bahia foram identificadas pela língua diferentes nações, como: Yoruba, Ewê, Fulá, Tapa, Arda, Calabar e Aussá (Grupos Étnicos, Visite o Brasil). Estima-se que, no período da colonização, falava-se mais de mil línguas no Brasil (ISA). Além disso, como mostram os estudos genealógicos mais recentes, muitos portugueses que vieram para cá eram judeus e muçulmanos, expulsos de Portugal pela Inquisição.

O Nordeste configura-se como um grande ponto de partida para a compreensão da história, das identidades e das culturas brasileiras. Não à toa, essa região é rica em manifestações culturais que expressam uma pluralidade de matrizes e heranças étnicas, linguísticas e sociais que nos constitui como país.

Um interessante prisma para se olhar o Brasil é a cultura da infância. Por meio dela, acessamos camadas profundas da memória coletiva e do patrimônio material e imaterial de nosso povo. No Nordeste, algumas pessoas foram notáveis e pioneiras nesse empreendimento, buscando pesquisar e registrar a cultura tradicional das infâncias – músicas, brinquedos, brincadeiras, histórias, adivinhas, parlendas, anedotas. Deixaram-nos um legado que até os dias atuais inspira a educação de gerações, garantindo um elo vivo entre o passado, o presente e o futuro. Entre eles, estão Luís da Câmara Cascudo, Esther Pedreira de Cerqueira e Lydia Hortélio.



Festa de São João em Caruaru, Pernambuco, 2016.

Referências

Estudo genealógico traça origens do povo nordestino. *Jornal de Hoje*, 17 set. 2014. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2014/09/17/noticiasjornalvidaarte,3315769/estudo-genealogico-traca-origens-do-povo-nordestino.shtml>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Grupos étnicos. Visite o Brasil. Disponível em: <<https://www.visiteobrasil.com.br/nordeste/bahia/historia/conheca-grupos-eticos>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Instituto Socioambiental (ISA). Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Outras referências

Ocupação Lydia Hortélio. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/lydia-hortelio/>>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Ocupação Antônio Nóbrega. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/antonio-nobrega/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

Ocupação Ilê Aiê. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/ile-aiye/>>. Acesso em: 13 jul. 2020.

1 Artesanato

Rede

Usada pelos diferentes povos indígenas originários da América do Sul, a rede era denominada de **hamaca** e feita de cipó e lianas. Quem a batizou de rede foi Pero Vaz de Caminha, em 1500, em uma carta ao rei de Portugal. Ao descrever os costumes dos indígenas tupiniquins, relatou a maneira como dormiam, denominando a hamaca de rede de dormir, por associá-la à rede de pesca. O nome perdurou e tornou-se usual no Brasil desde a época da Colônia até os dias atuais. Outra transformação trazida pelas mulheres dos colonos portugueses foi o feitiço de redes com algodão e o incremento de franjas e varandas, tornando-as mais confortáveis e macias.

Até o fim do século XIX, a rede era usada no Brasil para dormir, acalantar bebês, enterrar os mortos, transportar pessoas, como as da aristocracia rural, que eram carregadas em redes por escravos. Em todo o território nacional, dormia-se em redes. Aos poucos, ela foi caindo em desuso, sendo substituída por camas, à luz de um referencial europeu, sobretudo nas regiões Sul e Sudeste, não somente pela vantagem de uma sobre a outra, mas por cair no desprestígio, sendo associada à preguiça, ao desleixo, a um Brasil “atrasado”, arcaico, rural, avesso à modernidade. Em contrapartida, no Norte e no Nordeste, a rede continuou e vigora até hoje como sinônimo de aconchego, de “lar”, usada para o descanso e para o próprio abrigo do sono e dos sonhos.

“A rede toma o nosso feito, contamina-se com os nossos hábitos, repete, dócil e macia, a forma do nosso corpo. A cama é hirta, parada, definitiva. A rede é acolhedora, compreensiva, coleante, acompanha, tépida e brandamente, todos os caprichos da nossa fadiga e as novidades imprevistas do nosso sossego. Desloca-se, incessantemente renovada, à solicitação física do cansaço. Entre ela e a cama, há a distância da solidariedade à resignação” (Câmara Cascudo, 2003).



12019/PIVABAY

Orientações e sugestões de uso

Nas últimas décadas, tem-se retomado o uso de redes em partes do Brasil onde entrou em desuso, não como substituta das camas, mas como um elemento amigo do descanso, do ócio criativo, da beleza, da intimidade, do brincar e da infância. O movimento rítmico e o balanço são formas poderosas de acalmar bebês, crianças e até mesmo adultos. As casas voltam a ter redes nas varandas, nas salas; as escolas passam a ter redes para embalar as crianças. Além das tradicionais, cada vez são mais frequentes as redes feitas exclusivamente para bebês, pequenas e de tecido macio. Em UTIs, usam-se, em muitos lugares, redes para os bebês prematuros, dentro das próprias incubadoras. Isso porque o formato da rede e a sua maciez promovem uma sensação de acolhimento, de contenção, remetendo à intimidade do útero materno. Além disso, o balanço e a concavidade assemelham-se ao movimento a que os bebês estavam familiarizados na vida intrauterina.

“A vida era tão rica no útero. Rica em sons e barulhos. Mas a maior parte era movimento. Movimento contínuo. Quando a mãe senta, levanta, caminha e vira o corpo – movimento, movimento, movimento” (Frederick Leboyer, 1994).

Quando encaminhadas com sensibilidade, as técnicas que buscam trazer as sensações do útero têm um efeito poderoso nos bebês, possibilitando um senso de intimidade, acolhimento, aconchego e relaxamento. Podem, até mesmo, acalmar um bebê no meio de uma crise de choro ou proporcionar um ambiente íntimo para uma criança no contexto da Creche, onde são raros os momentos de solidão e de dedicação exclusiva por parte do adulto cuidador.

As redes modulam-se ao corpo, criando um casulo, escuro ou claro, móvel ou estático. O sono é importante para a aprendizagem, para a regulação das emoções e para o crescimento, além de ser uma necessidade fisiológica. O balanço da rede ajuda o sono a chegar, convida o adulto a cantar um acalanto e a fortalecer o vínculo com a criança. Todo ambiente voltado à primeira infância deveria ter redes em seus espaços internos, nas varandas e nos espaços externos. Amarradas a pouca altura, quase rentes ao chão, permitem às crianças brincar com autonomia e segurança. São grandes ninhos de sonhos e devaneios.

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir**: uma pesquisa etnográfica. São Paulo: Global, 2003.

LEBOYER, Frederick. **Nascer sorrindo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

2 Música

Canção de ninar

Lydia Hortélio colheu este acalanto de Celina Oliveira, descendente de indígenas, na zona rural de Serrinha, município do sertão da Bahia.

Como em outras cantigas de ninar, os bichos estão presentes nas letras como um anúncio de boa sorte, guarda, proteção, do que está por vir. Simultaneamente, também evocam o medo, o mistério e a necessidade do zelo de um adulto cuidador.

Neste acalanto, o besouro ajuda com seu zunido (“zum, zum, zum”) a encontrar uma madrinha para a criança, ou melhor, a encontrar a pergunta que o adulto traz, que guarda em si. “Tem histórias em que o besouro aparece como mensageiro. Porque ele tem um ‘zum’. As pessoas ouvem, não sei se elas alcançam o inconsciente [...]. Você ouve a voz do besouro, você embarca na voz do besouro, você termina ouvindo é você mesma” (Lydia Hortélio/ Itaú Cultural, 2017).

Ao mesmo tempo que o besouro é mensageiro, ele explicita a necessidade do olhar atento e cuidadoso do adulto, que, ao embalar o bebê, o livra de todos os perigos, dos medos, afastando possíveis besouros, reais e imaginários, para poder dormir em paz.

O besouro

Amigo besouro
Padim já achei
Falta a madinha
Onde vou acharei

Zum!
É besouro!
Zum, zum, zum!
É besouro!

Zum!
É besouro!
Zum, zum, zum!
É besouro!



Fonte: Álbum Abra a Roda Tindolelé. Disponível em: <<https://soundcloud.com/contosmaravilhosos-abraarodatindolele>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

Os acalantos funcionam como grandes pontes, entre a vigília e o sono, entre o medo e a confiança. No contexto escolar, em que os bebês estão distantes de seus pais, avós ou cuidadores, essa função mediadora é ainda mais importante, visto que não se tem o mesmo vínculo afetivo e de confiança com os educadores em comparação ao núcleo familiar. Contudo, mesmo se constituindo como relações com papéis e finalidades distintas, é preciso buscar caminhos que possibilitem a criação do vínculo forte entre o bebê e o professor, pois, durante muitas horas do dia, ele estará na Creche e precisará conquistar uma segurança no ambiente e nos adultos cuidadores para se desenvolver saudável e integralmente.

Cantar músicas é um ótimo recurso para estreitar o laço afetivo e criar um ambiente acolhedor na primeira infância. O sono é vital para o desenvolvimento infantil, e as cantigas de ninar possuem um ritmo e melodia que acalmam e conduzem com mais facilidade ao sono. Ao repetir várias vezes a mesma música, é quase natural à medida que se canta ir diminuindo a velocidade e a altura da voz. Depois de um tempo, pouco se ouve, a não ser o “zum, zum, zum” do besouro e, mais adiante, apenas o “um”, que nos remete ao som do “om” e dos mantras, que são repetidos ciclicamente a fim de se alcançar um estado meditativo (MACHADO, 2017).

Como estrelas-guia, os acalantos anunciam à criança a hora de repousar e de entregar-se ao sono profundo e reparador, essencial, seja em casa, seja na Creche.

Referências

ITAÚ CULTURAL. Catálogo. **Ocupação Lydia Hortélio**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. p. 25.

MACHADO, Silvia de Ambrosis. **Canção de ninar brasileira**. São Paulo: Edusp, 2017.

3 Receita culinária

Cuscuz de milho

O cuscuz de milho é tradicional em todo o Nordeste. É uma ótima substituição ao pão, ao glúten, e altamente versátil, simples de fazer, barato, nutritivo e fácil de agradar ao paladar das crianças.

Segundo Câmara Cascudo, o cuscuz é de origem africana, um alimento antiquíssimo, criado pelos berberes há cerca de doze séculos. “O ‘kuz-kuz’, ‘alcuzcuz’ é prato nacional dos mouros na África Setentrional, do Egito a Marrocos. Inicialmente feito com arroz, farinha de trigo, sorgo, passou a ser de milho americano quando irradiou-se pelo mundo ao correr do século XVI” (CASCUDO, 2011, p. 187).

É um dos pratos mais tradicionais entre os mouros e os árabes. Os portugueses o trouxeram para o Brasil durante a colonização, no século XVI. Inicialmente, não era feito de milho, e sim de outros cereais. Com o tempo, a base do cuscuz brasileiro se tornou a farinha de milho, fruto também da influência indígena, cultura em que o milho já era parte da alimentação (Fundação Joaquim Nabuco).

A produção da farinha de milho era artesanal e consumida principalmente pelas populações pobres, os negros escravizados e os bandeirantes. Depois, passou também a ser um prato vendido em tabuleiros na rua, tradição essa que ainda se mantém viva nas feiras e nos mercados do Nordeste. “Certo é que portugueses e africanos já vieram para o Brasil conhecendo o cuscuz. Aqui é que ele se fez de milho e molhou-se no leite de coco” (CASCUDO, 2011, p. 190).

No Brasil, o uso do cuscuz se tornou comum em diferentes regiões, com variações regionais, como o cuscuz paulista. No Nordeste, ele é cozido na cuscuzeira, uma panela que cozinha a vapor, e pode ou não ser incrementado com outros ingredientes, como coco fresco ralado, leite de coco, queijo coalho e manteiga. É um alimento tradicional em diversos estados, nos cafés da manhã e da tarde.



Receita básica de cuscuz nordestino

Ingredientes:

- 3 xícaras de fubá (flocos grandes)
- 1 xícara de água
- 1 colher (chá) de sal

Modo de preparo:

Preparo: 5 min; cozimento: 10 min; pronto em 15 min.

1. Em um recipiente, misture a farinha de milho, umedeça com a água, acrescente o sal e misture.
2. Deixe descansar por 5 minutos. Em seguida, coloque água na cuscuzeira até mais ou menos a metade (algumas cuscuzeiras têm uma marca para medir até onde colocar a água).
3. Transfira o fubá para a cuscuzeira. Cozinhe por cerca de 10 minutos.
4. Se você não tiver cuscuzeira, coloque água para ferver em uma panela e, em cima, coloque uma panela para cozinhar a vapor com o fubá dentro.
5. Sirva quente e adicione manteiga.

Observação: Existem muitos tipos de farinha de milho. Para o cuscuz nordestino, usa-se farinha de milho, normalmente chamada “flocão”, ou farinha de milho para cuscuz nordestino. Não confunda com a farinha de cuscuz paulista.

Outras variações:

Você pode acrescentar outros ingredientes à massa do cuscuz. Dependendo do que colocar, terá uma versão salgada ou doce. Normalmente, no Nordeste, acrescenta-se também à massa antes do cozimento: coco ralado, leite de coco, banana em rodela, queijo coalho (pode ser outro tipo de queijo também) ou carne-seca. Mas é possível incrementar conforme os ingredientes e o paladar de sua região, usando o cuscuz como base.

Outra variação é, depois de pronto, acrescentar outros ingredientes além da manteiga, como queijos, castanhas, frutas secas, ovo e geleias.

Fonte: VERARDI, Cláudia Albuquerque. Cuscuz nosso de cada dia. **Pesquisa Escolar On-line**, Fundação Joaquim Nabuco.

Orientações e sugestões de uso

Garantir uma alimentação saudável na infância é essencial para o desenvolvimento integral. Após os seis meses de idade, já é recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) introduzir uma alimentação complementar ao leite materno ou ao leite de fórmula (caso não seja possível o aleitamento materno, recomendado até os 2 anos, em razão de seu elevado poder nutritivo e de formação de anticorpos).

A alimentação nessa fase da vida deve ser feita à base de legumes, frutas, verduras, cereais, proteínas animais, evitando-se comidas industrializadas, altamente processadas e com adição de açúcar, sobretudo o refinado. Muitas vezes, opções mais saudáveis podem ser restritivas por questões econômicas para a maior parte das famílias e até das escolas.

O cuscuz de milho é uma boa alternativa de alimentação saudável, simples de preparar e fácil de agradar ao paladar de bebês e crianças. Sugere-se usá-lo no café da manhã ou da tarde, como um substituto do pão. Pode ser feito na versão simples, apenas com manteiga, ou adicionando outros ingredientes, como o coco (leite de coco ou coco fresco ralado), que é também muito nutritivo e traz a possibilidade de oferecer uma alimentação doce, sem precisar adicionar o açúcar.

O preparo da massa é muito simples e pode ser feito na Creche pelas próprias crianças, usando pequenas bacias ou pratos fundos. Cada criança mistura, com suas mãozinhas, a farinha com a água e o sal. Depois, é só o(a) professor(a) juntar tudo em um mesmo recipiente e levar ao fogo para cozinhá-lo. É o tempo de todos lavarem as mãos e voltarem para comer, que o cuscuz já estará pronto para ser servido!

Referências

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

As sementes de milho na cultura guarani. Disponível em: <<https://comin.org.br/publicacao/as-sementes-de-milho-na-cultura-guarani/>>. Acesso em: 8 set. 2020.

Referências audiovisuais

Série História da Alimentação

Disponível em: <<https://www.historiadaalimentacao.com.br/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Série História da Alimentação – a história do cuscuz

Disponível em: <<https://www.historiadaalimentacao.com.br/project/07-a-historia-do-cuscuz/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Programa 11: A História do Cuscuz

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7KJAmS8yq0g>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

4 Música

Os cantos de trabalhos são comuns em todo o Brasil, principalmente em comunidades rurais, caiçaras, quilombolas, caboclas e ribeirinhas. Nasceram em contextos de trabalhos manuais realizados coletivamente e, na maioria das vezes, em práticas de mutirão. Os cantos de trabalho são parte do patrimônio da cultura brasileira e expressam elementos de origens africana, indígena e europeia.

Geralmente, são cantados em trabalhos que implicam intenso esforço físico e grande dedicação de tempo, como: descascar mandioca, pilar milho, fiar algodão, quebrar coco de babaçu, puxar rede, entre outros. Entoados coletivamente, os cantos marcam o ritmo do trabalho e criam uma unidade no processo, diminuindo a exaustão decorrente de longas jornadas de trabalho, por vezes, em condições precárias.

“Os cantos de trabalho são expressão de encontro, alegria, aprendizado e compartilhamento. Neles, comunidades, trabalhadores e trabalhadoras experimentam o ritmo solidário do fazer junto. Puxados em mutirão ou como companhia para aquele que cumpre só o seu ofício, o cantar agrega força, alegria a lida, distrai o cansaço. Serve ainda para festejar e agradecer as graças colhidas, para chamar atenção ao produto que se vende ou se compra, para embalar, para ajudar a alma no seu rumo em direção ao céu” (BERTELLI, 2018).

É no balanço da peneira

É no balanço da peneira
Eu vou peneirar
É no balanço da peneira
Eu vou peneirar
Peneira, peneira
Caia fubá
Peneira, peneira
Caia fubá



Fonte: Cantiga da farinha da comunidade de São Nicolau, em Santa Bárbara (BA).
Em: CD **Cantos de trabalho** – Cia. Cabelo de Maria.

LUISA AMOROSO

Referência sonora

Cia. Cabelo de Maria. Álbum **Cantos de trabalho**. Selo Sesc, 2007. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=_oeOYMNTeEY&t=655s>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

Os cantos de trabalho aproximam a infância do universo das comunidades tradicionais, das práticas de mutirão, dos trabalhos e seus gestos, instrumentos e produtos. São trabalhos manuais que dependem do esforço, da habilidade manual, da persistência e da repetição. As letras, as melodias, os ritmos revelam características de tipos de trabalho, de territórios, de culturas, que nutrem a imaginação e o brincar das crianças. Além disso, trazem possibilidades de gestos inspirados na letra ou no próprio trabalho, como o de pilar, peneirar, entre outros. Envolvem utensílios – interessantes para ter na creche nos espaços de brincar com terra e areia, feitos com materiais resistentes, como madeira e alumínio, pois objetos muito frágeis limitam sua expressão e gestos.

Assim, os cantos de trabalho são boas portas de entrada nas brincadeiras relacionadas ao elemento terra, que inserem a criança no contexto cultural, social, enraizando-as no mundo (PIORSKI, 2016). Como as músicas tradicionais da infância, eles podem ser cantados pela professora em momentos de execução de alguma atividade manual ou em atividades cotidianas da sala. A música é fundamental na infância. Além de ampliar o vocabulário, o repertório e contribuir para a iniciação musical de crianças e bebês, traz harmonia, tranquilidade e unidade ao grupo.

No caso do canto “É no balanço da peneira”, pode-se também aproveitar e cantá-lo ao preparar a receita de cuscuz com as crianças (item 3 anterior) e em tantas outras receitas que podem ser feitas na creche.

Referências

SESC (Serviço Social do Comércio). **Sonoros ofícios: cantos de trabalho**. Circuito 2015/2016. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/798489b5-ac11-483a-9e90-0b8e2a269968/catalogo%2BSonora%2BBrasil_Cantos%2BOficios.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=href&CACHEID=798489b5-ac11-483a-9e90-0b8e2a269968>. Acesso em: 14 jul. 2020.

Outras referências

ANDRADE, Mário de. **Dicionário musical brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.

CALDEIRA, Clóvis. **Mutirão**: forma de ajuda mútua no meio rural. São Paulo: Nacional, 1956.

Alguns cantos de trabalho

Disponível em: <<https://farofafa.cartacapital.com.br/2013/09/26/alguns-cantos-de-trabalho/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

BERTELLI, Leticia. *In*: Encarte. Álbum **Cantos de Trabalho II**. Selo Sesc, 2018.

Referência audiovisual

Cantigas do Trabalho. Documentário de Humberto Mauro – Cultura Brasileira.

Sinopse: Três cantos de trabalho oriundos de diferentes regiões do país: O canto de pilão; O canto do barqueiro e O canto de pedra.

Disponível em: <<http://www.bcc.org.br/filmes/443389>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

5 Brincadeira tradicional cantada

Este brinco, ou seja, uma brincadeira cantada própria para bebês e crianças bem pequenas, foi recolhido pela pesquisadora, educadora e etnomusicóloga Lydia Hortélio, em Serrinha (BA), da informante Elisa Oliveira da Paixão. Lydia há décadas se dedica ao estudo e ao registro das culturas das infâncias e, em especial da música, tendo um rico material de pesquisa com um repertório vasto de acalantos, brincos, cantigas de roda, cantigas de mão, cirandas e brinquedos.

Minha pombinha

Minha pombinha,
Rola,
Fogo apagou,
Voa!
Minha pombinha,
Rola
Fogo apagou,
Voa!

Fonte: Lydia Hortélio. Cantiga Minha pombinha. Álbum **Abra a Roda Tindolelé**. Disponível em: <<https://soundcloud.com/contosmaravilhosos-abraarodatindolele>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Como se brinca:

Um adulto com uma perna cruzada sobre a outra coloca a criança pequena sentada sobre seu pé. Canta e lança a perna no ritmo; quando diz “voa!”, dá um impulso maior, e a criança é levantada ao ar.

Orientações e sugestões de uso

“Minha pombinha” é uma brincadeira tradicional cantada que faz referência a uma ave pequenina, chamada popularmente no Brasil de rolinha ou pombinha, fogo-apagou, por causa do seu canto que se assemelha a essa expressão. Ao cantar, parece nos dizer, “foooogo-apagou!”.

De que fogo será que ela nos fala? De certo não sabemos, mas seu canto ecoa fundo na alma quando o escutamos, estando presente no imaginário das comunidades rurais do Brasil. Ela é muito comum no Nordeste e Centro-sul do país, principalmente em locais onde há roças de grãos, a base da alimentação dessa ave.

Como na maioria dos brincos, a criança pequena é convidada a movimentar-se no ritmo da cantiga e dos gestos do adulto brincante. Desenvolve motricidade e sentido de equilíbrio e fortalece o vínculo com o(a) professor(a). Nos brincos, o bebê já consegue participar mais ativamente da brincadeira cantada. Diferentemente do acalanto, neste caso, no trecho “Fogo apagou, voa!”, ela movimenta o corpo e interage mais ativamente, exercita a confiança em si e no outro, com base na cumplicidade do brincar junto.

Ao cantar a cantiga, o adulto cruza as pernas e coloca o bebê sentado sobre o pé que está suspenso do chão. Ao final da cantiga, a criança é convidada a “voar” como a rolinha; assim, a criança experimenta a alegria, o medo e a coragem implicada no gesto de se desprender um pouco mais do corpo do adulto, dando um pequeno saltinho para o alto. Primeiros passos em direção à autonomia. São vivências de voo, as primeiras, que servem de alicerce para o exercício da liberdade humana.

Referências

Lydia Hortélio. Cantiga Minha pombinha. Álbum **Abra a Roda Tindolelé**. Disponível em: <<https://soundcloud.com/contosmaravilhosos-abraarodatindolele>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Outras referências sonoras

Rolinha, Álbum Cacuriá de Dona Teté

Disponível em: <<https://genius.com/Cacuria-de-dona-tete-rolinha-quirino-rosa-menina-lyrics>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Canto da rolinha fogo-apagou

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hRpSSSK4psQ>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

6 Brinquedo

Balangandã ou balangandão

Esse brinquedo foi inspirado e tem o mesmo nome de um objeto de origem africana usado por mulheres como um amuleto para proteção e adorno. Ele é composto de um conjunto de peças pequenas com formatos diversos, como figas, chaves, moedas, frutas, figuras de animais ou partes do corpo humano, presas umas às outras, como uma penca, tendo uma base e um cordão de prata, usado para amarrar o amuleto na cintura.

“A penca de balangandã é um conjunto de enfeites ou berloques, feitos de vários materiais, como ouro, prata, ferro, pedra, madeira, dente, osso, semente. Era comum entre escravizadas e alforriadas na Bahia. Era usada sempre na cintura e algumas vezes próximo ao baixo ventre. Nem todos os objetos da penca têm simbologia africana ou afro-brasileira, havendo alguns símbolos de origem cristã” (GASPAR, 2009).

Ainda hoje é possível encontrar balangandãs, principalmente feitos de prata ou alpaca, e usados como amuleto, objeto decorativo, lembrança ou joia.

Com base nesse objeto cultural, surgiu o brinquedo de mesmo nome. Feito com fitas coloridas e um barbante, presos a um ponto central mais pesado, geralmente de pedra, caroço de fruta, pedaço de madeira ou jornal. Ao girá-lo, segurando pelo cordão, as fitas contornam o ar, colorindo o céu conforme os movimentos feitos pela criança.

Como fazer

1. Dobre um jornal ou papel até ficar pequeno e bem firme.
2. Pegue fitas de papel cetim, de diversas cores, com 1 metro de comprimento (ou corte tiras de papel crepom de cores diferentes).
3. Dobre o papel em dois, para envolver as fitas.
4. Com o cordão de barbante, amarre bem firme o papel com as fitas no meio.
Pronto! Agora é só segurar no barbante e girar, correr e jogar para cima.



LUISA AMOROSO

Orientações e sugestões de uso

O balangandã é um brinquedo fácil de ser construído. Podendo ser feito pelo(a) professor(a), no caso das turmas de bebês, e pelas crianças com auxílio do adulto a partir de 3 anos. Ele contribui para o desenvolvimento da motricidade e da percepção espacial e atua como um extensor da expressão da criança.

Ao movimentar os braços, correr, girar, saltar, com o brinquedo, a criança amplia o seu gesto à medida que as fitas movimentam-se no ar. Assim, cada um, conforme suas possibilidades e limitações, brinca com o corpo produzindo um rastro no espaço. O balangandã permite, dessa forma, um brincar contemplativo, em que a imaginação flutua levando em conta os desenhos feitos no céu, evocando a beleza, o movimento e a liberdade.

Referências

- ADELSIN. **Balangandão arco-íris** – 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Peirópolis, 2008.
- GASPAR, Lúcia. Talismãs e amuletos. **Pesquisa Escolar On-line**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

7 História

Este conto cumulativo foi recolhido por Câmara Cascudo da informante Benvenuta de Araújo, no Rio Grande do Norte. Escolhemos uma versão mais contemporânea, recontada pela escritora Rosane Pamplona.

O macaco e a banana

Ia o macaco, pula pra cá, pula pra lá, levando uma banana pro seu almoço. Mas a banana escorregou da mão dele e caiu no oco de um tronco de árvore. O macaco não conseguia pegar a fruta de volta, então, resolveu pedir ajuda ao fogo:

— Fogo, vá queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

Mas o fogo nem ligou para o pedido. O macaco ficou chateado.

— Se você não me ajudar, eu vou mandar a água te apagar, hein?

E foi falar com a água:

— Água, vá apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

A água, na maior tranquilidade, nem respondeu.

— Não vai me ajudar, também? Pois eu vou mandar o boi te beber.

E lá foi o macaco falar com o boi:

— Boi, vá beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

O boi deu uma mugidinha e continuou comendo seu capim. O macaco foi ficando nervoso:

— Olha, que vou mandar o boiadeiro te cutucar. E procurou o boiadeiro:

— Seu Boiadeiro, vá cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

O boiadeiro ficou irritado:

— Sai, macaco! Não vê que estou ocupado?

— Ocupado, é? Pois eu vou mandar o rei cortar a tua cabeça.

E foi ao palácio falar com o rei:

— Rei, mande prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

O rei, sentado no seu trono, não gostou daquele pedido.

— Só me faltava essa, fazer favor a macaco...

O macaco não se deu por vencido:

— É assim? Então eu vou chamar a rainha pra ela te dar um pito!

E foi rapidinho falar com a rainha:

— Rainha, vá passar um pito no rei, que não quer prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

A rainha não quis escutar aquela lenga-lenga.

O macaco foi ficando mais nervoso:

— Já que é assim, eu vou mandar o rato roer a tua roupa!

E o macaco foi mesmo:

— Rato, vá roer a roupa da rainha, que não quer passar um pito no rei, que não quer prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

O rato foi saindo de fininho, sem nem acabar de ouvir...

— Você não vai? — vociferou o macaco. — Então eu vou chamar o gato para te caçar!

— Gato, vá caçar o rato, que não quer roer a roupa da rainha, que não quer passar um pito no rei, que não quer prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

O gato ligou? Que nada! Continuou cochilando.

— Você vai ver! Eu vou mandar o cachorro te pegar! Cachorro, vá pegar o gato, que não quer caçar o rato, que não quer roer a roupa da rainha, que não quer passar um pito no rei, que não quer prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

O cachorro não quis saber daquela conversa.

— Você também não vai me ajudar? Pois eu vou chamar a onça pra te comer!

E não perdeu tempo:

— Onça, vá comer o cachorro, que não quer pegar o gato, que não quer caçar o rato, que não quer roer a roupa da rainha, que não quer passar um pito no rei, que não quer prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

A onça? Nem te ligo... E o macaco, cada vez mais irritado:

— Então eu vou mandar o caçador te caçar

E procurou o caçador:

— Caçador, vá caçar a onça, que não quer comer o cachorro, que não quer pegar o gato, que não quer caçar o rato, que não quer roer a roupa da rainha, que não quer passar um pito no rei, que não quer prender o boiadeiro, que não quer cutucar o boi, que não quer beber a água, que não quer apagar o fogo, que não quer queimar o tronco pra eu pegar de volta a minha banana.

Mas o caçador tinha mais o que fazer.

— Pois então... pois então... — exasperou-se o macaco — eu vou mandar a Morte te levar!

Ah... desta vez foi diferente. O caçador tremeu:

— A Mor-mor-te? Não faça isso, que com a Morte não se brinca! Calma, que eu te ajudo!

E o caçador foi atrás da onça, que correu atrás do cachorro, que perseguiu o gato, que foi caçar o rato, que foi roer a roupa da rainha, que foi passar o pito no rei, que foi prender o boiadeiro, que ameaçou cutucar o boi, que foi beber a água, que quis apagar o fogo, que antes que tudo isso acontecesse queimou o tronco de onde o macaco pôde tirar a sua banana.

E olha só: o fogo tinha assado a banana. O macaco adorou: o que era almoço virou sobremesa! Oba!

Fonte: PAMPLONA, Rosane. O macaco e a banana. Em: **Folclore do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2015.

Orientações e sugestões de uso

Na primeira infância, as crianças aprendem com base na imitação e na repetição. Gostam de rever e refazer as experiências, os caminhos, os gestos, as descobertas. Com a linguagem, não é diferente. Os contos cumulativos, também chamados de lenga-lenga, envolvem a criança na narrativa e oferecem a possibilidade de se familiarizar com os elementos da narrativa, memorizar trechos e até recontar a história inteira com autonomia.

A repetição e a previsibilidade desses tipos de conto são adequadas às crianças bem pequenas. Ao conseguir prever o que está por vir, sentem-se capazes e confiantes para formular suas hipóteses, interagir, acompanhando a história com grande entusiasmo, alegria e envolvimento. Portanto, deve-se garantir no cotidiano das creches oportunidades para que elas ouçam histórias com repetição, como as cumulativas e os contos rítmicos.

Inclusive no caso de bebês e crianças bem pequenas, sugere-se contar a mesma história por diversos dias, o que pode ser feito também diversificando o modo: a leitura do livro, a narração oral ou a contação da história com o uso de objetos.

Referências

PAMPLONA, Rosane. O macaco e a banana. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2015.

Outras referências

PAMPLONA, Rosane. **Era uma vez...três!** São Paulo: Moderna, 2005.

SATSCH, Karin. **Conte outra vez**. Contos rítmicos. São Paulo: Antroposófica, 2012.

Referências audiovisuais

A velha a fiar

Sinopse: Obra do cineasta Humberto Mauro, “A velha a fiar” (1964) ilustra a canção popular de mesmo nome, executada pelo Trio Irakitã. O filme é considerado o primeiro videoclipe brasileiro e um dos primeiros do mundo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JzCMGI7Vcv8&list=PLIPzY18-6TZVdDJbwyAXXbXKhgtYB4_B1&index=27&t=0s>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Grupo Triii – Ei, ei, ei, Vanderlei – animação

Sinopse: Animação do livro **Ei, ei, ei, Vanderlei**, do Grupo Triii. Esse é um conto tradicional brasileiro conhecido como “O macaco que perdeu a banana”, recolhido pelo escritor e pesquisador Luís da Câmara Cascudo. Você sabe o que é lenga-lenga? São essas histórias que parecem nunca ter fim. “Ei, ei, ei, Vanderlei” faz parte de um gênero conhecido como conto cumulativo, lenga-lenga ou história sem fim. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ezRnutOFe-s>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Região Centro-Oeste



O Centro-Oeste é a única região do Brasil não banhada pelo mar, mas a água é exuberante em seu território. Um exemplo que pode ser citado é o Pantanal mato-grossense, a maior planície úmida do mundo. Além disso, a região apresenta uma rica biodiversidade em razão da presença de três biomas: o Cerrado, a Floresta Amazônica e o próprio Pantanal.

A região com a menor densidade demográfica do país (cerca de 8% da população do Brasil) teve, ao longo dos séculos, uma ocupação lenta e tardia. No século XVI, quando os primeiros europeus chegaram, ela era habitada por uma grande diversidade de povos indígenas, pertencentes principalmente a quatro grupos linguísticos: tupi, macro-jê, aruaque e caribe. Os bandeirantes ocuparam a região com a intenção de explorar minério e gado. O minério, não tão abundante como em Minas Gerais, levou a região a ser território predominantemente da pecuária extensiva e da agricultura. O povoamento da região deu-se lentamente até o século XX, com a industrialização e as estradas de ferro pelo interior do Brasil, e teve seu ápice na década de 1960, com a construção de Brasília.

Brasília foi uma cidade cunhada com base em um ideário modernista e de ocupação do interior do Brasil. O plano urbanístico original da capital, conhecido como “Plano Piloto”, foi elaborado pelo arquiteto Luís Costa e teve a contribuição de Oscar Niemeyer, principal expoente da arquitetura moderna brasileira, responsável pela criação na capital federal de importantes edifícios cívicos, como: o Palácio da Alvorada – residência oficial do presidente da República –, a Praça dos Três Poderes, o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto – sede do governo federal –, o Palácio da Justiça e a Esplanada dos Ministérios.

Em virtude da transferência da capital federal do Rio de Janeiro (RJ) para Brasília (DF), em 1956, e da consolidação do agronegócio no Centro-Oeste, houve um intenso fluxo migratório de pessoas vindas de diversos estados e de países da fronteira, sobretudo do Paraguai, para a região, com o intuito de trabalhar e construir a vida. Assim, o Centro-Oeste tem influência de diferentes regiões e a presença marcante das culturas indígenas e africana. Goiás abriga o maior quilombo reconhecido oficialmente no país: o território kalunga. Atualmente, são cerca de 1500 famílias distribuídas por, ao menos, 39 comunidades no quilombo.

O Centro-Oeste tem, portanto, esta particularidade de elementos advindos de outras regiões do Brasil, há menos de meio século com mais intensidade, e outros mais antigos, fruto de influências indígenas, africanas e europeias antes do período da industrialização. A cultura da infância revela essa característica. Neste bloco, buscamos apresentar elementos que trazem tais diversidade e representatividade da região.



Brasília, a capital do país, localizada na região Centro-Oeste. Essa é uma região repleta de diversidade de paisagens e de pluralidade de seu povo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Uma história do povo Kalunga**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

IBGE. Centro de documentação e disseminação de informação. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>> Acesso em: 21 jul. 2020.

1 História

A onça e o veado

O veado disse: “Eu estou passando muitos trabalhos; por isso vou procurar um lugar para fazer a minha casa.” Foi pela banda do rio, achou um lugar bom e disse: “Há de ser aqui.” A onça disse também um dia: “Estou passando muitos vexames e quero por isso procurar um lugar para fazer a minha casa.” Saiu e foi dar no mesmo lugar que o veado já tinha escolhido, e disse: “Que bom lugar! Vou fazer aqui a minha casa.”

No dia seguinte veio o veado. Capinou e roçou o lugar. No dia seguinte veio a onça e disse: “Tupã está me ajudando!” E fincou no chão as forquilhas e armou a casa.

No outro dia veio o veado e disse: “Tupã me está ajudando”. Cobriu a casa e fez dois abrigos, um para si e outro para Tupã.

No outro dia a onça, achando a casa pronta, mudou-se pra ali, ocupou o abrigo e pôs-se a dormir.

No outro dia veio o veado e ocupou o outro abrigo.

No outro dia acordaram, e, quando se avistaram, disse a onça ao veado:

— Era você que estava me ajudando?

O veado respondeu:

— Era eu mesmo!

A onça disse:

— Pois bem, agora vamos morar juntos.

O veado disse:

— Vamos.

No outro dia a onça disse:

— Eu vou caçar. Você limpe os tocos, tenha água pronta, lenha, que eu hei de chegar com fome!

Foi caçar; matou um veado muito grande, trouxe-o para casa e disse ao seu companheiro:

— Apronta para nós jantarmos.

O veado aprontou, mas estava triste, não quis comer e de noite não dormiu com medo que a onça o estrangulasse.

No outro dia o veado foi caçar, encontrou-se com outra onça grande e depois com um tamanduá. Disse ao tamanduá:

— A onça está ali falando mal de você!

O tamanduá veio, achou a onça arranhando um pau; chegou-lhe devagarinho por detrás, e deu-lhe um abraço, meteu-lhe a unha, e a onça morreu.

O veado levou-a para casa e disse à sua companheira:

— Aqui está; apronta para nós jantarmos.

A onça aprontou, mas não jantou e estava triste!

Quando chegou a noite, os dois não dormiam, a onça espiando o veado e o veado espiando a onça. À meia-noite eles estavam com muito sono; a cabeça do veado esbarrou no jirau e fez tá! A onça, pensando que era o veado que já a ia matar, deu um pulo. O veado também se assustou e ambos fugiram, um correndo para um lado e o outro correndo para o outro.

História contada por Laurita Vitoriano da Veiga, recontada por Jaqueline Bernardo de Oliveira. Fonte: ROMERO, Silvio. **Contos populares do Brasil**. 2. ed. Jundiaí (SP): Cadernos do Mundo Inteiro, 2018. v. 3. (Coleção Acervo Brasileiro). Disponível em: <<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Contos-populares-do-Brasil-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Sugestões e orientações de uso

“A onça e o veado” é uma história com um ritmo dado pela trama do conto e pela repetição da frase dita pelos dois animais. Por ter um enredo simples, com poucas personagens, é fácil de memorizar, sendo interessante contá-la oralmente, em vez de lê-la no livro. Outra possibilidade interessante é contá-la usando objetos.

Recomenda-se selecionar materiais simples, que sirvam como suporte para a história e que, principalmente, ativem a imaginação das crianças. É importante, portanto, usar objetos para representar apenas os elementos mais significativos da história. A narrativa continua sendo conduzida pela voz humana, e os objetos servem como um apoio à professora e ao envolvimento das crianças com a narrativa.

Para compor o cenário e o ambiente, você pode usar um tecido no colo, sentando-se com as crianças no chão em uma roda para todos conseguirem ver e ouvir a história.

No caso desse conto, você pode escolher elementos bem simples e singelos para representar os animais, como pedras, tocos de madeira, utensílios de cozinha, novelos de lã. Enfim, quaisquer objetos simples que possam remeter às personagens e que sejam diferentes, de modo que um represente a onça; outro, o veado; e outro, o tamanduá.

Você pode destacar alguma qualidade ou característica da personagem para selecionar o melhor material, mas evite usar elementos que mimetizem a realidade com muitos detalhes ou que tenham uma estética estereotipada. Nesse sentido, você pode, por exemplo, escolher para a onça um objeto maior, e com algum elemento ameaçador, afinal, ela é um dos animais mais temidos das florestas brasileiras. Um simples utensílio de cozinha, como um pegador de macarrão, pode cumprir essa função.

Olhe para a materialidade do seu cotidiano e da natureza de sua região e componha uma caixa com objetos que possam ser utilizados para contar essa e outras histórias. Você se surpreenderá com as diversas possibilidades no seu dia a dia!

Lembre-se apenas de que o importante é fazer a curadoria dos objetos, considerando se são de fácil manuseio, seguros e higienizados, para depois serem explorados pelas crianças. E, o principal, elementos que sejam bons suportes para a sua imaginação e a das crianças.

Referências de contação de história com o uso de objetos

Rá-Tim-Bum: contadores de Histórias – A aranha, o grilo e o jacaré

Sinopse: Quadro do programa Rá-Tim-Bum, da TV Cultura, em que as histórias são contadas com os mais diversos tipos de objetos. Disponível no Quadro Memória Infantil.

Lá vem história – O peixe encantado

Sinopse: O peixe encantado vira homem e se casa com a filha do pescador. Disponível em TV Rá Tim Bum.

Lá vem história – A história da lagarta

Sinopse: Esta história aconteceu na África e conta como uma lagarta brincalhona conseguiu causar um transtorno aos animais da floresta. Disponível em TV Rá Tim Bum.

2 Brincadeira

Casinha

Ao brincar de casinha, a criança adentra um dos elementos mais estruturais da sociedade e do ser humano. Transformar o espaço a fim de torná-lo um ambiente íntimo é uma tarefa árdua e perene, tal como se constituir como individualidade. Limpar o espaço, selecionar materiais, construir a estrutura, o teto, adorná-la e, por fim, habitar a casa são uma grande travessia da infância (PEREIRA, 2013).



SIMONE ZIASCH

Sugestões e orientações de uso

O simbolismo da casa desperta gestos e valores de cuidado, de intimidade, de pertencimento, afetividade e acolhimento. Brincar de casinha insere a criança na cultura, na vida social. É uma brincadeira que nasce amalgamada ao chão, ao elemento terra, assim como as brincadeiras de comidinhas, de boneca, de boizinho, fazendinha (PIORSKI, 2016). O brincar de casinha na natureza ou com elementos naturais potencializa ainda mais essa experiência, visto que somos natureza, e ela é o melhor componente para a imaginação criadora e o brincar na infância.

Para potencializar o brincar de casinha no contexto escolar, pode-se criar ambientes acolhedores nos espaços internos de uma sala, com elementos relacionados à morada e ao cuidado, como cabaninhas de tecido, com tapete, almofadas, bercinho, cestos de palha, bonecas, panos. Nas áreas externas, pode ser feita uma casinha com materiais naturais, como madeira, barro, palha, pedra, tijolo de barro. Evite as casinhas de plástico, industriais e padronizadas. Elas não criam um ambiente de aconchego e intimidade, gostoso para se estar e brincar. O plástico é um material frio, duro e sintético, por isso, traz à criança uma referência de casa avessa à sensação de acolhimento. Dê preferência às casinhas feitas de modo artesanal, e até rústico, em que as crianças têm a oportunidade de se relacionar com os vestígios do trabalho manual e os materiais usados, inspirando-as a dar continuidade ao processo de construção e recriação da casa. Nos ambientes externos, como embaixo de uma árvore, pode-se também montar cabaninhas provisórias com tecido, preso com barbante ou pregador de roupa. É uma maneira simples de contornar as limitações dos espaços escolares, onde o próprio professor, com material simples e acessível, como um lençol ou tecido, consegue criar um ambiente favorável ao brincar.

Referências

- LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando**. Quem a educa? São Paulo: João de Barro, 2007.
- PEREIRA, Maria Amélia. **Casa redonda**: uma experiência em educação. São Paulo: Editora Livre, 2013.
- PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

Referências de audiovisual

Brincando de casinha

Projeto O que é, o que é? Infâncias Kalunga

Sinopse: As crianças constroem casinhas para brincar usando tijolos de adobe e cobertura de palha, materiais disponíveis na região. A construção de moradias envolve técnica e tecnologia apropriadas pela população. O conhecimento referente ao uso de materiais com capacidade de mediação térmica é transmitido de geração a geração e possibilita o conforto. Por meio das brincadeiras e da integração com a natureza, crianças incorporam saberes à sua vivência, construindo e reproduzindo cultura em suas relações. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4JYR2PbN-P0>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Ô de casa!

Documentário. Direção: Clarisse Alvarenga. Brasil, 2007, 70 min. Livre.

Sinopse: Crianças e adolescentes se apropriam de espaços públicos ociosos, seja no interior, seja na capital do estado de Minas Gerais, para brincar de construir casinhas e cabaninhas. Em cada casinha, uma pequena história se passa. Fora desses ambientes, é possível perceber um mundo feito do tempo e da memória dos que, no passado, brincaram naqueles mesmos espaços. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gA26zuHoQ9k>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Casinhas no Vale do Jequitinhonha

Território do Brincar

Direção: Renata Meirelles e David Reeks.

Sinopse: Mostra o brincar de casinha de crianças na região do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/videos/casinhas-no-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Brincadeira de casinha...

Escola Casa Amarela

Sinopse: A brincadeira de casinha foi a escolhida, no caso, na Casa Amarela. A cada dia, as crianças contam, em suas diferentes formas de brincar, qual escola elas precisam para poder brincar plenamente. Um pouquinho desta linda pesquisa é compartilhado em imagens das brincadeiras de casinha do jardim. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Fgcw7EP8LQ&feature=emb_logo>. Acesso em: 9 jul. 2020.

3 Música

Acalanto

Desde o período do Brasil Colônia, muitos bebês foram embalados por outras mulheres que não as suas mães. Nas fazendas dos senhores de engenho, era comum os filhos das famílias brancas serem amamentados e cuidados pelas amas de leite pretas. O afeto, o vínculo, o senso corporal, as narrativas, assim como a música, foram constituídos pela miscigenação de costumes e origens diversos. Ainda hoje, muitas crianças são embaladas por babás, avós, professoras de Educação Infantil mais do que por suas mães e pais. O corpo e a identidade das crianças contemporâneas continuam sendo amalgamados por uma pluralidade cultural, em que a matriz africana é uma das mais estruturais em nossos gestos e educação, o que merece ainda ser mais reconhecido, valorizado e pesquisado.

Essa diversidade de traços culturais pode ser encontrada também na cultura da infância. Algumas cantigas tradicionais portuguesas ganharam outra variação a partir do uso e recriação pelos afrobrasileiros. Assim, personagens tradicionais de histórias e cantigas de origem europeia, como o Bicho Papão, passaram a ter outros referenciais de origem africana como: Bicho Tutu, Papa-figo, Boi da cara preta, Saci-pererê, Velho Surrão, entre outros (GUERRA, 2010).

Leia a seguir uma versão de um dos acalantos mais tradicionais e populares no Brasil, em uma versão menos conhecida, que traz o personagem Bicho Tutu, da cultura afro-brasileira. Cabe, por fim, ressaltar que no Brasil ainda há muitos quilombos, nos quais se mantêm vivas a cultura e a cosmovisão de mundo de seus habitantes, como a comunidade quilombola Kalunga, em Cavalcante (Goiás).

Bicho Tutu

Sai de cima do telhado

Deixa o menino

Dormir sossegado



Sugestões e orientações de uso

Os acalantos são importantes para o fortalecimento do vínculo do adulto cuidador com o bebê.

O “Bicho tutu”, e suas variações de letra, é uma das cantigas mais conhecidas e cantadas em todo o Brasil e por diversas gerações. Ao cantá-la na creche, aproximamos a criança da memória coletiva relacionada às experiências de cuidado, de afetividade, que permeiam as relações entre adultos e bebês ao longo da história e nos diversos contextos sociais, culturais e econômicos. O desejo de que o bebê possa “dormir sossegado” é genuíno em todos aqueles que se dedicam à infância, pois o sono é vital para um desenvolvimento saudável e pleno na infância. A mensagem ecoa na criança como uma proteção, um prelúdio de bom sono e ao mesmo tempo uma demonstração de bem querer, fundamental para a construção de um relação de confiança mútua, em que o bebê consegue se sentir seguro e acolhido pelo(a) professor(a).

Por fim, sugere-se mudar o gênero no trecho “deixa o menino” quando se estiver ninando uma menina; assim, ampliam-se a empatia e o sentimento de pertencimento da criança em relação à música.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Uma história do povo Kalunga**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

GUERRA, Denise. Corpo: som e movimento. Acalantos afro-brasileiros. Revista **África e Africanidades**, ano 2, n. 8, fev. 2010.

4 Textos literários

Poesia

O poeta Manoel de Barros nasceu em Cuiabá, Mato Grosso (1916-2014) e teve como grande inspiração a natureza, a infância e as coisas “ínfimas” do mundo. Como ele mesmo dizia, “*todas as coisas cujos valores podem ser / disputados no cuspe à distância / servem para a poesia*”. Sua poesia traz as cores e os cheiros do Pantanal, onde passou a maior parte de sua vida. Ele deixou uma vasta obra, que serve como uma inspiradora bússola para encontrar as infâncias.

Quando a parede da tarde ruiu
o homem falou:
Hoje Ele chove!
E Deus choveu na roça do homem.
E o homem agradeceu aquela graça
como quando o azul se abre para nós

Fonte: BARROS, Manoel de. **Cantigas por um passarinho à toa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018. p. 24.

Sugestões e orientações de uso

Nos primeiros anos de vida, desenvolvemos a capacidade de nos comunicar com gestos, sons e palavras. A poesia é um ótimo recurso para aproximar bebês e crianças do universo da palavra com base no encantamento, na beleza e no ritmo. Ela é um tipo de texto literário (linguagem) que nasceu para ser ouvida, e muito benéfica à qualquer idade, pois ativa a imaginação, a sensibilidade e as emoções.

Na Creche, pode-se ler ou declamar poesias para os bebês e as crianças na roda de histórias, antes de iniciar alguma atividade ou em momentos de acolhimento e concentração. Ela ativa a escuta e a imaginação, aguçando as sensações das crianças para a materialidade do mundo e seus significados.

O importante nesta fase da vida não é a apreensão do significado da poesia pela criança, mas sim, o seu interesse, sua capacidade de escuta atenta, suas perguntas, seu encantamento. A beleza é em si pedagógica, por isso, o importante é buscar poesias que tragam temas e imagens que dialoguem com a infância, como o caso de muitos poemas de Manoel de Barros. Eles atuam como verdadeiros alimentos do brincar e da imaginação criadora na infância.

Outras referências

Ocupação Manoel de Barros

Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/manoel-de-barros/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Crianceiras

Sinopse: O projeto Criações surgiu do desejo de reverenciar a obra de Manoel de Barros por meio da música. Ao mergulhar na obra do autor, percebe-se o lúdico, um universo de encantamento e descobertas, vividos pelo poeta em sua infância pantaneira. Assim, surgiu a ideia de musicar sua obra para o público infantil.

Concepção e Direção do Projeto: Márcio de Camillo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCkNefhHlJ5b08HlJuGyMmhw>>. Acesso: 21 jul. 2020.

Só dez por cento é mentira

Registro cinematográfico da biografia do poeta sul-mato-grossense Manoel de Barros. Alterna entrevistas inéditas do escritor, versos de sua obra e depoimentos de “leitores contagiados” por sua literatura.

Direção: Pedro Cezar. Brasil, 2008, 82 min. Livre.

Disponível em: <<http://www.sodez.com.br>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

5 Brinquedos

Cavalinhos

Brincar de cavalgar é uma prática comum entre os bebês e as crianças bem pequenas. Desde a Antiguidade, há cavalinhos de brinquedos, geralmente, feitos de madeira.

No Centro-Oeste, entre as manifestações culturais tradicionais, há a cavallhada, que ocorre em vários municípios, como Pirenópolis (GO), como uma das mais importantes do país. É uma apresentação teatral de origem europeia feita ao ar livre, em que homens montados a cavalo representam uma luta medieval entre cristãos e mouros. Essa manifestação mantém-se viva até hoje, inspirando as brincadeiras infantis.

Em regiões rurais e comunidades tradicionais, como as quilombolas e as ribeirinhas, as crianças brincam também de cavalinho inspiradas pela presença desse animal no cotidiano. O brinquedo é feito, na maioria das vezes, pelas próprias crianças, com elementos da natureza da região.



Sugestões e orientações de uso

A brincadeira de cavalinho de pau acontece espontaneamente na infância. Basta um cabo de vassoura ou galhos de árvores entre as pernas e lá vão as crianças cavalcando pelo quintal. No Brasil, também é recorrente usar, para brincar de cavalinho, folhas de coqueiro, de carnaúba, de palmeira ou cana-de-açúcar. Rapidamente são transformadas em cavalos e em cavalgadas coletivas.

As crianças pequenas não precisam de um brinquedo de cavalinho com cara definida e cheio de detalhes. A brincadeira pode acontecer apenas com um material simples, como os descritos anteriormente, e em um espaço para elas correrem ao ar livre e em liberdade. Com os próprios materiais da natureza, o bebê e a criança bem pequena brincam alegremente, usando seu corpo de forma ativa, correndo e saltando pelo espaço. Já as maiores sentem necessidade de ter brinquedos com mais definição e, assim, esculpem nos galhos a cabecinha do cavalo e outros detalhes, como o rabo e o cabresto. Busque aproveitar os materiais naturais disponíveis na creche e em sua região. Pode-se também confeccionar cavalinhos de pau com cabo de vassoura com as famílias, como uma forma de envolvê-las no cotidiano escolar e fortalecer o vínculo e a parceria entre creche e família.

Referências

PORTAL do Turismo de Pirenópolis. As Cavalhadas de Pirenópolis. Disponível em: <<https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SANTOS, Maria Walburga. Educação quilombola: nas trilhas com as crianças e o lúdico. **Revista da ABPN**, v. 8, n. 18, nov. 2015-fev. 2016, p. 185-214.

Referência de audiovisual

Cavalinho de carnaúba

Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras/cavalinho-de-carnaubeira/>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

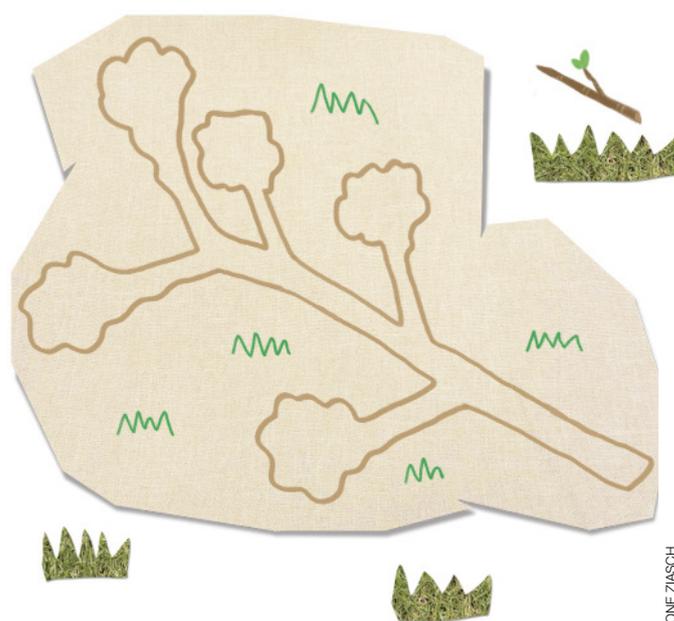
6 Brincadeira

Toloi Kunhúgü

Essa brincadeira é um tipo de pega-pega, tradicional entre os indígenas Kalapalo, que vivem no sul do Parque Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso. Ela acontece normalmente à beira de uma lagoa ou de um rio. Na aldeia, brincam crianças de todas as idades e até mesmo adolescentes e adultos.

Como se brinca

Um dos participantes é o “gavião”, que propõe a brincadeira e é o responsável por desenhar na areia uma grande árvore, cheia de galhos. Pode ser um adulto ou criança. Os demais do grupo são os passarinhos. Cada “passarinho” escolhe um galho, monta o seu ninho e senta-se dentro dele. O gavião sai à caça dos passarinhos, engatinhando do tronco em direção aos galhos da árvore. Os passarinhos saem dos seus ninhos, fugindo, batendo os braços como se voassem, gritando e cantando. O gavião avança lentamente na direção dos passarinhos. Já bem perto do grupo, dá um pulo e tenta pegar os passarinhos, que começam a correr em todas as direções. Para descansar, protegem-se nos seus ninhos. O gavião, quando consegue apanhar um dos passarinhos, prende-o no seu refúgio, que fica próximo ao pé da árvore. O último passarinho que conseguir escapar e não ser “caçado” pelo gavião se transforma no novo “gavião”, e a brincadeira recomeça.





Sugestões e orientações de uso

Muitas são as variações das brincadeiras de pega-pega. Desde bem pequenas, as crianças adoram correr, fugindo de alguém, e vice-versa. Além de ativar o corpo, desenvolvendo a percepção espacial, temporal, a velocidade e o movimento, esse tipo de brincadeira traz uma intensidade anímica. As crianças sentem um “frio na barriga” ao serem perseguidas, por vezes, até uma sensação de medo, trazida pelo simbolismo da caça e do caçador, da perseguição e da fuga. O medo é enfrentado com a coragem, com a persistência, com a força de vontade. As crianças correm para não serem pegas, correm para experimentarem em si sua força interna e a capacidade do seu corpo.

Na brincadeira Toloí Kunhúngü, esse simbolismo é ainda mais forte, visto que há o uso de imagens: as figuras do gavião (caçador), os passarinhos (presas), a árvore (mundo) e seus ninhos (porto seguro – casa).

Com crianças pequenas recomenda-se brincar várias vezes, com todas como passarinhos e o professor como gavião, até que elas se apropriem bem da brincadeira e possam alternar os papéis com facilidade. O gavião exige mais autonomia e protagonismo e é mais fácil a criança desempenhar essa função na brincadeira depois de repeti-la diversas vezes.

Referências

HERRERO, Marina; FERNADES, Ulysses. **Jogos e brincadeiras na cultura Kalapalo**. São Paulo: Edições Sesc, 2010. p. 156-157.

Site

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Mirim – povos indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://mirim.org/como-vivem/brincadeiras>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

7 Brincadeira

Fórmula de escolha

Esta fórmula de escolha foi coletada por Lydia Hortélio, da informante Maria de Lourdes Bandeira Freire, em São João da Aliança (GO).

Tigelinha de água fria

Quem te pôs na prateleira?

Foi os olhos de Maria

Que chorou segunda-feira.

Fonte: **Álbum Abra a Roda Tindolelé**. Disponível em: <<https://soundcloud.com/contosmaravilhosos-abraarodatindolele>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Como se brinca

As fórmulas de escolha são usadas para se eleger alguém do grupo. Há diferentes modos de fazer, sendo os mais comuns:

- 1) As crianças dispostas em semicírculo, e a que for escolher aponta para as demais crianças no ritmo da parlenda.
- 2) As crianças ficam em roda com as mãos fechadas em punho, e a que vai escolher fica no centro da roda e bate de mão em mão no ritmo da parlenda.

A escolha costuma ser feita por exclusão. O último que fica é o escolhido.

Orientações e sugestões de uso

No contexto da Creche, em muitos momentos, precisa-se escolher alguma criança ou um grupo de crianças para algo, como: Quem será(ão) o(s) ajudante(s) ou quais crianças poderão ir primeiro para determinado espaço, quando há restrições de quantidade de pessoas; quem vai começar a brincadeira como pegador, e assim por diante. Uma maneira de fazê-lo com base no universo da infância é usando fórmulas de escolhas.

Existe uma grande quantidade de fórmulas de escolhas pelo Brasil, com letras e variações de uma mesma parlenda de região para região. Elas são interessantes, porque aproximam as crianças das culturas tradicionais das infâncias, além de trazerem a possibilidade de fazer escolhas de forma lúdica, democrática e isenta de critérios com algum tipo de viés. Aos poucos, as próprias crianças se apropriam das parlendas e elas mesmas as usam como recurso no cotidiano e em suas brincadeiras.

Referências

FOLHA de S.Paulo. **Mapa do brincar**. Fórmula de escolhas. Disponível em: <<https://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/formulas-de-escolha/>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SILVA, Lucilene. **Eu vi as 3 meninas**. Música tradicional da infância na aldeia de Carapicuíba. São Paulo: Zerinho ou um, 2014. Disponível em: <http://ocaescolacultural.org.br/wp-content/uploads/2013/06/LIVRO-Eu_vi_as_3_Meninas.pdf>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Região Sudeste



A Região Sudeste possui a maior densidade demográfica do país, tendo quase metade da população brasileira em seu território. Embora possua áreas rurais, ela é majoritariamente urbana, com elevada concentração econômica e industrial.

O Sudeste é marcado por grande diversidade étnica. Indígenas, portugueses, afrodescendentes, italianos, japoneses, poloneses, chineses, coreanos, libaneses e, mais recentemente, bolivianos, haitianos, venezuelanos, sírios, nigerianos, entre tantos outros povos, compõem sua população. Sobretudo no município de São Paulo, o fluxo de deslocamento é intenso, recebendo imigrantes e refugiados de diferentes partes do mundo. Estima-se

que são mais de 70 nacionalidades distintas. Além disso, por ser o maior polo econômico do país, atrai, desde o início da industrialização, muitos migrantes, principalmente vindos do Nordeste em busca de oportunidades de trabalho, de acesso a direitos e a melhores condições de vida.

Assim, olhar para as culturas das infâncias no Sudeste implica considerar a pluralidade cultural, racial, étnica, que se expressa nas músicas, nas histórias, nas brincadeiras, nos artesanatos, nos alimentos e nos costumes. Faz-se necessário, até mesmo nas escolas, reconhecer cada vez mais essa diversidade de infâncias, de maneira a honrar os diferentes povos que a constituem e garantir oportunidades a todos os bebês e crianças bem pequenas.



CHERYL HOLT/PIXABAY

1 Brinquedo

Peteca

A peteca é um brinquedo tradicional no Brasil. Não se sabe quando exatamente surgiu, mas, segundo registros encontrados, ela já era praticada pelos diversos povos indígenas antes da chegada dos portugueses ao território brasileiro. Em cada aldeia, tem um nome diferente, sendo conhecida como *popok* na aldeia Kamaiurá (Alto Xingu); *paopao* entre os Bororo (Mato Grosso); *pó-hyhr* entre os Canela (Maranhão); *mangá* entre os Guarani; e *Pe'teka* para os Tupi – este último ficou popularmente conhecido e disseminado pelo Brasil e pelo mundo (Instituto Socioambiental, Povos Indígenas no Brasil). A palavra *pe'teka*, em Tupi, significa “bater”.

Há vários modelos de brinquedo que variam de acordo com cada etnia indígena, mas, em geral, a peteca possui uma base mais pesada, onde deve ser batida e impulsionada com a palma da mão, e outra parte, geralmente constituída de penas ou palha, que enfeitam e dão a estabilidade no ar. Ela costuma ser feita de penas de aves, palha de milho, bananeira ou buriti, recheada de folhas de algodoeiro, da própria palha, de areia, de sementes ou pedrinhas. A peteca era muito utilizada pelos povos indígenas para aquecimento corporal durante o inverno, recreação, rituais e festas.

Em Minas Gerais, até os dias atuais é muito comum a prática de confeccionar as próprias petecas, principalmente na época da colheita de milho, que coincide com as festas juninas de Santo Antônio, São João e São Pedro. Desde a década de 1940, a peteca passou a ser jogada também em quadras e a ter um conjunto de regras sistematizadas. Em 1985, a peteca foi reconhecida como um esporte oficial e genuinamente brasileiro, em que se utiliza um modelo industrial, feito com rodela de borracha sobrepostas e quatro penas brancas de peru.

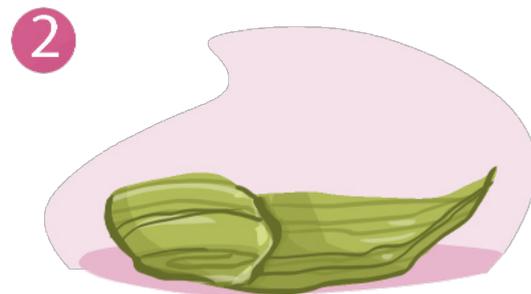
Como fazer uma peteca

Material

Palha de milho (em média, usa-se a palha de uma espiga para cada peteca)

Como fazer

1. Retire as palhas das espigas de milho, evitando rasgá-las.
2. Dobre uma folha de palha, enrolando-a até formar um quadrado de cerca de 4 cm, que servirá como base, formando uma trouxa.
3. Pegue outras palhas e envolva a pequena trouxa até deixá-la bem consistente e do tamanho desejado. Atente-se para deixá-las proporcionais ao tamanho das mãos das crianças, ou seja, equivalente ao centro da palma da mão.
4. Pegue outras palhas e coloque-as embaixo da base em forma de cruz, deixando as extremidades soltas para cima, que servirão de penas.
5. Desfie um fio de um pedaço fino de palha, formando uma fita, que servirá para amarrar o brinquedo.
6. Una todas as extremidades ao centro e amarre com a fita de palha. Pronto, agora é só jogar!



FABIANA SALOMÃO

Orientações e sugestões de uso

A peteca é um brinquedo para todas as idades. Pode-se brincar sozinho, em dupla, em trio ou em grupos maiores. Para as crianças bem pequenas, seu uso é semelhante ao de uma bola, em que a criança pode brincar sozinha lançando a peteca para o alto, para a frente, com uma ou as duas mãos. Depois, ela mesma vai buscar o brinquedo, tornando a jogá-lo, e assim seguindo até se cansar, o que contribui para o desenvolvimento motor, a força de vontade e a autonomia.

Sozinha, com outra criança ou com um adulto, à medida que brinca, cria familiaridade com o brinquedo e lança-o ao ar ou ao parceiro com cada vez mais destreza, agilidade e precisão. Com as crianças bem pequenas não se deve ter como objetivo apresentar as regras do jogo ou preocupar-se em acertar a peteca de uma determinada maneira. O importante nesta fase é o brincar em si e, com ele, dar a oportunidade de a criança experimentar seu corpo, seus limites e suas possibilidades. Ao brincar de peteca, o bebê enfrenta o desafio da gravidade, como ao aprender a colocar-se ereta e conquistar a habilidade de andar. Desenvolve a coordenação motora, a força, o equilíbrio e a percepção espacial. Além disso, ao jogar com outra pessoa, aprende cooperação, empatia e vínculo.

Por ser produzida com materiais acessíveis e de fácil manuseio, a peteca pode ser confeccionada com as crianças, até mesmo as bem pequenas, de 1 ano. Elas podem ajudar a lavar as espigas de milho, secá-las e depois descascá-las, separando as palhas. Com as palhas, o(a) professor(a) confecciona as petecas, sendo recomendável fazer uma para cada criança, permitindo que as levem para casa. Já as espigas podem ser cozinhadas para a turma comer um delicioso milho cozido na hora do lanche.

Referências bibliográficas

BLAUTH, Guilherme. **Jardim das brincadeiras**: uma estratégia lúdica para uma educação ecológica. Brasília: MEC/ Edição do Autor, 2013. Disponível em: <<https://jardimdasbrincadeiras.files.wordpress.com/2013/09/jardim-das-brincadeiras.pdf>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

ROMEU, Gabriela; PERET, Marlene. **Lá no meu quintal...** – O brincar de meninos e meninas de Norte a Sul. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Sites

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 9 jul. 2020.

VAMOS aprender tudo sobre peteca? Disponível em: <<http://peteca.ueuo.com/index.html>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Referência de audiovisual

Território do Brincar | Série de MiniDocs

Brincadeiras com petecas nas diversas regiões do Brasil

Direção: Renata Meirelles e David Reeks

Sinopse: Além dos diferentes materiais para fazer o mesmo brinquedo (de sola de chinelo para as crianças pomeranas do Espírito Santo; palha de milho para as crianças da tribo Panará; e a casca de bananeira para os mineiros de Abadia), com a peteca pronta, filha e pai brincam juntos, indígena adulto brinca sozinho e crianças mineiras brincam sozinhas. O brincar dos três é muito parecido, mas também apresenta suas singularidades. São materiais diferentes, e toda criança pode fazer a sua. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wXEjUOCck>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

2 Música

A cultura caipira é umas das manifestações presentes na Região Sudeste. Ela é identificada como o modo de ser e de viver do homem do campo, fruto do hibridismo racial de origem europeia, mais especificamente, portuguesa colonizadora, com os indígenas nativos e, posteriormente, com os afrodescendentes, estando presente na área denominada de Paulistânia, que incorpora o Vale do Paraíba (Rio de Janeiro e São Paulo), o oeste de São Paulo (Piracicaba/Tietê/Pirapora), o sul de Minas Gerais e Mato Grosso e o norte do Paraná (CANDIDO, 2010).

O “caipira”, como é denominado, costuma viver de uma economia de subsistência, permeada pelas práticas de presa e coleta, tendo uma vida simples, rústica, e um ritmo nômade, provisório, que expressa a influência dos bandeirantes e dos indígenas. A etimologia da palavra **caipira** tem, contudo, diferentes interpretações. Uma é a associação ao termo tupi *ka'apir* ou *kaa-pira*, que significa “cortador de mato” ou *ca'a pora*, a partir da junção de *caá* (mato) e *pora* (habitante, morador). Portanto, o caipira seria o “habitante do mato”. Também o termo **caipira** esteve historicamente associado à vida no campo, na lavoura, distinta e, por vezes, até avessa à urbanização, onde era empregado por vezes pejorativamente, como sinônimo de timidez, preguiça, avesso à civilização (MARIANO, 2000).

Repleta de costumes e tradições ligadas à vida rural, a cultura caipira é cada vez mais rara, mas ainda permanece viva em alguns lugares e, sobretudo, nas práticas culturais que se mantêm, como a comida feita em fogão a lenha, a moda de viola, as manifestações populares, como a festa do Divino, os ranchos.

A seguir, uma cantiga de autoria anônima, que traz o imaginário da vida rural, em que se costuma dormir cedo, “com as galinhas”, e acordar com o cantar do galo ao nascer do Sol, na “aurora que desponta convida a trabalhar!”.

Acorda dorminhoco

(Autor anônimo)

Acorda, dorminhoco, que o dia está a raiar!

kiki, kiki, kiki, kiriri, kiki.

A aurora que desponta convida a trabalhar!

Kiki, kiki, kiki, kiriri, kiki.

O galo, cedinho, há muito já cantou:

Referência sonora: Elisa Manzano e Paula Mourão. Álbum *Cantar o mundo*: músicas e poesias para o ano todo. Disponível em: <<https://soundcloud.com/isabelanmfc/01-acorda-dorminhoco?in=isabelanmfc/sets/cantar-o-mundo>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

O sono é vital para o desenvolvimento saudável na infância. Nas creches, em algum momento do dia, bebês e crianças bem pequenas costumam dormir ou descansar. Se prestarmos atenção, veremos que, ao acordarem, as bochechas das crianças ficam rosadas, o olhar distante e a carinha revigorada, prontas para recomeçar a brincar.

O momento de acordar precisa, contudo, ser cuidado, tanto como o de dormir. Muitas vezes, o descanso da tarde traz uma qualidade de sono tão profundo que requer uma delicadeza do(a) professor(a) ao acordar as crianças ou acolhê-las ao despertarem autonomamente.

A cantiga “Acorda dorminhoco” pode ser usada como um recurso para o momento do sono, ou do descanso e de relaxamento. Pode-se cantar a música com uma voz suave e baixinha e acordar cada criança da hora do sono. Sugerimos cantar a música e, delicadamente, fazer um carinho, um toque sutil, na parte da letra “kiki, kiki, kiki, kiriri, kiki”.

Caso seja um momento da rotina de descanso e relaxamento, e não de sono, pode-se também fazer gestos mais lúdicos, como cócegas, nesta parte da música. Sempre de forma delicada e respeitosa, buscando perceber a singularidade de cada criança, seu tempo, características e limites.

Ao escutar a cantiga, elas são convidadas a acordar e a retomar a ação, as atividades, integrando novamente o ritmo do dia e do grupo de forma lúdica e amorosa. Mesmo os bem pequenos costumam apreciar esses momentos e propostas e aguardam ansiosos a sua vez de receber o carinho do(a) professor(a). Assim, essa brincadeira contribui para o fortalecimento de vínculos fortes entre o adulto e sua turma e cria um ambiente educativo permeado de respeito, afetividade, alegria e lastro com a memória cultural do Brasil.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos R. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983. Disponível em: <https://apartilhadavida.com.br/wp-content/uploads/2017/03/capiras_sao_paulo.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2020.

CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

MARIANO, Neusa de Fátima. O lugar do caipira no processo de modernização. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, n. 69, ano 22, 1 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-22.htm>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Outras referências

Ocupação Inezita Barroso

Itaú Cultural

Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/inezita-barroso/a-menina/?content_link=4>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Projeto Interações Viola Paulista

Disponível em: <<http://camaraclara.org.br/violapaulista/>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Os caipiras, por Antonio Candido

Sinopse: Documentário exibido pela TV Cultura em que o professor e crítico literário Antonio Candido fala sobre a sociedade caipira, com base na pesquisa que ele conduziu na década de 1940, para a elaboração de sua tese, publicada em livro, **Parceiros do Rio Bonito**. Trata dos modos de produção da sociedade rural da região denominada Paulistânia daquela época. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zm3Pz8qxqNA>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

3 Brincadeira

A vida comunitária com grande vitalidade e lastro social é muito presente na cultura caipira, na qual é comum ainda nos dias atuais uma relação com os vizinhos e os familiares mais atrelada ao cotidiano e às necessidades na lida com a terra, com as crianças, com os desafios da casa e do dia a dia.

Também é comum chamar de compadre e comadre (ou cumadre e cumpadre) não apenas os padrinhos e madrinhas do(a) filho(a), mas também os amigos próximos, aqueles com quem se tem um forte vínculo afetivo, com quem se pode contar. Nesta brincadeira de dedos, colhida por Adelsin, em Minas Gerais, vivencia-se o sentido comunitário, de vínculo e amizade.

Pom, pom , pom

Pom, pom, pom

— Quem será?

Dona Mariquinha

— Pode entrar.

Ô lê ô lê ô lê

— Ô lê ô lê ô lá

Ô lê ô lê ô lê

— Ô lê ô lê ô lá

Oi, compadre!

— Oi, comadre!

Fonte: Adelsin Silva, Belo Horizonte (MG). Álbum **Abra a Roda Tindolelé**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uldklx8UB5E>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

Como se brinca

Juntam-se as palmas das mãos, na altura do peito, canta-se a música, batendo um dedo no outro. A cada frase, muda-se o dedo da mão, começando pelas extremidades:

“Pom, pom, pom” – bater os polegares

“Quem será?” – os dedos mindinhos

“Dona Mariquinha” – os indicadores

“Pode entrar” – os anelares

“Ô lê ô lê ô lê” – dedos médios passam um pelo outro, no ritmo da cantiga (repete-se mais três vezes)

“Oi, compadre!” – dedos médios encostam-se como se fossem se cumprimentar com beijinho; um dedo encosta no outro, como se fossem dois amigos.

“Oi, comadre!” – idem gesto anterior.

Fonte: Adelsin Silva, Belo Horizonte (MG). Álbum **Abra a Roda Tindolelé**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uldklx8UB5E>>. Acesso em: 7 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

As histórias e cantigas de dedos, também conhecidas como “brincadedos”, são muito recomendadas a crianças da primeira infância. Contribuem para o desenvolvimento da coordenação motora, da oralidade e da imaginação. É uma brincadeira que pode ser repetida muitas vezes de acordo com o interesse da turma, pois, a cada repetição, elas aprendem um pouco mais os gestos e a letra da cantiga, até que, por fim, conseguem fazer sozinhas a brincadeira toda com autonomia.



A brincadeira “Pom, pom, pom” pode ser feita com todas as crianças, com um pequeno grupo ou até com um bebê, sentando-o no colo do(a) professor(a). Ao unir as mãos e fazer dos dedos “compadres” e “comadres” que se visitam, a criança traz o mundo, os âmbitos social e cultural, para a intimidade, para o microcosmo de seu corpo, de suas pequenas mãos. Ela cria com os próprios dedos um universo em miniatura, uma comunidade onde há empatia, fraternidade, alegria, comunhão, valores essenciais para a formação de uma cultura de paz e uma sociedade mais solidária e justa.

Um momento interessante para desenvolver essa brincadeira com todos simultaneamente seria antes das refeições, favorecendo a concentração do grupo, a atenção no(a) professor(a) e na alimentação. Momento em que as mãos podem ser despertadas para a nutrição, a comunhão e a gratidão pelo alimento e pelas pessoas que o preparam.

Referência em audiovisual da brincadeira “Pom, pom, pom”

Trupe trupé – #3 Pom, pom, pom (brinquedos e brincadeiras)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OdkUK-Kh2r4>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Referências de brincadeiras com dedos (brincadedos)

BETTI, Flávia. DVD Cantarolã 2 – brincadedos.

Sinopse: Aprenda diversas canções e brincadeiras para entreter, educar e acalmar as crianças. Participe ativamente da educação de seu filho, ou de seus alunos, por meio de cantigas que estimulam a imaginação e a criatividade, desafiam as funções cognitivas das crianças e desenvolvem a coordenação motora de maneira lúdica e divertida. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCUq9uzpyxHxv6uUcHE6AUA>>. Acesso em: 6 jul. 2020.

4 Brincadeira

Brincar de comidinha

Em geral, a cozinha é um dos ambientes mais férteis da casa. Infinitas são as possibilidades de combinações de ingredientes, de modo de preparar, cozinhar e apresentar o alimento. Muito da intimidade de uma casa está relacionada à cozinha, a sabores, aromas, texturas, cores, palavras e sentimentos emanados em volta do fogo. A cozinha evoca os sonhos de intimidade, de cuidado e de comunhão (PIORSKI, 2016). Comemos com todos os sentidos, e a criança, ao brincar de comidinha, vivencia esse lugar sagrado.

Com suas panelinhas, colheres, peneiras, fogõezinhos, ela mistura os ingredientes que recolhe na natureza e no seu entorno. Sementes, flores, pedrinhas, galhos, terra, areia, água. E até fogo. Muitas crianças pelo Brasil fazem seus “guizadinhos” nos quintais embaixo das sombras das árvores. Na região de Minas Gerais, onde é tradicional o uso de fogão à lenha, é comum as crianças terem um fogãozinho no quintal para brincar de comidinha e comer suas próprias invenções (ROMEU & PERET, 2019); (MEIRELLES, 2014).

Orientações e sugestões de uso

Criar um ambiente e disponibilizar materiais que favoreçam o brincar na e com a natureza são essenciais para o desenvolvimento integral e saudável na infância. Mesmo no contexto urbano, ou com brinquedos industrializados, as crianças adentram o imaginário da cozinha. Mexem sopas, assopram a colher para não queimar a boca e servem os amigos em um gesto de doação, carinho e comunhão. Mas é a natureza a grande mãe da cozinha. A guardiã dos segredos e nutrientes profícuos para o corpo e a alma. Para o brincar alquímico da criança.

Nos espaços internos, pode-se criar um ambiente para brincar de comidinha, com fogãozinho, panelinhas, sementes, toquinhos de madeira lixados, conchas, pano, cestos, priorizando brinquedos e utensílios feitos de material natural, como a madeira, os tecidos, as palhas em vez do plástico. No ambiente externo, é válido incentivar o brincar com a terra, disponibilizar utensílios, priorizando, por exemplo, panelas de alumínio e colher de pau em vez de brinquedos de plástico, que são, na maioria, frágeis e poucos duráveis.

Sugerimos aproveitar ao máximo as características regionais, os frutos, as sementes, as tonalidades e os tipos de terra. Assim, a escola pode ter um tanque de areia, mas também de terra, de chão batido, propiciando às crianças experimentar texturas, cores e possibilidades diversas de amalgamar terra e água. Na creche, pode-se cultivar a área externa, priorizando espaços verdes, com flores, ervas, pedras e árvores frutíferas para as crianças terem a dádiva da beleza, dos perfumes e dos sabores. Comer amoras e depois macerá-las e descobrir a cor da tinta; colher uma folha de manjerição e sentir o sabor; esfregar no punho folhas de lavanda para sentir o perfume deveriam ser um direito de toda criança. São essas experiências que perduram no adulto como memórias da infância, pois estão vinculadas à noção de intimidade, comunhão, doação e afeto. Deixemos os quintais das creches como um jardim para os sentidos aflorarem, e o brincar de comidinha acontecer com toda a sua potência e profundidade.



ACERVO DOS AUTORES

Referências bibliográficas

MEIRELLES, Renata. **Cozinhando no quintal**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

PEREIRA, Maria Amélia. **Casa redonda**: uma experiência em educação. São Paulo: Editora Livre, 2013.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2015.

ROMEY, Gabriela; PERET, Marlene. **Lá no meu quintal...** – O brincar de meninos e meninas de Norte a Sul. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Referências de audiovisual de brincar de comidinha e cozinha

Casinhas no Vale do Jequitinhonha

Território do Brincar

Direção: Renata Meirelles e David Reeks

Sinopse: Mostra o brincar de casinha de crianças na região do Vale do Jequitinhonha. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/videos/casinhas-no-vale-do-jequitinhonha/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Território do Brincar | Série de MiniDocs

Casinhas e guisadinhos no Vale do Jequitinhonha

Direção: Renata Meirelles e David Reeks

Sinopse: A brincadeira de casinha faz parte do imaginário, da beleza e da intimidade de crianças do Vale do Jequitinhonha. Encontrar o terreno, limpá-lo, construir as casas, buscar flores e frutos para enfeitar e organizar a casa. Depois, basta acender o fogo, cozinhar e provar! É o brincar que se manifesta de maneira universal em todas as regiões do país. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/videos/territorio-do-brincar-serie-de-minidocs-casinhas-e-guisadinhos-no-vale-do-jequitinhonha-mg/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Lá no meu quintal – minidocumentário: Sudeste

Direção: Gabriela Romeu

Sinopse: Documentário que mostra as diversas brincadeiras possíveis em quintais de casas da Região Sudeste. A terra avermelhada do Vale do Jequitinhonha dá margem a fazer diversos alimentos na brincadeira de casinha. Mas nem tudo precisa passar pelo fogão. As frutas, por exemplo, podem ser colhidas direto do pé. Das árvores, é possível extrair a matéria-prima de algumas brincadeiras, como a folha de bananeira, que é usada para confeccionar petecas. Disponível em: <<https://projetoinfancias.com.br/site/projetos/quintais/comida-brinquedo/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Panelinhas de barro

Projeto Memórias Futuro

Direção: Lia Mattos

Sinopse: “A panela é boa/ Panela é boa demais/ Se não tiver panela/ Não cozinha mais”. O trecho da cantiga tradicional recita uma das antigas práticas culturais da comunidade de Furnas do Dionísio que já começam a ser esquecidas. Fazer panelas de barro, uma brincadeira comum da infância, também é uma forma de aprender um ofício útil ao cotidiano da comunidade. Nessa produção, as crianças partem para desbravar as minas de argila e se divertir. Enquanto brincam, resgatam a história dessa gente. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4WFFwXp6m3Q>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

5 Receita culinária

Frango com ora-pro-nóbis

Já ouviu falar em ora-pro-nóbis? É uma planta alimentícia não convencional (PANC). Seu nome deriva do latim e significa “orai por nós”. Diz a lenda que as pessoas buscavam as folhas no quintal de um padre, que rezava em latim “ora pro nobis”.

O ora-pro-nóbis (*Pereskia aculeata*) é uma cactácea, um cacto trepadeira com espinhos nos galhos, muito usada em cercas vivas. Originária do continente americano, há variedades nativas dessa hortaliça perene e resistente à seca, sobretudo em Minas Gerais.

As folhas e flores são usadas em diferentes receitas, especialmente em sopas, tortas, refogados e omeletes. As folhas são usadas frescas ou secas, ou ainda moídas na forma de pó. Também podem ser consumidas cruas em saladas ou no preparo da farinha, complemento nutricional para o combate à fome. É um vegetal rico em ferro, propício a tratar de anemias ou da desnutrição, muito indicado para compor a alimentação de bebês e crianças. Ela possui 25,4% de proteínas, sendo usada muitas vezes para substituir a carne em refeições.

Receita de frango com ora-pro-nóbis

Ingredientes

- 1 frango cortado em pedaços ou 2 kg de sobrecoxa ou coxa
- 1 cebola grande
- 3 tomates maduros
- 2 dentes de alho
- 1/2 pimenta dedo-de-moça, picada sem sementes
- 1 ramo de orégano fresco
- 3 folhas de louro
- 40 folhas de ora-pro-nóbis (o tamanho do maço varia muito)
- 100 g de banha de porco ou 100 ml de óleo de girassol, soja ou canola
- 2 colheres de sopa de salsinha e cebolinha picadas
- 1 limão
- 1 colher de sopa de vinagre
- Sal a gosto

Modo de preparo

Frite os pedaços de frango no óleo, até que fiquem bem dourados. Retire-os da panela e, na mesma banha, doure o alho, a cebola, a pimenta e os tomates por mais 5 minutos. Bote o frango de novo na panela, junto como o orégano e o louro, cubra com bastante água e deixe ferver até a carne cozinhar. Quando estiver cozido a seu gosto, inclua as folhas de ora-pro-nóbis, o limão, a salsinha e a cebolinha; mexa com cuidado para que o ora-pro-nóbis não fique babento, deixe descansar por uns 5 minutos e leve à mesa, acompanhado de arroz, feijão e angu.

Observação: No caso do preparo para crianças, excluir dos ingredientes a pimenta dedo-de-moça.

Fonte: Xapuri. Socioambiental. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/gastronomia/frango-com-ora-pro-nobis-delicia-gastronomica-da-serra-do-cipo/>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

Além dos benefícios nutricionais do ora-pro-nóbis, essa receita evoca na creche a memória, a cultura popular em torno da alimentação, conectando as infâncias às raízes brasileiras.

É uma boa oportunidade para envolver e fortalecer a relação entre a creche e as famílias, convidando avós e avôs para contar suas memórias de infância e cozinhar essa receita tradicional. Também poderia ser feito um pequeno canteiro para plantio de ora-pro-nóbis na creche. Um alimento extremamente nutritivo e rústico, que depende de pouco cuidado e que, em contrapartida, traz um benefício enorme à saúde das crianças e dos educadores.

6 História tradicional

Conto cumulativo

A tartaruga e a fruta amarela

O tempo era de seca. O calor estava de rachar pedra. Sem chuva, a floresta quase secou. A bicharada andava para lá e para cá cheia de fome e de sede.

Um dia, ninguém sabe como, apareceu uma árvore carregadinha de frutas. As frutas eram lindas e amarelas, mas os bichos ficaram com medo.

— E se for azeda? — disse o papagaio.

— E se for venenosa? — disse o macaco.

— E se for feitiço? — disse a capivara.

Com água na boca, a bicharada olhava aquelas frutas madurinhas, mas ninguém tinha coragem de experimentar.

— A gente não pode comer a fruta sem saber o nome dela — ensinou a coruja.

Então, os bichos fizeram uma reunião e escolheram a anta.

— Vá até o céu — pediram eles — e pergunte a Deus qual o nome dessa fruta.

A anta foi e Deus explicou tudo direitinho. Para não esquecer o nome da fruta amarela, a anta voltou do céu cantando:

Carambola, carambola

Não posso esquecer seu nome

Carambola, carambola

Que meu povo está com fome.

Acontece que no caminho morava uma bruxa malvada.

A mulher perguntou que cantoria era aquela e a anta explicou.

A bruxa deu risada e gritou:

Caranguejo, caramujo
Carapaça, carrapicho
Carrapato, carraspana
Carapeta, carabina.

Ouvindo o canto da bruxa, a anta se confundiu. Ao chegar à floresta não conseguiu mais lembrar nome nenhum.

Os bichos fizeram outra reunião e escolheram o tatu.

— Vá até o céu — pediram eles — e pergunte a Deus qual o nome dessa fruta.

O tatu foi e Deus explicou tudo direitinho. Para não esquecer o nome da fruta amarela, o tatu voltou do céu cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome.

No caminho, encontrou a bruxa malvada.

A mulher perguntou que cantoria era aquela e o tatu explicou.

A bruxa deu risada e gritou:

Caranguejo, caramujo
Carapaça, carrapicho
Carrapato, carraspana
Carapeta, carabina.

Ouvindo o canto da bruxa, o tatu se confundiu. Ao chegar à floresta, não conseguiu mais lembrar nome nenhum.

Outra vez, os bichos fizeram uma reunião e escolheram a tartaruga.

— Vá até o céu — pediram eles — e pergunte a Deus qual o nome dessa fruta.

A tartaruga foi e Deus explicou tudo direitinho. Para não esquecer o nome da fruta amarela, a tartaruga voltou do céu cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome.

No caminho, encontrou a bruxa malvada.

A mulher perguntou que cantoria era aquela. A tartaruga não disse nada e continuou cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome.

Mas a bruxa deu risada e gritou:

Caranguejo, caramujo
Carapaça, carrapicho
Carrapato, carraspana
Carapeta, carabina.

A tartaruga nem ligou. Continuou pelo caminho cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome.

Então a bruxa gritou:

Carapina, carapuça
Caravela, caravana
Cara-suja, caradura
Carafuzo, carapinha.

A tartaruga gritou mais alto:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome
Carambola, carambola
Que meu povo está com fome.

A bruxa berrou:

Carapeba, carangola
Carandongia, caripora
Caraúba, caraíba
Carantonha, curupira.

A tartaruga nem ligou. Continuou cantando sua música sem errar:

Carambola, carambola
Não posso esquecer seu nome.

Foi quando a bruxa perdeu a cabeça, agarrou a tartaruga, bateu e jogou no chão.
E a tartaruga:

Carambola, carambola
Que meu povo anda com fome.

A bruxa atirou um monte de pedra em cima da tartaruga.
E a bichinha:

Carambola, carambola
Não posso esquecer o nome.

No fim, a bruxa bateu na tartaruga com um pedaço de pau.

Depois, com um pedaço de ferro. Depois, atirou a coitada do alto do despenhadeiro. A tartaruga caiu lá embaixo no meio das pedras, levantou-se, sacudiu a poeira e continuou cantando:

Carambola, carambola
Não posso esquecer o nome
Carambola, carambola
Que meu povo anda com fome.



FABIANA SALOMÃO

Vendo isso, a bruxa desistiu de tudo e foi embora para sempre.

A tartaruga chegou à floresta cansada. Contou o nome da fruta amarela. A bicharada agradeceu, fez uma festa e matou a fome e a sede de tanto comer a fruta amarela.

Desde então, o povo da floresta passou a conhecer a carambola.

Desde então, por causa de tantos tombos, pancadas e quedas, a tartaruga ficou com o casco enrugado e achatado na parte de baixo.

Fonte: AZEVEDO, Ricardo. **Histórias que o povo conta**: textos de tradição popular. São Paulo: Ática, 2002. v. 5. (Coleção Literatura em minha casa).

Orientações e sugestões de uso

A repetição e a previsibilidade dos contos cumulativos, que para o adulto por vezes pode gerar certo incômodo, para as crianças, em especial as bem pequenas, traz grande alegria, envolvimento e aprendizado. Por meio desse movimento repetitivo da estrutura do texto, as crianças têm a oportunidade de compreender melhor a narrativa e de se apropriar de seu texto, chegando, muitas vezes, a memorizar a história do começo ao fim, conseguindo recontá-la com autonomia.

Criar um ambiente acolhedor contribui para uma escuta atenta. Disponibilizar um tapete macio, almofadas, tocar um instrumento para introduzir ou acompanhar esse momento são algumas possibilidades.

Você também pode aproveitar que o conto “A tartaruga e a fruta amarela” possui na sua estrutura uma estrofe com rima, para adicionar uma melodia, transformando-a em uma cantiga que se repete ao longo da história. Pode ser uma melodia muito simples, algo que não precise de um conhecimento prévio de música. Basta você ler o trecho em voz alta e experimentar algumas formas ou, então, ouvir as referências selecionadas a seguir.

Para finalizar a história, caso haja em sua região e seja época da fruta, que tal servir carambola à turma?

Referências

De contação da história “A tartaruga e a fruta amarela”

A tartaruga e a fruta amarela

Contos de lá nos cantos de cá. – Aline Cântia e Chicó do Céu

Sinopse: Há muitos anos, em uma floresta, aconteceu um rebuliço entre os bichos, as montanhas, os rios, as árvores e os vales. Eles tentavam se acertar para descobrir o nome de uma fruta amarela que ninguém conhecia e, assim, começaram uma verdadeira aventura entre o subir e descer das serras. Este é um conto tradicional que fica guardado entre o ir e vir das canoas, que diariamente atravessam os grandes e pequenos rios brasileiros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=vKavsrt04b4>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

A tartaruga e a fruta amarela

Cia. Abra palavra

Sinopse: Aline Cântia e Chicó do Céu apresentam o conto tradicional “A Tartaruga e a fruta amarela” e recebem a participação especial de Flora Lopes na percussão. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tpUJ9T_W-9k>. Acesso em: 9 jul. 2020.

7 Poesia

Até meados do século XX, o Brasil era majoritariamente rural. Os processos de urbanização, industrialização e acesso a direitos ocorreram de forma muito desigual no país. Até a década de 1950, enquanto no Sudeste já havia quase 50% da população vivendo em cidades, nas demais regiões esse contingente não chegava a 30%. Em 60 anos, o Sudeste se tornou praticamente inteiro urbano – 92,95% de sua população passou a viver em cidades (Censo, 2010).

Um dos símbolos desse processo de industrialização é o trem de ferro. A primeira ferrovia foi construída no Rio de Janeiro. Logo depois, surgiram outras ferrovias, principalmente em São Paulo, voltadas à economia cafeeira, interligando o porto de Santos à capital e ao interior do estado.

Infelizmente, com a chegada da indústria automobilística, no Brasil, os governos não continuaram investindo nas ferrovias. A mobilidade tornou-se um dos principais problemas do país, em especial, nas grandes cidades. Formas alternativas de transportes têm sido criadas e, em algumas capitais, como São Paulo e Rio de Janeiro, o metrô transporta diariamente milhares de pessoas.

Seja como memória, seja como vivência atual, nos metrôs e nos poucos trens que ainda restam, diversas são as brincadeiras, brinquedos, histórias e cantigas relacionadas a esse meio de transporte e seu simbolismo. O trem é por excelência o transporte das grandes viagens. Longas e possíveis de serem vivenciadas pelo corpo, pelo olhar que acompanha o trajeto, diferentemente do avião, que nos distancia completamente da paisagem, da experiência do deslocamento.

Criado por Manuel Bandeira (1886-1968), em 1936, “Trem de ferro” é um importante poema modernista, que evoca por meio de sua musicalidade e texto o vigor e o ritmo do trem. Cria com muita maestria ao leitor ou ouvinte a sensação de ser ele a viajar no trem do poema.

Poeta, cronista, crítico literário e professor, Bandeira, embora não tenha participado diretamente da Semana de Arte Moderna, em 1922, foi considerado por Mário de Andrade “São João Batista do Modernismo” (Academia Nacional de Letras). Nasceu em Recife, mas se mudou para o Rio de Janeiro ainda menino, aos 10 anos, onde viveu grande parte de sua vida e veio a falecer.

Trem de ferro

(Manuel Bandeira)

Café com pão

Café com pão

Café com pão

Virge Maria, que foi isto, maquinista?

Agora sim

Café com pão

Agora sim

Voa, fumaça

Corre, cerca

Ai seu foguista

Bota fogo

Na fornalha

Que eu preciso

Muita força

Muita força

Muita força

Oô...
Foge, bicho
Foge, povo
Passa ponte
Passa poste
Passa pasto
Passa boi
Passa boiada
Passa galho
De ingazeira
Debruçada
No riacho
Que vontade
De cantar!

Oô...
Quando me prendero
No canaviá
Cada pé de cana
Era um oficiá

Oô...
Menina bonita
Do vestido verde
Me dá tua boca
Pra matá minha sede
Oô...
Vou mimbora, vou mimbora
Não gosto daqui
Nasci no Sertão
Sou de Ouricuri
Oô...

Vou depressa
Vou correndo
Vou na toda
Que só levo
Pouca gente
Pouca gente
Pouca gente...



Fonte: BANDEIRA, Manuel. **Estrela da manhã**. 3. ed. São Paulo: Global, 2012.

Orientações e sugestões de uso

Ouvir poesias, lendas, contos é fundamental para o desenvolvimento da oralidade. Mesmo que não entenda o significado de grande parte das palavras, a relação com as narrativas, desde cedo, cria um lastro da criança com a cultura e com a sua língua pátria, materna.

A cultura brasileira possui um repertório vasto de produções literárias voltadas ao público infantil ou que podem ser usadas com essa finalidade. Ao ouvir poesias, as crianças ampliam o vocabulário, as referências de contextos, de linguagem, de expressões e estilos. Além disso, grande parte das poesias que encantam as crianças bem pequenas possui um ritmo, uma musicalidade, que desperta o seu interesse pela sonoridade atrelada à palavra. O corpo vira palavra, e a palavra vira corpo.

Ouvir poemas é fundamental para a construção do sonho, do idílio, do encantamento, da imaginação. Assim, desde a mais tenra idade, todos devem ter acesso a poesias e ouvi-las. É um maravilhoso modo de os bebês aprenderem a linguagem e desenvolverem a fala.

O “Trem de ferro” é uma riqueza para as crianças, permite entrarem nesse universo imaginário do trem, das cidades e desenvolverem a sua oralidade. Ele pode ser lido em voz alta para os bebês e as crianças bem pequenas em roda, acentuando bem o ritmo do texto, em um compasso semelhante ao deslocamento do trem.

Referências

Academia Brasileira de Letras – Manuel Bandeira

Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/manuel-bandeira/biografia>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Urbanização brasileira

Disponível em: <<http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Sala São Paulo

Disponível em: <<http://www.salasaopaulo.art.br/paginadinamica.aspx?pagina=historia>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Referências sonoras do poema

Castelo Rá-Tim-Bum – “Trem de Ferro”, de Manuel Bandeira.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZbMr2XcdmmU>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Trem de Ferro – Tom Jobim

Antônio Carlos Jobim. Álbum Antônio Brasileiro.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=bknMFCVyTAs>>. Acesso em: 11 de jul. 2020.

Trem de Ferro/Trenzinho do Caipira – Jean Garfunkel

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=O8KBqRpQhQI>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Villa-Lobos – Bachianas Brasileiras N. 2 – IV. Tocata (O trenzinho do caipira). Maestro Roberto Minczuk.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wIG4h7lvj4Y>>. Acesso em: 11 jul. 2020.

Região Sul



A Região Sul é ocupada por uma grande extensão de campos, que vão do Paraná até o norte do Rio Grande do Sul, conhecidos como Campos dos Planaltos, Campanha Gaúcha ou Pampas. Tem como característica uma camada de vegetação rasteira, muito propícia à pecuária.

Nos primeiros dois séculos da colonização, o território dos pampas não estava sob domínio de Portugal, tendo uma história de ocupação bem peculiar. Até o século XVII, o Sul era constituído majoritariamente pelos povos ameríndios, sobretudo os Carijó, os Guarani e os Kaingang. Depois, com as missões jesuítas voltadas à catequização indígena em massa, a criação de gado e, posteriormente, a chegada dos bandeirantes e dos tropeiros, a situação mudou radicalmente, havendo um grande extermínio e escravização dos povos indígenas, fato que levou a Região Sul a ter até hoje o menor percentual de população indígena do Brasil.

O interesse dos bandeirantes e dos tropeiros restrito ao extermínio e à escravização indígena e negra e à comercialização de animais para o circuito do ouro em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso não gerou um povoamento na região, o que se deu apenas a partir de meados do século XVIII, com a chegada dos açorianos. De Portugal, veio o incentivo à criação de colônias agrícolas, como estratégia de ocupação e povoamento de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul. Por não serem acostumados à agricultura, e sim à pesca, eles trouxeram à região, sobretudo, a Florianópolis, uma forte cultura caíçara e tradições como as redes de pesca, a renda de bilro, entre outros costumes que expressam a forte influência do povo açoriano na região.

Também vieram para o Sul, a partir do século XIX, europeus de diversas nacionalidades: alemães, italianos e, em menor quantidade, ucranianos, poloneses, russos, entre outros. Tendo como ponto de partida as colônias agrícolas, surgiram povoados e cidades, criando latifúndios, que depois se tornaram propriedades pastoris. Algumas delas mantiveram-se colônias, tendo pouco diálogo com a cultura brasileira, como é o caso dos pomeranos, que são os únicos no mundo que ainda usam a língua pomerana como idioma oficial.

Além de indígenas, luso-brasileiros e europeus, a região também foi constituída pela população negra escravizada, que trabalhava nas campanhas e na produção de charque e lutou na Guerra dos Farrapos. Tal foi a expressividade da presença africana e de afrodescendente na Região Sul que, durante o século XIX e meados do século XX, em Porto Alegre o bairro mais nobre da cidade era chamado de Colônia Africana e abrigava uma grande parcela de alforriados e libertos após a Lei Áurea, de 1888. No século XXI, essa população, que já havia sido expulsa para uma região afastada e desvalorizada, o bairro da Restinga, foi reconhecida como o primeiro quilombo urbano do país, o Quilombo dos Silva (AMARAL, 2019).

Contudo, as origens africanas e indígenas, embora decisivas para a história da Região Sul, foram negadas e ocultadas na história oficial em detrimento de uma busca de “embranquecimento” da região, onde se acentuou a ideia de povoamento constituído de uma matriz exclusivamente de imigrantes brancos, europeus, nas quais haveria, assim, um baixíssimo percentual de negros e indígenas.

Contudo, cada vez mais têm sido demonstradas outras perspectivas da história oficial baseadas no reconhecimento da diversidade que subjaz à aparente homogeneidade cultural sulista. Ainda há muito o que se conhecer, e as culturas das infâncias são um interessante modo de olhar para essas diferentes origens que constituem as infâncias no Sul.



Vinícola em Bento Gonçalves (RS), em 2017. Na Região Sul do país, as vinícolas são parte da paisagem e um dos símbolos da atividade econômica praticada.

Referências

AMARAL, Eduardo. Onde estão os negros do Rio Grande do Sul. **Correio do Povo**, Caderno Especial, 20 nov. 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/especial/onde-est%C3%A3o-os-negros-do-rio-grande-do-sul-1.381578>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

HENRI, Luiz. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). Rio Grande, **Biblos**, n. 16, 2004. p. 177-191.

LAPS, Léo. A história oculta dos quilombos do sul do Brasil. **A Nova Democracia**, 10 jun. 2003. Disponível em: <<https://anovademocracia.com.br/no-10/1131-a-historia-oculta-dos-quilombos-do-sul-do-brasil>>. Acesso em: 19 jul. de 2020.

LEITE, Carlos R. S. da Costa. O charque gaúcho: escravidão e guerra. Portal **Geledés**, 13 abr. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/o-charque-gaucha-escravidao-e-guerra/>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

Outras referências audiovisuais

Projeto Território do Brincar – 7ª Região – Jaguarão, RS

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CDJ76396PtM>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Pomeranos do Espírito Santo

Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/videos/pomeranos-espírito-santo/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

1 Artesanato

Bichos de madeira guaranis

Os animais em miniatura esculpidos em madeira são tradicionais entre os indígenas Guarani. Eles são produzidos pelos adultos, geralmente homens, para as crianças da aldeia e para serem vendidos como artesanato, sendo comuns animais da fauna brasileira, como o tatu, a tartaruga, a onça, o jacaré, o quati, a coruja, o tucano, o tamanduá, entre outros.



Orientações e sugestões de uso

Para os Guarani e para diversos outros povos indígenas, os animais são reconhecidos como fonte de conhecimento, de força, de saúde. Na medicina tradicional guarani, as características ou partes de um animal são utilizadas como fontes para um desenvolvimento integral e saudável. A banha do tatu, por exemplo, é passada nas crianças a cada lua nova como um creme, uma pomada, pois, assim, a criança crescerá com um corpo firme e forte, e os ossos, duros, tal qual a carapaça de um tatu (GONÇALVES, 2015).

Assim, as miniaturas de bichos trazem para as crianças guaranis a possibilidade de brincar e conhecer cada espécie com base em histórias, músicas e saberes da medicina tradicional, que são transmitidos pelos mais velhos.

Em outras culturas, como na Índia, animais também são fonte de conhecimento e inspiração para a educação do corpo, das emoções, da mente e do espírito, como na ioga, em que os bichos serviram de base para a criação de diversas posições. A prática da ioga pelas crianças costuma se basear em bichos, sendo chamada popularmente de ioga do bichos.

No contexto da creche, os animais podem servir de fonte de aprendizado para professores(as) e crianças. Assim, as miniaturas guaranis são um convite para aguçar as percepções sobre cada animal e o que eles propiciam ao imaginário, ao corpo e ao brincar das crianças. Além disso, pode-se aproveitar para narrar lendas e contos relacionados a cada animal, como a Lenda da Gralha, da página 416, e observar a natureza e os bichos que há na creche com base em suas características físicas, seus hábitos e instintos. Até mesmo um simples e corriqueiro caminho de formigas tem a ensinar às crianças.

Por fim, os bichos de madeira guaranis também são interessantes de ser usados como brinquedos para uma oportunidade de a criança se vincular à cultura indígena e à artesanaria, pois o brinquedo revela vestígios do trabalho humano, do material e traz traços estéticos e éticos da identidade de um povo.

Referência

GONÇALVES, Adelino. **Mba'Ereireiraanga**: as esculturas de madeira e seus aprendizados. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/07/Adelino-Gon%C3%A7alves_REVISADO.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Referência audiovisual

Waapa

Direção: David Reeks, Paula Mendonça e Renata Meirelles.

Sinopse: O documentário propõe um mergulho inédito na infância yudja (Parque Indígena do Xingu/MT) e os cuidados que acompanham seu crescimento. O brincar, a vida comunitária e as influências de uma relação espiritual com a natureza são revelados como elementos que organizam o corpo-alma dessas crianças.

Disponível em: <<https://www.videocamp.com/pt/movies/waapa>>. Acesso em: 19 jul. 2020.

2 História

A gralha-azul é uma ave muito comum na Região Sul e se tornou um dos símbolos do estado do Paraná, onde há grandes florestas de pinheiros, que parecem ter sido plantadas pelo ser humano. Durante muito tempo, não se soube explicar como os pinheiros apareciam em grupos, em pontos afastados, sem que ninguém os plantasse. Com o tempo, descobriu-se. A gralha-azul é uma espécie disseminadora de sementes, que tem como hábito estocar alimento, como sementes de pinheiro e pinhões, para posterior alimentação. Com o tempo, acabam as esquecendo, dando oportunidade de ali surgir uma nova árvore.

O termo popular “falar como uma gralha” vem também do fato de essa espécie de ave emitir um som contínuo, que se intensifica ao avistar um possível predador, espantando outras aves.



Lenda da gralha-azul

Conta a lenda que houve um tempo em que a gralha-azul era apenas uma gralha comum, também muito bonita, mas só uma gralha parda que queria ser útil para a humanidade, mas não sabia bem como.

Um dia, enquanto dormia num majestoso galho de um pinheiro-do-paraná, a gralha acordou com os golpes de um machado derrubando sua morada. Assustada, voou para as nuvens, para esquecer a tristeza de ver a sua árvore tombada. Entristecida, a gralha pensou em não mais voltar.

Lá no céu, uma voz divina a fez lembrar do que fazia na floresta: enquanto se alimentava do fruto do pinheiro, ela sempre enterrava no chão um naco dele, a parte mais succulenta, onde ficava a semente, para comer mais tarde. Mas como sempre se esquecia do local onde deixou seu lanche, sem querer sempre plantava muitos pés de araucária.

A voz lhe disse que, dali pra frente, o que era apenas um esquecimento seria a sua grande missão humanitária. Antes de voltar à terra, suas penas foram pintadas de azul, para que ela pudesse se destacar das demais aves enquanto fosse espalhando as sementes de pinhão para preservar a Mata de Araucárias.

Desde então, por onde passa, a gralha-azul vai plantando os pinheiros-do-paraná com seu método peculiar: depois de comer a parte mais fina do pinhão, com o bico ela pressiona a outra parte, a da semente, até enterrá-la no chão. E, para completar seu trabalho, cobre o local com folhas, pedras ou galhos, para que a semente possa germinar e dela nascer um novo pé de araucária.

Fonte: Xapuri Socioambiental. A lenda da gralha-azul, a plantadora de araucária. Disponível em:

<<https://www.xapuri.info/news/a-lenda-da-gralha-azul-plantadora-de-araucarias/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

A lenda da gralha-azul traz de forma poética e simbólica os saberes inerentes à natureza. Como uma grande teia, a biodiversidade é interligada, estruturando-se de forma sistêmica e sustentável pela própria arquitetura da vida.

O planeta Terra cada vez mais sofre os impactos da exploração e devastação humanas. A relação com a natureza desde a infância é fundamental para a saúde das crianças e do planeta. A sustentabilidade da vida e a saúde integral das novas gerações dependem de criarmos novas formas de viver e de nos relacionar com os recursos naturais. A observação da natureza, da fauna e da flora, traz saberes profundos que revelam outras possibilidades de relação entre os elementos e os seres que constituem a vida.

Contar histórias, cantar músicas e propiciar o brincar com a natureza – os animais, os quatro elementos (ar, fogo, terra, água), as plantas – aproximam a percepção das crianças do mundo natural e da necessidade de estabelecer uma relação sustentável com o planeta.

O simbolismo da teia da vida fortalece a capacidade da criança de se perceber como parte de um todo, como singularidade e coletividade. Ele é extremamente salutar, pois traz a sensação e a percepção corporal de unidade, cosmogonia, fraternidade, em que o ambiente natural serve de morada a todas as formas de vida. Esse olhar e essa relação com a natureza fortalecem nas crianças a capacidade de olhar a vida com empatia, respeito, justiça, cuidado e amorosidade.

Referência

Aves catarinenses. Disponível em: <<http://www.avescatarinenses.com.br/animais/1-aves/93-gralha-azul/3>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Outra referência audiovisual

A lenda da gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*).

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v_7cu73ywO4>. Acesso em: 21 jul. 2020.

3 Brincadeira tradicional



Muitos imigrantes que vieram da Europa para o Brasil, para trabalhar e viver nas colônias agrícolas, eram artesãos e trouxeram saberes vinculados a diferentes ofícios (sapateiro, carpinteiro, padeiro, costureiro, ferreiro, entre outros).

“Passa, passa, gavião” é uma brincadeira de roda de influência portuguesa. Foi gravada pela primeira vez pelo compositor, maestro, pianista e violinista Heitor Villa-Lobos (1887-1959), que recolheu, sistematizou, criou arranjos e adaptações para uma extensa quantidade de elementos do folclore brasileiro. “Passa, passa, gavião” integra o **Guia Prático**, uma coletânea de 137 canções folclóricas, com arranjos criados por ele em 1930. A maioria das cirandas e cantigas de roda disseminadas por todo o Brasil até hoje advém desse trabalho pioneiro e monumental de Villa-Lobos.

Passa, Passa, Gavião

Passa, passa, gavião,
Todo mundo passa.

Os carpinteiros fazem assim,
Os carpinteiros fazem assim,
Assim, assim,
Assim, assim.

Os sapateiros fazem assim,
Os sapateiros fazem assim,
Assim, assim,
Assim, assim.



ILUSTRAÇÕES: CLAUDIA MARIANO

Fonte: Villa-Lobos. Ciranda Nº 6. ‘Passa, passa, gavião...’ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LbZCmv_ap78>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Como se brinca

Em roda, as crianças cantam e giram imitando um ofício, e, a cada estrofe, é sugerido um novo.

Orientações e sugestões de uso

As brincadeiras de roda favorecem a integração e o fortalecimento dos vínculos afetivos entre as crianças. “Passa, passa, gavião” traz a possibilidade de a criança vivenciar e conhecer profissões, sobretudo aquelas vinculadas à arte e ao trabalho manual, dado que na brincadeira, além de se falar o nome, fazem-se gestos que representam cada ofício. Assim, a criança é incentivada a perceber a relação entre o corpo, o trabalho, a materialidade e a contribuição social de cada profissão.

É uma brincadeira que contribui ainda para o protagonismo infantil, visto que a letra possibilita a inclusão de novos ofícios no decorrer da cantiga de roda. Assim, apesar de ter a repetição da estrutura e do refrão, ela traz o improviso, fazendo com que haja variações conforme a criatividade, as referências e a participação dos brincantes, o que favorece a ampliação do vocabulário e do repertório gestual e verbal das crianças.

Referência sonora

LP Villa-Lobos – Cirandas (Joseph Battista, piano, 1953)

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vi7kTK8oT7c&feature=youtu.be&list=PLKy-a-u1rrLooHKZTe-s4HpccXm0pcZHbA>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Outra referência sonora

Nara Leão – Passa, passa, gavião

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UpkvmgeSew0>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

4 Música

Balaio, meu bem, balaio

Esta cantiga tem influência tanto portuguesa, dos açorianos, nos fandangos do Sul, como dos lundus, que é uma dança de origem africana. Trata-se de dança sapateada e, ao mesmo tempo, de conjunto. Esta cantiga era popular em toda a campanha do Rio Grande do Sul, até fins do século passado, e tornou-se muito comum em todo o Brasil, sendo gravada em diferentes versões voltadas à infância.

Balaio, meu bem, balaio

Balaio, meu bem, balaio,
Mandei fazer um balaio
Pra guardar meu algodão;
Balaio saiu pequeno,
Não quero balaio, não.

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do coração,
Moça que não tem balaio
Bota a costura no chão.

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio, peneira grossa,
Desamarra a cachorrada,
Capivara está na roça.

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio do presidente;
Por causa deste balaio
Já mataram tanta gente!

Balaio, meu bem, balaio,
Balaio de tapeti;
Por causa deste balaio,
Me degredaram daqui.

Recorta, meu bem, recorta
Recorta o teu bordadinho,
Depois de bem recortado,
Guarda no teu balainho.

Fonte: Recolhido de MEYER, Augusto. **Cancioneiro gaúcho**. Porto Alegre: Globo, 1959. Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/musi/canc-bala.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

Na primeira infância, o que a criança escuta modula sua capacidade auditiva, seu repertório, ritmo e suas percepções sonoras, estéticas e éticas. No contexto da creche, é fundamental trazer referências musicais e corporais, que expressem a diversidade e a identidade da cultura tradicional brasileira, fortalecendo o vínculo da criança com o seu país e com as manifestações populares, que são cada vez mais desconhecidas por grande parte das famílias em um contexto majoritariamente urbanizado e permeado pelo consumismo e pela indústria cultural de massa.

Sugere-se cantar a música com as crianças e dançar livremente, podendo também trazer balaios de palha para as crianças brincarem durante a música. Outra possibilidade é o(a) professor(a) criar gestos e movimentos inspirados na letra, que sejam simples e possam ser imitados pelas crianças, criando assim uma brincadeira de roda levando em conta a cantiga, em que todos brincam e fazem os movimentos juntos.

Referências

Collegium Cantorum – Coro Feminino. Cantos de Trabalho no Brasil.

Disponível em: <<https://cantorum.com.br/cantos-de-trabalho-no-brasil>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Regionalismo gaúcho – Danças e Ritmos

Disponível em: <<https://regionalismogaucha.weebly.com/dancedilas-e-ritmos.html>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Referências sonoras

Balaio, meu bem – Folclore (Fandango do Paraná)

Coro Feminino – *Collegium Cantorum*.

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fvkl8cmliFA>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Inezita Barroso. Balaio.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=q-bgd_ZEhOo>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Outra referência sonora

Em 1869, Brasília Itiberê compôs “A sertaneja”, uma obra de piano baseada na cantiga “Balaio, meu bem, balaio”.

Brasília Itiberê – A sertaneja (Arnaldo Estrella, piano).

Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tXNnBtuvGqU>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

Outras referências

Fandango Caiçara || Feito Aqui

Sinopse: A Associação Mandicuera, na Ilha dos Valadares, em Paranaguá, abriu as portas para a série Feito Aqui. A família vive pelo Fandango Caiçara, um ritmo musical que encanta e anima as festas do litoral do Paraná.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wPE_hr1gP4M>. Acesso em: 21 jul. 2020.

5 Brinquedo

Carrinho de madeira

Carrinhos de madeira são tradicionais na Região Sul do Brasil. Costumam ser feitos pelos adultos e pelas próprias crianças ao longo de gerações. Além da madeira, usam-se restos de objetos disponíveis, como direção de trator, peças de máquinas, arames, pedal, rodas de carrinho, entre outros materiais coletados pelas crianças nas oficinas, nos quintais, nos porões, nas garagens de suas casas e sítios.

São feitos de diferentes formatos, materiais e modos de construção. Alguns são semelhantes a carroças, em que uma ou mais crianças são levadas e puxadas por uma vara de madeira; outros são carros para entrar e dirigir, descendo e subindo ladeiras. Há também os pequenos, para brincar com as mãos, e os carrinhos de empurrar em pé, como o de uma roda só.

Em outras regiões do Brasil, é comum ver esse tipo de brinquedo de empurrar, sendo também conhecido como carrinho de vara ou, em outras variações, como de madeira em forma de bicho – é muito comum encontrar o de passarinho ou outro bicho e também um modelo feito de arame, atado com uma espécie de gancho a um aro ou pneu.

Em Santa Catarina, o carrinho de uma roda faz parte das memórias de infância dos mais velhos, tendo inclusive sido registrado em escultura em argila pelo artista, escritor, antropólogo e pesquisador da cultura açoriana Franklin Cascaes (1908-1983).

Carrinho de madeira de roda



ILUSTRAÇÕES: CLAUDIA MARIANO

Orientações e sugestões de uso

Nas creches, é muito importante ter carrinhos de madeira, fortes, duráveis e de tipos variados. O carrinho de uma roda só ou de vara é uma versão muito simples, mas que agrada desde os bebês que já sabem andar até as crianças maiores, capazes de fazer manobras e corridas, marcando no chão uma linha de chegada e outra de partida, para ver quem é o vencedor. São muito recomendados a bebês e crianças bem pequenas, pois auxiliam o desenvolvimento do andar, da percepção espacial e do equilíbrio.

Os carrinhos desse tipo atuam como verdadeiros extensores da força e do corpo da criança. A roda, ou o bichinho que serve de eixo, desliza no chão conforme a criança empurra e caminha com o brinquedo pelo terreno. Com o carrinho ela consegue ampliar a sua percepção tátil e geográfica. Como um cartógrafo a mapear a superfície do chão, seus relevos, declives, texturas, a criança percorre o território e fortalece sua motricidade e a autopercepção corporal. Ao desbravar o chão do mundo, ela apropria-se assim do próprio terreno, que é o seu corpo, a sua morada.

Referências

GUIMARÃES, Josiane; TRICHÊS, Patrícia Barbosa. Franklin Cascaes: cultura e brincadeiras populares. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, ano 18, n. 185, out. 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd185/franklin-cascaes-cultura-e-brincadeiras-populares.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

MEDEIROS, Francisco Emílio. As dimensões lúdicas da experiência de infância: entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de além-mar. Tese. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96023/298469.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

ROMEU, Gabriela; PERET, Marlene. **Lá no meu quintal...** – O brincar de meninos e meninas de Norte a Sul. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Site

Território do Brincar. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/brincadeiras-pelo-brasil/>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

Referência audiovisual

Território do brincar

Direção: Renata Meirelles e David Reeks.

Sinopse: Os meninos da zona rural de Santa Maria de Jetibá (ES) mostram, por meio de seus gestos precisos e silenciosos, como brincar de carrinho. Essas crianças não dependem de adultos para realizar seus sonhos de brincar. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eyh2kTa59bc>>. Acesso em: 9 jul. 2020.

6 Parlenda

Fórmula de escolha

As parlendas são versos, com uma estrutura curta e com rimas simples. Algumas parlendas são usadas como fórmulas de escolha. “Pico, picolé” é das tantas parlendas que fazem parte das infâncias no Rio Grande do Sul, tendo sido também registrada por Gabriela Romeu, no município de Guaporé (RS).

Pico, picolé
que sabor você quer
(diz o nome de algum sabor)

Fonte: Mapa do Brincar. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<https://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/formulas-de-escolha/331-pico-picole>>. Acesso em: 8 set. 2020.

Como se brinca

As fórmulas de escolha são usadas para escolher alguém do grupo. Há diferentes modos de fazer isso, sendo os mais comuns:

- 1) As crianças dispostas em semicírculo, e a que for escolher aponta para as demais crianças no ritmo da parlenda.
- 2) As crianças ficam em roda com as mãos fechadas em punho e a que vai escolher fica no centro da roda e bate de mão em mão no ritmo da parlenda.
- 3) Ao terminar de cantar a parlenda, na criança que parar, ela diz algum sabor, e a que está escolhendo bate nas mãos das crianças de acordo com a quantidade de sílabas. Exemplo: BANANA (bate-se na mão de três crianças).
- 4) A escolha costuma ser feita por exclusão. O último que fica é o escolhido.

Orientações e sugestões de uso

Uma maneira encantadora de selecionar algo ou alguém no universo da infância é por meio de fórmulas de escolhas. Existe uma grande quantidade delas pelo Brasil, com variações de região para região.

Elas favorecem a aprendizagem da linguagem oral e a consciência fonológica na medida em que o gesto das mãos acompanha a melodia e a letra. “Pico, picolé” amplia essa possibilidade porque, ao final da letra, a criança indica o sabor dizendo uma palavra, que, por sua vez, determinará a quantidade de mãos que ela deverá tocar.

Assim, de forma lúdica e natural, conforme repetem a brincadeira, as crianças conseguem associar as sílabas ao gesto de tocar na mão do colega, como um fluxo rítmico, ditado pelo corpo e sua relação com a palavra. A palavra torna-se, assim, brinquedo, e vice-versa.

Fonte: ROMEU, Gabriela; PERET, Marlene. Mapa do Brincar. Disponível em: <<https://mapadobrincar.folha.com.br/brincadeiras/formulas-de-escolha/331-pico-picole>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

7 Culinária tradicional

Caldo de mocotó

O mocotó é extraído da pata do boi e da vaca e é uma fonte extremamente rica em colágeno e proteína. O termo se origina do tupi-guarani *mbo-coto* e também do quimbundo *mukoto*, que significa “pata de animal”. Também é conhecido como “mão de vaca” em algumas regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro, por influência portuguesa, referindo-se não apenas ao animal, mas àquele que aproveita tudo.

Na região do Rio Grande do Sul, onde o gado e a charqueada são elementos centrais na história e na cultura, o mocotó, além de ter influências portuguesa e espanhola, tem origem africana. Era comum aos negros escravizados ficarem com as sobras dos brancos. Nas charqueadas, eles ficavam com as sobras do gado, do porco e das aves, passando também a comer o mocotó por ser muito nutritivo, capaz de dar sustento ao corpo fatigado. O prato, assim como o sopão e a feijoada, passou a ser bem-aceito, tornando-se tradicional no Brasil (BASTOS, s/d).

No Rio Grande do Sul, o mocotó é especialmente saboreado no inverno, por ser um prato quente, com grande fonte de calorias.

Receita de caldo de mocotó

Ingredientes:

- 1,5 kg de mocotó em pedaços
- Suco de 1 limão
- 2 colheres (sopa) de óleo
- 1 cebola grande picada
- 2 dentes de alho picados
- 2 colheres (sopa) de molho de tomate
- 1 pimentão verde em cubos
- 2 tomates, sem sementes, picados
- Sal a gosto
- 2 pimentas-malagueta picadas
- Cheiro-verde picado a gosto



Modo de preparo

1. Lave bem o mocotó e esfregue com o suco do limão.
2. Coloque-o em uma panela de pressão, cubra com água fervente e deixe cozinhar por 10 minutos para eliminar um pouco a gordura. Escorra e reserve.
3. Na mesma panela de pressão, aqueça o óleo e refogue a cebola e o alho até ficarem douradinhos. Junte o molho de tomate e os cubos de pimentão e mexa por alguns minutos.
4. Em seguida, coloque o mocotó, o tomate, o sal e a pimenta-malagueta e cubra com água. Feche a panela, deixe cozinhar por uma hora em fogo médio após começar a chiar.
5. Tire a panela do fogo, espere sair toda a pressão, abra e verifique se a carne está soltando dos ossos. Retire o mocotó e corte em pedaços pequenos. Se a carne ainda não estiver soltando dos ossos, acrescente água fervente (1 xícara) e volte a cozinhar por mais 5 minutos na pressão.
6. Polvilhe cheiro-verde picadinho e sirva imediatamente.

Observação: Ao cozinhar para bebês e crianças, exclua a pimenta-malagueta da receita.

Fonte: Chefe Nando Barrilari ensina... Mocotó. O imparcial.

Disponível em: <<https://www.oimparcialmontealto.com.br/artigos/mocoto/>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Orientações e sugestões de uso

A alimentação na primeiríssima infância é uma das bases centrais para o desenvolvimento saudável e integral. No Brasil sabe-se que grande parte da população não tem condições de oferecer uma alimentação nutritiva e saudável aos seus filhos, seja por questões econômicas, seja pela desinformação ou consumo cada vez maior de alimentos altamente processados e industrializados.

As creches têm assim um papel central na nutrição, na formação do paladar e de hábitos saudáveis na infância. Oferecer alimentos com alto poder nutricional, de baixo custo e de fácil execução é uma forma de contribuir para a mudança também dos valores, costumes e hábitos alimentares das famílias e da comunidade. O caldo de mocotó é uma receita com essas características, que pode ser consumido sozinho, como um caldo, ou como base no preparo de outras variações de sopas ou alimentos, tendo um alto índice de colágeno.



CLAUDIA MARIANO

Referências

Comida de butiquim. Mocotó – da comida de escravos ao requinte dos melhores restaurantes. Disponível em: <<http://cdbutiquim.blogspot.com/2011/02/mocoto-da-comida-de-escravos-ao.html>>. Acesso: em 20 jul. 2020

BASTOS, Maria Claudete Silveira; SANTOS, Paula Cilene Pereira dos. Adaptação de pratos tradicionais de origem africana à cultura do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Centro Universitário Metodista IPA, s/d. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/artigoaptoacars.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.



livros e capítulos de livro

ADELSIN. **Balangandão arco-íris** – 36 brinquedos inventados por meninos. Belo Horizonte: Peirópolis, 2008.

Neste divertido livro, Adelsin apresenta um conjunto de brinquedos feitos por meninas e meninos de Minas Gerais e da Bahia que ele registrou ao longo de 10 anos de pesquisa. São 36 brinquedos, demonstrados de maneira prática, com o passo a passo da construção, trechos de diários de bordo do autor e registros poéticos de cada situação em que os brinquedos surgiram.

ALANA, Instituto. **Criança e consumo** – Entrevistas. v. 5.

Este é o quinto de uma série de livros de entrevistas sobre o impacto do consumismo na infância, produzida pelo Programa Criança e Consumo. O volume aborda a importância do brincar com base em depoimentos de diversos especialistas, como Adriana Friedmann, Ana Lucia Villela, Lydia Hortélio, Paulo Tatit e Susan Linn.

AZEVEDO, Ricardo. **Histórias que o povo conta**: textos de tradição popular. São Paulo: Ática, 2002. Coleção Literatura em minha casa, v. 5.

Neste livro são reunidos contos extraídos da cultura popular recontados pelo escritor, ilustrador e pesquisador do folclore brasileiro Ricardo Azevedo, que possui mais de cem livros voltados ao público infantojuvenil.

BANDEIRA, Manoel. **Estrela da manhã**. 3. ed. São Paulo: Global, 2012.

O livro reúne alguns dos poemas mais importantes de Manuel Bandeira, a começar pelo que dá título à obra. O poeta convida o leitor a olhar o horizonte onde surge a estrela da manhã e guia pela beleza e o encantamento das coisas cotidianas.

BARROS, Manoel de. **Cantigas por um passarinho à toa**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2018. Manoel de Barros escreveu este livro para crianças. Os poemas trazem um imaginário próximo à infância, com palavras que brincam, árvores que falam, ventos que cantam, sapo que sonha em ser passarinho. O livro é uma oportunidade imperdível de apresentar às crianças a obra de um dos mais importantes poetas da literatura brasileira contemporânea.

BARROS, Maria Isabel (org.). **Desemparedamento da infância**: a escola como lugar de encontro com a natureza. Rio de Janeiro: Instituto Alana e Programa Criança e Natureza, 2018.

Neste livro, o leitor é convidado a ressignificar os espaços escolares para potencializá-los como lugares para o encontro da criança com a natureza, evidenciando como essa conexão pode favorecer o desenvolvimento e o aprendizado na infância. A obra sistematiza experiências bem-sucedidas de secretarias e escolas públicas e privadas.

BERTELLI, Leticia. **Cantos de Trabalho II**. São Paulo: Selo Sesc, 2018.

O disco integra o projeto idealizado por Renata Mattar, que desde 2000 se dedica à pesquisa em comunidades tradicionais que trabalham em mutirão e utilizam a música na lida, como Serra Preta (BA), Arapiraca (AL), Crato (CE), Caxias (MA), entre outras.

BLAUTH, Guilherme. **Jardim das brincadeiras**: uma estratégia lúdica para uma educação ecológica. Brasília: MEC/ Edição do Autor, 2013. Disponível em: <<https://jardimdasbrincadeiras.files.wordpress.com/2013/09/jardim-das-brincadeiras.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

O autor apresenta brinquedos feitos com elementos naturais inventados por ele próprio ou por amigos e moradores de comunidades tradicionais do Brasil, que aprenderam a brincar com os elementos da natureza disponíveis em seu entorno. É um convite para brincar e se encantar com a natureza e suas possibilidades de brincar e imaginar.

BRANDÃO, Carlos R. **Os caipiras de São Paulo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Antropólogo e educador popular, Carlos Brandão leva o leitor a mergulhar no mundo e na pessoa do caipira de São Paulo com base na reflexão e na análise da identidade e da cultura caipiras.

BRASIL. Ministério da Educação. **Uma história do povo Kalunga**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

É um material didático destinado às crianças e aos jovens, composto de um livro de leitura, um caderno de atividades para alunos e um encarte para o professor. Ele apresenta a vida e as tradições de um dos grupos de remanescentes de quilombos no Brasil e foi produzido com base em uma pesquisa de campo nos municípios de Monte Alegre de Goiás, Cavalcante e Teresina de Goiás, no estado de Goiás.

CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

Esta obra é a tese de doutorado em Ciências Sociais do escritor e professor Antonio Candido. Como resultado de pesquisa de campo e embasamento teórico, contribui para o entendimento da história do Brasil. Oferece um olhar para tradições, transformações e problemas vividos no meio rural. O livro imprime uma perspectiva da formação social brasileira às mudanças nos meios de vida do caipira paulista.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil**. São Paulo: Global, 2012.

Neste livro, o autor se dedica às festividades, à alimentação, à dança, às lendas, aos contos e a outros referenciais culturais do povo brasileiro. Oferece um inventário precioso dessas manifestações culturais, discorrendo sobre suas origens e as variações encontradas no país.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Global, 2011.

A obra é um vigoroso tratado de 900 páginas, publicado em 1967, e até hoje é o maior registro histórico e sociológico sobre a culinária brasileira. Ele é resultado de anos de pesquisa e viagens pelo Brasil, de conversas com donas de casa, feirantes, especialistas e do estudo da cultura indígena. Cascudo foi, inclusive, à África conhecer a origem de muitos dos pratos brasileiros.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Rede de dormir**: uma pesquisa etnográfica. São Paulo: Global, 2003.

Durante séculos, no Brasil, pessoas nasceram, viveram, amaram e morreram em redes. Ela atravessou os tempos sem que ninguém lhe dedicasse pesquisa, estudo ou análise. Esta obra de Luís da Câmara Cascudo é o primeiro trabalho sobre o assunto. Vasto e rigoroso, o autor vai muito além do que o título propõe, não se limitando à pesquisa etnográfica, percorrendo também o tema pelo viés da História, da Sociologia, do folclore e dos registros literários.

CAVOUKIAN, Raffi; OLDFMAN, Sharna. **Honrar a criança**: como transformar este mundo. São Paulo: Instituto Alana, 2009.

O livro reúne um conjunto de ensaios inspiradores sobre a vida de criança e sobre a importância de se tratar a infância como prioridade nas políticas e programas. É um convite para repensar valores e costumes em direção a um mundo que valoriza e honra a criança.

CLOUDER, Christopher; NICOL, Janni. **Brincadeiras criativas para o seu bebê**. Uma forma lúdica de aumentar a concentração e melhorar o desenvolvimento dos pequenos. São Paulo: Publifolha, 2008.

À luz da Pedagogia Waldorf, criada por Rudolf Steiner, este livro traz reflexões e sugestões práticas de brincadeiras criativas e imaginativas, com explicações e passo a passo para famílias e educadores fazerem manualmente mais de 20 brinquedos.

FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler** – Educação Infantil. São Paulo: Ominisciência, 2016.

Este livro divulga e apresenta a abordagem desenvolvida pela médica húngara Emmi Pikler, voltada a crianças de 0 a 3 anos, que tem como princípios fundamentais a relação privilegiada entre cuidador e bebê, a motricidade livre e o desenvolvimento da autonomia.

HERRERO, Marina; FERNANDES, Ulysses. **Jogos e brincadeiras na Cultura Kalapalo**. São Paulo: Edições Sesc, 2010.

O livro traz um registro de jogos e brincadeiras dos povos indígenas Kalapalo, que vivem no Mato Grosso. São textos, fotos e imagens que permitem um mergulho no universo, nos simbolismos, costumes, ritos, adornos e nas brincadeiras dessa cultura. Vem acompanhado de um documentário em DVD.

IBGE, Centro de Documentação e Disseminação de informação. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Rio de Janeiro: IBGE. 2007. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv6687.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Como parte dos festejos alusivos ao “descobrimento” do Brasil, o IBGE produziu esta obra reunindo 10 textos elaborados por especialistas. O livro oferece diversos elementos que permitem um melhor entendimento do caldeirão étnico que constitui o Brasil. Oferece um panorama da contribuição de diversos povos que, ao longo de cinco séculos, construíram a nação brasileira.

ITAÚ CULTURAL. **Catálogo – Ocupação Lydia Hortélio**. São Paulo: Itaú Cultural, 2019.

O catálogo integra a 45ª Ocupação Itaú Cultural, realizada em parceria com o Instituto Alana. A mostra reúne depoimentos em áudio e vídeo, fotos e exemplos de acalantos, brincos e brinquedos, fruto da pesquisa ao longo de décadas da educadora, etnomusicóloga e pesquisadora da cultura da infância Lydia Hortélio.

KÖNIG, Karl. **Os três primeiros anos da criança**. 5. ed. São Paulo: Antroposófica, 2011.

Com base em uma concepção antroposófica, Karl König discute a conquista do andar ereto, o aprendizado da língua materna e as primeiras manifestações do pensar como etapas centrais para o desenvolvimento dos três sentidos superiores: o sentido da fala, do pensamento e do eu.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri. **Criança brincando! Quem a educa?** São Paulo: João de Barro, 2007.

De forma simples e poética, a educadora Luiza Lameirão apresenta sua visão inspirada na antroposofia dos primeiros sete anos de vida das crianças, período tão fundamental pelas conquistas que são adquiridas.

LAMEIRÃO, Luiza Helena Tannuri; ECKSCHMIDT, Sandra. **Bola e boneca**. São Paulo: João de Barro, 2015.

Neste livro, as autoras aprofundam o olhar para o brincar e a sua importância no desenvolvimento da criança à luz destes dois brinquedos universais na infância, que são a boneca e a bola.

LEBOYER, Frederick. **Nascer sorrindo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Este livro é um convite profundo e poético a um novo olhar sobre a vida, desde o seu primeiro momento. O médico Leboyer trouxe uma mudança radical na forma de realizar a obstetrícia na França. Seu olhar valoriza a experiência, o desenvolvimento saudável e feliz do bebê. É um livro de base para um trabalho de humanização do parto e de saúde e educação nos primeiros anos de vida.

LOUV, Richard. **A última criança na natureza**. São Paulo: Aquariana, 2016.

O livro apresenta uma síntese de pesquisas que relacionam a presença da natureza na vida das crianças com seu bem-estar físico, emocional, social e acadêmico. Richard Louv, jornalista e fundador do Movimento Criança e Natureza, cunhou pela primeira vez o termo Transtorno do Deficit de Natureza (TDN) e chamou, assim, a atenção do mundo para o impacto negativo da falta da natureza na vida das crianças. Além disso, o livro oferece sugestões práticas e simples para restabelecer a conexão entre criança e natureza.

MACHADO, Sílvia Pinheiro. **Canção de ninar brasileira**. São Paulo: Edusp, 2017.

A autora analisa um amplo repertório de canções (reproduzidas no CD que acompanha a edição), desde aspectos formais até os contextos de sua gênese. Para além de seu aspecto funcional, a canção de ninar é abordada como um dos primeiros objetos culturais a que o ser humano é exposto.

MEIRELLES, Renata. **Cozinhando no quintal**. São Paulo: Terceiro Nome, 2014.

O livro mostra, por meio de registros fotográficos, como as crianças utilizam com criatividade os elementos ao seu redor na hora de brincar de cozinhar, fazendo comidinhas com ingredientes encontrados no quintal, como flor, lama, grama, folhas e sementes.

MEIRELLES, Renata. **Giramundo e outros brinquedos e brincadeiras dos meninos do Brasil**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

Resultado de uma extensa pesquisa realizada por Renata Meirelles e David Reeks, o livro reúne mais de 30 brinquedos e brincadeiras artesanais ou ao ar livre de diversas regiões do Brasil. Foi vencedor do Prêmio Jabuti 2008.

MEIRELLES, Renata (org.). **Território do brincar: diálogo com escolas**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

O livro é composto de textos de diversos autores e convida o leitor a aprofundar o olhar sobre a infância, a educação e o brincar. Durante dois anos, o Território do Brincar visitou diferentes comunidades (rurais, indígenas, quilombolas, grandes metrópoles, sertão e litoral) e dialogou com seis escolas brasileiras. Este material resulta desse processo com o intuito de inspirar educadores a olhar para o brincar dentro e fora da escola.

MINDLIN, Betty. **Couro dos espíritos**. São Paulo: Senac/Terceiro Nome, 2001.

Escrito pela antropóloga Betty Mindlin a partir das narrativas feitas pelos indígenas da etnia Gavião, de Rondônia, este livro apresenta os principais mitos da tradição oral desse povo.

MUNDURUKU, Daniel. **Coisas de índio: versão infantil**. 3. ed. São Paulo: Callis, 2019.

Neste livro, Daniel Munduruku apresenta às crianças aspectos da cultura indígena, com o objetivo de valorizar e celebrar a pluralidade e a riqueza dos povos indígenas.

PAMPLONA, Rosane. **O macaco e a banana**. Coleção Folha Folclore brasileiro para crianças. 16 v. São Paulo: Folha de S.Paulo, 2015.

Este conto acumulativo tradicional da cultura brasileira é recontado por Rosane Pamplona. Um macaco deixa escorregar a banana e ela cai dentro de um tronco oco. A partir daí, o animal pede ajuda para todo mundo, ninguém escapa de seus apelos. Como será que ele vai resolver essa história divertida?

PEREIRA, Maria Amélia. **Casa Redonda: uma experiência em Educação**. São Paulo: Editora Livre, 2013. Disponível em: <http://acasaredonda.com.br/system/publicacoes/attach_files/000/000/016/original/Casa_Redonda_um_experiencia_em_educa%C3%A7%C3%A3o.pdf?1523893652>. Acesso em: 9 set. 2020.

O livro é o registro da experiência de 30 anos da Casa Redonda com crianças de 2 a 6 anos em Carapicuíba-SP, na qual a educação é desenvolvida como um direito do ser humano de cumprir a sua história com liberdade e criatividade.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar**. São Paulo: Peirópolis, 2016.

Fruto de 10 anos de pesquisa realizada por Piorski no Brasil, este livro inaugura uma série sobre a imaginação, o brincar e os quatro elementos da natureza: terra, fogo, água e ar. Neste volume, o leitor é convidado a mergulhar no imaginário da criança a partir do elemento terra.

PUCCI, Magda; ALMEIDA, Berenice. **Cantos da floresta: iniciação ao universo musical indígena**. São Paulo: Peirópolis, 2017. Disponível em: <<http://www.cantosdafloresta.com.br/>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Projeto transmídia, com livro, CD e plataforma digital, possibilita um mergulho no universo da música indígena. Busca despertar o olhar do educador para a diversidade dos povos ameríndios, com enfoque na expressão musical de diversas etnias: Kambeba, Paiter Surui, Ikolen Gavião, Kaingang, Krenak, Guarani, Xavante, Yudjá e povos do Rio Negro.

ROMERO, Sílvio. **Contos populares do Brasil**. Coleção Acervo Brasileiro. Jundiá, v. 3, 2. ed., 2018. Disponível em: <<https://cadernosdomundo inteiro.com.br/pdf/Contos-populares-do-Brasil-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Coletânea de contos populares recolhidos e organizados por Sílvio Romero, estudioso do folclore e da cultura brasileiros. São histórias de origem europeia, indígena, africana e mestiça, representativas da múltipla influência e formação da cultura e do povo brasileiro.

ROMEY, Gabriela; PERET, Marlene. **Lá no meu quintal...** – o brincar de meninos e meninas de Norte a Sul. São Paulo: Peirópolis, 2019.

Neste livro, a autora convida o leitor a conhecer os quintais de crianças das cinco regiões brasileiras e a descobrir os quintais de sua infância, de seu território e de seu imaginário.

SCHEVEN, Karin Evelyn. **Minha querida boneca** – Uma orientação para pais, professores e educadores. Campinas: Associação Beneficente Três Fontes, 2012.

Com uma linguagem acessível e um embasamento antropológico, o livro busca contribuir com a reflexão de pais e educadores sobre o papel do brinquedo no desenvolvimento infantil.

SESC (Serviço Social do Comércio). **Sonoros ofícios: cantos de trabalho**. Circuito 2015/2016. Rio de Janeiro: Sesc, Departamento Nacional, 2015. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/798489b5-ac11-483a-9e90-0b8e2a269968/catalogo%2BSonora%2BBrasil_Cantos%2BOficios.pdf?MOD=AJPERES&CONVERT_TO=href&CACHEID=798489b5-ac11-483a-9e90-0b8e2a269968>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Esta publicação resulta do projeto temático Sonoros ofícios, realizado em 2015-2016 com o objetivo de difundir expressões musicais identificadas com o desenvolvimento histórico da música no Brasil. Apresenta o canto como expressão musical relacionada às atividades laborais, presente na cultura brasileira, tanto no ambiente rural quanto no urbano, desde o século XVIII.

SILVA, Lucilene. **Eu vi as 3 meninas**. Música tradicional da infância na aldeia de Carapicuíba. São Paulo: Zerinho ou um, 2014. Disponível em: <http://ocaescolacultural.org.br/wp-content/uploads/2013/06/LIVRO-Eu_vi_as_3_Meninas.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

O projeto corresponde à realização de uma publicação que registrou a Música Tradicional da Infância pesquisada por Lucilene Silva, através do Centro de Estudos e Irradiação da Cultura Infantil da OCA, nos últimos dez anos, na Comunidade da Aldeia de Carapicuíba-SP. Essa comunidade é formada predominantemente por migrantes de várias regiões brasileiras, trazendo exemplos de músicas de diversas regiões e gerações brasileiras.

STEINER, Rudolf. **Os primeiros anos da infância**. Material de estudos dos jardins de infância Waldorf. São Paulo: Antroposófica, 2013.

Originalmente concebido como um material de estudos para professores de jardim de infância Waldorf, este livro traz uma coletânea de textos de Rudolf Steiner sobre a primeira infância.

Artigos, teses e dissertações

BASTOS, Maria Claudete Silveira; SANTOS, Paula Cilene Pereira dos. **Adaptação de pratos tradicionais de origem africana à cultura do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Centro Universitário Metodista, s/d.

Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/artigoaptoacars.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

A partir de uma pesquisa qualitativa, pautada em histórias de vida e entrevista com descendentes de escravizados, a autora identifica os pratos da tradição alimentar do Rio Grande do Sul que são de origem africana.

COSTA, Edlamar de Menezes. **As atividades lúdicas na comunidade indígena tabalascada de Roraima**. Dissertação de Mestrado. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2013. Disponível em: <http://ecoemlivros.ufam.edu.br/attachments/article/2/As_praticas_na_comunidade_Indigena.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Esta pesquisa apresenta as práticas lúdicas da população indígena tabalascada de Roraima a partir do método etnográfico, da observação participante e das narrativas orais dos moradores da comunidade.

GONÇALVES, Adelino. **Mba'Ereireiraanga**: as esculturas de madeira e seus aprendizados. Trabalho de Conclusão de Curso. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <https://licenciaturaindigena.ufsc.br/files/2015/07/Adelino-Gon%C3%A7alves_REVISADO.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Este trabalho aborda os aprendizados relacionados aos animais, tanto reproduzidos em madeira quanto aos reais, presentes na educação e no cuidado das crianças guarani.

GUERRA, Denise. Corpo: som e movimento. Acalantos afro-brasileiros. Revista **África e Africanidades**, ano 2, n. 8, fev. 2010.

Denise Guerra evidencia neste artigo as origens africanas e afro-brasileiras de acalantos e personagens do folclore brasileiro, cunhados no contexto da escravidão e da diáspora negra.

GUIMARÃES, Josiane; TRICHÊS, Patrícia Barbosa. Franklin Cascaes: cultura e brincadeiras populares. **Revista Digital EFDeportes.com**, Buenos Aires, año 18, n. 185, oct. 2013. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd185/franklin-cascaes-cultura-e-brincadeiras-populares.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

O artigo discute a cultura açoriana a partir das brincadeiras, jogos, brinquedos, contos, pinturas, pesquisados pelo folclorista, professor e artista Franklin Cascaes.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [on-line], n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Larrosa discute a educação a partir do conceito de experiência e sentido, contrapondo-se à visão centrada na relação entre ciência e técnica, ou entre teoria e prática. Faz uma crítica ao excesso de informação, de trabalho e a obrigatoriedade de ter opinião.

MARIANO, Neusa de Fátima. O lugar do caipira no processo de modernização. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, n. 69 (22), 1 ago. 2000. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/sn-69-22.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

No contexto de crescente economia de mercado, cada vez mais agressiva no que diz respeito à competitividade, o caipira torna-se também um trabalhador assalariado e o seu modo de vida é transformado. Neste artigo discute-se esse processo a partir da cultura caipira em Jaú, município do estado de São Paulo.

MEDEIROS, Francisco Emílio. **As dimensões lúdicas da experiência de infância**: entre os registros de brinquedos e brincadeiras da obra de Franklin Cascaes e a memória de infância de velhos moradores da ilha de Santa Catarina e de velhos açorianos de "Além-Mar". Tese de Doutorado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96023/298469.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

A tese discute as dimensões lúdicas da experiência de infância a partir da memória de velhos moradores da Ilha de Santa Catarina e de Açores, tendo por referência os registros de brincadeiras e brinquedos de Franklin Cascaes.

Conteúdos web

(Acessos em: 28 jul. 2020.)

AVES CATARINENSES – GRALHA-AZUL.

Disponível em: <<http://www.vescatarinenses.com.br/animais/1-aves/93-gralha-azul/3>>.

Site sobre aves da região de Santa Catarina (SC), com descrição e registro fotográfico, em vídeo e áudio sobre cada espécie, como é o caso da gralha-azul.

COLLEGIUM CANTORUM – CORO FEMININO. CANTOS DE TRABALHO NO BRASIL.

Disponível em: <<https://cantorum.com.br/cantos-de-trabalho-no-brasil>>.

Relatório da pesquisa “Trabalhando com Ofícios”, produzido por Helma Haller, fundadora do coro feminino Collegium Cantorum de Curitiba.

CREI – Centro de Referências em Educação Integral. Disponível em: <<https://educacaointegral.org.br/>>.

Criado em 2013, o CREI é voltado à pesquisa, ao desenvolvimento metodológico, ao aprimoramento e à difusão gratuita de referências, estratégias e instrumentais que contribuam para o fortalecimento da agenda de Educação Integral no Brasil.

EBC. Quase 90% das línguas indígenas brasileiras foram extintas e as que restam estão ameaçadas. Disponível em: <<https://memoria.ebc.com.br/cidadania/2016/04/de-1500-linguas-indigenas-no-descobrimto-restaram-181-todas-ameacadas-aponta>>. Acesso em: 20 jul. 2020.

Matéria jornalística sobre a situação das línguas indígenas no Brasil. A grande maioria já foi extinta e as que restam também estão ameaçadas.

FAPESP, Pesquisa. Ameríndios eram siberianos. Edição 71. jan. 2002.

Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/amerindios-eram-siberianos/>>.

Artigo sobre pesquisa da UFMG cujo tema é a origem genética dos povos indígenas sul-americanos no período pré-colombiano.

FOLHA DE S. PAULO. Mapa do brincar. Fórmula de escolhas.

Disponível em: <<https://mapadobrincar.folha.com.br/>>

Mapa do Brincar é uma iniciativa da **Folhinha**, suplemento infantil do jornal **Folha de S.Paulo**, iniciada em 2009. De lá pra cá, o *site* reuniu diversas brincadeiras, registradas com indicação de sua origem, com base na cidade em que mora o participante que enviou a brincadeira. Atualmente o *site* conta com um acervo de 750 brincadeiras de todo o país.

GASPAR, Lúcia. Talismãs e amuletos. **Pesquisa Escolar On-line**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco.

Os amuletos, talismãs e pencas de balangandãs têm origem africana e chegaram ao Brasil com a diáspora e a escravidão negra.

GOBBI, Leonardo D. Urbanização brasileira. **Globo.com**. Educação – Geografia.

Disponível em: <<http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-brasileira.html>>.

Dados e informações sobre a urbanização no Brasil.

GOVERNO FEDERAL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-versao-2019.pdf>>.

A Lei nº 8.069, conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), foi criada em 13 de julho de 1990. A lei que trata da proteção integral à criança e ao adolescente é bastante respeitada nas jurisprudências nacional e internacional pela amplitude de seus preceitos e por conceber as crianças e os adolescentes como sujeitos de direitos e como prioridades absolutas e de corresponsabilidade do estado, família e sociedade civil.

IBGE Educa. Perfil das crianças do Brasil. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/2697-ie-ibge-educa/jovens/materias-especiais/20786-perfil-das-criancas-brasileiras.html>>.

Perfil das crianças do Brasil a partir de pesquisa Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua, realizada pelo IBGE em 2008.

ITAÚ CULTURAL. Ocupação Antonio Nóbrega. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/antonio-nobrega/>>.

Material da 14ª edição do programa Ocupação, que homenageou o ator, dançarino, cantor e coreógrafo pernambucano Antonio Nóbrega, que expressa a pluralidade da cultura popular brasileira.

ITAÚ CULTURAL. Ocupação Lydia Hortélio. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/lydia-hortelio/>>.

A 45ª Ocupação Itaú Cultural, realizada em parceria com o Instituto Alana, reúne depoimentos em áudio e vídeo, fotos e exemplos de acalantos, brincos e brinquedos, fruto da pesquisa ao longo de décadas da educadora, etnomusicóloga e pesquisadora da cultura da infância Lydia Hortélio.

ISA – Instituto Socioambiental. **Mirim** – povos indígenas no Brasil. Disponível em: <<https://mirim.org/como-vivem/brincadeiras/>>.

Iniciativa do ISA, o *site* tem como objetivo apresentar a diversidade de povos, rompendo com a ideia de “todos os índios são iguais” e despertar o interesse e o respeito das crianças às culturas indígenas existentes no Brasil. É escrito em linguagem acessível ao público infantojuvenil.

ISA – Instituto Socioambiental. **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal>.

Criado com o propósito de reunir verbetes com informações e análises de todos os povos indígenas que habitam o território brasileiro, traz textos, tabelas, gráficos, mapas, fotografias e notícias sobre a realidade desses povos e seus territórios.

PORTAL do Turismo de Pirenópolis. As Cavalhadas de Pirenópolis. Disponível em: <<https://pirenopolis.tur.br/cultura/folclore/festa-do-divino/cavalhadas>>.

História e características das cavalhadas no Brasil e em Pirenópolis.

PORTAL Lunetas – A brincadeira se faz com a vida, não com produtos comprados. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/brincadeira-brincar-livre/>>.

Entrevista com o artista plástico e pesquisador das práticas das crianças Gandhy Piorski sobre a potência do brincar livre e da imaginação na infância longe de brinquedos prontos.

PORTAL Lunetas – A importância das bonecas na formação das crianças. Disponível em: <<https://lunetas.com.br/a-importancia-das-bonecas-na-formacao-das-criancas/>>.

Entrevista com a educadora, artista e bonequeira Nina Veiga sobre a importância das bonecas, em especial, da boneca inspirada na pedagogia Waldorf na infância.

PROJETO Infâncias. Disponível em: <<https://projetoinfancias.com.br/site/>>.

Trabalho de pesquisa, registro e reflexão sobre a vida de crianças brasileiras de diversas realidades socioculturais. Com base no registro documental, busca retratar a pluralidade de infâncias, extrapolando a realidade dos grandes centros urbanos.

SAMPAIO, Marcos. Estudo genealógico traça origens do povo nordestino. **Jornal de Hoje**, 17 set. 2014. Disponível em: <<https://www20.opovo.com.br/app/opovo/vidaarte/2014/09/17/noticiasjornalvidaarte,3315769/estudo-genealogico-traca-origens-do-povo-nordestino.shtml>>.

Entrevista com o médico e pesquisador Cândido Pinheiro Koren de Lima, que lançou três volumes sobre as raízes genealógicas do povo nordestino.

TERRITÓRIO DO BRINCAR. Disponível em: <<https://territoriodobrincar.com.br/>>

O programa “Território do Brincar” é um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil, realizado pelos documentaristas Renata Meirelles e David Reeks, com apoio do Instituto Alana.

UOL Educação. Índios - O Brasil antes do descobrimento. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/indios-o-brasil-antes-do-descobrimento.htm>>.

Antes do descobrimento, muitos povos ameríndios já habitavam esse território que viria a constituir o Brasil. Estima-se que havia um grande povoamento, com cerca de 1 a 5 milhões de indígenas em 1500.

VERARDI, Cláudia Albuquerque. Cuscuz nosso de cada dia. **Pesquisa Escolar On-line**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife.

Texto sobre origem e história do cuscuz de milho e receita culinária.

XAPURI Socioambiental. A lenda da Gralha-Azul, a plantadora de araucária. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/news/a-lenda-da-gralha-azul-plantadora-de-araucarias/>>.

Versão da lenda da gralha-azul utilizada neste material lúdico.

XAPURI Socioambiental. Mani, a lenda da mandioca. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/cultura/mani-lenda-da-mandioca/>>.

Versão da lenda da mandioca utilizada neste material lúdico.

WEISS, Zezé. Frango com ora-pro-nóbis: Delícia gastronômica da Serra do Cipó. **Xapuri socioambiental**, 23 abr. 2018. Disponível em: <<https://www.xapuri.info/gastronomia/frango-com-ora-pro-nobis-delicia-gastronomica-da-serra-do-cipo/>>.

Informações sobre a planta e versão da receita de frango com ora-pro-nóbis.

Avaliação formativa na creche

Os itinerários pedagógicos construídos na creche não acontecem com improviso; são permeados de intencionalidade educativa. Planejamento e avaliação constituem elementos do trabalho do(a) professor(a). Na Educação Infantil, é preciso planejar, considerando que a dinâmica da ação docente com crianças pequenas e seu caráter processual e dialógico requerem avaliar constantemente o processo educativo. A avaliação formativa na creche possibilita ao(a) professor(a) conhecer e acompanhar os percursos das crianças e suas conquistas, além de realizar uma reflexão sobre o trabalho desenvolvido, que suscita e guia o replanejamento das estruturas de oportunidades oferecidas às crianças de 0 a 3 anos.

O tema da avaliação na creche é complexo e sensível. Para abordá-lo, em primeiro lugar, é necessário lembrar que a função da Educação Infantil é cuidar e educar, isto é, a creche tem um compromisso com o desenvolvimento integral das crianças. Em segundo lugar, avaliar na creche pressupõe levar em conta que nos primeiríssimos anos de vida os bebês se desenvolvem rápido e de modo não linear, sendo que, por vezes, percorrem caminhos imprevisíveis, com recuos, idas e vindas (BECCHI, 2012). Os ritmos infantis são muito diferenciados; então, é preciso ter muita cautela para falar de atrasos no desenvolvimento da linguagem, ou motores, pois cada criança é única e tem seu próprio tempo e história pessoal.

Os bebês e as crianças bem pequenas estão constituindo suas primeiras experiências; assim, em vez de serem avaliados em suas competências de modo comparativo, precisam ser acompanhados na construção de suas aprendizagens sobre si e o mundo. Conforme orientam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), a avaliação na Educação Infantil não tem como propósito a seleção, a promoção ou a classificação das crianças em “aptas” ou “não aptas”, mas sim a avaliação do desenvolvimento das crianças e o acompanhamento do trabalho pedagógico. O que se busca é garantir a “[...] continuidade dos processos de aprendizagens por meio da criação de estratégias adequadas aos diferentes momentos de transição vividos pela criança (transição casa/instituição de Educação Infantil, transições no interior da instituição, transição creche/pré-escola e transição pré-escola/Ensino Fundamental)” (BRASIL, 2009).

Dessa forma, as crianças de 0 a 3 anos necessitam de uma avaliação processual que respeite suas singularidades e diferenças, seus processos peculiares de aprender e conhecer, assim como a dinamicidade de seu desenvolvimento e das aprendizagens vitais realizadas na primeiríssima infância. Para tanto, é necessário construir um trabalho avaliativo que possibilite acompanhar as crianças, acolhendo-as e desafiando-as em seu crescimento, valorizando suas conquistas e ampliando suas experiências, ao mesmo tempo que permita ao(a) professor(a) construir pistas para reorganizar os itinerários pedagógicos ofertados na creche.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o currículo em ação é caracterizado por uma série de decisões que envolvem, entre outras, aquelas relacionadas ao arranjo curricular, propostas metodológico-didáticas, elaboração de materiais, contextualização dos conteúdos e avaliação, sendo relevante:

[...] construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos [...].

(BNCC, 2017, p. 17)

Em uma perspectiva formativa, os processos avaliativos apoiam os(as) professores(as) em suas reflexões fornecendo subsídios para realizarem as escolhas pedagógicas referentes à ação de cuidar e educar na Educação Infantil. Avaliar na creche então se distancia da ideia de medir o desempenho e classificar as crianças e aproxima-se de uma postura de acompanhamento das aprendizagens, de observação constante para reorganização de (novas) oportunidades, em que as crianças tenham a possibilidade de se sentir desafiadas a qualificar habilidades adquiridas e, também, a construir o desejo de realizar novas aprendizagens.

Nesse sentido, este **material de avaliação formativa** contém orientações, propostas de fichas para o acompanhamento das aprendizagens das crianças – individual e em grupo – e sugestões de modalidades e relatórios com indicadores para realizar a devolutiva às famílias.

Avaliação formativa na creche

● Orientações para acompanhar e avaliar

Realizar a avaliação de bebês e crianças bem pequenas de modo processual e formativo, em sintonia com o que está sinalizado nas DCNEI e afirmado na BNCC, exige um processo contínuo, sistemático e reflexivo. Para isso, é necessário que o(a) professor(a) desenvolva atitudes de observar, registrar, interpretar, refletir, comunicar, ou seja, construa procedimentos e elabore instrumentos para avaliação formativa.

● Observar

Para acompanhar e avaliar as crianças em suas aprendizagens e experiências, é preciso observar!

Os bebês e as crianças bem pequenas pesquisam as coisas ao seu redor, exploram as texturas e aromas no quintal, descobrem seu corpo, constroem relações com colegas pela troca de sorrisos e compartilhamento de objetos e emoções. Os olhares, gestos, movimentos amplos e discretos, choro, balbucios, vocalizações e palavras constituem modos de se relacionar e conhecer o mundo à sua volta, os quais vão se ampliando e modificando à medida que as crianças vão realizando suas experiências e crescendo.

Então, é importante construir um olhar atento, apurado e interessado que reconheça, acolha e incentive as ações iniciadas pelas crianças e as relações que estabelecem, suas conquistas e aprendizagens. Observar não é a mesma coisa que ver ou simplesmente olhar de modo desprezioso, pois diz respeito a um “olhar para aprender” (JABLON; DOMBRO; DICHELMIER, 2009). A observação é um procedimento que nos possibilita conhecer as particularidades de cada criança e seus modos singulares de agir, suas necessidades, características, estratégias que usam para interagir e, enfim, compreender seu desenvolvimento integral.

Como e quando realizar a observação na creche em uma perspectiva de avaliação formativa?

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

I – a **observação crítica e criativa** das atividades, das brincadeiras e interações das crianças no cotidiano [...] (Brasil, 2009, p. 4).

Confira princípios e dicas para observar na creche:

- ✓ Escutar e valorizar as linguagens variadas de que os bebês e as crianças bem pequenas se apropriam e por meio das quais se expressam, criam e dão sentido ao que vivem.
- ✓ Exercitar uma postura de abertura ao outro-criança, isto é, de acolhimento ao que surge nas interações entre as crianças e entre elas e os cenários espaciais, temporais e relacionais, propostos pelo(a) professor(a).
- ✓ Realizar tanto observações livres, mais amplas e abertas, como outras específicas e direcionadas, conforme os aspectos e tópicos do que se intenciona compreender e avaliar.
- ✓ Observar cada criança em suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens, mas estando atento(a) também às aprendizagens e ao papel do grupo (BNCC, 2017), afinal a creche é um espaço de vida coletivo.
- ✓ Construir pontos de atenção e indicadores de aprendizagem que possibilitem conhecer os processos das crianças e seu desenvolvimento integral; assim, será possível realizar uma observação qualitativa que forneça subsídios para a avaliação. Ações, brincadeiras e relações dos bebês e crianças bem pequenas na creche são pontos centrais para observar.
- ✓ Diversificar os tempos e os espaços de observação, pois todos os momentos que compõem a jornada são situações educativas. Na chegada dos bebês à creche, podemos compreender como eles estão vivenciando a autonomia e a confiança ao perceber como se comportam na despedida dos familiares; nos momentos de proposição específica, como os trajetos, podemos observar habilidades, verificando, por exemplo, como as crianças bem pequenas se interessam pelos riscantes, de que maneira os manuseiam e o que criam com eles.
- ✓ Acompanhar atentamente as conquistas de autonomia e independência das crianças nas situações de cuidado pessoal, pois são momentos privilegiados para o(a) professor(a) estar próximo de uma criança ou de um grupo pequeno.

Avaliação formativa na creche

Como ferramenta do(a) professor(a) para a avaliação formativa, a observação exige planejamento e organização. É importante prever tempo(s) e espaço(s) da jornada para observar o uso de instrumento(s) apropriado(s):

- ✓ **Fichas de acompanhamento:** com planilhas e indicadores para o acompanhamento das aprendizagens de bebês e crianças bem pequenas – individual e em grupo –, que possam ser espaços de registro do desenvolvimento infantil, com pautas de acompanhamento e avaliação referentes aos itinerários pedagógicos e com indicadores referentes às práticas de literacia e numeracia.

● Registrar

É preciso registrar o observado. As pautas sugeridas nas fichas de acompanhamento orientam a observação, todavia nem sempre é possível respondê-las no momento em que se está com as crianças. Dessa forma, além das fichas, é necessário escolher outras formas de registro e variá-las.

Muitos instrumentos podem ser utilizados pelo(a) professor(a) para realizar os registros que compõem o processo avaliativo:

- ✓ **Bloco de notas:** que seja fácil de portar consigo, permitindo fazer anotações rápidas durante as propostas realizadas com as crianças na jornada da creche, como palavras e expressões-chave referentes a fatos ocorridos, impressões sobre o vivido, fatos inusitados, falas das crianças, curiosidades demonstradas por elas e/ou suas perguntas, fragmentos das suas experiências.
- ✓ **Caderno de sistematização:** que possa servir para a ampliação das observações realizadas no bloco de notas ou como instrumento de registro no cotidiano. Pode ser organizado por criança, com páginas destinadas a cada uma delas, em que possam ser registradas suas falas, ações, preferências, parceiros prediletos, brincadeiras e aspectos do seu desenvolvimento; por temas, como inserção na creche, alimentação e desfralde por exemplo; por situações específicas, como aquelas propostas às crianças nos trajetos – de convivência ampliada, temporais, investigativos, imaginativos, expressivos – e em projetos.
- ✓ **Gravação de áudio:** que possa conter comentários *in loco* das cenas observadas, de ações das crianças observadas pelo(a) professor(a) nos acontecimentos da vida cotidiana.
- ✓ **Fotografias:** que possam capturar cenas, ações, relações e brincadeiras das crianças. Podem ser tiradas de diferentes ângulos, ser únicas ou constituir o registro de uma sequência de ações das crianças. As fotografias documentam os processos infantis, capturam o olhar, expressões, gestos e posturas de bebês e crianças bem pequenas, possibilitando nos aproximarmos de seus sentimentos e expectativas (MALAGUZZI *apud* HOYUELOS, 2006).
- ✓ **Vídeos:** que possam apresentar situações vividas pelas crianças, de preferência curtos para depois serem revisitados com facilidade pelo(a) professor(a). Os vídeos breves, assim como as fotografias, são interessantes para acompanhar processos infantis e visibilizá-los. Confira nos capítulos do Manual do Professor como as imagens fotográficas são potentes para registrar e contar as experiências das crianças nos cenários e trajetos.
- ✓ **Produções das crianças:** que possam reunir desenhos, pinturas e outras criações como construções, modelagens e diálogos coletivos.

Com a criação de procedimentos e o uso de instrumentos diversificados para registrar, o(a) professor(a) realiza anotações breves e sucintas, que depois o(a) ajudarão a relembrar as cenas permitindo a expansão da narrativa de episódios, preenche as fichas de acompanhamento e, também, registra observações mais amplas de situações vividas com as crianças, por meio do uso de ferramentas propícias, como cadernos, nos quais pode sistematizar as informações. É importante identificar o nome de cada criança e contextualizar as situações que foram registradas, pois a criança na creche está com outros parceiros em um espaço de vida coletiva, onde constrói percursos singulares em meio ao grupo.

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo:

II – **utilização de múltiplos registros** realizados por adultos e crianças (relatórios, fotografias, desenhos, álbuns etc.). [...] (Brasil, 2009, p. 4-5).

Avaliação formativa na creche

Além disso, convém lembrar que a maior parte dos registros na creche são feitos pelo(a) professor(a), mas isso não anula a relevância daqueles que podem ser feitos pelos bebês e pelas crianças bem pequenas. As modelagens, as pinturas com tintas naturais, as garatujas e os desenhos feitos em diferentes suportes, entre outras “marcas” das crianças, junto com os registros escritos e imagéticos do(a) professor(a), constroem uma memória das experiências vividas na Educação Infantil. É importante que o(a) professor(a) disponibilize fotografias dessas vivências na sala por meio de cartazes, álbuns, painéis, pois elas servem para rememorar, comentar, narrar o vivido.

Todavia, uma coleção de registros por si só não constitui o processo de avaliação formativa; é preciso uma organização do material e os procedimentos de análise, reflexão teórica e comunicação sobre o evidenciado.

● Interpretar e refletir

De posse dos registros, o(a) professor(a) tem uma coleção de dados e informações sobre as crianças. Ao olhar com atenção as fotografias, reler suas anotações feitas em blocos e/ou cadernos, analisar as fichas e pautas de acompanhamento e avaliação que preencheu, visitar algumas produções das crianças que separou, ele(a) interpreta os indícios presentes nos múltiplos registros. Com base nesse conjunto de documentos, pode compreender os saberes e as experiências de bebês e crianças bem pequenas, conhecer as formas como brincam, suas linguagens, maneiras como se relacionam e se apropriam do patrimônio cultural. Ao interpretar e refletir sobre os registros, é possível acompanhar o desenvolvimento individual e verificar as potencialidades e necessidades de cada criança.

Esse processo avaliativo é formativo quando há uma reflexão crítica docente sobre os registros construídos, que envolve construção de teorias provisórias sobre os acontecimentos, produção de reflexões sobre os processos de aprendizagem dos sujeitos, elaboração de narrativas sobre os percursos de vida individual e coletiva na creche. Sempre que possível, é importante compartilhar os registros com outros profissionais, pois os diferentes pontos de vista possibilitam muitas leituras para uma mesma situação, favorecendo um olhar criativo em um clima dialógico. Isso tudo auxilia na revisão do planejamento, na continuidade e na qualificação das estruturas de oportunidades ofertadas a cada criança e ao grupo.

Assim, a interpretação e a análise que o(a) professor(a) faz dos registros serve para reorganizar o itinerário pedagógico. Tendo em vista as crianças de sua turma, ele(a) pode reconfigurar os móveis e objetos que compõem um cenário; propor um novo microcenário na sala com base no interesse observado no grupo; repropor um trajeto, acrescentando um novo disparador, como lanternas no trajeto de luz e sombra, ou peneiras, funis e tinturas na terceira vez em que estão sendo propostas brincadeiras com água; organizar um projeto com base em uma situação-problema surgida no grupo ou na percepção de experiências que foram muito significativas e, então, desencadearam a necessidade de aprofundar e ampliar os saberes das crianças. Ao final dos cenários e trajetos presentes nos capítulos (2, 3, 4, 5, 6 e 7) do Manual do Professor, são apresentadas no “Trilhando” sugestões de variação das propostas – uso de outras materialidades, diversificação dos espaços, ampliação de repertório –, mas lembre-se de que elas serão definidas por você, professor(a), com base na reflexão dos registros realizados.

Por isso, é importante estar constantemente engajado no movimento de escuta das crianças, buscando conhecê-las para compreender seus percursos, acompanhar seu desenvolvimento e guiar a ação pedagógica. Quando se observam as brincadeiras que elas realizam, os brinquedos que mais procuram ou os que não causam interesse, é possível prever intervenções que não sejam aleatórias, disponibilizando materialidades que provoquem a continuidade das investigações ou a ampliação dos contextos de brincar. Quando os registros do momento de alimentação possibilitam perceber que um grupo de crianças já é capaz de utilizar garfo, o(a) professor(a) pode disponibilizá-lo, favorecendo a sua autonomia, sem descuidar das diferenças existentes na turma.

Tanto em relação ao brincar ou ao almoço quanto à recriação de cenários ou à reproposição de trajetos, a interpretação dos dados e a reflexão crítica do que foi observado subsidiam o redimensionamento do trabalho pedagógico. Conhecer os bebês e as crianças bem pequenas – suas preferências, a maneira como participam das propostas, seus parceiros prediletos para a realização de ações da jornada diária, suas narrativas, interesses, conquistas e necessidades – contribui para o exercício de uma ação docente contextualizada. Dessa forma, pode-se realizar a reorganização contínua de tempos, espaços, materialidades e situações que garantam os direitos de aprendizagem previstos na BNCC na creche.

Avaliação formativa na creche

Ao estabelecer conexões entre as informações registradas, relacioná-las às teorias científicas que embasam seu trabalho pedagógico, o(a) professor(a) exercita a elaboração de documentações dos itinerários pedagógicos. Quando coteja as fichas realizadas no decorrer do ano, retoma as pautas de acompanhamento e os registros construídos, ele(a) pode confrontar-se com as situações anteriores ou colocar informações diferentes em contraste. Essa atitude é fundamental para sistematizar a avaliação das crianças, oferecer uma devolutiva para as famílias sobre o desenvolvimento e a aprendizagem de bebês e crianças bem pequenas, divulgar para a comunidade as propostas realizadas na creche e, também, replanejar o trabalho pedagógico.

Comunicar

Na avaliação formativa, com o acompanhamento das aprendizagens das crianças por meio de observação, registro e reflexão, uma memória visível do trabalho pedagógico é construída. É um compromisso social, pedagógico e político comunicar para a comunidade, para os pais e as próprias crianças as práticas institucionais, compartilhando as experiências vividas na creche e os sentidos tecidos na educação e no cuidado de bebês e crianças bem pequenas.

Para as crianças, o material de acompanhamento e avaliação produzido restitui alguns momentos importantes de sua infância, valoriza explicações que constroem sobre as coisas e o mundo, cria memória das relações com outras crianças e adultos, descreve sua história dentro do grupo e da instituição e, assim, contribui para o sentimento de identidade. Ao crescerem, elas poderão rememorar sua trajetória na creche por meio do *Álbum dos Começos*, de relatórios e dossiês de projetos e de outros instrumentos construídos pelo(a) professor(a). Em se tratando da experiência que vivem na creche, enquanto são bebês e crianças bem pequenas, a fixação do *Mural de Preciosidades*, em altura apropriada, possibilita reconhecer-se nas fotos, identificar os colegas, localizar brinquedos e objetos preferidos, revisitar situações vividas. Fotografias podem também ser plastificadas e dispostas no chão da sala para os bebês que engatinham, colocadas em móveis e/ou fixadas na parede para os caminhantes.

Para as famílias, a comunicação e a partilha dos materiais de avaliação formativa permitem acompanhar a progressão das aprendizagens, conhecer melhor a jornada das crianças na instituição, os momentos importantes de suas vidas que acontecem na creche. Ao mesmo tempo, a devolutiva da avaliação cria laços e aproxima creche e família, favorecendo uma ação educativa compartilhada com os profissionais e relações de parceria e confiança.

Para comunicar os processos educativos às famílias, os materiais de avaliação devem ser planejados e organizados de modo sistemático, com o objetivo de evidenciar o desenvolvimento e a aprendizagem dos bebês e das crianças bem pequenas.

Art. 10. As instituições de Educação Infantil devem criar procedimentos para acompanhamento do trabalho pedagógico e para avaliação do desenvolvimento das crianças, sem objetivo de seleção, promoção ou classificação, garantindo: [...]

IV – documentação específica que permita às famílias conhecer o trabalho da instituição junto às crianças e os processos de desenvolvimento e aprendizagem da criança na Educação Infantil. [...] (Brasil, 2009, p. 4-5).

Propostas para apresentação dos materiais avaliativos às famílias:

- ✓ **Relatórios:** são documentos textuais elaborados pelo(a) professor(a) que indicam o acompanhamento da aprendizagem e desenvolvimento das crianças.
- ✓ **Portfólios individuais:** são materiais organizados pela(o) professor(a) com as produções dos bebês e das crianças bem pequenas e reflexões escritas pelos(as) professores(as) e familiares, se possível, com a presença de fotografias, CDs e/ou *pen-drives* com vídeos, *QR code*, contando a trajetória de cada criança. Esse material é continuamente revisto e atualizado.
- ✓ **Álbuns:** contêm os percursos de cada criança e/ou a história do grupo. Veja, no Capítulo 4, sugestões para construir o *Álbum dos Começos*, compartilhando detalhes das primeiras vezes dos bebês, como seus primeiros passos, o momento em que experimentaram alimentos introduzidos no cardápio, em que realizaram novas descobertas, fizeram um pintura ou visitaram o quintal da creche pela primeira vez.

Avaliação formativa na creche

- ✔ **Dossiês:** são produtos finais de experiências de um ou mais grupos de crianças realizadas em um projeto, contendo fotografias, desenhos e escritas dos(as) professores(as) e das crianças para serem compartilhados com os familiares.
- ✔ **Mini-histórias:** compostas de uma sequência fotográfica e uma narrativa escrita do(a) professor(a) com o objetivo de visualizar um episódio ocorrido, em formato breve que facilite uma leitura rápida (ALTIMIR, 2010).
- ✔ **Vídeos:** compostos de uma seleção de imagens e/ou vídeos curtos que contam da vida e das aprendizagens das crianças individualmente ou em grupo.
- ✔ **Folhetos, revistas, blogs, redes sociais:** publicações impressas e virtuais que podem ser organizadas institucionalmente, de modo que haja participação de todas as turmas da creche, com compartilhamento de imagens, textos e/ou vídeos curtos que divulguem a um público interior e exterior o trabalho pedagógico realizado na creche.
- ✔ **Painéis e murais:** são adequados para expor registros das aprendizagens, proposições feitas pelo docente, mini-histórias, fotografias e produções das crianças. Podem ser localizados na entrada da creche, nos corredores próximos às salas. Também podem ser construídos painéis e murais nas salas, fixados na altura das crianças.
- ✔ **Exposições, mostras e encontros culturais:** eventos organizados pelo(a) professor(a) ou pela instituição para compartilhar as documentações produzidas, incluindo os registros de cenários, trajetos e projetos, podendo ser efetivados com a exposição de produções das crianças, fotos, vídeos, textos, instalações, peças teatrais feitas pelos(as) professores(as) etc.

Como vimos, a devolutiva do material de avaliação às famílias pode ser realizada de diferentes maneiras. Alguns materiais podem ser enviados para casa, como folhetos e revistas; entregues em momentos especiais, como relatórios e portfólios, nas reuniões trimestrais realizadas com os familiares; compartilhados em encontros individuais com a família da criança, sempre que necessário. Painéis e murais devem ser atualizados, diariamente, com avisos e notícias, semanal ou quinzenalmente com documentações referentes aos trajetos e projetos, mini-histórias das crianças, fotografias e registros escritos do(a) professor(a) das situações vivenciadas na creche. Publicações virtuais em *sites* e redes sociais precisam ser constantemente acompanhadas e alimentadas. Exposições e mostras de trabalho podem ser organizadas semestral ou anualmente, ou de acordo com atividades específicas, como projetos.

Em síntese, a documentação dos itinerários pedagógicos é realizada no entrelaçamento das ações de observar, registrar, interpretar, refletir e comunicar, favorecendo o acompanhamento das aprendizagens e o desenvolvimento das crianças e, assim, configurando uma avaliação formativa na creche.

Avaliação formativa na creche

● Fichas de acompanhamento

Com a finalidade de construir uma avaliação formativa que possibilite compreender as crianças e seus processos de aprender, apresentamos nesta obra fichas com planilhas para acompanhamento e referentes:

- ✔ ao percurso individual de desenvolvimento das aprendizagens das crianças;
- ✔ à trajetória do grupo, relacionada às experiências da turma;
- ✔ às aprendizagens construídas nos itinerários pedagógicos;
- ✔ às práticas de Literacia e Numeracia na creche.

Cada ficha sugerida é um instrumento que apoia a organização do(a) professor(a), desde o início do ano letivo, para observar as crianças e acompanhar seu desenvolvimento tendo em vista indicativos das aprendizagens, em um exercício que pode ser ampliado. Com base na realidade de seu grupo de crianças, são formuladas outras questões e pensados novos indicadores para cada ficha, de acordo com as histórias pessoais das crianças e com as histórias do grupo. Da mesma maneira, outras fichas de avaliação podem ser elaboradas.

Avaliação formativa na creche

FICHA TRIMESTRAL PARA ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____ AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____

ACOMPANHAMENTO TRIMESTRAL DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

TÓPICOS	ANOTAÇÕES		
	JANEIRO	FEVEREIRO	MARÇO
Alimentação			
Sono			
Movimentação			
Relação com adulto(s) e criança(s)			
Comunicação			
Brincadeira			
Interesses			

As fichas de acompanhamento da aprendizagem individual referem-se aos tópicos ligados ao desenvolvimento infantil, como a movimentação, a linguagem, entre outros. A proposta é que sejam trimestrais para evidenciar a progressão das crianças.

Avaliação formativa na creche

FICHA TRIMESTRAL PARA ACOMPANHAMENTO DO DESENVOLVIMENTO DO GRUPO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____ AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____

ACOMPANHAMENTO TRIMESTRAL DO DESENVOLVIMENTO DO GRUPO

TÓPICO: ALIMENTAÇÃO

Faixa etária: Bebês (0 a 9 meses)

NOMES	ANOTAÇÕES		
	Indicador: Precisa de auxílio para uso de mamadeira	Indicador: Segura a mamadeira sozinho	Indicador: Está utilizando o copo

As fichas de acompanhamento do grupo referem-se às propostas pedagógicas propiciadas na creche e aos tópicos de desenvolvimento das crianças. Na ficha acima, selecionamos um tópico (alimentação) para exemplificar. O(a) professor(a) pode criar outras fichas com itens relevantes para seu grupo, construindo indicadores apropriados. Ao olhar a ficha em sua posição vertical, pode compreender a característica predominante do grupo e se já é hora de oferecer novos desafios. Ao fazer a leitura horizontal da ficha, pode observar o desenvolvimento individual das crianças.

Avaliação formativa na creche

FICHA TRIMESTRAL PARA ACOMPANHAMENTO DOS ITINERÁRIOS PEDAGÓGICOS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____ AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

PAUTA TRIMESTRAL DE ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

ITINERÁRIO PEDAGÓGICO: *Encontrando-se para brincar e escutar histórias.*

GRUPO: *Crianças bem pequenas.*

PERÍODO DE OBSERVAÇÃO: 2º trimestre.

CAMPO DE EXPERIÊNCIA PRIVILEGIADO: *O eu, o outro e o nós.*

OBJETIVO(S) DE APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO DA BNCC PRIVILEGIADO(S):

(EI02EO04) Comunicar-se com os colegas e os adultos, buscando compreendê-los e fazendo-se compreender. (EI03EO03) Ampliar as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação.

INDICADORES	OBSERVAÇÕES	IDEIAS PARA REPLANEJAMENTO
Circula pelo ambiente externo com segurança e destreza.		
Consegue brincar sozinho.		
Inicia brincadeiras, comunica-se e convive com os amigos.		
Apresenta cuidado com seu corpo e o dos colegas nas brincadeiras.		
Participa ativamente da contação de histórias.		
Apresenta atitude de participação e cooperação.		
Professor(a), quais outros campos de experiências e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento você percebe que foram contemplados nesse itinerário com seu grupo?		

As pautas de acompanhamento e avaliação dos bebês e das crianças bem pequenas referentes aos itinerários pedagógicos possibilitam ao(à) professor(a) capturar indicativos de conquistas, saberes e interesses deles. Com esses dados, pode acompanhar as aprendizagens e os processos vividos nos cenários, trajetos e projetos.

A ficha acima refere-se ao trajeto “Encontrando-se para brincar e escutar histórias”. Outras fichas podem ser construídas com indicadores relacionados a conhecimentos e habilidades referentes ao(s) itinerário(s) proposto(s) às crianças e aos objetivos da BNCC que estão sendo privilegiados.

O Manual do Professor apresenta sugestão de **Pautas de acompanhamento e avaliação** para bebês e crianças bem pequenas com base nos itinerários pedagógicos. Confira nos capítulos 2, 3, 4, 5, 6 e 7.

Avaliação formativa na creche

FICHA ANUAL PARA ACOMPANHAMENTO DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL – LITERACIA E NUMERACIA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____ AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

ACOMPANHAMENTO ANUAL DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL – PRÁTICAS DE LITERACIA

INDICADORES	ANOTAÇÕES		
	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
Participa nos momentos de leitura e contação de histórias – Interesse e envolvimento			
Demonstra interesse pelos livros e por outros portadores de texto – Manipulação e exploração			
Manipula e brinca com os recursos utilizados nas histórias – Fantoques e objetos			
Realiza experiências com a oralidade – Expressão oral, vocabulário, produção de narrativas reais e imaginárias			
Participa com envolvimento em brincadeiras com canções, rimas e aliterações – Consciência fonológica			
Constrói experiências com a escrita emergente – Garatujas e desenhos			
Comunica-se e expressa-se – Com pinturas, modelagens e outras linguagens			

Avaliação formativa na creche

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____ AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

ACOMPANHAMENTO ANUAL DA APRENDIZAGEM E DO DESENVOLVIMENTO INDIVIDUAL – PRÁTICAS DE NUMERACIA

INDICADORES	ANOTAÇÕES		
	1º TRIMESTRE	2º TRIMESTRE	3º TRIMESTRE
Participa de situações matemáticas na vida cotidiana – Cantigas, poemas, fórmulas de escolha			
Percebe e explora características e atributos dos materiais – Cor, peso, forma, tamanho, volume			
Estabelece relações de medida – Com fios, pauzinhos, fita métrica, balança etc.			
Realiza correspondência termo a termo – Em situações cotidianas e em brincadeiras			
Observa transformações – Da natureza e artificiais			
Estabelece relações quantitativas – Em situações da vida cotidiana e em jogos			
Demonstra raciocínio lógico – Em observações, perguntas, problemas, relações e comparações			
Vivencia relações temporais – Na jornada cotidiana, em histórias e brincadeiras			
Estabelece relações espaciais – Posicionamento, direcionalidade, localização			

As fichas para acompanhamento individual das práticas de Literacia e Numeracia são anuais, referem-se à construção de conhecimentos e a habilidades desenvolvidas pelas crianças nas práticas vivenciadas na creche. Nelas, o(a) professor(a) pode realizar anotações trimestrais de cada criança, mas considerando que as aprendizagens se constituem em processos de longo prazo, pela interação com crianças de outras idades e em situações significativas do cotidiano. Os indicadores devem ser adequados à faixa etária.

● Relatórios de aprendizagem

Para organizar a devolutiva às famílias, sugerimos a construção de relatórios. Os relatórios narrativos são documentos textuais elaborados pelo(a) professor(a), com base em indicadores do acompanhamento das aprendizagens, de modo a evidenciar o desenvolvimento dos bebês e das crianças bem pequenas. Apresentamos como possibilidades:

- ✔ o relatório individual de acompanhamento das aprendizagens;
- ✔ o relatório individual de acompanhamento das aprendizagens vividas no(s) trajeto(s);
- ✔ o dossiê para acompanhamento do(s) projeto(s) realizado(s) na turma.

Avaliação formativa na creche

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____

AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____ TRIMESTRE: _____

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

PRIMEIRA PARTE – Síntese do progresso de aprendizagens da criança no trimestre tendo em vista os indicadores das aprendizagens

- Resumo geral do desenvolvimento da criança nas diferentes áreas, com características descritivas evidenciadas com base nos dados das fichas de acompanhamento individual. É importante que sejam evidenciadas as aquisições mais relevantes da criança e relatadas suas conquistas e particularidades.

TÓPICOS INDICADORES DAS APRENDIZAGENS:

- CUIDADO PESSOAL: alimentação, sono e higiene
- DESENVOLVIMENTO MOTOR: movimentação, habilidades motoras
- LINGUAGEM ORAL: palavras, frases e diálogos
- EXPRESSÃO: gestos, desenhos, cantos, linguagem verbal
- BRINCADEIRAS: exploração, construção, faz de conta
- ENVOLVIMENTO: com as experiências propostas
- AUTONOMIA: independência, iniciativa, escolha
- LITERACIA: familiar, consciência fonológica, escrita emergente
- NUMERACIA: relações quantitativas, atributos, orientações espaço-temporais, raciocínio lógico

SEGUNDA PARTE – Síntese do progresso de aprendizagens da criança no trimestre com base nas relações interpessoais e nos processos grupais

- Resumo geral do desenvolvimento das interações de cada criança com os adultos e outras crianças, evidenciado como se relaciona com objetos, brinquedos, brincadeiras e sua capacidade de estabelecer vínculos, construir relações de amizade e participar da vida em grupo.

TÓPICOS INDICADORES DE SOCIALIZAÇÃO:

- INTERAÇÕES: relação com os adultos e outras crianças
- INTERDEPENDÊNCIA: convivência e respeito

Avaliação formativa na creche

RELATÓRIO INDIVIDUAL DE ACOMPANHAMENTO DAS APRENDIZAGENS VIVENCIADAS NO(S) TRAJETO(S)

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____

AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____ TRIMESTRE: _____

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

PRIMEIRA PARTE – Síntese do(s) trajeto(s) vivenciado(s) no trimestre

- Convivência: _____
- Espaço-temporais: _____
- Imaginativos: _____
- Investigativos: _____
- Expressivos: _____
- Breve contextualização do(s) trajeto(s) proposto(s) no trimestre e selecionado(s) para ser(em) evidenciado(s) no relatório individual.

SEGUNDA PARTE – Habilidades específicas dos trajetos

- É importante que sejam evidenciadas as aprendizagens e aquisições mais relevantes da criança e relatadas suas conquistas e particularidades de acordo com as possibilidades e as especificidades do(s) trajeto(s).

TÓPICOS INDICADORES DAS APRENDIZAGENS:

- Devem ser construídos de acordo com as habilidades e os conhecimentos aprofundados em cada trajeto, de modo articulado com os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da BNCC.

Avaliação formativa na creche

DOSSIÊ PARA ACOMPANHAMENTO DO PROJETO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

CRECHE: _____

PROFESSOR(A): _____

AGRUPAMENTO: _____ ANO: _____ TRIMESTRE: _____

NOME: _____ FAIXA ETÁRIA: _____

TÍTULO DO PROJETO: _____

PRIMEIRA PARTE – Contextualização

Contexto de emergência do projeto:

Descrição do surgimento do projeto. Contar a relação do projeto com as vivências realizadas anteriormente nos cenários ou nos trajetos, evidenciando como foram significativas para as crianças e encaminharam para a construção de processo narrativo de aprofundamento e ampliação das experiências.

SEGUNDA PARTE – Desenvolvimento

Relato da experiência:

Narração da experiência realizada em comum com um grupo de crianças – conhecimento(s) aprofundado(s), habilidade(s) desenvolvida(s), situações-problema abordadas no projeto (com fotografias, produções das crianças, registros escritos docentes e da comunidade de aprendizagem).

Evidenciar as questões iniciais, o mapeamento de percursos, o modo como as informações foram geradas nas brincadeiras e investigações e sistematizar os sentidos e saberes produzidos em articulação com a comunidade.

TERCEIRA PARTE – Finalização

Articulação com a comunidade:

Espaço para o diálogo sobre as experiências realizadas no projeto, criando articulação com diferentes comunidades de aprendizagem – creche, professores(as), famílias e pessoas da comunidade. Podem-se prever espaços de interlocução ao longo do material.

Avaliação formativa na creche

● Referências

- As obras a seguir oferecem subsídios teóricos e práticos sobre a avaliação formativa na Educação Infantil.
- ALTIMIR, David. **¿Cómo escuchar a la infancia?** Barcelona: Ediciones Octaedro, 2010.
- BECCHI, Egle. Os personagens da creche. *In*: BECCHI, Egle *et al.* **Ideias orientadoras para a creche: a qualidade negociada.** Campinas: Autores Associados, 2012. p. 2-19. (Educação Infantil em movimento).
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Resolução n. 5, de 17 de dezembro de 2009.** Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: CNE/CEB, 2009.
- HOYUELOS, Alfredo. **La estética en el pensamiento y obra pedagógica de Loris Malaguzzi.** Barcelona: Octaedro, 2006.
- JABLON, Judy R.; DOMBRO, Amy Laura; DICHELMIER, Margo. **O poder da observação: do nascimento aos oito anos.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

ISBN 978-65-5779-506-4



9 786557 795064